



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO  
PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO

**O PEDRO ULTERIOR: UMA DISCUSSÃO AXIOLÓGICA A  
PARTIR DA TRADUÇÃO DO APÓCRIFO**  
*Atos de Pedro*

ELIAS SANTOS DO PARAIZO JUNIOR

Orientação:

Dra. ANDRÉIA GUERINI

Co-orientação:

Dra. TEREZA VIRGÍNIA RIBEIRO BARBOSA

FLORIANÓPOLIS / BELO HORIZONTE  
MMXIV



ELIAS SANTOS DO PARAIZO JUNIOR

Orientação:  
Dra. ANDRÉIA GUERINI

Co-orientação:  
Dra. TEREZA VIRGÍNIA RIBEIRO BARBOSA

**O PEDRO ULTERIOR: UMA DISCUSSÃO AXIOLÓGICA A  
PARTIR DA TRADUÇÃO DO APÓCRIFO**  
*Atos de Pedro*

*Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito para obtenção do grau de Doutor em Estudos da Tradução.*

FLORIANÓPOLIS / BELO HORIZONTE  
2014

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Paraizo Jr., Elias

O PEDRO ULTERIOR: UMA DISCUSSÃO AXIOLÓGICA A PARTIR DA TRADUÇÃO DO APÓCRIFO *ATOS DE PEDRO* [tese] / Elias Santos do Paraizo Jr.; orientadora Andréia Guerini; co-orientadora Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa. Florianópolis, SC / Belo Horizonte, MG -- 2014.

642 f.; il. 14,8 X 21 cm.

Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina Programa de Pós-graduação. Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós Graduação em Estudos da Tradução (Área de concentração: Teoria, crítica e história da tradução).

Inclui bibliografias e Índices

1. Estudos da Tradução. 2. Literatura Gnóstica. 3. Apócrifos (Novo Testamento). 4. Pedro, Apóstolo, Santo, 5. Tradução: Atos de Pedro. I. Guerini, Andréia. II Riberio Barbosa, Tereza Virgínia III. Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução . IV Título.

## BANCA EXAMINADORA

---

ELIAS SANTOS DO PARAIZO JUNIOR

**O PEDRO ULTERIOR: UMA DISCUSSÃO AXIOLÓGICA A PARTIR  
DA TRADUÇÃO DO APÓCRIFO**  
*Atos de Pedro*

Esta tese foi julgada adequada para a obtenção do grau de DOUTOR EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO e aprovada na sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução. Florianópolis, 16 de junho de 2014.

---

Prof. Dra. Andréia Guerini, UFSC – PGET  
ORIENTADORA e COORDENADORA DA PGET:

---

Prof. Dra. Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa, UFMG - POSLIT  
CO-ORIENTADORA:

BANCA EXAMINADORA:

---

Prof. Dra. Carolina Pizzolo Torquato, UFSC

---

Prof. Dra. Juliane Steil, UFPel

---

Prof. Dra. Karine Simoni UFSC - PGET

---

Prof. Dra. Marcelo Bueno de Paula, UEMS

---

Prof. Dra. Walter Carlos Costa, UFSC - PGET

COORDENADORA da PGET: Prof. Dra. Andréia Guerini, UFSC



## DEDICATÓRIA

---

*L*ectori, quod dico paullulum est, asta ac  
pellege. *H*anc operam dedicare pulcrissimæ  
feminæ cupio etque uxori mihi est. *N*omen  
parentes nominarunt *A*lexandram. *D*omun  
seruauit et gnatos duos peperit, nomina  
eorum *S*amuhel etque *I*saac uocamus.  
*T*ribus, quibus amo. *Q*uanta res.





## AGRADECIMENTOS

---

*A Deus pelo estro e pelas forças.*

*À minha orientadora – Profa. Dra. Andréia Guerini, que foi além do apoio, atenção, paciência, tempo dispensado e materiais que gentilmente forneceu; tornou-se minha conselheira. Soube domesticar minha infindável ansiedade.*

*À Profa. Dra. Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa, co-orientadora, pelo apoio, compreensão, paciência e tempo dispensado nesta leitura; e pelos conselhos, de grande sabedoria, que generosamente me deu ao longo deste tempo.*

*Aos Profs(as). Drs(as). - Walter Carlos Costa, Marié-Hèlène Chaterine Torres, Mauri Furlan, Maria Lúcia Vasconcelos, Rafael Carmolingo, José Lambert, Cláudio Aquati, Maria de Fátima Souza e Silva, Sônia Queiroz.*

*Aos Profs. Drs. da UFPR – Astor Paulo Soethe e Pedro Ipiranga Junior.*

*As bibliotecárias, Liria Alemmar, Cleusi, Nara e Monique que me ajudaram a disponibilizar obras que jamais teria acesso sem sua ajuda.*



The Disciple.

EPÍTETO

When Narcissus died the pool of his pleasure changed from a cup of sweet waters into a cup of salt tears, and the Oreads went weeping through the woodland, that they might touch to the ~~and the~~ pool and give it comfort.

The disciple

When Narcissus died the pool of his pleasure changed from a cup of sweet waters into a cup of salt tears, and the Oreads came weeping through the woodland that they might sing to the pool and give it comfort.

the pool of sweet waters into a cup of salt tears. And when they saw that the pool had changed from a cup of sweet waters into a cup of salt tears, they loosened the green tresses of their hair and cried to the pool and said, 'We do not wonder that you should mourn in this manner for Narcissus, so beautiful was he.'

'But was Narcissus beautiful?' said the pool.

'Who should know better than you?' answered the Oreads. 'As did he ever pass by, but you he sought for, and would lie on your banks and look down at you, and in the mirror of your waters he would mirror his own beauty.'

And the pool answered, 'But I loved Narcissus because, as he lay on my banks and looked down at me, in the mirror of his eyes I saw ever my own beauty mirrored.'

"Who should know that better than you?" answered the Oreads. "As did he ever pass by, but <sup>you</sup> he sought for, and would lie on <sup>your</sup> banks and look down at <sup>you</sup> there, and in the mirror of <sup>your</sup> waters he would mirror his own beauty."

(Oscar Wilde, "The disciple" - ms. 1890, Chelsea, England)

and the ~~even~~ pool answered "But



# ABREVIACÕES

---

## Abreviaturas convencionais

[...]	lacuna ou omissão em citações
[ ]	texto (se incluído nas chaves) é reconstruído não em desejável grau de confiabilidade; oferecido como uma conjectura editorial; baseado no contexto e/ou outras evidências
.	(ponto sob uma letra): a letra aparente, mas claramente não decifrável, com alguma incerteza sobre a sua identidade
( )	texto adicionado pelo tradutor (deve-se subentender-se)
[[ ]]	letra excluída pelo escriba do manuscrito (ou corretor tardio)
{ }	texto presente no manuscrito, mas sua presença parece ser devido a um erro do escriba; ou em adição de escritor antigo, mas posterior
Dígitos no texto	páginas, parágrafos ou capítulos de um manuscrito
=	igual
< >	texto inexistente no papiro, reconstruído por editor moderno para correção ortográfica, etc.
/ /	adicionado por um escriba
` / `	letras escritas acima da linha por um escriba
†	morte (personagens históricos, pessoas)
† †	(duas adagas) códice mutilado, com leituras nem sempre identificáveis
¶	texto com comentários
ℓ <sup>2211</sup>	lecionários
exℓ <sup>2211</sup>	<i>ex lectionaris</i> – surgido por influência de um lecionário
*	manuscrito muito importante, sempre considerado na análise crítica
Ⓟ <sup>87</sup>	papiros
℞	texto bizantino ou majoritário
(!)	<i>sic!</i> (variante textual curiosa, sem aparente sentido)
p)	variante de texto influenciada por passagem paralela
— <sup>vid</sup>	Pai a Igreja testemunha a leitura em questão (e.g. Ambr <sup>vid</sup> )
a, X,A	unciais
Ⓢ	de acordo com o hebraico do AT ( <i>cf</i> <sup>TM</sup> )
¶	início de uma perícope (unidade textual mínima para contextualizar)
f <sup>12</sup>	família de textos
<sup>TM</sup>	Texto Massorético
→	direção da trad. ou influência entre duas línguas
↔	produção simultânea em duas línguas ou mútua influência
∅	lacuna de espaço em branco de uma letra em manuscrito uncial
(+...; -...)	manuscritos que acrescem ou subtraem variantes
κτλ	κατὰ τὰ λοιπὰ (= ... e assim em diante)

## Abreviaturas remissivas

a.	ano
a.C.	antes de Cristo (colocado após o número)
A.D.	<i>Anum Dominum</i> (no ano do Senhor; depois do número)
a.?	ano desconhecido
ablat.	caso ablativo lat.
acus.	caso acusativo <i>gr. lat.</i>
<i>ad temp.</i>	<i>ad tempora</i> (citado de memória)
<i>al.m.</i>	<i>alia manu</i> (de outra mão)

anon.	anônimo
<i>apud</i>	citado por (citação de segunda mão)
<i>aram.</i>	aramaico
<i>arm.</i>	armênio
art.c.	artigo citado
<i>bis</i>	duas vezes
<i>c.<sup>a</sup></i>	<i>circa</i> (cerca de, mais ou menos em)
cap. / caps.	capítulo (s)
<i>cf</i>	<i>confer</i> (compare com a ideia de contraste, contém motes relevantes à leitura)
col.	coluna vertical de livro ou periódico
com.	comentário
<i>cop.</i>	copta
dat.	caso dativo gr./lat.
<i>e.g.</i>	<i>exempli gratia</i> (por exemplo)
ed. / eds.	editor (es)
ep. / eps.	epístola (s)
<i>et.</i>	etiope
<i>et alii</i>	e outros (obras com vários autores)
<i>ex.err.</i>	<i>ex erratum</i> , surgido de um erro
<i>ex.lat.</i>	surgido devido à leitura latina
f.	feminino (gênero)
<i>frg.</i> ( <i>frgg.</i> )	<i>fragmentum</i> – <i>fragmenta</i> , fragmento (s)
gen.	caso genitivo gr./lat.
<i>gr.</i>	grego
<i>heb.</i>	hebraico
<i>hic</i>	aqui
hom	homilia
<i>huc</i>	para cá
<i>i.e.</i>	<i>id est</i> (isto é)
<i>ibid.</i>	<i>ibidem</i> , no mesmo lugar (mesma obra)
<i>id.</i>	<i>idem</i> , o mesmo (mesmo autor)
<i>illeg.</i>	<i>illegibilis</i> (ilegível)
imper.	imperativo
<i>in to.op.</i>	<i>in tota operis</i> (no conjunto da obra)
<i>in</i>	em (capítulos em obras coletivas)
<i>incert.</i>	<i>incertus</i> (inseguro)
intr.	introdução
<i>it.</i>	do mesmo modo, assim
<i>lat.</i>	latim (clássico)
<i>loc. cit.</i>	<i>locum citatum</i> (local citado)
m.	masculino (gênero)
<i>ms.</i>	manuscrito
<i>mut.</i>	<i>mutilatus</i> (deteriorado)
n.	neutro (gênero)
<i>nihil</i>	nada
nom.	caso nominativo gr./lat.
nt.	nota
<i>obel.</i>	<i>obelus</i> (sigla para acréscimos)
<i>om.</i>	<i>omittit</i> , <i>-tunt</i> (omite, -m)
<i>op.cit.</i>	<i>opus citatum</i> (obra citada)
orig.	texto original (ou supostamente original)
<i>s.d.</i>	obra sem indicação de data
<i>s.n.</i>	<i>sine nomine</i> (obra sem indicação de editora)
ss	seguintes (páginas, volumes, fascículos)
<i>syr.</i>	siríaco
p. (pp.)	página (s)
par.	textos paralelos nos Evangelhos sinóticos
<i>passim</i>	por aí (citação não localizada ou fracionada uma multiplicidade de fonte em maior número <i>ad tempora</i> )
pl.	plural (número)

qal	sistema verbal básico <i>heb.</i> (de raiz ternária) de onde decorrem os tempos, provém ללך (ser leve)
t.	tomo (pode ou não corresponder a vol. impresso)
vol.	volume impresso
[1900?]	data provável da obra
[c.ª1900]	<i>circa</i> (data aproximada de uma obra)
[1900 ou 1901]	datas prováveis da obra
[190-?]	década provável
[1900]	não mencionada expressamente, mas obtida por outros elementos
1900-1910	obra com vários volumes e intervalo de publicação. Periódico de publicação encerrada

### Abreviaturas dos textos apócrifos AT

<i>ApBar(Sir)</i>	Apocalipse siríaco de Baruc (= 3 Baruc)
<i>ApMo</i>	Apocalipse de Moisés
<i>As</i>	Aser
<i>AscIs</i>	Ascensão de Isaías
<i>AscMo</i>	Ascensão de Moisés
<i>Ben</i>	Benjamim
<i>Dã</i>	Dã
<i>Eno(esl)</i>	Enoque eslavo (= 2 Eno)
<i>Eno(et)</i>	Enoque etíope (= 1 Eno)
<i>Eno(gr)</i>	Fragmentos gregos de Enoque
<i>Eno(hb)</i>	Enoque hebraico (= 3 Eno)
<i>Gad</i>	Gade
<i>Issa</i>	Issacãr
<i>Jos</i>	José
<i>Jub</i>	Livro dos Jubileus, o Pequeno Gênesis
<i>Jud</i>	Judá
<i>Lev</i>	Levi
<i>Naf</i>	Naftali
<i>OdSal</i>	Odes de Salomão
<i>OrSib</i>	Oráculos Sibilianos
<i>Rub</i>	Rubem
<i>Sim</i>	Simeão
<i>Test</i>	Testamento
<i>TestAb</i>	Testamento de Abraão
<i>TestAd</i>	Testamento de Adão
<i>TestJó</i>	Testamento de Jó
<i>TestJos</i>	Testamento de José
<i>TestSal</i>	Testamento de Salomão
<i>TestSim</i>	Testamento de Simeão
<i>TestXIIIPat</i>	Testamento dos Doze Patriarcas
<i>ViAdEv</i>	Vida de Adão e Eva
<i>Zeb</i>	Zebulom

### Abreviaturas dos textos apócrifos NT

<i>ActPeAnd</i>	Atos de Pedro e André
<i>ApPe</i>	Apocalipse de Pedro
<i>ApPl</i>	Apocalipse de Paulo
<i>AtsAnd</i>	Atos de André
<i>AtsAnd gr.</i>	Atos de André (em grego)
<i>AtsAndMt</i>	Atos de André e Matias
<i>AtsAp</i>	Atos apócrifos (coleção dos <i>Cinco Grandes Atos</i> )
<i>AtsArq</i>	Atos de Arquelão

<i>AtsFi</i>	Atos de Filipe
<i>AtsJo</i>	Atos de João
<i>AtsJoPr</i>	Atos de João e Prócoro
<i>AtsNeAq</i>	Atos de Nereu e Aquiles
<i>AtsPe</i>	Atos de Pedro
<i>AtsPe12Ap</i>	Atos de Pedro e os Doze Apóstolos
<i>AtsPePl</i>	Atos de Pedro e Paulo
<i>AtsPi</i>	Atos de Pilatos
<i>AtsPl</i>	Atos de Paulo
<i>AtsPlTc</i>	Atos de Paulo e Tecla
<i>AtsTo</i>	Atos de Tomé
<i>AtsXaPoRe</i>	Atos de Xantipe, Polixena e Rebeca
<i>EvBar</i>	Evangelho de Bartolomeu
<i>EvEb</i>	Evangelho dos Ebionitas
<i>EvEger</i>	Evangelho de Egerton
<i>EvHb</i>	Evangelho dos Hebreus
<i>EvPe</i>	Evangelho de Pedro
<i>EvPsMt</i>	Evangelho de Ps.- Mateus
<i>Mart.Pe.</i>	Martírio de Pedro
<i>MartPePl</i>	Martírio de Pedro e Paulo
<i>MartPl</i>	Martírio de Paulo
<i>ProtEv</i>	Proto Evangelho de Tiago

### Tratados gnósticos

<i>Alo</i>	Alógenes
<i>ApocJo</i>	Livro Secreto de João (Apócrifo de João)
<i>ApPe</i>	Apocalipse de Pedro
<i>ApPl</i>	Apocalipse de Paulo
<i>ApTg</i>	Apocalipse de Tiago
<i>Ascl</i>	Asclepio
<i>CaPeFl</i>	Carta de Pedro a Felipe
<i>DialSal</i>	Diálogo do Salvador
<i>EnAut</i>	Ensino Autorizado
<i>EugB</i>	Eugosto, o Bem-aventurado
<i>EvEg</i>	Evangelho dos Egípcios
<i>EvFl</i>	Evangelho de Filipe
<i>EvTom</i>	Evangelho de Tomé
<i>EvV</i>	Evangelho da Verdade
<i>ExpVal</i>	Exposição Valentiniana
<i>HipA</i>	Hipóstase dos Arcontes
<i>IntCon</i>	Interpretação do Conhecimento
<i>Mar</i>	Marsanes
<i>Nor</i>	Norea
<i>OgM</i>	Sobre a Origem do Mundo
<i>ParSm</i>	Paráfrase de Sem
<i>ϕ<sup>B-8502</sup></i>	<i>Papyrus Berolinensis</i> 8502
<i>PensGP</i>	Pensamento de Nosso Grande Poder
<i>PensTr</i>	Pensamento Triformo (Enóia Trimorfa)
<i>Poim</i>	Poimandres
<i>PSof</i>	Pistis Sofia
<i>SabJC</i>	Sabedoria de Jesus Cristo
<i>Tr</i>	Trueno
<i>TrGrSt</i>	Segundo Tratado do Grande Set



*Abreviaturas dos textos gerais importantes e obras cristãs primitivas*

---

1-2 Apol	JUSTINUS, Flavius. <i>Apologia Prima, Apologia Secunda</i>
1-2 Clem	1 <sup>a</sup> . e 2 <sup>a</sup> . Carta de CLEMENS, de Roma
AA	PRIEUR, Jean-Marc, <i>Acta Andrea</i>
AAA	R. A. LIPSIUS – M. BONNET, <i>Acta Apostolorum Apocrypha</i> , I (1891) – II (1898), reimpr. (1972)
Adv. Hæc.	IRINÆUS de Lyon, <i>Adversus Hæreses</i>
Apocryp.	<i>Apocrypha. Revue internationale dès Littératures apocryphes</i>
AT	Antigo Testamento
AV	<i>Actus Vercellenses, o Atos de Pedro em latim (parcial)</i>
BAC	<i>Biblioteca de Autores Cristianos</i>
BHO	Biblioteca Hagiográfica Oriental
BJ	Bíblia de Jerusalém
BL	Latin Library
C.Cels	ORIGENES, <i>Contra Celsum</i>
CANT	GEERARD (M.) <i>Clavis apocryphorum Novi Testamenti (Corpus Christianorum)</i> , Turnhout: 1992.
CCCA	VERMASEREN (M. J.) <i>Corpus Cultus Cybelæ Attidisque (CCCA) (EPRO 50)</i> , 7 vol. Leyde: 1977-1989
CCG	<i>Cahiers du Centre Gustave Glotz</i> . Paris
CCSA	<i>Corpus Christianorum, Série Apocryphorum</i> , Brepols, 1989
CCSG	<i>Corpus Christianorum, Série Græca</i>
CCSL	<i>Corpus Christianorum, Série Latina</i>
Comp.	HERMAS, <i>Pastor: Comparações</i>
Corp. Herm.	<i>Corpus Hermeticum</i>
Crum	W. E. CRUM, <i>A Copit Dictionary</i>
CSCO	<i>Corpus Scriptorum Christianorum Orientalium</i>
CSEL	<i>Corpus Scriptorum Ecclesiasticorum Latinorum</i>
DH	H. DENZINGER, <i>Enchiridion symbolorum definitionum et declarationum de rebus fidei et morum.</i>
Dial.	JUSTINUS Augustus, Flavius. <i>Diálogo com Trifão</i>
Did.	<i>Didaquê</i>
DPAC	<i>Dizionario Patristico e di Antichità Cristiane</i>
Efe.	INÁCIO, de Antioquia, <i>Aos efésios</i>
Ep. Barn.	<i>Epístola de Barnabé</i>
Esm.	INÁCIO, de Antioquia, <i>Aos esmirnienses</i>
Exc. Teod.	TEODOTO, <i>Extractos o Excerpta</i>
FRLANT	<i>Forschungen zur Religion und Literatur des Alten und Neuen Testament</i>
GNT	<i>Greek New Testament – Fourth Revised Edition</i>
H.E.	EUSEBIUS de Cesareia, <i>História Eclesiástica</i>
HomPs-Clem	<i>Homilias Pseudo-Clementinas</i>
H-S	E. HENNECKE – W. SCHNEEMELCHER, <i>Neutestamentliche apokryphen</i> , II (reimp. 1971)
LXX	<i>Septuaginta Ralph's</i>
Mag	INÁCIO, de Antioquia, <i>Aos magnésios</i>
MariPol	<i>Martírio de São Policarpo</i>
NDITNT	Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento
NHC	Nag Hammadi Códices
NT	Novo Testamento
NTA	<i>New Testament Apocrypha</i> (Hennecke, Schneemelcher, & Wilson)
NTI	O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo, CHAMPLIN (R.N.)
Paed.	CLEMENS, de Alexandria, <i>Pedagogia</i>
Panar.	EPIPHANIUS, de Salamina, <i>Panarion, o Remédio</i> (Contra Heresias)
ϕ. <sup>ox</sup>	Papiros Oxyrhynchus
P.G.	Patrologia Grega. <i>Patrologiae Cursus completus</i> . J.-P MIGNE
PH	ϕ.gr. de Hamburgo – <i>AtsPl</i>
Philad.	INÁCIO de Antioquia, <i>Aos filadelfos</i>
P.L.	Patrologia Latina. <i>Patrologiae Cursus completus</i> . J.-P MIGNE
Pol.	INÁCIO de Antioquia, <i>Carta a Policarpo</i>

RE	<i>The Realencyclopädie der Classischen Altertumswissenschaft</i> ou <i>Pauly-Wissowa</i> ou PW
<i>Refut.</i>	HIPÓLITO de Roma, <i>Refutações</i>
RHE	<i>Revue d'Histoire Ecclésiastique</i>
<i>Scorp.</i>	TERTULLIANUS, <i>Scorpiace</i>
<i>Strom.</i>	CLEMENTE de Alexandria, <i>Stromata</i>
SVF	<i>Stoicorum Veterum Fragmenta</i>
ThWNT	<i>Theologisches Wörterbuch zum Neuen Testament</i>
TM	Texto Massorético
<i>Tral.</i>	INÁCIO de Antioquia, <i>Aos tralianos</i>
TU	<i>Text und Untersuchungen zur Geschichte der altchristlichen Literatur</i>
<i>Vulg.</i>	Vulgata
<i>Vis.</i>	HERMAS, <i>Pastor: Visões</i>
WTT BHS	<i>Hebrew Old Testament (4th ed.)</i>
ZKG	<i>Zeitschrift für Kirchengeschichte</i>

### Abreviaturas Bíblicas

Ag	Ageu	Jr	Jeremias
Am	Amós	Js	Josué
Ap	Apocalipse	Jz	Juízes
At	Atos	Lc	Lucas
Bar	Baruc	Lm	Lamentações
Cl	Colossenses	Lv	Levítico
1,2Cor	1,2Coríntios	1,2Mac	1,2Macabeus
Cr	Crônicas	Mc	Marcos
Ct	Cânticos	Ml	Malaquias
Dn	Daniel	Mq	Miqueias
Dt	Deuteronômio	Mt	Mateus
Ec	Eclesiastes	Na	Naum
Eclo	Eclesiástico	Ne	Neemias
Ed	Esdras	Nm	Números
Ef	Eféssios	Ob	Obadias
Et	Ester	Os	Oseias
Ex	Êxodo	1,2Pe	1,2Pedro
Ez	Ezequiel	Pv	Provérbios
Fm	Filemom	Rm	Romanos
Fp	Filipenses	Rs	1,2Reis
Gl	Gálatas	Rt	Rute
Gn	Gênesis	Sab	Sabedoria
Hb	Hebreus	Sf	Sofonias
Hc	Habacuque	Sl	Salmos
Is	Isaías	Sm	Samuel
Jd	Judas	Tg	Tiago
Jdt	Judite	Tm	Timóteo
Jl	Joel	Tob	Tobias
Jn	Jonas	1,2Ts	1,2Tessalonicenses
Jó	Jó	Tt	Tito
Jo	João (Evangelho)	Zc	Zacarias
1,2,3Jo	1,2,3João (Cartas)		

## SUMÁRIO

---

	pp.
<i>Dedicatória</i> .....	vii
<i>Agradecimento</i> .....	ix
<i>Epíteto</i> .....	xi
<i>Abreviações</i> .....	xiii
<i>Convencionais</i> .....	xiii
<i>Remissivas</i> .....	xiii
<i>Dos textos apócrifos do AT</i> .....	xv
<i>Dos textos apócrifos do NT</i> .....	xv
<i>Dos Tratados Gnósticos</i> .....	xvi
<i>Dos textos gerais importantes e obras cristãs primitivas</i> .....	xvii
<i>Bíblicas</i> .....	xviii
<i>Resumo</i> .....	xxi
<i>Abstract</i> .....	xxiii
<i>Índice de Ilustrações</i> .....	xxv
<i>INTRODUÇÃO</i> .....	29
<i>CAPÍTULO I</i> .....	53
<i>LITERATURA DOS ATOS: ASPECTOS TEÓRICOS.</i>	
I. <i>Reorganização das memórias – antonomásias de Pedro a partir fontes ‘extracanônicas’ – problemas e tendências</i> .....	63
II. <i>Conceito operatório e critério de análise de “apócrifo” e “heresia” – significação histórica para gênese literária cristã</i> .....	67
III. <i>A transmissão e recepção de AtsPe na Antiguidade</i> .....	77
IV. <i>Revisão datal e autoral de AtsPe no referencial do ‘gênero Πράξεις’</i> ....	83
V. <i>Romance grego versus modelo lucano: a questão de gênero</i> .....	113
VI. <i>A titulação do gênero: Πράξεις ou Περίοδοι? – estrutura narrativa</i> .....	120
<i>CAPÍTULO II</i> .....	127
<i>TRADUÇÃO E RELIGIÃO: DEMANDAS TEÓRICAS</i>	
I. <i>intentio auctoris, intentio operis e intentio lectoris – decorrências da tradição oral</i> .....	129
II. <i>A distância temporal de uma língua clássica – constitutivos literários pela síntese de línguas e tradições</i> .....	142
III. <i>Perspectivas diacrônicas: A língua grega até o helenismo – a</i>	

	<i>Tradutologia cristã até o advento da ‘equivalência dinâmica’</i> .....	151
IV.	<i>Intercorrências de método: O ‘movimento hermenêutico’ e a alteridade – estrangeirização’ versus ‘etnocentrismo’</i> .....	163
V.	<i>A Teoria da Relevância e a tradutologia de escritos apócrifo-cristãos</i> ..	175
VI.	<i>Acomodações entre ‘fidelidade’ versus ‘transparência’</i> .....	194
<b>CAPÍTULO III</b> .....		201
<b>ESTRATIGRAFIA TEXTUAL E DAS LINGUAGENS – COPTO-GRECO-LATINA</b>		
I.	<i>A estratificação textual e das linguagens – noção abrangente do problema</i> .....	203
II.	<i>Texto sensível e os critérios de análise de historicidade ou “não-historicidade”</i> .....	209
III.	<i>Problematização das questões de linguagem</i> .....	219
IV.	<i>A língua original dos diversos fragmentos de AtsPe</i> .....	220
V.	<i>Análise das formas, subgêneros e a intentio operis</i> .....	222
VI.	<i>Aparato crítico AtsPe, textos, versões e local de composição</i> .....	227
<b>CAPÍTULO IV</b> .....		249
<b>TRADUÇÃO DE ATOS DE PEDRO: NOTAS E APARATO CRÍTICO</b>		
I.	<i>Acta Petri Apostoli – notas da edição e aparato crítico</i> .....	251
II.	<i>Pressupostos práticos da tradução</i> .....	254
III.	<i>Tradução comentada e anotada do:</i>	
	(i) <i>Papyrus Berolinensis 8502 – Ato de Pedro (copta)</i> .....	259
	(ii) <i>Codex Buchardi – frgg: A filha do jardineiro (latim)</i> .....	295
	(iii) <i>ms. Cambrai 254 – frgg. Bruyne: Não se deve chorar em demasia pelos mortos (latim)</i> .....	301
	(iv) <i>Codex Vercellenses CLVIII – ms. Actus Vercellenses: O Ato de Pedro com Simão (latim)</i> .....	305
	(v) <i>ms. A, Monte Atos, Vatopedi 79 – ms. P, São João, Patmos 48: O Martírio de Pedro (grego)</i> .....	501
<b>CONCLUSÃO</b> .....		551
<b>ANEXOS</b> .....		573
	Glossário .....	573
	Iconografia 1 .....	583
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....		595
	Iconografia 2 .....	639

## RESUMO

---

Esta tese tem por objetivo apresentar a tradução anotada e comentada do livro “apócrifo” – *Atos de Pedro*, obra que nos restou fragmentada nas línguas: copta, latim e grego. Para realizar tal intento procurou-se enfocar diferentes aspectos do conceito de tradução para textos sagrados, assim como as suas implicações exegéticas e tradutórias. Serviram de guia para esta tese os pressupostos teóricos de: Friedrich Daniel Ernst Schleiermacher, Eugene Albert Nida, Antoine Berman, Lawrence Venuti, e Ernst-August Gutt. A tradução é oferecida em dupla coluna: primeiramente, os textos fragmentários copto-greco-latino, comparados os fac-símiles dos manuscritos com as edições críticas de Léon Vouaux (1922), Carl Schmidt (1903); Donatien de Bruyne (1908), com respectivos aparatos críticos; na segunda coluna, a tradução em português acompanhada de comentários. Esta tese, também analisa questões como, *e.g.*: tradução e exegese bíblica, tradução de escritos apócrifos do ambiente cristão primitivo e literatura cristã na Antiguidade, e dentre estes, com proeminência ao valor do elemento ‘gnoses’ na leitura e, conseqüente tradução, desses textos advindos do cristianismo nascente. No labor tradutório deu-se preferência ao alcance do contexto histórico assentado à luz da crítica – foi usado o método exegético histórico-crítico.

### **Palavras-Chave**

1. Literatura Gnóstica; 2. Apócrifos (Novo Testamento); 3. Pedro, Apóstolo, Santo; 4. Tradução: *Atos de Pedro*.



## ABSTRACT

---

*This thesis has as proposal: the annotated translation with commentary of the 'apocryphal' text – Acts of Peter, a work left to us in fragmented language: Coptic, Latin and Greek. To accomplish this purpose we sought to focus on different aspects of the concepts of translation of sacred texts, as well as their exegetical and translational implications. This served as a guide for this thesis the theoretical assumptions of: Schleiermacher (F.), Nida (E.), Berman (A.), Venuti (A.) and Gutt (E-A.). The translation presented in this dual column: firstly, the fragmentary texts Coptic-Greek-Latin compared the facsimiles of manuscripts to the critical editions of Vouaux (L.; 1922), Schmidt (C.; 1903); Bruyne (D.; 1908), with their critical apparatus; in the second column, the Portuguese translation accompanied by comments. However, this thesis also examines issues such as, for example: biblical translation and exegesis, translation of apocryphal texts environment arising from the early Christian and Christian literature in Antiquity, and one of these, with prominence to the value of the element 'gnosis' in reading and, consequently, translation of these texts from early Christianity. In translational work gave preference to the scope of historical context along by the light of criticism - we used the historical-critical Exegetical method.*

### **Keywords**

1. Gnostic Literature;
2. Apocrypha (New Testament);
3. Peter, the Apostle, Saint;
4. Translation: Acts of Peter.





## ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

---

FIGURA 1 .....	11
Fac-símile do manuscrito original, em papel, do poema <i>The disciple</i> . De Oscar Wilde, 1890, Chelsea, England. Em domínio público.	
FIGURA 2 .....	29
Afresco <i>Crocifissione di San Pietro</i> (visão pela esquerda). Por Filippino Lippi, na Capella Brancacci, Basilica di Santa Maria del Carmine, 1481-1482, Firenze, Italia. Em domínio público.	
FIGURA 3 .....	53
Estátua de <i>São Pedro</i> em mármore. Na Placo Sancta Petro, autor desconhecido, 1461, Roma, Italia. Em domínio público.	
FIGURA 4 .....	126
Afresco <i>Pesce di Pietro, dettaglio (restaurato)</i> . Por Tommaso di Ser Giovanni di Simone ou Masaccio, c <sup>a</sup> . 1425. Em <i>La Cappella Brancacci a Santa Maria del Carmine</i> . Em domínio público.	
FIGURA 5 .....	127
Pintura <i>Simon Petrus</i> (Crucificação de). Por Michelangelo Merisi da Caravaggio, pintura a óleo sobre tela, Cerasi Chapel, Santa Maria del Popola, 1600-1601, Roma, Italia. Em domínio público.	
FIGURA 6 .....	149
Gráfico: A origem multifacetada dos textos cristãos na Palestina do séc. I (demonstração da interligação do aramaico, hebraico, grego e latim). Imagem do autor.	
FIGURA 7 .....	201
Pintura <i>Saint Peter as Pope</i> . Por Peter Paul Rubens, em óleo sobre madeira, 1610-1612. Mostra o santo como um papa usando o <i>pallium</i> e com as chaves do paraíso. Museu Nacional del Prado, Madrid, España. Em domínio público.	
FIGURA 8 .....	248
Afresco <i>Masaccio, sinopia (ou sinoper) del pentimento di San Pietro</i> . Por Tommaso di Ser Giovanni di Simone ou Masaccio, c <sup>a</sup> . 1425, na Capella Brancacci, Basilica di Santa Maria del Carmine, Firenze, Italia. Em pigmento escuro marrom-avermelhada, natural da terra. Em domínio público.	

- FIGURA 9 ..... 249  
 Pintura que mostra *São Pedro*. Autor anônimo, pintura encáustica, século VI, ícone do Ἱερά Μονή Θεοβαδίστου Ὁρους Σινά – Monastério de Santa Catarina, no Monte Sinai – sul, Egito. Em domínio público.
- FIGURA 10 ..... 259  
 Afresco com a inscrição *PETRENELLA MART* (acima), um dos mais antigos da cristandade, autor anônimo, *c.* 390-395, no abside da Basílica do Papa Sirício, na Via Adreatina ou Domitilla, Roma, Itália. Em domínio público.
- FIGURA 11 ..... 259  
 Quadro *Seppellimento e gloria di Santa Petronilla*, Museu Capitolini, 1621-1622, por Giovanni Francesco Barbieri (Guercino), em óleo sobre tela. Em domínio público.
- FIGURA 12 ..... 294  
 Imagem em pergaminho, *Negação de Pedro*. Miniatura grega do Щепкина 1977. [303], Chludov Saltério (Salmo 38). Autor anônimo, Roma, Italia, século IX, digitalizada do Shchepkina, 1977. Em domínio público.
- FIGURA 13 ..... 295  
 Mosaico de *Santa Petronila*. Com véu, cruz e bênção gesto mostrado. *c.* século XII. Palermo, Italia. Autor desconhecido. Em domínio público.
- FIGURA 14 ..... 300  
 Imagem gravada em catabumba, *São Pedro e São Paulo*. Autor anônimo, Roma, Italia, séc.IV, digitalizada de revista.
- FIGURA 15 ..... 301  
 Afresco, pintura, detalhe restaurado *São Pedro Cura os Doentes com a sua Sombra*. Por Tommaso di Ser Giovanni di Simone ou Masaccio, na Capella Brancacci, Basílica di Santa Maria del Carmine, Firenze, Italia, 1425-1427. Em domínio público.
- FIGURA 16 ..... 304  
 Imagem do *Codex Egberti*, fólio 90r, *ms. Iluminado – Pesca Milagrosa dos discípulos e a revelação de Cristo, no Mar da Galileia*. Pintada por um monge anônimo, século X, no *codex* escrito por Egbert, Arcebispo de Trier 977-993, do *scriptorium* do Mosteiro de Reichenau (ilha de), Suíça. Digitalizada. Em domínio público.
- FIGURA 17 ..... 305  
 Escultura, *Pedro como um pescador*. Portal da Igreja de San Pedro, Figueres, Espanha. Esculpido por Gordito, 1869. Em domínio público.

FIGURA 18 .....	500
Cena de um <i>iconostasis</i> no estilo Constantinopla, <i>A Transfiguração de Cristo</i> . Meados do século XII. Tamanho 41,5 x 159 centímetros. Mosteiro de Santa Catarina, Sinai, Egito. Autor desconhecido. Digitalizada. Em domínio público.	
FIGURA 19 .....	501
Afresco, pintura, detalhe restaurado <i>São Pedro Cura os Doentes com a sua Sombra</i> . Por Masaccio, na Capella Brancacci, Basilica di Santa Maria del Carmine, Firenze, Italia, 1425-1427). Em domínio público.	
FIGURA 20 .....	550
Afresco, detalhe, <i>Simão, o Mago e Crucificação de São Pedro</i> . Por Filippino Lippi na Capella Brancacci, Basilica di Santa Maria del Carmine, 1425-1427, Firenze, Italia. Em domínio público.	
FIGURA 21 .....	550
Afresco <i>Disputa com Simão, o Mago e Crucificação de São Pedro</i> . (visão central, parede à direita). Por Filippino Lippi na Capella Brancacci, Basilica di Santa Maria del Carmine, 1425-1427, Firenze, Italia. Em domínio público.	
FIGURA 22 .....	551
Pintura que mostra <i>São Pedro na prisão</i> . Por Sebastião Ricci, 1734, Italia. O Apóstolo é consolado por um anjo que o socorre na prisão libertando-o. Em domínio público.	
FIGURA 23 .....	573
Tela <i>São Pedro na prisão</i> . Por Rembrandt van Rijn, tela a óleo 59 X 47,8 cm, pintada 1631. No museu de Israel, Jerusalém, Israel.	
FIGURA 24 .....	583
Mosaico de <i>São Pedro</i> . Igreja de São Salvador em Chora, (Museu de Chora ou Kariye Müzesi), Istanbul, Turquia. Considerado um dos mais belos exemplos de uma igreja bizantina, 1315-1321 (restaurado 1948).	
FIGURA 25 .....	584
Tela de Albrecht Dürer, <i>Os Quatro Apóstolos</i> . Data 1526. Óleo e tempera sobre madeira. Dimensões 204 × 74 cm (x 2). Alte Pinakothek (Antiga Pinacoteca), um dos mais importantes museus, Münchens, Alemanha.	
FIGURA 26 .....	585
ASAM (irmãos: Egid Quirid e Cosmas Damian). Estátua do <i>Apóstolo Pedro com duas chaves</i> . Hall de entrada Barroco alemão do sul, tardio. Igreja Asamkirche (nome oficial St.-Johann-Nepomuk-Kirche), 1733-1746, Münchens, Alemanha.	

FIGURA 27 ..... 639

Moisaico paleocristão, autor desconhecido, do final do séc. IV, detalhe: *Jesus, no trono, ensina seus apóstolos. (Traditio Legis)*, Pedro à direita. Pertencia, originalmente, a um mausoléu imperial romano antigo, que, posteriormente, tornou-se a Cappella Sant'Aquilino da Basilica di San Lorenzo, Milão, Itália. Em domínio público.

FIGURA 28 ..... 640

Por Michelangelo di Lodovico Buonarroti Simoni. Afresco: *Crucificação de São Pedro*. Data entre 1546-1550. Em domínio público.

FIGURA 29 ..... 641

Por Cimabue. Afresco na igreja superior de San Francesco (Assis) Cena: *Cenas da vida de Pedro e Paulo*, detalhe: *Crucificação de São Pedro*. Data c<sup>a</sup>.1280-1283. Em domínio público.



## INTRODUÇÃO



## INTRODUÇÃO

---

O intento primeiro desta pesquisa foi o de oferecer ao leitor lusófono uma tradução anotada e comentada do “apócrifo” gnóstico-cristão *Atos de Pedro*, obra de grande circulação na Antiguidade, com pretensões canônicas, e a nós legada em uma heterogeneidade fragmentária de material manuscrito e *manus-crítico*<sup>1</sup> copto-greco-latina.

Assim sendo, para embasar esta lida, tornou-se imperioso sopesar algumas teorias que atendessem aspectos teóricos da tradução; particularmente, aspectos que estão dedicados aos motes dos, assim chamados, ‘textos sensíveis’, hoje reconhecidos nos textos sagrados advindos do ambiente dos cristianismos nascentes. A saber de: Schleiermacher, Nida, Berman, Venuti e Gutt.

Nas questões exegéticas e, por consequência, tradutórias deste escrito cristão-palestinese, privilegiou-se o valor de se abarcar um contexto histórico mais dilatado, qual seja: o *sitz im leben*, conceito de

---

<sup>1</sup> O próprio material crítico e comentários é manuário, ao menos centenário e em línguas distintas. Isto demandou um razoável volume de notas, por isso o sistema numérico de citação em estilo europeu mostrou-se mais apropriado para que se tenha célere o domínio informações. — Usos especiais no sistema de notas: (i) a primeira citação de um autor/obra contará com todos os dados essenciais; (ii) extensos links, subtítulos não essenciais, data de acesso e demais minudências, *vide* Referências Bibliográficas; (iii) nas subsequentes citações de um mesmo autor/obra, abreviações latinas conforme o caso; (iv) quando a abreviatura *cf* aparece aqui, enfatiza ‘conferir’ (contraste), que pode conter informação semelhante de ênfase, diferente ou ainda argumentos relevantes à leitura (evitado o uso como *vide* ou *conforme*); (v) a desambiguação de obras de mesmo autor-ano se dará pela adição de letras sobrescritas no ano da obra; a de autores com sobrenome semelhante pela adição da inicial do primeiro nome; (vi) particularmente, nas citações *indiretas*, cujo conceito ou ideia *se estende por toda a obra* ou se obtém da leitura integral desta, se dará apenas a menção da obra; (vii) numerações (semelhantes a esta) intratexto significam encadeamento ou seqüência argumentativa separada por larga porção de texto; (viii) sistema de ênfase por *itálicos*; (ix) devido à temática (filologia, línguas clássicas, longo aparato crítico, κτλ) e materiais usados aparece uma gama de abreviaturas internacionais com o fim de “limpar” o texto (*vide* índice); (x) nomes de autores antigos gregos serão traduzidos, em nota, na primeira vez quando ocorrem no texto.

cunho teutônico comumente aplicado a este arquétipo escritural. Será delineado ao longo da tese e estará assentado à luz da crítica, resultando assim, no emprego do método exegético histórico-crítico.

Ao considerar-se a história da tradução – a bíblica, em específico, esta nos legou um rastro de reflexões encetando com as traduções do Antigo Testamento: os תרגום (= *targumins*)<sup>2</sup>, particularmente o *Onkelos* (sobre a תורה) e o *Yonatan ben Uziel* (sobre os נביאים; ambos *heb.* → *aram.*) que, talvez, sejam as primeiras traduções críticas de que tenhamos conhecimento. Emolduradas por estudos posteriores, quando aventam, segundo Lanzetti, as categorias de “fidelidade” e “recepção” de obras traduzidas.<sup>3</sup>

Igualmente a *Septuaginta* – *LXX*, feita em Alexandria, sob encomenda do rei egípcio-macedônio Πτολεμαῖος Β' ὁ Φιλάδελφος<sup>4</sup> (*heb.* → *gr.*)<sup>5</sup> e suas discussões frente a Ἑξαπλά (= Hexapla), de Ὠριγένης

<sup>2</sup> O *targumim* (*heb.*: תרגום), formas parafraseadas, explicações e expansões das escrituras judaicas que um rabino daria na linguagem comum dos ouvintes, que durante a época em que isto era comum, mas não exclusivamente, em aramaico. Tal prática tornou-se necessária ao final séc. I antes da era cristã, quando a linguagem comum estava em transição e hebraico foi utilizado para pouco mais do que a escolaridade e adoração. Tornava-se necessário dar explicações e paráfrases na língua comum após a escritura hebraica lida. O substantivo *targum* é derivado da raiz semítica quadriliteral raiz תרגם, e o termo *targummanu* refere-se a “tradutor”.

<sup>3</sup> LANZETTI, Rafael. Anais do VIII Congresso Nacional de Linguística e Filologia. Rio de Janeiro: 23-27/08/2004, (*on-line*) < <http://www.filologia.org.br/viiiicnlf/anaís/caderno03-14.html> >. Acessado em 04/12/2012.

<sup>4</sup> Ptolomaio II Philadelfus (309-†246 a.C.).

<sup>5</sup> A lenda conta que a terra escureceu-se por três dias por causa da tradução da *Torah* → *gr.* e que teria sido feita por seis sábios de cada tribo, ao todo setenta e dois, uma encomenda da biblioteca de Alexandria. Segundo BRIGTH, John. *História de Israel*. São Paulo: Paulus, 2003, pp.491-7, teria sido acabada ainda durante o reinado de Ptolomeu II – 281-246 a.C., cf a *Carta de Aristéas*, um documento eivado de dados mitológicos e fictícios. Note-se, porém, que na atualidade tem-se posto dúvidas sobre a datação e autoria da *LXX*, pois não há registro na literatura judaica (relativamente bem documentada) de sábios à época com este preparo tradutório *heb.* ↔ *gr.* nem de tal empreitada, que seria certamente notabilizada, e nem que houve algum deslocamento para Alexandria de tantos eruditos. Além disso, as dez tribos do Reino do Norte já se encontravam perdidas desde o terceiro quartel do séc. VIII a.C. diante de Teglatfalasar III, cf *id. ibid.*, p.328, *it.* como temos na atualidade. Aqueles que defendem a lendária tradução utilizam-se basicamente da Ἑξαπλά (= Hexapla), de Ὠριγένης (Orígenes



(Orígenes Adamantius, do séc. III d.C.), foi um outro marco. Seguido das traduções do prosélito judeu עקילס הגר (Ακύλας; *heb.* → *gr.* em 125 d.C.<sup>7</sup>), do copto Teodosius I (de Alexandria, séc. VI, *heb.* → *gr.*), de Ἐβλιωνίτης Σύμμαχος<sup>8</sup> (séc. II; *heb.* → *gr.*), das versões antigas da *Vetus Itala* (ou *Latina*) *et aliae*. Outro período, em relevo, é o da *Vulgata editio, versio et lectio*<sup>9</sup> (*heb.* → *lat.*), por Eusebius Sophronius Hieronymus, apologista ilírio, clérigo, mas sobretudo célebre como tradutor bíblico, de quem o Papa Bento XVI disse em Audiência geral, em 07 de novembro de 2007:

A preparação literária e a ampla erudição permitiram que Hieronymus fizesse a revisão de muitos textos bíblicos: um precioso trabalho para a Igreja latina e para a cultura ocidental. Com base nos textos originais em grego e em hebraico e graças ao confronto com versões anteriores, ele realizou a revisão dos quatro Evangelhos em língua latina, depois o Saltério e grande parte do Antigo Testamento. (...) É interessante ressaltar os critérios aos quais o grande biblista se ateu na sua obra de

---

Adamantius), do séc. III d.C., porém, a quinta coluna destinada ao original *LXX* contém apócrifos que sabemos hoje sequer haviam ainda sido escritos.

<sup>6</sup> Áquila de Sinope, Ponto (50-55-†135).

<sup>7</sup> Doravante, como este estudo está ambientado quase que integralmente depois de Cristo, dispensaremos o uso sistemático de d.C. – usaremos apenas a.C.

<sup>8</sup> Symmachus, o ebionita (viveu fins séc. II), tradutor do *heb.* → *gr.*, cujo texto ocupa a col. depois de Áquila e antes da *LXX* na Ἐξαπλά de Ὠριγένης. Segundo METZGER, Bruce Manning. *Theories of Translation Process*. art. 2/4 de *Translating the Bible: An Ongoing Task*. – in: *Bibliotheca Sacra* 150. Dallas, out/dez 1993, pp.140-50, a tradução bíblica *heb.* → *gr.* de Symmachus seguiu uma “teoria e método (...) em contraposição à Áquila”. Isto porque, “seu objetivo era fazer uma tradução em um grego elegante. A julgar a partir dos fragmentos dispersos que permanecem de sua tradução, Symmachus tendia a ser perifrástico em representar o original hebraico. Ele preferiu construções gregas idiomáticas em contraste com as outras versões em que as construções hebraicas eram preservadas. Assim, ele geralmente convertia em um participio grego o primeiro de dois verbos finitos relacionados com uma cópula. Ele fez uso abundante de uma ampla gama de partículas gregas para trazer distinções sutis de relacionamento que o hebraico não pode expressar adequadamente. Em mais de uma passagem Symmachus tinha uma tendência para suavizar expressões antropomórficas do texto hebraico.” No entanto, seu objetivo era o de preservar o significado do texto ᄀ através uma tradução mais literal que a *LXX*.

<sup>9</sup> Edição, tradução e leitura de divulgação popular.

tradutor. Revela-o ele mesmo quando afirma respeitar até a ordem das palavras das Sagradas Escrituras, porque nelas, diz, “até a ordem das palavras é um mistério”.<sup>10</sup>

No entanto, Hieronymus, como tradutor de Marcus Tullius Cicero, vivenciara antes um dos preceitos levantado por Cicero – o do intérprete: *uerbum pro uerbo*, mantendo-as *adnumerare* (numericamente equivalentes), na obra cicereana *Libellus de optimo genere oratorum*, de 46 a.C. E que mais tarde em 18 a.C., na *Epistola ad Pisones*<sup>11</sup> de *Ars Poetica* ou, como a conhecemos, *Ars Poetica*, de Quintus Horatius Flaccus, se perpassaria tal princípio com o fim relativizar a questão da fidelidade. Esta será a principal demanda teórica da tradução no transcurso dos últimos dois mil anos, segundo Mounin<sup>12</sup>: “fidelidade às palavras de um texto ou ao pensamento contido nele”?

Durante a Renascença, no entanto, é que temos disseminados os princípios fundantes da tradutologia moderna. Estes esforços estão associados com trabalhos como os de: Leonardus Brunus Aretinus, Martin Luther, Ioannes Lodovicus Vives, Sebastiano Fausto da Longiano, Étienne Dolet e George Chapman<sup>13</sup>. De Martin Luther destaca-se, a partir de suas *Tischreden*, uma “teorização” tradutória associada a uma “diretriz hermenêutica teológica” ao estilo popular, comunicativo e marcadamente humanista no uso filológico de originais, como temos em *Sendbrief vom*

---

<sup>10</sup> PAPA BENTO XVI citando HIERONYMUS, Eusebius Sophronius. *Ep. LVII, 5 – (Para Pammachius) – De optima genere interpretandi*. [trad. anom.]. (on-line) < [http://www.vatican.va/holy\\_father/benedict\\_xvi/audiences/2007/documents/hf\\_ben-xvi\\_aud\\_20071107\\_po.html](http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/audiences/2007/documents/hf_ben-xvi_aud_20071107_po.html) >. Acessado em 25/10/2012. — As citações provêm de uma variedade de línguas, nas quais o material de pesquisa encontra-se disponível. As traduções destas, quando não identificados os tradutores (caso de terceiros), foram realizadas por este pesquisador.

<sup>11</sup> Trata-se de personagens romanas – Lucius Calpurnius Piso (senador e cônsul) e seus dois filhos – que nos permitem identificar melhor a datação do poema e seu objetivo.

<sup>12</sup> MOUNIN, Georges. *Teoria e storia della traduzione*. Torino: 1965, Einaudi, p.63.

<sup>13</sup> FURLAN, Mauri. *A teoria de tradução de Lutero*. – in: Annete Endruschat; Axel Schönberger (orgs.). *Übersetzung und Übersetzen aus dem und ins Portugiesische*. Frankfurt am Main: Domus Editoria Europæa, 2004, pp.11-21.

*Dolmetschen* (1530) e *Summarien über die Psalmen und Ursache des Dolmetschens* (1531)<sup>14</sup>.

Portanto, ao se perceber a riqueza de aspectos que envolvem a tradutologia de textos advindos de contextos antigos e sagrados, e para alcançar ao desígnio aludido no parágrafo inicial introdutório, mostrou-se cada vez mais tangível a imprescindível necessidade de instruir-nos com os métodos clássicos das teorias da tradução. Assim, outro dentre os objetivos análogos da presente tese é analisar aspectos basilares e norteadores da prática tradutória de escritos providos do ambiente cristão dos primeiros séculos, particularmente para o português brasileiro. Questões aparentemente sem grande relevância em uma conjuntura secular, são tomadas de “grande valor sociolinguístico no contexto bíblico”, e que pesem, especialmente, as alusivas à “canonicidade, credibilidade nos textos, diferenças dialetais, níveis de linguagem, grau de literalidade, arranjo formal”, e outras como material suplementar de notas, introduções, prefácios, κτλ.<sup>15</sup>

É necessário, portanto, discernir o favorecimento histórico da longa tradição de tradutores de textos cristãos, com sua ênfase na práxis e o seu significado para o tradutor de textos da Antiguidade cristã na atualidade, bem como do que carece ao seu labor. Estaremos, assim, estudando as suas teorias e práticas, Também o caráter vital da sua tradução, a natureza da motivação, a necessidade da experiência com aspectos da teologia cristã, os atributos que devem caracterizá-lo e, especialmente, sua competência tradutória. Este é o retrato do tradutor de textos sagrados cristãos, uma efígie redesenhada pela história a partir do século XVI, durante a Alta Renascença, que se torna exemplo para os séculos seguintes.

A partir de um grupo de pesquisas: (i) pesquisa ‘Retratos da Leitura no Brasil’<sup>16</sup> do Instituto Pró-Livro, em conjunto com Observatório do

---

<sup>14</sup> FURLAN. 2004, *op.cit.*, p.11-12.

<sup>15</sup> NIDA, Eugene Albert. *Bible Translation*. – in: Mona Baker (ed.), *Routledge Encyclopedia*. London; New York: Routledge, 2001, pp.24-5.

<sup>16</sup> Dimensionamento amostral nacional, secular (não religioso), com a margem de erro máxima estimada 1,4 p.p. e metodologia legitimamente aceita. A Bíblia é apontada várias vezes nos resultados: i) é o gênero mais lido (acima de livros didáticos, romance, livros religiosos, contos, literatura infantil, história de quadrinhos, κτλ); ii) em 2007 com 57,0 milhões de leitores (45% da base de leitores), em 2001 com 41,1 (42%); 1º. lugar em ‘Gêneros que costumam ler’, ‘Livro mais marcante’, ‘O último livro que leu ou está lendo’, κτλ. Escopo da pesquisa: medir intensidade, forma, motivação e condição de leitura da população

Livro e da Leitura, IBOPE Inteligência, ABRELIVROS, CBL & SNEL (Brasília, 29 de março de 2012) que objetiva um amplo diagnóstico nacional do comportamento de leitura do brasileiro que norteia decisões do mercado editorial; (ii) ‘Pesquisa internacional sobre leitura da Bíblia, na perspectiva ecumênica’ (Vaticano, novembro de 2007 - julho de 2008)<sup>17</sup>; (iii) pesquisas do CEBI – Centro Ecumênico de Estudos Bíblicos, CERIS – Centro de Estatística Religiosa e Investigações Sociais, *et aliae*; pode-se afirmar que milhões de leitores ou ouvintes, diariamente, entram em contato com um texto sagrado<sup>18</sup> através da leitura direta destes textos traduzidos, pela audição de sermões e palestras ou através de comentários e devocionais. Porém, para este amplo público nos deparamos com um número ainda insuficiente de teóricos que estudam com cuidado a tradução, recepção e comunicação<sup>19</sup> destes escritos cristãos, o que entre outros motivos já justifica a empreitada.

---

brasileira. Metodologia, resultados, e outros – *in: Pró Livro. (on-line)* < [prolivro.org.br/ipl/publier4.0/dados/anexos/2834\\_10.pdf](http://prolivro.org.br/ipl/publier4.0/dados/anexos/2834_10.pdf) >, acessado em 19/12/2012.

<sup>17</sup> DIOTALLEVI, Luca (org.). *La ricerca dei dati JFK-Eurisko*. JFK-Eurisko & Ecclesia. Vaticano: Departamento de Sociologia – Università Roma TRE, 2008. Apresentada pelo presidente do Pontifício Conselho para a Promoção da Unidade dos Cristãos, Cardeal Walter Kasper e o secretário-geral das Sociedades Bíblicas, Rev. Archibald Miller Milloy apontam que no período da pesquisa: os níveis mais baixos de leitura bíblica dos países cristãos pesquisados encontram-se na França e Espanha (20%) e o mais alto nos EUA (75%). Outros dados: na Europa, ao contrário das Filipinas e EUA, as homilias não são apreciadas. Nos EUA, Alemanha e Itália a televisão é o meio de comunicação religiosa preferido.

<sup>18</sup> As pesquisas (i) e (ii), isoladas, já nos permitem vislumbrar milhões de leitores diários da Bíblia. Mas temos leitores do *Bhagavad-Gita*, *Tanakh*, *Tri-Pitakas*, *Riq veda*, *Amnaya*, *Alcorão*, *Sunnah* ou *Hadith*, *Livro de Mórmon*, *Talmude*, *Livro dos Espíritos*, *Livro dos Médiuns*, *Kojiki*, *Zend Avesta*, *Guru Granth Sahib*, *Mahabharata*, *Nihon Shoki*, *Evangelho segundo o Espiritismo*, *Espírito de Profecia et alii*.

<sup>19</sup> O termo aqui será empregado na perspectiva ‘social’, ou seja, “comunicação social” conforme art. MASON, Ian. *Communicative/funcional approaches*. – *in: Mona Baker (ed.), Routledge Encyclopedia*. London; New York: Routledge, 2001, pp.30-1. Este artigo perpassa os trabalhos de *cf* LASSWELL-1945 e NORD-1991, onde a noção comunicação e alteridade concebem a aspiração de partilha de uma extensa gama de sentidos, particularmente os extralinguais (culturais, psicológicos, antropológicos, sociolinguísticos, sócio-históricos, κτλ). Segundo *HYLMES-1971* o conceito de “communicative competence” contrapõe “capacidade e manifestação” da

A complexidade da tradução da literatura cristã antiga aponta os para os consequentes desafios: (i) embora pareça óbvio, as publicações religiosas, e.g. as Bíblias Ave Maria<sup>20</sup> e a versão da *New Internacional Version*<sup>21</sup> demonstram a necessidade de se evitar uma superficialidade ingênua no trato com tais textos; (ii) de não escamotear as conjunturas histórico-literárias que surpreendem pelo rebrote destas, e.g. versões bíblicas parafraseadas: BNL, NTLH<sup>22</sup>; (iii) de distinguir e lidar com a resistência dos fundamentalismos já sedimentados; (iv) e de entender que a interpretação desta literatura e as questões da sua tradução ‘oscilam historicamente de um lado para o outro’. A despeito do problema desta complexidade acima referida, é instigante estarmos abertos a novos olhares acerca das demandas tradutórias do material textual do período subapostólico no contexto do cristianismo nascente (deuterocanônicos, apócrifos, apócrifo-gnósticos, judaico-cristãos, κτλ).

Por fim, o ápice na busca por traduções da *corpora*<sup>23</sup> dos textos apócrifos gnóstico-cristãos deu-se, de forma enviesada, com a controversa obra de vendagem magistral<sup>24</sup> – *The Da Vinci Code*. Brown, mundo afora, sacudiu a fé de milhões com a abordagem de temas como prelados, irmandades, movimentos religiosos diversos, alguns abduzidos da historicidade, fruto de labor tradutório silencioso a partir das três

---

“linguagem e da língua”, conforme a dicotomia formal chonskyana-1965 de “competence / performance”. Neste mesmo sentido, *vide* STEINER, George. *Depois de Babel*. Curitiba: UFPR, 2005, pp.77-9, a compreensão, resultado efetivo da comunicação, é vista como tradução (ambos meios de acesso social).

<sup>20</sup> A mais comercializada e popular versão entre católicos brasileiros; uma re-tradução a partir do francês.

<sup>21</sup> Mais conhecida como *NIV* ou *NVI*, a mais vendida entre protestantes no Brasil, tão alterada de edição a edição, por questões comerciais, que atualmente é amplamente reconhecida como “família *NVI*”.

<sup>22</sup> Respectivamente: *Bíblia na Linguagem de Hoje*; *Nova Tradução na Linguagem de Hoje*.

<sup>23</sup> O uso de *corpus* (nom. sg.) é mais usual para se referir a um coletivo de textos (*pt.*) devido ao latim vulgar. Porém, preferimos aqui uso da expressão latina *corpora* (n. pl.) que expressa com mais riqueza o sentido deste coletivo (tão diverso) não só por uma questão lexicográfica, mas de estilística.

<sup>24</sup> Com mais de 80 milhões de exemplares este romance, paradoxalmente histórico-ficcional, já despontava como sucesso, mas não se tinha noção da extensão colossal que esta teoria conspiratória despertou junto ao grande público com o lançamento da versão filmica.

décadas anteriores; também de outros mais contemporâneos<sup>25</sup>. Nesse ressurgir do interesse pelos “apócrifos”, Brown reinventa na literatura<sup>26</sup> a possibilidade de que no cristianismo nascente<sup>27</sup> teria encetado uma conspiração para dissimular o “episódio” que Jesus se casara com Maria de Magdala<sup>28</sup>, personagem que traz retratada por Da Vinci na *Última Ceia*.

Um aspecto é de particular interesse à discussão de *Atos de Pedro*: a tessitura desta trama subjaz, em certa medida, estruturada no achado, também na dilatação do espectro de uso, dos escritos apócrifo-gnósticos<sup>29</sup> de Nag Hammadi, 1945<sup>30</sup>, cuja afirmativa está no personagem Teabing: “80 evangelhos foram estudados para compor o *Novo Testamento* e, no entanto apenas alguns foram escolhidos – *Mateus, Marcos, Lucas e João*”<sup>31</sup>. Esta tessitura faz um *construir sobre*, recuperando questões no ponto em que ocorre a tênue linha divisória entre a história (descrição dos historiadores) e a ficção (imaginação, fantasia do autor)<sup>32</sup>.

---

<sup>25</sup> e.g. Opus Dei, Iluminatti, Priorado de Sião, Templários, Maçonaria, κτλ.

<sup>26</sup> Ilustram a anterioridade deste gênero literário de tênue linha divisória entre história e ficção: *A Relíquia* de Eça de Queiroz (1887), *O Evangelho Segundo Jesus Cristo* de José Saramago (1981) e *The Escaped Cock* (reintitulado posteriormente para *The Man Who Died*) de David Hebert Lawrence (1929).

<sup>27</sup> Ainda nem católico nem ortodoxo e nem protestante.

<sup>28</sup> HASKINS, Susan. *María Magdalena: mito y metáfora*. Barcelona: Herder, 1993, p.35, este nome teria vindo do heb. *El-Mejdel* ou *migdal* e do aram. *magdala*, significando torre. Centro comercial da época do Segundo Templo. Rota internacional onde pessoas de religiões e costumes distintos se encontravam no mercado; localidade que se destacava na produção do peixe salgado, tecido tingido e agropecuária; e onde coexistiam pacificamente as culturas judaica e helênica. Foi arruinada em razão da ignomínia e do comportamento devasso de seus habitantes, em 75, o que poderia, de certa forma, ter contribuído para mudar o nome e a reputação de Maria de Magdala.

<sup>29</sup> Igual ao que temos em *AtsPe*. — Definiremos mais adiante o uso incorreto, mas sedimentado, desta expressão.

<sup>30</sup> De onde também provêm *frgg.* de *AtsPe*, texto rechaçado tão veemente quanto foi a sua circularidade e a pretensão canônica do autor; maiores detalhes *vide* nt-66 *infra*. — Brown utiliza-se de simbologias, eventos e personagens extraídos dos textos apócrifos gnóstico-cristãos.

<sup>31</sup> BROWN, Dan. *O Código da Vinci*. São Paulo: Sextante, 2003, p.220.

<sup>32</sup> É fato também que a obra de BOCK, Darrell L.; BOCK, Heiko. *Breaking The Da Vinci Code: Answers to the Questions Everybody's Asking*. Nashville: Nelson Books, 2004<sup>A-B</sup>, *in to.op.*, atrelada a outras tantas contestações

Mas, faz-se imperioso abordar os reptos mais sérios levantados com este romance daquilo Ehrman<sup>33</sup> definiu, hoje comumente aceitos, como “escrituras perdidas” e “cristianismos perdidos”. Não poucos *scholars* avalizam que o cânon<sup>34</sup> de livros do NT deu-se de modo bastante

---

como de Martin Lunn, Erwin W. Lutzer, Dan Burstein, Carl E. Olson & Sandra Miesel, Steve Kellmeyer tenham refutado-a com notável facilidade à classificação de romance ficcional. ——— Representam uma modesta amostra da inexorável reação religiosa: LUNN, Martin. *Da Vinci Code Decoded: The Truth Behind the New York Times #1 Bestseller*. New York: Disinformation Company, 2004. LUTZER, Erwin W. *The Da Vinci Deception*. Illinois: Tyndale House Publishers, 2004. BURSTEIN, Dan. *Secrets of the Code – The unauthorized Guide to the Mysteries behind the Da Vinci Code*, New York: CDS Books & LLC, 2004. OLSON, Carl E. & MIESEL, Sandra, *The Da Vinci Hoax*. San Francisco: Ignatius, 2004. KELLMAYER, Steve. *Fact and Fiction in the Da Vinci Code*. Peoria: Bridegroom Press, 2004.

<sup>33</sup> EHRMAN, Bart. D. Site oficial. (*on-line*) < <http://www.bartdehrman.com/biography.htm> >, acessado em 03/02/2010. Professor-chefe do Departamento de Religião da Universidade da Carolina do Norte, USA, foi protestante, mas atualmente considera-se agnóstico, porque considera a Bíblia adulterada, “uma vez que não temos acesso aos manuscritos originais”. Paradoxalmente, ocupa posição no topo da lista de *scholars* para estudos do NT. Presença constante em programas de TV e rádio; uma autoridade internacional nos estudos sobre o cristianismo e vida de Jesus. Sua pesquisa é constantemente usada pelas redes NBC, CNN, History Channel, entre outras.

<sup>34</sup> Por si só, a questão do cânon é bastante emblemática; *e.g.*, na época de Jesus, do AT havia três cânones: (i) o dos *fariseus*, eleito Escritura Sagrada, posteriormente, no Concílio judaico de Jâmnia, 90, sendo atual cânon judaico de onde advém o <sup>TM</sup> (usado pelas Bíblias protestantes); (ii) o dos *saduceus*, extremamente curto (*Torah* e mais alguns livros) e (iii) a *LXX* –  $\mathfrak{M}^*$  (trad. *gr.* em 270 a.C.) que continha outros livros totalizando 53 livros e alguns acréscimos em livros já existentes; era o mais usado na época de Jesus, pois das aproximadamente 350 citações do AT no NT, mais de 300 vêm da *LXX*. Os cânones cristãos são ainda mais muito variados hoje: (i) o *católico* para o AT tem 46 livros e 27 para o NT (diferente da *LXX* para o AT); Hieronymus, uma voz destoante, foi para Belém estudar hebraico com os rabinos e defendeu o cânon de Jâmnia (39 para o AT), mas assim mesmo traduziu os deuterocanônicos; (ii) os *anglicanos* foram os primeiros a adotar o cânon judaico para o AT, após a morte do Rei Tiago – a versão antiga da *King James version* mantinha os 46 livros para o AT, hoje 39 e 27; (iii) o *protestante luterano* tem 39 no AT e 27 no NT (e mantém os 7 deuterocanônicos em apêndice, como leitura edificante, não são sagrados ou inspirados); (iv) o *protestante contemporâneo* exclui este apêndice; (v) os *cânones ortodoxos* são muito diversificados uns dos outros e normalmente mantém os 53 livros da *LXX* no AT e 27 no NT. (vi) as *Igrejas*

arbitrário e a formação de uma ὀρθοδοξία<sup>35</sup> (ὀρθός + δόξα + ια = opinião reta expressando qualidade) não se deu unicamente pelo seu mérito,

*Ortodoxas Não-Calcedonianas* – rejeitam o Concílio da Calcedônia sobre a dualidade de naturezas de Cristo, e.g. a *Igreja Ortodoxa Etíope*, que mantém além do cânon católico 3 e 4 Mac, o acréscimo aos *Salmos* – *Sl 151, 1Ed*, o *Livro de Enoque*, o *Livro dos Jubileus* (estes dois últimos sequer compõem a LXX); no NT também é diferente, onde constam como canônicos *AtsPl, I Clemens* e o *Pastor de HERMAS* (gr.: Ποιμήν του Ερμά; heb.: רועה הרמס; ou chamado simplesmente de *O Pastor*); (vii) outras *Igrejas Ortodoxas* que adotam a *orientação dos Concílios Ortodoxos de Jassy* (Romênia, 1642) e Jerusalém (1672), além do católico recebem como canônicos o acréscimo *Sl 151, 1Ed* e a *Oração de Manassés*; (viii) a *Igreja Ortodoxa Síria* acrescenta a estes o *Pastor de Hermas*; (ix) as *Epístolas Católicas Menores* (canônicas) de *II Pe, Jd, Tg, II e III Jo* mais o *Ap* (de João) foram bastante contestadas na Antiguidade e a Bíblia Ortodoxa Siríaca – *Peshita* os exclui; (x) nem o *Quarto Evangelho* (de João) escapou à crítica e aparece pela primeira vez em alguma lista do cânon apenas c.<sup>a</sup> 170; (xi) de outro lado, o *Pastor de Hermas, Epístola(s) de Policarpo, Ep.(s) de Inácio, Ep.(s) de Clemens* tiveram grande aceitação e circulação nas antigas listas canônicas do NT, os melhores códices para atual crítica textual bíblica – *Codex Alexandrinus, Sinaiticus e Vaticanus* – testemunham isso; (xii) os cristãos da *Igreja Copta* (norte África) conhecem as palavras de Jesus através do “pseudoeπίγραφο” *Ev. de Tomé* – λόγια (= coletânea ditos de Jesus); (xiii) Igrejas como a *Ortodoxa Armênia, Ortodoxa Russa, Ortodoxa Grega*, κτλ, têm ainda hoje cânones diferentes destes anteriores ou atribuem níveis de inspiração diferenciados; (xiv) *Martin Luther* chamou a *Ep. de Tiago* (canônica) de “epístola de palha” devido a sua vontade de subtraí-la do cânon, não ocultou sua intenção; também reacendeu o debate sobre os ἀντιλεγόμενα (escritos “disputados”, que há alguém proeminente “contrário a ela”) nos Pais da Igreja, que levou que se chama de *Antilogoumenas de Lutero*; (xv) *John Calvin* afirmou nas *Institutio Christianæ religionis* (maior obra teológica protestante até a atualidade) que o *Apocalipse* (de João; canônico) “mais atrapalhava do que ajudava com sua presença no cânon”; (xvi) Os *Ev(s) dos Hebreus e dos Ebionitas* (não canônicos) ainda circulam em algumas listas de cânon. Cada parte insiste na visão de harmonia, mas essas divergências representam uma visão mais objetiva da questão canônica ainda hoje. Isto sem adentrar na desarmonia *intra* dos textos aceitos comumente como canônicos, e.g. os quatro *Evangelhos*. (xvii) Ainda no séc. VIII, na lista de ἀντιλεγόμενα, do Patriarca Nicéforo I de Constantinopla figura o *Apocalipse* ou *Revelação*. Epítome *ad tempora*.

<sup>35</sup> Expressão especializada, que no sentido atual ocorre a primeira vez com o Imperador Teodósio, 381. Apesar de tal expressão cristalizada entre nós, o *Dictionnaire Grec-Français A. Bailly* sequer faz menção. Igualmente o *Lexicon Liddel & Scott* que não possui um verbete próprio para o termo (apenas uma menção marginal). O conceituado internacionalmente DPAC (*it.*) –



todavia pela perspicácia política de um lado vitorioso. A despeito deste tema, Layton afirma que:

Uma das principais linhas divisórias no vasto terreno da história cristã antiga é a ascensão ao trono do imperador pró-cristão Constantino Magno, em 306 d.C. A partir daí, o cristianismo começou a ser adotado, mais e mais abertamente, como a religião do governo imperial romano. Com isso, a idéia (*sic*) e a realidade de uma Igreja única, unificada e ortodoxa foram, aos poucos, se estabelecendo. Mas nos três séculos antes de Constantino é mais difícil encontrar algo semelhante a uma Igreja principal ou a uma tradição central: em vez de uma corrente principal, encontram-se vários afluentes.<sup>36</sup>

O que percebe-se, é que nunca houve uma era tão bem servida de recursos como este derradeiro meio século decorrido: surpreendentes achados arqueológicos (*Qumran*, Nag Hammadi *et alii*), avanços da Ecdótica, a Linguística aflora neste século para oferecer seu contributo, a conexidade e disponibilização de pesquisas digital-virtualmente, avanço nos estudos filológicos, descobertas de substâncias para o trato com pseudoepígrafos, κτλ. Sem qualquer pretensão na demanda teológica, é presumível que estejamos agora em melhor ponto de vista por dispormos de outros evangelhos, atos e epístolas, alguns fonte dos próprios gnósticos, e que nos permitem melhor juízo no que acreditavam ou o que foi axiológico no(s) *cristianismo(s) primitivo(s)*.

---

BERARDINO, Angelo Di (org.). *Dizionario Patristico e di Antichità Cristiane (it.)*, Rome: Instituto Patristico Augustinianum 1988; e DPAC (*pt.*), São Paulo; Petrópolis: Paulus; Vozes, 2002, p.1054, indica o uso especializado deste termo aos tempos subapostólicos das cartas pastorais (1Tm 1,3; 6,3) o que não corresponde, pois os termos empregados lá são outros *ἐτεροσδιδασκεῖν* (1,3) e *ἐτεροσδιδασκεῖ* (6,3), que aplicadas ao rigor exegético não restariam sequer conotativos. No aparato crítico NGT (*Greek New Testament – 4ª. Rev. Ed.*), mais atual texto crítico do NT, não temos manuscritos discordantes das palavras *gr. supra* nem **Ⲛ** ou **Ⲣ** ou qualquer Pai da Igreja<sup>vid</sup> até 381; resta a hipótese hermenêutico-teológica evidente.

<sup>36</sup> LAYTON. Bentley. *As escrituras gnósticas*. São Paulo: Loyola, 2002, p.XVII.

Não é Brown o único exemplar deste reabrolhar dos apócrifos. Há uma gama de textos e suas versões fílmicas que são dignos de menção<sup>37</sup>. A cada dia, novas abordagens voltadas às pedras angulares do cristianismo têm sido difundidas por material de leitura fácil e em especiais de televisão sobre Maria de Magdala, o Código da Vinci e muito mais, por *scholars* bem articulados como King<sup>38</sup>, Pagels<sup>39</sup> e Ehrman<sup>40</sup>.

Neste ponto, avulta-se a relevância dos Estudos da Tradução para o trato com textos sagrados – tão privados e sensíveis, suas demandas tradutórias – não só quantitativas, mas igualmente qualitativas e a consequente lide hermenêutica envolvida nesse processo, o que justifica e legitima o labor desta tese. Por este caminho, nesta tese se pretendeu deliberar por pressupostos das teorias de tradução que norteiem um plano tradutório para textos do ambiente cristão dos séculos I-II. Com o uso de teóricos em diálogo, supra mencionados, e diacronicamente, se tentou evitar o sobressair de algum destes com tal superioridade que marque ou acastele a tradução dos *AtsPe*<sup>41</sup>.

Apartada a antiga acusação de que alguma tradução que pretenda ser bela deve ser arrolada entre as *belles infidèles*, a acepção do termo ‘tradução’ aqui avança a partir do modelo benjaminiano de “forma” – “A tradução é uma forma. Concebê-la como tal implica regressar ao

---

<sup>37</sup> e.g., a milionária trilogia de filmes dos irmãos Wachowski – *Matrix*, *Matrix Reloaded* e *Matrix Revolutions* que lucraram além de um bilhão de dólares e fascinaram com muitos *oscars*; outros como: *Minority Report* de Spielberg, *O Troco* de J. Woo, os clássicos da série *Blade Ranner* de R. Scott, o *Stigmata* de R. Wainwright cuja temática é um diálogo extraído do *Ev. de Tomé* com desdobramentos nas questões sobre liberdade e a austeridade hierárquica vaticana e a prodigiosa ficção de: Philip K. Dick, site oficial, (*on-line*) < <http://www.philipkdick.com/> >, acessado em 19/10/2010; todos estes também captaram esta demanda. Para abreviar a vastíssima lista ainda cito os *best-sellers* e filmes: *The Bible Code*, *Bible Code II: The Countdown* e *Bible Code III: Saving the World* de Michael Drosnin.

<sup>38</sup> Karen King – Universidade de Harvard.

<sup>39</sup> Elaine Pagels – Universidade de Princeton.

<sup>40</sup> Bart D. Ehrman – Universidade da Carolina do Norte.

<sup>41</sup> e.g., outras escrituras sagradas para as quais cabem os mesmos cuidados teóricos: o *Bhagavad-Gita* do hinduísmo; *Bíblia Hebraica* do judaísmo (*heb.* תנ"ך , transl. *Tanakh: Torah*, Profetas e Escritos); o *Tri-Pitakas* do budismo; o *NT* do cristianismo e o *Alcorão* dos muçulmanos. Há uma extensa gama de textos sagrados (outros chamados “apócrifos”, diferenças entre os cânones, κτλ) que se tem notícia, no entanto estes são mais conhecidos e também pela maior parte da população mundial.

original.”<sup>42</sup> Assim sendo, se “reconceitua a tarefa do tradutor: trans-pôr, trans-formar. Entenda-se, formar noutra língua, re-formar na língua da tradução a arte do original.”<sup>43</sup> Quando encerra seu ensaio, Walter Benjamin define tradução de textos sagrados:

Não existe, no entanto, nenhum texto além do sagrado no qual o sentido deixe de ser o separar das águas entre as torrentes da língua e as torrentes da revelação. No momento em que o texto, imediatamente, sem sentido intermediário, pertence, na sua literalidade, à verdadeira língua, à verdade ou à doutrina, aí ele é pura e simplesmente traduzível. E não por sua vontade, mas por vontade das línguas. É exigida em relação a ele uma confiança ilimitada da tradução, de tal modo que, sem tensão, língua e revelação têm aqui de se reunir, sob a forma de versão inter-linear (*sic*), como no outro caso literalidade e liberdade. Pois todos os grandes escritos contêm num certo grau – os sagrados, porém, no mais alto grau – entre as linhas a sua tradução virtual. A versão inter-linear (*sic*) do texto sagrado é a imagem originária ou ideal de qualquer tradução.<sup>44</sup>

Através de Benjamin percebemos que a tradução sacra é “desassossegada” tal como a própria literatura sagrada o é. Sendo, por vezes, paradoxal em certos aspectos, o que nos leva a não nos valermos tão somente de esquemas prontos e ajustados para atingir nossos fins tradutórios. Por outro lado, tem sido fácil ficar apreensivo com as disputas, ou até com a falta, de método. Tem-se ansiado pelo “teor” e “acepção”, porém deslembados de que não existe ingresso direto ao conteúdo e à significação à parte de algum dos possíveis métodos legítimos de tradução. Para demonstrar, daremos ao longo desta tese

---

<sup>42</sup> BENJAMIN, Walter. *A Tarefa do Tradutor (Die Aufgabe des Übersetzers, Gesammelte Schriften*, 1921, IV.1, pp.9-21). Lisboa: 1999, p.13. (on-line) < <http://www.c-e-m.org/wp-content/uploads/a-tarefa-do-tradutor.pdf> >, acessado em 13/09/2012. Aqui por “forma” entenda-se como regresso a forma mais íntima do original, que contém sua traduzibilidade.

<sup>43</sup> FURLAN, Mauri. *Linguagem e tradução em Walter Benjamin*. – in: Anais do XI Encontro Nacional da Anpoll. João Pessoa: 1996, pp.551-6.

<sup>44</sup> BENJAMIN. *op.cit.*, p.13. Ensaio que tanto furor acendeu nos teóricos da Teoria da Recepção.

exemplares exegeticos que fazem aproximações ao texto com suposições, acomodações e ferramentas de análise que levam a eleger uma ou outra categoria do escrito e arranjar, realçar e interpretar tais aspectos como arquétipos significativos. Portanto, não deve-se passar rápido à prática sem uma cuidadosa ponderação. As teorias nos lançam luz supina sobre os assuntos, sobre o método e as implicações da nossa prática tradutória, cuja discussão se dará no Capítulo II.

Nesta mesma direção, quando Borges discute a questão da obscuridade, do enigma e da transposição linguística num artigo acerca das traduções de Homero, “sem destacar nenhuma delas como ‘superior’ as demais”, acaba por definir a tradução feita a partir de uma língua clássica como: “Nenhum problema é tão consubstancial com as letras [clássicas] e com seu modesto mistério com o que propõe uma tradução.”<sup>45</sup>

Somente com visão equilibrada e a consciência ajustada do uso do método, enquanto verdadeiro e diligentemente justaposto ao texto antigo, teremos condições: (i) de perceber porque alguns exegetas bíblicos têm tanto discordado em suas conclusões; (ii) de proporcionar relato contemporâneo seguro e afiançável; (iii) e prover arguição apologética que resguarde nossos próprios métodos e procedimentos.

Entre as justificativas que abonaram a concretização da tradução de *AtsPe*, destacou-se necessidade de dar-se primazia ao método histórico-crítico, cuja escolha implicou na necessidade de tentar *re-criar*<sup>46</sup>

---

<sup>45</sup> BORGES, Jorge Luis. *As versões homéricas*. – in: *Discussão*. São Paulo: Difel, 1985, p.71.

<sup>46</sup> Para justificar este “re-criar” temos de EAGLETON, Terry. *Teoria da Literatura: Uma introdução*. São Paulo: Martins Fontes, 2006, pp.18-9 quando trata de obras literárias que atravessaram séculos, menciona que: “Pode acontecer, é claro, que ainda conservemos muito das preocupações inerentes à própria obra, mas pode ocorrer também que não estejamos valorizando exatamente a ‘mesma’ obra, embora nos pareça. O ‘nosso’ Homero não é igual ao Homero da Idade Média, nem o ‘nosso’ Shakespeare é igual ao dos contemporâneos desse autor. Diferentes períodos históricos construíram um Homero e um Shakespeare ‘diferentes’, encontrando em seus textos elementos a serem valorizados ou desvalorizados, embora não necessariamente os mesmos. Todas as obras literárias, em outras palavras são ‘reescritas’, mesmo que inconscientemente, pelas sociedades que as leem (*sic*); na verdade, não há releitura de uma obra que não seja também uma ‘reescritura’. Nenhuma obra, e nenhuma avaliação atual dela, pode ser simplesmente estendida a novos grupos de pessoas sem que, nesse processo, sofra modificações, talvez quase imperceptíveis.”

o legado da Antiguidade, quanto foi possível, dentro do âmbito e da extensão propostas pela pesquisa: (i) as práticas e hábitos sociais; (ii) argumentações e raciocínios desenvolvidos no texto a partir de normas e regras decodificadas através de textos paralelos; (iii) e, também, aspectos intelectivos e morais da época. Isto como forma de provocar a recomposição de algumas das representações do *orbis*, do cotidiano, do(s) cristianismo(s) nascentes, da política e *praxis* do Império Romano no período subapostólico. Dispensou-se sempre maior atenção aos entretrens de cunho cronológico e terminológico, colocando em interface informações de múltiplas fontes, tendo o cuidado da crítica histórica apropriada, da crítica textual e literária, e finalmente, sempre justificando as opções escolhidas. Nem se desprezou a riquíssima iconografia autônoma, que importam fontes e mediam rastros de reflexão da Antiguidade, as quais julgamos úteis a esta pesquisa; estão ocupando as páginas intercapitulares e lacunas em branco.

Elegeu-se, insistimos, neste norte, o método histórico-crítico, usado em averiguas diacrônicas<sup>47</sup>, em detrimento aos métodos fundamentalista<sup>48</sup> e o estruturalista<sup>49</sup>. Sendo ‘crítico’, deve emitir uma série ponderações acerca das fontes do seu objeto de estudo. Neste particular, abandona-se a hermenêutica alegórica medieval, na busca de um sentido literal, que também mira na relativização de postulados dogmáticos da tradição. É uma metodologia por essência racional<sup>50</sup> e insistentemente inquisitiva. É também ‘histórica’ porque labuta com fontes históricas que remontam séculos, ou até milênios, cujos estágios formativo-transmissivos restam contaminados pelo processo tradição oral e da evolução do texto que nos legou, criando eras ou sítios distintos de compreensão do mesmo. Analisando, portanto, a substancialidade das

---

<sup>47</sup> Visada sob o prisma da gênese e gradativa evolução de dado escrito, conjecturando elucidar a acepção mais original quanto possível, dentro dos diversos estágios transmissivos.

<sup>48</sup> Sua hermenêutica sobrevém de um ponto de vista literal e histórico. Mostra-se contrário a análises críticas por pressupor certos dogmas (*e.g.* canonicidade) e aponta constantemente em direção a inerrância de textos, comunidades e autores.

<sup>49</sup> É a interpretação que desconsidera a transmissibilidade de textos, ou seja, sincrônica. O foco dá-se nos atuais intérpretes, nas “estruturas de linguagem”: a manifesta e a profunda, na pragmática, na semântica e na linguística-sintática.

<sup>50</sup> Na acepção do Iluminismo e posterior.

categorias históricas que motivaram essas fontes em seu vario espectro evolutivo.

Outra decorrência metodológica preliminar: optou-se, nesta pesquisa, por desenvolver sínteses concisas, em determinados aspectos, da prática tradutória, noções literárias, questões históricas e teológicas, κτλ, em textos sagrados no contexto do(s) cristianismo(s) nascentes<sup>51</sup>. Nesta temática existe uma ampla gama de conhecimentos e abordagens psicológicas, religiosas, místicas, estéticas, pessoais e até coletivas. Não há como abordá-las todas; alguns aspectos mais periféricos permaneceram intocados. Sob este ponto de vista metodológico, elegeu-se formular proposições sucintas, em diversos aspectos, o que nos ajudou a envolver um número maior de questões que exigem a nossa atenção, assim como evitar o impulso de dar respostas definitivas que se limitam sempre a um determinado ponto de vista. Os documentos usados para esta (re)construção mental do passado foram submetidos a pontos de vista díspares, no sentido de produzir uma multiplicidade de olhares – até paradoxais, às vezes. As próprias fontes numinosas (textuais, iconográficas, literárias, κτλ.) são contraditórias. Não poucas vezes, dão-

---

<sup>51</sup> A Bíblia provocou um círculo literário ao seu entorno, fato que é reconhecido hoje por ser o único livro declarado Patrimônio da Humanidade, o mais vendido no mundo. Além de o mais lido, certamente, também o mais citado e estudado em trabalhos científicos e ensaísticos. Traduzido completamente ou em porções para mais de 2287 línguas e dialetos diferentes, talvez por isso o identifiquemos apenas como “o Livro”, ou precisamente, o coletivo n. pl. gr. “os Livros” – τὰ βιβλία, que pelo latim vulgar restou-nos chamado pelo sg. – a Bíblia. Judeus e cristãos o têm como sagrado por crerem que tenha sido revelado por Deus e até ateus e incrédulos leem estes escritos, alguns com mais de 3000 anos, com admiração e respeito. Muito da grande literatura clássica mundial tem sua construção imagética nestes textos. Aqui no Brasil, é comum mesmo em casas de descrentes, ver-se a Bíblia aberta num atril, em algum lugar de destaque na sala principal da casa, numa forma de trato especial, como se outros livros carecessem disso. Sem falar dos nomes bíblicos dados a maioria das crianças mundo a fora, das edições cinza colocadas nas mesinhas de cabeceira dos hotéis, presídios, organizações militares, κτλ. O texto bíblico contém todos os gêneros literários: poesia, narrações históricas, contos, hinos, provérbios, profecias, orações, κτλ. com o melhor dos ingredientes da grande literatura mundial: violência, erotismo, intriga, humor, denúncia, mistério, curiosidades, κτλ. Acrescido ainda, das especulações, no suposto “código secreto matemático do texto hebraico”, que, segundo alguns têm tentado demonstrar com ajuda de poderosos computadores, apontaria para a previsão de eventos futuros. Mentes brilhantes deram os melhores anos das suas vidas nesta mesma busca: e.g. Isaac Newton, Miquèl de Nostradama, Leonardo da Vinci, κτλ.

nos várias representações, mas que foram mantidas cativas aos pressupostos epistemológicos anunciados aqui. E com o apropriado cruzamento de informes interdisciplinares provindos da história das religiões (especialmente, a história do cristianismo), da linguística, antropologia, psicologia, literatura, arqueologia e até numismática (nos casos de menção a valores). Isto posto, para que de alguma forma o (re)construir se dê o mais sustentável possível – dentro da delimitação e limitação da pesquisa – do discurso ideológico incômodo que *AtsPe* suscitou na Antiguidade (e também na atualidade).

Por opção metodológica, foi trabalhado com exaustão o modelo canônico, seu *sitz im leben*, sua cultura vivencial, história, forma, estilo, sintaxe e outras variáveis sutis que podem implicar numa tradução. Os *AtsAp*, particularmente o *AtsPe*, que foram denominados de “apócrifos” pelo seu conteúdo, forma e pela disputa da paternidade apostólica, invariavelmente, devem ser remetidos ao cotejo com os modelos canônicos. Qualquer escrito é depositário de alguma tradição literária ou textual e a exemplar, em maior ou menor grau de originalidade – *Atos de Pedro* não é exceção.

Além disso, esta tese está dividida em quatro capítulos, tematicamente sequenciais, de modo que no Capítulo IV se possa acompanhar, com certo grau de naturalidade, a tradução de *AtsPe*. Pelo fato de ter sido legado da Antiguidade e fragmentado em três idiomas, o desafio da distância temporal é potencializado pelas demandas multilinguísticas, pluriculturais, κτλ, que eleva a complexidade para a visão contígua do texto na sua leitura.

Os Capítulos I, II e III prévios pretendem aplainar esta leitura que está composta de uma larga passagem em porção em copta Sahídico; mais duas porções latinas menores e outra bastante vasta em latim “bárbaro”; além de uma quinta e extensa porção em grego κοινή, língua original, conforme aqui professado. Estas quatro primeiras, traduções de um original grego perdido, cujo procedimento tradutório aqui caminhou de contínuo na tentativa de reconstrução do texto na Antiguidade. Um número substancial de notas de aparato crítico e comentários evidencia este esforço.

Estes capítulos precedentes à tradução, particularmente o Capítulo I, formam um introyto à tradução do *AtsPe*. Neste, apresentamos uma (re)visão da riqueza crítica que revolve a obra, como problemas e tendências relativas à gênese da literatura cristã, definição de conceitos operatórios e critérios de análise, transmissão e recepção do texto na ainda na Antiguidade, revisão datal, identidade autoral, questões de gênero

literário e estrutura narrativa; além de algumas generalidades necessárias ao início deste estudo.

O Capítulo II, contém um exame, além dos estudos mais recentes, apontamentos que, mesmo sendo seculares, constituem uma valiosa fonte argumentativa à ensaística sobre Pedro na atualidade. Portanto, propõe-se um ensaio interpretativo da obra de Pedro, a partir da tricotomia das perspectivas de leitura tal como situadas por Eco<sup>52</sup>, quais sejam, *intentio auctoris*, *intentio operis* e *intentio lectoris*: (i) *auctoris*, uma coletânea das referências biográficas de Pedro provindas da Antiguidade. Embora esteja bastante sedimentado, na crítica literária, o caráter imanente desta obra, um resgate dos testemunhos biográficos sobre apóstolo que abalizaram a recepção dos *AtsPe* será vital, até mesmo para podermos propor algumas reavaliações; (ii) *operis*, tem lugar uma releitura dessa riqueza biográfica tradicional, visando uma interpretação da obra não apenas através de testemunhos históricos mas, principalmente, através do conteúdo e forma expressa pela própria obra; (iii) derradeiramente, *lectoris*, um cenário da recepção de Pedro nas literaturas de expressão lusófona, que constitui da análise das citações de Pedro em português. Este capítulo também está dedicado às questões tradutórias, entre elas: as decorrências advindas de um texto legado via tradição oral, constitutivos literários resultantes de uma síntese de línguas no ambiente minorasiático-palestiniano, a distância temporal de uma língua clássica e as acepções de ‘Equivalência Dinâmica’, ‘movimento hermenêutico’, ‘alteridade’, ‘estrangeirização’, ‘etnocentrismo’, ‘fidelidade’ e ‘transparência’. Por fim, suscitando discussões entre a Teoria da Pragmática e a tradutologia de textos apócrifo-cristãos.

O Capítulo III nos fornece uma noção abrangente da questão da estratigrafia textual e das linguagens copto-greco-latina, bem como a inter-relação entre o escrito sensível e os critérios de análise de historicidade e “não-historidade”. Também, expõe a problematização das demandas de linguagem; igualmente, a questão da língua original dos diversos fragmentos. Finaliza com a análise das formas, subgêneros e a *intentio operis*; e mais detidamente, no aparato crítico de *AtsPe*, versões, textos e local de composição.

Outras demandas metodológicas práticas desta pesquisa:

(i) Identificar o tipo de linguagem e recorte de língua empregado nos manuscritos (edições críticas em cotejo com fac-símiles),

---

<sup>52</sup> ECO, Umberto. *Os Limites da Interpretação*. Lisboa: Difel, 1992, pp.29-31.



particularmente, para a tentativa de ‘re-construção’ do grego κοινή (língua original) cujos rastros estão presentes nas largas porções legadas através de traduções<sup>53</sup>, notório pressuposto de qualquer tradução, se revela tarefa bastante complexa ao se tratar dos escritos apócrifos gnóstico-cristãos e tem espaço no Capítulo III, que expande esta discussão. Entre os tópicos estão: a noção abrangente da estratificação textual e das linguagens, os critérios de análise como ‘historicidade’ e ‘não-historicidade’, a problematização das traduções da Antiguidade com a língua original da obra, análise das formas subgêneros, aparato crítico, textos e versões, bem como o possível local de composição. Embora tenha havido um preparo prévio e amadurecido nas línguas e culturas grega, latina e hebraica (algum do aramaico), a detida revisão do léxico especializado do gnosticismo e constante aprimoramento da língua copta continuaram sendo desafios imediatos durante o interregno da pesquisa, que foram supridos com o estudo individual mediante consulta a especialistas.

(ii) A metodologia passou pela elaboração dos procedimentos técnicos da tradução à luz das teorizações nas manifestações tradutórias de Schleiermacher, Nida, Berman, Venuti e Gutt. Tal esforço certamente aliviou a tensão entre *tradução livre* e *literal* e cuja eleição da metodologia “passaria a ser informada pela teoria das funções da linguagem, pelo tipo de texto e pela finalidade da tradução”.<sup>54</sup> É um programa de tradução, ou seja, uma *interpretatio* tanto na sua acepção tradutória, quanto na hermenêutica, fruto da exegese do documento original e da revisão crítica da tradição de Pedro em língua portuguesa. A tradução é uma procura, *search*<sup>55</sup>. Sob esse prisma, toda tradução requer um programa, mesmo que não explicitamente declarado, a fim de garantir sua coerência interna e, atendendo ao requerimento das afinidades, de desvelar a construção de sua pretensa paridade.

---

<sup>53</sup> Os termos principais não são apenas escorregadios: eles estão muito claramente marcados por uma dupla acusação, moral e pragmática, o que pode tornar muito forçoso o uso neutro, onde há de se obedecer ao “movimento hermenêutico”, o ato de extração e transferência apropriadora do significado, em seus estágios cf STEINER. 2005, *op.cit.*, pp.317ss.

<sup>54</sup> BARBOSA, Heloisa Gonçalves. *Procedimentos Técnicos da Tradução – Uma nova proposta*. Campinas: Pontes, 1990, p.111.

<sup>55</sup> “*Translation is a search for an equivalent, not for a substitute. It requires stylistic, if not psychological congeniality*”, cf BRODSKY, Joseph. *Quase uma elegia*. Rio de Janeiro: Sete Letras, 1996, p.140.

(iii) Houve um labor na tentativa de identificação das organizações como fontes de dados e pessoas que desenvolvem trabalhos coordenados e estruturados em torno dos textos apócrifos. Outra vez, para a pesquisa em curso, fez-se uso além dos materiais especializados, de um rol de obras de referência, *thesaurus*, guias enciclopédicos da literatura patrística. Note-se que para contextualização e tradução de *AtsPe* fez necessário alcançar a *literatura cinzenta*<sup>56</sup>, tendo em vista à formação de um aceitável banco de dados. Gestão junto às bibliotecas para o acesso aos documentos foi o componente mais difícil, pois se tratam de livros e materiais bastante antigos, muitos “semipublicados” e não facilmente encontrados. Sem a assistência de pessoas especializadas seria quase impossível.

Ainda o Capítulo I mencionará mais detidamente o quanto os textos dos *AtsAp* representam, de alguma forma, uma injustiça histórico-literário-teológica, considerando a total carência de traduções e pesquisas lusófonas. Juntamente, para melhor ilustrar a rica iconografia cuja tradição procede de tais textos, exemplificarei com algumas poucas imagens colocadas nas divisões dos capítulos. Há um riquíssimo acervo neste sentido. Do ponto de vista iconográfico cristão da Antiguidade, Pedro, o apóstolo, é sem dúvida o personagem mais representado – não seria adequado abrir mão destas pistas. Para além das descrições numéricas das vezes que aparece retratado, informações estatísticas certamente úteis, a descrição fisionômica dará características que o distinguirão nos séculos posteriores, como “cabelos crespos, testa larga, barba curta”<sup>57</sup> e que se povoarão o repertório figurativo de cunho cristão.

Entre os motes, estabeleceu-se realizar uma tradução e comentário crítico do *Atos de Pedro* de acordo com o seguinte enquadramento: (i) tradução dupla coluna, bilíngue (*gr.*, *cop.* e/ou *lat.* → *pt.*); (ii) edições críticas, traduções que existem, pesquisas em curso, κτλ; (iii) a questão da unidade de *Atos de Pedro*; (iv) ideário teológico; (v) caráter de *AtsPe*; (vi) tipologia dos personagens; (vii) o problema das fontes primárias (utilização da Bíblia, romance grego, outras fontes e intertextualidades); (viii) questão da língua original (como sabemos se é tradução ou original?); (ix) o escopo deste texto; (x) lugar possível da composição;

---

<sup>56</sup> Tradução literal de *grey literature*, usado para designar documentos não convencionais e semipublicados bastante utilizada nesta área dos estudos cristãos antigos. Designa documentos que têm pouca probabilidade de serem adquiridos através dos canais usuais de publicação. Contrapõe o que caracteriza os documentos convencionais ou formais, ou seja, a *literatura branca*.

<sup>57</sup> DPAC-pt. *op.cit.*, p.1127.

(xi) valor histórico; (xii) legenda posterior; e (xiii) a ligação com outros textos de Pedro, Ps-Clemens, κτλ. E ao final, uma singela indaga: Que Pedro surge destes escritos? Seria o Pedro do relato canônico?<sup>58</sup> Dito de outra forma, buscar delinear a figura do protagonista dessa obra, traçando paralelos, contrastes, pontos convergentes e divergentes com as várias imagens de Pedro segundo as outras fontes documentais cristãs. Esta obra “apócrifa” – *Atos de Pedro*, é aqui antes entendida na forma mais antiga<sup>59</sup> do que em reelaborações posteriores<sup>60</sup>, e está composta por fragmentos, todos em edição crítica. Serão utilizadas, como ponto de partida, as edições críticas de Vouaux<sup>61</sup>, Schmidt<sup>62</sup> e Bruyne<sup>63</sup> em cotejo com os fac-símiles e outros com textos afins, como *Atos de Pedro e os Doze Apóstolos*, em grego, da Biblioteca Nag Hammadi.

Recorreu-se sempre que foi possível às fontes primárias, inclusive fac-símiles, em grego, latim, copta (hebraico e aramaico em alguma ocasião) para o melhor aprofundamento da questão. Em textos, como *AtsPe* cuja crítica textual não está suficientemente assentada, pode significar grande ajuda na *interpretatio*, o cuidado comparativo das edições e traduções em cotejo com elementos textuais mais antigos.

---

<sup>58</sup> Será usado também algumas intertextualidades e menções: de um largo frg. *O Evangelho de Pedro* editado por BURIANT, Urbain. *Fragments du livre d'Enoch et...* Paris: 1892, pp.137-42; de algumas citações da *Pregação de Pedro* editado por SCHNEEMELCHER, Wilhelm. Citações da *Verkündigung von Peter* (editada) – in: *Neutestamentliche Apokryphen*. Tübingen: Mohr-Siebeck, 1987, pp.61-3, e um *Apocalipse* do mesmo apóstolo em JAMES, Montague Rhode. Rh. *The apocryphal New Testament*. Oxford: Claredon Press, 1924, pp.505ss, revisada em 1997 por ELLIOT, J. K. *Apocalypse of Peter* (1924). – in: *The Apocryphal New Testament*. Oxford: Claredon Press, 1997.

<sup>59</sup> Esta recensão primitiva foi utilizada nos escritos do Ps-Clemens no início do séc. III: a forma definitiva está contida nos *Atos de Pedro* latino de Vercelli, séc. IV.

<sup>60</sup> PIÑERO, Antonio. *Hechos apócrifos de los apóstoles...* – in: BAC. Madrid: Trotta, 2004, p.486ss.

<sup>61</sup> VOUAUX, Léon. *Les Actes de Pierre. Introduction, Textes, Traduction et commentaries*. Paris: Librairie Letouzey et Ané, 1922, pp.1-483.

<sup>62</sup> SCHMIDT, Carl Reinhard. *Die alten Petrusakten im Zusammenhang der apokryphen Apostelliteratur, nebst einem neuentdeckten Fragment untersucht*. – in: TU 9.1. Leipzig: Hinrichs, 1903. Também – in: TU 24.1. Leipzig: Hinrichs, 1923.

<sup>63</sup> BRUYNE, Donatien de. *Nouveaux fragments des Actes de Pierre, de Paul, de Jean, d'André et de l'Apocalypse d'Elie*. – in: *Revue Bénédictine*. t.XXV. 1908, pp.149-60.

Também outro esforço se dirige a evitar a ‘imaginação criativa’ na leitura de uma época, língua e lugar tão particulares, bem como a transposição de modelos interpretativos anacrônicos e aplicações que atendem a outras épocas.

Evitou-se passar muito próximo de variantes-dogmas, que ao se apropriarem de certos resultados da pesquisa laboram como inibentes do juízo lógico-histórico. Neste mesmo propósito, houve um empenho ao de distanciar-se da demanda teológico-religiosa sempre que possível.<sup>64</sup>

No início desta tese segue uma lista de abreviaturas por categorias. Nas páginas finais, por fim, um Glossário preparado para o leitor aprofundar-se na natureza desta literatura.

---

<sup>64</sup> Isto porque o comprometimento empenhado nesta tese será o de evitar uma superficialidade ingênua (típica da dogmática religiosa diversa). Assim visto, para não escamotear determinadas circunstâncias literário-teológicas que espantam pelo seu frequente rebrote. Também de distinguir a obstinação de certos fundamentalismos religiosos já sedimentados e de, igualmente, entender que a hermenêutica desta literatura ‘sensível’ e das questões da sua própria tradução ‘oscila de um lado para o outro’. Mesmo assim, é instigante estar aberto a uma nova perspectiva acerca das questões da tradução de textos produzidos no período subapostólico no contexto dos cristianismos nascentes (deuterocanônicos, apócrifos, apócrifo-gnósticos, judaico-cristãos, κτλ).

A marble statue of Saint Peter, standing in front of a classical building facade. The statue is depicted from the waist up, wearing a long, draped robe. He has a full, curly beard and hair. In his right hand, he holds a set of keys. The background shows a stone wall with a window and architectural details like columns and a balcony.

CAPÍTULO I  
ENQUADRAMENTO TEÓRICO DA LITERATURA DOS ATOS



## CAPÍTULO I

---

### ENQUADRAMENTO TEÓRICO DA LITERATURA DOS ATOS

*Todo ponto de vista é apenas a vista de um ponto.*  
(Leonardo Boff, 2008)

A literatura cristã, desde os tempos apostólicos, apresentou-se miscigenada com filosofias e sistemas de ideias do ambiente sociocultural. Entre elas, a gnose<sup>65</sup> – ou bem melhor, as gnosés. A produção literária das comunidades joaninas e paulinas (de Colossas, *e.g.*) retratam esse embate entre fé e cultura. E se não fora um monge egípcio anônimo na Antiguidade que, no século IV, por pouco livrou do fogo e escondeu seus livros em jarros, não teria sido possível o grande achado de 1945 – a biblioteca gnóstica (não totalmente)<sup>66</sup>, em Nag Hammadi, Alto Egito<sup>67</sup>. Esta coleção de venerável antiguidade nos permite hoje

---

<sup>65</sup> Para LAYTON. *op.cit.*, p.8, o gnosticismo foi uma corrente de pensamento que influenciou o cristianismo emergente (120 a 240 d.C.) e se estendeu até o séc. III em várias ramificações, na Palestina, Ásia Menor, Egito, Síria, Arábia, Pérsia e Roma. Valentino, um teólogo do séc. II, tornou-se notório na influência dos gnósticos e divulgação do pensamento gnóstico em suas obras. Nos anos 381, quando o imperador Teodósio I reconheceu oficialmente um único ramo do cristianismo como *ortodoxia* católica, os gnósticos e outros tantos grupos considerados “heréticos” foram perseguidos, aniquilados e sua literatura banida.

<sup>66</sup> Temos um trecho de Platão – *A República* (588A-589B), outro de *Sentenças de Sextus* (XII,I; da filosofia) e de *Ensinamentos de Silvano* (*cf* DPAC é VII,3 (*sic*), correto é VII,4), exemplar da literatura sapiencial cristã. Há uma grande probabilidade de ter vindo do ambiente monástico pamociano; DPAC-*pt. op.cit.*, pp.972-3 *et alii*.

<sup>67</sup> As areias quentes e extremamente secas, têm se mostrado, mais uma vez, um local privilegiado de preservação de importante quantidade de documentos antigos para a era moderna. Nos arredores de Nag Hammadi ficava o mosteiro de São Pacômio, de onde, provavelmente, veio a urna de argila que foi enterrada num antigo cemitério romano desativado, no penhasco de Djebel El-Tarif. Com Constantino, em 325, começa a ordem aos bispos para exterminação de todos estes textos. O bispo Atanásio (de Alexandria) a intensifica em 367. Certamente, sem saberem o tesouro que tinham nas mãos para a reconstrução histórica do cristianismo, os monges das margens do Nilo, fizeram a opção por não queimá-los. Discute-se a datação, mas alguns destes *codices* têm

demarcar melhor o cristianismo<sup>68</sup> reinterpretado por esse modo particular de ver Deus, os homens e o κόσμος. Moraldi concatena esta demanda:

Depois da descoberta da literatura apócrifa, alguns estudiosos apresentaram a hipótese segundo a qual uma parte da literatura apócrifa do Novo Testamento seria superior aos livros canônicos, e os evangelhos apócrifos mais antigos seriam inspiradores dos evangelhos canônicos. Uma reação, talvez excessivamente violenta, contra essa posição teve, ao menos em parte, o efeito de desprezar toda a literatura apócrifa. Hoje se verifica a volta de uma posição mais equilibrada.<sup>69</sup>

Nenhum estudante dessa literatura ignora a existência do apócrifo *Evangelho de Tomé*<sup>70</sup>, valioso testemunho sobre a transmissão das palavras de Jesus fora dos relatos evangélicocanônicos. E, não obstante, transpostos cinquenta anos do descobrimento da mais importante biblioteca de textos gnósticos, de onde deriva este evangelho, ainda não existe tradução completa da coleção para o português<sup>71</sup>. Dos 52 livros,

---

datas entre 50-180, anterior a Ειρηναῖος (Irinæus, de Lyon), com alguma segurança na afirmação cf DPAC-pt. *ibid.*

<sup>68</sup> Abdicaremos do termo pl. defendido no *exordium* desta tese para não ser recursivo em excesso, já que o termo *cristianismo* é sedimentado em *pt.*, mas em momento algum fecharemos os olhos para a ideia de cristianismo = *cristianismos*; em *it.* o usaremos apenas quando quisermos dar ênfase à ideia.

<sup>69</sup> MORALDI, Luigi. *Evangelhos Apócrifos*. São Paulo: Paulus, 2008, pp.30-1.

<sup>70</sup> Deste *Evangelho de Tomé* até pouco tempo tínhamos notícias somente através dos Pais da Igreja. Quando ocorreu a descoberta de Nag Hammadi, encontrou-se uma versão *cop.* de boa qualidade. Apresenta uma coletânea de 114 ditos – λόγια sem uma rígida estrutura textual em forma de resposta a comentários e perguntas de discípulos. A cada dia a crítica textual vem atribuindo valor a este texto e a sua independência frente aos outros Evangelhos, chamados *canônicos*. No texto “maior que João” vê-se a intertextualidade e a bem aceita teoria da antecedência do *Evangelho de Tomé* (46) como fonte para o *Evangelho das Sentenças Q* (*Quelle* – não chegou até nós) segura fonte dos Evangelhos *canônicos* de Lucas e Mateus (Lc 7.28 = Mt 11.11).

<sup>71</sup> A tradução de Bentley LAYTON para o português trata-se de uma re-tradução do inglês sem os textos originais em dupla coluna, o que impossibilita qualquer análise mais crítica. Tal re-tradução é um comentário informativo e



disponemos apenas de capítulos ou partes inseridas em outras obras com fim ilustrativo<sup>72</sup>. Esta coleção e outros textos gnósticos<sup>73</sup> não tiveram a mesma sorte que os manuscritos de *Qumran*, ultimamente já bem conhecidos do grande público lusófono. Já não se faz imperioso relevar o subsídio que os manuscritos do mar Morto representam para o entendimento do mundo judaico na época do advento da era cristã<sup>74</sup>. Tal mote é apontado, a nível mundial, por Kuntzmann, R.<sup>75</sup>, Dubois, J.-D.<sup>76</sup>, Altaner, B e Stuiber, A.<sup>77</sup>, Drobner, H. R.<sup>78</sup>, somente para aludir alguns poucos *experts*.

---

introdutório, como afirma o autor: “Todas as traduções foram feitas por mim [para inglês] (...)”.

<sup>72</sup> A tradução portuguesa da *Nag Hammadi Library in English*, por E. J. BRILL, passou por profundas e sucessivas revisões em inglês (1977→1984→1988). Em *pt.* (1996) saiu como retradução a partir do inglês e não do copta. A *Biblioteca Nag Hammadi*, é recebida com bastante restrição tanto na versão inglesa, quanto mais na portuguesa. Trata-se de um livro informativo, de caráter mais comercial.

<sup>73</sup> Com Nag Hammadi surgiu uma súbita abundância de manuscritos que reacenderam estudos e traduções de outros textos gnósticos e, especialmente, para o francês, alemão, italiano e inglês – muitas não concluídas inteiramente. Nos EUA, a grande equipe de S. M. ROBISSON publicou alguns vols. na coleção *Nag Hammadi Studies*. Na Alemanha, sob a direção de H. M. Schenke, Berlim, foram publicados diversos trabalhos no jornal *Theologische Literaturzeitung*. Na Universidade de Laval de Quebec, Canadá, a equipe francófona de J.-E.MÉNARD, de Estraburgo e, atualmente, sob a direção de P.-H. Poirier, Quebec, já publicou 15 quinze vols. de textos e comentários na coleção *Bibliothèque Copte de Nag Hammadi*, pela Peeters, Lovaina. Por fim, M. TARDIEU, na 5ª. Seção da Escola Prática de Estudos Superiores de Paris, lançou a coleção *Sources Gnostiques et Manichéennes*, cujo primeiro volume publicou o *Codex de Berlin*.

<sup>74</sup> THEISSEN, Gerd. *Sociologia da Cristandade Primitiva*. São Leopoldo: Sinodal, 1987, p.127.

<sup>75</sup> KUNTZMANN, Raymond. *Nag Hammadi – O Evangelho de Tomé*. São Paulo: Paulus, 2005, p.10; da Faculdade de Teologia Católica da Universidade de Estrasburgo.

<sup>76</sup> *loc. cit.* DUBOIS, J.-D., do Instituto Protestante de Teologia de Paris.

<sup>77</sup> ALTANER, Berthold. Da referencial obra alemã: *Patrologia: Vida, Obras e Doutrina dos Padres da Igreja*. São Paulo: Paulinas, 1988/2004, pp.108ss.

<sup>78</sup> DROBNER, Hubertus R. *Manual de Patrologia*. Petrópolis: Vozes, 2003, pp.110ss; da Faculdade Teológica de Paderborn e Institutum Patristicum Augustinianum de Roma.

Os róis gnósticos, na sua teia mais ampla – Nag Hammadi *et alii*, revelaram um conjunto de manuscritos de importância literário-histórica análoga aos de *Qumran* para a história dos séculos primos da literatura cristã. Deste modo, é preciso tratar dos textos com olhos de historiador da Igreja antiga, da filosofia e da sociologia da religião da Antiguidade tardia, do que com métodos dos exegetas da Bíblia. Isto por que, esta literatura nos permite desvendar a heterogeneidade e aumenta a reflexão sobre nascente cristianismo.

Outra demanda, trata da ocorrência de uma série literária em torno de Pedro, o apóstolo, que ocupa posição proeminente nos Evangelhos e na comunidade primitiva. A insuficiência de notícias acerca dele na segunda parte do *Atos* canônico, deve ter sido a mola propulsora para o ideário de diferentes escritos a volta da sua figura<sup>79</sup>. Pode-se perceber, existia uma autêntica “série literária petrina” que conjecturamos bem mais ampla do que aquela a nós legada. Já a partir do ano 100 aparecem textos que tinham a pretensão de completar a narração da doutrina, ações e vicissitudes do apóstolo.

A tradução do apócrifo-gnóstico *Atos de Pedro* para o português e sua análise literária, resta no final, numa inquirição de como é visto Pedro, o apóstolo. Por outro, a questão relevante e peculiar: Pedro, mirado a partir de fontes gnósticas, contribuirá diretamente para a pesquisa científica na área. A pergunta que ficou para parte final e conclusiva é: que Pedro surge destes textos? É o Pedro canônico? Teria um pesquisador lusófono condições de elaborar tais questões sem traduções ou ficaria *in æternum* refém dos comentários? Ademais, a inclinação por uma hermenêutica esotérica e elitista da Bíblia e de outros livros sagrados continua atual. Por isso, o resultado final poderá se constituir em mais um dos instrumentos críticos a serviço de todos aqueles que têm de se defrontar com a literatura das gnoses modernas.

Ao mesmo tempo, entre os movimentos que a Igreja dos séculos II-III teve que enfrentar, o mais poderoso e ameaçador – por causa do deslumbre da sua pregação – se autodenominava γνῶσις (gnose = conhecimento de modo profundo) e se apresentava em múltiplos sistemas (docetas, encratistas, *et alii*<sup>80</sup>), muito dessemelhantes entre si em seus detalhes. Tratava-se fundamentalmente de uma economia da salvação que cresceu lado a lado, dentro do cristianismo e agrupava subsídios mais

---

<sup>79</sup> At 1ss; Gal 1,18.

<sup>80</sup> Setianos, barbeloítas, barbelognósticos, borboritas, ofianos ou ofitas, codianos, fibionitas, nicolaítas, estratióticos, secundianos, gnósticos arcônicos *et alii*.

antigos. Seu interesse principal era explicar o mal no mundo, a situação do homem nele e a possibilidade de sua salvação. Não se objetiva, nesta tese, delinear os caracteres essenciais dos numerosos e ramificados sistemas gnósticos (seria um estudo à parte), mas assinalar que hoje ainda torna-se difícil uma pesquisa mais aprofundada, por causa da carência de fontes em português, conforme Layton:

A doutrina cristã ortodoxa do mundo antigo – e, portanto, da Igreja moderna – era em parte concebida como sendo o que as escrituras gnósticas NÃO eram. Por essa razão, o conhecimento da escritura gnóstica é indispensável para quem quer que deseje compreender as raízes históricas da teologia e da fé cristã. Mais ainda, o mito gnóstico se desenvolveu em íntimo diálogo – embora freqüentemente (*sic*) hostil – com o ensino judaico da sinagoga de língua grega. Assim, as escrituras gnósticas não podem deixar de aumentar, embora obliquamente, nosso conhecimento dos alicerces do judaísmo clássico. (grifo do autor)<sup>81</sup>

Considerando que os apócrifos gnósticos foram o evento propulsor para a demarcação dos escritos sagrados do cristianismo e que a gnose representava uma ameaça existencial à Igreja antiga, compreende-se que esta impedisse quase inteiramente a transmissão da literatura gnóstica<sup>82</sup>, de tal modo que até meados do século XX se conhecia pouco mais do que aquilo que noticiam os escritos antagônicos dos Pais da Igreja: Ειρηναῖος (Irinæus, de Lyon, ca.130-†202), Ἰππόλυτος (Hyppolitus, de Roma, 170-†235), Titus Flavius Clemens (de Alexandria, c<sup>a</sup>.150-†215), Quintus Septimus Florens Tertullianus (de Roma, ou de Cartago, c<sup>a</sup>.155-†c<sup>a</sup>.212), Epiphanius (de Salamina, 315-†403)<sup>83</sup> et alii – propensos a falsificar

---

<sup>81</sup> LAYTON. *op.cit.*, p.XI.

<sup>82</sup> A literatura gnóstica nunca foi organizada na forma de cânone como os de origem cristã ou os de origem judaica (veterotestamentários), cf LAYTON, *ibid.*

<sup>83</sup> Erudito, bispo de Constância, Chipre, faleceu num naufrágio em 12 de abril de 403. Tinha reputação de firme defensor da ortodoxia, cf DPAC-pt., p.478. Nasceu na Palestina e falava hebreu, latim, egípcio antigo, grego antigo e siríaco, a quem Hieronymus conferiu o título de *Pentaglossis*. Sua obra maior foi Πανάριον (= Baú de Remédios) mais conhecida como *Adversus Hæreses* (= *Contra Heresias*). A obra Περί μέτρων καί στάθμων (1<sup>a</sup>. parte trata do Cânon; na 2<sup>a</sup>. sobre medidas e geografia da Palestina; parece inacabada) tornou-se

consciente ou inconscientemente os dados por causa da sua disposição antagonista<sup>84</sup>. Ao focar as pesquisas sobre o NT, em que os movimentos gnósticos podem ajudar a compreender os textos neotestamentários? Se a gnose é comprovada histórica e literariamente, sobretudo no que se refere ao período que vai dos séculos II-IV, o que ela tem a ver com a interpretação do NT? Como produzir estudos significativos em português se ainda não há traduções de importantes textos? Altaner e Stuiber asseveram que:

No decurso do séc. II, a literatura gnóstica ultrapassou largamente a literatura eclesiástica [= canônica], em extensão e forma. Todavia, com exceção de apócrifos neotestamentários e alguns outros fragmentos, quase todos os escritos gnósticos se haviam perdido, até a recuperação de parte notável deles, graças às descobertas de tradições coptas.<sup>85</sup>

O simples arrazoar sobre a gnose e o NT, em si mesmo, já propõe um problema: de que gnose estamos falando? É importante suspeitarmos dos anacronismos<sup>86</sup>, sem ficar imaginando que os sistemas do século II,

---

famosa, onde trata dos 80 remédios para os que são picados pela serpente da heresia baseado na interpretação alegórica de Ct 6,8-9:

8<sup>BJ</sup> *Sessenta são as rainhas, e oitenta, as concubinas, e as virgens, sem número.*  
 מְלָכוֹת וְשִׁמְנֵים עֶשְׂרִים וְעַלְמוֹת אֵין מִסְפָּר:  
 9<sup>BJ</sup> *Mas uma é a minha pomba, a minha imaculada, a única de sua mãe e a mais querida daquela que a deu à luz; vendoa, as filhas lhe chamarão bem-aventurada, as rainhas e as concubinas a louvarão.*  
 הִיא יְוֹנֵתִי תְּמִימָה אֶתֶת הִיא לְאִמָּהּ בְּרַת הִיא לְיוֹלְדֶתָהּ רְאוּתָהּ  
 בְּנוֹת יְוֹאֲשֵׁרָהּ מְלָכוֹת וּפִילְגָשִׁים וַיְהַלְלוּהָ: ס

Compôs também muitas *Homilias*. É importante fonte dos *Ev.(s)* judaicos como o *Ev. dos Hebreus*, *Ev. dos Ebionitas*, κτλ. Viajou e entrevistou em muitas regiões, teve muitas polêmicas com Ὠριγένης (= Orígenes Adamantius), Ἰωάννης ὁ Χρυσόστομος (= João Crisóstomo), κτλ. Sua fama e importância como heresiólogo permaneceu indiscutida pela Idade Média até o Renascimento.

<sup>84</sup> A maioria destas obras que chega até nós ou é cristã ou cristianizada, LAYTON. *op.cit.*, p.XI.

<sup>85</sup> ALTANER; STUIBER. *op.cit.*, p.108.

<sup>86</sup> Se pegarmos o quadro cronológico do NT, cf BÍBLIA DE JERUSALÉM (ed. nova, rev.). 1985, pp.2345-8, a maior parte dos textos

hoje em dia bem conhecidos, já existiam desde o século I sob esta forma, na época em que os Evangelhos foram redigidos ou as comunidades paulinas liam a primeira coleção das epístolas. Os exegetas habitualmente desviam-se deste impasse nas pesquisas, hoje um tanto superado. Em poucas palavras, basta remontar no tempo para deparar-se com as raízes da gnose (bem difundida) do século II, recaindo em ambientes contemporâneos das primeiras comunidades cristãs de que falam as epístolas de Paulo ou os *Atos* canônicos. Chegou-se a falar de “protognose”, uma espécie de gnose pré-cristã.<sup>87</sup>

Quando se descobriu Nag Hammadi com códices, alguns muito bem conservados e outros completos – datando do século IV, principalmente, greco-gnósticos em tradução copta, iniciou-se uma pesquisa de grande porte. O trabalho prosperou com edições críticas, traduções e avaliação científica dos textos, mas o processo não está concluído<sup>88</sup>. Em língua portuguesa tal trabalho é bastante incipiente. Estes escritos tiveram um significado ímpar por ser a mais profunda e a primeira vez que se teve acesso ao gnosticismo, baseado em suas próprias fontes e, entre outras coisas, por confirmarem a confiabilidade de Εἰρηναῖος (= Irinæus, de Lyon)<sup>89</sup> e de alguns *frgg. gr.* dos mesmos textos mais antigos. Também autenticaram textos latinos como *Actus Vercellenses* (parte latina de *AtsPe*)<sup>90</sup>.

Tais descobertas trouxeram à luz obras gnósticas tanto cristãs como não-cristãs e, em ambos os casos, devemos supor influências recíprocas: escritos pagãos foram cristianizados e escritos cristãos foram paganizados ou repaganizados. Há uma contestação em curso acerca da

---

neotestamentários é datada habitualmente da segunda metade do séc. I. Mesmo discutindo-se uma ou outra das datas propostas para escritos do NT, hoje já não se pode datar os textos em meados do séc. II; ou, pior, datam-se em fins do séc. II, e.g. época do florescente desenvolvimento das escolas valentinianas.

<sup>87</sup> Segundo o panorama bastante conservador de YAMAUCHI, Edwin M. *Pre-Christian Gnosticism*. London: Tyndale Press, 1973.

<sup>88</sup> “As encadernações desses códices constituem acontecimento histórico incontestável...” KUNTZMANN. *op.cit.*, pp.13ss: elas representam as mais antigas e conhecidas encadernações da história do livro que contém *frgg.* de papiros dos anos 341 a 348 (cartonagem do *Codice VII*) conforme BARNS, John Wintour Baldwin; BROWNE, Gerald M.; SHELTON, John Christian (eds.). *Nag Hammadi Codices: Greek and Coptic Papyri from Cartonnage of the Covers*. Leiden: Brill, 1981, p.16.

<sup>89</sup> Em *gr.* Εἰρηναῖος (= pacífico), também conhecido como Irinæus, de Lyon, em *lat.*

<sup>90</sup> PIÑERO. 2004, *op.cit.*, p.487.

autenticidade e historicidade. Existe quem acastele os apócrifos e há quem elege afiançar que eles nada acrescentam aos textos canônicos. A questão é: em que esses textos podem nos ajudar a compreender a literatura do cristianismo nascente? Eles têm algo de novo a nos dizer do ponto de vista interpretativo sobre pessoas, *e.g.* Pedro? Agregam valor histórias apócrifas de pessoas notáveis como Pedro? Estas serão questões a serem respondidas, mais precisamente, pela tradução e análise literária mais adiante. No entanto, uma pesquisa prévia apontou pistas para validar tais iniciativas.

Os apócrifos do NT, muitos dos quais, preciosidades que não adentraram no cânon, podem e precisam ser apreciados do mesmo modo como fala alternativa de grupos, hoje, catalogados “heréticos” (= que apenas pensam de modo diferente). Se neles não há “verdades incondicionais”, ou mesmo que eles arguam, desinstalem o juízo sedimentado, vale à pena desvelá-los e lê-los com atitude ecumênica e crítica. A tradução destes textos fragmentados que formam o *Atos de Pedro* para o português pretende contribuir com outras pesquisas de estudiosos que não tenham acesso à leitura das línguas originais<sup>91</sup>.

Jesus, Pedro, Madalena e os apóstolos, observados sob a ótica dos textos gnósticos, auferem um novo aspecto, não menos relevante que aquele que é objeto da fé da ortodoxia cristã<sup>92</sup>. *e.g.* a relação homem-mulher, tão debatida em nossos dias, encontra luzes no *Evangelho de Maria Madalena*<sup>93</sup> onde baliza uma admirável releitura da relação dos gêneros.

Enfim, o longo processo canônico-gestacional do NT dá-se, início marcado pela dialética da oral e do escrito, e formalmente ocorre com a *Epistola XXXIX*, escrita em 367, por ocasião da Festa da Páscoa, por Αθανάσιος Α΄ Αλεξανδρείας, que enumera os 27 livros do NT tal qual o

---

<sup>91</sup> Estes(a) *corpora* dos *Atos de Pedro* são formados de *frgg.* e *mss.* em grego, latim e copta; todos com fortes elementos da cultura judaica, o que torna desejável o conhecimento também da língua e cultura hebraica. Para estes *mss.* provenientes do grego, copta e latim está, adiante, proposta uma tradução e análise literária.

<sup>92</sup> Uma boa síntese do significado do gnosticismo e sua relação com o cristianismo encontra-se *-in:* MIRANDA, Hermínio Correia. *O evangelho gnóstico de Tomé*. Niterói: Publicações Lachâtre, 2001, pp.13-45.

<sup>93</sup> *Codex Akhmin* (também nos *Berolinensis*<sup>8502</sup>, *Rylands*<sup>463</sup> e *Oxyrhynchus-L*<sup>3525</sup>), por Carl Rheinhardt, Cairo, 1896. Texto que tocaremos adiante, porque Pedro disputa liderança com Maria Madalena no âmbito dos apócrifos e que vai ser uma das características a ser delineada em Pedro.

temos. Porém, a decisão peremptória aconteceria somente em 1546, em Trento, na Contrarreforma. Não se pode deixar de levar em conta o influxo do conceito *kerygmático* (de κήρυγμα = “anúncio, proclamação”, particularmente, “proclamar como um emissário) neste vasto caminho, que não ocorreu sem rupturas e sem considerar a corpora literária extracanônica. Como já mencionado, qualquer texto é depositário de determinada tradição textual-literária, e em outra via, igualmente a exempla, em maior ou menor grau de originalidade – *Atos de Pedro* não se excetua a isto. Aqui reside sua relevância. O mais antigo dos evangelhos canônicos, *e.g.*, compila narrativas de paixão, ditos, parábolas, narrativas de milagres e apotegmas que circulam autonomamente na Antiguidade. Neste sentido, Martin Luther percebeu e resgatou de forma contundente a linguagem dos “cristianismos primitivos” ao asseverar a incorreção de que “se compute quatro evangelistas e quatro evangelhos”, porquanto existe apenas um evangelho<sup>94</sup>. Os escritos dos séculos I-III extracanônicos interagem ou encontram ressonância ou com a memória sapiencial judaica ou com a herança dos cristianismos primitivos, na busca do significado das palavras, das obras e das pessoas a eles ligadas.

## I. Reorganização das memórias – antonomásias de Pedro a partir fontes ‘extracanônicas’ – problemas e tendências

Antes de fundamentar Pedro sob a perspectiva da literatura gnóstica, é importante salientar que ele foi um líder do colégio apostólico de irrefragável importância no cristianismo nascente. Os textos canônicos nos legaram algumas informações sobre o perfil desse apóstolo. As duas *Cartas* atribuídas a Pedro<sup>95</sup> não o mencionam no texto, somente lhe

---

<sup>94</sup> LUTHER, Martin. *D. Martin Luthers Werke: kritische Gesamtausgabe. Weimarer Ausgabe*. Toronto: Hermann Böhlaus Nachfolger, 1891, vol.12, p.259, coincidentemente no Prefácio a *1ª. Epístola de Pedro*, onde diz: “Evangelho outra coisa não é do que uma pregação ou grito acerca da graça (...). E não é exatamente o que está em livros e escrito com letras, mas muito mais uma pregação oral (...). Os escritos eram um recurso mimético “para apoiar a *viva vox*”.

<sup>95</sup> A ‘pseudoepigrafia’ teria sido um fenômeno bastante recorrente na Antiguidade. Os textos cristãos também participam deste ambiente cultural onde ao atribuí-los a um personagem famoso lhes conferia maior autoridade. *e.g.* *1ª.*

atribuem a autoria; os *Evangelhos*, a epístola paulina *Aos Gálatas*<sup>96</sup> e *Atos dos Apóstolos*<sup>97</sup> fazem menção. Porém, em contrapartida, temos uma ampla literatura apócrifa ao revés desta, que propõe uma nova visão das histórias e acontecimentos sobre a vida em cujos ombros e mãos pesam a responsabilidade de ser a “pedra” e ter as “chaves”<sup>98</sup>, segundo boa parte da tradição retentiva. Destacam-se: *Evangelho de Pedro*, *Atos de Pedro*, *Epístola de Pedro*, *Atos de Pedro e os Doze Apóstolos*, frg. *A filha de Pedro*, *Evangelho da infância segundo São Pedro*, *Apocalipse de Pedro*, *Epístola de Pedro a Filipe*, *A pregação de Pedro*, frg. *O primado de Pedro*.<sup>99</sup> Ainda no elenco destes escritos devemos acrescentar os apócrifos atribuídos ao Pseudo-Clemente: *Kerygma Petrou*, *Praxeis Petrou*, *Periodoi Petrou* e as *Homilias Clementinas*<sup>100</sup>. Outros apócrifos mencionam Pedro: *O Evangelho de Tomé*, *Evangelho de Bartolomeu*, *Evangelho de Maria Madalena*, *Evangelho dos Hebreus*, *Pistis Sophia*, *Livro de João, arcebispo de Tessalônica*, *Trânsito de Maria*, *Livro de São João evangelista (o teólogo)*, *Apócrifo de Tiago* e *et alii*.

---

*Ep. de Pedro*, é destinada curiosamente aos cristãos da Ásia menor, 1Pe 1,1(BJ): “Pedro, apóstolo de Jesus Cristo, aos estrangeiros dispersos no Ponto, Galácia, Capadócia, Ásia e Bitínia, (...)”, região cuja coordenação era paulina, e de onde não ocorrem notícias de contatos entre Pedro e estes. Ademais, não parece muito provável, que Pedro, um pescador galileu campesino iletrado que possivelmente falava só aramaico, após a ressurreição de Jesus, tenha retornado aos bancos escolares para rapidamente surpreender com o grego elegante e refinado destas duas *Epístolas*, além do elevado conhecimento bíblico (AT) ali demonstrado. Não é impossível, mas improvável, vai concluir ERHMAN, Bart. 2003, 2006 e 2009, *in to.op.* Mais embaraçosa é a evidente pseudoepigrafia da 2ª *Ep. de Pedro*: (i) quando lida anacronicamente com a temática da *παρουσία* (= trata da aparente demora do retorno do Cristo); nenhum outro texto faz referência a isto antes do séc. III (1 e 2Ts abordam a temática por outra perspectiva); é um problema que afetaria apenas as gerações futuras dos primeiros cristãos; (ii) quando trata as *Epístolas* paulinas como Escrituras (texto sagrado, concepção do séc. III/IV) quando as dele (ou atribuídas a ele) estariam circulando junto com as paulinas; (iii) ainda faz uma menção em 2Pe 3,2 (BJ): “para que vos lembreis das palavras que primeiramente foram ditas (...) mediante os vossos apóstolos,” como a presumir que o verdadeiro autor da carta não era um apóstolo, *id. ibid.*

<sup>96</sup> Escassas cinco referências.

<sup>97</sup> Somente na primeira metade.

<sup>98</sup> Mt 16,18.

<sup>99</sup> DPAC-*it.*, *op.cit.*, p.1125.

<sup>100</sup> *id. op.cit.*, p.306.



A representação de Pedro apontada nos textos canônicos é o seguinte: primaz do colégio apostólico<sup>101</sup>, discípulo de Jesus privilegiado<sup>102</sup>, homem de extrema fé na missão libertadora do Messias<sup>103</sup>, às vezes de pouca fé, medroso<sup>104</sup>, impulsivo, chamado de Satanás por Jesus<sup>105</sup>, pecador<sup>106</sup>, incapaz de manter-se em oração, aquele que defendeu, mas também traiu Jesus<sup>107</sup>. Testemunhou a ressurreição, pregou com coragem a Boa-nova, curou, ressuscitou, batizou, teve visões, foi perseguido e preso<sup>108</sup>, evangelista<sup>109</sup>, discutiu acaloradamente ideias e o mando com Paulo<sup>110</sup>. A escola joanina foi a única que guardou a memória de Pedro: “Tu és Simão, o filho de João, chamar-te-ás ‘Κηφᾶς’ (= Kephas) (...)”<sup>111</sup> e interpretação que se sedimentou é a de que Pedro é a ‘pedra’, a fundação, a pedra de esquina da Igreja. Essa interpretação é possível. Todavia, a literatura apócrifa conspira, enviesadamente, por *e.g.*, uma reflexão semântica alternativa do significado de ‘Κηφᾶς’, como se vê ao longo no trato com estes textos apócrifos.

O substantivo קִימָיִשׁ (= Simão), que o grego da *LXX* coloca Σεμιῶν (= Simeão), é um diminuto do hebraico שְׁמוּאֵל (= Samuel, significando Deus ouviu). Aquela pessoa a quem fosse dado um nome que carregasse tal sentido teofórico contendo, especialmente, o שְׁמָהּ (*Shemah* = verbo qal-imper.-sg.-masc. de ‘ouvir’)<sup>112</sup>, como ocorre, *e.g.*, no nome Simão, para este indivíduo se apregoava a aspiração judaica de ser um seguidor da *Torah* na fé professada de: “Escuta (שְׁמָהּ = *Shemah*), ó Israel! (...)”

<sup>101</sup> At 1,15-16; At 5,1-11; Lc 22,32.

<sup>102</sup> Mc 9,2; Jo 21,15-18; Mc 5,37; Mt 16,18-19, a quem Jesus devota atenção especial e diferenciada do restante do colégio apostólico (junto com Tiago e João). *vide* episódios da Transfiguração, Getsêmani, *et alii*; em texto paulino, Gl 2,9: “Tiago, Cefas e João, que eram considerados como as colunas (...)”.

<sup>103</sup> Mc 8,30; Mt 14,22-33; Jo 18,10; Lc 5,15.

<sup>104</sup> Jo 8,10; Lc 5,10; Mt 14,22-33.

<sup>105</sup> Mc 8,33.

<sup>106</sup> Lc 7,40-47; Lc 5,8.

<sup>107</sup> Mt 26,69-75; Lc 22,61; Mt 14,26-31; Jo 18,10.

<sup>108</sup> *cf* At 5,40-42 e 12,1-17.

<sup>109</sup> Esteve na Judeia, Samaria, Galileia, Cesareia, Antioquia, Corinto, Ponto (Turquia) Galícia, Capadócia, Ásia, Bitúnia e Roma.

<sup>110</sup> Gl 2,11-14.

<sup>111</sup> Jo 1,42.

<sup>112</sup> FÁRIA, Jacir de Freitas. *Releitura do Shemá Israel nos Evangelhos e Atos dos Apóstolos*. Petrópolis: Vozes, 2002<sup>A</sup>, pp.52-65.

Portanto, amarás o Senhor teu Deus com todo o teu coração (...) com toda as tuas posses”<sup>113</sup>. O *Shemah* era e é a concepção de vida de todo judeu, um significado especial. Com efeito, o que Jesus estaria querendo articular ao mudar o nome de *Simão* ‘Pedro’ para apodo ‘Κηφᾶς’ conforme habituou-se versar no sentido *aram.* → *gr.* de ‘pedra’)? Jesus mantinha em manifesta distinção Pedro<sup>114</sup> e assim uniu-o ao seu nascimento, pois este substantivo *aram.* כְּפִיָּז nos remete à manjedoura, uma vez que pelos Evangelhos canônicos e apócrifos Jesus nasceu numa ‘gruta’, colocado em uma “manjedoura”, traduzido *aram.* ↔ *gr.* por φάτνη (= phátne)<sup>115</sup>, e cujo significado primeiro é “cavidade aberta em uma superfície de um terreno vertical ou inclinado;”<sup>116</sup> destinado para estábulo de animais. Estas cavas – כְּפִיָּז, chamadas de κηφᾶς, eram feitas por operários ao retirarem blocos de pedra das rochas para utilizá-los nas edificações. Daí o significado de κηφᾶς ser também *gruta escavada na rocha*. Analogamente, a língua *heb.*<sup>117</sup> faz uso da letra כ (kaf) para dizer ‘palma’ ou ‘cavidade da mão’. Os pobres moravam nessas cavernas ou grutas – as κηφᾶς, numerosas nos lugares desertos. Os termos כְּפִיָּז (transliterado *aram.* ↔ *gr.* κηφᾶς) e φάτνη assumem sentidos correlatos. Ainda Κηφᾶς traduz o substantivo *gr.* πέτρος = pedra, dureza, resultando em Πέτρος (= Pedro)<sup>118</sup>. Pode estar curioso, mas devido ao contato semântico entre os termos, não seria muito exagero traduzir o texto inicial, segundo Faria, quando Jesus diz a Pedro: “Tu és ‘caverna escavada na rocha’, e sob (debaixo) dessa ‘caverna, onde vivem os pobres’, aí edificarei a minha igreja”<sup>119</sup>

<sup>113</sup> cf Dt 6,4-9. Lembrando que os nomes dados pelas famílias de cultura judaicas até a atualidade trazem a aspiração familiar, do próprio indivíduo e remetem as características dele; caso não forem condizentes com o nome, este terá que ser mudado.

<sup>114</sup> E mais dois apóstolos, Tiago e João, *uide* nt.92.

<sup>115</sup> Ou como ocorre sem aspiração, em alguns *mss.* do *koiné* – πάτνη.

<sup>116</sup> (i) – *in*: FARIA. 2002<sup>A</sup>, *op.cit.*, p.53; ainda pode significar “por analogia” (ii) teto; viga telhado, nebulosa na Constelação de Câncer – *in*: BAILLY, Anatole. *Dictionnaire Grec Français (Le grand Bailly)*. ed. rev. Librairie Hachette, 2000, p.2057.

<sup>117</sup> A letra כ (kaf) também é usada no *aram.*

<sup>118</sup> Jo 1,42b: “E, olhando Jesus para ele, disse: Tu és Simão, filho de Jonas; tu serás chamado Cefas (que quer dizer Pedro)”.

<sup>119</sup> Mt 16,18, trad. de FARIA. 2002<sup>A</sup>, *op.cit.*, p.30.

Quer se queira ou não, a partir das tantas sutilezas semânticas descobertas nos textos apócrifos de Pedro<sup>120</sup>, há de se convir que “o sentido semântico do substantivo ‘Κηφᾶς’ muda completamente a tradição da interpretação do “Tu és Pedro, e sobre essa Pedra edificarei a minha Igreja”. Em outras palavras, o nascimento de Jesus possivelmente em Belém é que serviu para depositar os embasamentos da futura comunidade cristã, que posteriormente chamar-se-ia Igreja. Em tese, Jesus nasce para libertar os pobres.<sup>121</sup> Isto demonstra alterações de pontos de vista, com a mescla entre κοινή, hebraico e aramaico e aponta para o cuidado ao se manusear textos produzidos no contexto judaico-cristão.

## II. Conceito operatório e critério de análise de “apócrifo” e “heresia” – significação histórica para gênese literária cristã

O (re)acostamento sistemático dos *corpora* em causa, nos remete a obsecrar alguns conceitos operatórios e critérios de análise que passaremos a mencionar.

Desde o ano 381 a ortodoxia cristã chama de ἀπόκρυφοι (apócrifos = ocultos) todos os demais escritos que, sob o pretexto de seu título, substância ou forma, têm alguma vinculação com o NT e do mesmo modo reclamam autoridade apostólica, mas não pertencem ao κανόν (cânon = medida). Ela aplicou, com o uso desta terminologia, um conceito do gnosticismo, adotado pelas religiões místicas esotéricas da Antiguidade, que dele faziam uso para seus escritos sagrados. Conforme Drobner: “Os gnósticos consideravam-nos tão elevados que apenas os iniciados membros plenos das comunidades gnósticas tinham direito ao conhecimento deles e para todos os demais eram conservados ocultos (ἀπόκρυφος)”<sup>122</sup>. De um ponto de vista prático, *apócrifo* não se constitui essencialmente em “herético”. Zilles afirma que: “(...) entre os romanos,

---

<sup>120</sup> – in: *O Primado de Pedro, Atos de Pedro, Atos de Pedro e os Doze Apóstolos*, κτλ.

<sup>121</sup> Algumas destas ideias estão dispersas em FARIA, Jacir. *Pedro não é pedra*. – in: *Jornal de Opinião*. Belo Horizonte, set. 2002<sup>B</sup>, pp.7ss. Outras descritas em SOUZA, Rômulo Candido de. *Palavra, Parábola – Uma aventura no mundo da linguagem*. Aparecida: Santuário, 1990, pp.236-49.

<sup>122</sup> DROBNER. *op.cit.*, p.22.

neste sentido, os *Sibilinos* e o *Ius Pontificum* (= direito dos pontífices) eram apócrifos.<sup>123</sup>

Há uma verdadeira contaminação nos melhores *codices*<sup>124</sup> que nos chegaram, entre apócrifos e canônicos, que demonstra essa linha divisória muito tênue. Este fato chama a atenção por ser muito pouco explorado pelos pesquisadores confessionais. Nossas melhores edições ecdóticas para Septuaginta e NT (e.g. BJ, NGT 4<sup>a</sup>. ed., Nestle Aland, κτλ) na atualidade utilizam-se atribuindo grande valor cladístico<sup>125</sup> ao *Codex A (Alexandrinus*\*, Categoria III – Evangelhos / I – restante do NT e AT, em unciais, início do século V, Alexandria)<sup>126</sup>, ao *Codex ξ (Sinaiticus*\*, Categoria I por inteiro, início do século IV, descoberto no Sinai em 1844)<sup>127</sup>, e ao *Codex B (Vaticanus*\*, Categoria I por inteiro, o mais antigo

<sup>123</sup> ZILLES, Urbano (trad.). *Evangelhos Apócrifos*. 3<sup>a</sup>. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004, p.10.

<sup>124</sup> *Codex Sinaiticus* – ξ (cat. I, 330-360, NT *et alii*), *Codex Vaticanus Græcus 1209* – B (cat. I, 325-350, Mt – Hb 9.13 *et alii*) e *Codex Alexandrinus* – A (cat. III *Evs.* c<sup>a</sup>. 400, cat. I no AT e restante NT menos *Evs.*).

<sup>125</sup> gr. κλάδος (= ramo), termo importado à Crítica Textual do método hennigiano, que classifica hierárquica e graficamente as espécies ou, no caso aqui, *mss.* em forma de árvore genealógica e evolutiva.

<sup>126</sup> Escrito em grego uncial, dupla coluna, colunas com 46-52 linhas e linhas de 20-25 letras. Linhas iniciais de cada livro em destaque (vermelho), cada seção com uma letra grande na margem *cf* ALAN. 1995, pp.107-9. Fonte completa da *LXX* e *NT*. Inclui *III e IV Macabeus*, *Sl 151*, quatorze *Odes*, a *Ep. a Marcellinus* (Atanásio), um resumo dos Salmos (Eusebius), a *I Clemens* e uma homilia, mais tarde chamada de epístola de *II Clemens*. Contém outros textos como as Seções Amonianas, Cânones Eusebianos, tábulas, κτλ. *cf* METZGER, Bruce Manning. *Manuscripts of the Greek Bible: An Introduction to Greek Palaeography*, New York-Oxford: Oxford Press, 1991, pp.86ss. Aproxima-se do  $\mathfrak{P}$ <sup>66</sup>. Tem anotações curiosas e um desenho em Lc conforme WILLIAMS, Brek (ed.). *CODEX A – ALEXANDRINUS – Fac-simile*. London: *British Museum*. 1915. rev. 2007. (*on-line*), *in to.op.*, < <http://www.csntm.org/Manuscripts/ManuscriptViewPage.aspx?id=203> >, acessado em 23/04/2011.

<sup>127</sup> *cf* LAKE, Kirsopp. *Codex Sinaiticus Petropolitanus: The New Testament, the Epistle of Barnabas and the Shepherd of Hermas*. Oxford: Clarendon Press, 1911, pp.23ss. Contém os acréscimos para o NT do *Pastor de Hermas* e *Ep. de Barnabé* e a omissão de muitas passagens canônicas – e.g. em Mt, 12.47; 16.02b; 17.21; 18.11; 23.14; em Mc 7.16; 9.44 e 46; 11.26; 15.28; 16.9-20 que trata da aparição de Jesus ressurreto a muitas pessoas; em Lc 17.36; em Jo 5.4; a *pericope adulteræ* 7.53-8.11 que trata da mulher apanhada em adultério e salva do apedrejamento; 16.15; 20.5 e 6b, 21.25; em At 8.37; 15.34;

*codex* completo, 325)<sup>128</sup>. São os melhores exemplares, os mais completos e os mais antigos com porções representativas do texto geral que nos chegaram. Os três com o acréscimo de apócrifos no AT e NT, o terceiro com a subtração de textos hoje canônicos (deuterocanônicos no NT).

Grande parte dos apócrifos contém alicerces seguros da teologia e da piedade eclesial, mas não adentrou no cânon, sob a crítica que, *e.g.* estão contaminados de lendas e narrativas abstrusas de milagres, falta à autoria apostólica e, em geral, não oferecerem a igual confiabilidade dos canônicos. O panorama dos séculos I-II, conforme Layton é que:

Os primeiros cristãos viviam em meio urbano e, às vezes, economicamente confortável; um número proporcionalmente grande deles podia ler e escrever, de modo que pequenas coletâneas de escritos cristãos foram rapidamente se acumulando num lugar ou noutro; e era nesses escritos que

---

24.7; 28.19; em Rm 16.24 e mais uma longa lista de omissões, exclusões e interpolações. É um texto uncial do séc. IV (330-360), é considerado hoje o melhor *ms.* para as edições críticas e para tanto leva no nome a primeira letra do alfabeto *heb.* Descoberto acidentalmente em um quarto de um monge num monastério no sopé do monte Sinai por um arqueólogo que persistiu 15 anos na sua busca – Constantin Von Tischendorf, em 1859. Para o AT usa a *LXX*, mas apenas metade do texto sobreviveu. Os apócrifos sobreviventes da *LXX* são: *1 Esdras, Oração de Manasses, 3 e 4 Macabeus, Livro da Sabedoria, Odes* e variantes em porções como caps. 13 e 14 em Dn, mais 3.24-90 ou, ainda, Ester caps. 11-16 *cf* TISCHENDORF, Constantin Von. *Bibliorum Codex Sinaiticus petrolitanus*. Leipzig: Giesecke & Devrient, 1862, *in to.op.* Some-se ainda que a própria tradução da *LXX* na Antiguidade varia da tradução literal até paráfrase, contém alguns absurdos interpretativos, particularmente nos textos poéticos.

<sup>128</sup> Exclui *1-4 Macabeus*, a *Oração de Manassés* e Hb9-14 em diante. Contém *umlaut* (aprox. 750), ponto como diérese / trema, que desperta a atenção, pois marca inconsistências ou incertezas textuais. Texto muito próximo do  $\mathfrak{P}^{66}$ ,  $\mathfrak{P}^{75}$ , UNCIAL 0162 – *cf* EWERT, David. *From Ancient Tablets to Modern Translations: A General Introduction to the Bible*. Grand Rapids: Zondervan, 1983, pp.87ss. Entretanto, *e.g.*, para o NT apresenta a omissão da *adulteræ pericope* (acerca de uma mulher que é livre do apedrejamento por Jesus, Jo 7.53-8.11) que não aparece no *Vaticanus* (nem no *Sinaiticus*,  $\mathfrak{P}^{66}$ ,  $\mathfrak{P}^{75}$ ), embora todos reconheçam a existência de uma leitura alternativa marcando com *obel.* (*us*), ou melhor, *obeli* no pl. Outras relevantes passagens não aparecem ou são marcadas de suspeição: Lc 22-43-44 – A agonia do Senhor no Getsêmani; Mt 6.9-13 – final litúrgico do Pai Nosso; Mc 16-9-20 – Cristo após a ressurreição aparece a pessoas, 1Jo 5.7-8 – *Comma Johanneum, et alii*.

muitas vezes se expressavam as inspirações de intérpretes e líderes da religião. Essas obras serviam para muitas finalidades diferentes e, por isso, foram escritas sob várias formas literárias apropriadas às funções no seio das Igrejas em que eram usadas.

A vasta quantidade dessa primeira “escritura” cristã (em sentido geral) dos séculos I, II e III ainda sobrevive hoje, embora às vezes de forma fragmentária – não só os 27 livros do Novo Testamento, mas também muitos outros livros: epístolas, livros sapienciais, apocalipses, biografias e diários de viagens, relatos da paixão de Jesus.<sup>129</sup>

Note-se que quando certo grupo ou seita de cristãos antigos decidia reconhecer a presença de uma autoridade inspirada em certo texto ou coleção de escritos, a palavra ‘*escritura*’ passaria a identificar o *status* deste escrito, elevando-o a paridade com outras obras assim reconhecidas (como as judaicas veterotestamentárias) ou ultrapassando<sup>130</sup>. Às vezes, os *alguns* escritos<sup>131</sup> tinham a finalidade de desdizer parcialmente escrituras aceitas, *e.g.* na fala do escritor gnóstico do *O Apócrifo de João*: “E então eu disse: ‘Senhor, o que significa ela se moveu para lá e para cá?’ Mas ele sorriu e disse, ‘Não pense que é, como Moisés disse, ‘sobre as águas’ (...)’<sup>132</sup>. Não devemos nos admirar que nos séculos I-III haja somente alguma organização pouco articulada e nenhuma identidade central. Muito natural era a aceitação e rejeição de uma mesma obra por grupos distintos. A quase absoluta falta de uniformidade aponta para a existência de uma notável diversidade na religião cristã. Layton assegura que:

Embora seja historicamente correto falar do cristianismo primitivo como uma religião, ele também pode ser descrito como uma rede complexa de partidos, grupos, seitas ou

<sup>129</sup> LAYTON. *op.cit.*, p.XVIII.

<sup>130</sup> *e.g.* poderia ser a paulina *Epístola paulina de Filemom* que discorre sobre um escravo fujão que, mais adiante, entraria entre os canônicos.

<sup>131</sup> Alguns textos poderiam, dentro desta diversidade, servir a finalidade de desdizer as ‘Escrituras’ aceitas, outros, no entanto, poderiam procurar entreter e edificar tão somente, através do gênero novelístico *cf* será mostrado mais adiante.

<sup>132</sup> Também chamado *O Livro Secreto de João*, 22,22ss. – in: ROBINSON, James McConkey. *A Biblioteca de Nag Hammadi*. São Paulo: Madras, 2006, p.105.

denominações. Até certo ponto, a diversidade da escritura resultava das diferenças acidentais dos meios culturais, sociais e lingüísticos (*sic*) – entre, digamos, as formas usuais de expressão religiosa na Mesopotâmia, e as da cidade de Roma. Decorria, também, da coexistência de opiniões e tradições teológicas essencialmente diferentes a respeito da importância de Jesus, algumas das quais parecem ser tão velhas quanto o próprio cristianismo – tradições sobre Jesus como operador de milagres, sabedoria encarnada, revelador, Mestre de Israel, profeta, emanação de outro mundo, etc. Isso refletia, ainda, as diferentes filosofias e sistemas simbólicos sobre os quais os autores poderiam basear seu pensamento religioso (platonismo, apocalíptica judaica, etc.).<sup>133</sup>

Por fim, canônicos e apócrifos – ambos têm relação em maior ou menor grau de interligação, quanto a seu gênero com a literatura cristã, ainda que se discuta esta classificação<sup>134</sup>. Esta é uma reflexão inexaurível sobre hipóteses e soluções que abrangem o tema numa elaboração constante e ininterrupta de proposições e conclusões<sup>135</sup>.

Outro problema consiste na expressão “heresia”. Que do olhar da ὀρθοδοξία desenvolvida empós, numa αἵρεσις (= escolha) subjaz uma verdade de fé acolhida tão somente de modo seletivo, sua parcialidade ou até exageração total. A heresia pode ocorrer de maneira progressiva, quer dizer, no desenvolvimento de novos θεολογούμενοι (= discursos sobre os divindades)<sup>136</sup>, ou de maneira regressiva, no apego intransigente a declarações antigas, que evoluíram em meio ao tempo. Por sua perspectiva diacrônica, a “heresia” passa a existir incontestavelmente

<sup>133</sup> LAYTON. *op.cit.*, pp.XVII-XIX.

<sup>134</sup> *loc. cit.*, 2003, pp.22ss.

<sup>135</sup> Ademais, a lista oficial dos livros canônicos só foi definida no Concílio de Trento, em 8 de abril de 1546 – *Decretum de libris sacris* e de *traditionibus recipiendis* (DH, p.1501), seis meses após a morte de Lutero, que foi o estopim para esta demarcação. Embora no séc. IV possamos falar de um cânon mais ou menos aceito. Antes, porém, já haviam sido propostos os cânones de Μαρκίων Σινώπης (= Marciano, de Sinope) em 150 d.C. e de Muratoriano em 200 d.C., de forma bastante isolada.

<sup>136</sup> Na pass., segundo LIDELL Henry G. & SCOTT, Roberto. *A Greek-English Lexicon – with revised supplement*. Oxford: Clarendon & Oxford Press, 1996, p.790.

como a ὀρθοδοξία (= ortodoxia), ou seja, no afincio por fundamentar mais precisa e completamente possível o depósito da fé transmitido, com o objetivo de compreender melhor a fé. De acordo com Drobner:

(...) o que diferencia a heresia da ortodoxia, em última análise, é o *reconhecimento* de que na heresia alguns princípios de fé inabdicáveis [da ortodoxia] são ameaçados ou explicitamente rejeitados ou suas conseqüências (*sic*) levam a isso.<sup>137</sup>

Porém, outra questão se interpõe: só no decorrer dos próprios confrontos é que se desenvolveram tanto os juízos críticos para divisar heresia e ortodoxia. Bem como a clara consciência da instância competente para julgar – em última análise, pode-se dizer de um ponto de vista esclarecido – que é a *regula fidei*, qual seja: o depósito da fé fundamentado na Escritura Sagrada, transmitido pela Tradição da Igreja, interpretado e provado autêntico pela autoridade do clero da Igreja.

O tema que se segue, sobre o qual esta tese discorrerá introdutoriamente, é acerca dos *Atos* considerados os mais antigos e relevantes – os *Atos de Pedro, de André, de João, de Tomé e de Paulo* – também denominados os *Cinco Grandes Atos*. E notadamente, o mais importante para este trabalho – o *Atos de Pedro*, que ao lado do *Atos* lucano tornaram-se modelo para o gênero literário Πράξεις (= ações, atos). Uma sucessão de obras deste gênero admirá como conseqüência – *Atos de Tadeu, de Felipe, de Bartolomeu, de Matias, de Pilatos, de Nereu e Aquiles et alii* que *scholars* mencionam se apoiar em modelos anteriores<sup>138</sup>. Moreschini ao introduzir o seu capítulo sobre estes *AtsAp* diz:

Tradições pessoais concernentes a apóstolos e missionários isolados (Pedro, Paulo, Filipe...) circulavam nas comunidades cristãs já durante a vida deles e foram em seguida usadas por Lucas para a redação dos *Atos dos Apóstolos*. (...) e por uma estrutura bipartida em que uma parte ancorada no Grupo dos Doze em Jerusalém (caps. 1-12) era seguida por outra cujo protagonista era Paulo (13-28), (...) os *Atos* não queriam descrever o conjunto

<sup>137</sup> DROBNER. *op.cit.*, p.110.

<sup>138</sup> PIÑERO; CERRO. *op.cit.*, p.3.



das suas atividades (falta em particular o seu martírio, conhecido por Lucas), mas a difusão da palavra de Deus até o centro do Império.<sup>139</sup>

Tais obras – particularmente os *AtsAp* – abroham quando já haviam expirado os apóstolos e outras *αὐτόπται* (= testemunhas oculares) dos *λόγοι* (= ditos) de Jesus. Seus autores não querem que o registro da lembrança daqueles também se vá de todo das comunidades cristãs, de maneira muito especial, as narrações dos martírios (elemento peculiar dos *AtsAp*). É também tempo do surgimento da literatura hagiográfica, que se convencionou chamar de “Acta, Passiones ou Martyria e Legendæ”<sup>140</sup>. E, assim sendo, tais relatos agora adquirem forma escrita num período importante em que se estabeleciam a consciência e a memória dos seguidores de Jesus e dos mártires. E, este aspecto embrionário pode-se notar nas ilusões, manias e preocupações das comunidades cristãs, que se articulavam entre “expectativa da *παρουσία* [= presença, atualidade, no NT como advento de Cristo]”<sup>141</sup> e medo, entre a esperança do retorno de Jesus Cristo que se chocava com aspereza daqueles tempos provocando algo de suspeito. “O otimismo da economia<sup>142</sup> cristã da salvação chocava-se com as atitudes rigoristas do momento, que punham nos corações cristãos uma centelha de desconfiança.”<sup>143</sup> Moreschini sobre os *AtsAp* destaca:

Entre o início e o fim, situavam-se episódios diversos, unidos em geral pelo motivo da viagem, mais ou menos acentuado, o que faz com que

---

<sup>139</sup> MORESCHINI, Claudio; NORELLI, Enrico. *História da Literatura Cristã Antiga Grega e Latina I – De Paulo à Era Constantiniana*. São Paulo: Ed. Loyola, 1996, p.222. Deste *Atos dos Apóstolos* interpretado pelo Cânon Muratori como sendo dos Doze Apóstolos, surgem obras com o mesmo modelo – *περίοδοι* – mas individuais de cada apóstolo e que terminam em Roma e com o martírio (exceção *AtsJo*).

<sup>140</sup> Conforme ALTANER; STUIBER. *op.cit.*, p.99; DROBNER. *op.cit.*, p.99. Respectivamente, são: o protocolo ou processo conduzido pela autoridade romana, normalmente o procônsul da região e anotado por escrivães imperiais. No segundo, o relato é dos cristãos e versa, às vezes, teologicamente sobre os últimos dias do mártir. E no terceiro, as “lendas” mantêm um núcleo histórico, mas eivado de fantasias piedosas, milagres, κτλ.

<sup>141</sup> DPAC-*it. op.cit.*, p.1095.

<sup>142</sup> *uide glossarium.*

<sup>143</sup> PIÑERO. 2004, *op.cit.*, p.4.

alguns Atos se aproximem mais do gênero das ‘praxeis’ (exatamente “atos”), com base na sucessão das ações do herói (assim os ‘Atos de Pedro’, em que uma viagem entre Jerusalém e Roma servia só para relacionar a atividade do apóstolo nas duas cidades), outros do gênero ‘periodoi’, onde os deslocamentos do herói desempenham uma função determinante (assim os de Paulo e de André).<sup>144</sup>

Não há como afiançar, com alguma garantia, que o(s) autor(es) destes *AtsAp* pretendia(m) somente transmitir um legado dos apóstolos. Ou teria se amparado em personagens conhecidos da tradição cristã para difundir ideias particulares? Prevalece uma amalgamação de ambas. De qualquer forma, ganharam forma escrita no século II (senão todos, ao menos alguns ou suas versões *proto*) enquanto a ὁρθοδοξία não estava totalmente depurada (*uide* mencionado antes) nem todas as demandas teológicas de maneira satisfatória delimitadas. Pelo que se percebe, resta legítima a pretensão de autoridade análoga a *corpora* canônica, da qual os *AtsAp* estão imbuídos da letra e do espírito. A ambientação para os *AtsAp* era apropriada, a terminologia inevitável.

Não se tem notícia de uma tradução em língua portuguesa destes textos a partir de originais, resultando numa injustiça e lacuna histórico-literária, e em cujos textos repousam a base de muitas tradições que são riquezas comuns à nossa cultura e memória, o que por si somente justifica este labor. A tradição habitualmente aceita reza que Pedro foi crucificado de cabeça para baixo, fato ilustrado na catedral de São Pedro. Em Roma, ao lado da Via Appia, perto da saída da cidade, temos uma capela que comemora a frase famosíssima – *Quo vadis?*<sup>145</sup>, extraída do martírio do apóstolo nos *AtsPe*, traduzido ao final. Ou o lugar onde Paulo foi decapitado e do ferimento respingou leite nos carrascos (santuário Le Tre Fontane, na Via Ostiense). Em Éfeso, na Turquia, se conservam os restos do apóstolo João nas ruínas de uma pequena igreja; também em Éfeso, no pequeno santuário Panaya Kapulu estaria a casa onde a Virgem Maria teria vivido com o discípulo amado, detalhes descritos nos *Atos*. Paulo, o

<sup>144</sup> MORESCHINI. *op.cit.*, p.223.

<sup>145</sup> Inspirou pelo menos 8 filmes, deu nome a programas, certificações e até automóvel. Em 1895, o cardeal polonês Henryk Sienkiewicz publica o importante romance histórico *Quo vadis. Powieść z czasów Nerona*. (tradução para mais de 50 línguas; 1ª ed. ingl. *QUO VADIS. A Tale of the time of Nero*) com o qual ganha o Nobel de Literatura de 1905.

apóstolo, é iconograficamente estereotipado nos interiores das igrejas mundo afora como: “calvo, pequeno de estatura, pernas tortas, magérrimo, sobranceiras espessas, nariz rebitado, às vezes com cara de homem, outras com rosto de anjo”; tais contornos corporais do Apóstolo das Gentes são fruto referente direto do autor anônimo de *AtsPITc* no século II<sup>146</sup>. Ou as comunidades cristãs da Índia resultado da obra evangelizadora de Tomé, cuja ordem teria recebido do Senhor para pregar naquelas terras, *cf Atos de Tomé*<sup>147</sup>. Ou ainda, as aclamações da tradição litúrgica das festas feitas ao apóstolo André, que teria morrido crucificado: *Maximilla Christo amabilis* o qual *tulit corpus Apostoli, cum aromatis sepeliuit (...)*<sup>148</sup>. Estes são apenas alguns poucos extratos da nossa tradição cultural-histórico-teológica que estão ancorados nestes textos tão desprezados dos *Atos*. Não seria probo atribuir tudo a estes textos, mesmo porque eles derivam provavelmente de fontes mais antigas, “porém, a consagração decisiva destas e de outras tradições deve-se buscar no âmbito dos Atos Apócrifos dos Apóstolos.”<sup>149</sup> Toda esta tradição repousa sob os textos do *AtsAp*, cujo seu valor clássico é seguro.

O ‘século áureo’ dos *gnosticismos*, do embate universalizado dos preceitos e da fé cristã com referentes pagãos, é o século II. Os cristãos têm que enfrentar, primeiramente seu entorno judeu, após o helenista. Afinam sua dialética para dar respostas à filosofia grega, momento que surge a ‘Segunda Sofística’<sup>150</sup>. Passados os séculos do classicismo, a língua grega ainda era o veículo condutor da nova cultura configurada no

---

<sup>146</sup> ERBETTA, Mario. *Atti e legende. – in: Gli Apocrifi del Nuovo Testamento*, II. Torino: Editrice Marietti, 1966/1981, p.259; também DPAC-pt. *op.cit.*, p.1113.

<sup>147</sup> A ida até a Índia é a temática da primeira parte deste *AtsTo*, o único texto de uso maniqueu que nos restou integral. Outras lendas medievais *al.m.* têm aqui sua origem, tais como: O parto do *Rei Gundofar*, o *Rei Gaspar*, o *Opus* relatará o batismo dos reis magos, tema também da *Crônica monástica* siríaca de *Zouqnin* do séc. VIII. Mais tarde na Idade Média alta a lenda de *Tomé e os reis magos* resultará na do *Preste João*, *cf DPAC-pt. op.cit.*, p.1373.

<sup>148</sup> CCSA. *Acta Andrea*, p.569. Traduz-se: “Maximila, a quem Cristo amava, tomou o corpo do Apóstolo e o sepultou untado de perfumes”.

<sup>149</sup> PIÑERO; CERRO. 2004, *op.cit.*, p.4.

<sup>150</sup> PIÑERO; CERRO. 2004, *op.cit.*, p.5, nt.2, que destaca que o novo florescimento da retórica grega surgido nos tempos do imperador Publius Aelius Traianus Hadrianus (= Adriano; 117-138) e cujo movimento é contemporâneo aos *AtsPe*.

fenômeno religioso judaico-cristão<sup>151</sup>. A versão usada pelos escritos do NT é LXX e não o <sup>TM</sup> da Bíblia hebraica<sup>152</sup>, dando aos cristãos helenistas uma forma particular de expressar no seu idioma e demonstra a ruptura<sup>153</sup> com judaísmo<sup>154</sup>. Surgem apologistas como Flavius Augustus Justinus (o Mártir, 100-†165), Tatianus (Taciano, o Sírio, ou o Assírio; c.<sup>a</sup> 120-†c.<sup>a</sup>180), Theophilus (Teófilo, de Antioquia, ? - †183), Ἀθηναγόρας ὁ Ἀθηναῖος (Atenágoras de Atenas, c.<sup>a</sup> 133-†190) *et alii*<sup>155</sup> que irão dar

<sup>151</sup> Se observarmos o *Cânon de Muratori*, o *Codex Claromontanus*, *et alii*, cf DPAC-pt., pp.249ss, percebe-se a visão claudicante desta questão. Este testemunho é contemporâneo dos *AtsAp*, especialmente, de *AtsPe*. Nestes cânones temos inclusão dos apócrifos *Pastor* de HERMAS (gr.: Ποιμὴν τοῦ Ἐρμά), o *Ap. de Pedro* e os *AtsPl*, excluindo outros que mais tarde seriam canônicos.

<sup>152</sup> Das aproximadas 350 citações no NT do AT, mais de 300, quando analisadas suas cláusulas, se reportam a LXX.

<sup>153</sup> É reconhecido que esta afirmação tem *scholars* defensores de posições contrárias. Contudo, desde a chegada dos estudos mais recentes do NT (supraconfessionais) de Neil ELLIOT, Gerd THEISSEN, J. Christian BEKKER, A. LINDEMANN, F. W. BEARE, C. H. DODD, E. KÄSEMANN, *et alii* tem-se observado estudos como: “Desjudaização de Paulo” – cf ELLIOT, Neil. *Libertando Paulo – A justiça de Deus e a política do Apóstolo*. São Paulo: Paulus, 1994/1997, pp.93-100; ou cf BECKER e FREDRIKSEN, *From Jesus to Christ*, p.119 *apud* ELLIOT, *ibid.*, p.333 “Apóstolo que perdeu a sua ancoragem no judaísmo”, ou ainda “*transpôs o significado do Messias ‘do plano histórico ao plano cósmico’ (...) minimiza os aspectos políticos do movimento messiânico ao apresentar sua mensagem em termos já significativos para o seu auditório gentio.*” (pp.158-9, 166).

<sup>154</sup> Em At 2,5ss, percebemos nos Ἱερουσαλὴν κατοικοῦντες Ἰουδαῖοι, uma forte liderança que predominara nos tempos dos escritos do NT, sobretudo no interregno subapostólico do séc. I ao II, e sobre a facção judaico-cristã. Estes são judeus residentes em Jerusalém, helenistas, um público já “globalizado” e *helenizado*, de cujo grupo advém o principal apóstolo, escritor do NT e doutrinador – Saulo de Tarso, Síria (= Paulo), principal helenista dos *cristianismos* nascentes e outra da liderança – Nicolau de Antioquia, Síria, do primeiro colégio diaconal. A “globalização” dos *cristianismos*, com a consequente ruptura com *sistema fechado* judaico-cristão (circuncisão, preceitos, guarda dos Sábados, dos anos sabáticos, concepção de propriedade da terra, de *Escritura*, κτλ) é resultado do *envio* dos Ἱερουσαλὴν κατοικοῦντες Ἰουδαῖοι, das lideranças entre os helenistas e percebida pelo caráter *internacional* e *evangelizador* do *Atos* lucano; também do *advento Paulo*, da sua formação e na consequente doutrina estoica; finalmente da γνῶσις e do dualismo que resultará na *revelação* cristã.

<sup>155</sup> ALTANER; STUIBER. *op.cit.*, pp.69-79.

resposta como a Marcus Cornelius Fronto (= Frontão de Cirta, 100-†170), preceptor do Cæsar Marcus Aurelius<sup>156</sup>. Ou a Λουκιανὸς Σαμοσατεύς<sup>157</sup> (= Lucianus Samosatensis; de Samósata; c.<sup>a</sup> 125-†181), escritor satírico pagão do século II que escarnece dos cristãos por causa da sua fraternidade e desprezo pela morte. Também ao filósofo platônico do século II – Κέλσος (= Celsus), em Ἀληθὴς Λόγος a qual conhecemos a maior parte pela refutação de Ὀριγένης (= Orígenes) – *Contra Celsum*<sup>158</sup>. O *Cânon de Muratori* permite uma vista panorâmica deste conflito existente<sup>159</sup>. A questão é tratada por Drobner sobre o surgimento da ‘apologética cristã’:

A apologia cristã primitiva exerceu, portanto, essencialmente três tarefas:

1. defender o cristianismo contra ataques de argumentos ou de ações, demonstrando que eram injustificados ou careciam de força persuasiva;
2. desmascarar falsas ideias sobre o cristianismo, descrevendo o comportamento real dos cristãos; e
3. fundamentar racionalmente e justificar a fé cristã, demonstrando a inferioridade das convicções de fé dos adversários. Esta última tarefa era muitas vezes acompanhada de zelo missionário para converter o adversário ao cristianismo.<sup>160</sup>

---

<sup>156</sup> Renomado orador (e jurista), reconhecido somente inferior à Cicero. O imperador Titus Aurelius - Antoninus Pius, ciente da sua notável reputação, escolheu-o para a tutoria de Marcus Aurelius e Lucius Verus, seus filhos.

<sup>157</sup> A sátira em forma de epístola *De morte pelegriini*, pp.11-6, cf DODDS, Eric Robertson. *R. Pagan and Christian in a Age of Anxiety*. Cambridge: Cambridge Press, 1965, pp.59-63; 120ss; 170.

<sup>158</sup> ALTANER; STUIBER. *op.cit.*, p.70.

<sup>159</sup> METZGER, Bruce Manning. *The Canon of the New Testament. Its Origin, Development and significance*. Oxford: Claredon Press, 1987, *in to.op.* Fornece um panorama da questão na sua obra.

<sup>160</sup> DROBNER. 2003, p.78.

### III. A transmissão e recepção de *AtsPe* na Antiguidade

Maas define que a atual “crítica textual se propõe a produzir um texto para fechar as possibilidades na direção de um original”, ou seja *constitutio textus*<sup>161</sup>. Filólogos, codio-paleógrafos são os que laboram para rastrear e reconstruir material textual que sirva de base para o estudo das obras originais da Antiguidade. No caso de *AtsAp*, particularmente *AtsPe*, tais escritos tiveram uma história de muitas idas e vindas, e por consequência, foram modificados, corrigidos, suprimidos e interpolados pelos *amanuensis*<sup>162</sup>. Tradições<sup>163</sup> e resenhas bastante diversas e dispersas são estudadas para tentar reconstituir linhas básicas. Quando Metzger destaca o atual estágio da crítica textual deste tipo de documento cristão, reconhece que a “legalidade geral de seus princípios críticos e métodos é largamente reconhecida pelos *scholars* da atualidade.”<sup>164</sup> O texto de *AtsPe* utilizado, descrito melhor no Capítulo III, dará ciência de todas as variantes textuais greco-latino-coptas que recorrem aos diversos aparatos críticos. Ao que parece é uma versão estável, mas sem ainda o devido esgotamento da crítica textual. Diz Piñero:

A realidade mais marcante na história dos Atos Apócrifos é a sua preservação, muitas vezes fragmentada e incompleta, o que é de particular importância no momento de obtenção de conclusões gerais.<sup>165</sup>

Em linhas gerais, o *AtsPe* tem uma primeira fase que se dá em Jerusalém, natural epicentro da evangelização, onde Pedro passa cerca de doze anos<sup>166</sup> por ordens do Senhor<sup>167</sup>. A outra parte dá-se em Roma. Em

---

<sup>161</sup> MAAS, Paul. *Textual criticism*. Oxford: Oxford University Press, 1958, p.1. *uide glossarium*.

<sup>162</sup> cf METZGER, Bruce Manning. *The Text of the New Testament: Its Transmission, Corruption, and Restoration*. 3<sup>a</sup> ed. Oxford: Oxford Press, 1992, p.136. — *amanuensis* do lat. *ab manus* (copista, escrevente).

<sup>163</sup> O termo aqui aparece na perspectiva da crítica textual. *uide glossarium*.

<sup>164</sup> METZGER. 1992, *ibid*.

<sup>165</sup> PIÑERO. 2004, *op.cit.*, p.12.

<sup>166</sup> VOUAUX. 1922, *op.cit.*, p.4.

<sup>167</sup> *AtsPe* AV V em remissão à At 8.13,18.

Samaria acontece o primeiro embate com Simão, o Mago<sup>168</sup>. É bastante lógico que esta primeira parte abarque os episódios da *Filha de Pedro*<sup>169</sup> e da *Filha do Jardineiro*. Há uma conexão histórica lógica entre esta primeira parte da obra e a final, onde se descreve Pedro e Paulo com Simão, o Mago em Samaria<sup>170</sup>, o que justificaria a presença do Apóstolo das Gentes em *Actus Vercellenses* I-III. Mas a obra resta fragmentada e em línguas diferentes. Um pequeno caos<sup>171</sup>.

As polêmicas não são poucas neste campo. Para alguns pesquisadores<sup>172</sup> a origem é gnóstica. Isto se deriva da sua própria ideologia da obra e pelas acusações dos Pais da Igreja<sup>173</sup>. Para outros, somente o *AtsPe* seria gnóstico<sup>174</sup> e todos os demais teriam tomado o modelo (ideologia, material literário bíblico, κτλ) do Πράξεις Αποστόλων lucano resultado da Grande Igreja que emergia deste mistifório de crenças populares. Para Schmidt, Blumenthal, Harnack *et alii*, os véteros *AtsAp* (os *Cinco Grandes Atos*) de procedência καθολικής receberam algum retoque de mãos gnósticas para dar-lhes autoridade apostólica e avaliar a expansão de suas doutrinas<sup>175</sup>. O tema não está esgotado nem a controvérsia encerrada; ao que tudo indica, depende da expansão do conhecimento sobre as γνῶσις e sua extensão nos século I-III.

Podemos, porém, afirmar a biblioteca gnóstica de Nag Hammadi, de onde recuperamos *AtsPeI2Ap* (*Atos de Pedro e os Doze Apóstolos*)<sup>176</sup> assinala a ocorrência de *Atos* com ideologia e origem gnóstica. O *AtsTo*

---

<sup>168</sup> *AtsPe* (AV V e XXIII) referindo-se à At 8.18ss. Os *Atos* lucano colocam João e Pedro como uma resistência às pretensões de Simão, o mago.

<sup>169</sup> VOUAUX. 1922, *op.cit.*, p.2, que menciona a existência deste *frg.* copta citando Augustinus de Hipona, *Contra Adimantum manichæum*, XVII, 5. – in: Migme (ed.) *P.L.*, 1841, *op.cit.*, t.XLII, col.161; não menciona na questão da unidade.

<sup>170</sup> Teria nascido em um lugarejo chamado Gitão, na Samaria. Depois foi morar em Roma, *cf* a tradição. Deste, mais tarde Valentim emprestaria suas ideias.

<sup>171</sup> *cf* VOUAUX. 1922, *op.cit.*, pp.4-12.

<sup>172</sup> Seguindo a tradição de LIPSIUS.

<sup>173</sup> LIPSIUS, Ricardus Adelbertus. *Die Apokryphen Apostelgeschichten und Apostellegenden: Ein Beitrag zur altchristlichen Literaturgeschichte*. Leipzig: Hinrichs, 1892, t.I, pp.4ss.

<sup>174</sup> SCHMIDT, Carl Reinhard. *Die alten Petrusakten...* – in: TU 24.1. Leipzig: Hinrichs, 1923, pp.1ss.

<sup>175</sup> PIÑERO. 2004, *op.cit.*, p.16.

<sup>176</sup> ROBINSON, James M. 2006, *op.cit.*, pp.248-54.

contém diversas aproximações com o *Evangelho de Tomé* de Nag Hammadi<sup>177</sup>. Os estudos mais eficazes, e.g. Kaestli<sup>178</sup>, têm avaliado um a um e não o bloco destes textos, porque ao que parece são mais uma compilação de dados do que uma elaboração sistemática, cujas interpolações provocaram uma índole muito diversa<sup>179</sup>. Entre os mesmos *AtsAp* percebe-se orientações doutrinárias divergentes<sup>180</sup>. A ligação entre determinados *frgg.* e a conjuntura temático-textual dos *AtsAp* é bastante precária em alguns dos casos. Por esta configuração, estas obras, bem provavelmente, pretendessem entreter e edificar, através de um gênero novelístico<sup>181</sup> – não estava em jogo nem a ortodoxia nem a historicidade, e por isso utilizaram-se das modas literárias ficcionais da sua época (séculos II-III), também porque as fronteiras entre ὀρθοδοξία e αἵρεσις não estavam definidas. Uma coisa é digna de nota: se certa ou não, permanece a discussão. E os Pais da Igreja e autores eclesiásticos dão conta de um caráter heterodoxo dos *AtsAp*<sup>182</sup> (embora eles mesmos sejam produto de um processo seletivo). Na sua Ἐκκλησιαστικὴ Ἱστορία<sup>183</sup>, o exegeta historiador – Εὐσέβιος ὁ Καισάρειος (= Eusebius Pamphili, ou

---

<sup>177</sup> *id. ibid.*, pp.114-6; também PIÑERO. 2004, *op.cit.*, p.16.

<sup>178</sup> KAESTLI, Jean-Daniel. *L'utilisation des Actes apocryphes des apôtres dans le manichéisme*: – in: *Gnosis and Gnosticism*. Martin Krause (ed.). *Nag Hammadi Studies* 8. Leiden: Brill, 1977, pp.107-16. *id.* trabalhos de 1981, 1983 e 2008.

<sup>179</sup> *cf* KAESTLI. *Les principales orientations de la recherche sur les Actes*. – in: BOVON, F. et alii. *Les Actes Apocryphes des Apôtres, Christianisme et monde païen*. Genève: 1981, pp.49-67.

<sup>180</sup> Há casos que apontam para partes distintas de uma mesma obra.

<sup>181</sup> e.g., (para se ter alguma ligação contemporânea) alguns destes *AtsAp* seriam como a obra *Eles eram muitos cavalos*, de Luiz Ruffato (muito fragmentário e com conexões bem tênues ou inexistentes na temática interna).

<sup>182</sup> Augustinus de Hipona na sua obra contra o maniqueu Fausto afirma que “os maniqueus leem escrituras apócrifas compostas debaixo do nome dos apóstolos” conforme *Diversarum hæreseon liber* –in: CSEL - *Corpus Scriptorum Ecclesiasticorum Latinorum*, XXXVIII, pp.47-8. Também o Papa Leão I diz que tais escrituras estão “cheias de erro, que devem ser proibidas, eliminadas e jogadas ao fogo”, *cf Carta 15*. – in: Migme (ed.) *P.L.*, 1841, *op.cit.*, t.LIV, col.688.

<sup>183</sup> EUSEBIUS PHAMPHILI. Ἐκκλησιαστικὴ Ἱστορία, liv. III, cap. XXV – *As Divinas Escrituras que são aceitas e aquelas que não são*. *cf* American Society of Church History – in: *Boletim December/1888*. Impresso. vol. I. New York: Society’s paper, 1889, pp.251ss.



da Cesareia Marítima; 263-†339)<sup>184</sup> só inclui *AtsPl* como autêntico (= não canônico, danificado), o que implica que *AtsPe et his similia* deveriam ser classificados ao nível de invenção de “hereses”<sup>185</sup> na sua famosa distinção – λογούμενα, ἀντιλεγόμενα e νόθα<sup>186</sup>. Epiphanius (de Salamina) na sua obra *Περὶ τῶν ψευδεπιγράφων τῶν παρὰ αἵρετικοῦς*<sup>187</sup> diz que eram lidos e usados pelos “hereses”.

De outro lado, são inúmeros os *testimonia* usados por obras reconhecidas pela Igreja. Temos, *e.g.*, um *Saltério Maniqueu*<sup>188</sup>, descoberto no Egito em 1930, com grande possibilidade de ter origem siríaca, traduzido para o grego e depois para o copta. Datado de fins do século III, num dos hinos aos peregrinos – *Salmo da Paciência*<sup>189</sup>, menciona informações do *AtsPe*, como que Pedro teria morrido de cabeça para baixo<sup>190</sup> e muitos outros detalhes que atestam o uso dos demais *AtsAp*. Aurelius Augustinus (de Hipona, 354-†430), irrefutável para a Igreja, cita *AtsJo* sem qualquer receio em suas obras, *e.g.* no *Tractatus 124 in Iohannis Euangelium*<sup>191</sup>. Δίδυμος ὁ Τυφλός (= Dydimus, Caecus; de Alexandria, 310-†398) cita-os em seu *Commentarii in Zacchariam*<sup>192</sup>. Ἴππόλυτος (= Hypollitus, de Roma; 170-†235) buscará nos *AtsPl* argumentação para a atitude do profeta Daniel com os leões, quando o

---

<sup>184</sup> Para datação está *cf* ALTANER, DPAC e DROBNER, *op.cit.*, nesta ordem.

<sup>185</sup> Εἰρηναῖος (= IRINÆUS, de Lyon). *Adversus Hæreses*, XLVIII,1; também em XLV,2; LXI,1; LXIII,2. – *in*: Migme (ed.) *P.G.*, 1857, *op.cit.* t.VII.

<sup>186</sup> *Aceitos, discutidos e ilegítimos.*

<sup>187</sup> *Acerca dos pseudoepígrafos em uso pelos hereges.* Segundo o texto grego de JUNOD-KAESTLI. 1997, p.697, cuja epígrafe diz que “não são escritos pelos apóstolos e sim pelos demônios”.

<sup>188</sup> GIANOTTO, Claudio. *Risonanze scritturistiche nel Salterio Manicheo.* – *in*: *Bulletin de la Societé Archéologique Copte* 35. Cairo: 1996, pp.59-73.

<sup>189</sup> ALLBERRY, Charles. R. (ed.) *Manichæan Manuscripts in the Chester Beatty Collection: Vol II, part II: A Manichæan Psalm Book.* Stuttgart: W. Kohlhammer, 1938.

<sup>190</sup> *AtsPe* AV XXXVIIss; *Mart. gr.* VIIIss.

<sup>191</sup> *cf* RHE 11, pp.225-256, *cf* art. de FLAMION, Joseph. *Les Actes Apocryphes de Pierre.* – *in*: *Revue d'histoire ecclésiastique, RHE* XI. Paris, Bruxelles: Louvain Bureau du Recueil, 1910, pp.5-28; 225-256; 447-470; 675-692, acerca de *l'attitude d'Augustin* no uso dos *AtsAp*.

<sup>192</sup> DPAC-pt. *op.cit.*, p.406.

mesmo animal teria lambido os pés de Paulo<sup>193</sup>. Ὠριγένης (= Origenes Adamantius, ou de Cesareia; 185-†253) cita-os ao se referir ao episódio do “*Quo vadis?*”<sup>194</sup>. Ἐφραίμ ὁ Σύρος<sup>195</sup> (= Efrém, o Sírio; 303-†373) comenta cartas de Paulo com os coríntios, conteúdo de *AtsPl* juntamente com as canônicas paulinas a esta comunidade<sup>196</sup>.

Em síntese, podemos afirmar que o que temos são textos heterodoxos e, se vistos pelo olhar temporalmente posterior da ortodoxia, soberbamente atribuídos ao gnosticismo amplo – multifacetariamente gnóstico-cristão, e ao próprio encratismo.

O ponto de partida é o da discussão precedente. Na época que os *AtsAp* tiveram sua representação gráfica não havia os embargos conceituais da ὀρθοδοξία e αἵρεσις completamente definidos nem a *regula fidei* encontrava-se estabelecida, ou melhor, tínhamos várias – *regulae fiderum*, uma inclusive para os *AtsAp*. As γνώσεις foram uma das muitas formas de ser e pensar que, hodiernamente, são chamados “hereses”. Tomavam suas opiniões dos escritos hoje ditos “canônicos” – uma lista em aberto na época, da religião persa, do judaísmo e da filosofia e mística grega. Não estaríamos vendo no pós-modernismo do presente século estresido (ao seu ciclo) algo no mesmo afã de perscrutar as relações humanas com a divindade?

Paulo, além da forte doutrina moral estoica<sup>197</sup>, deixa diversos indícios de contato pessoal e das igrejas sob seus cuidados com o gnosticismo, *e.g.* quando alude à γνώσις (= conhecimento), ἐπίγνωσις (= plenitude de conhecimento), oposição σάρξ *versus* πνεῦμα<sup>198</sup>, um mundo tenebroso e repleto de *principados* e *potestades*, além de outros – calões plásticos gnósticos:

---

<sup>193</sup> Ἰππόλυτος (= HIPÓLITO, de Roma). *Sobre Daniel*, III, 29. – *in*: ed. crít. gr. NAUTIN, Pierre. *Lettres et écrivains chrétiens des II<sup>e</sup> et III<sup>e</sup> siècles*. Paris: Cerfs, 1961, pp.170-207.

<sup>194</sup> ORIGENES. *Commentairii in Joannes*, XXII, 12 – *in*: CSCO, 1953, p.145ss, de onde se reconhecem as palavras textuais de ϥ gr. Hamburgo dos *AtsPl* (PH7).

<sup>195</sup> Em siríaco ܩܘܪܝܘܢ ܕܥܦܪܝܡܐ (transl. Mor/Mar Afrêm Sûryâyâ).

<sup>196</sup> VOUAUX. 1913, *op.cit.*, caps. XX e XXXIV.

<sup>197</sup> PESCE, Mauro. *As duas fases da pregação de Paulo*. São Paulo: Loyola, 1996, pp.112; 172-84; 204-7.

<sup>198</sup> Rm 7,22-25; 1Cor. 15,50-51 (BJ). O *bem* é do espírito *versus* o *mal* da carne; excomungando todo o erotismo, κτλ, com a maldição eterna.

<sup>25</sup> da qual [ἐκκλέσια = comunidade] eu estou feito ministro segundo a dispensação de Deus, que me foi concedida para convosco, *para cumprir* a palavra de Deus:

<sup>26</sup> *o mistério* que esteve *oculto desde todos os séculos e em todas as gerações* e que, agora, foi *manifesto* aos seus santos;

<sup>27</sup> aos quais Deus quis fazer *conhecer* quais são as *riquezas da glória deste mistério* entre os gentios, que é Cristo em vós, esperança da glória;<sup>199</sup>

<sup>11</sup> Revesti-vos de toda a *armadura de Deus*, para que possais estar firmes contra as astutas ciladas do diabo;

<sup>12</sup> porque não temos que *lutar contra carne e sangue*, mas, sim, *contra os principados*, contra as *potestades*, contra os *príncipes das trevas* deste século, contra as *hostes espirituais* da maldade, *nos lugares celestiais*.<sup>200</sup>

#### IV. Revisão datal e autoral dos *AtsPe* no referencial do ‘gênero Πράξεις’

Mesmo que, mantenhamos o enfoque *stricto sensu* para o estabelecimento de uma “estratigrafia”<sup>201</sup> de *AtsPe* – conforme terminologia crossaniana, que objetiva a localização do *estrato* (camada) onde está este texto tendo em vista o apropriado reconhecimento dos seus pressupostos necessários: fontes textuais, da tradição oral, intertextualidades, aspectos linguísticos, teológicos e históricos – ferramentas para uma correta compreensão de *AtsPe* e sua tradução. Ainda assim, Jean-Daniel Kaestli e Eric Junod, que se dedicaram a este tema, concluíram descrevendo-a como um grande “quebra cabeças”. A

<sup>199</sup> Cl 1,25-27; 1,12-15 (BJ; *itálicos* nossos).

<sup>200</sup> Ef 6,11-12 (BJ, grifo nosso).

<sup>201</sup> Termo aqui entendido no sentido proposto por CROSSAN, John Dominic. *O Jesus Histórico – A vida de um camponês judeu do Mediterrâneo*. Rio de Janeiro: Imago, 1994, pp.26-8, como veremos mais detalhadamente no cap. III.

menção mais objetiva e antiga que nos foi legada para a reconstrução da camada ou *estrato* datal de *AtsPe* advém dos demais *AtsAp*, revisitando a obra *De Baptismo et de Pœnitentia. Adnotationes*, de Quintus Septimus Florens Tertullianus (de Roma, ou de Cartago, c<sup>a</sup>.155-† c<sup>a</sup>.212):

Agora sim, no caso daqueles que leem os escritos que levam falsamente o nome de Paulo, que reivindicuem o exemplo de Tecla para defender a capacidade das mulheres em ensinar e batizar, devem saber que o presbítero da Ásia que compôs este[s] escrito[s], como que se quisera ligar algo da sua parte ao prestígio de Paulo, abandonou seu cargo depois que estava convicto e confesso de fazer este[s] textos] por amor à Paulo.<sup>202</sup>

Crossan irá iniciar a datação dos *corpora* Πράξεις ao enquadrar o *Atos* lucano no quarto *estrato* ou geração de material textual cristão subapostólico, compreendido no período entre 120-150 e “concebido como continuação do *Evangelho de Lucas*, com o qual formaria uma obra em dois volumes (...) escrito depois do seu predecessor (Lc)”<sup>203</sup>.

---

<sup>202</sup> TERTULLIANUS. *De Baptismo et de Pœnitentia. Adnotationes*, XVII,5. (on-line) < <http://www.thelatinlibrary.com/ter tullian/ter tullian.baptismo.shtml> >, acessado em 15/05/2010; uide também THELWALL, Sydney (trad.). *Ante-Nicene Fathers*. vol.III, *Ethical, On Baptism*. New York: 1926, pp.5-6.

<sup>203</sup> CROSSAN. 1994, *op.cit.*, pp.465-86, aponta as camadas de textos: (i) Primeiro Estrato (30-60): 1Ts, Gl, 1Cor, Rm, *Ev. Tomé I (proto)*, *Ev. Egerton*,  $\mathfrak{P}^{2325}$ ,  $\mathfrak{P}^{\text{Oxyrh.1224}}$ , *Ev. Hebreus*, Fonte Q, *Coleção de Milagres*, *Relato do Apocalipse* e *Ev. da Cruz*; (ii) no Segundo Estrato (60-80) estariam: *Ev. dos egípcios*, *Ev. Marcos secreto*,  $\mathfrak{P}^{\text{Oxyrh.840}}$ , *Ev. Tomé II*, *Coleção dos diálogos*, *Livro dos Sinais* e Cl; (iii) Terceiro Estrato (80-120): Mt, Lc, Ap, *I Ep. Clemens*, *Ep. Barnabé*, *Διδαχή I*, *Pastor de Hermas*, Tg, *Ev. Jo I (proto)*, *Cartas de Inácio*, 1Pd, *Ep. de Policarpo aos Filipenses part. I* e 1Jo; (iv) Quarto Estrato (120-150): *Ev. Jo II*, *Atos dos Apóstolos* (lucano), *Apócrifo de Tiago*, 1Tm, 2Tm, 2Pd, *Ep. de Policarpo aos Filipenses part. II*, *II Ep. Clemens*, *Ev. Nazarenos*, *Ev. Ebionitas*, *Διδαχή II*, *Ev. de Pedro* (iniciando-se uma verdadeira “série literária petrina”) et alii.

A despeito de alguma resistência de caráter canônico por uma corrente anterior, conforme Jeremiah Jones<sup>204</sup>, Nathaniel Landers<sup>205</sup> *et alii*, que tratam como espúria a remissão de Tertullianus à *Acta Pauli et Theclæ* (*AtsPITe*), nesta citação recaem os argumentos que possibilitam alguma relação cronológica entre o *AtsPl* (que contém o *AtsPITe et alii*)<sup>206</sup> e os demais materiais escriturísticos do gênero Πράξεις. A discussão dá-se emblemática e acalorada já no próprio texto latino. Ou seja, em Tertullianus lê-se: “*Acta Pauli quæ perperam scripta sunt*” ou lê-se “*Acta Pauli, (...)*”<sup>207</sup>? O problema da existência ou não da vírgula, depende tão

<sup>204</sup> JONES, Jeremiah. *Canon of New Testament*. vol.II. Ghent: 1896, p.353.

<sup>205</sup> cf LARDNER, Nathaniel. *The Credibility of Gospel History – Part II – The Principal Facts of The New Testament*. vol.VIII. London: Theodore Sanders, 1750, p.305.

<sup>206</sup> Embora tenham chegado como obras separadas, os eruditos hoje as consideram partes de uma mesma obra também de “*romance cristão*”, GOODSPEED, Edgar Johnson. *The Acts of Paul and Thecla*. – in: *The Biblical World* 17.3. London: março/1901, pp.185-90; ou como chamamos – *AtsPl: Acta Pauli et Theclæ, I Ep. aos Coríntios, II Ep. aos Coríntios, O Martírio de S. Paulo* e mais duas que restaram fragmentadas – *A cura Hermócrates* e *a Luta das Feras de Éfeso*.

<sup>207</sup> cf TERTULLIANUS (BL), *op.cit.: quod si quæ Acta Pauli, quæ perperam scripta sunt, exemplum Theclæ ad licentiam mulierum docendi tinguentique defendant, sciant in Asia presbyterum qui eam scripturam construxit, quasi titulo Pauli de suo cumulans, convictum atque confessum id se amore Pauli fecisse loco decessisse*. (i) Na primeira leitura: não fica esclarecido que *Acta Pauli* sejam *AtsPITe* (integrantes da obra uma *AtsPl*). (ii) Na segunda leitura possível, cf DAVIES, *Women, Tertullian and the Acts of Paul*. – in: *Semeia* 38 – *Apocryphal Acts...* Chicago: Society of Biblical Literature, 1986, pp.139-43, se tratava de uma epístola “apócrifa” paulina cuja intenção é a anuência para a mulher poder ensinar e batizar. No entanto, Davies explica que as razões de Tertullianus não se ajustam ao contexto geral de *AtsPl* (obra completa): em *AtsPITe* Tecla não recebe expressa autorização para realizar batismos, nem trata da notoriedade de Paulo, sequer parece razoável que goze de algum respeito um escrito feito por alguém que tenha sido deposto do cargo. Davies conclui: “*trata-se de alguma carta apócrifa, pseudoepigrafada por Paulo, descoberta, esquecida e se perdeu*”, cf *id. op.cit.*, p.143, e desta maneira, estaria desfeito a única citação direta, que se tem conhecimento, para aclarar a datação sequencial do gênero *Atos* e nos reduziríamos à argumentar internamente nos próprios textos em questões sobre o desenvolvimento teológico, ambiente geográfico-histórico, ideologia, preferências literárias, motes linguísticos, κτλ. Porém, ocorreu um fato bastante ousado em 1989 (que depois de publicado tornou-se notório nos estudos apócrifos) preconizado pelo scholar SCHNEEMELCHER que inverte radicalmente sua interpretação da edição 4<sup>a</sup>. (1971) para a 5<sup>a</sup>. (1989) da sua

somente da interpretação de um filólogo, pois no manuscrito latino uncial tal marcação não existe. O texto latino pertence à BL que adota a segunda posição, porém trata-se de mera interpretação; e junto a esta Wilhelm Schneemelcher, Edgar Hennecke, Jean-Daniel Kaestli, Eric Junod *et alii* fazem coro.

As ressalvas são tantas, considerando a citação de Tertullianus, que as conclusões acerca da cronologia do *AtsPe* a partir desta restam nebulosas. Há de se recorrer a outros recursos comparativos intratextuais, históricos, geográficos, κτλ, sopesadas as partes mais confiáveis dos textos contendo um forte aparato e suporte crítico. Ainda mais, resta a questão do quanto é provável, que alguns *AtsAp* tenham tido uma única redação, como parece ser o caso de *ApsAnd*, *AtsJo* e *AtsTo*<sup>208</sup>. No interregno de uma ou outra edição a nós legada destes textos, haveria anos de retoques por mãos sensíveis a serviço de determinada ideologia produzindo variantes por interpolações ou retiradas.

Em defesa do testemunho de Tertullianus, não obstante alguma dificuldade textual em texto latino, pode-se perceber conexo com o *AtsPl*. As justificativas poderiam ser *cf* Schneemelcher, Hennecke, Kaestli, Junod, Cerro, Piñero *et alii*: (i) A insistente defesa de atividades ministeriais de mulheres teria solapado o autor de *AtsPl*<sup>209</sup>, o que espelharia a política de um lado vencedor que arguia que o próprio Paulo havia proibindo-as falar em assembleia<sup>210</sup>. (ii) No *AtsPl* não há

*Neutestamentliche Apokryphen*, II. Na ed. de 1971, p.222 ele aceitava a leitura que omite a menção do *Acta* a favor de *scripta*; na de 1989, p.195 ele admite que a leitura *Acta Pauli* modifique também sua opinião anterior e reconhece que o texto resulta problemático, *cf apud* Introdução, *op.cit.*, 6ª. ed., pp.190ss.

<sup>208</sup> A data de composição de *AtsJo* é 150, conforme KAESTLI, JUNOD *et alii*. Porém, outros pesquisadores, e.g. PLÜMACHER, Eckhard. *Apokryphe Apostelakten*. – in: *The Realencyclopädie der Classischen Altertumswissenschaft* – RE / Pauly-Wissowa – PW. vol. XIX, Halbband 37. München: Pech-Petronius, 1937; ou ainda *cf* CERRO, art. sobre a *Cronologia relativa dos AtsAp* – in: PIÑERO (ed.). 2004, *op.cit.*, p.58, esta informação não se adéqua a outro dado histórico: a destruição do templo de Artemis (*cf* menciona *AtsJo* XXXVII-XLII). Fato só explicável se a destruição do templo (pelos godos em 263) já tivesse ocorrido ou se a passagem for um destes muitos retoques interpolativos a que estes textos foram submetidos.

<sup>209</sup> CERRO. 2004, art. *cit.*, pp.58-60.

<sup>210</sup> 1Cor 14,34: “(...) αἱ γυναῖκες ἐν ταῖς ἐκκλησίαις σιγάτωσαν οὐ γὰρ ἐπιτρέπεται αὐταῖς λαλεῖν, ἀλλὰ ὑποτασσέσθωσαν, καθὼς καὶ ὁ νόμος λέγει.” (= “as mulheres devem ficar caladas nas reuniões de adoração. Elas não têm permissão para falar, assim como diz a Lei.”) Dificilmente alguma palavra

autorização para Tecla batizar. Mas autobatiza-se<sup>211</sup> com uma admoestação ínfima e logo é enviada para pregar com o uso do termo διδάσκει (= ensine)<sup>212</sup>. (iii) Consequentemente, Davies<sup>213</sup> acende a possibilidade de terem existido passagens, agora perdidas, que se defenderiam esta possibilidade para as mulheres, considerada a tradição que aos poucos se recupera destes dados perdidos, e.g. Maria de Magdala. Ainda, teoriza que uma mulher seguindo tradições orais poderia ser a autora de *AtsPITe*. (iv) Contra Davies, Tertullianus ao referir-se ao *AtsPITe*, certamente, o foco é Paulo. Tecla, embora protagonista, é uma jovem que se vê “um cordeirinho que suspira por seu pastor” – Paulo<sup>214</sup>. (v) Contra Davies – que a desgraça do seu autor implicaria no êxito da obra – tem peso relativo. Tertullianus pretende reverter o prestígio que o escrito já gozava, segundo Cerro<sup>215</sup>. Davies força a tradução: “destituído do seu cargo”; em Tertullianus – *loco decessisse* é abandonar o cargo, consequência possivelmente notória ao leitor da Antiguidade.

As cardeais razões para preferência do esboço cronológico começando pelo *AtsPI* se deve à notoriedade que obteve a obra, com muitos *testimonia* (*uide* seguir). A repercussão da obra é produto: da notoriedade do seu protagonista, da sua popularidade em franca ascensão, da monopolização narrativa na segunda parte do *Atos dos Apóstolos* lucano em Paulo (e em detrimento a Pedro) e do caráter gentílico e universal do Apóstolo das Gentes.

Rematando esta etapa: em virtude da aceitação nas pesquisas recentes da citação de *AtsPI* em Tertullianus como axiológica, sua datação

---

paulina tenha provocado tanta consternação como esta. Conflita com 1Cor 11,5. Segundo ELLIOT. 1994, *op.cit.*, p74ss, apoiando-se em estudos Antoinette Clark WIRE e de Elizabeth Schüssler FIORENZA, que apontam aqui uma interpolação por alguém da escola de Timóteo. Portanto, o argumento de (i) seria bastante frágil.

<sup>211</sup> *AtsPITe*, XXXIV.

<sup>212</sup> *ibid.*, XLI. Notemos que o emprego de διδάσκει verbo *gr.* presente (particularmente na κοινή NT), o ‘*aktionsart*’ (aspecto, ação) é iterativo e frequentativo; não momentâneo ou pontual, *cf* GOODWIN, Willian Watson. *Syntax of the moods and tenses of the Greek verbs*. Boston; NY; *et alia*: Gym and Company, 1897/1970, pp.8-11; ou *uide* ALEXANDRE Jr., Manuel. *Gramática de Grego*. Lisboa: Alcalá & Soc. Bíblica de Portugal, 2003, pp.264-9.

<sup>213</sup> *cf* DAVIES. 1986, *op.cit.*, pp.139-43.

<sup>214</sup> *AtsPITe* XXI.

<sup>215</sup> CERRO. 2004, *art.cit.*, pp.58-60.

passará reportar-se a *De Baptismo et de Pœnitentia. Adnotationes*, cronologicamente bem demarcada em torno de 198-200. O *AtsPl* é anterior a 200, composto *ad quem*, com tempo suficiente para serem conhecidos na África, ainda com tempo para sua notoriedade alcançar a oitiva e a pena de Tertullianus<sup>216</sup>. Muitos outros *testimonia* poderiam ser elencados: *e.g.* *De Principiis* de Rufino, *Commentarii in Johanneum* de Ὠριγένης (= Orígenes Adamantius), argumentos internos no *Codex Claromontanus*, *H.E.* de Eusebius (de Cesareia), *O Banquete das Virgens e o da Castidade* de Methodius (= Metódio de Olimpos), Ἐφραίμ ὁ Σῦρος (= Efrém, o Sírio) quando comenta 3 *Coríntios*, Epiphanius (de Salamina), Ἰωάννης ὁ Χρυσόστομος (= João Crisóstomo), Aurelius Ambrosius (de Milão), Ζήνων Βερόνας (= Zeno ou Zenão de Verona), Augustinus de Hipona, Γρηγόριος Θαυματουργός (= Gregório Nazianceno ou Taumaturgo) *et alii*. Tópicos importantes ficarão sem serem tocados nesta tese.

Vencida a etapa anterior para situar *AtsPl*, discutiremos a antecedência de *AtsPe* e a assimilação textual por *AtsPl*.

A conexão em Tertullianus resulta não somente na datação de *AtsPl*, que segue o modelo do *Atos* lucano datado entre 120-150<sup>217</sup>, mas ainda, vai aclarar a datação de *AtsPe* e de todo o gênero Πράξεις. A argumentação consiste na intertextualidade entre *AtsPl* e *AtsPe* na cena “*Quo vadis?*” que compõe o “Μαρτύριον τοῦ ἁγίου ἀποστόλου Πέτρου”, refere-se à Parte V dos *AtsPe*<sup>218</sup>. Os martírios são marcas bastante peculiares a este gênero literário e, muito frequentemente, resultam em pontos de contato entre os textos. Os paralelos são inevitáveis. Em *AtsPl*, a cena “*Quo vadis?*” parece duplicada<sup>219</sup>. Ambos os eventos martirológicos estão vinculados a Roma e temos relato de uma aparição do Senhor com Pedro em *AtsPe* (ou com Paulo em *AtsPl*). As conversas e o enredo da visão também são semelhantes.

O pano de fundo da cena em *AtsPe* é a atmosfera de perseguição contra os cristãos que se dá em Roma. Pedro intenta fugir contando com auxílio. Ao sair na calada da noite, camuflado em vestimentas, no portal da cidade depara-se com o Senhor na direção oposta, entrando em Roma. Ao vê-lo pergunta: “— *Quo vadis, Domine?*” ou em *cop.* “— Para onde os teus passos te dirigem?” ou em *gr.* “— Aonde vais, Senhor?”. O senhor

<sup>216</sup> TERTULLIANUS é de Cartago (c<sup>a</sup>.155-212); note-se que *De Baptismo et de Pœnitentia. Adnotationes* data de 198-200.

<sup>217</sup> CROSSAN. 1994, *op.cit.*, pp.465-86.

<sup>218</sup> Μαρτύριον... e também AV XXXV.

<sup>219</sup> *Þ. gr.* de Hamburgo para *AtsPl* – PH 7.



responde-lhe: “— Ἐισέρχομαι εἰς τὴν Ῥώμην σταυρωθῆναι.”<sup>220</sup>. Pedro replica: “— Κύριε, πάλιν σταυροῦσαι.”<sup>221</sup>. Pedro reflete e compreende. Após contemplar o Senhor que subia ao céu, volta para dentro da cidade, feliz e louvando o Senhor pelo que havia dito: “— Vou ser crucificado”. Isto era precisamente o que ia ocorrer a Pedro.

Em *AtsPl*, o cenário é a viagem por mar de Paulo a Roma. Ele está dormindo no barco durante a travessia. Acontece igualmente uma aparição do Senhor que encontra o Apóstolo andando sobre o mar<sup>222</sup>. Jesus acorda Paulo que o chama de “rei do céu”. O Senhor triste contagia o apóstolo. Logo ele diz: “— Vem, e entra em Roma e consola os irmãos”. O Senhor se adianta ao barco caminhando pelas águas. Ao aportarem, dirige-se a Paulo: “— Παῖδ[ε], ἄνωθεν μέλλω σταυρ[οῦσθαι].”<sup>223</sup>. Paulo replica: “— μὴ γέ[νο]ιτο κύριε ἵνα τοῦτο ἐγὼ ἴδω.”<sup>224</sup>.

Uma frase homeomorfa aguça, em particular, a atenção: em *AtsPe* “— εἰσέρχομαι εἰς τὴν Ῥώμην σταυρωθῆναι” e em *AtsPl* “— ἄνωθεν μέλλω σταυροῦσθαι”<sup>225</sup>. A intertextualidade e a dependência são evidentes em Vouaux<sup>226</sup> e outros. Mas, qual dos dois – o *AtsPe* ou o *AtsPl*

<sup>220</sup> *AtsPe*, Μαρτύριον... e AV XXXV: “— Entro em Roma para ser crucificado”. O fato do Senhor dizer que morreria novamente, está ligada a antiga acepção hagiográfica: onde cada mártir que era morto, para as comunidades e as audiências cristãs nos coliseus, é como se o Senhor fosse morto novamente. Origina-se segundo Hb 6.6; Gl 2,19, At 9.5, desdobrando-se em Rm 8.6; 14.8; 2Cor 5-15. Usaremos o texto *gr.* porque mais adiante será defendido como o original.

<sup>221</sup> “— Senhor, para ser crucificado de novo?”

<sup>222</sup> Remissão a Mt 6.47, passagem iminentemente petrina, onde o apóstolo também vai com o Senhor andar por cima das águas.

<sup>223</sup> ϕ. *gr.* de Hamburgo, VII,39 (*AtsPl*). – in: VOUAUX: “— Paulo, de novo vou ser crucificado”.

<sup>224</sup> “— Não se suceda, Senhor, que eu veja isto”; *AtsPl* – PH VII, 40. – in: VOUAUX.

<sup>225</sup> O uso de ἄνωθεν, para ser crucificado “de novo” já é percebido em antigos relatos martiriológicos, como, cf PARAIZO, Jr., Elias S. *Análise Crítica-Literária e Tradução da Carta Circular da Igreja de Esmirna Sobre o Martírio de São Policarpo: a mais antiga narrativa do gênero*. – in: *Anais XXIII Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos* (impr.). Araraquara: UNESP / SBEC, 2008, pp.214-27. (uide também on-line) < <http://www.fclar.unesp.br/ec/BANCO%20DE%20DADOS/XXIII%20SEC/TEXTOS/ARTIGOS%20PDF/paraizo.pdf> >, acessado 23/09/2011.

<sup>226</sup> VOUAUX. 1922, *op. cit.*, pp.427ss; também PREUSCHEN, von Erwin. *Tatians Diatessaron*. Heidelberg: Winters, 1926, t.IV, pp.288-342. – in: MIGME,

é original e fonte mais antiga? Pesquisadores<sup>227</sup> se inclinam pela originalidade do *AtsPe* frente ao *AtsPl*. No rol de razões temos: (i) O *AtsPe* é mais simples e coerente – atende a *brevior lectio potior*<sup>228</sup>. A perseguição está no encalço de Pedro que pretende fugir em sigilo de Roma. O apelo do Senhor para o regresso sucede de forma plástica. (ii) O apelo dá-se pelo uso verbal *gr. aor.* – *σταυρωθῆναι*<sup>229</sup>. (iii) A reflexão interior leva-o ao vislumbre de que irá cumprir a crucificação aludida. (iv) Apressa-se em retornar a Roma e consola os cristãos<sup>230</sup>. (v) O diálogo faz uma remissão bastante primitiva à conversação de Jesus com Nicodemos, no Evangelhos, percebida no emprego de *γεννηθῆ ἄνωθεν* (Jo 3,3: “nascer de novo”) com a réplica do fariseu: “como pode o homem voltar a nascer”.

O relato em *AtsPl* é mais extenso, completo e menos coeso e coerente. Os *scholars* elencam uma série de percepções, algumas bastante sutis: (i) Paulo já está em alto mar rumo a Roma. Falta algo de coerência na recomendação: “— ὕπαγε καὶ εἴσελθε εἰς τὴν Ῥώμην”<sup>231</sup>. (ii) Paulo já observa o Senhor quando a relação prossegue dizendo: “— ὧ[φθη ἡ] δ[η ὁ] κ[ῆ] περιπατῶν ἐπὶ τῆς θαλάσσης”<sup>232</sup>. (iii) A tristeza do Senhor na sua recomendação “— παρακά[λεσο]ν τοὺς ἀδελφούς”<sup>233</sup> remete ao

---

Jacques-Paul (ed.). *Patrologie cursus completus. Series Graeca (P.G.)*. Paris: Imprimerie Catholique, 1857-1866, t.XVI, col.600 *c<sup>a</sup>*; ou ainda LELONG, Jacques. – *in: The Catholic Encyclopedia*. New York: Robert Appleton Company, 1910, p.130. – *in: MIGME*, Jacques-Paul (ed.). *Patrologie cursus completus. Series Latina (P.L.)*. Paris: Imprimerie Catholique, 1841-1864, t.II, col.1027 *c<sup>a</sup>*; *et alii* (pesquisadores dos anos 1900-1930) que fazem menção a totalidade dos argumentos elencados a seguir, cuja reprodução textual esta num art. de síntese de CERRO, Calderón, Gonçalo Del. *Cronología de los Hechos Apócrifos de los Apóstoles*. – *in: Analecta Malacitana XV*, 1-2. Madrid: 1992, pp.85-95 (também *on-line*, *vide Bibliografía*).

<sup>227</sup> PIÑERO. 2004, *op.cit.*, p.61; κτλ.

<sup>228</sup> A preferência é pela *brevior lectio potior* – leitura mais curta é a preferida. Notória regra e amplamente aceita, *cf* a qual a menor variante ou intertextualidade é a melhor, devido à maior tendência à inclusão do que à exclusão.

<sup>229</sup> Com valor pontual: ser crucificado aqui e agora.

<sup>230</sup> Ματῦριον... e também AV XXXV.

<sup>231</sup> “— Vá e entre em Roma.” *ϕ. gr.* de Hamburgo, VII,32 (*AtsPl*). – *in: VOUAUX*.

<sup>232</sup> “(...) e apareceu o Senhor caminhando sobre o mar.”

<sup>233</sup> “— consola os irmãos.”

ambiente de tensão e tristeza de *AtsPe*<sup>234</sup>. (iv) O uso do inf. de pres. *στυροῦσθαι*, atestado em Ὠριγένης (= Orígenes Adamantius)<sup>235</sup>, indica aspecto iterativo e frequentativo<sup>236</sup>, que poderia bem referir-se a uma perseguição duradoura no sentido das palavras de Jesus no *Atos* lucano<sup>237</sup>. (v) Se esta palavra se referia ao martírio prenunciado de Paulo, não teria muito sentido sua reação: “— μὴ γέν[οι]το κύριε”<sup>238</sup>. (vi) A enigmática frase de Jesus aparece depois de uma lacuna de três linhas. Está num contexto referencial que não a enquadra. (vii) A frase essencial em *AtsPe* não tem o advérbio ἄνωθεν. O palavra πάλιν surge no diálogo posterior, empregada no NT, cuja ocorrência está na razão de 10:1 para ἄνωθεν<sup>239</sup>. Ambas são sinônimas. Jo 3,7 γεννηθῆναι ἄνωθεν (= nascer de novo). O uso pleonástico dá-se em um só caso de ambas juntas (...) πάλιν ἄνωθεν (...) <sup>240</sup>. (viii) Paulo não pede explicações. Ao contrário, como Pedro no texto canônico<sup>241</sup> parece querer desviar o Senhor do seu propósito e ele entende (como Pedro em Mt) não da sua própria morte, mas da morte do Senhor.

O episódio exemplificativo de contato entre os textos, resta que em *AtsPe* é mais simples, claro e coerente. Em *AtsPl* há um acúmulo de cenas sem a necessária coesão de onde a frase central – “ἄνωθεν μέλλω στυροῦσθαι” não tem outra justificação intratextual para a tristeza do Senhor. A não ser que nas fileiras danificadas haja elementos que situem a frase de uma maneira mais coerente. Feita a tomada desta cena, é mais natural que a prioridade cronológica recaia sobre *AtsPe* do que sobre o *AtsPl*.

Logo, concluímos que se *AtsPl* retrocede em alguns anos para poder ter sido conhecido, legitimado, copiado, disseminado e ter se notabilizado no norte da África a ponto de receber a citação tertuliana em *De Baptismo et de Pœnitentia. Adnotationes* (198-200), o *AtsPe* pelos

<sup>234</sup> Μαρτύριον... e também AV XXXIV-XXXVII.

<sup>235</sup> Ὠριγένης (= Origenes Adamantius). *Commentarii in Joannes*, XXII, 12 – in: CSCO, 1953, pp.145ss. – in: Migme (ed.) *P.G.*, 1857, *op.cit.*, t.XVI, col.600, de onde se reconhecem as palavras textuais de *ᾠ gr.* Hamburgo dos *AtsPl* (PH7). Mencionado segundo VOUAUX. 1922, *op.cit.*, p.427.

<sup>236</sup> Para GOODWIN. 1897, *op.cit.*, pp.743ss; ainda ALEXANDRE. 2003, *op.cit.*, pp.283ss, o inf. *gr.* de presente tem o ‘aspecto’ ou *aktionsart* habitual.

<sup>237</sup> At 9,4ss; *cit.* por PIÑERO. 2004, *op.cit.*, p.62.

<sup>238</sup> “(...) — que isto não suceda, Senhor.”

<sup>239</sup> ἄνωθεν aparece 13 vezes no NT, enquanto πάλιν 136 vezes.

<sup>240</sup> Gl 4,9; *cf* VOUAUX. 1922, *op.cit.*, p.427.

<sup>241</sup> Mt 16,22.

argumentos anteriores resta como mais antigo ainda – entre o *Atos* lucano (*c.<sup>a</sup>* 120-150) e *AtsPl* (*c.<sup>a</sup>* 180-190).

Enfim, na busca por uma datação para *AtsPe*, surge à questão datal de discussão mais refinada entre o *AtsPe* e o *AtsJo*. Será apenas mencionada. As relações basilares para este trabalho já estão estabelecidas no tópico anterior que trata dos *testimonia extra scripta* de *AtsPl* e da relação textual entre *AtsPe* e *AtsPl*. O tópico trataria da abundância das intertextualidades, paralelismos, anterioridade textual, assimilação textual entre *AtsPe* e *AtsJo* – e com os demais *AtsAp* – cuja busca por uma datação precisa tem dominado as pesquisas a partir dos anos 1890 com Lipsius, Harnack, Preuschen, Zahn, Lelong, James *et alii*. O tema está aberto ainda. Também repousa uma suspeição “pelos abundantes quanto admiráveis”<sup>242</sup> pontos de contatos entre os *AtsAp*, que haja unicidade autoral<sup>243</sup> ou uma única mão revisora que tenha intervindo com bastante profundidade nos retoques. Seria possível a análise de questões ambicionadas por Scheneemelcher<sup>244</sup>: terminologias cotejadas às tradições, estabelecimento dos *sitz im leben* para tais textos em ambiente cristão, uma relação de paralelismos, dentre os quais, a temática da poliformia<sup>245</sup>, arrolamento de alusões ao símbolo da cruz<sup>246</sup> e outra lista de Jesus<sup>247</sup>. As conclusões preliminares, em súmula, dão conta que: (i) *AtsPe* se inspira no *AtsJo*. (ii) *AtsJo* parecem mais “plástico e imaginativo, mais original”<sup>248</sup>. O *AtsPe* é mais abstrato, moderado e conciso, dando a impressão de haver sido resumido.

Se tais argumentos prevalecerem temos a seguinte ordem: *AtsJo*, depois *AtsPe* e mais recente o *AtsPl* que tem sua datação assegurada por Tertullianus segundo as pesquisas parecem nos apontar. Sobre os *AtsTo*,

<sup>242</sup> CERRO. art. *cit.*, 1992, síntese em pp.85-95.

<sup>243</sup> LIPSIUS. *Die Apokr. Apostelleg.*, II. 1892, *op.cit.*, p.272; cf ZAHN, Theodor von. *Geschichte des ntl. Kanons*, II. Erlangen: A. Deichert, 1880, p.860; cf JAMES, Montague Rhode (ed.). *Apocrypha Anecdota*. – in: *Texts & Studies* t.II, fasc.3. Cambridge: CUP, 1893, vol.1, pp.XXIVss.

<sup>244</sup> HENNECKE, Edgar; SCHNEEMELCHER, Wilhelm (eds.). *Neutestamentliche Apocryphen*. vol. II. Tübingen: 1964, p.247ss; também JUNOD, Éric; *Actes de Jean à Rome*. – in: *Écrits apocryphes chrétiens II* (*Bibliothèque de la Pléiade* 516). Pierre Geoltrain & Jean-Daniel Kaestli (eds.). Paris: Gallimard, 2005, p.697.

<sup>245</sup> *AtsJo* LXXXVIII-XCIII ; e *AtsPe* XX, XXI.

<sup>246</sup> *AtsJo* XCVIII.

<sup>247</sup> *AtsPe* AV XX.

<sup>248</sup> JUNOD. 2005, *op.cit.*, p.697.

*AtsAnd*, *AtsAndMt*, *AtsArq*, *AtsPi* e *AtsFi* há pesquisas relevantes, mas não suficientes para mudar o panorama para *AtsPe* entre o modelar *Atos dos Apóstolos* (c<sup>a</sup> 120-150) e a referência datal mais afiançada – *AtsPl* (c<sup>a</sup> 180-190). De igual forma, Lipsius conclui: “o *Atos* primitivo de Pedro é de cerca de 160, e parece que ele utilizou-se do Evangelho de Tomé”.<sup>249</sup>

Há também importantes coincidências de material entre os *AtsAp* e o texto canônico, que torna a fonte bíblica seu maior modelo. As citações textuais são muitas como se desprendem das notas de rodapé da tradução no Capítulo IV, bem como nomes de personagens, remissões à história bíblica, alusões claras, citações literais, formulações litúrgicas, acepções só explicáveis para quem possui leitura da fonte canônica. Há nestes *AtsAp* algo em torno de duas mil passagens com um colorido bíblico<sup>250</sup>.

Os resultados mais relevantes da tese *cf* Cerro:

- (i) Nos *AtsAp* temos 71 citações textuais e as únicas de outras obras. A intenção é, senão outra, a de referir-se a Escritura (canônica) como fonte de reconhecida autoridade.
- (ii) Menções alcançam a cifra de 329, algumas praticamente citações textuais.
- (iii) Os acontecimentos ou personagens da história bíblica são, por baixo, 139.
- (iv) Expressões tipicamente bíblicas chegam a 355.
- (v) Os conceitos e definições são pelo menos 356.
- (vi) Por volta de 362 situações similares a outras dos relatos bíblicos.
- (vii) O ambiente cultural e a mentalidade hebraica estariam em 117 passagens.
- (viii) Por fim, aparecem 218 passagens com ideologia e a doutrina professada em texto canônico.

É bastante razoável que muitos destes elementos representem a coincidência de uma época, que afeta não somente os canônicos, mas toda a literatura de época e o seu entorno. Contudo, conclui Cerro:

O conjunto de citações, realmente massivo, nos obriga a rever a conclusão de alguns autores para

<sup>249</sup> LIPSIUS. 1892, *op.cit.*, p.97.

<sup>250</sup> CERRO Calderón, Gonçalo Del. *El uso de la Sagrada Escritura en los Hechos Apócrifos de los Apóstoles*. Tese de doutoramento (Filologia grega) – Universidad de Málaga, Málaga, 1991-1992. Principais resultados e análises numéricas estão publicados – *in: EstBib* 51, 1993, pp.207-232.

os quais a fonte bíblica vem de forma frequente, espontânea e natural. De outra forma, também as citações textuais, alusões e menções a acontecimentos bíblicos com seus personagens – 539 no tal – não cabe na categoria de simples coincidências.<sup>251</sup>

Especificamente, em *AtsPe* temos três inventários que exemplificam melhor a relação deste com o material canônico<sup>252</sup> e confirmam os termos de Cerro:

— Esta tabela refere-se a empréstimos dos acontecimentos bíblicos em *AtsPe*:

- (i) Queda da raça humana (*AtsPe AV VIII, Mart. XXXVIII*);
- (ii) Faraó contra Moisés (Ex 5-12,36; *AtsPe VIII*);
- (iii) Deus envia seu Filho (v. *gr.*, Mt 10,40 par.; Lc 10,16; Jo 3,16-17.34; 5,37, 6,40 κτλ; v. *gr. AtsPe VII*);
- (iv) Endurecimento do coração de Herodes (v. *gr.* Mt 2,3-8; Lc 23,8-12; *AtsPe VIII*);
- (v) Um menino obra do Espírito Santo (Mt 1.18.20; *AtsPe XXIV*);
- (vi) Nascimento virginal de Maria (Mt 1,18; Lc 1,35; 2,6-7; *AtsPe VII*);
- (vii) Tentações de Cristo (Mt 4, 1-11 par. *cf AtsPe XXVI*);
- (viii) Sermão da Montanha (Mt 5-7; *AtsPe X; XXVIII*);
- (ix) Simão como pedra (Mt 16,18; *AtsPe XXIII*);
- (x) Deixar tudo e seguir a Cristo (v. *gr.* Mt 4,20.22 par.; 8,19.22 par.; κτλ; *AtsPe XXVII*);
- (xi) Respeito ao Sábado (v. *gr.*, Mt 12,1-8; Lc 13,10-17; 14,5; *AtsPe I*);
- (xii) Parábola do Bom Pastor (Jo 10,11ss.; *AtsPe X*);
- (xiii) Parábola do grão de mostarda (Mt 13,31-32 par.; 17,20; *AtsPe X*);
- (xiv) Parábola da ovelha perdida (Mt 18,12-14 par. *AtsPe X*);
- (xv) O escândalo e a pedra de moinho ao mar (Mt 18,6 par.; *AtsPe VI*);

<sup>251</sup> *id. ibid.*

<sup>252</sup> *vide* aparato crítico de LIPSIUS. 1891/1972, *in to.op.*; também CERRO. *op.cit.*; ainda em VOUAUX. 1922, *in to.op.*; ou também em PIÑERO. 2004, *op.cit.*; também nas notas do aparato crítico e da tradução desta tese, Capítulo IV.

- (xvi) A Transfiguração (Mt 17,1-9 par.; *AtsPe* XX);
- (xvii) Jesus caminha sobre as águas (Mt 14,25; Mc 6, 48; Jo 6,19; *AtsPe* VII);
- (xviii) Medo de Pedro ao caminhar sobre as águas (Mt 14,28-31; *AtsPe* X);
- (xix) Apóstolos de pouca fé (v. gr., Mc 16,14; cf *AtsPe* X);
- (xx) Jesus come e bebe (v. gr., Mat 11,19; At 10,41; *AtsPe* XX);
- (xxi) Conselho de Caifás (Jo 11,49-50; 18,14; *AtsPe* VIII);
- (xxii) Jesus promete a paz (Jo 14,27; *AtsPe* X; cf 5);
- (xxiii) A traição de Judas (v. gr., Mt 26,14-16 par.; *AtsPe* VIII);
- (xxiv) Cena do Getsêmani (Mt 26,36-56 par.; cf *AtsPe* XX);
- (xxv) A negação de Pedro (Mt 26,69-75 par.; *AtsPe* VII, XX e XXVIII);
- (xxvi) Suas lágrimas de arrependimento (*ibidem*). (xxvii) Judeus matam Cristo (v. gr., Mt 22,25; Jo 19,6-15; *AtsPe* XXXII, *Mart.* XXXII);
- (xxviii) Jesus crucificado, morto e ressuscita (Mt 27-28 par.; Jo 19; *AtsPe* VII, XX);
- (xxix) O caminho de Emaús (Lc 24,13-35; *AtsPe* XXVI);
- (xxx) Curas feitas por Pedro (At 5,15-16; *AtsPe* ¶<sup>128</sup> *cop.*);
- (xxxi) Paulo como perseguidor (v. gr., At 9,1-2; cf *AtsPe* II);
- (xxxii) Simão, o Mago, “a força de Deus” (At 8,10; v. gr., *AtsPe* XXXI = *Mart.* XXXI);
- (xxxiii) Simão e seu gesto simoníaco (At 8, 18-24; *AtsPe* XXIII);
- (xxxiv) Paulo disputa com os judeus em Roma (At 28,17ss.; *AtsPe* I);
- (xxxv) Paulo prega em Roma (At 28,30-31; *AtsPe* I);
- (xxxvi) Paulo na Espanha (Rm 15,24.28; *AtsPe* III).

— O elenco a seguir menciona o uso direto de figuras e personagens bíblicos em *AtsPe*:

- (i) Faraó (*AtsPe* VIII);
- (ii) Moisés (*ibid.*);
- (iii) Jesus (*in to.op.*);
- (iv) Maria, a virgem (v. gr., *AtsPe* VII);
- (v) Simão Pedro (*in to.op.*);
- (vi) Os filhos de Zebedeu (*AtsPe* XX);
- (vii) Paulo (*in to.op.*, particularmente, *AtsPe* I a III);
- (viii) Barnabé (*AtsPe* IV);
- (ix) Narciso (Rm 16,11; *AtsPe* III);
- (x) Quarto (Rm 16,23; *AtsPe* I);

- (xi) Timóteo (*AtsPe* IV);
- (xii) Os “da casa de César” (Fl 4,22; *AtsPe* XXIII);
- (xiii) Judas Iscariotes (versão *gr.*, *AtsPe* VIII);
- (xiv) Herodes (*AtsPe* VIII);
- (xv) Caifás (*ibid.*);
- (xvi) Simão, o Mago (*in to.op.*, em particular, *AtsPe* XVII);
- (xvii) Satanás (*in to.op.*, de forma especial, *AtsPe* II;V;VII, κτλ);

— Uma última lista aponta figuras bíblicas e livros citados textualmente em *AtsPe* numa lista de preferência pelos mais utilizados: Jo (14), At (14), Mt (13), Is (7), Lc (5), Sl (3), Rm (3), Gn (2), Jr (2), Dn (2), 1Cor (2), Fl (2), 1Tm (2), 2Tm (2), 2Pe (2), 1 Jo (1), Ex (1), Dt (1), 1Re (1), Eclo (1), Am (1), Ez (1), Gl (1), Ef (1), Cl (1), Hb (1), 1Pe (1), *et alii* (25). O conhecimento e o diálogo com as obras canônicas ou partes delas se mostra evidente, sendo que muitas delas tiveram uma evolução textual partindo de uma versão *proto* para versões preparadas tais como chegaram a nós.

Como já afirmamos, repousa sobre estes *AtsAp* uma suspeição devido a abundância tanto quanto admirável<sup>253</sup> intratextualidade que aponta para uma unicidade autoral<sup>254</sup>. Ou, ainda possível, que tais escritos tenham sido retocados com bastante profundidade por uma única mão revisora. As coincidências estão presentes na temática, que poderiam ser fruto de um gênero literário – os Πράξεις. Mas, com facilidade, também intuídas pelas questões doutrinárias, na ideologia, nos aspectos geográficos e nas preferências textuais. É inevitável a pergunta: todos os *Cinco Grandes Atos* são fruto da pena de um único personagem? Ou teríamos autores para as obras em separado, ou até vários escritores ou versões para cada uma destas?

No campo que remete às aproximações entre os cinco textos, constatamos que todos os estudos que defendem a autoria única partem sempre da menção mais objetiva feita por Φώτιος<sup>255</sup> (Patriarca Fócio I, o

<sup>253</sup> CERRO. 1992, tese *cit.*, pp.207-232.

<sup>254</sup> cf LIPSIVS. *Die Apokr. Apostelleg.*, 1892, II, *op.cit.*, p.272; Também em ZAHN. *Geschichte des ntl.*, 1880, *op.cit.*, II, p.860; Ainda em JAMES. *Apocrypha Anecd.*, 1893, *op.cit.* I, XXIVss.

<sup>255</sup> (Constantinopla, 820 – Bordi, †Armênia, 06 de fevereiro de 891). Considerado pela maioria dos estudiosos como o maior Patriarca de Constantinopla após João Crisóstomo, posteriormente aclamado São Fócio pela Igreja Ortodoxa Grega.



Grande), mentor e líder do Grande Cisma<sup>256</sup>, que no século IX afirmou serem os *AtsAp – Cinco Grandes Atos* (Pedro, André, João, Paulo e Tomé) uma antologia de *περίοδοι* dos apóstolos, cujo autor seria “um tal” Leucius Charinus<sup>257</sup>. O fazem numa afirmativa peremptória de que teriam sido uma “única obra de *περίοδοι* (= viagens) dos apóstolos”. Haveriam, segundo estes pesquisadores, *testimonia extra scripta*<sup>258</sup> que apontam a autoria de Leucius Charinus. Leucius Charinus<sup>259</sup> também seria o autor de três *AtsAp* (*AtsTo*, *AtsAnd* e *AtsJo*) segundo a *Epístola de Toribius Asturiensis* aos bispos Idatius Aquæflaviensis<sup>260</sup> e Ceponius (de Beja). A tradição presente em Augustinus de Hipona<sup>261</sup> ou em Evodius de Uzala (? - †424)<sup>262</sup> reconhece, de alguma forma, o *Decretvm Gelasianum – De libris recipiendis et non recipiendis*<sup>263</sup> que fala dos *libri omnes quos fecit Leucius discipulus diabuli (...) apocryphi*<sup>264</sup>. Todos os testemunhos externos falam de Leucius Charinus, porém somente Φώτιος (Fócio I), tardiamente, mencionará o nome e sobrenome: Leucius Charinus como o autor dos *Cinco Grandes Atos*, consistindo assim no testemunho mais

---

<sup>256</sup> Que resultou em 1054 em *mutua excommunicationes* entre o papa e o patriarca de Constantinopla, resultando na Igreja Católica Romana e na Igreja Ortodoxa.

<sup>257</sup> Φώτιος (Fócio I). *Bibliotheca*. cod. 114. – in: Migme (ed.) *P.G.*, 1857, *op.cit.*, t.CIII, col.389: Λευκίου Χαρίνου αἱ τῶν ἀποστόλων Περίοδοι; também em HENRY, René (ed.). *Photius. Bibliothèque*, vol.II. Contendo Φώτιος (Fócio I). *Bibliotheca*. II. Paris: 1960, pp.84-86.

<sup>258</sup> Ψ-Μελίτων Σάρδεων (= Ps-Melitão de Sardes). *Paixão de João* refere-se à Leucius Charinus quando menciona os *AtsJo*, *AtsAnd* e *AtsTo*.

<sup>259</sup> – in: Migme (ed.) *P.L.* 1841, *op.cit.*, t.LIV, col.694.

<sup>260</sup> Bispo de Chaves (379-†468), na sua obra *Chronicon*; também uide SEECK, Otto. *Notitia Urbis Constantinopli*. – in: *PW-RE* 9. Berlin: 1876, pp.40-3.

<sup>261</sup> *Hipponensis episcopi De actis cum Felice manichaeo*, II, 6 9. – in: Migme (ed.) *P.L.*, 1841, *op.cit.*, t.XLII, col.539.

<sup>262</sup> *De fide contra manichaeo*, V. – in: Migme (ed.) *P.L.*, 1841, *op.cit.*, t.XLII, col.1141.

<sup>263</sup> Provavelmente entre 500-550, aparece uma coleção geral sobre os livros compostos por Leucius Charinus.

<sup>264</sup> BL. (*on-line*), < <http://www.thelatinlibrary.com/decretum.html> >, acessado em 28/04/2013: “livros todos compostos por Leucius Charinus, o discípulo do diabo (...) apócrifos”; também – in: HENNECKE, Edgar; SCHNEEMELCHER, Wilhelm (eds.). *Neutestamentliche Apocryphen*. II. Tübingen: 1959, p.31.

antigo<sup>265</sup>. Temos da tradição de Charinus e Leucius, figuras distintas, cuja ordem sempre se mantém, protagonistas da *descensus ad inferos* (= descida de cristo aos infernos), de onde ressuscitam para dar o seu testemunho<sup>266</sup>. O testemunho de Ὠριγένης (= Orígenes Adamantius) foi reconhecido por Eusebius Pamphili<sup>267</sup>, quando dá notícia de que países teriam sido jurisdicionadas designadamente por um determinado apóstolo visando a evangelização, cuja partilha coincide diretamente com Tomé, André, João, Pedro e Paulo<sup>268</sup>. O Saltério Maniqueu parece abonar isto também – no *Salmo da Paciência*, onde são oferecidos exemplos concretos dos apóstolos Pedro, André, João, Tomé, Paulo e Tiago<sup>269</sup>.

Um segundo grupo de estudos vislumbra aquilo que nos parece: que estamos diante de uma *coleção* devido aos muitos pontos de contato entre estas obras, que pode ter surgido posteriormente devido às inegáveis semelhanças<sup>270</sup>. Porém, a ideia de uma *coleção*<sup>271</sup> acarretaria para uma única porta de leitura e concepção destes textos. E teríamos praticamente homologado este gênero literário Πράξεις, como advoga Picard, que prefere a noção que os apócrifos são “refratários a toda ideia de corpus”.<sup>272</sup>

Por fim, no palco das diferenças entre os escritos, um terceiro grupo de pesquisadores trabalha na direção de múltiplas autorias. Segue as noções mais gerais das pesquisas. Destacam-se, e.g., a distância abscissa de maturidade teológicas entre *AtsAnd* e *AtsTo* ou até a própria exatidão em pontos como ritual sacramental e hierarquia, talvez pela distância geográfica dos seus prováveis locais de origem (Alexandria do Egito e Síria). Segundo discussões linguísticas, os idiomas-fonte seriam:

---

<sup>265</sup> CERRO. art. cit., 1992, pp.85-95.

<sup>266</sup> *AtsPi* (Atos de Pilatos) II 17.1-8; 18.1; 27ss; que contém esta parte latina, apud SANTOS OTERO, Aurelio de. *Los evangelios apócrifos, colección de textos griegos y latinos...* Madrid: BAC, 1988, pp.436ss.

<sup>267</sup> H.E. III, 1.

<sup>268</sup> cf estudos de W. SCHÄFERDIEK. – in: SCHNEEMELCHER. *Neutestamentliche Apokr...* 1989, op. cit., p.82ss.

<sup>269</sup> A citação de Tiago também tem sido considerada obscura, porque historicamente temos uma confusão entre o irmão do Senhor e o filho de Zebedeu.

<sup>270</sup> CERRO. art. cit., 1992, pp.85-95.

<sup>271</sup> Segundo JUNOD. 1992, p.18, art. publicado – in: *Apocrypha* 3 sob o título *Apocryph. NT: une appellation erronée et une collection artificielle*.

<sup>272</sup> PICARD. Jean-Claude. art. publicado – in: *Apocrypha* 1 sob o título *L'apocryphe à étroit: notes historiographiques sur le corpus d'apocryphes bibliques*. Turnhout: 1990, Brepols, p.46.

grego (*AtsAnd*) e siríaco (*AtsTo*)<sup>273</sup>. Algo parecido temos entre *AtsPe* e *AtsJo*. O primeiro poderia ter vindo de Roma ou da Ásia Menor, o segundo do Egito (Alexandria). O *AtsJo* apresentam uma melhor retórica, o *AtsPe* é mais doutrinário. O *AtsJo* utilizam-se do material canônico pela forma de alusões e terminologias, o *AtsPe* é direto e explícito nas citações, inclusive do AT. O *AtsPl*, caótico pela fragmentação textual, cuja narrativa percebe-se apenas pelas cidades que Paulo teria visitado, este *AtsPl*, segundo Tertullianus<sup>274</sup>, são da Ásia Menor e seu autor seria um presbítero com o desejo de “melhorar” o perfil do apóstolo. Quanto aos demais prováveis compositores, Tertullianus irá dizer que são cristãos. E que eles têm ciência e fluência dentro das Escrituras. Que desejam valorizar a representação dos apóstolos e vivem na Grande Igreja (ortodoxia mais ampla), cuja moral e dogmática atendem os padrões da época. Em suas obras retratam a literatura do momento e conhecimento dos movimentos dentro da Igreja como gnosticismo e encratismo, sobretudo do século II.

Considerando os três grupos de pesquisas antecedentes: os que creem numa unidade autoral, os que defendem a ideia de *coleção* e os que optam múltiplos autores indistintamente, podemos filtrar os elementos mais objetivos de ambos os estudos. Embora já saibamos que o tema da autoria seja marcado pela *in absentia* e imprecisão dos dados, o que faz os pesquisadores começarem a discussão sempre através de Φώτιος (Fócio I), menção muito tardia do século IX. Não há ocorrência de qualquer menção a Leucius Charinus até meados do século IV nem sequer algo sobre a sua existência<sup>275</sup>. Realmente, a primeira menção segura encontramos nos *Atos de Paulo e Tecla*<sup>276</sup>. Tertullianus citará em *De Baptismo et de Pœnitentia. Adnotationes*, XVII, 5 (c<sup>a</sup>.198-200) apenas afim afirmar que os *AtsPl* estão baseados no exemplo e desprendimento de Tecla em defender as mulheres, ensinar e batizar e que é falsamente

---

<sup>273</sup> JUNOD, Éric. *Créations romanesques et traditions ecclésiastiques dans les Actes Apocryphes des Apôtres*. – in: *Augustinianum* 23. Roma: Institutum Patristicum Augustinianum, 1983, p.275.

<sup>274</sup> TERTULLIANUS. *De Baptismo et de Pœnitentia. Adnotationes*, XVII, 5ss, *op.cit.*

<sup>275</sup> Esta transmissão aparentemente anônima tem-se constituído também objeto de estudo.

<sup>276</sup> VOUAUX, Léon. *Les Actes de Paul et ses lettres apocryphes. Introduction, textes...* Paris: Librairie Letouzey et Ané, 1913, pp.37ss.

atribuído a Paulo, cujo autor foi “um presbítero da Ásia”<sup>277</sup>. O mesmo contorno, Eusebius Pamphili (de Cesareia) alude na *H.E.*:

Assim podemos distinguir estes livros – os discutidos, mas normalmente aceitos por canônicos, como a Epístola de Judas, Segunda Epístola de Pedro, (...) – dos que se apresentam debaixo do nome dos Apóstolos entre os hereges (...) como os Atos de André, João e outros. Nada entre os escritores que se têm sucedido na Igreja e, a bem aludir, nada absolutamente mencionam estes livros.<sup>278</sup>

Assim Eusebius Pamphili parece deixar claro que os *AtsAp* tenham se transmitidos anonimamente (*in absentia* de fontes aponta igualmente para isso). Como a cada certo tempo nos séculos posteriores teriam ressurgido entre os fiéis, ocorre a demanda para a qual os teólogos tentam dedicar alguma atenção devido seu desacordo com a ortodoxia constituída. Mais adiante, Epiphanius (de Salamina)<sup>279</sup> em *c.a.* 374-376 menciona que hereges ligados aos cerintianos<sup>280</sup> e ebionitas<sup>281</sup> eram refutados (possivelmente em debates públicos) por João e outros a ele ligados “como Leucius e alguns mais”.<sup>282</sup> Pacianus, bispo de Barcelona, provavelmente em 380, afirma que “frígios (referindo-se aos montanistas) mentem quando consideram a origem da sua doutrina em Leucius e que

<sup>277</sup> TERTULLIANUS. *De Baptismo et de Pœnitentia. Adnotationes*, XVII, 5, *op.cit.*

<sup>278</sup> EUSEBIUS. *H.E.* III,xxv,6-7.

<sup>279</sup> Πανάριον LI,6-9 (= Baú de Remédios), também chamada *Adversus Hæreses* (= *Contra Heresias*), homonímia da obra de Ειρηναῖος (= Irinæus, de Lyon) também *Adversus Hæreses*.

<sup>280</sup> Na *Epistula Apostolorum*, do séc. II, Cerinto e Simão, o Mago eram considerados pseudos-apóstolos, em I 12, e VII 18. Segundo uma antiga tradição João teria fugido dos banhos em Éfeso, quando lhe chegou a notícia que o ardiloso herético estava no edifício, *cf DPAC-pt., op.cit.*, p.285.

<sup>281</sup> Grupo judaico-cristão liderado por Ebião, *cf TERTULLIANUS. De carne christi*, XIV; *cf Ειρηναῖος* (= IRINÆUS, de Lyon). *Adversus Hæreses*, I, 26,2.

<sup>282</sup> Πανάριον LI,6-9 (= Baú de Remédios). Proculus era um montanista da segunda geração, expoente literário em Roma, mas suas obras se acham perdidas. Temos, porém muitos informes dele a partir de terceiros, especialmente Eusebius em *H.E.* 3,31,34; Tertulianus, κτλ.

tenham recebido ensinamentos de Proculus”.<sup>283</sup> Chama a atenção, o detalhe que nos dois últimos testemunhos, como que repentinamente do nada, aparece à figura de um personagem, de origem asiática, ligado ao autor do Quarto Evangelho, mas acerca sua autoria sobre os *AtsAp* não se diz nenhuma palavra.

A partir do século IV os escritores latinos fazem referência a Leucius. Os comentaristas reconhecem que a primeira citação, de fato, reportando a autoria a Leucius é de Augustinus de Hipona:

Tens também isto nas escrituras apócrifas, não admitidas certamente pelo cânon católico, mas para vós outros hão de ter mais peso quando estão excluídas de tal cânon. Vou trazer a coleção, pois, uma passagem que para mim não tem autoridade, mas convence a ti. Nos Atos (apócrifos), que seguindo (modelo) dos Atos dos Apóstolos, Leucius escreveu, tem-se o seguinte: “Com efeito, as raras fantasias (...)”<sup>284</sup>.

Esta passagem agostiniana é que teria atribuído tal autoria a Leucius<sup>285</sup>. Mas faz-se notar que o próprio Augustinus (de Hipona) cita diversas vezes os *AtsAp* sem sequer se lembrar do autor<sup>286</sup>, e.g.:

(...) aqueles livros ao que estes (os maniqueístas) atribuem uma grande autoridade (...) e que neles está escrito que o apóstolo Tomé havia pedido para um indivíduo que havia o golpeado na mão o

---

<sup>283</sup> *Epistola ad Simpronianum Novacianum*, I,2. – in: Migme (ed.) *P.L.*, 1841, *op.cit.*, t.XIII, col.1053B.

<sup>284</sup> AUGUSTINUS. *Contra Felicem Manichaeum, Libri Duo*. II, 6. – in: Migme (ed.) *P.L.*, 1841, *op.cit.*, t.XLIII; – in: CSEL, XV, p.833.

<sup>285</sup> Provavelmente, se trata dos *AtsAnd*; JUNOD-KAESTLI. 2005, pp.65ss. Para outros, e.g. SCHMIDT. 1903, p.50, seriam os *AtsJo*.

<sup>286</sup> AUGUSTINUS. *Contra adversarios legis et prophetarum* I,20,39. – in: CSEL XXXV,75. Também *De civitate Dei*, XXIII,4; *De sermone Domini in monte* I,20,65; *Contra Adimantum manichaeorum discipulum* XVII,2; *Tractatus 124 in Ioannem* CXXIV,2,24ss.

suplício de uma morte atroz, mas que se salvará sua alma (...)»<sup>287</sup>.

Note-se que o mesmo Augustinus (de Hipona), quando um longo trecho dos *AtsAp* é transcrito – um hino do *AtsJo*<sup>288</sup> – na sua *Epistola Ad Ceretium* (237), tampouco se lembra do autor. Na sua diatribe<sup>289</sup> contra, o bispo Faustus (de Milevo, hoje Mila), o chefe supremo dos maniqueus<sup>290</sup> – *Contra Faustum Manichæan* – chega a afirmar que desconhecia a autoria destes escritos: “Leem os maniqueus umas escrituras apócrifas, escrita debaixo do nome dos Apóstolos (compostas) por não sei lá quem urdidores de fábulas.”<sup>291</sup>

No entanto, é do amigo e discípulo de Augustinus (de Hipona) – Evodius (de Uzala), que encontramos duas menções a Leucius, marcadas com bastante precisão, que o identificam como o autor dos *AtsAnd*. Mas ainda a autoria dos demais *AtsAp* é apenas estendido a Leucius por inferência. Evodius não precisa isto:

Também nos Atos escritos por Leucius, que eles aceitam, está escrito assim (...)»<sup>292</sup>.

Preste atenção também nos Atos, que Leucius escreveu debaixo dos nomes dos Apóstolos, quanto ao gênero das coisas que podeis aprender acerca de Maximila (...)»<sup>293</sup>.

Pesquisadores como Schmidt pensam que Evodius tenha se referido exclusivamente ao *AtsJo* e Kaestli ao *AtsAnd* (ainda com alguma

<sup>287</sup> *AtsTo* VI,6-9. Texto está em PIONTEK, Ferdinand. *Die katholische Kirche und die häretischen Apostelgeschichten bis zum Ausgange des 6. Jahrhunderts*. Breslau: 1908, pp.26-27.

<sup>288</sup> *AtsJo*, XCIV-XCVI.

<sup>289</sup> AUGUSTINUS. *Contra Faustum Manichæan*, XXII, 79. Trata-se de um embate muito acalorado, porque Faustus (de Mila) ataca severamente as Escrituras do AT e NT.

<sup>290</sup> Ou de Mileve, como chegou a ser chamada esta cidade.

<sup>291</sup> *A nescio quibus sutoribus fabulorum*. Texto – in: CSEL XXV, p.681.

<sup>292</sup> Referindo-se ao *AtsTo* 6,6-9.

<sup>293</sup> KAESTLI. *L'utilisation des Actes apocryphes...* 1977, *op.cit.*, pp.107-16, mencionando o texto completo – in: *Codex Sinaiticus* 536, fols.125-26. Também cf KAESTLI, Jean-Daniel. *L'Histoire des actes apocryphes des apôtres*. – in: *Apocrypha* 19. Turnhout: Brepols, 2008, p.79.

reserva). Mas pode-se pensar, que há uma grande possibilidade de Evodius ter compreendido como os maniqueus<sup>294</sup>, que o autor do conjunto dos *AtsAp*, acolhido como escrituras por aqueles, era de fato Leucius Charinus.

Tem-se no domínio da Patrologia Latina – especialmente, após de Augustinus (de Hipona), uma contínua atribuição dos *AtsAp* a Leucius Charinus. Em um escrito do Papa Innocentius I (339-†427) em *c.*<sup>a</sup>. 405 que aborda de delimitações canônicas, na petição do bispo Exuperius, (de Toulouse, ? - †410), lemos:

O resto dos livros (é dito, os não mencionados anteriormente) debaixo dos nomes de Matias, Tiago, o Menor, debaixo do nome de Pedro e João, escritos por um certo Leucius, o [debaixo do nome de André (escritos por) Nexocarides e Leonidas, o Filósofo]<sup>295</sup>, o debaixo do nome de Tomé, e outros do mesmo estilo, se os tem, não só debes rechaçá-los, condená-los, mas se inteire da sua existência.<sup>296</sup>

Desta citação não resta claro que Leucius tenha sido realmente o autor dos quatros outros *AtsAp* mencionados, senão o de Pedro e João. Curiosamente o de Paulo aparece como anônimo e o de André composto por filósofos, sendo que um destes leva um nome relacionado diretamente com Charinus, tal como Φώτιος (= Fócio I) argumentaria mais adiante.

---

<sup>294</sup> Os maniqueus usavam os *AtsAp* com a ideia de autoria por Leucius Charinus. Resta patente no Saltério Maniqueu, conservado em copta e editado parcialmente com trad. inglesa por ALLBERRY. *A Manichean Psalm...* part. II, *op.cit.*, 1938. Também nos caps. de Fausto de Mila, reconhecido por AUGUSTINUS, de Hipona e logo refutado em *Contra Faustum*. E pela afirmação dos antimaniqueístas: FILASTRUS, de Brécia (380). *Diversarum hæreseon liber*, 88, 5-7; 184-7; Φώτιος (FÓCIO I, séc. IX), *Bibliotheca*, códice 114 (editado por Henry, II, pp.693-695). Tudo aqui mencionado na pesquisa de NAGEL, Peter. *Die apokryphen Apostelakten des 2. Und 3. Jahrhunderts in der manichäischen Literatur*, – in: *Gnosis und Neues Testament*. vol.25. Karl-Wolfgang Troeger (ed.). Berlin: 1973, pp.149-82.

<sup>295</sup> Desde ZAHN, Th., os editores consideram suspeitas as palavras entre colchetes, por não estarem em todos os *mss*. Só aparecem na *Collectio Dionysiana* e na *Hispana*, que depende dela. Um homem chamado de Nexocarides aparece também como Xenocarides, cuja questão é apontada por ZAHN em *Geschichte des ntl...* 1880, *op.cit.*, II, p.244ss.

<sup>296</sup> PIÑERO, 2004, *op.cit.*, p.51.

Em uma *Epistola*, bastante conhecida (c<sup>a</sup>. 440), de *Toribius Asturiensis* (de Astorga, Ducado das Astúrias) *ad episcopis* hispânicos *Idatius Aquæflaviensis* (de Chaves; de Límica, 395-†410) *et Ceponius* (de Beja), lemos:

Esta heresia (a dos maniqueístas) utiliza tais livros e aceita esses mesmos dogmas e outros piores (...). É claro que são seus autores e especialmente seu chefe principal, Manes quem tem composto ou infectado todos os livros apócrifos, especialmente os Atos que se chamam de André e os que levam a apelação de João, que escreveu Leucius com sua boca sacrílega (...) <sup>297</sup>.

O *DECRETVM GELASIANVM*<sup>298</sup> – *De libris recipiendis et non recipiendis*<sup>299</sup> que fala dos “*libri omnes quos fecit Leucius discipulus diabuli (...) apocryphi*”<sup>300</sup> menciona uma coleção atribuída a Leucius. O autor desconhecido desta peça cita expressamente os cinco principais *AtsAp*, e facilmente deduz-se pelo contexto, pois um pouco antes cita os *AtsAnd*, *AtsTo*, *AtsPe*, *AtsFl*; e por esse motivo não é de estranhar que não mencione o de João – *AtsJo*, que com grande possibilidade estaria compreendido entre estes desta coleção assim mencionada:

— <i>Itinerarium nomine Petri apostoli, quod appellatur sancti Clementis libri numero novem</i>	<i>apocryphum</i>
— <i>Actus nomine Andreae apostoli</i>	<i>apocryphi</i>
— <i>Actus nomine Thomae apostoli</i>	<i>apocryphi</i>
— <i>Actus nomine Petri apostoli</i>	<i>apocryphi</i>
— <i>Actus nomine Philippi apostoli</i>	<i>apocryphi</i>
— <i>Evangelium nomine Mathiae</i>	<i>apocryphum</i>
— <i>Evangelium nomine Barnabae</i>	<i>apocryphum</i>
— <i>Evangelium nomine Iacobi minoris</i>	<i>apocryphum</i>

<sup>297</sup> “(...) *quos sacrilegeo Leucius ore conscripit*”, – in: Migme (ed.) *P.L.*, 1841, *op.cit.*, t.LIV cols.693ss.

<sup>298</sup> O Decreto de Gelasius I, papa.

<sup>299</sup> Escrito provavelmente entre 492-496, aparece uma coleção geral sobre os livros compostos por Leucius Charinus.

<sup>300</sup> LATIN LIBRARY. (on-line) < <http://www.thelatinlibrary.com/decretum.html> >, acessado em 25/03/2010: “livros compostos por Leucius Charinus, o discípulo do diabo (...) apócrifos”. Também – in: SCHNEEMELCHER. *Neutestamentliche...* 1959, I. p.31.



— <i>Evangelium nomine Petri apostoli</i>	<i>apocryphum</i>
— <i>Evangelium nomine Thomæ quibus Manichei utuntur</i>	<i>apocryphum</i>
— <i>Evangelia nomine Bartholomæi</i>	<i>apocrypha</i>
— <i>Evangelia nomine Andreæ</i>	<i>apocrypha</i>
— <i>Evangelia quæ falsavit Lucianus</i>	<i>apocrypha</i>
— <i>Evangelia quæ falsavit Hesychius</i>	<i>apocrypha</i>
— <i>Liber de infantia salvatoris</i>	<i>apocryphus</i>
— <i>Liber de nativitate salvatoris et de Maria vel obstetrice</i>	<i>apocryphus</i>
— <i>Liber qui appellatur Pastoris</i>	<i>apocryphus</i>
— <i>Libri omnes quos fecit Leucius disciplulus (sic) diabuli.</i>	<i>apocryphi</i>

O *Decretvm Gelasianvm* não se trata de documento secundário, porquanto consta em todas as patrologias e manuais de patrística como um documento que auxiliou a formação o cânon.

Três pseudoepígrafos voltam a mencionar Leucius: *Epistola ad episcopis Chromatius et Elidorus*<sup>301</sup> (de Ps.-Hieronymus), *Carta aos irmãos de Laodiceia* (de Ψ-Μελίτων Σάρδεων, Ps-Melitão de Sardes) e a *Carta Prefácio a paixão de São João* (*idem*), que se situam no final do século V:

Aconteceu que um discípulo de Manes, de nome Leucius, e que também escreveu com falsas palavras os Atos dos Apóstolos, tem editado também este livro que contém material não de edificação, mas de destruição<sup>302</sup>.

Concordo com o escrito de um tal Leucius, que tratou junto conosco sobre os Apóstolos, e que apartou-se da via da justiça com a mente torcida e ânimo temerário, e escreveu em seus livros muitas coisas dos atos do Apóstolos. Muitas e variadas proezas narrou destas pessoas, mas a respeito da doutrina mentiu de grande maneira afirmando que ensinavam doutrinas estranhas e confirmando os

<sup>301</sup> Chromatius, de Aquileia (340-†407); Elidorus, de Altino (c<sup>a</sup>.340-†c<sup>a</sup>.400);

<sup>302</sup> Texto – in: TISCHENDORF. *Euangelia Apocrypha*. – in: LIPSIUS. *Die Apokryphen...* 1976, *op.cit.*, p.53. Estes mesmos mss. leem devido a erro *Seleucus* em vez de *Leucius*, segundo SCHMIDT. *Die alten Petrusakten...* 1903, p.62.

seus (de Leucius) nefastos argumentos (dos Apóstolos) com suas palavras<sup>303</sup>.

Desejo que Vossa Paternidade preste atenção a um certo Leucius que escreveu os Atos dos Apóstolos, de João o Evangelista, de S. André e de Tomé apóstolo (...)<sup>304</sup>.

Porém, tais dados já não são tão importantes na medida em que estas notícias de Leucius são, digamos, de segunda mão. No entanto, abaliza para o fato de que no século V no Ocidente havia uma tradição relativamente fixa<sup>305</sup> sobre Leucius e que este teria sido um discípulo ligado aos maniqueístas.

Nos escritores orientais, o testemunho de Φώτιος (= Fócio I) ainda supera qualquer outro, inclusive o de Ἐφραίμ ὁ Σῦρος (= Efrém, o Sírio; c.<sup>a</sup> 360). Eusebius Pamphili (de Cesareia; c.<sup>a</sup> 310) é a mais antiga dentre as *testimonia*, de maneira satisfatória garantindo que trata do conjunto dos *AtsAp*, mas nada disse sobre o autor e atribui estas obras aos discípulos de Bar-daişān<sup>306</sup>:

---

<sup>303</sup> Esta epístola aparece no prólogo do livro *De transitu B. Mariae virginis*. Texto – in: Migme (ed.) *P.G.*, 1857, *op.cit.*, t.V, col.1231-40.

<sup>304</sup> Este autor se identifica a si mesmo como “*Melitão, bispo de Laodiceia*” e dirige a carta (como um prefácio a *Paixão de S. João*) a todos os bispos de todas as igrejas católicas. Texto – in: Migme (ed.) *P.G.*, 1857, *op.cit.*, t.V, cols.1539ss.

<sup>305</sup> No séc. IV, Hieronymus – in: *Gal.* 1,18. – in: Migme (ed.) *P.L.*, 1841, *op.cit.*, t.XXVI, col.354; *Adu. Iouin.* 1,26. – in: Migme (ed.) *P.L.*, 1841, *op.cit.*, t.XXXII, col.257, não se lembra do autor dos *AtsPe*. Os prólogos monarquianos dos Evangelhos (séc. IV e V) utilizam seguramente os *AtsAp*, mas não se lembram de Leucius Charinus; cf estudo de CORSSSEN, Peter. *Monarchianische Prologe zu den vier Evangelien* (TU 15.1). Leipzig: 1986. Nem temos menção na *Epístola do Ps.Tito* em suas três citações ao *AtsJo*.

<sup>306</sup> Trata-se de um comentário epistolar entre Paulo e os coríntios (hoje tem sido chamada de *3Coríntios*, compondo *AtsPI*). Trata-se de um texto *syr.*, perdido, mas conservado em *arm.* Temos esta tradução através dos estudos em alemão de ZAHN. 1880, *op.cit.*, II, pp.597ss ou no estudo em francês JUNOD; KAESTLI. 2008. — Bar-daişān, (da metrópole de Edessa, 154-†222), filho de família rica, o chamam de *Filho de Daisan*, o rio em cujas margens está Edessa, ambicionando homenagear a metrópole com seu nascimento. Sua origem imigrante rendeu um nome é um tanto confuso: às vezes chamado de “o Pártio” (Sextus Julius Africanus), “o Babilônio” (Porfirius). Devido a suas atividades na Armênia – “o Armênio” (Hipollytus, de Roma) e Ἐφραίμ ὁ Ἀντιοχείας (= Efrém, de Antioquia) o chamou de “filósofo dos arameus”.

(...) os discípulos de Bar-daiṣān (...) haviam escrito seus Atos, pretendendo assim estar debaixo da proteção dos atos e milagres dos Apóstolos, por eles redigidos, escrito debaixo do nome dos Apóstolos estas ideias incríveis que os Apóstolos mesmos haviam aniquilado.<sup>307</sup>

Outros testemunhos sobre os *AtsAp* existem como os de Epiphanius<sup>308</sup>. Neste mesmo rol temos Δίδυμος ὁ Τυφλός (= Dídimo, o Cego)<sup>309</sup>, Ἀμφιλόχιος Ἰκονίου (= Anfílóquio, de Icônio)<sup>310</sup>, Ἰσίδωρος ὁ

---

<sup>307</sup> JUNOD; KAESTLI. *L'Histoire des actes apocryphes...* 2008, *op.cit.*, p.44.

<sup>308</sup> Εἰρηναῖος (= IRINÆUS, de Lyon). *Adversus Hæreses*, XXX,16; XLVII,1; LXI, 1; LXIII,2 – in: Migme (ed.) *P.G.*, 1857, *op.cit.* t.VII. Estas passagens dão conta da existência dos *AtsAp*, ali apontadas apenas como Πράξεις ἀπόκριφες – *AtsAnd*, *AtsTo*, *AtsJo* usados pelos ebionitas, encratistas, apotatitas e os seguidores de Ὠριγένης (= Orígenes Adamantius). Sobre os apotatitas em concreto, e seus parentes, os gemelitas, há uma notícia de um anônimo minorasiático, provavelmente do séc. IV, reconhecido por um *ms.* do Escorial (séc. XIII), que faz uma edição parcial segundo FICKER. Gerard. *Neutestamentlichen Apokryphen*. – in: Edgar Hennecke (ed.). *Handbuch zu den neutestamentlichen Apokryphen*. Leipzig: 1905, pp.56ss; 391-423. O autor menciona expressamente os *AtsPe*, porém sem indicar o autor.

<sup>309</sup> *Comentario a Zacarias* (c<sup>a</sup>. 385), ed. por DOUTRELEAU, Louis. *Didyme l'Aveugle sur Zacharie*. SC, 83-85. Paris: Le Cerf, 1962, IV p.210 onde lemos: “os habitantes de Jerusalém que encontraram (João) se falam (...) no livro de seus atos”.

<sup>310</sup> (313-†398). Teólogo da Igreja Copta. Dirigiu uma reconhecida escola catequética por 50 anos. Escreveu em 380 um tratado sobre “os pseudoepígrafos em uso entre os hereges”, que não chegou a nós, dos quais se leram algumas passagens no II Concílio de Niceia. Com segurança sabemos que Ἀμφιλόχιος Ἰκονίου (= Anfílóquio, de Icônio) não dava o nome do autor, pois do contrário não se teria omitido este detalhe nas atas do Concílio (bastante precisas) e o texto assim diz: “vamos colocar manifesto esses livros que nos presenteiam os apóstatas da Igreja, não são Atos dos Apóstolos, mas escritos de demônios”. Texto em *Anfilochii... Opera, Fragmenta* (X, 1-3) – in: GLOTZ, Gustave (ed.). *Cahiers du Centre Gustave Glotz* (CCG). Anuário, versão detalhes e notas. Geneva; Paris: De Boccard, 1990-1991, vol.III, pp.235ss.

Πηλουσιώτης (= Isidoro, de Pelúcio)<sup>311</sup>, Theodorus de Mopsuestenus<sup>312</sup>, Θεοδώρητος Κύρρου (= Teodoreto, de Ciro)<sup>313</sup>, Ἐφραίμ ὁ Ἀντιοχείας (= Efrém, de Antioquia)<sup>314</sup>, Ἰωάννης (= João, de Tessalônica)<sup>315</sup>, Concílio II

---

<sup>311</sup> (360-†c<sup>a</sup>.449). Diz por volta de 440: “Os Apóstolos tem escrito tal como tem compreendido, como Pedro, o chefe do coro, e tem expressado claramente em seus atos (...)”. Texto em *Epist. Lib*, II, p.99. – in: Migme (ed.) *P.G.*, 1857, *op.cit.*, t.LXXVIII, col.544.

<sup>312</sup> De Mopsuétia, Antioquia, (350-†428). *Commentarii Epistolæ I ad Timotheum*, 4,7 (c<sup>a</sup>. séc.V): “se alguém não quer prestar a atenção nos livros apócrifos (...) os publicados debaixo do nome dos bem-aventurados apóstolos, pelo que se acham eles cheios, do que se há de escrito, de personagens demoníacos...”; SWETE, Henry Barclay (ed.). *Theodore of Mopsuestia, in epistolas B. Pauli Commentarii*. Cambridge: Cambridge Univ. Press, 1880-82. vol.II, p.145.

<sup>313</sup> (393-†c<sup>a</sup>.466). *Hæreticorum fabularum compendium* III,4. – in: Migme (ed.) *P.G.*, 1857, *op.cit.*, t.LXXXII, col.405 B: “Utilizam (os do séc. IV) os Atos falsos dos Apóstolos quase como outras obras não autênticas.” (c<sup>a</sup>. 450).

<sup>314</sup> (? -†c<sup>a</sup>.545), era *comes orientis* (= funcionário de grande dignidade). Também chamado Efrém, de Amida. “Com esta opinião estão de acordo também os Atos de João, o discípulo amado, e sua vida, a que não poucos aduzem como proba (...)”, citação de Φώτιος (Fócio I) em sua *Bibliotheca*, cód. 229. – in: HENRY (ed.). *op.cit.*, 1965, IV, p.140. Este Efrém foi patriarca de Antioquia entre 527 e 545 (DPAC-pt., p.458) e Φώτιος (Fócio I) menciona quatro obras suas que restam perdidas.

<sup>315</sup> Foi arcebispo, sucessor de Eusébio, nesta cidade num período não muito definido entre 605-630. No seu texto *Dormição* (gr. Τελείωσις) de Maria lemos: “Nos os estranheis ao ouvir que os hereges deixam perder seus escritos (... , por isso já é sabido a necessidade de reescrevê-los) assim sabemos que procederam os que nos haviam precedido e os santos Padres de tempos anteriores a respeito dos chamados “Viagens” particulares dos santos apóstolos Pedro, Paulo, André e João.” Texto – in: BONNET, Maximilianus. *Zeitschrift für die neuestantentliche Wissenschaft und die Kunde des Urchristentums*. – in: ZWth. 1880. Leipzig: Hinrichs, 1903, pp.239ss; reproduzido por SCHMIDT. *Die alten Petrusakten...*, 1903, II, pp.65ss. Bonnet (1842-†1917) foi um classicista suíço de origem protestante, nascido em Frankfurt.

de Niceia<sup>316</sup>, Ψ-Νικηφόρος (= Ps-Nicéforo)<sup>317</sup> e Ψ-Ἀθανάσιος (= Ps-Atanásio)<sup>318</sup>. Porém, todos estes não nomeiam Leucius como o autor de *AtsAp* ou de algum deles especificamente.

Dentro dos escritores gregos, abrolha Φώτιος (Fócio I), século IX e que adjudica diretamente os cinco grandes *AtsAp* a Leucius, e nomeia seu sobrenome – Leucius Charinus:

Li um livro, os chamados “viagens dos Apóstolos”, neles estão contidos os Atos de Pedro, João, André, Tomé, Paulo. E já, sobrescrito, como o mesmo livro indica, Leucius Charinus.<sup>319</sup>

Há uma discussão em curso se este exemplar portava na frente o nome do autor ou se Φώτιος (Fócio I) havia deduzido por alguma indicação textual do interior da obra<sup>320</sup>. Tal discussão se deve à forma

---

<sup>316</sup> É amplamente reconhecido que neste Concílio (787) se condenaram as obras que de alguma maneira podiam favorecer os iconoclastas. Os *AtsJo* entraram diretamente na questão por causa da crítica do apóstolo sobre o retrato deste que Licomedes havia ordenado pintar (*AtsJo* XXVIII-XXIX). No Sínodo foi lido os caps. 27-28, 93-95 e 97-98; SCHIMMELPFENG, Georg – in: Edgar Hennecke (ed.) *Handbuch und den neutestamentliche Apokryphen*. Tübinga: 1924, pp.492-543 imprime em *gr.* a discussão sobre os *AtsJo* e JUNOD-KAESTLI, *L'histoire..., op.cit.*, 2008, pp.123ss, que oferece uma tradução francesa. Em nenhum momento se cita Leucius Charinus com autor de *AtsJo* nem mesmo dos *AtsAp* em geral.

<sup>317</sup> Hoje se aceita que a obra atribuída a este autor não tem nada a ver com o patriarca Νικηφόρος Α΄ (= Nicéforo I), de Constantinopla. Texto – in: Migme (ed.) *P.G.*, 1857, *op.cit.*, t.C, cols.1060A-B; ou – in: ZAHN. *Geschichte...* 1880/1975, *op.cit.*, II, pp.300ss. Entre os Apócrifos do NT cita em oitavo lugar os escritos de Clemens, Ἰγνάτιος Ἀντιοχείας (Inácio, de Antioquia), Policarpo, *Pastor* de HERMAS (*gr.*: Ποιμήν του Ερμά)..., mas quando trata dos *Atos* (aqui usa o *gr.* Περίοδοι, = viagens) e os cita anonimamente. A *Esticometria* foi redigida talvez em Jerusalém por volta de 750.

<sup>318</sup> Texto desta obra – *Sinopsis*, – in: Migme (ed.) *P.G.*, 1857, *op.cit.*, t.XXVIII, col.432B-C, é posterior a *Esticometria* de onde absorve alguns dados. Cita igualmente os Περίοδοι dos Apóstolos sem relação com autor, contudo não na categoria estritamente dos apócrifos, mas nos “*discutidos*” (ἀντιλεγόμενα).

<sup>319</sup> Φώτιος (FÓCIO I). *Bibliotheca*, cód. 114 (ed. por HENRY, *op.cit.*, II, pp.693-695).

<sup>320</sup> A este favor argumentam, na primeira hipótese: ZAHN, Theodor von. *Acta Iohannis*. Erlangen: A. Deichert, 1880, pp.LXVIIss; também SCHMIDT.

como Φώτιος comentou essas suas notas de leitura sem paralelo em toda a *Bibliotheca*, também chamada Μυριοβιβλιον (= que tem dez mil livros), em relação a como apontava os autores. Os pesquisadores Junod e Kaestli<sup>321</sup> vão dizer que, por esta razão, o grande erudito bizantino não teria encontrado no livro uma indicação precisa do autor (em sua capa possivelmente) e deduzira a autoria de Leucius Charinus graças a algum tipo de prefácio, e.g. ο Ψ-Μελίτων Σάρδεων (= Ps-Melitão, de Sardes), na *Paixão de São João*.

Digno de nota é o sobrenome que Leucius porta – *Charinus*. Nesta forma composta, ao que se tem notícia, é a única ocorrência em toda a literatura grega e latina, segundo Schmidt irá supor. Deve ser resultado da contaminação com os nomes dos heróis gemelos<sup>322</sup> da versão latina da *Descensus Christi ad inferos* narrado em primeira pessoa e parcialmente por este personagem<sup>323</sup>.

O que é mais provável é que estes cinco grandes *AtsAp* – os *AtsPe*, *AtsJo*, *AtsAnd*, *AtsTo* e o *AtsPl* se tenham transmitido anonimamente. Um argumento aqui seria a falta de uma tradição consistente de uma autoria determinada. Também nem Ειρηναῖος (= Irinæus, de Lyon) e nenhum outro escritor dos séculos II-III sabem coisa nenhuma de ‘*um tal*’ Leucius, discípulo dos Apóstolos. A própria referência de “*um tal*” ou ainda “*um*

---

*Die alten Petrusakten*, 1903, p.27. E pela segunda, temos: LIPSIUS. *Apokryphen...* I, 1896 [reimp. 1976], *op.cit.*, p.87.

<sup>321</sup> JUNOD-KAESTLI. *L'histoire...* 2008, pp.142ss.

<sup>322</sup> Gemelitas, grupo gnóstico. *Mart.Pe.* XXXII, em *gr.* há uma remissão um dos íntimos de Simão, chamado Gemelo, de esposa grega, que havia auferido daquele muitas vantagens daquele, mas ao vê-lo com a perna quebrada, em desgraça, zombou-lhe: — “Simão, se a ‘Força de Deus’ está quebrada, acaso ficou cego esse mesmo Deus de quem tu eras a Força?”

<sup>323</sup> O texto é um dramático diálogo entre Hades e o príncipe acusador, a encarnação do “mal” ἡψψ (*heb.* Satã; em *gr.* Σατανάς = Satanás, da tradição judaico-cristã), além da entrada do “Rei da Glória”; ocorre ambientado espacialmente no Τάρταρος (= Tártaro). *uide* texto em TISCHENDORF, Constantin von. *Euangelia Apokrypha*. Leipzig: 1851, pp.389-432; reproduzido por SANTOS OTERO. *Los Euangelios Apócrifos... Acta Pilati*, redação *lat.* do *Descimento de Cristo aos infernos*, 1988, I 1.6; II 1; XI. — Doutrina teológica cristã que afirma que Jesus “desceu ao inferno”, mencionada no *Symbolum Apostolorum (Credo Apostólico)*, no *Quicumque vult (Credo de Atanásio)* e menções no NT. Os termos κατελθόντα εἰς τὰ κατώτατα (= o mais baixo), *lat.* *descendit ad inferos* (= os abaixo). O termo grego τὰ κατώτατα (= o mais baixo) e o latino *inferos* (= os abaixo) remetem as profundezas da morada dos mortos e do limbo.

*certo*” (mencionadas anteriormente) levam um possível testemunho a condição conjectura<sup>324</sup>.

Parece impossível propor com exatidão, logo que se tentou demonstrar, de como ou quando se começou a atribuir esta paternidade dos textos a Leucius Charinus. Alguns informes vindos da tradição apenas identificaram o autor como minorasiático e ligado ao círculo de João. Talvez tal menção tenha pesado na tradição posterior. Não existe fundamentos ou fontes que atestem de forma segura a historicidade de Leucius Charinus como compositor de *AtsJo* (possivelmente o mais antigo destes) nem de *AtsPe* (o segundo em anterioridade) – e nem que por extensão, autor dos demais *AtsAp*.

A voz uníssona dos adversários, onde parece lógica a atribuição a Leucius Charinus de algum ou de todos os principais *AtsAp*, demonstra alguma forma de prevenção contra os maniqueus que tinham tais textos em grande consideração por suas inclinações teológicas coincidirem com as deles<sup>325</sup>.

Se tivesse sido Augustinus que atribuiu a paternidade a tais textos, não se explica, repetimos, que convincentemente não tenha citado o autor cada uma das vezes que se tenha utilizado deles – ou pelo menos, na maioria. A citação agostiniana em *Contra Faustus* mais parece uma expressividade vinda da retórica, porque em outras passagens ele simplesmente ignora o nome do seu autor. Parece ser razoável, que devido a qualquer razão enigmática ou até incógnita dos maniqueus, a quem tanto Augustinus combateu (e seus sucessores, Evodius, *et alii*) atribuíram a um antigo personagem vinculado a escola joanina a paternidade destes cinco grandes *AtsAp*. Nas fontes não há, ao que se tem notícia, algo que possa descartar essa questão de que os maniqueus consideraram estes cinco *AtsAp* como um cânon fechado com autoridade de Escritura<sup>326</sup>. Na polêmica dos adversários dos maniqueus resta claro a intenção de se combater um *corpora* de textos.

---

<sup>324</sup> Desta forma conclui PIÑERO. 2004, *op.cit.*, p.56.

<sup>325</sup> Pela defesa de um dualismo mais ou menos descrito nos *AtsAp*, pelo rigor ascético-encratista e por eles interessarem os maniqueístas, e o seu fundador, em preservar sua doutrina como uma continuação daquela advinda dos Apóstolos.

<sup>326</sup> cf NAGEL. art.c. *Die apokryphen Apostelakten...*1973, in *to.op.*; também JUNOD-KAESTLI. 2008 – in: *L’Histoire...* pp.73ss; ainda SCHÄFERDIEK. *Herfunft und...* ZNW 74. 1983, p.263.

Um fato final chama a atenção: nos *AtsPe* citações bíblicas (todas mencionadas na lista anterior) seguem<sup>327</sup> a *LXX* e se afastam do <sup>TM</sup>. A *LXX* seria reconhecida hoje como sendo o texto  $\mathfrak{M}$  (majoritário ou bizantino). Em nossa opinião, isto consiste em um dado, pois o autor de *AtsPe* mostra que não conhece o texto da *Vulg.*<sup>328</sup>, escrita em fins do século IV. Se considerarmos que o *AV* é em latim, resta curioso que o autor não use a *Vulg.* Mas, isto não só ajuda a estabelecer mais um parâmetro datal (máximo), mas aponta alguma diferença de *AtsPe* e os demais *AtsAp*, favorecendo o argumento da diferença dos textos e da múltipla autoria. Nos *AtsPl* (em algumas passagens verificadas), há uma liberdade na citação (citadas de memória), e outras partes dos demais *AtsAp* parecem vir do τὸ διατεσσάρων εὐαγγέλιον<sup>329</sup>, de Tatianus (= Taciano, o Sírio; ou o Assírio; c<sup>a</sup>.120-† c<sup>a</sup>.180)<sup>330</sup>, que permaneceu nas igrejas orientais até o início do século V. Enquanto os *AtsPe* citam mais os Evangelhos e Isaías (profecia de caráter mais messiânico e apocalíptico), o *AtsPl* dá preferência a corpora paulina.

O mais que se possa dizer sobre este tema, estará mais atrelado em hipóteses de caráter bem geral, do que através de argumentos concretos. Os estudos mais significativos sobre a questão da autoria são: J. C.

---

<sup>327</sup> As cláusulas apontam para citações diretas, embora estejam entremeadas no discurso (falas, orações, κτλ).

<sup>328</sup> *Vulgata* é abreviatura de *vulgata editio aut versio aut lectio* (= edição, tradução e leitura de âmbito popular).

<sup>329</sup> Trata-se de uma harmonia das discrepâncias internas dos quatro Evangelhos.

<sup>330</sup> Escritor cristão do séc. II, discípulo de Flavius Justinus Augustus, cuja vida e doutrina sabe-se por de menções de autores posteriores, que o denunciam como fundador da encratismo gnóstico de Μαρκίων Σινόπη (ou inspirador). Sua obra mais influente é o τὸ διατεσσάρων εὐαγγέλιον (= Através dos tesouros do Evangelho), uma paráfrase bíblica, ou “harmonia” dos quatro evangelhos, que se tornou o texto padrão nas igrejas de língua *syr.* até o séc. V, quando deu lugar aos quatro evangelhos, em separado, na versão ܩܕܝܫܬܐ (pšîttâ, *Peshitta* = simples, comum ou ao vulgo); CROSS, Frank Leslie. (ed.) *The Oxford Dictionary of the Christian Church*. 3<sup>th</sup> ed. New York: Oxford University Press, 2005, verbetes *Diatessaron* e *Peshitta*.



Thilo<sup>331</sup>, Th. Zahn<sup>332</sup>, A. Lipsius<sup>333</sup> e C. Schmidt<sup>334</sup>. É manifesto que não sejam pesquisas tão contemporâneas. As mais recentes são: K. Schäferdiek<sup>335</sup> e Junod-Kaestli, mas que, assim mesmo, representam sínteses dos trabalhos precedentes, baseados numa nova análise das fontes.

## V. Romance grego *versus* modelo lucano: a questão de gênero

Os escritores literatos e religiosos do final do século II e começo do século III (época dos *AtsAp*), devido aos influxos da Segunda Sofística, criam moldes próprios na novelística da época<sup>336</sup>. Um grupo de estudos suscitou uma relação dos *AtsAp* (incluso o *AtsPe*) inteiramente ligada ao início do romance grego; *cf* as teorias de Ernst von Dobschütz, J. Flamion, R. Reitzenstein e R. Söder<sup>337</sup>. Mais recentemente surgem pesquisas que dão relevantes matizações, mostram a questão aberta ainda diante da inegável presença do modelo bíblico lucano e das menções aos textos

---

<sup>331</sup> THILO, Johann Karl. *Colliguntur et commentariis illustrantur fragmenta actuum S. Ioannis a Leucius Charinus conscriptorum* I. – in: *Universitatis Literariae Friaericiannae Halis consociatae programma paschale*, 14 f. Halle: 1847.

<sup>332</sup> ZAHN. *Acta Iohannis*, 1880, *op.cit.*, LXss. *id. Geschichte des ntl...*, 1880, *op.cit.*, II, pp.856ss.

<sup>333</sup> LIPSIUS. *Apokryphen Apostelakten...* I, pp.44ss.

<sup>334</sup> SCHMIDT. *Die alten Petrusakten...* 1903.

<sup>335</sup> SCHÄFERDIEK, Knut. *Herkunft...* – in: *Neutestamentliche Apokryphen* de SCHNEEMELCHER. vol. I. Tübingen: 1987, pp.130ss.

<sup>336</sup> Conforme a Revista *Augustinianum*, XXIII, fasc.12. *Incontro di studiosi dell'antichità cristiana: Gli Apocrifi cristiani e cristianizzati*. Roma: 1983, pp.37-43. Reporta um encontro de estudiosos no Institutum Patristicum Augustinianum de Roma, cujas comunicações constam deste volume. Os escritos reportam aspectos novos da investigação dos *AtsAp* com destaque para a Virgínia BURRUS, que aprofunda o valor que poderia ter atitudes encratistas das heroínas nos *AtsAp*.

<sup>337</sup> Em 1932 publica um trabalho no centro desta discussão: romance helenístico *versus* modelo bíblico lucano – SÖDER, Rosa. *Die apokryphen Apostelgeschichten und die romanhafte Literatur der Antike*. Stuttgart: Kohlhammer, 1932.

canônicos; cf as teorias de J. Kaestli, E. Plümacher, W. Schneemelcher e V. Burrus<sup>338</sup>.

Desta visada de duplo ponto de vista que se procede a análise da questão do gênero literário dos *Atos*, sobretudo em sua correspondência com o gênero romanesco na Antiguidade. O *AtsPe* se encaixa dentro de um gênero novelístico cristão peculiar, pois também pretende entreter, encenar e edificar, tudo simultaneamente. Estão presentes:

- (i) o motivo da viagem;
- (ii) o elemento aretológico (acentuação de ἀρεταί = virtudes maravilhosas e δυνάμεις = poderes dos heróis e protagonistas);
- (iii) o elemento teratológico (representação do mundo encantado com o qual os apóstolos entram em contato – canibais, animais que falam, κτλ);
- (iv) o elemento tendencioso, sobretudo nas pregações, e
- (v) o elemento erótico, que está presente não só nos motivos propriamente amorosos, mas também nos traços ascético-encratitas. Também são influenciados pela segunda parte da obra de Lucas e não constituem uma simples continuação dos *Atos* canônicos. O autor reúne uma série de tradições orais onde tenta ampliar e dar corpo para seus leitores naquilo que pode ser importante na vida de Pedro.

Burrus no artigo já aludido tem defendido a tese de que estes contos populares atuavam com *κάταρσις*<sup>339</sup> (= *wish fulfillment*) e assim poderiam expressar emoções reprimidas e escapar de uma triste realidade por meio da fantasia<sup>340</sup>.

Todo o escrito há de ser de um “tipo”, situa-se numa tradição formal e a exemplifica. Não é menos verdadeiro para os textos cristãos da Antiguidade do que o é na época presente. Dispomos de textos pioneiros e inovadores, que procuram fazer algo nunca antes feito – estamos no “século da originalidade”. Mas, mesmo assim, as inovações alargaram as

<sup>338</sup> Esta questão seria a principal problematização na tese de doutoramento de CERRO, *op.cit.*, 1991-1992, em Málaga.

<sup>339</sup> < c a t a r s i s > é explicada primeiramente por Αριστοτέλης (Aristóteles, 384-†322 a.C.), na sua tese sobre arte dramática – ποιητική [τέχνη], onde, conforme ele, as emoções do intérprete seriam liberadas numa construção fictícia, em espetáculos poético-trágicos longos, com tramas bem articuladas, enredos instigantes entre heróis *versus* vilões, versando sobre mitologia e realidade, cuja ideia central era expor expor uma lição moral, ética ou de vida.

<sup>340</sup> BURRUS. *Chastity as autonomy: Women in the stories of the Apocryphal Acts*. – in: *Semeia* 38. New York: 1986, p.108.

fronteiras da tradição nunca tendo se libertado definitivamente desta; e.g. o *Ulisses*, James Joyce ainda é identificado como o romance e o *nouveau roman fr.*, apesar das asperezas de algumas comparações, ainda não pode ser dissecado sem as luzes do que o romance tradicional nos legou como aspectos desta forma. Certamente este é um dos mais relevantes temas de pesquisa sobre o *AtsPe*. Tal questão suscita outras e as divergências se acentuam bastante.

Um panorama básico desta questão pode ser assim resumido:

(i) Um primeiro grupo de *scholars* terá a seguinte premissa básica: os *AtsAp* são romances helenísticos de cunho cristão (importação de gênero)<sup>341</sup>. Trabalhos com grande destaque nesta questão cabem a R. Reitzenstein<sup>342</sup>. Porém, F. Pfister<sup>343</sup> é que irá abarcar, numa pesquisa diacrônica, o estudo dos Hinos homéricos, a prática de Ξενοφῶν (= Xenofonte) e as teses de Ἰσοκράτης (= Isócrates) e concluir que a historiografia destes textos se funda em aretologias bem antigas, cujos elementos são: atos, viagens e doutrina. O capítulo 4 – *O Estatuto do Narrador* de Brandão<sup>344</sup> traz uma abordagem completa e bastante suficiente do como nasceram estas formulações antigas do romance grego.

Cinco elementos fundamentais da literatura novelística na Antiguidade: as ἀρεταί (= virtudes ou δυνάμεις gerais), o teratológico, o tendencioso ou propagandístico, o motivo da viagem e o erótico (características presentes no *AtsAp*), são apontados em todas as teorias (F.

---

<sup>341</sup> DOBSCHÜTZ, Ernst von. *Der Roman in der altchristlichen Literatur*. – in: von Julius Rodenberg (ed.). *Deutsche Rundschau* 3 / 111. Berlin: Gebrüder Paetel Verlag, apr./1902, pp.87-106, foi o primeiro a roçar neste tema (1902), segundo PIÑERO. 2004, *op.cit.*, p.36. Defendia que tais obras eram compostas segundo critérios do romance helenístico. Posteriormente, ROHDE ancorará fortemente suas pesquisas nas conclusões iniciais de DOBSCHÜTZ.

<sup>342</sup> REITZENSTEIN, Richard. *Hellenistische Wundererzählungen*. Leipzig: Hinrichs, 1906.

<sup>343</sup> PFISTER, Friedrich. *Der Reliquienkult im Altertum*. Gießen: A. Töpelmann, 1912, II, pp.450-7. também – in: HENNECKE. *Neutestamentliche Apokryphen...* Tübingen: 1924, pp.163-69.

<sup>344</sup> BRANDÃO, Jacynto Lins. *Narrativa e Mimese no Romance Grego: o narrador, o narrado e a narração num gênero pós-antigo*. Tese para Professor Titular de Língua e Literatura Grega da FL-UFMG. Belo Horizonte: 1996, pp.66ss.

Flamion, F. Pfister, E. Dobschütz, R. Reitzenstein, *et alii*) que ligam os *AtsAp* e têm sua síntese nos trabalhos de R. Söder<sup>345</sup>.

(i.i) Uma aproximação que poderia ser notada com o romance helenístico seria o ‘motivo da viagem’. Mas é mais uma coincidência. Porque nem a motivação, nem a realização nem o ápice do episódio nada têm haver entre si. As peregrinações dos enamorados, *e.g. Dafnis e Cloé* (de Longo)<sup>346</sup> ou o *Lúcio ou o asno* (de Luciano) só se assemelham no movimento. Que sejam viagens por mar, *cf* Söder, é bastante óbvio pelo lugar geográfico que ambientam ambas as obras<sup>347</sup>. As peripécias são normais nas viagens da Antiguidade, *e.g.*, Jonas<sup>348</sup> ou Paulo de Tarso<sup>349</sup> ou outros apóstolos missionários dotados de poderes sobre-humanos. Neste contexto, o homem cheio de sabedoria viaja mais com a finalidade de apreender do que de ensinar. Nos *AtsAp* as viagens são vistas como ordenança do Senhor: “Ide por todo mundo e pregai o Evangelho a toda criatura”<sup>350</sup>. Tais motivos e prática de viagem documentada fartamente nos Evangelhos e Atos canônicos são aceitos por Söder<sup>351</sup>. Há uma tradição bastante corrente nos séculos I-III de ‘repartição’ de terras para a evangelização. Certamente estas viagens missionárias são bem distintas daquelas em busca do amor perdido.

(i.ii) O mote aretológico também tem expressão diferente nos *AtsAp*. No romance grego a busca do herói é encomiástica. Nos *AtsAp* os protagonistas professam uma natureza de vida de perfeição porque deveriam ser “perfeitos assim como é perfeito o Vosso Pai que está nos céus”<sup>352</sup>. Os apóstolos mostrados nos *AtsAp* são θεῖοι ἄνδρες, como Pedro em *AtsPe*<sup>353</sup>, cuja virtude está manifesta na conduta, nas expressões, nos poderes e representando a voz de Deus no mundo. Os poderes e δυνάμεις (na κοινή do NT = poderes aplicados, milagres)<sup>354</sup> nos *AtsAp* simbolizam a presença ativa e eficaz da divindade, ao contrário do que encontramos em *Vita Apollonii Tyanei* que traz um sentido bem diferente; inclusive o

<sup>345</sup> *cf* SÖDER. *Die apokryphen Apostelgeschichten...* *op.cit.*, 1932.

<sup>346</sup> BRANDÃO. 1996, *op.cit.*, p.18.

<sup>347</sup> *id. ibid.*, p.6.

<sup>348</sup> Jon 1,4ss.

<sup>349</sup> At 27,14ss.

<sup>350</sup> Mc 16,15; Mt 28,19; Lc 24,47; At 1,8.

<sup>351</sup> SÖDER. 1932, *op.cit.*, p.50.

<sup>352</sup> Mt 5,48.

<sup>353</sup> AV V; XLI.

<sup>354</sup> A concepção era de que os apóstolos, *cf* os canônicos herdariam o que creram – Mc 16,17-18.

ateniense Φλάβιος Φιλόστρατος<sup>355</sup> tentar desmitificar seus milagres com uma racionalidade humana e conjectural – “a verdade não tem necessidade de milagres nem de magia”<sup>356</sup>; e se distancia deste áurea de milagres e *mysterium* quando diz que mesmo Apolo em Delfos, revelara a verdade sem a necessidade de manifestações portentosas.

(i.iii) O elemento teratológico nestes *Atos* tardios tem paradigmas abundantes nos canônicos, mas apenas poucos exemplos são colhidos por Söder. A coleção de τέρατα é riquíssima: a serpente do Éden que fala (Gn 3), os leões no fosso com Daniel (Dn 6,16ss.), uma mula falante de Balaão (Nm 22,22-33), em Sodoma e Gomorra chovia fogo e enxofre (Gn 19,15-29), as pragas do Egito (Ex 7ss.), passagem a pé enxuto pelo Mar Morto (ex. 14.15ss.), uma coluna guia Israel de nuvem e fogo (Ex 13,21; 14,19-24), passagem a pé enxuto pelo Jordão (Js 3), batalhas de Josué com a cumplicidade do sol e da lua (Js 10,12ss.). Há muitos outros. Os encantadores egípcios de faraó não puderam reproduzir a praga dos piolhos de Moisés, porque “isto é o (inexplicável) dedo de Deus” (Ex 8,18-19). Assim, de modo semelhante, antes de deitar abaixo a famosa Artemis, os Efésios creram, segundo *AtsJo* que: “Εἷς θεός: Ἰωάννου (...)”<sup>357</sup>. Os apóstolos foram acusados da prática de magia; algo bastante comum na Antiguidade e praticada com todos os inimigos. Enfim, este poder apostólico é exercido num mundo de criaturas estranhas: demônios, magos, animais que falam, κτλ.

(i.iv) O elemento tendencioso está presente pela clara intenção propagandística dos *AtsAp*, cuja finalidade é proselitismo. Depreende-se do gênero escolhido, cf Söder, e alude a uma estreita ligação com a literatura ficcional da Antiguidade. Mas o que temos aqui parece uma aproximação maior com as pretensões canônicas. Isto posto, porque qualquer relato biográfico apostolar: suas viagens, vicissitudes, pregação, milagres e finalmente o próprio martírio tem sentido claro dentro da sua missão. Quando se encontravam em vida, andaram com Jesus. Note-se que depressa as excursões paulinas (exemplar clássico lucano) culminam no testemunho da cruz e, por isso, todos sofrem violentas reações dos personagens ao seu entorno<sup>358</sup>.

<sup>355</sup> Também conhecido como Lucius Flavius Philostratus (170-†c<sup>a</sup>.249).

<sup>356</sup> *Vita Apollonii Tyanei*. IV,45. Quando tenta explicar o caso de uma jovem defunta (cf mencionada em *AtsPe*) que não foi ressuscitada. Um sábio observou que sai um vapor do rosto dela e concluiu que não estava definitivamente morta.

<sup>357</sup> = um só Deus, o de João; *AtsJo* XXXVIII; XLII.

<sup>358</sup> Condiz diretamente com o modelo de *Atos* lucano.

(i.v) Por fim, o aspecto erótico como elemento estruturante do *AtsAp* que aparece invertido. Temos algumas cenas de amor. Porém, a pregação é da castidade (= erótico ao inverso) e quando alcança homens importantes, surge o conflito e com o martírio dos apóstolos responsáveis (André, Pedro, Paulo, Tomé). O amor no romance grego é marcado com fortes cores; nos *AtsAp* recebe qualificativos demasiadamente negativos, substituído por um afeto ‘espiritual’. Exemplos muito clarificantes deste aspecto estão em *AtsPe* nos episódios da *Filha de Pedro* e da *Filha do Jardineiro*; em *AtsPl* a jovem Tecla, já mencionada, será a cordeirinha que suspira pelo seu pastor, o Apóstolo. Enfim, Söder<sup>359</sup> comentará este aspecto a partir da história de José (Gn 37,25-36).

(ii) Para segundo grupo de pesquisadores, de Harnack a Schmidt<sup>360</sup> afirmam que o modelo destes textos está simplesmente no *Atos* canônico donde retiram o título Πράξεις, a sua temática e estrutura.

(iii) E uma terceira corrente destaca a originalidade destes *AtsAp* e que este gênero literário não introduz qualquer elemento dos textos da Antiguidade (pagã, vista pelo cristianismo). Seria uma recriação (semi)original fruto de diversificadas e distantes influências, segundo a tese de Kaestli<sup>361</sup>. Porém, a maioria das investigações em curso aponta para a ligação com o romance grego.

A investigação contemporânea parece ainda encontrar espaço para este cotejo de *AtsAp* com a novelística antiga, “potencializado[a] provavelmente pela dificuldade de se dar uma definição exata do romance antigo”<sup>362</sup>. Esta questão resta emblemática, conforme Brandão remata sua tese:

O romance é como que o coroamento dos gêneros na Grécia – epopéia (*sic*), drama, historiografia e diálogo – em que o narrador, o narrado e a narrativa produzem uma alquimia de elementos tomados da tradição, a qual se dissolve e se coagula não em formas fixas, mas em formas abertas e

---

<sup>359</sup> SÖDER. *op.cit.*, p.148.

<sup>360</sup> HARNACK, Adolf von. *Die Entstehung des Neuen Testaments*. Leipzig: 1914. Também SCHMIDT. *Die alten Petrusakten...* 1923, *op.cit.*, pp.150-60.

<sup>361</sup> KAESTLI. *Les principales orientations de la recherche sur les Actes...* – in: BOVON. *Les Actes Apocryphes...* Genève: 1981. pp.49-67.

<sup>362</sup> PAO, David W. *The Genre of the Acts of Andrew*. – in: *Apocrypha* 6. Paris: Brepols 1995, p.198.

transformacionais, do mesmo modo que o mundo se reinventa *po(i)eticamente* a partir dos elementos mais simples: água, ar, terra e fogo.<sup>363</sup>

Outras discussões além da autoria dos *AtsAp* podem nos conduzir ao ambiente sócio econômico destes textos. Menciono os trabalhos muito produtivos da *Semeia* 38: e.g., a pesquisadora V. Burrus que se interessa pelas menções relativas à castidade presente, especialmente em *AtsPe*, onde “vislumbra um indício de um movimento feminista de emancipação frente ao excessivo protagonismo dos varões, seus maridos”<sup>364</sup>. A proeminência do feminino parece cada vez mais se avançar a patamares mais elevados com o achado e tradução de antigos apócrifos, segundo aventado na Introdução.

Com a mesma orientação Stoops aborda o tema *Patronagem em Atos de Pedro*, em que patrões ou protegidos (seus clientes) poderiam estar refletidos em determinadas passagens dos *AtsPe* no âmbito das suas relações sociais, como no caso de Marcelo e seus criados. E, no mesmo nível, em que ocorrem socialmente, são as relações da comunidade cristã e Cristo “o único patrão dos crentes”<sup>365</sup>. A mesma questão defende Misset-van de Weg acerca das relações da Trifena com Tecla<sup>366</sup>.

Um fato é que a *corpora* dos *AtsAp* e, particularmente, o *AtsPe* e o *AtsPl*, tem servido de base ou confirmado algumas tradições na história da Igreja. Podemos, a partir deste informe, aferir seu valor histórico como expoentes da teologia popular e do pensamento das bases cristãs nos tempos nos séculos II-III. Já mencionado, muitas das veneráveis tradições da Igreja se fundamentam nestes *AtsAp*. O que se discute é o valor histórico de cada um e este, certamente, é um campo bastante amplo cuja pesquisa ainda tem muito a contribuir para elucidação. As *περίοδοι* (= viagens) apostólicas em grande número, acontecimentos marcantes e os martírios são motivos de cultos e festas nas cidades que são mencionadas nestes textos; há fartas observações e comentários nas notas de rodapé da

---

<sup>363</sup> BRANDÃO, *Narrativa e mimese...*, 1996, *op.cit.*, pp.224-25.

<sup>364</sup> cf o destaque no cap.2 de *A Social-Historical Interpretation of the Chastity Stories*; BURRUS. *Chastity as autonomy: Women...* 1986, *op.cit.*, pp.107-16.

<sup>365</sup> STOOPS Jr., Robert F. *Patronage in the Acts of Peter*. *Semeia* 38. Oxford: 1986, pp.91-100.

<sup>366</sup> MISSET-VAN DE WEG, Magda. *A wealthy woman named Tryphaena: patroness of Thecla of Iconium*. – in: J. N. Bremmer, *The apocryphal Acts of de Paul und Thecla*. Kampen: Kok Pharos, 1996, pp.16-35.

tradução. Os próprios heróis dos *AtsAp*, seu ministério e o teor da sua pregação ofereceriam dados que podem servir de base ao estudo para certas atitudes das comunidades cristãs ao seu tempo. Poderíamos pensar *e.g.*, as tendências encratistas ou gnósticas que podem apontar uma situação histórica<sup>367</sup>. Da mesma maneira, pode-se dizer sobre as práticas sacramentais muito precisas do batismo e da eucaristia que são encontradas em *AtsTo*.

Os textos nos mostram a vida comum, as festas, as viagens e as estradas, a questão da aplicação da justiça, os espetáculos, a atitude hostil que enfrentavam os pregadores cristãos, a prática da solidariedade cristã para com a comunidade geral e sensibilidade social. Tais ideias se conformam com a *Weltanschauung der Zeit*<sup>368</sup>. Há estudos relevantes nesta direção, mas não é meu objetivo delinear a vida e a religião dos primeiros cristãos, nem a nova religião e seu ambiente social. O objetivo aqui é demonstrar que os *AtsAp*, particularmente o *AtsPe*, são fundamentos de teorias sobre o ambiente sociocultural dos séculos II-II. Apenas menciono os trabalhos: John E. Stambaugh e David L. Balch<sup>369</sup>, Wayne A. Meeks<sup>370</sup>, Gerd Theissen<sup>371</sup> e J. Comby e P. Lemonon<sup>372</sup>.

Não devemos achar que os *AtsPe* – ou mais amplamente, os *AtsAp* figuram como uma mina de ouro de dados sobre a época de sua

---

<sup>367</sup> Para BOVON, François *et alii*. p.156, no art. *La vie des Apôtres. Tradicions bibliques et narrations apocryphes, La vie des Apôtres. Tradicions bibliques et narrations apocryphes*. Genève: Faculté de Théologie de l'Université de Genève, 1981; segundo o qual, *e.g.*, os cristãos do séc. II eram tão rígidos até do ponto de vista do encratismo. Da história dos dogmas e doutrinas na patrística do séc. II (nas regiões especialmente de *ApsPe* e *AtsPl*), temos intermináveis discussões em questões como, *e.g.*: o adultério seria um pecado para o qual cabe perdão ou não?

<sup>368</sup> Calco linguístico alemão adotado pelas demais línguas e o uso disseminado na epistemologia alemã, ética, filosofia e teologia para expressar a ideia de uma visão de mundo em uma dada época.

<sup>369</sup> STAMBAUGH, John Evan; BALCH, David L. que fizeram uma pesquisa na questão *O Novo Testamento em seu ambiente social*, São Paulo: Paulus, 1996.

<sup>370</sup> Estudou *Os primeiros cristãos urbanos*, 1992. Depois produziu uma obra sobre *As origens da moralidade cristã – Os dois primeiros séculos*, 1997.

<sup>371</sup> Pesquisador alemão que tem um trabalho relevante, hoje em *pt.*: *A Religião dos Primeiros Cristãos – Uma teoria do cristianismo primitivo*, 2009.

<sup>372</sup> Pesquisa em francês com tradução para o português: *Vida e Religiões No Império Romano – No tempo das primeiras comunidades cristãs*, 1985. E *Roma em face a Jerusalém – visão de autores gregos e latinos*, 1982.



composição, mas em cada caso particular devemos nos ater à crítica e à comprovação, e sobre estas deverá prevalecer a manifestação de outras fontes, conforme será apresentado nas notas do aparato crítico e de tradução.

## VI. A titulação do gênero: Πράξεις ou Περίοδοι? – Estrutura narrativa

A admiração suscitada em outras épocas pelas teorias de Reitzenstein *et alii*, que relacionavam os *AtsAp* com o romance grego, têm recebido nos trabalhos mais recentes novos matizes. Nem Kaestli ou V. Burrus consideram o tema aclarado. Se não se pode defender a dependência direta dos *AtsAp* somente do romance da Antiguidade, tão pouco resulta convincente a teoria de uma simples imitação dos *Atos* de Lucas. Piñero articula:

No entanto, do nosso ponto de vista está no ambiente e, especificamente, nos *Atos* de Lucas, o modelo literário que devemos buscar, embora distante, dos *Atos Apócrifos*.

Como outras obras cristãs da época, os *Atos Apócrifos* fazem uso abundante dos textos bíblicos, que podem escapar aos olhos do leitor leigo ou apressado. No entanto, desse uso pode-se deduzir conclusões altamente interessantes para o conhecimento e estudos destas obras. Alguns autores, de cuja pena surge espontaneamente palavras, conceitos, alusões, expressões e eventos através das Escrituras, devem estar fortemente condicionados pela ideologia por si mesma, bem como por seus esquemas literários.<sup>373</sup>

A manifesta afinidade de *AtsPe* com o material canônico já foi mencionada e não tem havido contestações. As diferenças são de grau ou nível desta reação. O próprio conceito operador de *apócrifo* já estabelece esta analogia que buscamos demonstrar, e de forma distendida, temos correlatos em todos os gêneros, entre canônicos e apócrifos – evangelhos,

<sup>373</sup>

PIÑERO. 2004, *op.cit.*, p.69.

epístolas, atos, apocalipses, κτλ. Da contribuição de Kaestli nos estudos do *Incontro di studiosi dell'antichità cristiana*, lemos que:

Todo texto apócrifo tem alguma relação com a Bíblia; se conecta com um personagem, uma realidade, um tema que figura nos textos canônicos do Antigo e Novo Testamento.<sup>374</sup>

Ao tratar de situar os apócrifos no seu *sitz im leben*, G. Jossa aponta condições: que guardem alguma relação com os escritos neotestamentários e reivindiquem uma origem apostólica<sup>375</sup>. Schneemelcher busca uma definição para apócrifo do NT: são escritos que não foram aceitos no cânon, mas pretendem ser valorizados como livros sagrados e refletem de algum modo os gêneros literários do NT<sup>376</sup>. De qualquer forma a abundância de citações está presente, em qualidade e em quantidade.

Tanto se é original como se não, a tradição já vista tem demonstrado que estas obras são um produto relacionado ao Πράξεις Ἀποστόλων lucano. E é uma realidade que as obras *AtsAp* estejam debaixo da denominação de *Atos* (apócrifos) *dos Apóstolos*. O mesmo Schneemelcher<sup>377</sup> ao analisar as conexões dos apócrifos de forma genérica nas suas relações com os canônicos refere-se expressamente a sua ligação com este título, sendo este mais válido para todos os *Atos* canônicos e apócrifos. Mas foi Schmidt que nos legou uma afirmação de maior profundidade: “Não só o título de ‘Atos’ (Πράξεις) se tem tomado ali (ao *Atos* lucano), mas também a composição inteira, a mentalidade (...)”<sup>378</sup>.

É verdade que, de acordo com o que Erbetta explica na introdução do seu volume II – acerca dos apócrifos, a titulação Πράξεις vem situar

---

<sup>374</sup> KAESTLI, Jean-Daniel. *Le rôle des textes bibliques dans la genèse et le développement des légendes apocryphes : le cas du sort final de l'apotrê Jean*: – in: *Studia ephemeridis Augustinianum* 23. Rome: Col. Augustinianum Press, 1983, p. 319-36.

<sup>375</sup> JOSSA, Giorgio. *Gli Apocrifi del Nuovo Testamento. Tipologia, origine e primi sviluppi...* 1983, – in: *Augustinianum*. 23. Roma: Institutum Patristicum Augustinianum, 1983, pp.74-5.

<sup>376</sup> HENNECKE; SCHNEEMELCHER. *Neutestamentliche Apocryphen...* 1959, vol. I, p.49.

<sup>377</sup> HENNECKE; SCHNEEMELCHER. 1964, vol. II, p.75.

<sup>378</sup> SCHMIDT. *Die alten Petrusakten...* 1923, p.154.

as obras dentro de um contexto mais amplo do gênero literário antigo que trata das façanhas dos heróis. Contudo, mesmo admitindo que o *AtsPe* tenha semelhança com estas obras, Erbetta assinala profundas diferenças e os múltiplos aspectos originais dos *AtsPe*. O *AtsPe* é peculiar pela sua aproximação com o modelo canônico, inclusive pelo uso quase exclusivo da *LXX*, Evangelhos e Isaías. Erbetta para sustentar esta matização, efetua uma comparação detalhada dos *Atos* (de forma geral) com obras da Antiguidade. Remonta a Homero e aos νόστοι (= viagens, volta; em Homero, o regresso dos heróis), transpondo as doutrinas de Ἰσοκράτης (= Isócrates) sobre a história, de tal modo os numerosos *Atos* que apareceram na época helenística e sem esquecer-se das obra de Ξενοφῶν (= Xenofonte)<sup>379</sup>.

Para estes relatos antigos também estavam em uso a denominação Περίοδοι. Trata-se de uma denominação mais descritiva do que de um título. Ainda Φώπιος (= Fócio I), como citou no cód. 114 de sua Μυριοβιβλιον ou *Bibliotheca*, quando fala expressamente da coleção dos chamados Περίοδοι Ἀποστόλων, e entre os que estão mencionados, os Πράξεις de Pedro, João, André, Tomé e Paulo, no qual nos quer dizer o patriarca erudito, que o conjunto levava o nome genérico de Περίοδοι e as obras da coleção – Πράξεις.

Sem negarmos a existência de um gênero literário antigo de semelhantes características, temos que reconhecer com Schmidt<sup>380</sup> que o título mesmo de *Atos* deve ter sido tomado do livro homônimo de Lucas. Por conseguinte, devido a sérias e relevantes diferenças com o livro lucano, parece evidenciar alguma intenção de seus autores, editores ou compiladores ao escrever uma obra similar à de Lucas.

Esta obra, *AtsPe* coincide com a de Lucas pelas: viagens missionárias, discursos, milagres, cenas batismo-eucarísticas e processos jurídicos em tribunais. As viagens missionárias são uma constante nos *AtsAp*, sobretudo em *AtsPe* e consideradas como ordenanças dadas pelo Senhor<sup>381</sup>; e.g. Pedro diz: “Deus me tem enviado” com ordem para viajar para Roma<sup>382</sup>. Este mandato é precedido, como já dissemos, por uma

<sup>379</sup> ERBETTA. *Atti e legende...* II, 1970, *op.cit.*, pp.4ss.

<sup>380</sup> SCHMIDT. *Die alten Petrusakten...* 1903, *op.cit.*, pp.154ss.

<sup>381</sup> *AtsTo* 1; *AtsAnd Mart. Pius*, 1. Esta missão de ir até aos “*confins da terra*” viajando, pregando e operando milagres está ligada a pratica cristológica “*que περιῆγεν (percorria) toda a Galileia (...) ensinando, pregando (...) curando toda a enfermidade e doença*”, Mt 4.23; 9.35.

<sup>382</sup> *AtsPe*, AV V.

possível cena de partição de territórios para a evangelização, tal como consta em *AtsTo* e *AtsAnd*<sup>383</sup>.

Os discursos nos *AtsPe* assemelham-se, e muito, com as homilias no *Atos* lucano de Pedro e Paulo. Alguns têm como tema a história da salvação, como o de Pedro<sup>384</sup> e a 3<sup>a</sup>. *Epístola aos Coríntios*<sup>385</sup> que representa o primeiro discurso de Paulo na Itália (ambos apócrifos), e que recordam diretamente as preleções de Estevão, Pedro e Paulo<sup>386</sup> no *Atos* lucano, só que com menor densidade teológica.

Nesta alteração acerca do gênero e a adjacência com o modelo lucano emergem questões abertas proeminentes que serão tratadas mais adiante nos pressupostos tradutórios: *e.g.* finalidade da obra, problemática interna e externa, história redacional, articulação sintática, análise morfossintática, análise das formas e fórmulas, crítica das tradições, exame da composição, *AtsPe* como uma obra tendenciosa, *AtsPe* como uma obra mal-informada<sup>387</sup>.

O espírito e temor dos milagres têm a finalidade de demonstrar que Deus avaliza e sela seus enviados, assim como no *Atos* de Lucas: “Mostre-nos outro milagre (*signum*), para que creiamos que tu és servo do Deus vivo” suplicam os fiéis em *AtsPe*<sup>388</sup>. Os apóstolos ressuscitam mortos, dão vista aos cegos, curam enfermos, não pelo poder pessoal, mas pelo de Jesus, como quando Pedro e João estavam na Porta Formosa<sup>389</sup>. Um dos milagres, o da ressurreição de Pátroclo, copeiro do imperador, parece sensivelmente uma cópia de Eutico<sup>390</sup>; ambos os jovens estavam dormindo na pregação de Paulo, caem de um piso alto e são ressuscitados pelo apóstolo. Quando M. Blumenthal fala das formas literárias nos *AtsAp* reconhece nelas “uma forma básica que é provavelmente a do NT”<sup>391</sup> e menciona os elementos destas ressurreições. Ele analisa, *e.g.* a ressurreição do criado de prefeito em *AtsPe*<sup>392</sup>, cujos elementos

<sup>383</sup> *AtsTo* 1; *AtsAnd* - *Mart. Prius*, I-II.

<sup>384</sup> *AtsPe*, AV VII.

<sup>385</sup> *AtsPl*, PH VIII.

<sup>386</sup> At 2-4, At 7 e At 13, respectivamente.

<sup>387</sup> Algumas destas questões em HARNACK, Adolf von. *Die Apotelgeschichte*. Leipzig: Hinrichs, 1908.

<sup>388</sup> *AtsPe*, AV II.

<sup>389</sup> *AtsPe*, AV XXVIII e At 3,12-16.

<sup>390</sup> *cf AtsPl*, *Mart. I*; At 20,9-11.

<sup>391</sup> BLUMENTHAL, Martin. *Formen und Motive in den Apocryphen Apostelgeschichten*. – in: TU 48,1. Leipzig: Hinrichs, 1933, pp.88ss.

<sup>392</sup> *AtsPe*, AV XXVI.

estruturais são similares a de outro milagre narrado em Mt 9.18-26 *et his similia* (= sinóticos), logo o milagre do jovem Pátroclo por Paulo<sup>393</sup>, seria paralelo da narrativa de At 20.2-12. Blumenthal analisa também sobre toda a sorte de milagres dos *AtsAp*: curas, libertações do cárcere, prodígios da natureza, aparições, vozes do céu, castigos sobrenaturais, κτλ, cujos detalhes não só aparecem no NT em geral, mais precisamente no *Atos* canônico<sup>394</sup>.

Acerca das cenas batismais e eucarísticas são comuns tanto ao *Atos* canônicos como aos apócrifos. Somente um exemplar: nos *AtsPe*<sup>395</sup>, Rufina copia o costume que Paulo tinha de celebrar e repartir a eucaristia. Mas, Rufina o faz sem o devido preparo e recebe conseqüente castigo, costume atestado também em *AtsPl*<sup>396</sup> (normalmente depois dos ritos batismais).

Situada teoricamente a literatura dos *Atos*, passa-se à abordagem dos pressupostos teóricos que nortearam a tradução de *AtsPe*.

---

<sup>393</sup> *AtsPl*, Mart. I.

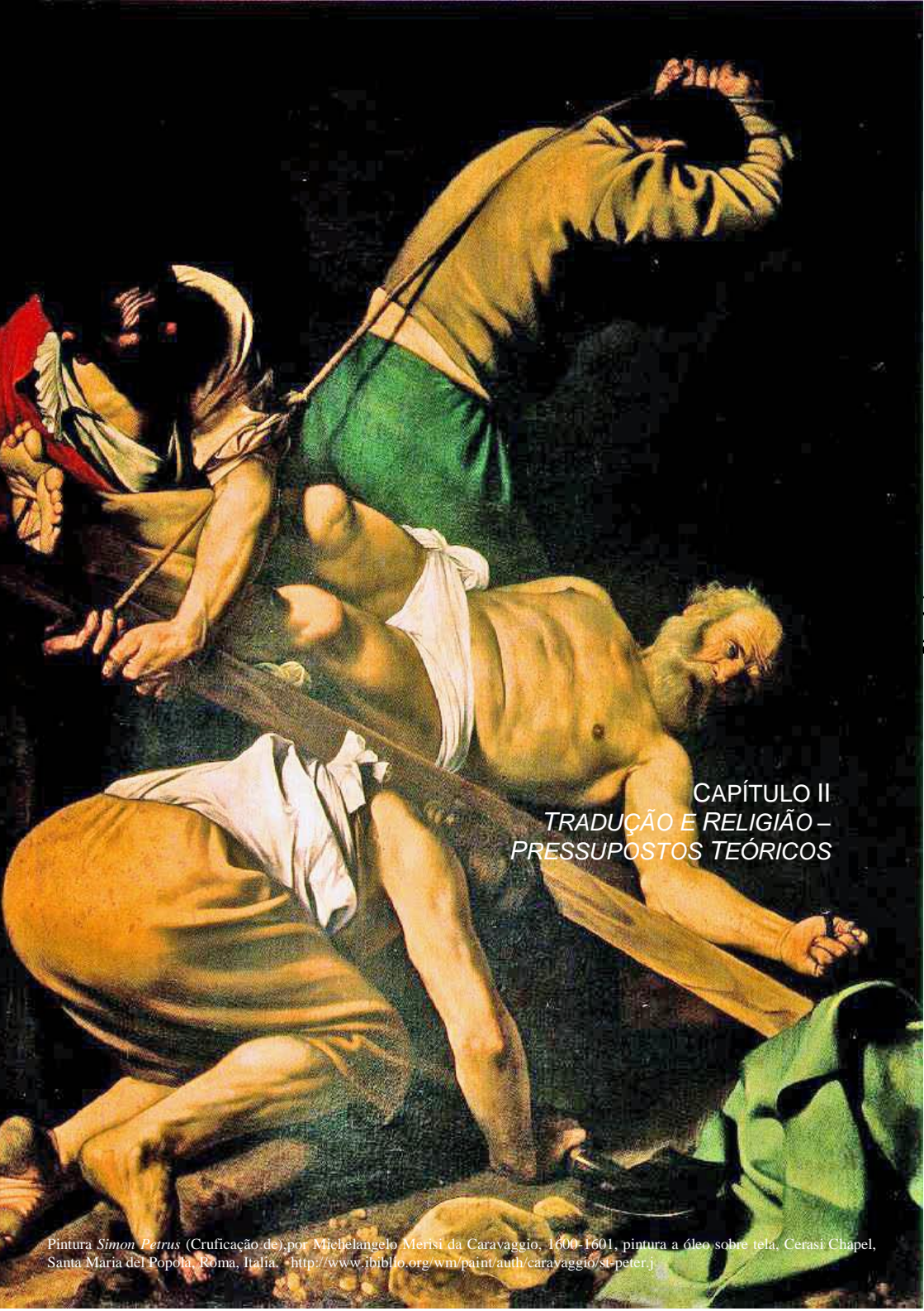
<sup>394</sup> Como modelo de cura está naquela realizada por Pedro e João a um paralítico de nascença, que pedia esmola junto a Porta Formosa – At 3,1-11. A libertação de Pedro vale como modelo de libertação de cárcere – At 12,1-11. O poder dos Apóstolos sobre a natureza, aparece na milagrosa salvação da tempestade, prevista e anunciada por Paulo – At 27.21ss, assim como a cura de Paulo da mordida mortal da víbora – At 28,3-6. Aparições também são numerosas no *Atos* de Lucas: a Estevão, em 7,55ss; a Paulo, em 9,3-7; a Pedro, em 10-15; a Ananias, em 9.10; a Cornélio, em 10,3-6; novamente a Pedro, em 10,10-15. Vozes do céu em *Atos*: para Paulo, em 9,4; para Pedro, em 10,13ss e em 11,7ss. Sobre castigos divinos temos um casal que tenta enganar os Apóstolos, Ananias e Safira, em At 5.1-11.

<sup>395</sup> *AtsPe*, AV II.

<sup>396</sup> *AtsPl*, PH IVss.



Afresco *Pesce di Pietro*, *dettaglio (restaurato)*. Por Tommaso di Ser Giovanni di Simone ou Masaccio, c<sup>da</sup> 1425. Em *La Cappella Brancacci a Santa Maria del Carmine*, – in: AA.VV. (autori vari), *Cappelle del Rinascimento a Firenze*. Firenze: Editrice Giusti, 1998. Em domínio público.



CAPÍTULO II  
TRADUÇÃO E RELIGIÃO –  
PRESSUPOSTOS TEÓRICOS





## CAPÍTULO II

### TRADUÇÃO E RELIGIÃO – PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

---

(...) a conclamada “fidelidade” das traduções não é um critério que leva à única tradução aceitável (...). A fidelidade é, antes, a tendência a acreditar que a tradução é sempre possível se o texto fonte foi interpretado com apaixonada cumplicidade, é o empenho em identificar aquilo que, para nós, é o sentido profundo do texto e é a capacidade de negociar a cada instante a solução que nos parece mais justa” (...) porque se consultarem qualquer dicionário, verão que entre os sinônimos de fidelidade não está a palavra exatidão. Lá estão antes lealdade, honestidade, respeito, piedade.

(Umberto Eco, 2007)<sup>397</sup>.

#### I. *intentio auctoris, intentio operis e intentio lectoris* – *decorrências da tradição oral*

Durante o ano acadêmico na Universidade de Harvard, anualmente, um artista, escritor ou teórico humanista é convocado para proferir uma sucessão de seis conferências<sup>398</sup>. Em 1993 foi escolhido Umberto Eco. Suas palestras – *Six walks in the fictional woods* discutiram: o que é texto ficcional? O quanto se distancia do texto histórico?<sup>399</sup> E o quanto aspectos de leitura expandem nossa percepção

---

<sup>397</sup> ECO, Umberto. *Quase a mesma coisa: experiências de tradução*. São Paulo: Record, 2007 apud resenha GUERINI, Andréia, 2008. (on-line). < <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/viewFile/8238/7593> >, acessado em 11/12/2012.

<sup>398</sup> ECO, Umberto. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p.7. É uma série de seis conferências – *Charles Eliot Norton Lectures*. Anualmente um erudito de grande conhecimento humanístico é convocado para proferi-las com livre-arbítrio temático.

<sup>399</sup> Neste seis discursos, Umberto Eco, aliando sua vigorosa experiência acadêmica ao seu labor romancista, suscita, mais uma vez, a controversa questão

não só do mundo ficcional, mas também da própria realidade? O assunto, que literalmente vai de Αἴσωπος (= Esopo) à Ian Fleming, passa necessariamente, pela a intenção do autor, a intenção da obra e a intenção do leitor.

Com uma mobilidade de pensamento, o professor de Bolonha entra na matéria acerca dos primórdios da narrativa, para discutir as operações básicas desempenhadas pelos autores, textos e leitores, tese corrente em trabalhos antecedentes, cujo aprimoramento do conceito é posto nestas conferências. Essa tríade – *intentio auctoris*, *intentio operis* e *intentio lectoris*, sugerida por Eco, vai inspirar as discussões através deste Capítulo II.

Eco faz coro ao seu contemporâneo, Italo Calvino que situa o ato de leitura no centro das atenções. Sua primeira exposição é uma menção às palestras de Italo, que também foi convidado para pronunciar suas seis conferências oito anos antes<sup>400</sup>: “eu o evoco não apenas como amigo, mas também como o autor de *Se um viajante numa noite de inverno*, porque seu romance diz respeito à presença do leitor na história e em larga medida minhas conferências versarão sobre o tema”<sup>401</sup>. O leitor passa de coadjuvante para personagem principal, segundo o próprio Italo menciona:

A leitura de um clássico deve oferecer-nos alguma surpresa em relação à imagem que dele tínhamos. Por isso, nunca será demais recomendar a leitura direta dos textos originais, evitando o mais possível bibliografia crítica, comentário, interpretações. A escola e a universidade deveriam servir para fazer entender que nenhum livro que fala de outro livro

---

do que seria realidade (histórica) daquilo que seria imaginação ou fantasia autoral (ficção), onde encontra um raro ponto na incubação de um pensamento original dentro de arquétipos coerentes de dimensionar o mundo literário. Sabemos que a dicotomia verdade-ficção, no campo da história, resta um tanto superada, e.g., Hayden White que destaca que o passado tem existência na forma que é descrito pelos historiadores, do que decorre ser a própria ‘história’ uma criação literária.

<sup>400</sup> ECO, 2006 *op.cit.*, p.7, lamenta: “porém só teve tempo de escrever cinco, antes de nos deixar”.

<sup>401</sup> *id. ibid.*

diz mais sobre o livro em questão; mas fazem de tudo para que se acredite o contrário.<sup>402</sup>

O complexo ato de leitura de escritos literários – notadamente os advindos da Antiguidade onde autor, leitor e obra estão apartados espacial e temporalmente, e sua consequente tradução, representam um provoco para a linguística que acarreta em decorrências sobrepostas. A abordagem – religião e tradução – finalizará este Capítulo II. Assim Jouve atenta:

Na medida em que, cortada de seu contexto, a obra é raramente lida como seu autor queria, não é lógico desistir de ressaltar qualquer intenção primeira e ver apenas no texto o que se quer ver?<sup>403</sup>

Uma resposta possível é a do teórico alemão H. R. Jauss que, no anseio de não romper com o objetivismo da história literária, propõe levar em conta a primeira leitura da obra. A única maneira de integrar o estudo da recepção à história literária, com efeito, é destacar a leitura dominante na época em que o texto foi escrito: ‘A análise da experiência literária do leitor escapará do psicologismo que a ameaça se, para descrever a recepção da obra e o efeito produzido por essa, ele reconstituir o horizonte de expectativa de seu primeiro público’.<sup>404</sup>

Contudo, em que medida o ato de leitura e o movimento hermenêutico do tradutor podem sobrecarregar, com decorrências adicionais, o subsequente processo tradutório de escritos sensíveis originários das línguas clássicas da Antiguidade?

Conforme menção da nota introdutória no Capítulo I, a tradução de *AtsPe*, comentada e anotada, está apresentada a partir de edições críticas revisadas dos diversos fragmentos em cotejo com os fac-símiles

---

<sup>402</sup> CALVINO, Italo. *Por que ler os clássicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p.12.

<sup>403</sup> JOUVE, Vicent. *A leitura*. São Paulo: UNESP, 2002, p.25.

<sup>404</sup> *id. ibid.*, p.27, citando Jauss, 1978, p.49.

e comentários mais antigos. Foi mantida a uniformidade nas palavras mais importantes dos vários fragmentos *gr.-lat.-cop.* colocados em diálogo constante. Assim sendo, o leitor poderá cotejar fraseologia nos distintos andamentos dos textos, inclusive partindo do pressuposto que na Antiguidade teria sido uma obra una, segundo estudos já elencados. Evitou-se, ao máximo admissível, o calão clássico teológico ou a mera transcrição dos termos copto-greco-latinos nesta tradução. Estes *AtsPe* foram escritos antes do tempo de Constantino, conforme buscou-se demonstrar anteriormente. Ou ainda mais: bem antes do estabelecimento da ortodoxia, com profundas implicações deste evento já mencionadas. Desta forma, o *sitz im leben*<sup>405</sup> (e o primeiro público) é um protocristianismo de matizes judaico-cristãs<sup>406</sup>, cujo mote é remontar a era formativa dos *cristianismos* – séculos II-III, sem as luzes dos acontecimentos ortodoxos posteriores.

Estaríamos discutindo no domínio da *intentio operis* e *intentio auctoris*, ou como Eco aborda quando trata o enredo da *Odisseia*, os momentos diversos da voz de Homero e as transformações nestes múltiplos “tempos”, em contraste com a discussão dos formalistas russos sobre os termos *fabula* e сюжет (= *sjuzet*)<sup>407</sup>, normalmente reconhecidos por *história* e *enredo*.<sup>408</sup>

Não haverá suficiente compreensão de um texto produzido neste ambiente sócio-comunitário recidivo se não entendermos o que significou: (i) o *profetismo* antigo e o *messianismo* pós-revolta dos macabeus; (ii) as relações imperiais com a política doméstica do(s) Herodes(s); (iii) as seitas judaicas do antigo judaísmo e que coparticiparam dos *cristianismos* nascentes, em um ou noutro aspecto,

---

<sup>405</sup> Expressão dos exegetas alemães – *sitz* (= lugar, assento) *im leben* (= na vida) para dizer sobre o ‘contexto vital’ ou ‘lugar vivencial’ (alguns traduzem por ‘situação geratriz’), visa delinear o lugar, a ocasião e os contornos sócio-comunitários e supra-individuais de quando uma obra foi escrita; usada em outras línguas.

<sup>406</sup> Estas igrejas mais antigas não eram um cristianismo como o temos, mas um rebento do judaísmo.

<sup>407</sup> Também *syuzhet*, *sjuzhet*, *sujet*, *sjuzet* ou *Suzet*.

<sup>408</sup> Remete a ECO, Umberto. *Lector em fabula*. São Paulo: Perspectiva, 1986, pp.85-6, onde: “Fábula é o esquema fundamental da narração, a lógica das ações e a sintaxe das personagens, o curso dos eventos ordenado temporalmente. [...] O enredo, pelo contrário, é a história como de fato é contada, conforme aparece na superfície, com suas deslocções temporais, saltos para frente e para trás [...], descrições, digressões, reflexões parentéticas” (trad. Atilio Cancian).

prático ou formativo, como os *saduceus*, classe culta dotada de um conservadorismo simplificador, mais aberta ao helenismo; (iv) os *essênios*<sup>409</sup> (= piedosos), fonte da piedade e santidade cristãs, escribas por excelência, recolhidos no deserto e em pequenas comunidades. Combatiam a helenização da Palestina e deles advém *Qumran*. É o grupo que mais coparticipou na formação dos *cristianismos*, mas que curiosamente, mesmo sendo a maioria numérica judaica daqueles dias, ainda assim os Evangelhos e Cartas canônicas optam por um inquietante e sepulcral silêncio<sup>410</sup> de qualquer menção nominal à seita ou de algum representante ou da sua doutrina neopitagórica ou qualquer aspecto da vida deles; (v) *zelotes*: ativistas políticos, contra o domínio de Roma, guerrilheiros, adeptos do *messianismo*; (vi) *fariseus*: existem desde exílio babilônico (587 a.C.), e em maior amplitude empós o advento da libertação por Ciro (539 a.C.). Foram influenciados pelos imaginários do zoroastrianismo e dos aramaico-persas. Importaram seus ideários tal qual se pode hoje distingui-los nos dogmas e doutrinas cristãs. Eram acessíveis à helenização, praticavam a missão de converter os gentios e detinham a linguagem legal e jurídica judaica<sup>411</sup>; (vii) a “*globalização*” advinda do envio dos Ἱεροσολῶν κατοικοῦντες Ἰουδαίῳ<sup>412</sup> e de lideranças entre os helenistas; (viii) o *advento de Paulo*, sua formação e a consequente doutrina estoica; (ix) a γνῶσις e o dualismo que resultará na *revelação* cristã.

Bultmann insiste em marcar que o *sitz im leben* não deveria ter a acepção de um evento histórico ou recorte deste, mas como “uma situação ou maneira de comportamento típicos dentro da vida de uma comunidade”<sup>413</sup>. Ou como ainda, Jürgen destaca o *sitz im leben* como recorrência:

---

<sup>409</sup> cf FLAVIUS JOSEPHUS, Titus. *Guerra dos Judeus - Livro I e Livro II*. Curitiba: Juruá, 2002.

<sup>410</sup> Os estudos no método histórico-crítico vêm chamando a atenção muito recentemente sobre este intrigante silêncio canônico.

<sup>411</sup> Demônios e anjos. Escatologia e apocalipcismo. Existência *post-mortem* baseado na lei das recompensas do mal ou do bem.

<sup>412</sup> At 2,5 (= Judeus residentes em Jerusalém), helenistas, um público já internacionalizado. De onde advém Saulo de Tarso, Síria (= Paulo), principal helenista dos *cristianismos* nascentes e outra da liderança – Nicolau de Antioquia, Síria, do primeiro colégio diaconal.

<sup>413</sup> BULTMANN, Rudolf Karl. *Die Geschichte der synoptischen Tradition*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1995, p.4.

O “lugar vivencial” é uma realidade suprapessoal. Todas as pessoas estão acostumadas a existir dentro de papéis (*sic*) sociais diversos; isto determina que também suas manifestações orais ou por escrito, ligadas a estes papéis (*sic*), serão forçosamente distintas. O produtor do comercial de televisão, p. ex., servir-se-á necessariamente de outros gêneros de conversação, caso participe de uma roda de conversa na sua comunidade! *O objeto da pergunta pelo lugar vivencial não é a pessoa que fala como indivíduo, e, sim, a situação que caracteriza a fala e a escuta.* E o que lamentavelmente é esquecido com frequência (*sic*) é o seguinte: esta situação de fala e escuta só representa um “lugar vivencial” na medida em que é *institucionalizada* e, por isso mesmo, fundamentalmente *repetitiva*, sendo a função de cada gênero precisamente a de possibilitar a repetitividade (...) Em razão deste fato, uma situação única, na qual Jesus porventura tenha pronunciado uma parábola ou realizado uma cura, ainda não representa um “lugar vivencial”. Diferente se dá com o ensino, através do qual professores cristãos procuram aplicar a parábola à situação de suas comunidades, ou com a prédica missionária, na qual um missionário procurava anunciar o poder de Jesus através de um milagre: nestes casos, sim, podemos falar de “lugares vivenciais”.<sup>414</sup>

Entretanto, excetuando-se alguma obscuridade intencional, os escritos gnósticos e os gnóstico-cristãos foram coerentes na Antiguidade; não há porque, com alguma iniciação prévia ao tema, não seja coerente na atualidade.

Porém, em que medida haveria decorrências tradutórias entre um lapso de tempo distinguido essencialmente por uma tradição oral, na Antiguidade, e a tradução de um texto provindo do mesmo *sitz im leben*, e.g., *AtsPe*? A resposta, embora seja manifesta, é perpassada de sutilezas.

---

<sup>414</sup> (*itálicos* do autor). JÜRGEN, Roloff. *Neues Testament*. Verlag, Neukirchener, 1999, pp.22ss. Tradução de WEGNER, Uwe. *Exegese do Novo Testamento – Manual de Metodologia*. São Leopoldo; São Paulo: Sinodal; Paulus, 1998, p.172.

A composição e redação dos textos do cristianismo primitivo – das anotações de discípulos até uma redação final<sup>415</sup> – podem ter tido um processo interno difícil de estabelecer. Acrescente-se a isto a conhecida controvérsia de que tal *corpora* posterior retratou em grego (língua muito distinta), somente partir dos anos 70 os λόγια (= ditos), ensinamentos, parábolas e relatos de histórias, milagres, viagens, κτλ. que teriam recém saído – “quentinhas” – da boca de Jesus e seus seguidores mais próximos na dialetal língua aramaica<sup>416</sup> c.<sup>a.</sup> de 20-30. A densidade cultural do grego teria já na Antiguidade suscitado dificuldades, por esta teoria. O dialeto Aramaico Galileu<sup>417</sup> é, por conseguinte, aquele oriundo da região de nascimento, criação, da maior parte da vida de Jesus e de seu apostolado a sua língua nativa. Pouco conhecido na literatura rabínica, excetuando-se alguns documentos pessoais e alguma menção no *Targúmico Galileu*. Sempre que os textos cristãos mencionam uma palavra não traduzida ou criam uma entrada lexical<sup>418</sup> fazem uso do antigo Aramaico Judeia-Jerusalém, o que reforça a ideia de que os ditos e relatos cristãos primitivos foram transmitidos neste dialeto<sup>419</sup>.

---

<sup>415</sup> Pode-se mencionar ainda muitas outras decorrências, e.g. alterações involuntárias, alterações intencionais, transmissibilidade dos textos, atividade redacional com repetições, interpolações, supressões, adaptação teológica, substituição de termos com fim confessional dos escritos, uso de fontes perdidas, uso do material narrativo *versus* material discursivo na Antiguidade, elementos linguísticos e sintáticos válidos apenas para as línguas originais, formas e aplicações específicas na Antiguidade (paradigmas, milagres, relatos de paixão, ditos proféticos, apocalipcismos, ditos legais, regras comunitárias, ditos iniciados com ‘eu’, paradoxo, parábolas, metáforas, alegoria, doxologias, homologias, κτλ) e outras.

<sup>416</sup> Uma língua de teor popular, mais evidente em lugarejos menores, atribuída a Aram, filho de Sem. Não há registros do arameu anterior ao séc. XII a.C. Tem-se falado em pelo menos 7 dialetos correntes no séc. I. Do hebraico há pouca evidência de uso neste período, até porque as palavras não traduzidas nos Evangelhos são de origem aramaica. O hebraico restava na תנ"ך (= *Tanakh*) e num restrito círculo culto.

<sup>417</sup> OLD ARAMAIC. (*on-line*). < [http://cal1.cn.huc.edu/searching/basic\\_concordance.html](http://cal1.cn.huc.edu/searching/basic_concordance.html) >, acessado em 11/03/2012.

<sup>418</sup> *vide* Mc 14,36; Lc 10,38; Jo 19,13; At 1,19; 9,33; Gl 4,6, κτλ.

<sup>419</sup> Mel Gibson com o filme *A Paixão de Cristo* (2004), utilizou-se de falas aramaicas deste dialeto reconstruído em parte a partir do aramaico bíblico de Esdras e Daniel (com um vocábulo ‘o’, auxiliado pelo jesuíta, William Fulco.

Outra questão que ajuda a perceber o ambiente linguístico da Palestina no século I é o fato de que esta região há muito já era corredor de exportação e circulação intensa de pessoas, políticos e administradores dos impérios da Antiguidade: Egípcio, Babilônico, Persa, Grego, Romano, κτλ. Fato que poderia ter tornado esta região poliglota<sup>420</sup>. A tríplice inscrição *gr.-lat.-heb.* na cruz do Galileu, um campesino do Mediterrâneo, revolucionário, companheiro dos párias da sociedade local suburbana do Império Romano ilustra esta atividade e a necessidade multilingual. No templo o serviço litúrgico era em hebraico<sup>421</sup>; nas sinagogas repousam muitas dúvidas. O aramaico é a língua popular e de caráter mais íntimo, familiar e mais proeminente nos vilarejos interioranos<sup>422</sup>. O grego era a língua internacional vernacular na Palestina do século I. E o latim a língua protocolar e jurídica do Império Romano.

Os próprios textos cristãos não escondem esta *fase de oralidade* pré-escrita; o Evangelho lucano, no seu prefácio a menciona. Tal menção Paulo também faz diversas vezes<sup>423</sup> aludindo ao teor das boas novas cristãs de forma ampla conforme *1<sup>a</sup>. Epístola aos Coríntios*:

---

<sup>420</sup> LEWIS, Paul M. (ed.). *Ethnologue – Languages of the World*. LEWIS, Paul M. (ed.). *Ethnologue – Languages of the World*. 16a. ed. Dallas: SIL International, 2009. (on-line). < <http://www.ethnologue.com/> >, acessado em 17/04/2010.

<sup>421</sup> Uma narrativa mencionada em Lc 4,16-30 é particularmente intrigante. Nele diz-se que “Jesus levantou-se e leu o rolo da lei”. Se a língua hebraica morreu como língua vernacular (para tornar-se língua clássica de alta erudição rabínica) desde o exílio babilônico (sécs. VI-VII a.C.) ao ponto do *Talmude* e porções extensas de *Daniel* e *Esdras* terem sido escritas em aramaico, além do sabido uso amplo dos *Targumins* (trad. da *Tanakh heb.* → *aram.*) nos sécs. VI-IV a.C. e da prevalência absoluta da *LXX (heb. → gr.)*, teria Jesus lido em hebraico na Sinagoga? Se a maioria das pesquisas tem apontado a atividade de Jesus entre os miseráveis do seu tempo, invisíveis à arqueologia e possivelmente analfabetos, como poderia tal leitura ter ocorrido. Seria algo do tipo antes da reforma litúrgica, onde a proclamação do Evangelho era em latim (decorado) e a homilia em português? Ou o uso da *LXX* estava permeando o judaísmo?

<sup>422</sup> e.g., similar ao uso do guarani no Paraguai, onde na rua, comércio, aulas, igreja, κτλ, usa-se o espanhol, mas para o momento íntimo da família (normalmente mais interiorana) faz-se uso do guarani; fenômeno igual ocorre na maioria das comunidades indígenas.

<sup>423</sup> Um conjunto de informes análogos a propósito da preservação oral daquelas narrativas se encontra em Paulo: Rm 1,3; 8,34; 9,4-5; 15,3; Gl 3,1 e 16; 4,4; 1Cor 1,13 e 23; 2,2; 1Cor 6,7;10-11; 11,2 e 23-25; 1Ts 5,1-6.



Tendo, pois, muitos empreendido pôr em ordem a narração dos fatos que entre nós se cumpriram, segundo nos transmitiram os mesmos que as presenciaram desde o princípio e foram ministros da palavra, pareceu bem também a mim escrever.<sup>424</sup>

Também vos notifico, irmãos, o Evangelho que já vos tenho anunciado; o qual também recebestes, e no qual também permanecéis. Pelo qual também sois salvos se o retiverdes tal como vo-lo tenho anunciado... Porque primeiramente entreguei o que também recebi.<sup>425</sup>

Desta etapa os exegetas e tradutores muito pouco tem falado. Devido à carência de informes para determinar de modo mais preciso estas ocorrências. Tornou-se área das suposições arriscadas dos “estudiosos de plantão”<sup>426</sup>. É bastante complexa a reconstrução daquilo que teria genuinamente sucedido, cuja mediatização deu-se pelo campo da oralidade, entre o nascimento de Jesus e os anos 50 (precária atividade redacional), ou melhor, 70. Temos o diálogo com as *Antiguidades Cristãs* de Titus Flavius Josephus (bastante confiável, mas insuficiente) e uma ponte mais antiga com *Qumran*; esta pressuposto cogente<sup>427</sup> para a tradução de *AtsPe* – texto como demonstramos ser do século II.

---

<sup>424</sup> Lc 1,1-2.

<sup>425</sup> 1Cor 15, 1-3.

<sup>426</sup> Na atualidade *scholars* ligados ao método histórico-crítico vêm alertando para a falta de estudos mais consistentes nestas primeiras décadas dos *cristianismos* nascentes, cf CROSSAN. 1994, *op.cit.* Também *uide: id. Four other Gospels: Shadows on The Contours of Canon*. Minneapolis: Winston Press; Seabury Books, 1985. *id. The Cross That Spoke: The Origins of the Passion Narrative*. San Francisco: Harper & Row, 1988.

<sup>427</sup> Trata-se de uma relevante escola judaico-teológica, cuja descoberta 1947 vem surpreendendo o meio acadêmico dos estudos cristão-judaicos como chave hermenêutica para a tradução, compreensão de textos do NT e apócrifos – caso de *AtsPe*, eventos históricos e com desdobramentos na própria cultura mundial ou transnacional. Informes advindos das escavações e de historiadores clássicos – *e.g.* Titus Flavius Josephus, פִּילוֹן הָאֶלְכְּסַנְדְּרוֹנִי (= *heb.* Pilon ha'Alexandroni), Gaius Plinius Secundus (= Plínio, o Velho) dão conta de uma comunidade já povoada em 700 a.C. Entretanto enquanto seita essênica, por volta de 200 a.C., é que obteve boa estrutura e aparelhamento institucional. Reconstruída depois do terremoto de 31 a.C, foi destruída sem piedade pelos romanos na invasão de Nero. Pouco se sabia sobre até o advento *Qumran* de 1947.

Hoje, porém, determinados aspectos e ditos de personagens como Jesus, Paulo e João Batista somente podem ser compreendidos à luz dos escritos de *Qumran*, que no geral, circularam de forma sistemática por volta de 100 a.C. ou 170 anos nos textos cristãos: (i) Um exemplar desta vasta coleção pode ficar sem sentido *ad aeternum* se excluíssemos *Qumran* da sua hermenêutica é Mt 5.43: “Ouvistes que foi dito: Amarás ao teu próximo, e odiarás o teu inimigo.” A primeira parte da afirmação vem da *Torah* – Lv 19.18. A segunda sequer existe no AT, mas advém de um código legal e de ética da comunidade de *Qumran* achado em 1947 – *Regra da Comunidade* – “amar os filhos da luz e odiar os filhos das trevas”, ou seja, os gentios, que rendeu o ódio de certos romanos (especialmente das legiões de Nero) que acusaram os essênios “de detestar a raça humana ‘*odium generis mundi*’, cf CHAMPLIN, Russell Norman. *O Novo Testamento Interpretado...* vol. I. São Paulo: Candeia, 1998, p.317. (ii) Quem for a *Qumran* na hoje, já na recepção, assiste um curta-metragem que noticia que um personagem passou por aquela comunidade, mas restou banido por não inadaptação - João Batista, de quem traços, costumes e a radicalidade da sua pregação parecem não negar a origem. (iii) cf EISENMAN, Robert H.; WISE, Michael. *Manoscritti segreti di Qumran*. Edizione italiana a cura di Elio Jucci. Piemme, Asti: 1994, que aborda estes textos de *Qumran* colocando Tiago “o irmão do Senhor” (cf At 12,17; 15,13; Gl 1,19, *et alii*) no cargo mais elevado de ‘Mestre da Justiça’ desta comunidade, e que derivaria no embate entre a corrente de Tiago, irmão do Senhor e a do Apóstolo das Gentes. Aponta que teríamos um outro “Jesus” e um outro “Evangelho” se a corrente de Tiago tivesse vencido na ortodoxia. (iv) Também em 1991 Eisenman (*id. ibid.*) causa grande polêmica com divulgação incomum e precoce ao arripio do comitê do ms. 4Q285 (parcialmente corrompido), que trata da pena capital aplicada a um Messias, que segundo ele seria Jesus, motivo da não exposição pública deste mss. É uma passagem acerca de um certo que “Messias foi assassinado” ou que “assassinou”. Este escrito potencializa a polêmica pelas múltiplas traduções cabíveis: “E esses assassinaram [pass.] (ou: assassinarão) [fut.] o príncipe da comunidade, o reben[to de Davi]”, ou ainda, “O príncipe da comunidade o matará [fut.] (ou: o matou) [pass.]”, ou também, “O príncipe da comunidade, o rebento de Davi, o matará (ou: “matará o ímpio)”. (v) o paralelismo de vocábulos jurídicos e de celebração de *Qumran* contrastado escritos do NT resta inegável. Calões teológicos como “os muitos”, ou ainda, “maioria” de At 15,12; 2Cor 2,5-6 e nas narrativas eucarísticas de Mt 26,27-28; Mc 14,23-24; Lc 22,20. Termos inexistentes na literatura rabínica contemporânea ao NT associam-no imediatamente a *Qumran*: “a sorte dos santos”, “justiça de Deus”, “o Senhor do céu e da terra” “pobres em espírito”, “Igreja” como “Assembleia de Deus”, “ele será chamado Filho de Deus” (Lc 1.35-37), “obras da lei”, o contorno de Melquisedeque tal como retratado em Hb, o mote de Paulo acerca da “justificação pela fé” (cf Gl 2,16; Rm 3,21-24 *et alii*), “o mistério da iniquidade” (2Ts 2,7), κτλ. (vi) cf VANDERKAM, James. C. *Manoscritti del Mar Morto. Il dibattito recente oltre le polemiche*. Città Nuova, Roma: 1997 (à época da publicação era membro direto do grupo responsável pela tradução e

As pesquisas começam a delinear melhor o caminho a partir do começo do fim da oralidade, com o surgimento dos λόγια (= ditos) e as versões *proto* (= embrionárias) dos evangelhos<sup>428</sup> e outras pequenas retenções pré-escritas, fruto de anotações acidentais e corriqueiras de discípulos e observadores e que hoje restam perdidas. Estas são intermediárias entre a tradição oral e a tradição escrita sinótica, igualmente entre a oralidade e a *corpora* paulina. E das quais o Evangelho lucano dá conta *cf* a índole textual de Mc e Lc com a menção de ocorrências concretas.

A crítica textual (= ecdótica)<sup>429</sup> também tem possibilitado perceber que toda esta *corpora* cristã (incluso os sinóticos) não foi produzida a um só fôlego. Estas fases de oralidade, de escrita pragmática e de composição redacional, reelaboram as anotações intermediárias que dão origem as primeiras versões dos principais textos cristãos. Também deposita detalhes astutos para a tradução acompanhados do aviso de que não se pode traduzir os textos cristãos como unitários nem as expressões com acepções univalentes. Talvez, um erro crucial de muitos tradutores e exegetas cristãos é o de não abandonar a ideia da Bíblia como um texto único, fazendo parecer que a integridade, autenticidade autoral e comprometimento historiográfico do texto estão depositados linearmente na tradição oral, nas variantes das versões *proto* até a escrita redacional definitiva.

---

publicação dos *mss.*) temos o curioso episódio de John Allegro, um inglês ateu, que participou como um dos pesquisadores de *Qumran*. Afastou-se da pesquisa com graves revelações contra a liderança dizendo que estariam sendo escondidos *mss.* da Gruta 4, cujo teor poderia prejudicar o Cristianismo e que, *cf* Allegro existia uma forte oposição do Vaticano para não viessem a público. Allegro afirma que nestes *mss.* as origens do Cristianismo eram atribuídas às decorrências do uso de um alucinógeno; ou como defende Bárbara A. Thiering, para quem João Batista como um ‘Mestre da Justiça’.

<sup>428</sup> (i) Um possível *Proto Ev. de Tomé*, em Jerusalém, com a influência de Tiago, e cuja comunidade que a compôs migrou posteriormente para Edessa, Síria *cf* DAVIES *apud* CROSSAN, John Dominic. *Four other Gospels: Shadows on The Contours of Canon*. Minneapolis: Winston Press; Seabury Books, 1985, p.465. (ii) O *frg.* do *Ev. de Egerton*, um único registro com linhas 87 danificadas *cf* a tese doutoramento em Claremont Graduate School de DANIELS, Jon B. *The Egerton Gospel: Its Place in Early Christianity*. Ann Arbor: University Microfilms Internacional, 1989, pp.12-16.

<sup>429</sup> A escola mais aceita na atualidade seguem os estudos literários para o AT/NT de: WERNER, Udo; METZGER, Bruce Manning; BERGER, Klaus *et alii*.

Dentro desta problemática, nota-se que os quatro Evangelhos canônicos (Mt, Mc, Lc e Jo, nesta sequência) têm o seu *testimonium* mais fidedigno e antigo (por ambos juízos críticos) tão-só em Εἰρηναῖος (= Irinæus), bispo de Lyon, Gália (c.<sup>a</sup> 190). Originário da Ásia Menor, na mocidade foi ouvinte do bispo Πολύκαρπος (= Policarpo<sup>430</sup>, de Esmirna), da corrente joanina, escritor da *Carta das Igrejas de Viena e Lyon*<sup>431</sup>. Seus subsídios são fiáveis, basicamente, porque provêm diretamente das suas próprias obras, sendo que até Eusebius Pamphili (de Cesareia) – H.E. as recolhe de lá; inúmeros fragmentos em siríaco e em grego<sup>432</sup> demonstram que ele era um autor muito lido.

No entanto, antes disso, dispomos de títulos em  $\Phi$  e alguns *frgg.* das versões *proto* intracanáonicas. Outro bispo, Παπίας Ἱεραπόλεως ou ὁ Ἱεραπολίτης (Papias, de Hierápolis, Frígia, c.<sup>a</sup> 130-†140), companheiro de Πολύκαρπος (= Policarpo, de Esmirna) e discípulo de João, o apóstolo, escreveu a *Explicação das Sentenças do Senhor* da qual restaram 13 *frgg.*, mas conservada por Εἰρηναῖος e Eusebius<sup>433</sup>. Papias só menciona Mt-Mc, apesar de estar há algumas décadas do apostolado original, o que poderia torná-lo uma fonte bastante confiável. Contudo, seus informes apresentam subsídios obscuros e um tanto dessemelhantes. Refere-se na sua obra ao *Evangelho de Mateus* como uma espécie de λόγια (= ditos)<sup>434</sup>

---

<sup>430</sup> Tradução nossa registrada nos Anais da XXII Semana de Estudos Clássicos – Cultura Clássica: inter-relações e permanência – Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos SBEC. *Análise Crítica-Literária e Tradução da ‘Carta Circular da Igreja de Esmirna Sobre o Martírio de São Policarpo’: a mais antiga narrativa do gênero*. 2008, *op.cit.*, pp.214-27. Uma versão foi apresentada através de uma mesa redonda no I Simpósio Antigos e Modernos – UFPR: Encruzilhadas entre história e literatura, 04/12/2007, e retrabalhada posteriormente.

<sup>431</sup> Tradução *gr.* → *pt.*, *Análise Crítico-Literária e Tradução da ‘Carta das Igrejas de Viena e Lião’ – Entre as mais Antigas Atas de Mártires*. Relato de c.<sup>a</sup> 50 martírios nestas cidades. Esta carta, em *gr.* sob forma de circular, foi enviada da Gália às igrejas da Ásia e Frígia, sobre a perseguição ocorrida em Lyon (177), está conservada da H.E. de Eusebius. Constitui admirável documento do espírito dos antigos mártires, transcende em importância, razão pela qual se procura demonstrar que nenhum estudo da Igreja pode ser completo sem a discussão das Atas dos primeiros mártires. Apresentado no II Simpósio de Antigos e Modernos – UFPR, 07/11/2008, publicada nos anais, (*on-line*).

<sup>432</sup> DPCA-*pt.* 2002, p.716.

<sup>433</sup> *id. ibid.*, p.1087.

<sup>434</sup> CROSSAN. 1994, *op.cit.*, pp.465-69. Com similitude ao *Proto Ev. de Tomé, Ev. das Sentenças Q*, κτλ.

em *aram.* diferentemente do que temos: uma narrativa ao estilo judaico, com muitos elementos da *midrash*, e com indícios de uma produção bilíngua e simultânea, de mão dupla *gr.↔aram.*, particularmente devido ao uso da sintaxe hebraica (*heb.→aram.*) assimilada no *aram.* da Judeia – *παράταξις* semítica.

No tocante ao *Evangelho de Marcos*, tal o conhecemos, apresenta-se como uma narrativa de bom nível de estruturação textual sem lapsos temporais, inconsistências no texto ou outro tipo de conflito interno. Mas, Papias descreve-o como sendo do assistente-intérprete de Pedro (apóstolo) durante suas pregações em Roma e que suas notas foram produzidas “de forma desarranjada”<sup>435</sup>. Não parece lógico que um colaborador tão próximo se refira ao seu mestre com esta precariedade. O que percebemos é que Marcos cria até alguma resistência a figura de Pedro e ao colégio apostolar. Pedro no texto canônico de *Marcos* é descrito como um “vacilante”<sup>436</sup>, como quem nega e os apóstolos como “covardes”<sup>437</sup>. Tal texto sequer faz qualquer menção a famosa cena plástica em que Cristo promete as “chaves do céu”<sup>438</sup>. É bem provável que o final longo seja uma interpolação<sup>439</sup>. Deste modo, o informe de Papias nos resta um tanto inconsistente (hipótese precária) ou Mt e Mc estavam em fase de redação intermediária, bastante diferente do que os temos hoje.

De qualquer forma, o que pacifica, pelo menos parcialmente esta demanda é a abundância de *αὐτόπται* (= testemunhas oculares) e que, tendo convivido por muito tempo com a comunicação e difusão dos *λόγοι* (= discursos), narrativas de milagres, parábolas, regras comunitárias, homologias, doxologias, κτλ, puderam, mesmo que parcialmente, acompanhar tal processo histórico-transmissivo oferecendo atestação múltipla. A comunidade anônima, conquanto molde tais memórias, não as concebe; e assim, o ato de transmitir está mais ligado aos indivíduos diretamente alcançados pelos eventos, palavras ou ações desta tradição, o que também favorece a constância deste processo.

---

435 DPCA-*pt.* 2002, p.1087.

436 Mc 14,66ss; 8,32ss; 14,37 e outros.

437 Mc 4,40.

438 Mt 16,19.

439 Mc 16.9-20.

## II. A distância temporal de uma língua clássica – Constitutivos literários pela síntese de línguas e tradições

A linguística contemporânea dá conta de que as línguas evoluem e se modificam<sup>440</sup>. Porém, quando laboramos tradutoriamente numa distância temporal maior que alguns séculos<sup>441</sup>, no caso de traduções clássicas e bíblicas, percebe-se uma tendência de precarizar e elastecer esta perspectiva diacrônica da língua, inclusive até no próprio uso dos materiais: léxicos, *thessaurus* e gramáticas (vitais ao resultado tradutório)<sup>442</sup>.

---

<sup>440</sup> “(...) não há língua que permaneça uniforme. *Todas as línguas mudam*. Esta é uma das poucas verdades indiscutíveis em relação às línguas, sobre a qual não pode haver nenhuma dúvida.” (*itálicos* do autor); POSSENTI, Sírio. *Por que (não) ensinar gramática na escola*. 7ª. reimpr. Campinas: Mercado das Letras, 1997, p.38. — *uide*, obviamente, as velocidades não são iguais; apartada alguma discussão estruturalista e antropológica para uma análise imanente sem comparação umas com as outras. — *e.g.*, a língua francesa tem sido um exemplar raro de língua românica, com alguma resistência a variação diacrônica de registro linguístico – morfológico, semântico, lexical, κτλ; visto, aqui, pelo conceito da linguística de variação histórica, que compara dois estados de língua onde, a língua francesa, tematiza uma “luta” contra: (i) a fragmentação do corpo linguístico (preocupação com a “pureza da língua”; o orgulho de ter a mesma gramática por longo tempo, κτλ); (ii) quanto estigmatização de formas vernaculares faladas (preocupação com a “qualidade da língua”); cuja sua forma atual reflete muito a ideologia da Revolução Francesa (aspiração de unidade da I República), desencorajando outros dialetos (ou *patois*), com instrução pública obrigatória, responsável pela uniformização da forma escrita, uso preeminente na diplomacia, assuntos internacionais e como língua franca das classes dirigentes e educadas da Europa. Enfim, nota-se que uma variante restrita a um grupo inicial e menor, se expande mais lentamente comparada a outras línguas (*e.g.* anglicização), para um grupo socioeconômico mais expressivo. Ou seja: a forma mais antiga resiste um pouco mais, não apenas nas gerações mais velhas, mas nas gramáticas normativas, na menor quantidade comparativa (com outras línguas) de novas variantes que surgem, mesmo diastráticas, e que sofrem maior resistência para se consagrarem no uso da modalidade escrita ou de significado. Mas, é um exemplar muito peculiar.

<sup>441</sup> Modernos tradutores das línguas clássicas têm aguçado o olhar para este problema.

<sup>442</sup> Ainda é corriqueiro traduzir-se de Homero a Eusebius (caso do *gr.*) com o mesmo *Lidell Scott, Bailly, Montanaro, Chantraine, Freire, Goodwin*, κτλ.

Sabemos da atração inevitável pelos grandes clássicos da lexicografia greco-latina e dos manuais de gramáticas que são de elevado valor e jamais devem faltar a uma tradução. No entanto, materiais direcionados e específicos por autor vêm ocupando seu lugar na tradução de textos do ambiente cristão do séculos I-III, particularmente, por uma atípica síntese de línguas, culturas, mitos e tradições, segundo teoria a ser exposta *infra*. Apesar de que atualmente estejam se tornando acessíveis, ainda funcionavam como uma espécie de “apócrifos”<sup>443</sup>. Conquanto tal mote pareça inequívoco ao mundo dos tradutores modernos e de obras mais recentes, faz-se necessário ilustrar o que pode significar como desafio tradutório, *e.g.*, num intervalo de quinhentos anos de uma língua dinâmica; por isso nos servimos de um exemplar em língua nativa. Trata-se do mais primitivo documento escrito em *pt.* no Brasil há quinhentos e quatorze anos. O repto consiste numa leitura inteligível de poucas linhas sem a consulta na nota de tradução da *Carta de Pero Vaz de Caminha* de 01 de maio de 1500 ao *El Rei de Portugal D. Manuel* em ortografia original<sup>444</sup>, sem consulta a tradução<sup>445</sup>. No projeto tradutório de *AtsPe*, foi

---

<sup>443</sup> Pode-se mencionar, *e.g.* (*gr.*): *The Patristic Greek Lexicon*, de Lampe (1961), *A Grammar of Septuagint Greek*, de Conybeare (reed. 2004), *Gramática de Grego*, de M. Alexandre Jr., *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature*, de Bauer, *Estudos do vocabulário do Novo Testamento*, de Metzger; Pinto; κτλ.

<sup>444</sup> “Snõr. posto que o capitam moor desta vossa frota e asy os outros capitaães screpuam a vossa alteza a noua do acha mento desta vossa terra noua que se ora neesta naue gaçom achou, nom leixarey tambem de dar disso minha comta a vossa alteza asy como eu melhor poder ajmda que pera o bem contar e falar o saiba pior que todos fazer, pero tome vossa alteza minha jnoramçia por boa comtade, a qual bem çerto crea que por afremosentar nem afear aja aquy de poer ma is ca aquilo que vy e me pareceo. / da marinha jem e simgraduras do caminho nõ darey aquy cõ ta a vossa alteza porque o nom saberey fazer e os pilotos deuem teer ese cuidado e por tanto Snõr do que ey de falar começo e diguo”. Copiada, seguindo a mesma marcação de linhas e parágrafos, do original que existe no Arquivo Nacional da Torre do Tombo – Portugal, gav.8, maç.2, n.8, *cf* Biblioteca Nacional de Portugal. (*on-line*). < <http://purl.pt/index/geral/PT/index.html> > e < <http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/1/11/Carta-caminha.png> >, acessado em 05/02/2011.

<sup>445</sup> Tradução literal *pt.ant.* → *pt.br*; NUPILL – Núcleo de Pesquisas em Informática, Literatura e Linguística, LCC Publicações Eletrônicas, 2010, p.1: “Senhor, posto que o Capitão-mor desta Vossa frota, e assim os outros capitães escrevam a Vossa Alteza a notícia do achamento desta Vossa terra nova, que se agora nesta navegação achou, não deixarei de também dar disso minha conta a

assumida a precaução de guiar-nos, tanto quanto foi possível, por este norte, usando materiais e referenciais do mesmo gênero na datação que procuramos defender anteriormente.

Outra demanda que se tem ouvido de discentes de grego, latim e hebraico é: o quanto sofre de influência semítica (*heb.* → *gr.* ↔ *aram.*) a língua do NT? Assim se referem porque normalmente pensam no texto hebraico do AT – ou pensam “pensar” nas categorias hebraicas exclusivamente para o AT. Esta influência se existiu, conforme ambicionamos evidenciar, tem caráter constitucional no procedimento tradutório de *AtsPe*, pois deriva do núcleo desta atmosfera multilinguístico-cultural. Do mesmo modo, alvitramos ilustrar este aspecto, com o escopo despertar a vigilância na tradução de escritos advindos de uma conjuntura tanto multifacetária quanto complexa. A provocação é usar o texto da *Genealogia*<sup>446</sup> de *Jesus* citada no Evangelho da comunidade mateana:

<sup>1</sup> Livro da geração de Jesus Cristo, *Filho de Davi*, Filho de Abraão.

<sup>2</sup> Abraão gerou a Isaque, e Isaque gerou a Jacó, e Jacó gerou a Judá e a seus irmãos,

<sup>3</sup> e Judá gerou de *Tamar* a Perez e a Zerá, e Perez gerou a Esrom, e Esrom gerou a Arão.

<sup>4</sup> Arão gerou a Aminadabe, e Aminadabe gerou a Naassom, e Naassom gerou a Salmom,

<sup>5</sup> e Salmom gerou de *Raabe* a Boaz, e Boaz gerou de *Rute* a Obede, e Obede gerou a Jessé.

<sup>6</sup> Jessé gerou ao rei Davi, e o rei Davi gerou a Salomão *da que foi mulher de Urias*.

---

Vossa Alteza, assim como eu melhor puder, ainda que – para o bem contar e falar – o saiba pior que todos fazer! Todavia tome Vossa Alteza minha ignorância por boa vontade, a qual bem certo creia que, para aformosentar nem afear, aqui não há de pôr mais do que aquilo que vi e me pareceu. Da marinhagem e das singraduras do caminho não darei aqui conta a Vossa Alteza – porque o não saberei fazer – e os pilotos devem ter este cuidado. E portanto, Senhor, do que hei de falar começo: E digo quê:”

<sup>446</sup> *cf* Lv 25.10; os judeus guardavam suas genealogias com zelo porque a cada 50 anos as terras retornavam aos seus donos originais. Pessoas sem genealogia comprovada eram tidos como forasteiros, sem direito à posse. Eram feitas de forma suficientemente séria, até quando Nero (70) destruiu e templo e queimou “os livros das genealogias”, conforme STAMBAUGH; BALCH. 1996, *op.cit.*, p.101.



<sup>7</sup> Salomão gerou a Roboão, e Roboão gerou a Abias, e Abias gerou a Asa,

<sup>8</sup> e Asa gerou a Josafá, e Josafá gerou a Jorão, e Jorão gerou a Uzias,

<sup>9</sup> e Uzias gerou a Jotão, e Jotão gerou a Acaz, e Acaz gerou a Ezequias.

<sup>10</sup> Ezequias gerou a Manasses, e Manasses gerou a Amom, e Amom gerou a Josias,

<sup>11</sup> e Josias gerou a Jeconias e a seus irmãos na deportação para a Babilônia.

<sup>12</sup> E, depois da deportação para a Babilônia, Jeconias gerou a Salatiel, e Salatiel gerou a Zorobabel,

<sup>13</sup> e Zorobabel gerou a Abiúde, e Abiúde gerou a Eliaquim, e Eliaquim gerou a Azor,

<sup>14</sup> e Azor gerou a Sadoque, e Sadoque gerou a Aquim, e Aquim gerou a Eliúde,

<sup>15</sup> e Eliúde gerou a Eleazar, e Eleazar gerou a Matã, e Matã gerou a Jacó,

<sup>16</sup> e Jacó gerou a José, marido de Maria, da qual nasceu JESUS, que se chama o Cristo.

<sup>17</sup> De sorte que todas as gerações, desde Abraão até Davi, são *catorze gerações*; e, desde Davi até a deportação para a Babilônia, *catorze gerações*; e, desde a deportação para a Babilônia até Cristo, *catorze gerações*.<sup>447</sup>

A tradução desta perícopes comparada a Lucas é diferente. Além de diferenças com outros textos: *e.g.* 1Cr 3,11-12 (*LXX*) fala que “Jorão, de que foi filho Acazias”, enquanto Mt fala 1,8 “Jorão gerou a Uzias”; ou que Mt 1,17 menciona que “desde a deportação para a Babilônia até Cristo, catorze gerações”, no entanto, bastaria contar e temos treze nomes – seriam treze ou quatorze gerações? A menção incomum de quatro mulheres (uma prostituta, outra estrangeira, uma mulher com a psique afetada devido a um estupro e outra adúltera famosa, sequer nominada) chama bastante à atenção – na linhagem consanguínea de reis, patriarcas, profetas, sacerdotes e do próprio Messias. Normalmente os exegetas têm

---

<sup>447</sup> De acordo com Mt 1,1-17 (BJ, grifo nosso), que difere completamente da Genealogia de Jesus no *Ev. de Lucas* 3,23-38.

fornecido um número significativo de soluções, *e.g.*, a possibilidade da genealogia lucana ser materna e, a mateana, paterna.

Mas solução resta simples. As gerações dividem-se: de Abraão até Davi, contam-se catorze (14) gerações; do rei Davi até o advento do exílio babilônico, mais catorze (+14) gerações; e, do exílio babilônico até Jesus, mais catorze (+14) gerações. O somatório todas as gerações (=42). Ora, o epíteto mencionado no início do texto em 1,1 – “Filho de Davi” diz do seu messianismo, consubstancia esta posição de דָּוִד בֶּן – *Ben-David*, da sua herança sacerdotal e ao “trono de Davi”. A outra antonomásia – “Filho de Abraão” fala da sua raça judaica.

No hebraico as letras também são utilizadas como números; o mesmo sucede no grego, latim ou tantas línguas antigas. Disto decorre o estudo lógico do talmude judaico com *mishnah*<sup>448</sup> e a *guemara*<sup>449</sup>. Isto porque דָּוִד (= David) é a exata soma de D+V+D, ou seja 4+6+4=14, um tríplice דָּוִד בֶּן – “*Filho de Davi*”, utilizando-se da sabedoria judaica da *mishnah* e *guemara*, construiu-se uma *midrash*, como um ensino catequético. Mt tem cinco sermões (o novo Moisés da nova lei) para uma ligação direta com os cinco livros da *Torah* (lei antiga) e com os cinco rolos da Liturgia judaica para as festas judaicas de *Peshah*, *Purim*, *Sucot*, *Quedajer* e Pentecostes, κτλ.

Afora estas questões, resta nesta perícope do Evangelho mateano um exemplar curioso e relevante para os estudos que acostam tradução e tradição bíblica em escritos provindos desta região e época, como é *AtsPe*.

Tão mais fácil e inteligível seria para o leitor, se o tradutor de textos deste ambiente cristão multifacetário se despojasse da sua ideologia e dogmática teológica para dizer com simplicidade apenas o que os textos querem dizer. No entanto, no arquétipo referido, houve a gênese de uma tradição de tradutores desta perícope que elegeram absoluta ausência de coerência histórica, textual e até numérica (*e.g.*, afirmando “*quatorze gerações*” para apenas treze nomes mencionados) usando uma opção tradutória “*ad verbum*”<sup>450</sup> a admitir a presença de um *midrash* no *Evangelho de Mateus* e que o judaísmo desabrolha no Evangelho. Os

<sup>448</sup> דְּמַשְׁנָה (derivativo = repetir / repetição, do verbo שָׁמַע = estudar), é a principal obra abaixo da *Torah*, produzida a partir da sabedoria milenar oral do judeus.

<sup>449</sup> A *guemara* deriva-se do *aram.* גָּמַר – *gamar*; (= estudar uma tradição) é uma a parte que interpreta a *mishnah* com análises lógicas feita por rabinos.

<sup>450</sup> Termo de tradução cunhado por Hieronymus, séc. IV, que diz que as Escrituras Sagradas “encerram mistério na ordem das palavras” e se traduz palavra-a-palavra sem a preocupação primeira com o sentido.

caminhos são muitos, mas as intenções permanecem as mesmas, que digam as traduções do *Cântico dos Cânticos* “de Salomão”, cuja criação, resta usurpada de uma mulher pelo patriarcalismo religioso – bastariam os primeiros e os derradeiros versos cf<sup>TM</sup> ou  $\mathfrak{G}$ .

Vocábulos semíticos *heb.-aram.* sobejam no *gr.* κοινή multifacetário de *AtsPe*<sup>451</sup>: Μεσσίας, ραββονί, ἀμήν, μαμωνᾶς, ἀλληλούϊα, Κηφᾶς, Μαρίαν, Ἀββᾶ, σατανᾶς, Ἰωσήφ, Γαβρυήλ, κτλ. Sem contar os inúmeros vocábulos *gr.* com notável alteração semântica quando no ambiente multifacetário semítico, e.g.: σάρξ (no *gr.* clássico-κοινή: *carne*; → no ambiente multifacetário de *AtsPe*: *natureza humana corrompida*); θάλασσα (*mar de água salgada* → *lago*, respectivamente); e desta forma ἀνάθεμα (*inscrição comemorativa, oferenda volitiva* → *objeto de maldição*); καί (*e, também* → aparece as vezes com ideia de *retorno*); δαυμονίον (*poder divino, divindade* → *anjo rebelado, demônio*); ῥῆμα (*dito, palavra* → *obra, acontecimento, fato, empresa*); εἶδωλον (*imagem, simulacro* → *falso deus*); ἀδελφός (*irmão consanguíneo* → *todo o pertencente à estirpe humana, compatriota, da mesma tribo, parente próximo, correligionário*); ἐρωτάω (*interrogar* → *pedir*); Ἑλλήν (*grego, originário da Hélade* → *gentio, cristão não judeu, cristão de origem pagã*); κοινός (*comum* → *imundo, impuro*); e assim em diante somente para ilustrar. Há uma extensa lista frases *gr.* cuja acepção sofre alteração importante: ἄρτους κλάν εἰς τινας (*dar de comer*); ποιεῖν κράτος (*demonstrar poder*); ποιεῖν ἔλεος (*exercitar a caridade, praticar atos de misericórdia*); οἱ ποιηταὶ τοῦ νόμου (*indivíduos que observam a lei*); ἄρτον φαγεῖν (*comer*); ἐκ κοιλίας μητρόσ (*desde o nascimento*); somente para exemplificar algumas.

Cabe também mencionar uma grande quantidade de elementos semíticos *heb.-aram.* na sintaxe do texto de *AtsPe*, resultado também deste particular ambiente plurissociolinguístico.

Dito do ambiente linguístico multifacetário e de arraigada tradição de tradução bíblica, que na atualidade lida com censuras, podemos ensartar os estudos acerca da tradução e o estado de língua usado em

---

<sup>451</sup> Esta lista de exemplares resulta do estudo comparativo nos verbetes *gr.* mencionados em: *Lidell Scott, Bailly, Montanaro, Chantraine, Freire, Goodwin, op.cit.*(s); ainda *The Patristic Greek Lexicon*, de Lampe (1961), *A Grammar of Septuagint Greek*, de Conybeare (reed. 2004), *Gramática de Grego*, de M. Alexandre Jr., *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature*, de Bauer, *Estudos do vocabulário do Novo Testamento*, de Metzger; Pinto.

*AtsPe*, alcançando outros escritos do ambiente cristão. Tal apreciação crítica dá-se no seguinte formato:

- (i) de análise linguística (*gr.* vernacular, *gr.* literário e um *gr.* com forte carga semítica presentes na maioria dos textos cristãos, judaico-cristãos ou nos gnóstico-cristãos);
- (ii) a diferenciação de sintaxe e estilo;
- (iii) um vocabulário compartilhado com *LXX* e reinterpretado a partir do *gr.* vernacular e do *aram.* O esquema abaixo ilustrará esta questão multifacetária da língua nos textos cristãos dos séculos I-III com mais clareza. Trata-se de uma releitura, a partir dos informes anteriores do esquema de Wallace<sup>452</sup>, mas cuja proposta é diversa e bastante simplificada, e não alcança elementos essenciais como a “hélice” central; nem os subsídios inferentes importantes; nem ainda, a superposição máxima em múltiplas camadas das línguas, culturas, mitos e tradições (centro do triângulo e da hélice), lugar vivencial sociolinguístico onde se situa, precisamente, o *AtsPe* e para onde mira esta representação, conforme agora intenta-se demonstrar:

<sup>452</sup> Representa graficamente o cruzamento de todas as influências multifacetárias sobre a língua do NT e dos apócrifos. Esta ilustração é um desenvolvimento, um construir sobre, a partir do gráfico básico feito com outra concepção por cf WALLACE, Daniel B.; EDWARDS, Grant. *A Workbook for New Testament Syntax: Companion to Basics of New Testament Syntax and Greek Grammar Beyond the Basics*. Grand Rapids: Zondervan, 2007, pp.222ss. Este não considerou a importância do aramaico (renunciou como irrelevante), a influência persa pós-exílio, do latim protocolar do Império, a existência de diferentes aramaicos e apontou o léxico do NT como oriundo do *gr.* vernacular.

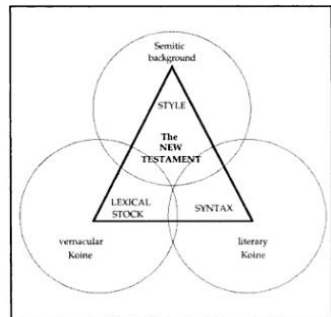
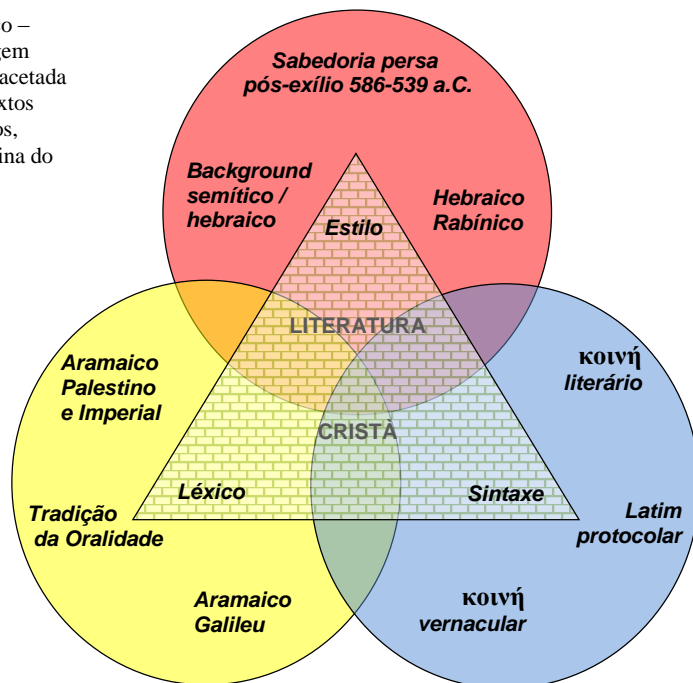


Gráfico –  
A origem  
multifacetada  
dos textos  
cristãos,  
Palestina do  
séc. I



Entre outras questões relevantes mencionamos que língua hebraica, da historiografia da tradição deuteronomista aparta-se dos registros da tradição sacerdotal (dois estados de língua). As divergências entre a língua grega *κοινή* do NT e a época clássica não se limitam àquelas morfológicas ou semânticas, segundo mencionado nos parágrafos anteriores, mas são mais intensas, *e.g.*: substitui *ἴνα* onde se usaria *ὅτι* (class.), que neste ambiente multifacetário sob forte influência semítica, amalgama a acepção de *consequência* com *finalidade*, derivando em uma leitura predestinacionista em certas perícopes cristãs. Ou nas diferenças dos artigos nas três línguas *gr.–lat.–pt.*: no *gr.* a abundância de artigos nem sempre pode ser traduzida (gera noção proximidade); por outro lado, menções via latim da *Vulg.* que ignora completamente o artigo definido (incompatível índole do *pt.* que não recebe bem a indefinição), muitas vezes descamba no pensamento essencialista (realidades palpáveis e concretas parecem abstratas ou genéricas). O *status constructus* do estilo *heb.* e sua influência junto com o uso sintático do caso genitivo *gr.* (ambos com uso pleonástico), além abrir-se para uma contingente hermenêutica, gera dificuldades de tradução em *pt.* (onde a terceira pessoa obsta o uso

de pronome oblíquo ou possessivo). Também textos dos gêneros eulogia, homologia, fórmulas proféticas e sapienciais ou ainda, escritos litúrgicos onde a sintaxe adquire contornos especiais (estilo bíblico é muito retórico) e a prosódia (que coparticipa do sentido) são grandes desafios ao tradutor de escritos provindos deste ambiente.

Por fim, dados curiosos e de difícil tradução resultam deste ambiente multifacetário e plurilingual onde sempre é possível identificar um determinado escrito jazendo “por baixo de outro texto”. Há um labutar constante com fontes históricas que remontam séculos, ou até milênios, nas quais suas fases formativo-transmissivas restam contaminadas pelo processo tradição oral e pela evolução do texto, via língua diversa da original, criando eras ou sítios dessemelhantes de compreensão do mesmo. Expressões encontradas em português nem sempre advém da língua original, algumas passam por duas ou mais evoluções semânticas, em línguas diversas da original, muitas vezes com difícil explicação do processo evolutivo. Nem mesmo termos clássicos e expressões estruturantes do sentido do texto escapam a este aspecto, como *e.g.*: (i) o termo *mar Vermelho* de Ex 15,22; 23,31; Sl 106,22, κτλ, que vem da *LXX gr.*; em *heb.* מַרְיָוֶן, significa “mar de juncos, de um certo tipo de algas que nasce no Nilo”; mas na *LXX heb.* → *gr.* nos legou traduzido como ῥυθρὰ θάλασσα que em *gr.* é “mar Vermelho”, daí chega a *Vulg. lat.* como *mare Rubrum* e, por conseguinte, nas línguas modernas e em todas as Bíblias em *pt.* O que podemos ver, de concreto, é que esta expressão não indica cor, mas uma alga, uma planta que nasce no rio Nilo, Egito. (ii) a palavra que nos chega por *Tabernáculo* encontrada em Ex 26,13; 27,9; Sl 15,1 *et aliae*, que é de origem latina. Em *heb.* מִשְׁכָּן significa “morada, lugar de residência, lar”, em *gr.* σκηνῆ “tenda, choça”, e na *Vulg. lat. tabernaculum* que, distintamente, remete a grandiosidade, como a do Templo de Jerusalém. Termo bem distante da sua origem modesta agropastoril. (iii) Ou ainda, o termo *profeta*, de origem *gr.*, aparece no texto mais antigo, o *heb.* como נְבִיא, segundo Ex 7,1; 2Rs 19,2; Jr 50,1, significando “anunciador, porta-voz, o que traz uma mensagem”; na *LXX* em *gr.* foi traduzido como προφήτης, do πρό+φημί, exprimindo a ideia de “intérprete dos deuses, o que explica ou manifesta oráculos, anuncia ou prediz desígnios divinos”; e a mesma conotação *gr.* aparece na *Vulg. lat.* como *propheta*, e que nos chega nas traduções em *pt.* como supostamente alguém que prediz o futuro, advinha acontecimentos por inspiração divina e oráculos.

Na tradução lusófona aqui proposta, regatamos ao máximo possível as expressões na direção da língua defendida como original de

*AtsPe*, bem como seu recorte datal, sem passar pela roupagem das traduções, quando só estas nos restaram. E devemos, portanto estarmos atentos, a substancialidade das categorias históricas que motivaram essas fontes em seu vario espectro evolutivo, usando como fonte outros escritos e citações paralelas.

### III. Perspectivas diacrônicas: A língua grega até o helenismo – a tradutologia cristã até o advento da ‘equivalência dinâmica’

À língua grega se dará lugar de destaque em detrimento ao latim e ao copta, por ser a língua original de *AtsPe* conforme procura-se defender *infra*.

Observando o gráfico anterior, o intercruzamento destas múltiplas influências, na representação *supra*, está distinguido com a mudança de cor que resulta da superposição dos círculos. A *sintaxe* é predominantemente grega (a partir do século II, do latim), com relativa influência da parataxe semítica. O *estilo* com alguma predominância do hebraico. E o *léxico* constitui-se do vocabulário grego, mas muito reinterpretado pela perspectiva das línguas locais, dos dialetos aramaicos, das culturas persa e judaica, κτλ. Os textos cristãos, gnóstico-cristãos e judaico-cristãos situam-se no centro da hélice resultante da superposição dos três círculos<sup>453</sup>, ou em alguma das aletas (transvariações circundantes ao centro). No núcleo central da figura em forma de “hélice de barco” (de aletas laranja-roxo-verde), tem-se ilustrado a incidência simultânea do *aram.*↔*gr.*↔*heb.* Algumas vezes tais textos, poderão aparecer deslocados do centro, mas sempre dentro de alguma das superposições de dois círculos – ou verde (*aram.*↔*gr.*, podendo ter alguma influência do latim), ou laranja (*heb.*↔*aram.*) ou ainda roxo (*gr.*↔*heb.*).

A língua grega, diacronicamente, remonta à língua hipotético-dedutiva indo-europeia, com conseqüências lógicas de axiomas evidentes, mas resta indemonstrável porque não chegou até nós. Podemos facilmente relacionar suas genealogias; e.g. *tryas – tres – τρεῖς (sans.–lat.–gr.*, respectivamente). Neste diagrama, o sânscrito não é a ‘língua formadora’ do *lat.–gr.*, mas algo como sua “irmã mais velha”. É praticamente consenso entre os linguistas que tribos indo-europeias por

<sup>453</sup>

Na área mais central do esquema (triângulo e hélice, cor marrom).

volta 3000 a.C. teriam vagueado pela Ἑλλάς<sup>454</sup>. E pelas distâncias, disputas geopolíticas e dificuldades naturais de locomoção teriam surgido determinados isolamentos e, conseqüentemente, os dialetos gregos e a formação de cidades-estados. A língua grega tem por volta 1300 a.C. sua fase Linear B<sup>455</sup>, posteriormente, o período arcaico com a era dialetal. Os principais são quatro: *aeólico*<sup>456</sup>, restado na poética, *e.g.*, Σαπφώ (= Safo); *dórico*<sup>457</sup>, remanescente também pela poética, *e.g.* Πίνδαρος (= Píndaro) e Θεόκριτος (= Teócrito), seus melhores representantes; *jônico*<sup>458</sup> (representado magistralmente por Ὅμηρος (= Homero), Ἡσίοδος (= Hesíodo), Ἡρόδοτος (= Heródoto), Ἱπποκράτης (= Hipócrates) e, por fim, o *ático*<sup>459</sup>, *e.g.* de Πλάτων (= Platão), Ξενοφῶν (= Xenofonte), Αἰσχίνης (= Ésquines), Σοφοκλῆς (= Sófocles), Ἀριστοφάνης (= Aristófanes), Εὐριπίδης (= Eurípedes), Μένανδρος (= Menandro) *et alii*, que influenciado pelo jônico, é o dialeto do “século de ouro” de Atenas. O jargão *grego clássico* para ἡ Ἑλληνικὴ γλῶσσα, embora se referisse aos quatro dialetos principais, é comumente associado ao ático<sup>460</sup>, devido

---

<sup>454</sup> ‘Grécia’, foi a alcunha dada pelos romanos aos primeiros helenos. *Græci* (*old. germ. Graici*) contém sufixo latino *-icus*, e o nome Γρακοί aparecem a primeira vez em Aristóteles por empréstimo do latim; SMYTH, Hebert Weir (ed.). *A Greek Grammar*. New York / Boston: Univ. de Harvard; American Books Co., 1920, p.1.

<sup>455</sup> Período chamado de Pré-homérico (*gr. micênico, c.<sup>a.</sup> 1450*), com uma escrita primitiva, silábica, forma mais antiga forma atestada do *gr.*, composta de 89 sinais silábicos com valor fonético e acima de 100 sinais ideográficos com valor semântico (objetos, mercadorias, κτλ). Os sécs. posteriores são chamados de “idade das trevas grega” por não oferecer qualquer evidência do uso da escrita. VENTRIS, Michael; CHADWICK, John. *Documents in Mycenaean Greek*. 2<sup>nd</sup> ed. Cambridge: 1973, pp.42-8.

<sup>456</sup> Falado na Aeólia, Lebos, Thessália, Beócia (talvez, Beotínia, onde haveria muitos elementos do dialeto). O dialeto mais antigo e que mais se aproxima do grego primitivo; FREIRE, Antonio. *Gramática Grega*. São Paulo: Martins Fontes, 1997, p.247.

<sup>457</sup> Falado no Peloponeso (exceto Arcádia), no Egeu (Creta, Tera, Rodes, Cária, Sicília, Dórida), na Itália Meridional ou Grande Pérsia; FREIRE. 1997, *op.cit.*, p.248; também SMYTH. 1920, *op.cit.*, p.2.

<sup>458</sup> Falado na Jônia, na maioria das ilhas do Egeu e algumas poucas áreas da Sicília.

<sup>459</sup> Representa um estado de língua entre sécs. V-IV a.C. Predominou na formação do κοινή helenístico.

<sup>460</sup> *cf* MEILLET, Antonie. *Aperçu d'une histoire de la langue grecque*. Paris: Klincksieck, 1965, p.119. Também ALEXANDRE Jr. 2003, *op.cit.*, p.24.



à grande quantidade de trabalhos literários provindos deste. O ático sempre foi considerado como referência de refinamento, precisão e beleza, e o século V a.C. muito produtivo na literatura, filosofia e artes, constituindo uma fase da língua.

O grego κοινή em uso no NT e apócrifos, incluso *AtsPe*, inaugura um período de língua que se estende de 330 a.C. a 330 d.C.<sup>461</sup>. No período helenístico, assim chamado, ocorre à fusão dialetal e propagação da língua e cultura pelo mundo conquistado por Alexandre, o Grande. Logo em seguida, c.<sup>a</sup> 270 a.C. é feita a tradução heb.↔gr. do AT: a *Tradução dos Setenta – Septuaginta (LXX)*. A idade de ouro do ático morreu juntamente com Aristóteles em 322 a.C. Os dialetos se unificaram nos campos de batalhas, numa espécie de Babel ao contrário e tornou-se língua franca no Império. Para estudos lexicais, semânticos, pragmáticos, κτλ., com o fim tradutório de *AtsPe*, em língua grega κοινή, o estado de língua do período helenístico, será o nosso alvo.

Mas, na Palestina resistiu um ambiente especial, como já mencionamos quando discorremos sobre aramaico. Alguns no passado, fervorosos defensores do grego costumavam ignorar quase completamente o aramaico. Mas especialistas, como Meier, Crossan, Kaestli *et alii* hoje não creem assim, principalmente porque Jesus permanece ainda invisível à arqueologia<sup>462</sup> e o mais importante grupo judaico para o cristianismo – os essênios, sequer há qualquer menção destes nos Evangelhos. É possível que a forte ênfase no grego se deva: (i) à composição bem mais tardia dos Evangelhos (ao contrário do que teriam sido as perspectivas anteriores); (ii) a Paulo (um helenista) como personagem e escritor central do NT; (iii) a completa aniquilação dos essênios por Nero. Tudo o que sabemos é que as tradições judaico-palestinas são muito fortes e que a importância de povos locais (*e.g.*, essênios), da língua local e da tradição milenar cultivada com rigor pelas gerações, permanece um forte elemento para leitura, compreensão e tradução dos escritos cristãos do século I-II.

---

<sup>461</sup> ALEXANDRE Jr. 2003, *op.cit.*, p.23.

<sup>462</sup> Teria vivido entre os párias da sociedade local, talvez mais na Galileia seguindo a tradição sinótica; ao contrário do *Ev. de João* que apresenta um Cristo em Jerusalém (mais cosmopolita). Teria falado mais aramaico que possivelmente grego. Alguns que acreditam que nem teria falado grego nem saberia ler segundo recentes pesquisas sobre o ‘Jesus Histórico’, cf CROSSAN. 1994, *op.cit.*; também MEIER, John Paul. *Um Judeu Marginal: repensando o Jesus Histórico*. vol.2. liv.1. Rio de Janeiro: Imago, 1996; *et alii*.

No cômputo mais geral, nosso desígnio será alcançar elementos das três línguas-fonte mescladas no ambiente dos cristianismos primeiros – *gr.* ↔ *aram.* ↔ *heb.* que formam a língua original de *AtsPe*, conforme defenderemos *infra*; ou seja, o centro da “hélice” e “triângulo”, segundo diagrama proposto *supra*. O *lat.* protocolar do império há de ter seu lugar, particularmente, no relato de martírio; também como língua-alvo da tradução latina de *AV* e dos dois *frgg.* latinos menores (II e III) de *AtsPe*. O *cop.* saídico será compreendido como língua-alvo de *AtsPe* – parte I, e sempre à luz da língua grega.

Portanto, propõe-se, a este ponto, ter em vista uma perspectiva diacrônica do tema para uma ajustada abrangência e compreensão do uso histórico de princípios tradutórios e teorias eleitas para documentos sacros do cristianismo. Seria de grande riqueza observar tradutores literários em trabalhos seculares: *e.g.* Livius Andronicus, que traduziu a Odisseia para o *lat.* em 240 a.C. Também Quintus Ennius, Quintus Nævius Cordus Sutorius Macro, e especialmente, Gaius Valerius Catullus e Marcus Tullius Cicero, tradutores do *gr.* → *lat.* Também פילון האלכסנדרוני (= *heb.* Pilon ha’Alexandroni) *et alii*. Mas elegemos prontamente a busca da concepção dos procedimentos que abrangem a tradução de *AtsPe*, por isso priorizaremos comentar tradutores e teóricos que tenham esta relação. É bem verdade que, desde o tempo que os teólogos acolhem artificialmente, como da fundação da comunidade cristã – o Pentecostes<sup>463</sup>, as missivas evangelicais tem sido apregoados aos falantes de múltiplas línguas e dialetos de “todas as nações que estão debaixo do céu”<sup>464</sup>.

Não poucas décadas após, os λόγοι (= discursos) de Jesus, originalmente verbalizados em *aram.* (mais provável, *cf* tentamos demonstrar *supra*), ou ainda, talvez, em *gr.* (parcialmente), tinham sido traduzidos completamente para o *gr.* – língua franca do Mediterrâneo, e publicados em versões *proto* de registro doméstico, valendo-se majoritariamente a *LXX* para léxico e citações. Os cristãos não foram os primeiros a traduzir. Traduções *heb.* → *aram.* e *heb.* → *gr.* são bem anteriores, conforme enunciado acima. Mas foi na era cristã, e desde o seu início, que o princípio foi confessadamente assumido que as Escrituras Sagradas – mesmo as palavras verbalizadas por Jesus e por Deus – poderiam e deveriam ter traduções vernaculares<sup>465</sup>. A esperança cristã inicial era de uma sociedade aperfeiçoada, organizada em “uma

---

<sup>463</sup> At 2,5ss.

<sup>464</sup> *id. ibid.* Também Mc 13,10; Lc 24,47.

<sup>465</sup> Mt 28,19ss.

grande multidão, a qual ninguém podia contar, de todas as nações, e tribos, e povos, e línguas (...)”<sup>466</sup>.

A intensa atividade de intérpretes e de tradução prontamente foi vista na direção de tornar esta aspiração uma realidade. Logo, no século II, os diversos escritos e documentos cristãos, estavam sendo francamente traduzidos para outras línguas importantes da época *lat.-syr.-cop.* Desde então, a tradução vernacular tem sido alvo de um comprometimento ininterrupto da comunidade cristã. Se assim não fora, os *frgg.* I, II e II em *cop.-lat.* do *AtsPe*, também a larga porção latina do *AV* (parte IV) restariam perdidos para sempre.

Estatisticamente, em *stricto sensu* na tradução bíblica vernacular, a Idade Média apresentou um ritmo modesto (35 para *c.<sup>a</sup>* 1500 idiomas). Pré-e-pós Reforma, desencadeou-se uma onda de novos trabalhos. No século XIX evoluiu-se para 68 línguas e, no século XX, para 522. Em dados de 2012, há 3293 idiomas (dos *c.<sup>a</sup>* 6800 existentes) com traduções (518 línguas têm traduções integrais, 1275 do NT, 1500 dialetos com largas porções) *cf* UBS, NOSS e SBB.<sup>467</sup> Contudo, o Ethnologue<sup>468</sup> noticia que ainda permanecem bem mais de 2000 línguas sem nenhuma tradução. Do Summer Institute of Linguistics<sup>469</sup> sabemos da cogente demanda em *c.<sup>a</sup>* de 3500 línguas (209 milhões de falantes) e outros 1500 dialetos (130 milhões de pessoas).

O cristianismo nunca sopesou como suficiente traduzir tão somente para a elite acadêmica de uma nação. No século II, *e.g.*, indivíduos com educação formal no Egito teriam entendido escritos em original *gr.* κοινή helenística. No entanto, no afã de comunicar-se com pessoas comuns, os textos foram traduzidos para os vários dialetos de sua

---

<sup>466</sup> Ap 7,9ss.

<sup>467</sup> UNITED BIBLE SOCIETIES. 2002a, 2002b, 2002c; também NOSS, Philip A. *UBS Translation Program in 2000: Revisiting the UBS Translation Program: From 'the unfinished task' to 'the cutting edge of the Kingdom of God'*. 2001, (on-line). < <http://www.biblesociety.org/transrep2000.htm>. >, acessado em 21/10/2011; também SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL; ainda WYCLIFFE BIBLE TRANSLATORS. *The worldwide status of Bible translation (2012)* (on-line). Orlando, 2012; *et alii*.

<sup>468</sup> GRIMES, Barbara F. (ed.). *Ethnologue: Languages of the World*. 12<sup>th</sup> ed. Dallas: SIL, 2000. (on-line). < <http://www.ethnologue.com/web.asp> >, acessado em 30.12.2013. Relaciona 6912 idiomas vivos catalogados em 2005.

<sup>469</sup> Também conhecido como SIL International. Cálculos noticiados em jul-2001 – *in*: LEWIS, *op.cit.*, (on-line). *uide* Wycliffe Bible Translators, *op.cit.*, 2012. (on-line).

língua local – copta. Estas traduções tiveram que adaptar<sup>470</sup> o alfabeto *cop.* sahidico, anteriormente pouco usual, a fim de utilizá-lo. E a igreja copta ainda subsiste. O *Ato de Pedro* (parte I do *AtsPe*), não fora a tradução *cop.*, teria se perdido para sempre. Da mesma forma, agências<sup>471</sup> antes de traduzir, muitas vezes, ainda hoje, têm que desenvolver abecedários para línguas minoritárias não escritas, cuja mensagem jamais poderia alcançar os muitos grupos que não se instruíram na língua nacional ou não receberam instrução formal nela.

Mesmo no início da era cristã, intuiu-se que a “boa tradução bíblica” não precisava ser necessariamente literal. Hieronymus, o tradutor da versão latina definitiva – a *Vulgata editio, versio et lectio*, desbravadora de um caminho equânime entre literalismo *versus* livre-arbítrio desmesurado, nota que “o sentido deve ter prioridade sobre a forma”<sup>472</sup>. No Renascimento, Martin Luther baliza seus desígnios práticos:

Como expressar a Palavra de Deus, tal qual codificada na Bíblia, na língua do povo comum que não tem acesso a leitura do grego, latim e hebraico, (...) [isto] significa traduzir “livremente” (...). Nada obstante, quando “verdades” teológicas essenciais estivessem envolvidas, Lutero sacrificaria este princípio de inteligibilidade para retroceder, por razões doutrinárias, a tradução para palavra-a-palavra.<sup>473</sup>

---

<sup>470</sup> *uide* nt.(s) do aparato crítico da Parte I da tradução de *AtsPe* – o *Ato de Pedro*, e o grande número de transliterações e dependência do *gr.* presentes no *cop.*

<sup>471</sup> A exemplo da MBS, SIL International, UBS, Wycliffe Bible Translators, SBB *et alii*.

<sup>472</sup> NIDA, Eugene Albert. *Bible translation*. – in: Mona Baker (ed.); Kirsten Malmkjær (assist. ed.). *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*. London: Routledge, 1998, p.23. Ainda *uide* PAPA BENTO XVI citando HIERONYMUS. *Epistula*. LVII, 5 – *Para Pammachius sobre o melhor método de traduzir*. (on-line). 395, § 5. Também *uide* também ROBINSON, Douglas. *Free translation*. – in: Mona Baker (ed.) *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*. London: Routledge, 1998<sup>A</sup>, pp.88-9; *uide* também *id.* *Literal translation*. – in: Mona Baker (ed.) *Routledge Encyclopedia...* London: Routledge, 1998<sup>B</sup>, pp.125-7.

<sup>473</sup> KITTEL, Harald; POLTERMANN, Andreas. *German tradition*. – in: Mona Baker (ed.) *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*. London:

As grandes traduções da época pré-e-pós Reforma: *Editio Regia*, versões *Valdenses*, dos irmãos *Boa Ventura* e *Abraão Elzevir*, *Statenvertaling*, *King James Version*, *Versão Autorizada*, κτλ, usaram um enfoque análogo. Mas, as igrejas ocidentais tornaram-se, gradativamente, absorvidas com as tênues distinções dogmáticas, e a sua vez dependentes e determinadas pela tradução literal. E a tradução bíblica, onde foi feita, passou a ser subjugada pelo literalismo ou “correspondência formal”.

Em meados século XX, a tradição de Hieronymus de tradução *ad sensu* foi redescoberta, ganha força, é expandida<sup>474</sup> e surgem trabalhos pioneiros. Na década de 60, Nida<sup>475</sup> e Taber<sup>476</sup> lançam as bases teóricas de um novo conceito de traduzir – “equivalência dinâmica”, com pronta aquiescência da comunidade de tradutores: Beekman e Callow<sup>477</sup>, Larson<sup>478</sup>, Barnwell<sup>479</sup> e Jan de Waard<sup>480</sup>, devido as similitudes teóricas.

Este adstrito itinerário teórico, aqui alvitrado, ambiciona ao fim esquematizar um arcabouço teórico que sustente a tradução de *AtsPe*, um escrito que circulou na Antiguidade com suas pretensões canônicas e que, por estas mesmas razões, nos remete a este percurso. Assim sendo, é

---

Routledge, 1998, p. 421; também NIDA, Eugene Albert. *Toward a science of translating: with special reference to principles and procedures involved in Bible translating*. Leiden: E. J. Brill, 1964, p.14-5; ainda *uide* LUTHER, Martin. *Ein sendbrief vom dolmetschen*. 1530 (on-line) < <http://www.german.sbc.edu/sendbrief.html> >, acessado em 15/04/2012.

<sup>474</sup> Uma tradução pioneira, neste sentido foi o NT de J. B. Phillips, em 1959. Seguido pela *Versão Inglesa* de hoje, chamando-se: NT de *Boa Nova*, em 1966, escrito para o homem moderno. E em 1976, a ed. completa da Bíblia, ambos publicados pela American Bible Society. Há outros exemplares.

<sup>475</sup> NIDA, 1964, *op.cit.*

<sup>476</sup> NIDA, Eugene Albert; TABER, Charles R. *The theory and practice of translation*. Leiden: Brill, 1982.

<sup>477</sup> BEEKMAN, John; CALLOW, John. *Translating the Word of God*. Grand Rapids: Zondervan, 1974.

<sup>478</sup> LARSON, Mildred L. *Meaning-based Translation*. Lanham: University Press of America, 1984.

<sup>479</sup> BARNWELL, Katharine. *Bible Translation: An Introductory Course in Translation Principles*. Dallas: SIL, 1975/1986. *id.* *Teachers Manual to Accompany Bible Translation: An Introductory Course in Translation Principles*. Dallas: SIL, 1987.

<sup>480</sup> WAARD, Jan de; NIDA, Eugene Albert. *From One Language to Another: Functional Equivalence in Bible Translating*. Nashville: Thomas Nelson, 1986.

inevitável que não se perpassasse pelos estudos de Nida, apesar da ciência ampla acerca dos constrangimentos existentes entre este e os Estudos da Tradução, mais notadamente aqui no Brasil. É, ao mesmo tempo, um esforço de modulação desta questão e sua retenção como porta de acesso teórica, plataforma sobre a qual se lança os subsídios teóricos de Gutt e os advindos da Teoria da Pragmática (abordados *infra*), sem a qual não poderiam ser perfeitamente alcançados. Portanto, quando Nida e Taber cunharam o termo “the closest natural equivalent” (= *equivalente natural mais próximo*)<sup>481</sup> para definir a tradução da mensagem em uma língua-fonte, primeiramente pelo sentido, depois pelo estilo. Desta forma, a “melhor” tradução não seria um equivalente direto, mas aspectos culturais deveriam ser sopesados. Assim, uma expressão como δαιμονιακός (= possesso, endemoniado), no domínio do texto bíblico, poderia ser *enfermo mental* a se supor uma interpretação cultural que tome a sério a cosmovisão vigente nos tempos bíblicos.

A “equivalência dinâmica ganhou o seu dia (...)”<sup>482</sup> notabilizou Donald Carson em 1985. Era cedo para comemorar. Alguns tradutores, notadamente em ambientes religiosos mais reacionários ultraconservadores, mantiveram intensa oposição a esta abordagem inovadora. Os próprios, Nida e Waard, se dão conta disso, e a fim de impedir mal-entendidos, mais tarde, certos de que seria melhor a mudança terminológica, substituem *equivalência dinâmica* pela terminologia “equivalência funcional”. Confessadamente, porém, disseram que: “a substituição de *equivalência funcional* não teve a intuito de insinuar nada de essencialmente diverso da *equivalência dinâmica* (na proposição original).”<sup>483</sup> A mesma abordagem geral também é conhecida como “tradução idiomática” ou tradução baseada no sentido<sup>484</sup>.

Apesar de crescentes críticas desde os anos 90, este pressuposto tradutório persiste como embasamento para a maior parte dos trabalhos recentes, de maneira especial em línguas menos conhecidas (e.g.

---

<sup>481</sup> NIDA; TABER. 1982, *op.cit.*, p.12.

<sup>482</sup> CARSON, Donald Arthur. *The limits of dynamic equivalence in Bible translation*. – in: *Notes on Translation* 121. Dallas: 1985, pp.1-15, (especialmente a p.1).

<sup>483</sup> (ênfase do autor). WAARD; NIDA. 1986, *op.cit.*, pp.7;36.

<sup>484</sup> BEEKMAN; CALLOW. *op.cit.*, p.20, nt.3; também cf LARSON. *op.cit.*, p.15-8.

indígenas, tribais africanas, minorias do leste asiático, κτλ)<sup>485</sup>. O alicerce de *equivalência dinâmica* reside na convicção de que uma tradução deve ser comunicativa<sup>486</sup>. Nida e Taber principiam a discussão pela premissa de que “o que tem que se determinar é a resposta do receptor à mensagem traduzida (...) exatidão deve ser determinada pelo grau em que, o leitor comum para o qual se destina a tradução, provavelmente compreendê-la-á corretamente”<sup>487</sup>. Os autógrafos (e seus autores) ambicionavam comunicar certa mensagem para suas audiências. Posto que se pretenda uma tradução, segundo este *approach*, então significa comunicar a “mesma mensagem” para um público-alvo contemporâneo, em um idioma-receptor e num contexto cultural distinto.

A “comunicação da mensagem” detém a anteposição sobre a similaridade formal da tradução com o texto-fonte. Considerações de natureza estilística não são ignoradas, mas são secundárias. Barnwell aludiu em seu curso introdutório utilizado na tradução de escritos advindos do ambiente do ambiente subapostólico, que o “método de equivalência dinâmica” pode ser vislumbrado sob os três “(...) qualidades essenciais: precisão, clareza e naturalidade.”<sup>488</sup>, que de acordo com este, uma boa tradução ainda deve ser:

- (i) Precisa<sup>489</sup>: o tradutor deve ecoar o significado expresso na mensagem original, exatamente quanto possível para língua em que ele está traduzindo.
- (ii) Transparente<sup>490</sup>: a tradução deve ser clara e compreensível. O tradutor tem como objetivo

---

<sup>485</sup> POMPA, Cristina. *Religião como Tradução: missionários, Tupi e Tapuia no Brasil colonial*. Tese de doutoramento. Bauru; São Paulo: EDUSC-ANPOCS, 2002, pp.35ss.

<sup>486</sup> O termo aqui será empregado na perspectiva ‘social’, ou seja, “*comunicação social*”, cf art. MASON. *op.cit.* – in: *Routledge Encyclopedia*. Mona Baker (ed.). 2001, pp.30-1. *vide* também nt.18 *supra*.

<sup>487</sup> NIDA; TABER. 1982, *op.cit.*, p.1.

<sup>488</sup> BARNWELL. 1987, *op.cit.*, pp.40-1.

<sup>489</sup> O termo “precisão” (orig. “*accurate*”) não se dá por uma definição em termos das atuais características formais dos Estudos da Tradução. Sugere apenas algo tão preciso como a re-expressão do sentido, que não pode ser dissociada da “clareza”.

<sup>490</sup> Também este termo (orig. “*clear*”) é usado aqui não no sentido técnico dos critérios de *fidelidade* e *transparência* tal qual temos na atualidade nos

comunicar a mensagem de uma forma que as pessoas possam facilmente compreender.

(iii) Natural: uma tradução não deve soar “estranha”. Ela não deve soar como uma tradução de todo, mas como alguém que fala de forma natural, todos os dias.<sup>491</sup>

Trabalhos mais atuais<sup>492</sup> propõem uma quarta qualidade essencial – a “percepção da autenticidade” ou a aceitabilidade ao público-alvo. A qualidade de (iii) “naturalidade” tem sido, talvez, a mais controversa das três. Mas esta é de basilar importância ao desenvolvimento teórico da equivalência dinâmica, como destacam Nida e Taber: “tradução consiste em reportar na língua-receptora o equivalente natural mais próximo da mensagem no idioma original, primeiro em termos de significado e, em segundo lugar, em termos de estilo.”<sup>493</sup> No entanto, a naturalidade tem seus abordes fixados pela necessidade de precisão, o que *e.g.*, exclui acomodação histórica. E assim temos que:

A melhor tradução não soa como uma tradução. Muito naturalmente, não pode e não deve fazer o som da Bíblia como se tivesse acontecido numa cidade próxima há dez anos, o que para o contexto histórico das Escrituras é importante (...) Em outras palavras, uma boa tradução da Bíblia não deve ser uma “tradução cultural”. Pelo contrário, é uma “tradução linguística”. No entanto, isso não significa que ela deve exibir em suas formas gramaticais e estilísticas qualquer traço de constrangimento ou estranheza.<sup>494</sup>

Então avaliar a questão *supra*, o público-alvo espera que uma tradução claramente compreendida. Porém, Barnwell quando menciona

---

Estudos da Tradução, mas apenas como “nítido” ou “claro” de forma mais genérica.

<sup>491</sup> BARNWELL. 1987, *op.cit.*, p.41.

<sup>492</sup> *cf* ANDERSEN, T. David. *Perceived authenticity: The fourth criterion of good translation. Notes on Translation* 12 (3). Dallas: SIL, 1998, pp.1-13.; também *cf* LARSEN, Iver A. *The fourth criterion of a Good Translation. – in: Notes on Translation* 15 (1). Dallas: SIL, 2001, pp.40-53.

<sup>493</sup> NIDA; TABER. 1982, *op.cit.*, p.12.

<sup>494</sup> *id. op.cit.*, pp.12-3.



suas três qualidades essenciais a uma tradução, tem em mente grupos minoritários com pouca ou nenhuma educação formal, e espera que “estejamos traduzindo não somente para o douto, mas também para as (pessoas) comuns, gente menos instruída (...) não só para os cristãos (...) para todos os tipos de pessoas na comunidade”<sup>495</sup>. Mas ainda, segundo ela, mesmo para as poucas pessoas bem-educadas, a estrangeirização de um texto, se isto se abrolha em uma tradução, não será apreciada, mas recebida como confusa e obscura.

É reconhecido que, em línguas com uma longa tradição literária e um contíguo de leitores educados, há um lugar para traduções de *correspondência formal* lado-a-lado com as de *equivalência dinâmica*. Nida admite que: “todas essas variedades de tradução e adaptações”, incluindo a tradução literal que “têm certa legitimidade para públicos específicos e circunstâncias especiais”<sup>496</sup>. Porém, tais traduções de *correspondência formal* que já existem, carecem de revisão. Entretanto, provavelmente, não há línguas produtivas na atualidade, em que cada falante tenha o nível de ensino necessário para poder ler uma tradução de *correspondência formal* com total compreensão. Assim, pode considerar-se, há sempre a necessidade de traduções de *equivalência dinâmica*, que serão, pelo menos, um pouco melhor compreendidas, embora não comuniquem a integralidade da mensagem para todos os leitores.

Outra razão pela qual o público contemporâneo e tradutores, especialmente de línguas menos conhecidas, não esperarem versões cristãs que soem estranho, envolve o legado do colonialismo. Esforços missionários do século XIX, e mais recentes, têm sido em geral e, justamente criticados por suas estreitas ligações com o expansionismo colonialista ocidental, que busca impor formas culturais e religiosas muito mais do que apresentar a mensagem central cristã.

Houve, no entanto, algumas exceções significativas ainda no século XIX: Taylor, tradutor cristão e missionário, vestia-se como chinês e deixou os escritórios missionários de Xangai para embrenhar-se o interior da China<sup>497</sup>. Desde última metade de década, o colonialismo tem se apresentado como um mote relevante. Missionários cristãos têm buscado, com sucesso variável, dissociar-se dos superados métodos catequizadores paternalistas e, procurado tornar-se visível a si próprios,

---

<sup>495</sup> BARNWELL. 1987, *op.cit.*, p.43.

<sup>496</sup> WAARD; NIDA. 1986, *op.cit.*, p.42.

<sup>497</sup> Segundo art. de STEER, Roger. *Pushing Inward. –in: Christian History*, vol.XV, nt. 4. 52<sup>a</sup>. ed. Downers Grove: Fall, 1996, pp.10-5. Também (*on-line*).

como à serviço dos povos indígenas. Há um esforço em apresentar a missiva original e traduzi-la dentro das expectativas culturais dos povos, o quanto possível. Muitas vezes, embora nem sempre, esta abordagem de domesticação tem boa recepção nas povoações indígenas<sup>498</sup>. Gutt (conforme veremos *infra*) traz à baila que, ao avesso dos exemplares citados<sup>499</sup>, temos circunstâncias de alguma comunidade já usando uma tradução *correspondência formal*, em um idioma nacional, e esperam uma nova tradução na sua língua materna (minoritária) venha igualar-se. Estes indivíduos bilíngues raramente são típicos de sua comunidade. No entanto, como os povos indígenas não podem geralmente distinguir adequadamente a “estranheza” do antigo Oriente Próximo daquela da Europa moderna e ou do leste asiático, eles ficam propensos a associar uma tradução de *estrangeirização* (demonstrado *infra*) com o colonialismo, e rejeitá-la.

A *equivalência dinâmica* sempre teve seus críticos<sup>500</sup>, a maioria vozes provenientes de ambientes conservadores. Também traduções específicas têm sido criticadas com inventários de supostos erros exegéticos e teológicos. Talvez, a “falha” real encontrada seja, que a tradução é diferente daquela tradicionalmente aceita (*e.g.* para o *pt.* teríamos as eds. *Revista e Corrigida*, da SBB; a *Corrigida Fiel* da SBT, a *Ave Maria*, κτλ). Note-se que até a minoria bem-educada, no Ocidente, tem-se confrontado com desafio de interpretação textual das traduções literais, em particular, as de linguagem em desuso. Nada obstante, críticos teológicos como John Piper, Augustus Nicodemus, tradutores da Wycliffe, Confederação dos Bispos Católicos dos USA *et alii* têm, cautelosamente, acolhido os princípios gerais da equivalência dinâmica de Nida, enquanto, por outro lado, advertem contra descomedimentos que alguns já têm proposto ou praticado<sup>501</sup>. Na atualidade coexistem traduções bíblicas e apócrifas com: predominância do uso da equivalência formal; outras com uso moderado de equivalência dinâmica; outras com uso

---

<sup>498</sup> cf POMPA. 2002, *op.cit.*, particularmente os caps. 1,3,4 e 5.

<sup>499</sup> GUTT, Ernest-August. *Translation and Relevance: Cognition and Context*. 2<sup>a</sup> ed. Manchester: St Jerome, 2000<sup>A</sup>, pp.182-4; 193-4.

<sup>500</sup> *vide* FITTON, Paul. *Reasons why evangelicals should not use the New International Version of the Bible*. 1998. (*on-line*), < <http://www.ianpaisley.org/article/asp?ArtKey=niv> >, acessado em 20/06/2012; também MARLOWE, Christopher. *Against the theory of dynamic equivalence*. 2004. (*on-line*). < <http://www.bible-researcher.com/dynamic-equivalence.html> >. Acessado em 28.06.2012.

<sup>501</sup> CARSON. 1985, *op.cit.*, pp.1-15.

extensivo de equivalência dinâmica ou parafraseadas ou ambos; e ainda algumas com uso extensivo de paráfrase.

#### IV. Intercorrências de método: O ‘movimento hermenêutico’ e a alteridade – ‘estrangeirização’ *versus* ‘etnocentrismo’

Mesmo os enunciados mais literais e exatos portam uma extensão hermenêutica, o que remete à ideia da compreensão como ativamente interpretativa. Exige deciframento. O *método interpretativo* advém dos românticos alemães. George Steiner, mais tarde, cunha a sinonímia *movimento hermenêutico* para titular seu capítulo 5 de *After Babel*.<sup>502</sup> E assim define-a:

A generosidade radical do tradutor (“Aceito antecipadamente que deve haver algo lá”) e sua confiança no “outro” (na *alteridade* ainda não experimentada e não mapeada do enunciado) concentram, num grau filosoficamente dramático, a propensão humana para ver o mundo como simbólico, como constituído de relações nas quais “isto” pode significar “aquilo” e, na verdade, deve ser capaz de fazê-lo se é para haver significados e estruturas.<sup>503</sup>

Um projeto tradutório, na atualidade, de textos canônicos ou apócrifos deve propor-se a levar consigo, como pontos inafiançáveis, métodos precisos de análise, tradução e interpretação. Nos séculos antecedentes, tal rigor não parecia necessário, enquanto estes escritos tendiam a dar sustento dogmático aos diversos grupos religiosos cristãos, judaico-cristãos, κτλ. Um exemplar clássico deste uso é a salvaguarda da candidez doutrinária da Igreja Católica medieval, que balizava aos devotos uma apropriação interpretativa “correta” da *corpora* cristã. Nesta regra, somente sacerdotes exegetas e hermeneutas bíblicos poderiam aplicar-se aos afazeres da tradução documental religiosa. Nenhum

---

<sup>502</sup> ROBINSON, Douglas. *Hermeneutic motion*. – in: Mona Baker (ed). *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*. London & New York: Routledge, 2001, p.97.

<sup>503</sup> STEINER. 2005, *op.cit.*, pp.317-8.

espanto, quando os que conspiravam por reformar a Igreja tenham-se utilizado tão precisamente da “arma da tradução”, desagregando valor ao magistério e a *regula fidei*. A gravidade deste feito resultou na coerção desapiedada de traduções e tradutores “não autorizados”<sup>504</sup>. Porém, a partir do Renascimento, e da conseqüente Reforma Protestante e, mais tarde do próprio Iluminismo suscitaram-se importantes mudanças sociais e de expansão do método científico<sup>505</sup>, resultando cada vez mais num texto sagrado liberto das justaposições e estreita vizinhança com as categorias dogmático-doutriniais e eclesiológicas.

Note-se, preliminarmente, do ponto de vista do *status* teológico dos textos, que há religiões em que: (i) há lugar exclusivamente para um só idioma sacro (e.g. islamismo); (ii) tem-se uma língua principal sagrada, mas servem-se acessoriamente de traduções com variados graus de inspiração (e.g. judaísmo); (iii) suas escrituras sagradas originais podem ser válidas e substitutivamente traduzidas em língua diversa (e.g. cristianismo, budismo). A dificuldade da lida com tais textos sensíveis reside no fato de que neles subjaz a manifestação divina. A antiguidade conferiu o *status quo ante* de venerabilidade. A comunidade de fé em torno destes escritos conferiu o *status* mítico. O abismo linguístico de séculos entrepostos distancia o discurso antigo do contemporâneo. Delisle faz referência ao fato de que “séculos de veneração os revestiram de um rico verniz de sentido. Seu uso litúrgico encoraja a reverência e desestimula alterações.”<sup>506</sup> Ainda a tudo podemos acrescentar, textos litúrgicos, homologias, hinários, doxologias, devocionais e comentários, biografias de pessoas santas e um incontável conjunto de documentos integrantes.

---

<sup>504</sup> *vide infra* nt.665 deste, p.181, com informações detalhadas de como *imprimatur* prevalece até aos dias de hoje como censura prévia, autorização para impressão com fins de pureza doutrinal e aceitabilidade dogmática.

<sup>505</sup> O termo ‘científico’ aqui está usado na acepção mais ampla de um determinado estudo realizado sistematicamente, cujo mote é a verificação e elucidação inteligível de uma questão ou assunto. Para textos do ambiente judaico-palestinese-cristão não apenas abarca aspectos científicos naturais, sociais e psicológicos, mas dentro das humanidades alcança os estudos linguísticos, literários, historiográficos, tudo isto envolto pelo exercício filosófico que circunda métodos científicos legítimo-operantes (na maioria autônomos) e resultados, e ainda, a relação destes com outras formas de conhecimento.

<sup>506</sup> DELISLE, Jean; WOODSWORTH, Judith. *Os Tradutores na história*. São Paulo: Ática, 1998.

Bakhtin–Volochinov afirmam que “a palavra revela-se, no momento de sua expressão, como o produto da interação das forças sociais”<sup>507</sup> – naturalmente poderia acrescentar-se outras demandas e relações: culturais, míticas, religiosas, κτλ. Trata-se do fruto constitutivo dos entes operantes extralinguísticos e que, ao mesmo tempo, opera sobre e por eles. É produto do meio e atua sobre ele – a dissociação do binômio realidade-língua da percepção sócio-histórica conduz a um vácuo etéreo de coisa nenhuma. A língua não consente a averiguação livre do seu *sitz im leben*, abstraída das suas categorias de produção e reprodução. Todavia, quando distendemos as expectativas, além de agenciar os sentidos e manter a seriedade das escolhas, a tradução empenha-se por trocas interculturais, contextualização, adequação de termos e expressões à realidade do leitor da língua-de-chegada. Tal tarefa transcende a mera proficiência de língua para um conhecimento de mundo, tradição, cultura, mitos, *et alii*, na intermediação da luta entre vocábulos que carregam traços linguísticos peculiares, categorias míticas, simbolismo, tradição e valores sociais. Ou ainda, como Steiner glosa:

Traduzir palavra por palavra, buscar um “inglês grego” (expressão de Browning) é levar o processo de intermediação a um extremo de violência teórica e técnica na esperança de alcançar uma fusão (partículas colidindo e se fundindo umas com as outras ao serem lançadas para fora de suas respectivas órbitas). Os riscos formais e psicológicos são consideráveis. Trabalhando sua própria língua e a do texto-fonte, o literalista se expõe à vertigem. Ele pode, na assustadora imagem de Benjamin, encontrar a língua tão desarticulada de suas juntas e tão renegada que seus portões acabarão por se fechar violentamente atrás de si, prendendo-o num completo estranhamento ou silêncio.<sup>508</sup>

Na investigação do mote primevo, faz-se cogente reportar-se historicamente a 24 de junho de 1813 quando pressuposições teóricas, do

---

<sup>507</sup> BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch; VOLOCHINOV, Valentin Nikolaevič. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2006, p.66.

<sup>508</sup> STEINER. 2005, *op.cit.*, p.336.

mesmo modo, insurgem da fundante reflexão de Schleiermacher<sup>509</sup> no seu discurso crítico-legítimo daquele dia. Na Real Academia de Ciências, em Berlim, era sobrepujada a dicotomia simplista advinda da Antiguidade sobre o que é a tradução. Sua fala *Über die verschiedenen Methoden des Übersetzen*<sup>510</sup>, extrato de seus estudos hermenêuticos, caracteriza *dolmetschen* (= interpretação) distinguindo de *übersetzung* (= tradução) – esta uma concretização artístico-criadora do gênio humano, muito aquém de ser uma atividade meramente automatizada ou simples exercício da técnica prática. *Übersetzung* é arte, opera no domínio do elevado, ao avesso de *dolmetschen*, que labora na esfera do trivial, e.g. o uso

<sup>509</sup> (Breslau, 21/11/1768 – †Berlim, 12/02/1834). Friedrich Daniel Ernst Schleiermacher, alemão, teólogo e clérigo protestante a partir de 1796. Fortemente influenciado pelas ideias de Karl Wilhelm Friedrich Schlegel (1772-1829); conviveram na mesma casa por algum tempo e há publicações conjuntas na revista *Athenaeum*, ocasião que também divulgou os *Reden über die Religion* (= Discursos sobre a Religião), *Die Monologen* (= Os Monólogos) et alii. Schleiermacher dá início a sua tradução de Platão em 1805, na atualidade, reputada como a mais perfeita tradução deste clássico em alem., e em 1828 publica o derradeiro vol.XV desta coleção. Autor também de muitas obras de religião. Sofreu influência direta do também pastor Johann Gottfried von Herder (1744-1803), assistente das aulas de Kant, amigo de Haman e do jovem Goethe. Em 1804, sob forte pressão de Napoleão sobre toda a Europa, a Universidade de Halle, da qual Schleiermacher era catedrático no departamento de teologia, é forçada a fechar as portas. E em 1810, tendo reassumido funções paroquiais em Berlim, participa da concepção da Humboldt-Universität zu Berlin, da qual foi professor de teologia, decano e reitor; FOSTER, Michael. *Friedrich Daniel Ernst Schleiermacher*. –in: STANFORD ENCYCLOPEDIA OF PHILOSOPHY. 2002. (on-line) < www. http://plato.stanford.edu/ entries/schleiermacher/ >, acessado em 21/12/2012; WIKIPEDIA DIE FREIE ENZYKLOPÄDIE. *Friedrich Schleiermacher*. atualiz. 2012. (on-line) < http://de.wikipedia.org/wiki/Friedrich\_Schleiermacher >, acessado em 21/12/2012.

<sup>510</sup> SCHLEIERMACHER, Friedrich Daniel Ernst. *Über die verschiedenen Methoden des Übersetzen*. Coletânea de obras de Friedrich Schleiermacher, parte 3, *Sobre a Filosofia*. vol.II. Berlim, 1938, pp.207-45. – in: HEIDERMAN, Werner (org.). *Clássicos da Teoria da Tradução*. vol. I. *Sobre os Diferentes Métodos de Tradução*. Florianópolis: 2001, USFC; Núcleo de Tradução, p.27. Esta tradução será utilizada em todas citações ss. destes textos compreendido nas pp.26-87 *supra* mencionada. Trata-se de uma leitura de estilo exuberante e peculiar daquilo que se produzia na Alemanha romântica no espírito da época em inícios do séc. XIX, onde uma gama grande temas aparece abordada em conjunto num único debate, cujas afirmações conceptualmente distanciam-se da visão hodierna de que necessariamente só podem ser propaladas por especialistas.

convencional pragmático falado-escrito com fins de mera intermediação entre línguas como ocorre nos negócios. Ao se referir *der eigentliche Übersetzer* (= o verdadeiro tradutor), Schleiermacher, vai alçá-lo:

O intérprete exerce sua profissão no campo dos negócios; o verdadeiro tradutor, primordialmente no campo da ciência e da arte.<sup>511</sup>

Dessa forma, o tradutor de artigos de jornal e de simples relatos de viagem se associa primeiramente ao intérprete (...). Em contrapartida, quanto mais a maneira própria do autor de ver e relacionar for dominante na apresentação (...), tanto mais seu trabalho entra no âmbito mais elevado da arte, e então o tradutor também precisa trazer outras forças e habilidades ao seu trabalho e ter conhecimento do seu autor e de sua língua de modo diferente que o intérprete.<sup>512</sup>

Embora desfavoreça o intérprete em relações negociais, jurídicas, tradutores de artigos de jornal, relatos de viagem, κτλ., o que na atualidade se mostra um tanto díspar frente ao refinamento e argúcias conferidas aos negócios e a imprensa moderna, onde mostra-se insuficiente o uso da tradução meramente maquínica, Schleiermacher afirmar que:

Quanto menos elas mesmas [as traduções] puderem ser consideradas especiais sob uma generalidade bem conhecida, tanto mais conhecimentos científicos e cuidado a redação exige, e tanto mais conhecimentos científicos do assunto e da língua o tradutor precisará para o seu trabalho.<sup>513</sup>

Dessa mesma forma, também raramente pode haver uma dúvida que não possa ser solucionada sobre quais expressões de uma língua correspondem às de outra. Por isso, a transposição nesse campo é um processo quase só mecânico, que com um parco conhecimento de ambas as línguas

---

<sup>511</sup> SCHLEIERMACHER. – in: HEIDERMANN. 2001, *op.cit.*, p.29.

<sup>512</sup> *id. op.cit.*, p.31.

<sup>513</sup> *id. ibid.*

cada um pode realizar, e se nela for evitado o erro evidente, há pouca diferença entre o melhor e o pior.<sup>514</sup>

E, portanto, defende que em escritos onde tradução propriamente dita se aplique, não há uma relação de equivalência entre percepções, sentimentos, acepções de leitor original e leitor da língua-receptora. O binômio homem-língua tem dupla via: (i) o pensamento do indivíduo é circunscrito pela a língua que fala; (ii) mas, nada obstante, o homem livre intervém na língua à sua própria maneira abrolhando novos arranjos que se perpetuam.

Assim sendo, este mesmo binômio, simultaneamente, assume o papel tríplice de ente criado, sujeito criador ou até de re-criador, pois Schleiermacher afirma que “às vezes, os nossos próprios discursos devem ser traduzidos depois de um certo tempo, se quisermos que continuem sendo nossos”<sup>515</sup> (destaca a dimensão temporal). A alocação, na sua acepção mais elevada e liberta, depreca sua concepção: (i) de uma forma, através do espírito da língua de cujos subsídios é composta, enquanto discurso unido e determinado por este mesmo espírito, que se alastra com vivacidade por sobre que o enuncia; (ii) a alocação demanda ser concebida pela alma daquele que realiza o ato da sua enunciação, fruto perceptível, desta maneira, tão-somente pelo seu próprio ente. Deste modo Schleiermacher lança sua proposição:

Mas, na produção literária e científica, se elas deverão se transplantadas de uma língua para outra, surgem dois aspectos através dos quais a situação é mudada completamente. (...) [falando do primeiro aspecto que é a equivalência palavra-a-palavra entre duas línguas]. E de cada tradução poder-se-ia dizer que, com exceção do efeito do tom e da entonação, através dela o leitor estrangeiro é colocado na mesma relação com o autor e sua obra que o leitor do país de origem da mesma. Porém, ocorre justo o contrário com todas as línguas que não têm um grau de parentesco próximo, que só podem ser vista como dialetos diferentes, e, quanto mais elas se distanciam na origem e no tempo, tanto mais nenhuma palavra corresponde exatamente a

---

<sup>514</sup> *id. op.cit.*, p.33.

<sup>515</sup> SCHLEIERMACHER. – *in*: HEIDERMANN. 2001, *op.cit.*, pp.27-8.



uma outra na outra língua. Nenhuma forma morfológica de uma reúne exatamente a mesma multiplicidade de relações que qualquer uma na outra. (...) É bem diferente naquele campo que pertence à arte e à ciência e em tudo onde domina mais o pensamento, que forma uma unidade com o discurso, e não o objeto, cuja palavra está ali somente como seu signo arbitrário, talvez, porém fortemente determinada como signo da palavra. Quão infinitamente difícil e complicada, pois a coisa se torna aqui! E quanto conhecimento exato e quanto domínio de ambas as línguas isso requer.<sup>516</sup>

No entanto, quando ele aborda o segundo fato que se relaciona com este imediatamente anterior, arrazoa que “cada pessoa é dominada”, *cf* Schleiermacher, “pela língua que fala, ela e todo seu pensamento são um produto dela”<sup>517</sup>, sendo impraticável raciocinar com clareza naquilo que esteja além dos encostes da língua, e que “(...) só se entende o discurso como ação do enunciador quando, ao mesmo tempo, percebe onde e de que modo a força da língua o dominou, para onde, na sua condução, os raios do pensamento se direcionam, onde e como, em suas formas, a fantasia vagueante foi preservada.”<sup>518</sup> Na sua concepção “só se entende discurso como um produto da língua e como expressão de seu espírito (...) que somente um heleno poderia pensar e falar dessa forma (em *gr.*)” e que “assim só se manifesta sua posse viva da riqueza lingüística (*sic*), só uma grande percepção de medida e de eufonia, só o seu talento para criar e pensar.”<sup>519</sup> Sua recomendação a reflexão é decisiva:

Se neste campo a compreensão na mesma língua já é difícil e implica um correto e profundo mergulho no espírito da língua e na particularidade do autor, quanto mais não será uma arte elevada, quando produções de uma língua estranha e distante estiverem em jogo! Quem, pois, sinceramente tiver se apoderado da arte de compreender através do mais zeloso empenho na língua, através do conhecimento preciso de toda a vida histórica do

---

<sup>516</sup> *id. op.cit.*, pp.33-5.

<sup>517</sup> *id. ibid.*

<sup>518</sup> SCHLEIERMACHER. – *in*: HEIDERMANN. 2001, *op.cit.*, p.37.

<sup>519</sup> *id. op.cit.*, pp.37-9.

povo e através da apresentação mais viva possível de algumas obras e seus autores, esse e, sinceramente, só esse pode desejar transmitir também a seus compatriotas e contemporâneos a igual compreensão das principais obras de arte e ciência. Mas as dúvidas têm de se multiplicar quando ele se propõe a tarefa, quando quiser determinar melhor seus fins e calcular seus meios.<sup>520</sup>

E conclui suscitando uma dúvida: deve o tradutor juntar dois entes tão afastados – “o compatriota que desconhece a língua do autor e o próprio autor para uma relação tão direta como a de um autor e seu leitor original?” Isto posto, para que “seus leitores entendam, eles precisam captar o espírito da língua própria do autor, precisam poder olhar a forma de pensar e sentir particular do autor.”<sup>521</sup>

A respeito desse ensaio, ininterruptamente dualístico, com expressões extremas, cheio de zelo absoluto do mister da tradução, períodos longos que emulam a sintaxe *gr.* μὲν ... δὲ ... (= de um lado ... por outro ...), temos a deferência de Berman<sup>522</sup>:

“(...) trata-se sem dúvida do único estudo dessa época na Alemanha que constitui uma *abordagem sistemática e metódica da tradução*.

*Metódica*, pois não se trata apenas, para Schleiermacher, de analisar, mas de deduzir, a partir de definições, os métodos possíveis de tradução.

*Sistemática*: Schleiermacher procura delimitar a extensão do ato de traduzir no campo total da compreensão, delimitação que se opera pela exclusão progressiva do que *não é* esse ato e por sua situação articulada nesse campo. Uma vez feita essa delimitação, torna-se então possível proceder a um exame (ele próprio sistemático) das traduções

---

<sup>520</sup> *id. op.cit.*, p.39.

<sup>521</sup> *id. ibid.*

<sup>522</sup> Antonine Berman (1942-†1991), francês, historiador e tradutor; segue a linha teórica de F. Schleiermacher de quem traduziu a conferência *Des différentes méthodes du traduire*. Seuil: Points, 1999 e de Walter Benjamin o artigo *La tâche du traducteur*. – in: Walter Benjamin, *Œuvres* I (1923). Gallimard: Folio Essais, 2000.

existentes e de criar uma metodologia da tradução aplicada aos diferentes gêneros em *Rede* [nt.12 Essa sistemática permanece no estado programático]. São esses os passos que seguem sua *Hermenêutica*.<sup>523</sup>

Tem-se admitido as teorias de Schleiermacher no domínio de meros reflexos de ideais socionacionalistas alemães resultante do acalorado debate em curso na cultura fragmentada e no sentimento nacional do povo teutônico daqueles tempos. Ou seja, tal como ocorrera na Reforma, no mesmo berço geográfico, as pressuposições para a transladação trans-interlingual seria uma das “armas” de uma idealização outra vez de emancipação, quebra do estigma de inferioridade junto aos franceses e independência político-cultural. Embora aceitável, o mais admissível é que consista, de fato, em um subproduto do intenso debate generalista de ideias que marcou a teoria e literatura nesta época dos expoentes românticos<sup>524</sup>. Este mote é alçado por N. Elias em *Über den Prozeß der Zivilisation*<sup>525</sup>, no momento que alude a Mauvillon, escritor francófono do século XVIII, no qual pretende apoiar seu cotejo do método etnocêntrico de traduzir *versus* os ideais franceses de costume-tradição, com método estrangeirizador *versus* os ideais de civilização germânicos: “(...) igualmente quanto quase a totalidade dos poetas admiráveis<sup>526</sup>, foram traduzidos para a maior parte dos idiomas europeus, enquanto poetas de vocês [alemães] são, no geral, eles próprios tão-somente tradutores.”<sup>527</sup> As pressuposições encetadas com Schleiermacher abalizam que a obra tradutória fecunda e intensa dos alemães não se tratava de inaptidão imaginativa e criadora de obras originais nem denotava alguma dependência cultural. Mas antes, a atividade tradutória,

---

<sup>523</sup> BERMAN, Antoine. *A prova do estrangeiro: Cultura e tradução na Alemanha romântica*. Bauru: EDUSC, 2002, p.259 (itálicos no autor).

<sup>524</sup> Para citar alguns: Johann Gottfried Herder (1744-†1803), August Wilhelm von Schlegel (1772-†1829), Friedrich Wilhelm Christian Carl Ferdinand von Humboldt (1767-†1835), Johann Wolfgang von Goethe (1749-†1832), Johann Christian Friedrich Hölderlin (1770 -†1843), Friedrich Leopold, Barão de Hardenberg, igualmente chamado de Novalis (1772-†1801), Gotthold Ephraim Lessing (1729-†1781). Há muitos outros na música, filosofia, teologia, artes plásticas, κτλ.

<sup>525</sup> = Sobre o Processo Civilizatório.

<sup>526</sup> Referindo-se a Tasso, Milton, Pope, Racine, Molière, Boileau *et alii*.

<sup>527</sup> ELIAS, Norbert. *Über den Prozeß der Zivilisation*. Frankfurt: Suhrkamp, 1976, p.12.

particularmente no domínio da “ciência e arte”, constituiria na “arma” (*cf supra*) para rematar categoricamente os resquícios deste vínculo.

De outra forma, as traduções de documentos cristãos, cujo escopo de alguns estudiosos, é frutificá-las com o fim último de serem apenas academicamente aceitáveis convivem, em tensão, com aquelas que pretendem, tão simplesmente, alcançar uma audiência comunicando uma mensagem. A questão-chave é reconhecer que diferentes públicos são os mais adequados por tipos de traduções. Uma publicação para adolescentes, *e.g.*, não será apropriada para o uso em alto grau acadêmico (e vice-versa). Infelizmente, esta demanda é muitas vezes obscurecida pelas estratégias de mercado e ações de marketing. Além disso, os estudiosos, frequentemente, julgam os métodos de tradução da Bíblia de acordo com os critérios que eles usam para a tradução literária, sem reconhecer claramente que a maioria dos leitores de escritos cristãos, não os lê como literatura, antes como escritos de autoridade religiosa e como guia de conduta para a vida.

No seu discurso *Sobre os diferentes métodos de tradução*<sup>528</sup>, Schleiermacher afirma: “(...) a meu ver só existem, apenas dois [métodos de tradução]. Ou o tradutor deixa o autor em paz, [‘tanto quanto possível’<sup>529</sup>], e leva o leitor até ele; ou ele deixa o leitor em paz, [‘tanto quanto possível’], e leva o autor até ele”. Passagem explorada pelos opositores da *equivalência dinâmica*. Todavia, Schleiermacher elege e abona sua opção:

Traduzir conforme o primeiro ponto de vista [*cf supra*] é uma questão de necessidade para um povo do qual só uma pequena parte pode adquirir um conhecimento suficiente de línguas estrangeiras, mas uma parte maior tem um sentido para apreciação de obras estrangeiras. (...) As línguas estrangeiras poderiam ser tão expandidas quanto possível e o acesso a suas obras mais nobres poderia ser livre para cada capacitado, e, mesmo assim, continuaria um empreendimento curioso, que só reuniria um número de ouvintes tanto maior e tanto mais interessados, se alguém promettesse

<sup>528</sup> SCHLEIERMACHER – in: HEIDERMAN. 2001, *op.cit.*, p.43.

<sup>529</sup> *cf* VENUTI, Lawrence. *Strategies of translation*. – in: Mona Baker (ed.); Kirsten Malmkjær (assist. ed.). *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*. London: Routledge, 1998<sup>B</sup>, p.242, que acresce as expressões intratexto, numa re-elaboração da citação clássica.

apresentar-nos uma obra de Cícero ou de Platão como se estes homens mesmo a tivessem escrito agora e diretamente em alemão. E se alguém nos conseguisse realizar isso, não somente na própria língua materna, mas ainda numa outra estrangeira, esse, evidentemente, seria para nós o maior mestre na difícil e quase impossível arte de dissolver os espíritos das línguas uns nos outros.<sup>530</sup>

Schleiermacher preferiu a primeira estratégia – a *estrangeirização* em detrimento da segunda – à domesticação. Segundo Fawcett, ele “imaginava leitores tão em sintonia com a diversidade cultural que iriam desenvolver um ouvido para traduções de diferentes idiomas.”<sup>531</sup> Mas, ao avesso desta audiência imaginária, os públicos reais para a maior parte das traduções cristãs, de maneira especial em línguas minoritárias<sup>532</sup>, a maioria não tem este coeficiente de sofisticação, e por isso são, não poucas vezes, confundidos por estrangeirismos em suas traduções. Notas explicativas marginais e de rodapé, apêndices temáticos, mapas da época, linhas do tempo, glossários, κτλ, podem ser de grande valia, em determinadas situações. Há outros casos, em que estes expedientes podem potencializar a confusão, principalmente com públicos recém-alfabetizados, geralmente adultos.

Não poucos estudiosos tem professado adotar, na atualidade, parcial ou integralmente, o legado retentivo de Schleiermacher. Dos quais, Robinson vai argumentar que:

(...) esses teóricos posteriores tipicamente dualizam a tradução e atribuem abertamente acusações morais para as duas escolhas: ou você

<sup>530</sup> SCHLEIERMACHER – in: HEIDERMANN. 2001, *op.cit.*, p.79-81.

<sup>531</sup> FAWCETT, Peter. *Ideology and translation*. – in: Mona Baker (ed.) *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*. London: Routledge, 1998, p.111.

<sup>532</sup> Terminologia proposta pela sociolinguística para englobar “toda e qualquer língua falada por uma minoria num estado nacional”, cf GUENEL, Julie; LACOCHE, Brigitte; ROCHEFEUILLE, Marine *et alii*. *Dictionnaire de Sociolinguistique*. New York; Paris: Garland; P.U.F., 1981, verbete cit. Onde, pelo ponto de vista político, três são as possibilidades: (i) língua oficial (e.g.: o gaélico irlandês, minoritário em relação ao inglês); (ii) língua usada regionalmente, onde goza de maior aceitação (e.g.: o francês de Quebec, no Canadá; o frísio da Frísia, na Holanda); (iii) língua pouco usada até mesmo na região em que é nativa (e.g.: o occitano ou provençal na Provença, França; línguas tribais africanas, línguas indígenas).

domestica o [língua-fonte] texto, covardemente o assimila (...) ou você estrangeiriza ele (...) e assim heroicamente resiste às intensas pressões produto do capitalismo.<sup>533</sup>

Sob este mesmo prisma Venuti sopesou a *equivalência dinâmica*. Identificou-a com *domesticação* que ele desvale, e por fim, rejeita-a, como delineia Wilt.<sup>534</sup> Sua abordagem dualista o impediu de apreciar como a *equivalência dinâmica* que, segundo Nida, encontra um meio-caminho válido rejeitando domesticação de “fundo cultural”, incentivando a domesticação de “estruturas linguísticas”. Refinamentos mais recentes do conceito de *equivalência dinâmica* podem dar conta de uma clarificação desta distinção. Deste modo:

(...) uma tentativa de se evitar a excessiva domesticação das Escrituras, como ocorre, por exemplo, no uso inadequado de substitutos culturais ou teológicos, e ao mesmo tempo de se manter a cautela para não em demasiado estrangeirizar o texto, de modo a afastar os leitores ou perpetuar estereótipos sobre linguagem bíblica.<sup>535</sup>

Por “excessivamente estrangeirizar o texto”, Wilt refere-se à preservação das estruturas linguísticas da língua-fonte. De outro lado, e.g., Nida e Waard explicitamente distinguem traduções com base na *equivalência funcional* (que podem ser entendida como a domesticação linguística), a partir de “reinterpretações culturais”<sup>536</sup> (que envolvem domesticação cultural)<sup>537</sup>. Beekman e Callow já haviam ponderado sobre este tipo de reinterpretação cultural, reputando-a como “imprecisa” por causa da carência de fidelidade nas referências históricas<sup>538</sup>. Hesselgrave retoma as discussões fecundas de Charles H. Kraft na abordagem do tema

<sup>533</sup> ROBINSON, Douglas. 1998<sup>B</sup>. – in: Mona Baker, *op.cit.*, p.127.

<sup>534</sup> WILT, Timothy. *Review of Lawrence Venuti's 'The Translators Invisibility: A History of Translation'*. [1995]. – in: *The Bible Translator* 49 (1). 1998, pp.149; 151-2.

<sup>535</sup> *id. ibid.*, p.152.

<sup>536</sup> WAARD; NIDA, 1986, *op.cit.*, p.41.

<sup>537</sup> JORDAN, Clarence. 1968-1973 que a utiliza em sua *Cotton Patch Version*, do NT, 4 vols. Chicago: Association Press, 1968, 1969, 1970 e 1973.

<sup>538</sup> BEEKMAN; CALLOW. 1974, *op.cit.*, p.35.

da “transculturação”, quando o distingue de tradução<sup>539</sup>. Adaptação contextual, como primeiramente descrito por Gutt, *infra*, pode ser considerada como um terceiro tipo distinto de domesticação.

## V. A Teoria da Relevância e a tradutologia de escritos apócrifos cristãos

Detalhes de reformulação teórica são sempre cogentes em qualquer ciência; tão igualmente o é, quando se aparelha a linha teórica que esteará a tradução de *AtsPe*. Com o desenvolvimento da linguística, partiu de Sperber e Wilson – *Relevance: Communication and Cognition*<sup>540</sup> – a Teoria da Relevância, oriunda da Pragmática que relaciona o encontro falante-ouvinte, em uma reelaboração da “teoria das implicaturas” de Grice<sup>541</sup>. Trata-se de outra relevante crítica à equivalência funcional (ou, na nomenclatura antiga, equivalência dinâmica)<sup>542</sup>. O arcabouço teórico trata o contexto como uma instância mental – um conjunto de informações à disposição (conscientes), e potencialmente disponíveis (das quais venha se conscientizar), a certa pessoa em cada ocorrência de comunicação. O ponto de vista mental de contexto traz mudanças relevantes ao caráter inferencial da comunicação e processos humanos usando pressupostos de Grice<sup>543</sup>. De acordo com Sperber e Wilson<sup>544</sup> a demanda do contexto é genuína e séria – o leitor ou ouvinte estabelecem uma conjectura sobre o sentido do discurso (escrito ou falado) combinando: contexto sociocultural – *sitz im leben*, significado explícito

---

<sup>539</sup> cf HESSELGRAVE, David J.; ROMMEN, Edward. *Contextualization: meanings, methods, and models*. 2ª ed. Grand Rapids: 2000, p.59.

<sup>540</sup> SPERBER, Dan; WILSON, Deirdre. *Relevance: Communication and Cognition*. 2ª ed. Oxford: Blackwell, 1995, *in to.op*.

<sup>541</sup> GRICE, Hebert Paul. *The causal theory of perception. Proceedings of the Aristotelian Society*, – *in: Supplementary 35*, Oxford: Blackwell, 1961, pp.121-52. Reimpresso partes – *in: GRICE, Hebert Paul. Studies in the Way of Words*. Cambridge: Harvard University Press, 1989, pp.224-47.

<sup>542</sup> CAMPOS, Jorge; RAUEN, Fábio José (orgs.). *Tópicos em Teoria da Relevância*. Porto Alegre: EdUPUCRS, 2008. Também *uide* texto original que foi sendo retrabalhado ao longo dos anos 1986, 1987, 1995, 1998 e 2002; SPERBER; WILSON. 1995, *op.cit*.

<sup>543</sup> GUTT. 2000<sup>A</sup>, *op.cit.*, a partir do cap. 2ss.

<sup>544</sup> SPERBER; WILSON. 1995. *ibid*.

(denotativo) e significação implícita (conotativa). Citando Sperber Rauen afirma que: “identificar o significado do falante equivale a identificar esse estado mental complexo”<sup>545</sup>, fronteira, raríssimas vezes, percebida. Poderíamos resumir: um somatório de natureza enciclopédica, que abrange diversos domínios da cognição humana, que, juntas, conformam as circunscrições socioculturais de um discurso de partida<sup>546</sup>.

Assim sendo, diversas são as implicações para tomadas de decisão na tradução, e tem sido alvo de constante estudo dentro da comunidade de tradutores de textos cristãos e apócrifos, como nos propomos com *AtsPe*<sup>547</sup>.

Cada termo, tem em si mesmo a essência de *signi-ficar* – análogo ao *signum facere* – sendo assim um movimento performativo e transformador da linguagem. Disto decorre que o *significado*, dentro do seu embasamento formal e epistemológico, se dissocia da *palavra*, amplia seu intento, que na mais perfeita das hipóteses é instável e pressupõe uma “compreensão analisável” dos processos pelos quais os *significados* se emanam de *palavras*, são a elas inerentes e inseparáveis ou ainda transcendem-nas<sup>548</sup>. A teoria da relevância revolve-se em uma questão capital: o modelo de código de comunicação subjacente ao arquétipo de ‘fonte-mensagem-receptor’ da tradução – importante na fórmula esboçada, *cf* Nida, da *equivalência funcional* (anteriormente, *dinâmica*)<sup>549</sup>, que agora resta minado seriamente. Ou, em outras palavras, Rauen sobre a teoria de Sperber, diz que:

(...) a uma pragmática cognitiva cabe analisar como os enunciados são compreendidos, isto é, observar

<sup>545</sup> *id. ibid.* Também como destaca CAMPOS; RAUEN. *op.cit.*, p.28.

<sup>546</sup> *cf* NORD, Christiane. *Text analysis in translation: theories, methodology, and didactic application of a model for translation-oriented text analysis*. Amsterdam; Atlanta: Rodopi, 1991. *id.* *Translating as a purposeful activity: functionalist approaches explained*. Manchester; Northampton: S<sup>t</sup> Jerome Publishing, 1997. Também *cf* REIß, Katharina; VERMEER, Hans. *Introducing Translation Studies: Theories and applications*. [1984, pp.112-9]. 2<sup>a</sup>. ed. Madison Ave, New York: Routledge, 2001, pp.78-85.

<sup>547</sup> ALVES, Fábio. *Tradução e conscientização: por uma abordagem psicolinguística com enfoque processual na formação de tradutores*. – in: *Intercâmbio*, seção IV. 1997. [não paginado]. (on-line). < [http://www2.lael.pucsp.br/~tony/intercambio\\_anteriores/06alves.ps.pdf](http://www2.lael.pucsp.br/~tony/intercambio_anteriores/06alves.ps.pdf) >. Acessado em 25/08/2012.

<sup>548</sup> STEINER. 2005, *op.cit.*, p.298.

<sup>549</sup> NIDA. 1964, *op.cit.*, pp.120-44.



como fatores contextuais e propriedades linguísticas (*sic*) interagem na interpretação dos enunciados. Em outros termos, como fatos sobre audiência, tempo e lugar do enunciado combinam-se com a estrutura fonológica, sintática e semântica da sentença enunciada para gerar uma interpretação particular.<sup>550</sup>

Por conseguinte, cabe a uma pragmática cognitiva, no modelo de Sperber, verificar como ocorre à compreensão dos enunciados. Também analisar quão intensamente fatores contextuais e características linguísticas interagem na hermenêutica dos discursos, nos quais a aceção manipulada pelo falante transcende o significado linguístico adjudicado à sentença pela gramática formal. Ou seja, como Steiner certifica: “todo discurso, toda interpretação do discurso, funciona no plano de palavra-a-palavra e sentença-a-sentença. Não há qualquer acesso privilegiado à totalidade subjacente.”<sup>551</sup> O significado da sentença é incompleto em si, esta ligada a estrutura linguística que o mantém constante em todos os enunciados e deve ser enriquecido pelo contexto para geração de alguma proposição – verdadeira ou falsa. Podendo, uma mesma sentença, comunicar uma mensagem com diferentes significados a falantes distintos<sup>552</sup>.

Porém, estes aprimoramentos e outras novas abordagens partindo da linguística, não ameaçaram o princípio régio de equivalência funcional, e até foi revigorado.

Na última década, Ernst-August Gutt<sup>553</sup>, ao defender o fenômeno da tradução como uma forma de *comunicação secundária*, suscitou um dos maiores debates acerca da tradução de escritos advindos do contexto multifacetário cristão-judaico, apócrifo-cristão e bíblico. Tal disputa tem sido polarizada entre adeptos de *equivalência funcional versus* defensores

---

<sup>550</sup> RAUEN. *op.cit.*, p.26 – in: CAMPOS; RAUEN (eds.). 2008.

<sup>551</sup> STEINER. 2005, *op.cit.*, p.313.

<sup>552</sup> SPERBER; WILSON. 1995. pp.70-112.

<sup>553</sup> GUTT, Ernst-August. Site oficial, SIL. (*on-line*). < [http://www.sil.org/sil/roster/gutt\\_ernst-august.htm](http://www.sil.org/sil/roster/gutt_ernst-august.htm) >, acessado em 28.08.2012. Teórico contemporâneo da tradução bíblica, ligado a Wycliffe Centre, Horsley Green. Professor honorário sênior da University College London. Ph.D em linguística, trabalha como consultor internacional das Sociedades Bíblicas para pesquisas em teoria da relevância, tradução e cognição. — Smith uso o termo “sucesso da tradução” na perspectiva comunicativa de Gutt, equivale dizer: uma tradução que é reconhecida pela sua relevância e comunicação eficaz.

de uma filiação tradutória ancorada na *teoria da relevância*. Com sua obra *Translation and Relevance: Cognition and Context*, 1991<sup>554</sup>, Gutt tornou-se um dos mais incompreendidos teóricos da tradução cristã contemporânea, devido a um excessivo debate em pontos periféricos da sua abordagem. Típico fruto daqueles que ousam a ferir a “grande sensibilidade” da tradição, por assim dizer, de escritos que já no estado latente, tão sensíveis – a história dá conta com uma longa lista de testemunhos a este respeito. Tal controvérsia centra-se em torno dos reptos que a sua tese concebe para ratificar a legitimidade da *equivalência funcional* como um método de tradução bíblica usando o arcabouço teórico provisionado pela teoria da relevância. Quanto a sua teoria, porém, há aqueles que advogam como uma contribuição significativa à prática e teoria da tradução<sup>555</sup>. O problema que Gutt tentou resolver que suscitou fúria, de acordo com Smith:

[foi] o fato de que não existe uma teoria unificada de tradução que possa fornecer uma explicação teoricamente segura e, praticamente viável, de como funciona a tradução. Um relato abrangente de tradução precisaria fornecer um quadro teórico único que pode dar conta de todos os tipos de tradução de forma unificada. Este quadro teórico unificador deveria ser capaz de explicar as condições para o sucesso da tradução [*vide nt.*] em situações diversas como, por um lado, a tradução dos textos sagrados religiosos e, por outro lado, a tradução de caixas de cereais e folhetos de viagem. Além disso, ele deve fazê-lo de uma forma que mantenha a coerência teórica interna. Em algum nível, apesar de suas muitas diversidades, a tradução deve ser compreensível como um fenômeno único que é regido pelos mesmos princípios globais, seja a tradução da Bíblia ou tradução de folheto.<sup>556</sup>

---

<sup>554</sup> Em 2000, GUTT, Ernst-August relança a 2a. ed. complementada e revisada deste livro. *Translation and Relevance: Cognition and Context*. 2ª. ed. Manchester; Northampton: S<sup>t</sup> Jerome Publishing, 2000<sup>A</sup>.

<sup>555</sup> cf SMITH. Kevin Gary. *Bible Translation and Relevance Theory: The Translation of Titus*. Tese de doutoramento (submetida à University of Stellenbosch]. Stellenbosch: 2000; também *et alii*.

<sup>556</sup> SMITH. *Bible Translation and Relevance Theory...* 2000, p.108.

Um relato unificado da tradução permaneceu indescritível, até o advento da *teoria da relevância*. Teorias de tradução anteriores, como a *equivalência funcional*, haviam falhado em duas frentes: (i) não conseguiram fornecer um relato igualmente válido dos diversos tipos de tradução; (ii) lidaram com algumas hipóteses equivocadas sobre a natureza da comunicação, e conseqüentemente, condições para a comunicação bem-sucedida em tradução. Trabalhando no pressuposto de que a tradução se insere no domínio da comunicação, Gutt argumentou que a teoria da relevância contém a chave para fornecer um “relato unificado da tradução”<sup>557</sup>. A *teoria da relevância* distingue entre o *uso descritivo* e *interpretativo* da língua:

No uso descritivo, o pensamento pertence ao falante e (a) o falante pretende representar fielmente a realidade. No uso interpretativo, o pensamento (originalmente) pertence a alguém que não seja o falante e (b) o falante pretende que o seu enunciado represente fielmente o pensamento original. Alguém falar descritivamente pretende ser fiel à realidade; alguém falando interpretativamente pretende ser fiel ao significado do falante original.<sup>558</sup>

Tradução, portanto, é uma forma de *comunicação secundária*. A tradução, operando dentro das categorias de *teoria da relevância*, no modelo de Gutt, é a diferenciada pelo “uso interpretativo interlingual” e de como o análogo interlingual é enunciado<sup>559</sup>. Faz-se uma distinção clara entre “a *barreira da língua* muito familiar (...) [e] a segunda barreira marcada de *diferenças contextuais* (...) a fundamental responsabilidade do tradutor é o domínio da primeira barreira”<sup>560</sup> – outro repto basilar à teoria da *equivalência funcional*. Tradução de *uso interpretativo* interlingual do idioma é aquela em que o tradutor tenta expressar com fidelidade o pensamento original do autor em outra língua. Desde que isto seja verdadeiro a todas as formas de tradução, a noção de *uso*

<sup>557</sup> GUTT, 2000<sup>A</sup>, *op.cit.*, particularmente pp.105-36.

<sup>558</sup> SMITH, Kevin G. *op.cit.*, p.39.

<sup>559</sup> De acordo com GUTT, 2000<sup>A</sup>, *op.cit.*, p.105-36 (*ênfase* no orig.), que é uma expansão da sua tese de doutoramento, 1991 – *Tradução e Relevância: Cognição e Contexto*. Ernst-August Gutt foi tradutor bíblico na Etiópia, aplicando a teoria da relevância.

<sup>560</sup> *id. op.cit.*, pp.108-10. (*itálicos* no orig.).

*interpretativo* provê o denominador comum que permite Gutt apresentar um “relato unificado da tradução”<sup>561</sup>, do qual decorrem-se implicações para o seu desenvolvimento:

(i) permite-se excluir um tipo de tradução que, causou problemas básicos para o desenvolvimento de um relato abrangente, ou seja, a *tradução-encoberta*<sup>562</sup>; “uma tradução que desfruta ou desfrutou do status de um ST [texto-de-origem] na cultura alvo.”<sup>563</sup> Quando se trata de traduzir propagandas, folhetos de viagens, manuais do fabricante, κτλ, o que importa é: não se a tradução, com precisão, expressa o significado do texto-fonte, mas se a tradução transmite com eficiência a informação necessária. Se tal tradução corresponde de perto ao texto-de-origem é irrelevante. O texto-fonte essencialmente funciona como um guia para a produção de um “texto original” da língua-alvo. Em termos da teoria da relevância, traduções encobertas são instâncias do uso descritivo da linguagem, porque os tradutores não estão necessariamente tentando representar fielmente o significado do texto-fonte, mas reproduzir um “texto-original”, de acordo com Gutt: “o que é assim chamado não é *semelhança interpretativa*, mas precisão descritiva e a adequação.”<sup>564</sup> Desde que a tradução correta é limitada para instâncias de uso interpretativo, tradução encoberta não é verdadeiramente uma forma de tradução.

(ii) permite Gutt distinguir duas abordagens muito diferentes – *tradução-direta* e *indireta* (conceito que será esboçado com minudências algumas laudas a diante), mantendo a unidade teórica no seu *relato unificado da tradução*, porque em última análise, ambas as abordagens provam ser formas de uso interpretativo. Juntas, essas duas abordagens remetem a todas as instâncias de tradução genuína, ou seja, todas as instâncias onde o tradutor está conscientemente tentando transmitir o significado do texto-fonte.

Essas duas abordagens para a tradução são obtidas por relação com as duas formas de uso interpretativo intralingual, ou seja, *citação-direta* e *indireta*. Como a *citação-direta* esforça-se para transmitir exatamente o que alguém enunciou, então, a *tradução-direta* esforça-se para transmitir todos os pressupostos veiculados pelo texto-fonte, esforça por uma

<sup>561</sup> GUTT. 2000<sup>A</sup>, *op.cit.*, p.108-10 (*ênfase* no orig.).

<sup>562</sup> *id. op.cit.*, pp.46-69.

<sup>563</sup> HOUSE, Juliane; EDMONDSON, Willis. *Let's Talk and Talk About It: A Pedagogic Interactional Grammar of English*. München: Urban; Schwarzenberg, 1981 p.194 *uide* também GUTT. 2000<sup>A</sup>, *op.cit.*, p.47.

<sup>564</sup> GUTT. 2000<sup>A</sup>, *op.cit.*, p.218.

completa semelhança interpretativa. Similarmente, como a *citação-indireta* pode contentar transportando apenas parte da mensagem original, se contenta apenas com pressupostos do texto-original, pode variar de uma reprodução quase exata do que foi dito originalmente a uma aproximação parafraseada do que foi dito. Da mesma forma, a *tradução-indireta* estabelece-se com aspectos relevantes, que variam de um alto a um baixo grau de semelhança interpretativa, dependendo das expectativas e interesses do público alvo.<sup>565</sup>

A responsabilidade do tradutor com a barreira contextual, como Gutt admite, é que tradutores possam optar por adequar o texto para superá-lo – *tradução-indireta*. Na prática, esta adequação contextual consiste, grande parte, em levar informações de fundo que estão implícitas no original, porque é parte do contexto cognitivo do público original, e, se este conhecimento de fundo não é prontamente reconhecido pelos leitores-alvo, torna-se imprescindível explicitá-los em uma tradução.

Uma vez que seu objetivo é fornecer um *relato unificado da tradução*, Gutt não faz uma tentativa em profundidade para explicitar os detalhes das abordagens de como a *tradução-direta* e *indireta* iriam funcionar na prática. Sua principal preocupação é mostrar que há unidade teórica subjacente à diversidade de abordagens, não para explicar ou promover qualquer abordagem específica. Na verdade, Gutt realmente não pensou promover novas abordagens para a tradução como um todo. Sua preocupação central é examinar o fenômeno da tradução, tal qual praticada na última década e, primeiramente, encontrar um princípio unificador que sustente toda tradução e, então, estabelecer condições para a tradução de sucesso. Quanto à polêmica sobre os procedimentos de tradução, Gutt apenas menciona:

Esse problema de conflitos de expectativas se mostra com particular clareza no caso da tradução da Bíblia, porque aqui a necessidade de comunicar o mais claramente possível é igualmente forte como a necessidade de dar ao público da língua-receptora o acesso para o autêntico sentido do original. Como as diferenças no ambiente cognitivo entre o idioma de origem e as audiências

---

<sup>565</sup>

GUTT. 2000<sup>A</sup>, *op.cit.*, especialmente cap. 2 e 3.

da língua-receptora são geralmente grandes, estes dois objetivos são obrigados a entrar em conflito.<sup>566</sup>

Em seu pensamento, *tradução-direta* e *indireta* não são duas novas abordagens a serem aplicadas, mas duas grandes categorias, que à luz dos métodos de tradução, podem ser analisadas para a eficácia comunicativa. Tradutores que buscam a *semelhança interpretativa* completa – *tradução-direta*, ou que se contentam com semelhança interpretativa em aspectos relevantes – *tradução-indireta*. Seu objetivo de tradução, definido em termos do nível desejado de semelhança interpretativa, determina as condições para o sucesso comunicativo e, portanto, a escolha dos métodos de tradução. Os princípios da comunicação eficaz, combinados com o objetivo de tradução, determinam as condições de sucesso. A contribuição da *teoria da relevância* é apresentar os princípios da comunicação que ajudam a prever a eficácia comunicativa.

Para Gutt, a adaptação contextual, embora admissível em uma tradução, compromete a sua *autenticidade*; mas se esta reivindica autenticidade, ela deve ser uma “tradução-direta”, na qual a adaptação contextual não é adequada<sup>567</sup>. Ou, em outros termos, como Steiner sugere:

(...) a tradução é um imperativo teleológico, uma teimosa busca para fora de todas as frestas, de todas as comportas, de todas as superfícies translúcidas através das quais as correntes desjuntadas do falar humano perseguem seu retorno previsto a um só mar. (...) Esse é o “reino mais definitivo da linguagem”, o esboço mais ativo daquela perda, o discurso mais integral que, por assim dizer, espera entre as linhas do texto e atrás delas. Só a tradução tem acesso a esse reino. Até que se desfaça Babel, tal acesso só pode ser parcial. Essa é a razão, diz Benjamin, de por que “a questão da traduzibilidade de certos trabalhos permaneceria em aberto mesmo que fossem intraduzíveis para o ser humano”. Ainda assim a tentativa tem que ser feita e levada adiante. “Toda tradução”, proclamou Franz Rosenzweig ao anunciar sua planejada tradução do Velho Testamento para o alemão, “é um ato

---

<sup>566</sup> *id. op.cit.*, p.186ss.

<sup>567</sup> GUTT. 2000<sup>A</sup>, *op.cit.*, pp.228-31.

messiânico, que traz a redenção para mais perto”.<sup>568</sup>

Então, se o objetivo da tradução é a completa *semelhança interpretativa*, a teoria de relevância estabelece as condições básicas para o sucesso comunicativo: uma linguística, outra contextual.

Assim a tradução deve reter todas as *pistas-comunicativas* do original. As propriedades linguísticas do texto-fonte funcionavam como *pistas-comunicativas* de que os leitores originais poderiam inferir, do autor, o significado pretendido. Seu valor reside não em sua forma intrínseca, mas na sua função comunicativa. Devido às diferenças estruturais entre línguas, não é possível reproduzir as propriedades linguísticas de uma língua em outra, tanto mais quanto for a distância temporal de séculos ou milênios. No entanto, muitas vezes é possível identificando as *pistas-comunicativas* do texto-fonte, formular os equivalentes de idioma-meta que prestam a mesma função comunicativa. Esta abordagem é, de modo inerente, similar da *equivalência funcional*, que também trata os componentes linguísticos do texto-de-origem de uma perspectiva funcional. Tais *pistas-comunicativas* na tradução de *AtsPe* estão, prioritariamente, incorporadas ao texto-de-chegada, e sendo impraticável, secundariamente, via notas explicativas. Note-se que a ênfase da *teoria de relevância* consiste em manter o esforço de processamento para um significado mínimo, ou seja, as pistas comunicativas reformuladas devem ser naturais para o idioma-meta. Esta consideração é em grande parte esquecida pela crítica da abordagem teórica da relevância para tradução, muitos dos quais imaginam que *tradução-direta* exija algum tipo de correspondência palavra-a-palavra, o que conduz inevitavelmente a uma frase de sintaxe truncada, tradução de difícil compreensão. A abordagem de *tradução-direta* alocando *autenticidade*, segundo Gutt, antes da *clareza comunicativa* leva a uma séria dificuldade teórico-prática. A reivindicação central da *teoria da relevância* é que a comunicação humana está baseada em um princípio simples de relevância. E assim Gutt resume: “para ser coerente com o princípio da relevância, um enunciado deve alcançar efeitos contextuais adequados e *colocar o ouvinte sem nenhum esforço injustificável na sua consecução*”<sup>569</sup>.

Além disso, a tradução deve pressupor que o público-receptor “interpretará [ela] no contexto previsto (pelo autor original) para o

<sup>568</sup> STEINER. 2005, *op.cit.*, p.267.

<sup>569</sup> GUTT. 2000<sup>A</sup>, p.35; *vide* também pp.31-2. (*itálicos* pelo autor).

público original”<sup>570</sup>. Uma implicação fundamental da *teoria da relevância* é que “há uma interdependência causal entre estímulo, contexto e interpretação”<sup>571</sup>. Um estímulo somente funciona como uma pista para o significado em um contexto. Uma mudança de contexto pode – e, muitas vezes faz – alterar completamente o significado de uma declaração.

Schleiermacher recomendou a estratégia de *estrangeirização*, na qual Gutt integra sua abordagem. Alega que elas compartilham “a exigência de que os leitores da tradução devem se familiarizar com o contexto histórico e cultural do original”; e conclui que “Schleiermacher não ressaltou que isto pode significar um trabalho considerável por parte do público da linguagem-receptora”<sup>572</sup>.

Quando as diferenças entre o *contexto do idioma-fonte* e o *contexto de língua-receptora* são grandes, alguns dos pressupostos do texto-fonte comunicado aos seus leitores originais se tornam incomunicáveis no contexto-receptor. A equivalência funcional tenta fazer uma ponte sobre o abismo contextual explicando algumas das implicações contextuais que não são claras para os leitores modernos, mas esta técnica é apenas parcialmente bem sucedida. Esta adequação pode incluir alguma assistência explicativa acerca dos conceitos teológicos, evoluções semânticas, parábolas e outras dificuldades. Essa adequação já era explicitamente admitida na equivalência dinâmica<sup>573</sup>, mas precisa ser distinguida da *adaptação cultural* ou “tradução cultural” (*e.g.*, de referências históricas), que é notoriamente descartada na *equivalência dinâmica*, uma vez que modifica o significado e atenta contra o princípio da precisão<sup>574</sup>.

No contexto da tradução de textos provindos deste ambiente linguístico multifacetário, como *AtsPe*, geralmente “as diferenças contextuais são grandes, exigindo a prestação de informações detalhadas sobre a configuração sociocultural e histórica em que o original foi

---

<sup>570</sup> WINCKLER, W. K.; Van der MERWE C. H. J. *Trainig tomorrow's Bible translators: some theoretical pointers*. – in: *JNSL* 19. P. A. Kruger et alii (eds.). Stellenbosch: University of Stellenbosch, 1993, pp.41-58, especialmente p.54.

<sup>571</sup> GUTT. 2000<sup>A</sup>, *op.cit.*, p.169.

<sup>572</sup> *id. op.cit.*, pp.174-5, nt.4.

<sup>573</sup> *cf* NIDA; TABER. 1982, p.109-12; *uide* também BEEKMAN; CALLOW. 1974, pp.45-8.

<sup>574</sup> *id. ibid.*, p.13; *uide* também *id. ibid.*, pp.35-6.



escrito”<sup>575</sup>. Mas o público-alvo tem de aceitar essas medidas adicionais. Se eles precisarem estudar para assimilar essa “ampla informação” antes de começar a ler e entender corretamente o texto, é provável que eles vejam isso como “esforço injustificável”, e assim, como *teoria da relevância* ensina, eles vão perceber a tradução como não relevante e não vão lê-la. Segundo Steiner, Goethe teria deixado em aberto muitas destas demandas quando controverteu a tradução da Bíblia de Lutero, frente ao modelo tradutório empregado<sup>576</sup>. Para uma conjuntura ao avesso desta, Gutt adverte: “traduções que se mostrem incompatíveis com o princípio de relevância para os receptores, correm um grande risco de permanecerem não lidas”<sup>577</sup>.

Na tradução, como se sabe, algum significado é sempre perdido devido às diferenças estruturais entre línguas, muito mais ocorrerá numa língua tão distante como no caso *gr.-lat.-cop.* de *AtsPe*. Se a tradução pressupõe que o público-receptor irá interpretá-lo usando suposições contextuais diferentes dos leitores-originais, mais perda ocorre devido à diferença contextual entre as audiências. Segue-se que, qualquer tradução que se esforça para atingir o mais alto nível possível de *semelhança interpretativa*, seu texto-fonte deve assentar-se no mesmo contexto do original. Assim, o tradutor deve decidir por uma de duas estratégias: ou “o tradutor quer fazer a tradução clara para o receptor” que resulta numa tradução-indireta; ou “o tradutor visa autenticidade” e produz uma “tradução-direta”<sup>578</sup>. Acerca da *semelhança interpretativa*, Gutt aclara:

Uma propriedade essencial dos modelos proposicionais é que eles têm propriedades lógicas: em virtude dessas propriedades lógicas, podem se contrariar em si mesmas, implicar-se mutuamente ou constituir outras mútuas relações lógicas. Uma vez que todas as formas proposicionais têm propriedades lógicas, duas formas proposicionais podem ter algumas propriedades lógicas em comum. Consequentemente, podemos expor que as representações mentais cujas formas proposicionais partilhem de alguns predicados

---

<sup>575</sup> GUTT. 2000<sup>A</sup>, *op.cit.*, p.231.

<sup>576</sup> STEINER. 2005, *op.cit.*, pp.280ss.

<sup>577</sup> GUTT, Ernest-August. *Relevance Theory: A Guide to Successful Communication in Translation*. Dallas; New York: SIL; United Bible Societies, 1992, p.68.

<sup>578</sup> cf GUTT. 2000<sup>A</sup>, *op.cit.*, pp.187-9.

lógicos, *assemelham-se* em virtude dessas propriedades lógicas partilhadas por ambas. Esta similaridade entre as formas proposicionais é denominada de *semelhança interpretativa*.<sup>579</sup>

Portanto, uma *tradução-direta* deve criar a impressão de ler a linguagem do receptor no contexto de origem. O idioma deve ser natural para a linguagem do receptor, mas as inferências que a audiência-original teria tido extraído do *sitz im leben* (= seu lugar vivencial), ao invés de *pistas linguísticas*, não podem ser explicadas na tradução. Isto deve aplicar-se igualmente a um enunciado do que seja uma tradução: “(...) se as traduções não são percebidas como relevantes pelos receptores, elas não serão utilizadas.”<sup>580</sup> Ele também oferece um arquétipo de uma *tradução-direta*, autêntica e ideal, sem adaptação contextual. E afirma que: por causa das barreiras contextuais para a comunicação não superadas dentro do texto, a tradução será inicialmente não entendida nem percebida como relevante. Por fim, Gutt conclui que:

(...) o posicionamento da tradução pode exigir medidas *adicionais* que se encontram fora, mas são *complementares ao esforço de tradução* em si mesma, e que são projetados para ajustar contexto do público-alvo, se necessário.<sup>581</sup>

Se o objetivo da tradução é inferior à *semelhança interpretativa* completa – *tradução indireta*, alteraram-se as condições para o sucesso. Assim como a *citação indireta* não tenta expressar todos os pensamentos do falante citado, mas somente aqueles que são considerados relevantes para o público-alvo, assim a *tradução indireta* visa transmitir apenas esses pressupostos do texto-fonte que são considerados relevantes para o público de chegada. Uma vez que já não é essencial para capturar todas as nuances de significado, a exigência de que o público-receptor interprete a tradução usando as suposições contextuais, previstas para o público-original, torna-se obsoleta porque os pontos relevantes, geralmente, podem ser transportados ao contexto-receptor, talvez por

<sup>579</sup> GUTT, Ernest-August. *Urgent call for academic reorientation*. – in: *Notes on Sociolinguistics* 5. vol. 2. Dallas: SIL, 2000<sup>B</sup>, pp.36-7. (*itálicos* no orig.).

<sup>580</sup> GOERLING, Fritz. *Relevance and transculturation*. – in: *Notes on Translation* 10. vol. 3. Dallas: SIL, 1996, p.53.

<sup>581</sup> GUTT. 2000<sup>A</sup>, *op.cit.*, pp.231ss; (*ênfase* pelo autor).

reformular algumas frases para explicitar suas implicações contextuais. O que é essencial para uma *tradução-indireta* é maximizar a relevância, ou seja, para comunicar espontaneamente máximos efeitos contextuais com mínimo esforço de processamento; *i.e.* melhor feito, quando permite que o público-receptor interprete usando as suposições contextuais do contexto da língua-receptora.

Muita confusão tem surgido com a alegação de que uma *tradução-indireta* só precisa assemelhar-se a sua origem em aspectos relevantes. Críticos tendem a deduzir esta declaração que tradutores são livres de alterar o conteúdo da fonte. Nada poderia estar mais longe da verdade. A própria noção de *semelhança interpretativa* sugere que o texto traduzido está sendo apresentado como uma representação fiel do conteúdo do texto-fonte, então:

(...) duas condições são necessárias para a semelhança interpretativa ocorrer. Em primeiro lugar, uma declaração deve ser apresentada como se assemelhando a outra. Em segundo lugar, o conteúdo da segunda declaração deve ser um *subconjunto válido*, grande ou pequeno, dos pressupostos transmitidos pelo primeiro. Não há necessidade que se transmita todos os pressupostos originais, mas aqueles que se transmite, devem ser fiel ao significado do original.<sup>582</sup>

Uma *tradução-indireta* é uma representação precisa, embora incompleta, do conteúdo do texto-fonte na língua-receptora. Embora não haja esforço em transmitir todos os pressupostos do texto-fonte, esses pressupostos que se quer transmitir devem ser derivados do texto-origem.

O teórico Wendland, observando que “a relativamente literal RSV [= ARA em *pt.*]<sup>583</sup> promoveu, como, ‘um caso de tradução-direta’ (...)”, o que evidencia que não atingiu conceito de Gutt de tradução direta tendo

---

<sup>582</sup> SMITH. 2000, *op.cit.*, p.48.

<sup>583</sup> RSV - *Revised Sandart Version*, tradução da Bíblia, séc. XIX, revisão da *King James Version*, de linguagem de chegada moderadamente literal (predominância da *equivalência formal*) comparada a herança excessivamente literal da KJV. Caso semelhante é da ARA – *Almeida Revista e Atualizada*, é uma versão equivalente em *pt.*

equivalente a correspondência formal<sup>584</sup>. Trabalho de Gutt tem sido amplamente incompreendido, mesmo por alguns dos principais tradutores e teóricos de tradução. A oposição hiper-crítica veio de devotos de *equivalência funcional*, que percebem o trabalho de Gutt como uma tentativa de sabotar a *equivalência funcional*, “uma elaboração, teoricamente baseada no esforço para justificar” um retorno à equivalência formal<sup>585</sup>. Esta percepção trai um princípio amplamente mal-entendido dos argumentos e objetivos de Gutt.

O equívoco ocorre em dois pontos principais:

(i) A impressão que o objetivo principal de Gutt é minar a equivalência funcional e promover a *equivalência formal* baseada em uma profunda incompreensão do seu objetivo. *cf* mencionado acima, objetivo de Gutt foi fornecer um *relato unificado de como funciona o fenômeno da tradução*. Tratando a tradução como *comunicação secundária*, buscou explicar como esta funciona e estabelecer condições para uma comunicação eficaz em tradução. A *teoria da relevância* mina a *equivalência funcional*, porque aquela expõe como falsa a suposição de que a *máxima semelhança interpretativa* pode ser alcançada enquanto pressupõe o contexto-receptor. Assim sendo, a *teoria de relevância* também mina a *equivalência formal*, porque o princípio da relevância salienta a importância de minimizar o *esforço de processamento*. A escrita truncada da língua-receptora que resulta da tentativa de *correspondência formal*, drasticamente aumenta o esforço de processamento, fazendo com que a tradução comunique-se mal com o seu público receptor. Se o objetivo de Gutt pretendia promover um retorno à *equivalência formal*, ele não poderia ter se apropriado de uma estrutura teórica menos adequada para tal tentativa, do que a *teoria da relevância*.

(ii) Muitos dos críticos de Gutt erroneamente igualam *tradução-direta* com *equivalência formal*. Uma vez que Gutt fala sobre manter as propriedades linguísticas – através de *pistas comunicativas* – e pressupõe o contexto original, sendo que é fácil compreender como alguns críticos cheguem a esta conclusão. No entanto, uma leitura atenta da *Tradução e relevância: cognição e contexto* – e é verdade que o argumento do livro é tão complexo quanto requerer uma análise cuidadosa – revela que a *tradução-direta* é completamente diferente da *equivalência formal*, tanto na teoria como na prática.

---

<sup>584</sup> WENDLAND, Ernst R. *On the relevance of 'Relevance Theory' for Bible translation*. – in: *The Bible Translator* 47. vol. 1. Dallas: SIL, 1996, pp. 130-1.

<sup>585</sup> *id. ibid.*, p.86.

Note-se que Gutt admite de modo pleno a necessidade de superar a barreira do idioma pela adaptação de formas linguísticas, e insiste que ele não está advogando o retorno à tradução de “correspondência literal” ou “formal”<sup>586</sup>. Porém, sua analogia entre *tradução-direta* e *citação-direta*, cuja essencial característica é a *correspondência formal* de um enunciado original, provou ser um tanto confusa.

Gutt define *tradução-direta* dizendo que: “um texto de língua-receptora é uma tradução direta de um enunciado de um idioma-origem, se e somente se, *ele pretende assemelhar-se interpretativamente o original por completo* no contexto previsto pelo original.”<sup>587</sup> Para ele, a definição de qualidade da *tradução-direta* é que “ele clama pela inalcançável semelhança interpretativa do original por completo.”<sup>588</sup> Em termos práticos: ela se esforça para a *completa semelhança interpretativa*. Desde que a *teoria da relevância* exclui a possibilidade da *completa semelhança interpretativa* através das aberturas contextuais, este desejo de completa semelhança restringe *tradução-direta* a presumir o contexto original. Assim, a *presunção do contexto original* é mais uma consequência da parte principal da definição do que a parte central dessa definição.

Segue-se da definição de Gutt, que qualquer tradutor cuja intenção *informativa* é transmitir para os leitores de língua-receptora todos os pressupostos, o original transmitido a seus leitores está tentando produzir uma *tradução-direta*. Por esta definição, quase cada tradutor praticante da Bíblia ou leitor de textos cristãos antigos tenta produzir uma *tradução-direta*. Gutt considera funcionalmente equivalentes traduções da Bíblia como tentativas de produzir traduções-diretas. No entanto, são tentativas inadequadas porque qualquer tentativa de obter a *completa semelhança interpretativa* deve pressupor o contexto original.

Segundo Steiner, o ofício da tradução é fazer manifesto: “o ‘sentido’ implícito, as extensões denotativas, conotativas, ilativas, intencionais, associativas de significação que estão implícitas no original (...)”<sup>589</sup>, pois uma audiência nativa teria delas uma percepção instantânea. Mesmo que uma parte do público-alvo possa ser persuadida (e.g. no contexto de uma comunidade eclesíastica) para aceitar as medidas adicionais, a comunicação é provável que não ocorra, pois, de acordo com

---

586 GUTT. 2000<sup>A</sup>, *op.cit.*, pp.52-3.

587 *id. ibid.*, p.171, (*ênfase* nossa).

588 *id. ibid.*

589 STEINER. 2005, *op.cit.*, p.297.

Farrell e Hoyle: “a teoria da relevância prevê que a audiência irá entender mal uma passagem onde esta parece mais relevante para eles, ao fazê-lo”<sup>590</sup>. Informações sobre uma cultura diferente podem ser aprendidas bem, mas, tão logo os alunos retornam à sua vida cotidiana, o conhecimento da sua própria cultura se torna mais facilmente acessível do que a informação aprendida. Então, quando ler ou ouvir um texto traduzido, que possa ser entendido de forma diferente em sua própria cultura do que na cultura erudita, eles irão preferir a compreensão de sua própria cultura, porque exige menos *esforço de processamento* e – por isso é mais relevante. Infelizmente, esta não é a forma que o texto (= autor) pretendeu a ser lido. Wendland argumenta, que de forma semelhante às notas de rodapé, os mesmos princípios se aplicam para “medidas externas”<sup>591</sup>.

Em *Tradução e Relevância: Cognição e Contexto* percebe-se em Gutt o cuidado de evitar explicitamente escolher entre *tradução-direta* e *tradução-indireta*. Mas, em outras situações, como em ensaios destinados a colegas tradutores da Bíblia e, deste modo, em um contexto em que ele pode apelar para compartilhados pressupostos teológicos, ele deixa claro sua preferência pela *tradução-direta*. Ele escreve que a: “tradução está vinculada ao seu compromisso de manter o conteúdo da Escritura original inalterada”<sup>592</sup>, e, sobre a inserção de informações de fundo para a adaptação contextual diz: “a nossa reverência a integridade dos textos bíblicos, e a preocupação com a autenticidade das traduções da Bíblia nos obrigam a abandonar esta prática o mais rápido possível e resolver os problemas através de outros meios mais aceitáveis”<sup>593</sup>. Segundo Gutt, em um texto endereçado a tradutores e leitores bíblicos, evidencia a primazia geral pela *tradução-direta*, especialmente na parte final. No entanto, surpreendentemente, nas conclusões ele parece se retratar; concluindo com uma frase dúbia: “a tradução mais livre e mais rigorosa serve a dois públicos diferentes”<sup>594</sup>.

A *tradução-direta* difere da *equivalência formal*, em muitos aspectos práticos: (i) e o mais importante – *tradução-direta* exige

---

<sup>590</sup> FARRELL, Tim; HOYLE, Richard. *Translating implicit information in the Light of Saussurean relevance and cognitive theories*. – in: *Notes on Translation* 9. vol.1. Dallas: SIL, 1995, p.25.

<sup>591</sup> WENDLAND. 1996, *op.cit.*, pp.132-3.

<sup>592</sup> GUTT, Ernest-August. *From translation to effective communication*. – in: *Notes on Translation* 2. vol.1. Dallas: SIL, 1988, p.36.

<sup>593</sup> GUTT. 2000<sup>B</sup>, *op.cit.*, p.52.

<sup>594</sup> GUTT. 1992, *op.cit.*, p.75.

naturalidade de expressão, enquanto a *equivalência formal* não pode evitar o constrangimento da expressão. Para ser eficaz, que uma *pista-comunicativa* deve ser em linguagem natural, seja no idioma-origem ou na língua-receptor. Expressões antinaturais comprometem a comunicação eficaz na tradução; (ii) embora ambos os métodos demandem que o público-receptor tenha algum conhecimento sobre o contexto de origem, a fim de interpretar a tradução corretamente, eles diferem no tipo de conhecimento que eles exigem. *Tradução-direta* requer apenas a compreensão do *contexto sociocultural*, mas a *equivalência formal* além disso exige *conhecimento da estrutura do idioma-fonte*.

A *tradução-direta* elimina a necessidade para o público-receptor de saber a estrutura do idioma-fonte, utilizando expressões de linguagem natural do receptor. Finalmente, *tradução-direta* requer ao tradutor interpretar o texto antes dele poder traduzi-lo. Considerando que a *equivalência formal* tenta eliminar a necessidade de interpretação, dá-se a tradução em um processo mecânico e maquínico de correspondentes de palavras e estruturas gramaticais da língua-fonte com os equivalentes de idioma-receptor. Por outro lado, identificação e reformulação de *pistas-comunicativas* é um processo interpretativo.

Talvez, a crítica mais comum a Gutt tenha sido não abastecer os tradutores com qualquer coisa de valor prático, afirmando que “se eles [tradutores] querem ajuda direta com suas preocupações quotidianas, não devem esperar para encontrá-lo aqui”<sup>595</sup>. Ele atribui essa avaliação a tendência desses tradutores a pensar em termos de “um relato de contribuição-produção da tradução.”<sup>596</sup> Ele explica a abordagem da seguinte forma, dizendo que:

(...) seu mais central axioma parece ser que a tradução é melhor estudada por comparações sistemáticas da observável entrada e saída do processo de tradução: ‘entrada’, sendo o texto original, ‘saída’ sendo o traduzido ou texto de destino.<sup>597</sup>

---

<sup>595</sup> MALMKJÆR, Kirsten. *Review. Translation and relevance: cognition and context. By E-A Gutt – in: Mind and Language* 7. vol. 3. Oxford: Blackwell, 1992, p.306.

<sup>596</sup> GUTT. 2000<sup>A</sup>, *op.cit.*, p.205.

<sup>597</sup> *id. ibid.*, p.204.

Estudos de tradução que utilizam essa abordagem proveem aos seus leitores com “um corpo de comparações descritivas”, da qual eles oferecem generalizações sobre como lidar com diferentes tipos de problemas de tradução. Portanto, os tradutores aperfeiçoam-se acostumados a ter orientações concretas para a manipulação de várias decisões de tradução. Desde que Gutt não oferece nenhuma das tais generalizações, supõem naturalmente que sua contribuição é puramente filosófica.

No entanto, mostrando que a tradução é uma forma de *comunicação secundária* que pode ser computada dentro do domínio da teoria da comunicação, ele tem capacitado tradutores para prever as condições para uma comunicação eficaz em tradução. Este é o seu maior contributo prático. Ao invés de fornecer a tradutores uma coleção de princípios específicos de tradução, Gutt tem posto as bases de uma abordagem “orientada para competência” em tradução<sup>598</sup>. As hierarquias descritivo-classificadoras que a teoria da *equivalência funcional* emprega são valiosas, mas em si não são suficientes para capacitar tradutores a tomarem as decisões corretas de tradução. Se, a tradução cai dentro do domínio da comunicação, a teoria da relevância fornece a orientação de que os tradutores precisam para fazer boas escolhas. Tradutores que entendem as leis de comunicação eficaz, o trabalho irá se comunicar mais eficazmente com o público-receptor. Este mesmo mote, de determinada forma, é reconhecido por Steiner:

Nem tudo pode ser traduzido. A teologia e a gnose colocam um limite superior. Há mistérios que podem apenas ser transcritos: traduzi-los ou parafraseá-los seria um sacrilégio ou radicalmente errôneo. Em tais casos, o melhor é preservar o incompreensível. (...) Não há dois falantes que signifiquem a mesma coisa quando usam os mesmos termos; ou, se fazem, não há qualquer maneira concebível de demonstrar a homologia perfeita. Nenhum ato de comunicação completo e verificável é, portanto, possível. Todo discurso é fundamentalmente monádico e idioletal. Isso era já um paradoxo surrado bem antes de Schleiermacher ter investigado o significado do significado em seu *Hermeneutik*. (...) Como poderíamos estar envolvidos com nossa atividade se o objeto não

598

GUTT. 2000<sup>A</sup>, *op.cit.*, p.21-2; 205-6.



fosse inerentemente alcançável, perguntam São Jerônimo e Lutero com a impaciência do artesão irritado pelo zoar da teoria. A tradução é “impossível”, admite Ortega y Gasset em seu texto *Miseria y esplendor de la traducción*. Mas também o é toda a concordância absoluta entre pensamento e fala. De algum modo, o “impossível” é superado a cada momento nos assuntos humanos.<sup>599</sup>

Todavia, se capacitar tradutores para tomar decisões corretas é a principal contribuição do Gutt, seu avanço na *tradução da informação implícita*, especialmente, a *linguagem figurativa*, é uma grande contribuição secundária. Teoria da relevância distingue dois tipos de suposições que um escritor pode transmitir: *explicaturas* e *implicaturas*.

*Explicaturas* consistem em todas as informações codificadas linguisticamente no texto, enquanto *implicaturas* consistem em todos os pressupostos, que o autor propõe aos leitores para inferir do contexto. Assim sendo: “o conjunto total de pressupostos transportado por um texto consiste na soma de suas explicaturas e implicaturas.”<sup>600</sup>

Ao contrário do modelo de código de comunicação, a *teoria da relevância* não considera *linguagem figurativa* uma forma estilística de expressar um pensamento único que poderia ter sido expressado igualmente bem em uma declaração literal. Em vez disto, a *linguagem figurativa* é vista como o projetar uma gama de fraca implicaturas sobre o sujeito. É certo que esta forma de *linguagem figurativa* de visualização tem agora caído em desuso com muitos defensores de *equivalência funcional*, mas foi fundamental para o pensamento desses teóricos de tradução como Eugene Nida e John Beekman.

É impossível reduzir-se, e.g.: “Senhor é o meu pastor; nada me faltará (...)”<sup>601</sup> para um único ponto de comparação entre o Senhor e pastor, como Javé é meu provedor, ou Adonai é meu protetor, ou יהוה (= *YHVH, JaHWeH*) é meu líder; cada uma destas implicaturas está implícita na metáfora original. Portanto, não é possível elucidar a linguagem metafórica sem sacrificar alguns dos pressupostos do texto-original transmitido. Explicação da *linguagem figurativa* é aceitável em uma *tradução-indireta* uma vez que os tradutores não fazem nenhuma pretensão de reter todos os pressupostos da fonte. Também está na mira

<sup>599</sup> STEINER. 2005, *op.cit.*, pp.272-3.

<sup>600</sup> SMITH. 2000, *op.cit.*, p.77.

<sup>601</sup> Um *canticum David*, Sl 22,1; ou 23,1 em outras versões bíblicas.

da *linguagem figurativa* a relativização de postulados dogmáticos da tradição tradutória bíblica; quando, *e.g.*: traduz-se para jovens cada vez mais urbanizados das “Gerações Y e Z”<sup>602</sup>, essas metáforas agropastoris fazem realmente pouco sentido. É possível que cheguemos ao ponto de, em certos casos, traduzir a metáfora *supra* por “O Senhor é o meu provedor de banda larga em 4G, e o sinal nunca cairá”, e isto está ligado ao fato de não simplesmente renunciar-se metáforas antigas, mas destacar axiologicamente os “pastos verdejantes” no Crescente Fértil de 3200 anos atrás. E realmente faria mais sentido. Em uma *tradução-direta*, no entanto, tradutores procurar manter a *linguagem figurativa*. Uma vez que a maioria das figuras de linguagem depende da familiaridade com o contexto original para o seu impacto, a presunção de que o público receptor irá interpretar a tradução com o contexto original em mente protege a tradução contra o perigo de um colapso da comunicação.

Provendo o leitor da tradução de *AtsPe* com as informações contextuais que os leitores-originais teriam usado para interpretar a figura de linguagem, pode-se reduzir substancialmente o esforço de processamento requerido nesta leitura.

## VI. Acomodações entre ‘fidelidade’ *versus* ‘transparência’

As primeiras implicações sobre o ofício do tradutor advém do conhecido verbo latino *traduco*, ou *transduco*<sup>603</sup>, – “*transportar, conduzir, levar de um lugar para o outro*”, dentro de uma perspectiva etimológica. Radó<sup>604</sup> chama a atenção para um aspecto “transpositivo” que as traduções implicam, onde a língua-fonte e língua-meta seriam os espaços, o texto *algo a ser levado de um lugar para o outro*. Entretanto, pode-se ter um *componente inerte* que se *transplanta*<sup>605</sup> de um local a outro (*e.g.* pequena muda com um pouco de terra à volta), ou de outra

<sup>602</sup> Conceito sociológico: geração do milênio ou geração da internet, que vivenciou os grandes avanços tecnológicos e é ávida por inovações.

<sup>603</sup> Infinitivo *traducere*. CRETELA, José; ULHÕA CINTRA, Geraldo de. *Dicionário Latino-Português*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1953, p.1265.

<sup>604</sup> RADÓ, Györg. *Les noms du traducteur et les vicissitudes d’un néologisme*. – in: *Babel XXIV*, 3-4. 1978, pp.190-4.

<sup>605</sup> Vem de *transfero*, (supino *translatum*). A *traductio* (= tradução) vem de *traduco*.

forma, um *ser vivente animado e implexo*, o qual *conduz* estruturas ativas que nele presidem, e.g. o *texto* nas relações interlinguais intrincadas, de acordo com a episteme aqui confessada. As duas possibilidades etmológicas devem-se as expressões latinas, respectivamente: *transfero*<sup>606</sup> – transferir coisas inanimadas, e *traduco* – transferir ou conduzir seres animados<sup>607</sup>. Note-se: traduzir e tradutor procedem de *traduco*.<sup>608</sup> *Traductio* é, outra vez, um despejo metafórico. Uma geração de tradutores de textos cristãos e exegetas que têm recomendado rasamente tal cuidado no ‘*translado*’ para não arrancar o texto do *se lugar vivencial* ou *berço natural*<sup>609</sup>. Ou haveria algo de mais profundo, conforme Gutt alvitrou?

Nada tão inocente na concepção de tradução, dentro de pressupostos formais e epistemológicos, que a hermenêutica de um escrito da Antiguidade derivado do ambiente linguístico multifacetário cristão e sua correlativa transformação em um homeomorfo, reproduz a mesma mensagem em outra língua. Em outros termos:

(...) de Cícero e São Jerônimo até hoje, o debate sobre a extensão e a qualidade da fidelidade reprodutiva a ser alcançada pelo tradutor tem sido filosoficamente ingênuo ou fictício. Postula uma polaridade semântica de “palavra” e “sentido” e, depois, argumenta sobre o uso ótimo do “espaço intermédio”. Este esquema grosseiro reflete, sem dúvida, os modos como tratamos da linguagem verbal. Ele corresponde àquele movimento duplo de referência (“buscar”) e de reafirmação

---

<sup>606</sup> CRETELA; ULHÕA CINTRA. 1953, *op.cit.*, p.1269.

<sup>607</sup> O latim (*fero* e *duco*), respectivamente, à semelhança da língua grega estabelece uma distinção entre transportar uma coisa inanimada e um ser animado (humano, animal) – em *gr.* φέρω (transportar coisas inanimadas) e ἄγω (transportar ou conduzir seres vivos). Tal dualidade ocorre também em outras línguas e.g.: russo – *pereklad* (transporte de objeto inerte) / *perevod* (condução de seres vivos, de onde vem traduzir na atualidade); *pereklad* não está em russo atualmente, mas em outros idiomas e.g. polonês – *przeklad* e eslavo – *preklad*, cf TORRES, Esteban. *Teoría de La Traducción Literaria*. Madrid: Síntesis, 1994, pp.9-10.

<sup>608</sup> Este artigo aponta ainda que o supino latino do *transferre* (transportar um objeto inerte) é *translatum*, de onde vem ‘*translado*’ e ‘*transladar*’.

<sup>609</sup> cf WERNER. 1998, *op.cit.*, p.222.

expansiva que impulsiona boa parte do discurso normal.<sup>610</sup>

Ou, desta forma, como a existir uma analogia consistente um-a-um – μετάφρασις (oposto de παράφρασις), que para decriptografá-la bastaria um livro de códigos (dicionário). Ou, como rotineiramente entende-se: qualquer um, que possa falar uma segunda língua, fará uma boa tradução. Ou, aquilo que, em regra, tem-se aceito: as melhores traduções advêm de pessoas que estão a traduzir à sua própria língua. Ou ainda, que seja visto com estranheza, que alguém que aprendeu uma segunda língua tenha total fluidez (bilíngue *versus* pluricultural).

Huet<sup>611</sup> leu um trabalho denso de 600 laudas – *Interpretatio lingvarvm: sev de ratione conuertendi & explica[n]di autores tam sacros quam prophanos*<sup>612</sup>, uma abordagem humanista mediana acerca de tradução por Laurence Humphrey (Philo Alexandrinus), impresso na Basileæ, 1559, que classifica tradução em: em literalismo (que chama de *puerilif* e *supertitiofa*), adaptação livre e a *via media*, a qual define:

---

<sup>610</sup> STEINER. 2005, *op.cit.*, p.298.

<sup>611</sup> Pierre-Daniel Huet (1630-†1721), escreveu *De interpretatione*, como marco de que a teoria da tradução francesa não foi acidental: refletia um período de centralidade linguística após a desinteração da latinidade europeia, “fenômeno que inspirou a busca de um método consensual de tradução”; STEINER. 2005, *op.cit.*, pp.283-4.

<sup>612</sup> HUMPHREY, Laurence; Philo (Alexandrinus). (*on-line*): *Interpretatio lingvarvm: sev de ratione conuertendi & explica[n]di autores tam sacros quam prophanos*. [A tradução entre línguas: ou por melhor dizer, o método das trocas & os autores tanto sacros quanto profanos explicam]. vols. I-III. Basileæ: Frobenius et Episcopus, 1559. Também – *in*: books.google (*on-line*). Este texto FURLAN, Mauri, chama *Da Arte de Traduzir de Lawrence Humphrey*, 2012, (*on-line*) e define-o como “O maior tratado sobre tradução, confirmado por inúmeros estudiosos como o mais importante produzido no Renascimento, *Interpretatio Linguarum* (...) obra composta em três livros, encontra-se até o presente sem qualquer tradução publicada em qualquer língua. Tal situação explica-se em parte pelo volumoso texto, cuja única edição data do século XVI (primórdios da prensa) e sua tradução requer precedentemente uma exaustiva edição crítica. (...) O trabalho de edição e tradução de um texto como o de *Interpretatio Linguarum* exige um profundo domínio na área da Filologia Clássica e um tempo excessivamente maior do que a tradução de obras contemporâneas, e dada a escassez de estudiosos da área, estes projetos são normalmente conduzidos por uma única pessoa (...) que abarca as três línguas clássicas da Antiguidade, grego, latim e hebraico (...)”.

*via media dicamuf (...) quæ utiufque particeps est, simplicatuf sed eruditæ, elegantia sed fidelif: quæ nec ita exaggerata est ut modum tranfeat, nec ita depreffa ut fit sordida, sed frugalif, æquabilif, temperata, nec sordef amanf, nec luxuriam.*<sup>613</sup>

A abordagem de Huet diz que “harmonia estilística é muito próxima do ideal de argúcia de Humphrey”, ou seja: “traduza Aristóteles em períodos ciceronianos e você fará uma caricatura; se você imitar o pássaro intruso que, não se limitando a colocar seus ovos no ninho de outrem, joga no chão os ovos legítimos, você não vai mais traduzir, você vai interpolar”<sup>614</sup>, o que atesta a sua leitura de Humphrey. Seu princípio constitucional também fala da *via media*, mas fundamentalmente não há nada de novo: o tradutor justo “*nativum postremo Auctoris characterum, quoad eius fieri postet, adumbrat; idque unum studet, ut nulla eum detractioe imminutum, nullo additamento auctum, sed integrum, sui que omne ex parte simillimum perquam fideliter exhibeat*”; ou como Steiner traduz: [o tradutor justo] “copia a essência inata de seu autor até o limite em que isso é possível. Sua única preocupação é apresentar fielmente o todo do seu autor, nada tirando e nada acrescentando”.<sup>615</sup> E assim deprecou a questão, hoje pacificada: seria a tradução uma arte (concepção *schleiermacheriana*) ou uma habilidade que pode ser ensinada universalmente?

Desde dos *Targumins*, *LXX* ou da *Epopéia de Gilgamesh*<sup>616</sup> a transparência e a fidelidade são duas perspectivas que, durante milênios, foram respeitadas como modelos da tradução, de maneira especial da tradução literária, apesar de que com frequência, ambos modelos, se encontrem em conflito. No século XVII referiu-se as *belles infidèles*, sugerindo que as traduções podem ser belas ou fiéis, mas não as duas simultaneamente. Mas Schleiermacher, Humboldt e Herder, no século

---

<sup>613</sup> (= Digamos *via média* (...) daquela que é sempre partícipe: da simplicidade, mas também da erudição; da elegância, mas também fiel; que não é nem exagerada de tal sorte que vá além da temperança; nem tão depreciada que seja sórdida; mas aquela que é moderada, do mesmo teor, misturada com proporção; que nem ama a excessiva parcimônia, nem a extravagância, nem a desonestidade, mas ataviada com magnificência).

<sup>614</sup> STEINER, 2005, *op.cit.*, p.286; também nt.31, do tradutor.

<sup>615</sup> *id. ibid.*

<sup>616</sup> Poema sumério, 4500 a.C., grafado em cuneiforme e acádio sobre, preservado sob placas de argila, que, supôs-se tenham sido lidos por escritores veterotestamentários e, até, Homero.

XIX, trabalharão esta tensão (há outros) e a teoria da tradução passa para debates mais originais, epistemológicos e melhor aparelhados filologicamente. A imagem do ofício da tradução, simples e subjacente é, em passo acelerado, abandonada para trás.

A *transparência*, um conceito contemporâneo, corresponde na medida em que uma tradução sugere, aos olhos de um leitor de uma língua-alvo, ter sido originalmente escrita em sua própria língua, segundo a fluidez nas normas gramaticais e sintaxes da língua do leitor. O critério utilizado para julgar a transparência de uma tradução é modesto: uma tradução não idiomático-etnocentrista soa mal; e no caso de uma tradução literal, frequentemente nos deparamos com resultados desta que não fazem sentido<sup>617</sup>. Apesar de tudo, em contextos bem particulares o tradutor opta, de maneira consciente, fazendo uso da tradução-literal. Os tradutores de textos históricos e religiosos frequentemente tratam de preservar ao máximo o *significado* e o *espírito* do texto-fonte, distendendo deliberadamente o alcance da idioma-fonte. Analogamente, os tradutores literários, tem-se utilizado de vocábulos da língua-original para dar mais *autenticidade* à tradução.

Consequentemente, a *fidelidade* corresponde ao grau no qual uma tradução, que pretenda reportar o mais precisamente, o mesmo significado e forma que tem o texto-fonte, sem extrair nem sobrepor qualquer informação, contextual e linguística, sem intensificar nem abrandar cada parte do significado, e sem distorcê-lo de forma alguma (visão estruturalista). Todavia, sabemos que as circunstâncias de que nos valemos para aquilatar a *fidelidade* de uma tradução são mais bem mais complexas: variam conforme a hermenêutica idiossincrática, perspectivas de leitura, a literalidade do texto-fonte, o tipo, função e voz do texto, predicados e valor literários, contexto social ou histórico, e assim ininterruptamente...

Nas últimas décadas, destacados teóricos passaram a defender uma tradução *não-transparente* e identificaram-se com o teórico francês Berman, e suas onze – há quem diga doze ou até mesmo treze, tendências deformadoras inerentes à multiplicidade das traduções de prosa. Berman expõe o que, talvez, seja o maior drama do tradutor no dilema: “ser fiel

---

<sup>617</sup> Para ilustrar: o conhecido conto popular *Till Eulenspiegel* está grafado em alemão regular – *hochdeutsch*, contém muitos jogos de palavras que só produz enquanto lido no baixo alemão. Ou ainda, como no cinema nacional (nordestino), onde há uma enorme dificuldade de tradução dos trocadilhos regionais e personagens da cultura nordestina para outros idiomas e culturas, o que tem impedido maior visibilidade do cinema nacional brasileiro.

ou trair o original?”. Em outras palavras: servir à obra do autor estrangeiro ou servir à própria língua?<sup>618</sup> Também Venuti<sup>619</sup>, defende o uso privilegiado de estratégias *estrangeirizadoras* de tradução em lugar de outras *domésticas*.<sup>620</sup>

Muitas das teorias de tradução *não-transparentes* têm a sua origem em conceitos do Romantismo alemão, das quais a principal influência, em posteriores teorias de *estrangeirização*, provêm do teólogo e filósofo Schleiermacher, que como vimos, de maneira especialmente latente, discute questões que transcendem a simples discussão entre os métodos de tradução que vão em direção ao leitor (critério principal é a *transparência*) e os métodos que vão em direção ao autor (juízo crítico fundamental é a *fidelidade*). É provável que Schleiermacher tenha se afiliado de forma efetiva, o quanto possível, ao segundo destes métodos<sup>621</sup>, numa anteposição duplamente motivada, não só como uma aspiração de aceitar o estrangeiro, mas também por um anseio nacionalista *versus* domínio cultural francês, e promover, concomitantemente, a literatura teutônica. Porém, como dissemos *supra*, o mais aceitável é que isto seja, de fato, em um subproduto do intenso disputa generalista de ideias que distinguiu a teoria e literatura nesta época dos expoentes românticos.

Na atualidade, quando traduzimos no Ocidente, nos impomos os ajuizamentos de *fidelidade* e *transparência*. Mas nem sempre foi assim. Existiram períodos no que muitos tradutores excediam os encostos da tradução derivando para adaptações e alternando os métodos. A mesma questão – *transparência versus fidelidade*, sem o mesmo refinamento conceptual, em outra terminologia, aparece na sua forma primeva em Nida, onde a *correspondência formal* é desprezada frente à *equivalência funcional* (terminologia reelaborada).

O maior contributo destes teóricos – Schleiermacher, Nida, Berman, Gutt e Venuti, consiste, cada qual à sua época, na sucessiva e ininterrupta incubação e reelaboração da acepção de *fidelidade* na perspectiva da tradução. Por assim dizer, na dimensão máxima do

---

<sup>618</sup> BERMAN. 2002, *op.cit.*, p.15.

<sup>619</sup> Lawrence Venuti (1953 - ), historiador da tradução na University of Philadelphia, usa os conceitos de Berman para escrever o contexto da genealogia da tradução anglo-americana onde reelabora o conceito de “estrangeirização”.

<sup>620</sup> VENUTI, Lawrence. *Escândalos da Tradução: por uma ética da diferença*. Bauru: EDUSC, 2002, pp.220-34.

<sup>621</sup> SCHLEIERMACHER, 1813. – in: HEIDERMANN. 2001, *op.cit.*, p.31-5.

pensamento pós-estruturalista, na era da intercorrências linguísticas, especialmente as sobrevividas da Pragmática, onde o escrito torna-se um conjunto de significado (acepção saussureana) que abrolha como novo repto daquilo que seja tradução. E ministra a tradutores os instrumentos teóricos, de valor, que os licenciam levar à cabo seu ofício. Nesta via, a tradução proposta de *AtsPe* acolhe este arcabouço teórico, entendendo que a tradução não reside na sua forma intrínseca, mas na sua função comunicativa, conforme a episteme aqui professada. Este contributo lança epifanicamente luz sobre os temas, questões de método e outras implicações tradutórias. Mas, o excesso de claridade pode, em certo modo, laborar contra uma visão nítida, na medida em que se apropria de alguma teoria isoladamente, como dogma, e nela depositamos uma confiança exacerbada. Esta tradução é uma procura, *search*<sup>622</sup>; sob esse prisma, qualquer tradução requer um programa a fim de garantir sua coerência interna e, atendendo ao requerimento das afinidades, de desvelar a construção de sua pretensa paridade.

Enfim, se a tradução for vista por nós nesta acepção mais estendida, verdadeiramente não podemos abstrai-la do próprio homem. Disse Guimarães Rosa “traduzir é conviver”<sup>623</sup>, e toda tarefa humana está sujeita, em maior ou menor grau, a esse labor, ainda que acomodem-se ideias que não acolhamos. É o mover da linguagem, inter-e-intra línguas. “digam o que quiserem sobre a inadequação da tradução, ela permanece sendo uma das ocupações mais importantes e válidas na totalidade dos afazeres do mundo”<sup>624</sup>, porque ela, pelos séculos dos séculos, não *translada* apenas obras ou enunciados fixos; mas antes, é o *conducente* do imaginário humano, de como vê-se o mundo e de se posiciona diante dele.

O texto já não é mais assente. Tornou-se cada vez mais instável. Traduzir *sub specie artis* passa a ser um processo entrelaçado e intricado de mudanças e transformação.

---

<sup>622</sup> “Translation is a search for an equivalent, not for a substitute. It requires stylistic, if not psychological congeniality”, cf BRODSKY. 1996, *op.cit.*, p.140.

<sup>623</sup> Frase de Guimarães Rosa, em München, 1962. *apud* MEYER-CLASON, Curt. *Convivências*. – in: *Madraga*, nº. 9. Rio de Janeiro: UERJ, out./1997, p.15.

<sup>624</sup> Citação de GOETHE *apud* MORGAN, Bayard Quincy. *A critical bibliography of works on translation*. – in: Reuben A. Brower (org.) *On translation*. New York: Oxford, 1966, p.276.





CAPÍTULO III  
*ESTRATIGRAFIA TEXTUAL E DAS LINGUAGENS  
COPTO-GRECO-LATINA*

Pintura *Saint Peter as Pope*, por autor Peter Paul Rubens, em óleo sobre madeira, 1610-1612. Mostra o santo como um papa usando o *pallium* e com as chaves do paraíso. Imagem em domínio público. Depositada no Museu Nacional del Prado, Madrid, España.  
[https://www.museodelprado.es/en/the-collection/online-gallery/on-line-gallery/obra/saint-peter/?no\\_cache=1](https://www.museodelprado.es/en/the-collection/online-gallery/on-line-gallery/obra/saint-peter/?no_cache=1)



### CAPÍTULO III

---

## ESTRATIGRAFIA TEXTUAL E DAS LINGUAGENS COPTO-GRECO-LATINA

*Nihil este in intellectu quod non fuerit prius in sensu.*<sup>625</sup>  
(Tomás de Aquino, c<sup>aa</sup> 1299)

### I. A estratificação textual e das linguagens – noção abrangente do problema

Senão podemos afirmar categoricamente, também não parece razoável negar que estamos em melhor ponto de vista para contemplar a literatura dos primeiros séculos do cristianismo. Hoje dispomos de outros evangelhos, atos, epístolas, apocalipses, liturgia, anosíssimas correspondências pessoais, doutrinárias e epistolares, algumas agora, fonte direta dos próprios gnósticos e, os assim chamados *outros cristianismos*. Albinson reporta 2002 – ano particular para os escritos apócrifos advindos do ambiente cristão multifacetário:

Toda história é contada pelos vencedores. Isto é verdade também para a história de Jesus de Nazaré e seus ensinamentos, relatada nos quatro Evangelhos do Novo Testamento. O cânone bíblico – o conjunto dos textos considerados “inspirados” – abriga os vencedores de uma batalha doutrinária travada dentro da Igreja antiga, entre os séculos 2 e 5. De fora ficaram mais de 60 outros escritos, que receberam o nome de apócrifos (ocultos, em grego). Sobre eles pairava a acusação de deturpar a doutrina original de Jesus, misturando-a com episódios fantasiosos e idéias (*sic*) tiradas das seitas místicas dos primeiros sécs. do cristianismo. O imaginário cristão, porém,

---

<sup>625</sup> Não se trata da discussão filosófica acerca do empirismo. Apenas aponta que para traduzir textos religiosos exige-se algo da vivência do tradutor com o tema e com o texto. “Nada há no intelecto que não tenha estado antes nos sentidos”; *Quaestiones disputatae de veritate*, II, 3,19.

recebeu-os de braços abertos. Se hoje os católicos sabem os nomes dos reis magos que adoraram Jesus e crêem (*sic*) que o corpo de Nossa Senhora subiu aos céus após sua morte – fato que a Igreja considera como Dogma desde 1950 – é porque, por vias indiretas, os apócrifos contornaram as proibições.<sup>626</sup>

Nesta via, para Crossan<sup>627</sup>, a análise do conjunto documental cristão-judaico apócrifo-cristão, apócrifo-judaico ou até antagonico, no âmbito da historiografia, da análise literária, da visão de *corpora* e dos estudos da linguagem – só torna o *Jesus histórico* mais evidente. Crossan

---

<sup>626</sup> ALBINSON, Ian (ed.). *A outra face do Cristianismo – Livros cristãos que ficaram fora da Bíblia trazem versões controversas sobre a vida de Jesus.* – in: *Galileu* 137. Rio de Janeiro: Globo, dez/2002, pp.16-24. Um indicador de interesse é os periódicos populares de grande circulação, resenhas de obras especializadas, κτλ. — O ano 2002 foi um reabrolhar da discussão sobre historicidade de aspectos do cristianismo e da validade dos apócrifos. *e.g.* no Brasil: (i) Reportagem da *Galileu*, art. *cit.*, inspirado em John Dominic CROSSAN *et alii.*: *A outra face do Cristianismo – Livros cristãos que ficaram fora da Bíblia trazem versões controversas sobre a vida de Jesus*; inclui uma entrevista com Jacyr de Freitas FARIA, frei franciscano, prof. de exegese – ISTA, favorável aos evangelhos apócrifos do NT considerando-os “*preciosidades mantidas em segredo pelas igrejas*”. (ii) revista *Veja*, ed. Abril, de 25/12/2002, tiragem de 1 milhão de cópias, previsão de leitores: *c*<sup>a</sup> 4 milhões) ocupa 20 pp. da ed. com os temas *O que Ele tem a dizer a você hoje*; *Faces de Jesus*; *O que se sabe a respeito da figura histórica de Jesus*; *A ciência à procura de Cristo*; *Mestre invisível*; *A mensagem de Cristo influencia a cultura do planeta e as outras religiões*; *Por que a religião sobrevive numa época marcada pelo ceticismo?* (iii) revista *Super Interessante*, ed. Abril, n<sup>o</sup> 183, dez/2002, tiragem aprox. 600 mil, previsão de leitores: *c*<sup>a</sup> 3 milhões, com os temas: *A verdadeira história de Jesus*; *Um novo olhar sobre Jesus – Cristo é um dos maiores mistérios da humanidade*, pp.40-9.

<sup>627</sup> CROSSAN, John Dominic desenvolveu seus estudos na Irlanda e nos EUA, obtendo o título de Doctor of Divinity na Universidade de Maynooth, Irlanda, 1959. Fez suas pesquisas de Pós-Doutoramento no Instituto Pontifício Bíblico, Roma, 1959-1961, e na Escola Bíblica de Jerusalém, 1965-1967. É atualmente professor emérito no Departamento de Estudos Religiosos DePaul University. Nos últimos 35 anos, escreveu 21 livros sobre paleocristianismo. Certamente compõe uma estrita lista de *scholars* acatados em todo o mundo, inclusive em círculos conservadores. A trilogia dos textos: *O Nascimento do Cristianismo*, *O Jesus Histórico* e *A vida de um camponês judeu* tornaram-se *best-sellers*, hoje traduzidos em mais onze línguas, incluindo o chinês e o japonês.

diz que este objeto de estudo “está virando uma piada acadêmica sem graça”<sup>628</sup> uma vez que:

Sempre houve historiadores argumentando que ela[e] era inviável devido a problemas históricos. Sempre houve teólogos argumentando que ela[e] não devia ser levada[o] adiante devido a objeções de ordem teológica. E sempre houve estudiosos que utilizavam o primeiro argumento quando na verdade a sua preocupação era com o segundo.<sup>629</sup>

Estas últimas décadas certamente marcam um novo tempo na política mundial, nas mudanças das lideranças econômicas mundiais, no papel da mulher na sociedade, na preservação do meio ambiente, na globalização e socialização dos meios diversos e do conhecimento, na mudança da consciência árabe fortemente atrelada à religião. Dentro dos campos de pesquisas que alcançam cristianismos primeiros, ao revés da forte corrente conservadora, o que se ressalta, nesta década, é uma questão prosaica e de caráter positivo. Há uma cifra ascendente de pesquisadores com grande reputação produzindo esboços, embora díspares, sobre os contornos dos principais personagens dos *cristianismos nascentes*, como a fala de posse de Daniel J. Harrington, presidente da Catholic Biblical Association, Universidade de Georgetown, em 06 de agosto de 1986 (publicado em 1987). Na edição adaptada e ampliada do mesmo ano, ele destaca:

(...) uma breve drição das sete imagens diferentes de Jesus criadas por vários estudiosos nos últimos anos. As diferenças dizem respeito aos diversos ambientes judaicos que servem de pano de fundo para as suas concepções do Jesus histórico (...). É impossível evitar a desconfiança de que a pesquisa do Jesus histórico é um campo em que se pode fazer teologia e chamá-la de história, ou então fazer autobiografia e chamá-la de biografia, sem correr grandes riscos.<sup>630</sup>

---

<sup>628</sup> CROSSAN. 1994, *op.cit.*, p.26.

<sup>629</sup> *id. ibid.*

<sup>630</sup> *id. ibid.*, pp.26-7. — O que se pode ver é o Jesus enquanto revolucionário político de Samuel George Frederick Brandon (1967); como mago

A dificuldade com a múltipla teia de conclusões díspares acerca do paleocristianismo nos constrange a revisar a questão da teoria e método. O estágio atual da metodologia aplicada à pesquisa exegética deste início do século XXI se equipara, na melhor das hipóteses, ao mesmo estágio em que se encontrava a metodologia arqueológica no final do século XIX, afirma Crossan:

Se um arqueólogo resolve escavar um terreno mais ou menos a seu bel-prazer, pega o que lhe parece mais precioso e raro e volta correndo para casa, para entregá-lo a um museu imperial, o que temos não é uma pesquisa arqueológica, mas uma pilhagem cultural. Sem uma estratigrafia científica, isto é, sem a localização exata de cada item na sua própria camada cronológica, pode-se tirar praticamente qualquer conclusão a partir de qualquer objeto. Mas se a arqueologia hoje em dia já descobriu a importância absoluta da estratigrafia, a pesquisa do Jesus histórico [mais amplamente, dos cristianismos nascentes] ainda perde tempo com uma espécie de pilhagem textual, com investigações a respeito da tradição de Jesus que não partem de uma estratigrafia geral, nem explicam porque se dá mais atenção a um determinado item em detrimento dos outros. Fica-se, então, com a impressão de que o pesquisador já sabe os resultados de sua busca antes dela começar.<sup>631</sup>

O que se interpõe para que a pesquisa em obras do paleocristianismo possa ter validade neste século XXI, é que obrigatoriamente terá que romper com essa impressão de profundo

---

por Morton Smith (1978); enquanto figura carismática da Galileia por Geza Vermes (1981-84); como um rabino da Galileia por Bruce Chilton (1984); como um hillelita ou profetarioseu por Harvey Falk (1985); e enquanto um profeta escatológico, segundo Ed Parish Sanders (1985). Nem todos estes trabalhos são igualmente convincentes, mas demonstram a profundidade da questão. Mesmo mantendo o consenso da ambientação judaica, cada exegeta corre o risco de dar uma face diferente a Jesus. Os trabalhos não se limitam a estes citados. Temos Borg (1984) e Horsley (1987), entre outros bem qualificados, que contêm elementos e *insights* que seriam mantidos em sínteses futuras.

<sup>631</sup>

CROSSAN. 1994. *op.cit.*, p.27.

subjetivismo na questão teoria e método, tanto para os desdobramentos na demanda antropológica<sup>632</sup>, como na histórica<sup>633</sup> e também na literária. Os tríplexes expedientes devem se empreendidos por completo e na mesma intensidade, igualitária e interativamente, para uma síntese eficaz.

Porém, no nível literário ou textual? Por que haveria de ter algum problema, perguntaria alguém? Não estamos acostumados com bibliotecas repletas de comentários e edições? Os “sinóticos” Mateus–Marcos–Lucas (relatos da Galileia provinciana) e João (informes da Jerusalém cosmopolita) não seriam suficiente biografia sobre este campesino do Mediterrâneo do século I? Não foram estas obras compostas num período de 75 anos depois da sua morte, por indivíduos ligados direta ou indiretamente a ele? Não seria isto equivalente ou até mais do que temos de Tiberius Claudius Nero Cæsar, imperador romano que foi seu contemporâneo, cuja vida foi escrita por Veleius Paterculus, Cornelius Tacitus, Suetonius Tranquillus e Dion Cassius, sendo que só o primeiro teve contato com ele (outros de 75 a 200 anos depois da sua morte)?<sup>634</sup> Qual é, então, o problema literário da tradição textual canônica acerca de Jesus, Pedro ou qualquer outro seu discípulo?

No fundo, é exatamente esse testemunho quádruplo (simplificando a questão atendo-se só a estes, ignorando outros documentos heterodoxos) – que constitui o nosso problema literário. Se lidos verticalmente (do início ao fim) a sensação é de harmonia e unidade. Se lido horizontalmente (quádrupla coluna) a sensação é outra – a de desconformidade, como característica capital nos quatro textos. Isto já era percebido do século II, por pagãos como Κέλσος (= Celsus) e pelos defensores do cristianismo – *e.g.* Flavius Augustus Justinus (= o Mártir), Tatianus (= Taciano, o Sírio) e Μαρκίων Σινώπης (= Marcião, de Sínope) que tinham plena consciência das divergências. Duas soluções foram levantadas: a de Μαρκίων Σινώπης que recomendava a banimento todos os Evangelhos com exceção a um, ou fazer uma colagem de modo a compor um único extrato narrativo; recurso que, com bastante

---

<sup>632</sup> *id. ibid.* No nível da antropologia teríamos que discutir, *e.g.*, estudos como o de Ioan Lewis sobre religiões extáticas (1971), artigos de Peter Worsley sobre sistemas medicinais (1982); as refeições de Jesus passariam pelos estudos de Petar Farb e George Armelagos sobre o ato de comer (1980).

<sup>633</sup> No nível do histórico, textos como o de John Hull sobre magia helenística e tradição sinótica (1980); e os estudos de Dennis Smith sobre aspectos históricos acerca de obrigações sociais no contexto das refeições comunitárias (1980).

<sup>634</sup> CROSSAN. 1994, *op.cit.*, p.29.

probabilidade, precedia a Justinus, mas que este adotou juntamente com o seu pupilo, Tatianus – τό διὰ τεσσάρων εὐαγγέλιον<sup>635</sup>.

Através dos séculos XIX e XX, Crossan<sup>636</sup> aponta esboços comparativos dos Evangelhos que lograram êxito em suscitar teses irrefutáveis e assim os resume a sua mais reconhecida obra – *The historical Jesus*: (i) Existem diversos Evangelhos afora o NT. (ii) Os quatro Evangelhos *canônicos* não são uma coletânea completa nem uma eleição casual dos escritos disponíveis na época, mas uma seleção deliberada num processo em que diferentes evangelhos foram abdicados não só pelo teor, mas até mesmo pela forma. (iii) A retenção e a preparação do material histórico estão presentes nos *canônicos* e nos extracanônicos. (iv) As desconexões entre as várias narrativas e variantes não é tão somente lapso de memória nem diferença de realce, mas o que temos são hermenêuticas teológicas conscientes a respeito de Jesus e dos personagens que o cercaram. (v) Um claríssimo exemplo de *iv* ocorre quando Mt e Lc utilizam-se de material escriturístico de Mc como fonte do que Jesus disse ou fez à estes que o rodearam, e apresentam uma assustadora destreza ao omitir, adicionar, modificar, emendar e até criar certas passagens dentro das suas próprias narrativas.

Uma das consequências mais inevitáveis, certamente recai sobre o acertado nome dado a este gênero, que não é por definição *scrito sensu* nem biografia nem narrativas históricas da Antiguidade, mas o que mais tarde realçará o conceito incorporado – εὐαγγέλιον, qual seja, as Boas Novas (εὐ = o *bom* que está sujeito a interpretação ou o juízo de uma comunidade; ἀγγέλιον (ou –α no plural = as *novas*) que noticiam a pluralidade. Encontramos na seção III.39.15 da Ἐκκλησιαστικὴ Ἱστορία<sup>637</sup> quando Eusebius Pamphili (de Cesareia) cita Παπίας Ἱεραπόλεως<sup>638</sup> em 140:

Isto o ‘presbítero’ costuma dizer: “Marcos que realmente se tornou o primeiro intérprete de Pedro, escreveu com exatidão, tanto quanto podia

<sup>635</sup> *Através do Tesouro do Evangelho* ou *Diatessaron*, é uma harmonia dos quatro Evangelhos canônicos, texto que permaneceu nas igrejas orientais até o séc. V e cuja composição original não chegou até nós, mas dispomos de comentários, e.g. Ἐφραίμ ὁ Σῦρος (= Efrém, o Sírio); além das trad. armênia, latina, árabe, persa, georgiano, κτλ, segundo DROBNER, *op.cit.*, p.90.

<sup>636</sup> CROSSAN. 2004, *op.cit.*, *in to.op.*

<sup>637</sup> *H.E.* é de 336.

<sup>638</sup> Οὐ ὁ Ἱεραπολίτης; (= Papias, bispo de Hierápolis).



relembrar, sobre as coisas feitas ou ditas pelo Senhor, embora não em ordem”. Pois ele nem ouvira ao Senhor nem fora seu seguidor pessoal; mas em período posterior, conforme eu disse, passara a seguir Pedro, *que costumava adaptar os ensinamentos às necessidades do momento, mas não como se estivesse traçando uma narrativa corrente* dos oráculos do Senhor; de tal forma que Marcos não incorreu em equívoco ao escrever certas questões, conforme podia lembrar-se delas. Pois tinha apenas um objetivo em mira, a saber, não deixar de fora coisa alguma das coisas que ouvira e não incluir entre elas qualquer declaração falsa.<sup>639</sup>

Portanto, estabelece-se uma noção abrangente do problema que envolve a tão imperiosa estratificação dos escritos antigos e dos reptos no trato com linguagens decorridas deste ambiente multifacetário dos cristianismos dos séculos iniciais. Não haverá devido escólio do que significou, do que a obra quis dizer ao leitor-alvo – *intentio operis* ou de como se deu a recepção de *AtsPe* junto ao primeiro público - *intentio lectoris*, senão houver uma diligência profícua para situar cronologicamente este escrito.

## II. Texto sensível e os critérios de análise de historicidade ou “não-historicidade”

Um exemplar constrói um estereótipo que evidencia as bordas da tênue linha divisória dos chamados *textos sensíveis* e o quanto podem sê-lo immanentemente aqueles nesta categoria circunscritos:

Textos religiosos e sagrados, discursos políticos, textos legislativos, manifestos, pode-se dizer que Simms, 1997 (Em *Translating sensitive texts: linguistic aspects*) a sensibilidade de um texto não está nele, mas na forma como é lido: “A introdução no ânus é muito facilitada pela aplicação de gelatina lubrificante” (idem, p. 4). Objetável para jovens de boas famílias? Talvez. Não objetável,

---

<sup>639</sup>

CHAMPLIN. vol. I, *op.cit.*, p.657 (*italico* nosso).

contudo, quando encontrado em um texto de medicina.<sup>640</sup>

Mas não se trata tão-somente de uma demanda de leitura. Nos textos religiosos tal aspecto é muitas vezes potencializado pela exigência da questão da historicidade ou ‘não-historicidade’. Qual a ponderação que tem levado *experts* afirmar que um axioma ou um evento que conste nos Evangelhos ou em algum apócrifo validamente foi proferido ou materializado por um personagem histórico? Tais deliberações sobre historicidade ou não-historicidade podem parecer discricionárias ou simples ‘apostas no escuro’. Mas a segunda metade do último século tem proporcionado um refinamento dando maior objetividade nos juízos críticos desta investigação. No conjunto de livros – *Um Judeu Marginal*<sup>641</sup> (ainda em andamento), o historiador americano John Paul Meier introduz a temática e enumera as principais ferramentas dessa busca.

A mais importante destas é conhecida como o “critério da contradição”<sup>642</sup>, que trata basicamente de episódios e ditos potencialmente embaraçosos para esses séculos I-III dos cristianismos. É um princípio de dialético fácil: a capacidade criadora dos escritores

---

<sup>640</sup> CONGRESSO INTERNACIONAL DE TRADUÇÃO *Nas Trilhas da Tradução*. Site oficial. UFOP – 2009. (on-line). < <http://www.nastrilhasdatraducao.ufop.br/traducaodetextossensíveis.html> >, acessado em 27/02/2011.

<sup>641</sup> MEIER, John Paul. *Um Judeu Marginal: repensando o Jesus Histórico*. vol.2. liv.1. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Teólogo, ex-professor da cátedra de NT Dep. de Estudos Bíblicos – Univ. Católica da América do Norte (desde 1984). Professor de NT na Univ. de Notre Dame, USA. Doutorou-se em Escrituras Sagradas (1976), Instituto Bíblico de Roma, com louvor máximo e recebeu a comenda papal de ouro. Antes condecorado em 1968, quando completou o Curso de Teologia, Univ. Gregoriana, Roma. Ex-presidente (1990-1991) da Catholic Biblical Association. Escreveu consideráveis obras e artigos sempre preferindo o método histórico-crítico. Foi o ed. chefe do *Catholic Biblical Quarterly*. O notável produto da sua pena, *Um Judeu Marginal* (4 vols.), não é um empreendimento pessoal, mas faz parte da biblioteca de referência – *Anchor Bible Reference Library* e, conseqüentemente, Meier não pôde ficar circunscrito a mostrar apenas suas cômodas posições, deixando passar ao largo vozes contestatórias e antagônicas e, por isso, é uma mostra bastante extensa e representativa do tema.

<sup>642</sup> MEIER. 1996, *op.cit.*, vol.2. liv.1. Ele ainda menciona outros como: “critério da descontinuidade”, “critério da múltipla confirmação de fontes”, “critério da coerência” e o “critério da cruz”. Seria impossível abarcá-los aqui.

cristãos, ao documentarem a tradição oral sobre os personagens bíblicos, dificilmente dar-se-iam à lide de arquitetar historietas que pudessem confundir ou embaraçar acerca do seu Mestre ressurreto ou dos personagens que mais de perto o rodearam. Meier vai argumentar que a composição dos Evangelhos (e dos principais textos e dos gêneros cristãos) não foi um ‘vale-tudo’, tendo em vista a coexistência com uma tradição de oralidade muito viva naquele meio<sup>643</sup> e originária das *αὐτόπται* (= *testimonia* oculares), primeiro grupo de cristãos, enquanto o NT estava sendo escrito. “Os escritores cristãos não se sentiam à vontade para com facilidade varrer os acontecimentos constrangedores para debaixo do tapete”<sup>644</sup>. O livre-arbítrio máximo encontrava seu limite, segundo Meier, na prática de uma hermenêutica teológica o mais admissível possível a estas ocorrências que potencialmente pudessem disseminar desconfiança acerca do papel de Jesus (como Cristo, Messias) e sobre o prelado apostolar.

Na cena batismal Jesus, o que ocorre a João, o Batista, é paradigmática para o emprego do “critério do constrangimento”, também do quanto os escritos padeceram reinterpretações teológicas sucessivas para contornar a questão. O que demonstra que para uma adequada leitura e interpretação, pressupostos básicos de uma adequada tradução, é necessário realocar o escrito primeiramente na devida camada ou estrato, de acordo com a episteme aqui professada. Acerca disto, Voigt diz:

O batismo de Jesus por João é um desses casos, (...) “Se o batismo de João é para o arrependimento [dos pecados], porque Jesus precisaria ser batizado? Como Jesus, o Messias, poderia ser batizado por alguém teoricamente inferior a ele?”, diz o pesquisador. (...) a tradição cristã resolve isso por meio do “testemunho” de João – afirmações do profeta de que ele teria vindo apenas para proclamar a chegada de Jesus e de que, na verdade, ele não seria digno de batizá-lo.<sup>645</sup>

---

<sup>643</sup> *id. ibid.* Particularmente o cap. *Indícios e Provas da Tradição oral e suas implicações tradutórias.*

<sup>644</sup> MEIER, John Paul. *A Marginal Jew: Rethinking the Historical Jesus*. vol. I. *The Roots of the Problem and the Person*. 1ª. ed. New York: Doubleday, 1991, p.237.

<sup>645</sup> VOIGT, Emilio. Entrevista em 22/06/2008 ao G1/Globo.com (*on-line*), < <http://www.gazetadopovo.com.br/mundo/conteudo.phtml?id=779091> > ,

Este episódio, pelo amplo conhecimento público, certamente ilustrará melhor para percebermos que a “sensação de harmonia”, que muitos evocam nas suas leituras de um dado Evangelho, rapidamente vai para o outro extremo quando lemos o mesmo episódio em quádrupla coluna, ou melhor, em muitas outras mais. Para visualizar melhor propomos alguns textos relativos a este batismo segundo Ribeiro<sup>646</sup> sugere na sua pesquisa, embora ele mesmo tenha se restringido apenas ao âmbito dos *canônicos*. Incluímos também os apócrifos e as respectivas datações apontadas pelos estudiosos para atender a uma proposta de estratificação, proposta de Crossan. A síntese de Ribeiro é: no *Evangelho de Marcos, e.g.*, João, o Batista, com facilidade batiza Jesus, sem que haja diálogo ou qualquer afirmação para destacar a posição submissão do profeta a Cristo. No *Evangelho mateano*, o texto já vem com uma declaração explícita, colocada na voz de João Batista, de que “Jesus é que deveria batizá-lo”<sup>647</sup>, e não o oposto. O *Evangelho lucano*, mais tardio ainda, mencionará curiosamente em primeiro lugar a prisão do Batista para só então, empós, discorrer sobre o batismo de Jesus e sem dar notícia do nome do batizador. O *Quarto Evangelho* é o mais radical na medida em que nem alude em momento algum o batismo de Jesus. E conclui Ribeiro:

É interessante como, conforme a compreensão dos primeiros cristãos sobre Jesus vai evoluindo e ele passa a ser encarado cada vez mais como divino, a necessidade de tornar clara a superioridade de João em relação a Jesus aumenta [*sic*, é o contrário]. Em Marcos, que é o Evangelho mais antigo, isso ainda não é um problema tão grande.<sup>648</sup>

---

acessado 04/01/2011; na ocasião da descoberta pelo arqueólogo britânico Shimon Gibson de uma caverna do séc. I, nas cercanias montanhosas de Jerusalém onde João, o Batista, teria iniciado seus batismos para purificação de pecados. Doutor em NT e coordenador de ensino à distância da Escola Superior de Teologia de São Leopoldo/RS.

<sup>646</sup> RIBEIRO, Luiz Fernando. Entrevista; convidado como especialista a falar para em 22/06/2008 ao G1/Globo.com. (*on-line*). *ibid.* Prof. da pós-graduação em história do cristianismo antigo da Universidade de Brasília (UnB) que concluiu seu doutoramento na Universidade de Toronto.

<sup>647</sup> *cf* Mt 3,14.

<sup>648</sup> RIBEIRO. *ibid.*

Para darmos seqüência a boa ideia proposta anteriormente, vamos expor esta passagem mais rigorosamente em contato outros textos apócrifos que mencionam o episódio do batismo de Jesus e estabelecer aquilo que Crossan chamou de “estratificação”. Trata-se de camadas de textos por datação, numa antologia expandida através dos canônicos e apócrifos, com o recurso das datações fornecidas pelos *scholars*. O que perceberemos é uma condição de controle e administração do que se poderia chamar de “prejuízos teológicos”. Percebe-se abaixo que a tradição não acolhe com naturalidade o episódio de João batizar Jesus. A sensação seria de algo como: Jesus um pecador e “o Batista” um superior:

E quando o Senhor saiu da água<sup>649</sup> aconteceu que toda a fonte do Espírito Santo desceu sobre ele e disse: Meu filho, em todos os profetas eu esperava por ti, para que pudesse descansar sobre ti. Tu és meu descanso; és o meu primogênito, que reinará para sempre. *Evangelho dos Hebreus*<sup>650</sup> (datação de c<sup>a</sup>.50): cap.2.<sup>651</sup>

O *Proto Evangelho de Marcos*<sup>652</sup> (datação c<sup>a</sup> 70: *Mc Secreto (proto)*; c<sup>a</sup>.79: *Mc* conhecido) oferece sem dificuldades a narrativa do

---

<sup>649</sup> Caráter nitidamente mitológico comum na Antiguidade que deve ter neutralizado esta questão de inferioridade e superioridade.

<sup>650</sup> O *Ev. Heb.* – in: KOESTER, Helmut. *Introduction to the New Testament*. vol.II. *Foundations and Facets*. Philadelphia: Fortress Press, 1982, pp.223-4. Originário do Egito, datado de 50. Dele não restou *frgg.* Conhecido somente por 7 citações da patrística e por sua independência dos *Ev.* canônicos.

<sup>651</sup> HENNECKE; SCHNEEMELCHER. 1959, *op.cit.*, pp.1162-4. Também CAMERON, Ronald D. *The Other Gospels: Non-canonical Gospel Texts*. Philadelphia: Fortress Press, 1982, p.84-5: “os relatos da vida anterior de Jesus, a sua chegada, o batismo e a tentação (...) são narrativas mitológicas reduzidas. Eles pressupõem o mito da descida da Sabedoria Divina, que teria tomado a forma definitiva de um representante da raça humana para trazer a revelação e redenção para toda a humanidade. Este mito era muito comum no mundo greco-romano e está por trás de muitas das formulações que os primeiros fiéis fizeram a respeito de Jesus”.

<sup>652</sup> O *Ev. Secreto de Marcos(a)*, versão *proto* do *Ev. de Marcos* continha algumas narrativas que não restaram na versão final e, teria sua composição no início dos anos 70, segundo SMITH, Morton. *The Secret Gospel: The Discovery and Interpretation of the Secret Gospel According to Mark*. New York: Harper & Row, 1973<sup>A</sup>; também *id.* *Clement of Alexandria and Secret Mark: The Score at the End of the First Decade*. Cambridge: Harvard University Press, 1973<sup>B</sup>. Estas

batismo – Mc 1,9 (BJ): “Nessa ocasião Jesus veio de Nazaré, uma pequena cidade da região da Galileia, e foi batizado por João Batista no rio Jordão.” E em seguida, a epifania – 1,10-11: “No momento em que estava saindo da água, Jesus viu o céu se abrir e o Espírito de Deus descer como uma pomba sobre ele. E do céu veio uma voz, que disse: – Tu és o meu Filho querido e me dás muita alegria.” Os dois elementos apresentam vários problemas e soluções a partir de textos derivativos do *Evangelho de Marcos*, onde alguns optam por apagar ou negar o batismo, ou então ofuscá-lo dando mais ênfase a epifania. Notem-se a seguir a progressão e o esforço apologético das comunidades e dos escritores cristãos posteriores.

No *Evangelho* lucano<sup>653</sup> (datação redação final c<sup>a</sup> 89-90), tendo como fonte o *Evangelho das Sentenças Q1, Q2, Q3*<sup>654</sup> (a pregação de João é mais interessante que os rituais batismais, datação c<sup>a</sup> 50), o *Evangelho de Marcos* e o *Evangelho da Cruz*<sup>655</sup> (datação c<sup>a</sup> 50), a narrativa do

---

narrativas de pronto receberam interpretação gnóstica libertina (erótica) – protocarpocracianos, conforme CROSSAN. 2004, *op.cit.*, p.468 menciona; também Paulo os teria encontrado também em Corinto. — A versão seguinte do *Ev. de Marcos*, eliminou estas passagens, mas restaram indícios ao longo do texto; KOESTER. 1982, *op.cit.*; CROSSAN. 1985, *op.cit.*; *id.* 2004, *op.cit.*, p.468, usando possivelmente a menor reescrita possível e no final dos anos 70 (78-79).

<sup>653</sup> O *Ev. de Lucas*, talvez tenha sido escrito antes de 90, porém seguramente antes de Jo 1-20 que se baseia neste para os relatos da paixão e ressurreição. Tem como fontes: o *Ev. Das Sentenças Q* e o *Ev. de Marcos* para relatos anteriores a paixão, e no *Ev. de Marcos* e no *Ev. da Cruz* para os relatos da paixão e ressurreição, cf CROSSAN, John Dominic. *The Cross That Spoke: The Origins of the Passion Narrative*. San Francisco: Harper & Row, 1988, especialmente pp.50-88.

<sup>654</sup> O *Ev. das Sentenças Q*, é uma coletânea de λόγοι dos anos 50, mais elaborada que o *Ev. de Tomé*. Local de composição provável é Tiberíades, Galileia. Não há relatos acerca da paixão e ressurreição, tem a mesma temática dos *Ev. de Tomé* e *Ev. dos Hebreus* no mito acerca da Sabedoria, cf KLOPPENBORG, John S. *The Formation of Q: Trajectories Ancient Wisdom Collections. Studies in Antiquity and Christianity*. Philadelphia: Fortress Press, 1987; *id. Q Parallels: Synopsis, Critical Notes, and Concordance*. Sonoma: Polebridge Press, 1988. No *Ev. das Sentenças Q* há 3 estágios cronológicos: um sapiencial – 1Q; um segundo apocalíptico – 2Q; e o último uma espécie de introdução posterior – 3Q. Kloppenborg irá destacar extensamente nas suas obras que é citado sempre nestas “três rubricas”.

<sup>655</sup> O *Ev. da Cruz* restou inserido no *Ev. de Pedro*. Composto até os anos 50, possivelmente em Séforis, Galileia. Trata: da crucificação e deposição – 1,1-

batismo ocorre – note: curiosamente depois da prisão de João, o Batista, cf Lc 3,19-20 nem se menciona o batizador, mal faz referência ao batismo e sai numa “arrancada” sintática, segundo Kloppenborg<sup>656</sup>, em direção à oração e à epifania – Lc 3,21-22 (BJ):

Depois do batismo de todo aquele povo, Jesus também foi batizado. E, quando Jesus estava orando, o céu se abriu, e o Espírito Santo desceu na forma de uma pomba sobre ele. E do céu veio uma voz, que disse: – Tu és o meu Filho querido e me dás muita alegria (...).

O *Evangelho* mateano<sup>657</sup> (datação c<sup>a</sup> 90) irá tratar de frente a dificuldade do constrangimento que o batismo de Jesus representa. Depois de muita insistência de Jesus é que João decide batizá-lo, depois da contundente declaração colocada na voz de João, todavia por uma *necessidade divina* – Mt 3,13-15 (BJ):

Naqueles dias, Jesus foi da Galiléia (*sic*) até o rio Jordão a fim de ser batizado por João Batista. Mas João tentou convencê-lo a mudar de idéia (*sic*), dizendo assim: – Eu é que preciso ser batizado por você, e você está querendo que eu o batize? Mas Jesus respondeu: – Deixe que seja assim agora, pois é dessa maneira que faremos tudo o que Deus quer. E João concordou.

---

2 e 2,5b-6,22; do túmulo e guardas – 7,25 e 8,28-9,34; e ressurreição e confissão, 9,35-10,42 e 11,45-49. Dois estudos destacam o seguinte: é a única fonte das narrativas da paixão intracanônicas, cf CROSSAN, 1985 e 1988, ambas *op.cit.* Outra possibilidade seria, segundo KOESTER, Helmut. *Ancient Christian Gospels: The History and Development*. Londres: SCM Press; Philadelphia: Trinity Press International, 1990, p.220, que uma única fonte da paixão teria sido usada de forma independente pelo *Ev.de Marcos*, *Ev. de João* e *Ev. de Pedro*.

<sup>656</sup> KLOPPENBORG, 1988, *op.cit.*, p.16.

<sup>657</sup> O *Ev. de Mateus*, o único do NT canônico a ser escrito em *aram.* ↔ *gr.*, por volta dos anos 90, provavelmente em Antioquia, Síria. Com evidência da *παράταξις* semítica e elementos judaicos da Midraxe. Tem como fontes: o *Ev. Das Sentenças Q* e o *Ev. de Marcos* para relatos anteriores a paixão, e no *Ev.de Marcos* e no *Ev. da Cruz* para os relatos da paixão e ressurreição; CROSSAN, 1988, *op.cit.*

No *Evangelho dos Ebionitas*<sup>658</sup> (datação c<sup>a</sup> 140) também irá buscar na *necessidade divina* uma forma de contornar o constrangimento, só que agora a súplica é de João pelo batismo, mais enfática e feita de joelhos: “João prostrou-se aos seus pés e disse: ‘Peço-vos, Senhor, que me batizes’. Mas ele levantou-o e disse: ‘Deixe estar, pois isso é preciso para que tudo se cumpra’.”

O *Evangelho dos Nazarenos*<sup>659</sup> (datação c<sup>a</sup> 130) apresenta uma a negação que tal batismo tenha ocorrido:

Eis que a mãe do Senhor e seus irmãos disseram a ele: o batizado pelas mãos de João traz o perdão para todos os pecados; vamos pedir-lhe para que nos batize. Mas ele respondeu: Quando foi que eu pequei para ser batizado por ele? A não ser que aquilo que eu tenha sido uma ignorância [quer dizer: pecar por ignorância].

O *Evangelho joanino*<sup>660</sup> (versão II, datação c<sup>a</sup> 120) que provavelmente dependia das fontes sinóticas para tradição do batismo.

---

<sup>658</sup> O *Evangelho dos Ebionitas* 4. – in: HENNECKE; SCHNEEMELCHER. 1959, *NTA... op.cit.*, pp.1157-8; também – in: CAMERON, *op.cit.*, p.105. Sete pequenas partes deste evangelho são citadas por Epiphanius (de Salamina) no final do séc. VI. O texto teria sido escrito pelos meados do séc. II, e cf KOESTER, 1982, *op.cit.*, pp.2202-3 e cf CAMERON, 1982, *op.cit.*, pp.103-4 seria uma versão combinada dos *Ev. de Mateus*, *Ev. de Lucas* e com alguma possibilidade também do *Ev. de Marcos*.

<sup>659</sup> O *Ev. dos Nazarenos* 2; *NTA, op.cit.*, pp.1146-7; também CAMERON. *op.cit.*, p.99. É um conjunto de 23 recortes de uma extensa trad. do *Ev. de Mateus* do gr. → aram./ou/ → syr. Temos conhecimento através de citações dos Pais da Igreja e de notas marginais existentes numa recensão (família) de 36 manuscritos feitos a partir do *Ev. de São*, por volta de 500. A trad. era de meados do séc. II; KOESTER. 1982, *op.cit.*, pp.2.201-2; também CAMERON. *op.cit.*, pp.97-8.

<sup>660</sup> O *Ev. de João* teve uma primeira versão no início do séc. II em resposta ao crescimento e aceitação dos sinóticos. Trata-se de uma combinação do *Ev. dos Sinais* (de João) com as tradições sinóticas da paixão e ressurreição. Segundo CROSSAN. 1988, *op.cit.*, há uma dependência um tanto criativa do *Ev. da Cruz* (e dos sinóticos para as narrativas de paixão e ressurreição). Chegou até nós um *frgg.* deste Evangelho do ano de 125. Uma segunda versão incluiria Jo 21, mostra a ascendência dos sinóticos e também de Pedro. É bastante cogitado que passagens como Jo 1,1-18 (prólogo), 6,51b-58 (convite ao pão e vinho eucarístico), caps. 15, 16 e 17 (acerca da videira e os ramos, missão do παράκλητος, palavras de despedida e a oração pela unidade dos cristãos –



Desvia-se de qualquer menção ao batizado de Jesus (em João perdido para sempre) e prefere dar ênfase ao testemunho de João (referindo-se ao Batista) a seu respeito de Jesus. No *Quarto Evangelho (de João, o Evangelista)* João (o Batista) não recebe nenhuma vez o codinome de “o Batista” – Jo 1,32-34 (BJ):

E João testificou, dizendo: Eu vi o Espírito descer do céu como uma pomba e repousar sobre ele. E eu não o conhecia, mas o que me mandou a batizar com água, esse me disse: Sobre aquele que vires descer o Espírito e sobre ele repousar, esse é o que batiza com o Espírito Santo. E eu vi e tenho testificado que este é o Filho de Deus.

Outras duas citações a partir de Ἰγνάτιος Ἀντιοχείας (Inácio, de Antioquia), também conhecido pelo nome grego de Θεοφόρος (Teóforo = “portador de Deus”, bispo de Antioquia, Síria), escritas por volta de 100 quando ele passou por Esmirna e Trôade sendo conduzido através da Ásia Menor em direção a Roma para passar pelo martírio. Apresentam explicações diferentes das anteriores para o batismo de Jesus: “O nosso Senhor (...) realmente é da família de Davi pela carne, é Filho de Deus pela vontade e o poder de Deus, de fato nasceu de uma virgem e foi batizado por João para que toda a virtude se cumprisse através dele (...)”.<sup>661</sup> Como não há evidência que Ἰγνάτιος Ἀντιοχείας (Inácio, de Antioquia) tenha lido o *Evangelho* da comunidade mateana, a palavra “virtude”<sup>662</sup> aplicada a João presume a leitura e a dependência de uma fonte comum. A explicação é mais mitológica: uma ligação entre o batizado e a paixão, o batismo purifica a água como o seu enterro purificaria a terra. “Pois o nosso Deus, Jesus Cristo, foi carregado no útero por Maria, de acordo com os desígnios de Deus: era semente de Davi e do Espírito Santo. Ele nasceu e foi batizado para que purificasse a água através de seu sofrimento.”<sup>663</sup> O caráter mais mitológico desta derradeira

---

chamada sacerdotal (impropriamente), e as passagens do “Discípulo Amado”, pertençam ainda a versões mais recentes.

<sup>661</sup> Ἰγνάτιος Ἀντιοχείας (Inácio, de Antioquia). *ad Smyrnaeos*, I,1; KOESTER, Helmut. *Synoptische Überlieferung bei den Apostolischen Vätern*. – in: TU 65. Berlin: Akademie, 1957, p.59.

<sup>662</sup> Mt 3,14-15; 21,32.

<sup>663</sup> Ἰγνάτιος Ἀντιοχείας (Inácio, de Antioquia). *ad Ephesios*, XVIII,2. – in: SCHOEDEL, Willian. *Ignatius of Antioch: A Commentary on the Letters of*

citação “está mais próxima do mundo teológico de Inácio” – o seu batismo purificaria a água e o seu enterro a terra.

Neste momento já podemos intuir acerca dos textos produzidos no cristianismo nascente que: (i) que o batizador foi João e o batismo ocorreu de fato, devido ao constrangimento<sup>664</sup> que o evento produziu. Porém, a hermenêutica da significação deste batismo ainda é um caminho cuja maioria dos passos está por ser dada... (ii) que não há uma correta leitura, interpretação e também tradução sem a devida implantação das camadas dos textos (estratigrafia); (iii) que as questões teológicas potencializam as dificuldades de tradução para além das dificuldades textuais, linguísticas ou históricas.

---

*Ignatius of Antioch. – Hermeneia: A Critical and historical Commentary on the Bible.* Philadelphia: Fortress Press, 1985, pp.8 e 222.

<sup>664</sup> Pelo mesmo critério de análise poderíamos trabalhar muitas outras questões como: (i) Jesus nasceu em Belém ou Nazaré? Ou seja: temos um Jesus de Belém ou um Jesus de Nazaré? Assim, faríamos uso de outras fontes como: *Antiguidades Cristãs* de Flávio Josefo para eventos naturais (e.g. cometas), as atas e documentos imperiais para alguma informação de recenseamentos, κτλ. Outros fatos constrangedores: (ii) os parentes de Jesus e habitantes de Nazaré o rejeitam como profeta. Por quê? (iii) a traição de Judas Iscariotes e citações de Jesus de que “*somente o Pai*” sabia a era do fim dos tempos (desconfiança sobre a onisciência do Profeta galileu), (iv) teme a aproximação da morte e, pregado na cruz, pergunta por que Deus o abandonou. Para MEIER. 1996 e 1998, *op.cit.*, o registro de tantas circunstâncias potencialmente desencorajadoras sobre Jesus demonstra a pouca liberdade dos escritores cristãos para conduzir suas narrativas ao bel-prazer. Tal conservadorismo alarga, de alguma forma, a fiabilidade do arcabouço básico dos fatos narrados em tais textos. A lista seria extensa, e poderia ser acrescentadas questões como: (v) Maria Madalena foi a prostituta-arrepentida-redimida que todos conhecemos? Certamente não. Mas qual teria sido a reelaboração teológica que daria fundo a isto? Seria a liderança feminina crescente em cristãos? (vi) Paulo, o apóstolo dos gentios que morre em Roma, cidade do episcopado de Pedro, sem a menção de alguma visita cordial deste? Seria apenas uma desgastante disputa de liderança? Assim, muitas destas questões, alcançam os personagens mais importantes deste ambiente que circunscreve os primeiros cristãos.

### III. Problematização das questões de linguagem

Um resumo da questão nos levará a indagações básicas *infra*, e talvez, a muitas outras: O quanto há de influência semítica na língua grega do *AtsPe*? Será que o grego do NT é a matriz linguística – estilo, sintaxe e léxico – para *AtsPe*? O quanto o κοινή de *AtsPe* e do NT se aproximam ou se afastam do grego clássico, ou melhor ainda, do κοινή literário, e disto dependerá a validação do uso ou não de determinadas gramáticas, depositários lexicográficos, κτλ.? Quanto o grego de *AtsPe* teria sido afetado por outras influências que não a linguagem do NT? E que dizer do latim bárbaro do *AV*? Contaminado por outras fontes ou mais fiel ao original grego de *AtsPe*? O tradutor latino do *AV* e autor grego de *AtsPe* são a mesma pessoa (produção em dupla coluna)? A tradução latina foi ao mesmo tempo e época, patrocinada pela mesma cultura e religião do texto grego? Se o público destinatário original, com alguma segurança, podemos afirmar não era o mesmo: então quais seriam as razões da produção de uma tradução latina dos *AtsPe*? Como estabelecer uma relação mínima de harmonia entre os textos copto-latino e o texto grego?

É bem possível que muitas destas questões não serão aqui obtemperadas, mas é pertinente que saibamos sua existência. As traduções consultadas, mais detidamente ou menos, no processo de reconhecimento do terreno em algum momento da pesquisa (VOUAUX para *fr.*, Paris, 1922; MASTER para *ing.*, Oxford, 1924, reed. 1975; ERBETTA para *it.*, Turim 1969; PIÑERO, para *esp.*, Madrid, 2004; e MORALDI, para *it.*, Turin 1975; FICKER – *in*: HENNECKE, para *al.*, Tübingen, 1924; e por fim MICHAELIS, para *al.*, Bremen, 1975), todas unanimemente chamaram a atenção por serem textos produzidos por religiosos (maioria) ou na ambientação de instituições da Igreja, ou ainda, com os respectivos *nihil obstat* e o *imprimatur*<sup>665</sup> da Igreja, onde a

---

<sup>665</sup> Trata-se de uma antiga autorização dada pela Igreja Católica Romana para publicações, livros e folhetos por católicos sobre fé, moral, teologia, liturgia, livros de oração, edições da Sagrada Escritura, κτλ., – “à igreja, dada a autoridade de ensino por Cristo e como a canal para a plenitude da Verdade na terra, tem a obrigação de preservar a sua ovelha de desvios da verdade e para garantir-lhe a ‘possibilidade objetiva de professar a verdadeira fé sem erro’ (...)” (Catecismo, nº 890 e Direito Canônico, Título IV, Os Meios Sociais de Comunicação, parágrafos 822-832). O selo *imprimatur* (= deixe-o ser impresso) é dado pelo bispo, feita uma revisão e é o anúncio formal de que o texto pode ser lido por católicos. Antes passa por um censor da diocese que avaliza o escrito com o selo *nihil obstat* (= não há nenhuma objeção). Ainda quando o católico que

preocupação recaiu na detida análise das intrincadas questões teológicas e suas implicações, questões históricas e de valor canônico, uma vez que esta obra – *AtsPe* pretendeu circular como texto canônico, aceito por algumas comunidades e em alguns períodos, cf já mencionado. Pouco ou quase nada foi dito acerca das questões linguísticas, dos pressupostos da tradução de cunho religioso, das extensas questões tradutórias do texto por ter-nos restado fragmentado em línguas distintas (grego, latim, copta), talvez épocas, autor e tradutor(es) diferentes, κτλ.

Bem, sabemos que isso não é novidade alguma nos textos religiosos. As “traduções” do *Cântico dos Cânticos de Salomão* – que não é de Salomão nem tem este título<sup>666</sup>, mas antes um poema de amor candente composto por uma mulher (basta ler os primeiros e últimos versos cf <sup>TM</sup> ou  $\mathfrak{S}$ ), de quem o patriarcalismo, por séculos, têm tentado usurpar-lhe a autoria, ilustra bem a até que ponto a questão pode se distender e de como se manifestam-se *sensíveis* os escritos advindos do contexto cristão-palestinense antigo.

#### IV. A língua original dos diversos fragmentos de *AtsPe*

Para concatenar mais perfeitamente a arguição neste Capítulo III, faz-se necessário a rápida menção de que, como será demonstrado *infra*, uma parte expressiva do que nos é legado do *AtsPe* está conservado em latim (*AV*, maior parte da obra, mais dois pequenos *mss.*), de grego

---

pretendente a publicação for membro de alguma Ordem, deverá primeiramente obter o *imprimi potest* (= que pode ser impresso) dado pelo Superior da Ordem. O *imprimatur* não expressa opinião oficial da Igreja nem do bispo, nem tem valor e.g. de uma Encíclica.

<sup>666</sup> Esta pequena obra poética sobre o amor erótico na juventude, de 117 versos, embaraçosa tradução e interpretação quase sempre alegórica. O moralismo da religião cristã inescrupuloso de contínuo tentou distorcer este cântico, que tem o título *heb.* שִׁיר הַשִּׁירִים, אֲשֶׁר לְשִׁלְמוֹהַ (šir ha-ššîrîm 'ašer lišlomoh) com valor superlativo: *O mais belo dos cânticos dedicado a Salomão*, talvez devido a volúpia deste. Um dos *Cinco Megillot*, Megila, *heb.*: המשׁ מגילות, *hamesh megillot* ou *chomeish megillô*), juntadas à Bíblia Hebraica – תנ״ך (= transl. *Tanakh*) pela tradição javista no séc. IV a.C. devido a expressões aramaicas pós-exílicas; lido nos casamentos e na festa judaica *Pechar*. Ficou conhecida com *Cânticos de Salomão*, *Cântico dos Cânticos de Salomão* ou simplesmente *Cânticos* – forma abreviada da Vulgata *canticum canticorum*. A *LXX* a chamou abreviadamente de *Āisma* derivativo do gr. ἄσμα ἁσματων.

contamos com o  $\mathfrak{P}^{\text{Ox}}$  e os *mss.* do Μαρτύριον τοῦ ἁγίου ἀποστόλου Πέτρου, além de o *ms.* copta menor. Uma visada do texto nas três línguas nos permite perceber que o grego é o modelo – e, portanto, anterior ao latim. O copta Sahídico, compatível com século V, nos permite apartá-lo de imediato da discussão, que resta em *lat. versus. gr.* No texto latino<sup>667</sup>, entre outros erros, percebe-se que o tradutor não traduz bem algumas frases, talvez por não compreendê-las claramente (aponta para um autor grego diferente do tradutor latino) ou corta e divide períodos grandes do grego. *cf* Rostalski e Hartés Hernandez que pesquisaram a anterioridade de uma ou outra língua, o grego sempre está por trás do latim (que é uma tradução).

Alguns exemplos<sup>668</sup>:

- I,3-4      *intueri sermonibus* ←  
                  ἀτενίζειν τοῖς λόγοις
- I,13        *factus est (+ fetus, sonus, κτλ.)* ←  
                  ἐγένετο
- II,5        *non tamquam digna* ←  
                  οὐχ ὡς ἄξια
- IV,28      *in quibus faciebat* ←  
                  ἐν οἷς ἐποίει
- VI,28      *mysteriorum communis* ←  
                  τῶν μυστηρίων κοινώνος
- VI,58      *mihi lapidem molarem suspendi* ←  
                  μύλον ὄνικόν μοι κρεμασθῆναι
- X,7        *ne in animo inducas delictorum meorum* ←  
                  μή ἐνθυμήθης τῶν ἁμαρτιῶν μου
- XII,10     *contra faciem tuam* ←  
                  ἐνώπιον σοῦ
- XXVIII,18. *fac filium tuum (huc) adferri* ←  
                  ποίει τὸν υἱόν σου προσενεχθῆναι

Para evitar molestosas anotações críticas, uma vez que os aparatos críticos existentes são discordantes algumas vezes, outras vezes bastante

<sup>667</sup> O latim do AV é bárbaro.

<sup>668</sup> Exemplos reconhecidos por ROSTALSKI, Friedrich. *Sprachliches zu den apokryphen Apostel-Geschichten. I Teil: Wissenschaft, Belaige zum Jahresberichte des Gysmnasiums Myslowitz O-S.* Myslowitz: 1909-10, especialmente pp.10-18; também ss. Aqui somente algumas menções. Também em ARTÉS HERNÁNDEZ. J. A. *Estudios sobre la lengua de los Hechos apócrifos de Pedro y Pablo.* Murcia: Universidad de Murcia, 1999, *Estudios sobre la lengua...*, part. II, pp.99ss.

extensos, para o *Codice de Vercelli* lembramos apenas que os muitos erros do texto latino bárbaro são devido a pronúncia do momento: (i) Troca-se: ‘*ille*’ corrigido para ‘*illæ*’ ‘*æ*’ por ‘*eli*’, e.g. ‘*alii*’ corrigido cf Lipsius, Vouaux et alii para ‘*aliæ*’; ‘*pilea*’ por ‘*pilia*’, κτλ. (ii) ‘*m* final’ que se suprime sem nenhum rigor, e.g. ‘*operam*’ por ‘*opera*’ cf corrige Lipsius, Vouaux et alii em AV XVI,1, ou ainda ‘*mulier Eubola honesta*’ corrigido para ‘*mulierem Eubolam honestam*’ AV XVII,1, κτλ. (iii) *h* inicial sem pronunciar-se, suprime-se, κτλ.

Isto prova que as leituras de latim só se entendem por uma má tradução do grego. Ainda em XXIV,10: *obsetrix*<sup>669</sup> (leia-se *obstetrix*) só se explica porque o tradutor latino leu μαῖά τις em vez do correto que seria μία τις. Em XXX,18 *ignis eius* é resultado de se ter lido τὸ πῦρ αὐτης, em vez de, τὸ παρ’ αὐτης<sup>670</sup>. Os exemplos são numerosos, muito evidentes e dispensam uma extensa argumentação. Portanto, língua original de *AtsPe* é, sem muitas dúvidas, o grego.

## V. Análise das formas, subgêneros e a *intentio operis*

A questão que remete a intencionalidade de *AtsPe* deve estar atrelada fortemente à demanda dos gêneros<sup>671</sup> e subgêneros literários<sup>672</sup>. Se o tradutor deve entender a comunicação do autor, para repassá-la ao público da linguagem meta, logo deve estar atento ao processo pelo qual se dá a comunicação. Toda a comunicação pressupõe um intuito na sua forma e gênero, notório pressuposto – não há comunicação sem intencionalidade. Ou seja, traduzir um texto da Antiguidade como *AtsPe*

<sup>669</sup> Talvez devido ao latim tardio.

<sup>670</sup> AV II: *sed mittatur ignis eius in eam*, traduzido a partir de τὸ πῦρ αὐτης. GUDERMANN. – in: *ad loca*, nt. aparato crítico LIPSIUS. *Aa.*, *op.cit.*, t. I, p.79.

<sup>671</sup> Os mais importantes são: evangelhos, atos de apóstolos, epístolas e apocalipses.

<sup>672</sup> Há uma extensa lista que restaria num estudo a parte, porém os principais são: paradigmas, diálogos didáticos, apotegmas biográficos, parábolas, narrativas de milagres, regras comunitárias, narrativas de paixão, relatos de martírio, ditos proféticos, ditos sapienciais, metáfora, catálogos de vícios e virtudes, sentenças de direito sagrado, ditos com ἤλθον, paradoxos, tradição paranética, homologias, tradição litúrgica, ditos introduzidos com Ἀμὴν, eulogias, doxologias, hinos, κτλ.

carece um *sensus linguae* nas várias línguas quantas estejam abarcadas pelo processo tradutório: (i) língua original – *gr.*; (ii) línguas das traduções envolvidas como *cop.–lat.*; (iii) línguas que participam fornecendo modelos de gênero, estilo, sintaxe, léxico especializado, *background*, elementos de cultura, κτλ. como *heb. – aram.* Para Lohfink, o domínio deste processo é necessário para se “descobrir a finalidade e a intenção da linguagem de um texto”<sup>673</sup>.

Wilhelm Egger estuda a intencionalidade do texto como parte integrante do processo comunicativo, que está determinado pelas funções<sup>674</sup>: (i) expressiva: emocional, mostrar sentimentos<sup>675</sup>; (ii) diretiva: conotativa, apelo ao leitor<sup>676</sup>; (iii) referencial: dá informação ou expõe algum tema<sup>677</sup>; (iv) poética: destacar a forma linguística<sup>678</sup>; (v) de contato: estar próximo aos leitores<sup>679</sup>, seguindo a lista de “atos linguísticos” de Jürgen Habermas. A intencionalidade explícita é facilmente percebida nas formas discursivas, como as cartas. Textos que não possuem apelo direto ao seu público alvo, tem a intencionalidade implícita, cuja percepção é mais complexa porque, em tese, acolhe várias perspectivas. Em tais conjunturas, Egger sugere:

Em algumas narrativas (...) o autor se dirige ao leitor através dos protagonistas (p.ex. Jo 11,4.25s). Outras vezes, a história descreve a solução de um problema, e o leitor pode aprender como comportar-se para conseguir os mesmos resultados. Certos episódios propõem diferentes comportamentos e papéis (*sic*) que podem servir

---

<sup>673</sup> LOHFINK, Gerhard. *Agora entendo a Bíblia*. São Paulo: Paulinas, 1978, p.135. Mas também *uide* pp.36-8; 135-45; 165-70, onde menciona, respectivamente, texto - gênero literário – intencionalidade, e.g.: Mt 23,24 – oráculo profético – provocação; Mc 4,30 – vaticínio – predição; Mc 4,26ss – comparação (iniciando com dativo) – instrução; At 23, 26-27 – carta – comunicar; 1Cor 15,3-5 – pregação – anúncio; κτλ.

<sup>674</sup> EGGER, Wilhelm. *Metodologia no Novo Testamento: introdução aos métodos linguísticos e histórico-críticos*. São Paulo: Loyola, 1994, pp.137ss.

<sup>675</sup> e.g. 2Cor 11; Fp 3,2.

<sup>676</sup> e.g. fórmulas como “rogo-vos”, “exorto-vos”, “ordeno” ou outros imperativos; cf Rm 12,1, 16-17; Gl 4,12, 1Tm 2,1; 6,13; Rm 12,9, 1Cor 7,10;17 e Gl 6,1.

<sup>677</sup> Rm 1-3, 6-7; Gl 3-4.

<sup>678</sup> 1Cor 13; Rm 8,31-39.

<sup>679</sup> Rm 1,10-13; 15,22-24; Gl 4,20.

como proposta ao leitor. Determinada narrativa propõe ao leitor várias possibilidades de opção. Enfim, freqüentemente (*sic*), o relato (por analogia ao drama) induz o leitor a identificar-se inconscientemente com um ou mais personagens, o que envolve não só a mente, mas também o sentimento de quem lê. A função dinâmica das narrativas consiste portanto em convidar o leitor a refletir sobre o próprio comportamento, a conhecer alternativas, a repartir alegrias e dores, e a agir.<sup>680</sup>

Outro aspecto é a intencionalidade genérica – comum aos demais escritos do mesmo gênero; e peculiar – perceptível a partir de um elemento singular de um determinado texto. Os *AtsPe*, pelo caráter mesclado, reúnem subsídios de textos narrativos, mas também dos discursivos. Segundo Egger, para capturar a intenção específica de um texto procede das seguintes perguntas:

Para textos narrativos:

- Com que pessoas do texto simpatiza o texto mesmo?
- Em que medida o texto explicita a que leitor se dirige?
- Que possibilidades de solução propõe o texto acerca de determinados problemas da comunidade (ou do leitor)?
- Com que pessoas simpatiza (ou se identifica) o leitor?

Para textos discursivos:

- Quais são os dados explícitos do texto acerca da finalidade do falar/escrever?
- Que instruções diretas e indiretas para o pensamento e a ação dos leitores aparecem no texto?
- Em que medida emergem problemas nas relações entre autor e o leitor?
- Que valores propõe o texto ao leitor?<sup>681</sup>

Determinadas partes do *AtsPe* levam em conta um arquétipo narrativo que, conseqüentemente, nos permite não inferir ou aguardar do

---

<sup>680</sup> EGGER. 1994, *op.cit.*, p.137.

<sup>681</sup> *id. ibid.*, p.138.



texto informações que ele não intenta dar e retirar aquelas que por ele são oferecidas. Para ilustrar, poderíamos perguntar de onde vieram as tantas pessoas na cena eucarística de *Ato de Pedro* em cop. 140,15-17 e 141, 1-6? O que teria levado Rufina a desejar a Eucaristia das mãos de Paulo em AV II ou o que faziam os presentes naquele lugar ou como tiveram acesso a ceia ou, ainda, de que modo se deu a paralisia de Rufina? Nos textos acima de *AtsPe* temos a presença dos subgêneros do paradigma e apotegma aplicados com fim de ressaltar um dito de Jesus ou uma cena evangélica inicial, sem focalizar as minudências que lhe deram origem. Sendo assim, as buscas por detalhes em uma perícopie deste subgênero escritural raramente logrará réplicas aceitáveis.

A percepção do subgênero auxilia na investigação e tradução de certa perícopie textual. *e.g.*, temos o caso do subgênero parábola, seguidamente, interpretadas como se fossem alegorias. Ao contrário, parábolas normalmente são constituídas de um núcleo central que proporciona uma comparação<sup>682</sup>. Nas alegorias, cada detalhes por si só tem uma significação independente. As hipérboles também são um exemplar que, deliberadamente, extrapolam a locução como forma de estampar melhor a mensagem aos leitores. A identificação de hipérboles poderá evitar que traduzamos literalmente uma frase como “se tua mão direita te faz tropeçar, corta-a e lança-a de ti”<sup>683</sup>. A este respeito Lohfink adverte:

(...) na história da igreja surgiram um sem número de confusões e sofrimentos sem conta, somente porque não se levou na devida consideração a intenção fundamental de determinados gêneros literários e de determinadas formas (...) Certos textos eucarísticos, que queriam transmitir uma mensagem, foram tomados como relatos. Certos textos do Novo Testamento, cujo escopo era exortar, foram tomados como leis. E certos textos eclesásticos, que expressavam uma profissão de fé, foram tomados como informação.<sup>684</sup>

O reconhecimento primeiro do gênero e subgênero de uma perícopie nos permite vislumbrar a circunstância comunitária – *sitz im leben* na qual o texto ganhou seus matizes; também fomenta o aprofundar

<sup>682</sup> WEGNER. 1998, *op.cit.*, p.177.

<sup>683</sup> Mt 6,13.

<sup>684</sup> LOHFINK. 1978, *op.cit.*, pp.37ss.

dos estudos das dificuldades e conjunturas que esses grupos protocristãos “tiveram para construir e defender o espaço para a vivência desta nova fé, lançando progressivamente novas luzes sobre o surgimento e a difusão do cristianismo primitivo”<sup>685</sup>. Este reconhecimento de gênero e subgênero além de, evidentemente, subsidiar a apreciação do conteúdo, por conseguinte, alcança a tradução propriamente dita. Porquanto muitas vezes, como ocorreu na tradução de *AtsPe*, os melhores paralelos para uma perícope puderam ser encontrados em escritos pertencente ao mesmo gênero ou subgênero, *e.g.*, exorcismos seguidos de curas da *Filha do Jardineiro* (*lat.*) ou no *Ato de Pedro* (*cop.*) cujas expressões e fórmulas ganham vivacidade quando colocadas em contato com o subgênero dos exorcismos nos Evangelhos<sup>686</sup>, cenas batismais e eucarísticas, eulogias, doxologias, κτλ.

Ainda várias outras discussões encontram-se em curso, conforme mencionamos *supra*, quanto ao exame formal deste escritos, cujo gênero Πράξεις ou Περίοδοι ou mesmo o romance grego acolhem em uma ou outra medida *AtsPe*, por sua vez, enredado em múltiplos subgêneros do ambiente cultural multifacetário. Por um lado, Bultmann manifestou ceticismo em questões de historicidade, cujo argumento repousa no fato que o ambiente judaico ou greco-romano apresenta narrativas muito semelhantes aos textos do ambiente cristão, o que pode sugerir que “características formais idênticas (...) tivesse[m] sido adotado[as] da literatura circundante”<sup>687</sup>. Porém, a afinidade formal, não atesta por si só, a vinculação de conteúdo, nem analogia pode ser enleada com genealogia. Ainda Dibelius, a partir da perspectiva literária, distingue um “enriquecimento” dos gêneros: dito → paradigma puro → paradigma menos puro → novela → por fim, o mito; ou seja, escritos breves se compuseram em narrativas mais extensas<sup>688</sup>. Hoje, porém tal afirmativa

---

<sup>685</sup> WEGNER. *ibid.*, p.178.

<sup>686</sup> Mc 9,14ss; 7,24ss; 5,1ss.

<sup>687</sup> Estudos de FASCHER, Erich. *Die formgeschichtliche Methode. –in: eine Darstellung und Kritik. –in: zugleich ein Beitrag zur Geschichte des synoptischen Problems.* Giessen: Töpelmann, 1924. Também SCHICK, E. *Formgeschichte und Synoptikerexegese. –in: eine kritische Untersuchung über die Möglichkeit und die renzen der formgeschichtlichen Methode.* Münster: Aschendorffsche Verlagsbuchhandlung, 1940. Ainda GÜTTGEMANN, Erhardt. *Offene Fragen zur Formgeschichte des Euangeliums.* München: Cristian Kaiser, 1970. Arts. *cit.* resumindo as conclusões – in: WEGNER. 1998, *op.cit.*, p.178.

<sup>688</sup> DIBELIUS, Martin. *Die Formgeschichte des Euangeliums.* Tübingen: J.C.B. Mohr, 1919/1971 pp.68, 101, 247.

resta um tanto temerária, porque o estágio atual das pesquisas da ecdótica aponta para coexistência mútua destes subgêneros.

## VI. Aparato crítico *AtsPe*, textos, versões e local de composição

O texto de *AtsPe*, é aqui antes entendido na configuração mais antiga<sup>689</sup> do que em reelaborações posteriores<sup>690</sup>, e está composta por fragmentos, todos em edição crítica ainda não completamente assentada, e colocados em cotejo com fac-símiles e comentários mais antigos. As edições críticas que serão o ponto de partida são as de Vouaux<sup>691</sup>, Schmidt<sup>692</sup> e Bruyne<sup>693</sup> em diálogo com textos mais recentes, assim como *Atos de Pedro e os Doze Apóstolos*, em grego, da Biblioteca Nag Hammadi, *Evangelho de Pedro, Atos* (canônico), *AtsPl*, *AtsPITe*, *AtsJo* e diversos outros escritos. Como demonstrado *supra*, o *AtsPe* são conhecidos desde muito antigamente. É opinião quase comum hoje que os materiais contidos nos *mss.* I-V constituam partes diversas de uma obra originalmente em *gr.*, que não chegou até nós, que teria sido chamada Πράξεις Πέτρου ἀποστόλου. Foi-nos legada em cinco partes:

(i) Um *frg.* que contém a narrativa de um incidente amoroso entre um jovem rico, Ptolomeu e a filha do apóstolo. Descoberto e publicado por Schmidt na sua *editio princeps* – *Die alten Petrusaktem im Zusammenhang der apokryphen Apostellitteratur – nebst einem*

<sup>689</sup> Esta recensão primitiva foi utilizada nos escritos do Ps-Clemente no início do séc. III: a forma definitiva está contida nos *Atos de Pedro* latino de Vercelli – AV, séc. IV.

<sup>690</sup> PIÑERO. 2004, *op.cit.*, p.486.

<sup>691</sup> VOUAUX. 1922, *op.cit.*, pp.1-483. Léon Vouaux (1870-†1914) era um sacerdote católico de Nancy; na juventude um estudante, que produziu valiosos estudos sobre fungos e insetos, até que foi convencido a trabalhar na literatura cristã primitiva. Disto resultou em suas duas edições dos *ApsAp*: o *AtsPl* em 1912 e o *AtsPe* concluiu em 1914, mas foi publicado em 1922, postumamente, pelo seu irmão mais novo que tornou-se padre e ocupou seu lugar em julho 1914. Vouaux, em agosto de 1914, foi feito refém pelos alemães e sumariamente executado por um pelotão de fuzilamento; conforme detalhes mencionado no *Préface* de Émile Amann (ed.), em Strasbourg, oct-1921 em VOUAUX. 1922, *op.cit.*, pp.vii-ix.

<sup>692</sup> SCHMIDT. *Die alten Petrusakten im Zusammenhang... Fragment untersucht.* – in: TU 9.1. *op.cit.*, 1903. Também – in: TU 24.1. *op.cit.*, 1923.

<sup>693</sup> BRUYNE. *Nouveaux fragments des Actes de Pierre...* – in: *Revue Bénédictine.*, *op.cit.*, t.XXV. 1908, pp.149-60.

*neuentdeckten Fragment untersucht*<sup>694</sup> que prontamente o associou ao grande *AtsPe* pelos argumentos da *Esticometria* do patriarca Νικηφόρος Α' (Nicéforo I de Constantinopla)<sup>695</sup>; cf mencionado *infra*. Hoje leva o nome de *Papyrus Berolinensis* 8502,4 (P<sup>B-8502</sup>), cuja parte 4 nos interessa. O texto recuperado é bem preservado. Há algumas dificuldades com P<sup>B-8502</sup>,4: (i) uma lacuna pequena no meio do fólio 129, linha 32; (ii) outra lacuna que dificulta a leitura substancialmente no início das últimas de oito linhas do 135; (iii) uma outra no final das linhas 11-14 do 136; (iv) uma lacuna que afeta a maioria das linhas iniciais dos 139-140; (v) um desbotamento severo no 142, com uma alteração por um escriba posterior; (vi) o fólio com as colunas 133-134 estão totalmente perdidos. O dialeto é copta é o Sahídico, compatível com o século V; questões de estrutura literária comparada (textos aparentados) e teológica o remetem a um original possivelmente dos séculos II-III.

Embora o dialeto seja Sahídico, temos algumas formas *subakhmímicas*<sup>696</sup> atípicas<sup>697</sup> para este dialeto como: (i) artigo possessivo em segunda pessoa, fem., sg. (130,3; 131,2); (ii) artigo possessivo, terceira pessoa, pl. (140,15); (iii) imperfeito (132,5). Algumas variantes são destacadas por Schmidt<sup>698</sup> como não reconhecidas do Sahídico (como ⲙⲗⲩ de ⲙⲗⲗⲩ na linha 132,17; também ⲉⲧⲣⲉⲧⲏ̄ de ⲉⲧⲣⲉⲧⲉⲧⲏ̄ em 135,18) que podem ser atribuídas a um *ex erratum* de escriba resultante de ditado (e.g. 136,11; 138,13; 139,17; 140,14). Há um notável uso de pequenas marcas superlineares. Também nota-se o uso de primeiro perfeito (subjuntivo) com um outro primeiro perfeito. O título encontra-se na conclusão a narrativa somente (141,7). Aparece em destaque do texto por uma decoração e um espaçamento de três tinhas. O título *Ato de Pedro*, talvez destaque apenas 'um ato' no texto geral de *AtsPe*.

<sup>694</sup> SCHMIDT. 1903, (TU 9,1), *op.cit.*, pp.3-7.

<sup>695</sup> Patriarca Nicéforo I de Constantinopla Calisto (757c<sup>a</sup>-†828).

<sup>696</sup> *Subakhmímico* (ou Lycopolitano) é um dialeto muito próximo do arcaico *Akhmímico* – dialeto das proximidades de اخصيم (= *árab.* Akhmim; conhecida na Antiguidade por Panópolis). Floresceu nos sécs. IV-V, sem registros posteriores e muito utilizado em traduções provindas do gnosticismo e do maniqueísmo.

<sup>697</sup> KRAUSE, Martin; LABIB, Pahor. *Gnostische und hermetische aus Codex II und Codex VI (von Nag Hammadi)*. – in: *Abh. d. dt. Archäol. Inst. Kairo, Kopt. Reihe B. 2*. Glückstad: 1971, pp.36-49; 63-7.

<sup>698</sup> SCHMIDT. 1903, (TU 9,1), *op.cit.*, pp.7ss.

Para Schmidt<sup>699</sup> a narrativa é essencialmente “sobre a preservação da virgindade de um jovem cristão”. Não está claro, no entanto, que o encratismo expresso aqui é tão extremo quanto a sua caracterização histórica: “melhor a morte ou um corpo quebrado, que o casamento (...)”. Afinal de contas, Pedro foi casado e ainda vivia com sua esposa. Seu encratismo consiste na defesa rigorosa do autocontrole sexual, que é um pouco diferente da visão geral entre os cristãos no século II<sup>700</sup>. No entanto, há dúvida de que o silêncio do texto acima referido, bem como a falta de conceituação do significado da história, que propiciou interpretações em um sentido mais extremo. A diferença de ênfase entre *Ato de Pedro* e os *AtsPe* tal como a conhecemos em *AV* sugere que eles podem representar recensões diferentes dos *AtsAp* antigos<sup>701</sup>. Desde o estudo de Schmidt, grande parte do debate geral tem-se centrado sobre a relação deste texto com o apócrifo *AtsPe* (preservado principalmente no manuscrito latino, *Actus Vercellenses*). Schmidt viu o  $\text{P}^{\text{B-8502}}$ , 4 – *Ato de Pedro*, como parte de uma longa porção perdida de *AtsPe*, uma posição que desde então tem alcançado aceitação geral.

No entanto, há um grupo menor de pesquisadores que como Molinari afirma: que os *scholars* têm sido precipitados em sua aceitação da posição de Schmidt, “cuja análise revela-se construída em suposições que são muito tênues”<sup>702</sup>. Nesta tese seguimos a teoria de Schmidt, demonstrando pontos de contato e aprofundamento com outras pesquisas, refutando Molinari nos seus dois principais argumentos: a independência

---

<sup>699</sup> *id. op.cit.*, p.329.

<sup>700</sup> PARROTT, M. Douglas. BRASHLER, James. *Nag Hammadi Codices V, 2-5 and VI with Papyrus Berolinensis, 8502 – 1 and 4*. 1<sup>a</sup>. ed. Leiden: Brill Academic Pub, 1971, pp.154ss, que menciona Ἰγνάτιος Ἀντιοχείας (= Inácio, de Antioquia). *ad Polycarpum*, V,1-2; CLEMENS, Titus Flavius (Clemens Alexandrinus). *II Clemens*, XXII,5-6; JUSTINUS Augustus, Flavius. *Apologia*, XV; Ἀθηνᾶγορας ὁ Ἀθηναῖος (= ATENÁGORAS). *Embaixada (πρεσβεία)... dos Cristãos (ou Supplicatio)*, XXXIII.

<sup>701</sup> VOUAUX. 1922, *op.cit.*, p.36.

<sup>702</sup> MOLINARI, Andrea Lorenzo. *I never Knew the Man: The Coptic Act of Peter (Papyrus Berolinensis 8502.4), Its Independence from the Apocryphal Acts of Peter, Genre and Legendary Origins*. – in: *Bibliothèque Copte de Nag Hammadi*. Section: *Etudes*, vol.5. Québec-Paris: Les Presses de L’Univerté Laval Québec – Éditions Peeters Louvain, 2000, p.62. Também *id. Augustine, ‘Contra Adimantum, Pseudo-Titus’, BG 8502.4 and the ‘Acts of Peter’: Attacking Carl Schmidt’s Theory of an Original Unity between the ‘Act of Peter’ and the ‘Acts of Peter’*. – in: *SBL Seminar Papers* 38. Baltimore: Society of Biblical Literature, 1999, pp.426-47.

do  $\mathfrak{P}^B$ -8502, 4 – *Ato de Pedro* do originalmente *AtsPe* e quando discute a questão de gênero e origens deste texto.

(ii) Episódio *Filia hortulani*<sup>703</sup> – Filha do jardineiro, ressuscitada pelo apóstolo movido pelas súplicas do pai. Posteriormente, vai ser seduzida e desaparece. Esta passagem de Augustinus não trata da filha de Pedro. Mas, para confrontar os maniqueus que se utilizavam do episódio da morte de Ananias e Safira<sup>704</sup> para rejeitar as leis canônicas, ele lembra os de fatos semelhantes relatados nesses escritos ao contrário das histórias aceitas pela Igreja: “(...) *ipsius Petri filiam paralyticam factam*<sup>705</sup> *precibus ejus e hortulani filiam ad precem ipsius Petri esse mortuam Petri (...)*”. Note-se que menciona dois episódios. Ou seja, teria deixado na obra conhecida por Augustinus (século IV), outro episódio semelhante ao da filha de Pedro. Parece resumir o episódio (*i supra*) do *Ato de Pedro*.

Embora através Augustinus tivéssemos uma alusão a este episódio – e junto com o *Ato de Pedro*, ninguém jamais havia localizado qualquer vestígio até 1908, quando Donatien de Bruyne<sup>706</sup> de reconheceu um resumo deste no *Codex Burchardi (Homilia de Burchard)*, do século VIII, preservado na Universidade de Wurzburg. O episódio está contido em uma peça intitulada *Epistola Titi, discipuli Pauli* um agrupamento de citações bíblicas e apócrifas, que parece tendência claramente maniqueísta, depois de uma referência ao episódio de Rufina, que ocorre no início do AV (parte latina do *AtsPe*). O latim deste texto é, infelizmente, muito bárbaro. Usamos aqui com as correções propostas pelas edições de Bruyne e Vouaux.

(iii) Um breve *frg.* que apresenta um comentário de Pedro ante a morte de uma jovem, filha de alguém conhecido. Há críticos<sup>707</sup> que acham que são as palavras de consolo ao jardineiro (*ii supra*), que lamenta a morte da filha. Publicado por Bruyne em *Nouveaux Fragments*

---

<sup>703</sup> *Filha do Jardineiro*; esta titulação não existente no manuscrito, mas usamos para fins de melhor identificação desta perícope textual.

<sup>704</sup> At 5,1ss.

<sup>705</sup> Em VOUAUX, 1922, *op.cit.*, p.39, lê-se *salvam* acrescido à frente de *factam* pela ed. de Louvain, apesar do silêncio dos *mss.* Trata-se obviamente de um erro.

<sup>706</sup> BRUYNE, Donatien de. *Nouveaux fragments des Actes de Pierre, de Paul, de Jean, d'André et de l'Apocalypse d'Elie.* – in: *Revue Bénédictine.* t.XXV. 1908, pp.149-60.

<sup>707</sup> cf VOUAUX, 1922, *op.cit.*, p.40.

*d'apocryphes du II<sup>e</sup> siècle* (1908)<sup>708</sup>. Foi editado a partir do *ms. Cambrai*, 254, do século XIII.

(iv) Um extenso conjunto de episódios que pode ser a segunda parte dos *Atos de Pedro*. Narra a despedida de Paulo desde Roma para viajar a Espanha, a luta de Pedro com Simão, o Mago e o martírio do apóstolo como o famoso texto *Quo vadis?* O original composto em língua grega, todo perdido, menos um breve trecho em *Oxyrhynchus Papyri IV* (P<sup>Oxyrh.849</sup>)<sup>709</sup> (correspondente a *Actus Vercellenses* (AV) cap.XXV-XXVI e o *Martírio* como o tal – *O Martírio de Pedro*. Composta nos séculos III-IV, toda esta parte conservada em latim através de um único testemunho – *ms. CLVIII* – possivelmente do séculos VI-VIII, depositado na Biblioteca Capitular do Monastério de Vercelli, copiado nos fólhos 327-372 ao final das *Recognitiones Ps-Clementinas*, ed. Lipsius I, XXXIIIss.<sup>710</sup> O denominamos *Actus Vercellenses*. O latim deste *ms.* é praticamente “bárbaro”, em razão da abundância de erros ortográficos – o labor filológico e tradução obsecram um zelo peculiar, e tão igualmente, na hora de fazer uso dele. Porém, a crítica tem apontado para sua fidelidade quando se observa juntamente com a versão grega – *Oxyrhynchus Papyri IV* (P<sup>Oxyrh.849</sup>) e *O Martírio de Pedro*. Nota-se que apesar das diferenças típicas de uma tradução *gr.* → *lat.*, há uma tendência de abreviar a perder-se em paráfrases ou expansões. A fidelidade desta versão – em linhas gerais – pode se comprovar também indiretamente graças a um autor posterior, na *Vita Abercii*<sup>711</sup>, do século IV, que copiou quase literalmente os discursos de Pedro<sup>712</sup> destes *AtsAp* e os pôs na boca

<sup>708</sup> BRUYNE. 1908, *op.cit.*, p.153.

<sup>709</sup> Pode ser encontrado também na ed. de GRENPELL, Bernard F.; HUNT, Arthur S. *The Oxyrhynchus Papyri*, (P<sup>Oxyrh.-849</sup>). vol.VI. London: Luzec & Co., 1908, pp.6-12; *vide* também pp.101-13. Corresponde aos *Actus Vercellenses* (AV) caps. XXV-XXVI. – in: LIPSIUS. 1891, *op.cit.*, 73,16-17.

<sup>710</sup> LIPSIUS, Ricardus Adelbertus (ed.). Ed. LIPSIUS, Ricardus A. I, LIII ↔ cap.XXX do *Actus Vercellenses* (AV). LII ↔ cap.XXXIII do *Actus Vercellenses* (AV). XXXIIIss. *Actus Vercellenses* (AV). Leipzig: Hinrichs, 1898, (XXXIIIss.), pp.327-72. Um resumo das questões da crítica moderna acerca deste *ms.*, um cuidadoso elenco da particularidades linguísticas, κτλ.

<sup>711</sup> Edição de NISSEN, Theodor. *Die Petrusakten uns ein bardesanitische Dialog in der Aberkiosvita*. – in: *Zeitschrift für die neutestamentliche Wissenschaft*, ZNW 9. Leipzig: Brockhaus, 1908, pp.190-203.

<sup>712</sup> Dispomos de textos paralelos em: Lipsius 46,31-47,11: AV II = *Vita Abercii* 13; Lipsius 53,20-29: AV VII = *Vita Abercii* 24; Lipsius 67,3-8: AV XX = *Via Abercii* 15; Lipsius 68,17-69,2: AV XXI = *Via Abercii* 26.

do seu personagem. Esta cópia nos permite reconstruir frases do texto grego perdido.

(v) *O Martírio de Pedro* que constitui o final lógico para este *AtsPe* (e outros *AtsAp*); aparece no *ms. de Vercelli*. Destacado posteriormente para uso litúrgico em separado onde aparece a crucifixão de Pedro de cabeça para baixo. Conservado na versão latina (AV) e em dois manuscritos gregos: (a) *ms. A*, do *Monte Athos, Monastério de Vatopedi 79*, do século XI<sup>713</sup>; (b) *ms. P*, *Monastério de São João, de Patmos*, n. 48, século IX, cujo escrito atende ao AV cap.XXXIII<sup>714</sup>.

Hoje também dispomos de outras respeitadas versões antigas do *Μαρτύριον τοῦ ἁγίου ἀποστόλου Πέτρου* (= *Martírio do Santo Apóstolo Pedro*):

(v.i) versão *copta*, bem antiga e mui fiel ao texto grego *mss. A e P*. Chegou-nos duplamente: uma, que começa no final cap.XXXIII do AV e foi editada por Ignazio Guidi em *Rendiconti della reale Accademia dei Licei*<sup>715</sup>; posteriormente do próprio Guidi uma versão italiana – *Gli Atti apocrifi degli apostoli nei testi copti, arabi ed etiopici*<sup>716</sup>. Outra versão, começa na metade do cap.XXXVI do AV (já dentro do *O Martírio de Pedro*) que foi publicada por Oskar Eduardovich von Lemm em *Koptische apocryphen Apostelakten*<sup>717</sup>.

(v.ii) versão *siriaca* Publicada por Paul Bedjan em *Acta Martyrum et sanctorum*<sup>718</sup>. Uma tradução francesa, embora de outro *ms.* diferente do utilizado por Bedjan, que pode-se consultar-se em Clément François Nau – *La version syriaque inédite des martyres de S. Pierre, S. Paul et S.*

<sup>713</sup> No início corresponde a AV cap.XXX, – in: LIPSIUS I, *op.cit.*, p.LIII.

<sup>714</sup> *id. op.cit.*, p.LII.

<sup>715</sup> GUIDI, Ignazio. (sec.) *Atti – Frammenti copti*: nt.4. – 16/ott./1887. – in: *Rendiconti della reale Accademia dei Licei*. t.III, vol.2. Roma: 1887, pp.23-34. Também *id. ibid.*, 4,3.2.

<sup>716</sup> GUIDI, Ignazio. *Gli Atti apocrifi degli apostoli nei testi copti, arabi ed etiopici*. – in: *Giorn. della Soc. Asiatica Italiana*. t.II. Roma: 1888, pp.29-35. Reproduzida *apud* LIPSIUS, em italiano, no seu aparato crítico.

<sup>717</sup> LEMM, Oskar Eduardovich von. *Koptische apocryphen Apostelakten*. – in: *Mélanges Asiatiques tirés. – in: Bulletin de l'Académie Impériale des Sciences de Saint-Pétersbourg* t.II,35. St. Pétersbourg: 1894, = nouv. ser. 3, pp.240-85, (*uide* também pp.300-42) com o texto copta em coluna paralela e tradução literal alemã, latina e inglesa.

<sup>718</sup> BEDJAN, Paul (ed.). *Acta Martyrum e sanctorum*. Paris – Leipzig: Otto Harrassowitz, 1980, vol.I, pp.19-33, [reimp. Hildesheim, 1968].



*Luc, d'après un ms. du X<sup>e</sup> siècle*<sup>719</sup>. Trata-se de um texto parafrástico, do século X, de valor reduzido, possivelmente não se derivando do *gr.*, mas de uma versão *cop.*, cujo valor para ecdótica resta relativo.

(v.iii) versão *armênia* publicada por Paul Vetter – *Die armenischen apocryphen Apostelakten*, I<sup>720</sup>. Em dupla coluna *arm.* e uma retroversão para o *gr.*, mas em expressões peculiares sem correlatos em *gr.*, desvia-se para o *lat.* No geral, esta versão armênia corresponde mais ao *gr.* do que ao *lat.* e apresenta importante valor à crítica textual, segundo Vetter:

(...) descansa em um texto grego cuja antiguidade é superior ao do conjunto da tradição (...) Com a ajuda da versão armênia podem corrigir-se algumas passagens corrompidas da tradição grega com convincente segurança.<sup>721</sup>

(v.iv) versão *eslava* conservada em um *ms.* do século XV(-XVI) da coleção *Vndol'skiana*<sup>722</sup> retraduzido ao *gr.* literalmente por Sokoloff, começando no quarto cap. do do *Martírio*.

(v.v) versão *etíope* publicada por Ernest Alfred Wallis Budge, London, 1899 – *The Contendings of the Apostle*<sup>723</sup>. Há uma tradução anterior para o inglês por Solomon Cæsar Malan, *The conflicts of the Holy Apostles*<sup>724</sup>, datada de 1871. Há indícios que não tenha vindo do texto grego, mas do árabe, tendo, por conseguinte, pouco valor à ecdótica.

---

<sup>719</sup> NAU, Clément François. *La version syriaque inedited des martyres de S. Pierre, S. Paul e S. Luc d'après un ms. du X<sup>e</sup> siècle*. (B.M, Atos 12, p.172). – in: *Revue de l'Orient Chrét.* 3. 1898: pp.39-57; 43-50 ; 151-6.

<sup>720</sup> VETTER, Paul. *Die armenischen apokryphen Apostelakten*. I. *Das Gnostische Martyrium Petri* – in: *Oriens Christianus*. t.I. Wiesbaden: 1901, pp.16-19; 217-239.

<sup>721</sup> VETTER. 1901, *op.cit.*, p.19.

<sup>722</sup> SOKOLOFF, S. Coleção *Vndol'skiana*, n.1296, fólhos 239-49, Moscú: Bibl. Conde Rumjanzew, a.?. Reconhecida por LIPSIUS em seu aparato crítico, – in: LIPSIUS, I, *op.cit.*, p.LIV.

<sup>723</sup> BUDGE, Ernest Alfred Wallis. *The Contendings of the Apostle*. t.I. – in: *The Ethiopic Text*, London: British Library, 1899.

<sup>724</sup> MALAN, Solomon Cæsar. *The conflicts of the Holy Apostles*. London: D. Nutt, 1871, pp.1-10.

(v.vi) versão *árabe*, variante tardia e de mínimo valor crítico. Existe uma tradução inglesa a cargo de Agnes Smith Lewis – *The mythological Acts of the Apostles*<sup>725</sup> de 1904.

(v.vii) Há também uma versão georgiana por Nikolai Yakovlevich Marr<sup>726</sup>, baseada em *mss.* palimpsestos georgianos do século VII.

Este aspecto fragmentário de *AtsPe* em diferentes línguas leva a crer que estamos diante de um escrito que gozou de grande aquiescência e prestígio na Antiguidade, cujo episódio mais importante – o *Martírio* teve ampla circulação (lugares e línguas). *Estas* versões estarão presentes nas notas de rodapé do aparato crítico e comentários da tradução, cujos créditos principalmente remetem a Lipsius, depois retrabalhados e melhor sintetizados por Vouaux, ambos um marco nas pesquisas destes *AtsAp*, porém são trabalhos dos anos 1890-1920, portanto anosos e carecendo de atualização em face a outras pesquisas parciais e mais recentes.

Uma sinopse das partes se faz necessário para que se perceba a estrutura textual preservada, o encadeamento narrativo, os argumentos professados acerca da unidade da obra, a eleição da ordem dos *frgg.*, κτλ.

(i) O *frg.* *A Filha de Pedro (Papyrus Berolinensis 8502,4 – P<sup>B</sup>-8502)*: nesta 1<sup>a</sup> seção (*cop.*) dá-se, possivelmente, em Jerusalém uma assembleia de fiéis em torno de Pedro. Um circunstante interpela-o: “cura os demais, porém tua filha não é parálitica?” E como prova do poder de Deus, sara sua filha para, em seguida, fazê-la cair novamente enferma. Motivo deste contrassenso é uma questão passada: a pretensão de um jovem rico – Ptolomeu, de contrair matrimônio com a filha do apóstolo que nega; se segue o rapto da filha e a paralisia desta. Os criados de Ptolomeu devolvem-na ao pai. Depois ocorre o desespero de Ptolomeu, uma aparição celestial e a exaltação da virgindade; este subitamente converte-se e tem morte imediata. Parte da herança do testamento de Ptolomeu vai para a filha de Pedro e é vendida. No final, uma lição: “só Deus sabe o que é bom para cada pessoa”.

(ii) O *frg.* *Filha de Jardineiro (frg. Filia hortulani, Codex Buchardi - Homilia de Buchard, Epistula Titi, discipuli Pauli)*: esta 2<sup>a</sup> seção (*lat.*) é um episódio curto que ocorre com a filha de um jardineiro. A jovem morre depois de uma oração de Pedro. Logo em seguida, é

<sup>725</sup> LEWIS, Agnes Smith. *The mythological Acts of the Apostles.* – in: *Horæ Semiticæ* 3/4. London: Nabu Press, 1904, pp.175-92; 210-6.

<sup>726</sup> MARR, Nikolai Yakovlevich. *Le synaxaire géorgien VII, Le martyre de Terre à Rome.* – in: *Скан Patrologia Orientalis.* ts.XIX-XX. Paris: 1926, pp.715-25.

ressuscitada devido às súplicas de seu pai. Depois é seduzida por um desconhecido e desaparece.

(iii) O *frg. Comentário de Pedro sobre a morte de uma jovem (ms. Cambrai 254)*: a 3<sup>a</sup>. *seção* (lat.) é um breve comentário diante da morte de uma jovem, filha de alguém conhecido do apóstolo.

(iv) O *Actus Vercellenses (AV – in: Recognitiones Ps-Clementinas)*: na 4<sup>a</sup>. *seção* (I-III): Paulo está em Roma, suas conversas e o carcereiro persuade-o a libertar-se. Ocorre uma visão celeste de Paulo indo para Espanha, o lamento da comunidade e uma voz reafirmando sua partida. Temos a celebração eucarística. Rufina, uma mulher adúltera, atrapalha e sofre seu castigo, que causa temor na comunidade; Paulo faz uma eloquente homilia, que lhe atrasa na partida. Por fim, Paulo parte definitivamente, e outra Eucaristia e preces. Na 5<sup>a</sup>. *seção* (IV-VI): Simão, o Mago chega voando em Roma; os fiéis têm dúvidas, mas ainda apostatam. Cria-se o ambiente para a chegada de Pedro em Roma, quando tem uma visão de Cristo. Pedro parte de Cesareia e começa a viagem. Acontece a conversão de Theão, sua chegada a Puteoli, local da acolhida de Aristão. São narrados fatos da apostasia dos cristãos em Roma e Pedro, então, parte para Roma. Na 6<sup>a</sup>. *seção* (VII): Pedro chega a Roma e encontra-se com os antigos fiéis. O apóstolo faz uma preleção de exortação na confiança e misericórdia de Deus. Na 7<sup>a</sup>. *seção* (VIII-XI): ocorre a apostasia de Marcelo e Pedro vai a casa deste; também envia um mensageiro até Simão, o Mago – um cão falante. Marcelo “volta ao primeiro amor” e lhe é concedido o perdão apostolar, sinal do sucesso da missão em Roma. Um jovem possuído por demônios necessita de exorcismo, que ocorre junto com o milagre da estatueta quebrada e recomposta. Na 8<sup>a</sup>. *seção* (XII-XV): o cão falante discursa diante de Pedro, e prediz o seu futuro e sua morte. Ocorre mais um milagre. Marcelo expulsa Simão da sua casa. Pedro é induzido por um convite de Simão, para uma disputa teológica sobre a divindade de Jesus, cuja resposta apostolar dá-se por um recém-nascido falante. Na 9<sup>a</sup>. *seção* (XVI-XVIII): Cristo numa aparição para Pedro promete auxílio e há um novo discurso de Pedro, e então os fiéis se deparam verdadeiramente com quem é Simão, o Mago. Temos o episódio com Eubula. Na 10<sup>a</sup>. *seção* (XIX-XXII): o acontecimento da chegada de Marcelo e a afluência de fiéis para morada dele, com Pedro lá presente. Ao entrar, acontece a cura da viúva cega e Pedro discursa sobre como se deve entender a Escritura; outras curas acontecem por meio de uma aparição celeste. Marcelo tem um sonho sobre a intensa contenda entre Pedro e Simão, com a derrota deste. Na 11<sup>a</sup>. *seção* (XXII-XXIX): a primeira luta pública contra Simão

perante um público seletivo, no Fórum de Júlio, em que fala da maldade deste. A resposta de Simão é: “Pedro adora um homem simples”. Há um novo discurso sobre as profecias sobre Jesus. A prova de poderes de ambos os lados se dá por meio de milagres: Simão mata um jovem com uma palavra e Pedro ressuscita-o. Uma viúva suplica que Pedro faça o mesmo pelo seu filho que acabou de morrer, mas é Simão, o Mago quem ressuscita o jovencinho. Depois vários jovens trazem o rapaz morto de novo, e Pedro então o ressuscita de forma definitiva. A mãe de um senador pede que Pedro ressuscite também o filho dela. Simão novamente é quem parece ressuscitá-lo e o jovem quer matar Pedro. Mas, Pedro faz um discurso e ocorre a verdadeira ressurreição deste rapaz. Simão, o Mago desaparece.

(v) *O Martírio de Pedro* que aparece no *ms. de Vercelli*; no *ms. A* em *gr.*, do Monte Atos, monastério de *Vatopedi* 79; e ainda em *gr.* no *ms. P*, monastério de *São João, Patmos*, 48): Na 12<sup>a</sup>. seção (*lat.* XXX-XXXII, *gr.* I-III): é Domingo na casa de Marcelo, e temos as doações de dinheiro pela mãe do senador ressuscitado, deste mesmo ressurreto e de uma conhecida prostituta da cidade; lá acontecem muitas curas. Acontece à segunda batalha com Simão, o Mago: muitos truques mágicos, inclusive com o voo deste. Pedro suplica a Deus, Simão tem uma queda no voo e rompe a sua perna; os discípulos deste o abandonam, inclusive Gemelo. Ocorre a morte e sepultamento de Simão de forma melancólica. Na 13<sup>a</sup>. seção (*lat.* XXXII-XL; *gr.* IV-XII): a cena final do martírio de Pedro começa a ser construída com a conversão das concubinas do prefeito Agripa e da mulher de Albino, um amigo de César; há muita ameaça e perigo por causa destas conversões. Auxiliado por fiéis, Pedro tenta fugir e acontece o episódio de “*quo vadis?*”. Pedro volta a Roma e é preso. Levam-no para a crucificação. Dá-se a primeira homilia apostolar exortando conservar a paz e a calma. Acontece a crucificação, o discurso do mistério que isso representa e a morte. Marcelo embalsama as relíquias mortais e os enterra. Nero se queixa ao prefeito porque devia torturar mais Pedro. Uma visão noturna amedronta Nero, que deixa os cristãos em paz.

Temos outra obra independente não mencionada entre (i), (ii), (iii), (iv) e (v) – o *AtsPe12Ap*<sup>727</sup>, que a parte dos *AtsPe*, unida apenas por antonomásia (tem causado certa confusão) e conhecida de forma

---

<sup>727</sup> O título apresenta uma contradição com o conteúdo do texto que falará de “Onze” Apóstolos, em IX,20. O título é dado por alguém um tanto desatento ou resta acrescido por alguém que adicionou o título sem a leitura cuidadosa. Embora seja comum uma referência geral ao Grupo apostólico no termos de “os Doze...”.

fragmentária desde Antiguidade. Sua história remete a 1945, no advento *Nag Hammadi*. Entre os documentos coptas e herméticos havia uma larga porção que leva o título de *Atos de Pedro e os Doze Apóstolos*, datada do século IV, e excepcionalmente bem conservada<sup>728</sup>. Trata-se do *Codex VI* segundo as várias ed. da Biblioteca NH. Não há ligações com as partes de *AtsPe* elencadas de *supra*. A primeira edição desde novo fragmento data de 1971, publicada por Krause e Labib – *Gnostische und hermetische aus Codex II und Codex VI (von Nag Hammadi)*<sup>729</sup>. Surgiu uma nova edição, baseados em modernos critérios ecdóticos, com a revisão de algumas colunas do *codice* por Wilson e Parrott – *Nag Hamadi Codices V, 2-5 e VI*<sup>730</sup>. Outro trabalho neste texto é de Piñero e Bazán em *Textos gnósticos*<sup>731</sup>. Não revela *ad imaginem et similitudinem* com o  $\text{P}^{\text{Berol. 8502,4}}$ , nem com os *Actus Vercellenses*, nem algo em comum nos traços linguísticos, intertextualidade, lacunas que poderia preencher *AtsPe* ou sua estrutura literária. Portanto, resta temerária a “tese do fragmento perdido do *Acta Petri*”, segundo sustenta Krause<sup>732</sup>; de modo inclusivo, Piñero irá abarcá-lo<sup>733</sup> na sua tradução de *AtsPe*, porém não entendemos assim e não adotamos esta tese. Não obstante, há liames com os demais *AtsAp* em questões temáticas gerais: aspecto romanesco, papel preponderante de um apóstolo, em viagem, na tormenta, no naufrágio, κτλ; enfim, Pedro está no núcleo narrativo. Mesmo assim *AtsPe12Ap*, pelas razões expostas, refutamos sua participação em *AtsPe* na sua forma integral e primitiva.

A discussão importante de fato reside na unidade (i), (ii) e (iii) com (iv/v), já que o *O Martírio de Pedro* em *gr.* representa um unidade inquestionável com o *AV* em (v). Nesta questão, as pesquisas de dividem.

---

<sup>728</sup> Pequenas rasuras na parte superior das páginas e pequenas lacunas em nas cols.9-12.

<sup>729</sup> KRAUSE; LABIB. *Gnostische und hermetische aus Codex II und Codex VI...*, 1971, *op.cit.*, pp.107-21.

<sup>730</sup> WILSON, Robert McLachlan; PARROTT, Douglas. M. *Nag Hamadi Codices V, 2-5 and VI*. Leiden: Brill, 1989, pp.197-230.

<sup>731</sup> PIÑERO, Antonio; MONSERRAT TORRENTS, José; GARCÍA BAZÁN, Francisco. *Textos gnósticos – Euangelios, hechos, cartas. Biblioteca de Nag Hammadi, II*. Madrid: Trota, 1999, pp.221-240.

<sup>732</sup> KRAUSE. 1971. *op.cit.* Também *id.* *Die Petrusakten in Codex VI von Nag Hammadi. – in: Essays in honour of Alesander Böhlig.* Martin Krause (ed.). Leiden: Brill, 1972.

<sup>733</sup> PIÑERO. 2004, *op.cit.*, pp.673-82.

Assim sendo, temos em Ficker<sup>734</sup>, representante maior da pequena corrente que advoga que somente o AV forma uma unidade textual compacta e indissolúvel, na qual há uma parte perdida cujo cap. XVII que deveria ser desta primeira parte concebida para preencher a lacuna no término do *Atos* lucano. Se houvesse existido alguma outra primeira parte perdida<sup>735</sup> (argumenta Schmidt *et alii*), para Ficker não seria fácil justificar o cap. XVII do AV, que então deveria compor essa primeira parte; também afirma que (i), (ii) e (iii) são *frgg.* de algumas das obras diversas do ciclo pedrino. De outro lado, Carl Schmidt lidera um amplo grupo de pesquisa que defende que, ao contrário: (i), (ii), (iii), (iv) e (v) são partes integrais de uma única obra, hoje resta perdida na sua integralidade e possivelmente nominada – Πράξεις Πέτρου ἀποστόλου. Filiamos-nos a esta segunda posição pelos argumentos elencados *infra*.

Primeiramente, esta obra, na sua forma integral, circulou na Antiguidade como um único texto grego. Não devemos estranhar que se tenha conservado blocos de sua composição, cuja apreciação e o alcance na Antiguidade parece ter sido considerável, até que os chamados hoje de “hereges” começaram fazer uso sistemático desta, recortá-la e editá-la para seus fins, tal qual ocorreu também com os *Atos e Relatos de Martírio*<sup>736</sup>.

---

<sup>734</sup> cf o seu comentário introdutório, sobre o todo do *AtsPe*; FICKER, Gehard. *Die Petrusakten. Beiträge zu ihrem Verständnis – in: Handbuch zu den neutestamentlichen Apokryphen*. Edgar Hennecke (ed.). Leipzig: 1903. pp.30; 395-491.

<sup>735</sup> SCHMIDT, Carl Reinhard. 1903 e 1923, *op.cit.*; *id. Studien zu den alten Petrusakten*, II. – in: *ZKG* 45, pp.481-513. Também MOLINARI. 1999, *op.cit.*, pp.426-47.

<sup>736</sup> Partes extraídas de PARAIZO. *Congresso de Clássicas – UNESP, op.cit.*, 2008; *id. Simpósio – UFPR, op.cit.*, 2008, onde registra-se que: (i) surgem a partir do séc. II, sob pressão direta das perseguições contra cristãos, os escritos sobre os mártires, que podem ser divididos em três grupos: *Acta*, *Passiones / Martyria* e *Legendae*. Os *Acta* são atas (protocolos) do processo realizado normalmente diante do procônsul, anotadas pelos escrivães do tribunal e reproduzindo ao “pé da letra” o interrogatório. Isso não exclui que mais tarde fossem completadas ou refundidas por um relator cristão, pois elas se conservam na verdade apenas na tradição da Igreja. Nas *Passiones / Martyria*, pelo contrário, são autores cristãos que contam – muitas vezes com interpretação decididamente teológica – os últimos dias e a morte dos mártires. As *Legendae* contêm um núcleo histórico, mas em volta desse núcleo há muitos elementos da fantasia piedosa. Constituem a origem da literatura hagiográfica, mas não precisamos falar delas aqui, uma vez que surgem só a partir do séc. IV. (ii) As Atas dos

mártires geralmente começam informando a data, o nome do juiz e dos acusados como também a acusação. A elaboração cristã do quadro revela-se nas caracterizações das pessoas como “santos mártires”, “imperadores iníquos”, ou na qualificação das leis como “injustas”. O procônsul abre o interrogatório indicando a identidade dos acusados, e estes às vezes não dão o seu nome civil, mas apenas confessam: “*cristianus / a sum*” como o único e verdadeiro nome de um cristão. O processo não discute o conteúdo do cristianismo, mas procura provar o pretense crime dos cristãos, ou exige simplesmente que se jure pelo gênio de César e se ofereça um sacrifício imprecatório < *supplicatio* > por ele; em suma, voltar à religião tradicional e racional dos romanos. O procônsul procura persuadir disso os réus, lembrando-lhes sua juventude ou sua idade avançada, suas obrigações familiares, κτλ, prometendo riqueza, honras e cargos ou ameaçando-os com torturas e a morte. Geralmente, tudo isso não obtém o resultado esperado; ao contrário, os mártires, por sua vez, tomam a iniciativa e procuram dar testemunho de sua fé cristã, ou ameaçam o juiz e o público com a punição de Deus. No final, ficam apenas a confissão “*cristianus / a sum*” e a recusa do culto pagão. É anunciada então a pena de morte. Isso acontece < *ex tabella* >: o julgamento é lido de uma tabela. Ou seja, a sentença já estava preparada e estabelecida básica e anteriormente.

(iii) Os *Martyria* e *Passiones* reelaboram os elementos dos *Acta*; agora, porém fala um autor cristão, que apresenta todo o acontecimento: as circunstâncias da prisão, a situação do cárcere, a caracterização de pessoas, a descrição das torturas e dos milagres que ocorrem nessas ocasiões. São acrescentadas reflexões teológicas e espirituais, cita-se a Bíblia e torna-se claro acima de tudo o objetivo da tradição: edificar os crentes e fortalecer aqueles que também tenham que sofrer o martírio mais tarde. (iv) Aparece uma qualidade peculiar do gênero literário dos relatos de mártires: enquanto todos os outros escritos dos sécs. II e III podem ser classificados segundo os diferentes grupos linguísticos e autores de acordo com seus vínculos histórico-literários, os relatos de mártires formam uma tal unidade global de línguas e autores que devem ser tratados conjuntamente sem considerar a língua ou o autor.

(v) Na literatura martirológica, se discute questões como as nomenclaturas Ata, Paixão-Martírio e Lenda, como reelaborações e que tratam da prisão, do processo e execução; também que sociedade e religião estiveram fundadas no mecanismo do bode expiatório e na possibilidade de sua repetição simbólica no rito sacrificial até o advento do Cristianismo, quando o mecanismo sacrificial é revelado e inutilizado, cf GIRARD, René. *O Bode Expiatório e Deus*. [trad. Márcio Meruje]. – in: José M. S. Rosa; Artur Morão (eds.). *Textos Clássicos de Filosofia*. Covilhã: Lusosofia Press, 2008; também GIRARD, René. *O bode expiatório, entre Édipo e Cristo*. [trad. Moisés Sbardelotto]. Artigo – in: jornal *La Repubblica*, 13-mai-2013; *et alii*. Doravante o conflito mimético, em vez de midiaticado pela coletividade, é apresentado à consciência, onde adquire sentido moral e ascético. O que diferencia o Evangelho dos mitos antigos, ou do mito como tal, é a revelação cristã acerca da inocência da vítima e da culpa da coletividade homicida. Os relatos de martírio registram o momento em que se dá

Em segundo lugar, temos através da *Esticometria* do patriarca Νικηφόρος Α<sup>737</sup> a notícia que os *AtsPe* primitivo tinham uma extensão de 2750 linhas (esticos<sup>738</sup>). Nos cálculos de Zahn, hoje aceitos, os AV – (iv) e (v) têm aproximadamente 1700 esticos, o que denota uma perda de 1050 esticos. Seria razoável considerar os fragmentos apresentados neste trabalho como (i), (ii) e (iii) como parte destas 1050 linhas. Ou seriam partes de outras obras desta “série literária petrina”, conforme Ficker?

Em terceiro lugar, Schmidt, ao contrário de Ficker, evoca testemunhos advindos da Antiguidade, e.g., o *AtsFi*<sup>739</sup>, os *AtsNeAq*<sup>740</sup> Augustinus de Hipona<sup>741</sup> e as alusões dos maniqueus<sup>742</sup> dão conta da existência de uma narração verossimilhante com a da filha paralítica de Pedro no *frg. cop. Ato de Pedro* (i). Também se encontra em Augustinus (*loc.cit.*), os maniqueus (*ibidem*) e Ps-Titus (*cf infra*) citações que apontam a existência do *frg. lat.* A Filha do Jardineiro (ii). Este acúmulo de testemunhos cruzados, para Schmidt – evidenciam ἀποδεικτικώς que os episódios (i), (ii) e (iii) compuseram na Antiguidade uma unidade textual<sup>743</sup> com (iv/v). Schmidt assinala que o autor de *AtsPe* desde cedo

o embate civilizacional entre a ordem sacrificial e a ordem cristã, do qual não por acaso o cristianismo sai vitorioso na exata medida em que abdica da guerra. Até o final do séc. II cerca de 80 mil cristãos foram mortos, e como declarara Tertullianus: “o sangue dos mártires é semente de cristãos”.

<sup>737</sup> cf ZAHN, Theodor von. *Geschichte des ntl. Kanons*, II. Erlangen: A. Deichert, 1888-1892, p.300 [reimp. Hildesheim: 1975]; cf SCHNEEMELCHER, Wilhelm; HENNECKE, Edgar (eds.) *Neutestamentliche Apokryphen in deutscher Übersetzung*. vol.II *Apostolisches, Apokalypsen und Verwondtes*. 6ª ed. Tübingen: Mohr-Siebeck, 1987, pp.33ss.

<sup>738</sup> Linha de um texto ou manuscrito, geralmente que tem um número padronizado de sílabas pela qual o copista calculava seu preço. Esticometria é, por sua vez, o método de cálculo.

<sup>739</sup> LIPSIUS, Ricardus Adelbertus. *Die Apokryphen Apostelgeschichten und Apostellegenden*. t.II. Leipzig: Hinrichs, 1892, 2,81; comentando *AtsFi* 142.

<sup>740</sup> Em XV. Este livro mostra outros episódios que encontramos no AV.

<sup>741</sup> *Adimantum*, 17,5.

<sup>742</sup> *Salterio Maniqueu*, 142.

<sup>743</sup> cf SCHMIDT, Carl Reinhard. 1903 e 1923, *op.cit.*; *id. Studien zu den alten Petrusakten*, I. – in: *ZKG* 43, p.347. Os trabalhos precedentes, de maneira geral, têm mostrado semelhanças entre *frg. cop.* (i) e o AV latino: (a) a situação da cena em *cop.* C128,1-2 na expressão [ἡ]-πσαββατον ετε κτηριακη para primeiro dia da semana: em *lat.* – *prima... sabbatorum* (ms. V, VII); em AV III, XXIX e XXX o *die dominico*; *gr.* μία δὲ τοῦ σαββάτου; nos *mss. gr.* A e P do *Martírio gr.*: κυριακῆς οὔσης; todos se encontram em mútua correspondência;



se deparou com passagens cronologicamente tão sedimentadas na tradição que não lhe permitiram qualquer outra estruturação, senão esta:

- a) Permanência de doze anos de Pedro em Jerusalém, após a morte de Jesus.
- b) Disputas com Simão na Palestina.
- c) Pregação de Paulo em Roma antes da chegada de Pedro ali e sua ida para Espanha.
- d) Veneração de Simão, o Mago em Roma na época do imperador Claudio.
- e) Martírio de Pedro no governo de Nero.<sup>744</sup>

De acordo com Schmidt *supra*, da rigidez de uma tradição consolidada resulta, inevitavelmente, que só poderíamos ter que a primeira parte de *AtsPe* perdida – a palestino-hierosolimita. Assim, os episódios da primeira parte que nos foram legados: (i) *Ato de Pedro*, (ii) *Filia hortulani*, (iii) *Não se deve chorar em demasia pelos mortos*, as primeiras disputas com Simão (AV V), o episódio de Eubula (AV XVII) e a transladação de Simão, o Mago da Judeia para Roma tem suas cenas ambientadas em Jerusalém. Já a segunda parte, retratada fielmente no AV, acontece em Roma: há uma preparação e fundação da comunidade em Roma, Paulo afasta-se para a Espanha, a chegada de Simão e as apostasias, a vinda de Pedro e as disputas, por fim a destruição de Simão e o martírio do apóstolo.

Cabe concluir que o título de Πράξεις Πέτρου ἀποστόλου (= *Atos de Pedro*), ou como se pode subtrair de Eusebius<sup>745</sup> – *Atos de Pedro, o apóstolo*, ou ainda de um acréscimo no ms. *Vercelli* de *secunda manus* (na margem inferior): *puto quod iste actus Petri et Pauli et Si<mo>nis apocrifus sit*<sup>746</sup>.

Resta uma intrigante questão: porque se teria transmitido até nós somente a parte romana de Πράξεις Πέτρου ἀποστόλου? Poderíamos

(b) a cura dos enfermos no *frg.* é similar a AV XXXI,1 na linguagem e nas ideias; (c) certa distinção entre “Deus Pai” e “Cristo” é similar no *frg.* e no AV; (d) *idem* a enfermidade da filha de Pedro e o que sofre Rufina; (e) em ambas as narrativas, a visões cumprem papéis semelhantes; (f) em ambos a tendência encratista; SCHMIDT. 1923, *op.cit.*, pp.22-25.

<sup>744</sup> SCHMIDT. *Studien* II, *op. cit.*, p.499.

<sup>745</sup> EUSEBIUS PHAMPHILI (de Cesareia). Ἐκκλησιαστικὴ Ἱστορία. III, 3,2. – in: Migme (ed.). *P.G.*, 1857, *op.cit.*, t.XX.

<sup>746</sup> (= Penso que este Ato de Pedro, Paulo e Simão seja apócrifo).

pensar na aniquilação completa do original como sendo resultado da perseguição decidida da Igreja, uma vez que foram declarados “apócrifos” e eram como uma arma na mão dos “hereges”. Outra hipótese seria a de que um redator ou copista teria concebido esta parte romana do AV como um mero complemento na *Recognitiones Ps-Clementinas* (estas descrevem Pedro na Palestina e Síria); e esta segunda parte seria um complemento consequente com Pedro em Roma, quicá porque a atuação de Pedro na Síria e Palestina não coincidem com os *AtsPe*, e decidiu-se eliminar a primeira parte, que não chegou a nós.

Neste mote relativo ao local de composição da obra, devido à falta de dados externos, os pesquisadores apresentaram uma série de hipóteses, baseadas na probabilidade. Tem-se, desta forma, que sejam lugares possíveis:

- (i) Na primeira vista, poderia se pensar nesta cidade de *Roma* com maiores possibilidades, já que o que se conservou tem como centro geográfico esta cidade. O autor conhece detalhes da região *e.g.*: (i) a indicação do lugar *hospitium Bytinorum*, que remonta a casa de Priscila é Áquila, cuja Ponte de Bitúnia que une a região teria dado este nome; (ii) o duplo caminho, por terra e fluvial, que une Ostia (antiga) e Urbe (III); (iii) menciona a Via Sacra (XXXII) com a utilização do *fórum Julium* como local do ensino e prática da justiça com a exclusão do comércio<sup>747</sup> (XV); (iv) o autor expressa concepções teológicas que parecem identificar-se símbolo romano<sup>748</sup>; (iv) o mito de Simão, o Mago aparece em outros autores romanos: Gaius Suetonius Tranquillus, *De vita Cæsarum: Nero Claudius Cæsar...* 12; Δίων Χρυσόστομος (= Dion Crisóstomos)<sup>749</sup>, V,12ss; *Decimus Iunius Iuvenalis*, III,78. Porém, há objeções que atentam contra esta opção: o lapso do autor em XXXII,1-2 que afirma que a Via Sacra terminava junto ao Templo de

<sup>747</sup> Segundo o historiador da Roma antiga (de origem grega) Ἀππιανὸς Ἀλεξανδρεὺς (= APIANO, de Alexandria; 90-†160). *De Bello Civili*, II,102 (vers. 160) conhecedor consagrado das questões sobre comércio romano; poeta romano Publius OVIDIUS NASO, Publius (43 a.C.-†17 d.C.). *Ars Amatoria* I,80 e III,455.

<sup>748</sup> Remissões ao símbolo romano em AV II; VII; XVII; XX; XXVIII; XXXVI.

<sup>749</sup> Ou Dion de Prusa (hoje Bursa, *c.* 40 – 120), orador e historiador da Grécia Antiga, vivendo no período da dominação romana.

Saturno (o correto é no *fórum Julium*); o autor desconhece a sucessão dos imperadores (erro inadmissível no mundo romano); uma eucaristia celebrada a pão e água no século II em Roma parece improvável, κτλ.

- (ii) Flamion que defendeu a probabilidade de ser Alexandria<sup>750</sup>. Por Ὠριγένης (= Origenes Adamantius)<sup>751</sup>, esta cidade é conhecida como o lugar em que se firmou a tradição da crucificação de Pedro de cabeça para baixo; mas Ὠριγένης pode tê-la extraído, ao contrário, exatamente de *AtsPe*. Dali parte também a tradição sobre Simão, que chamavam “numen estável” (*gr.* ἐστώς; XXXI) e que atuava com uma companheira (πάρεδρος) Helena. A forte laca filosófica, dos últimos das passagens finais de *AtsPe*, pode apontar para uma cidade próspera em cultura<sup>752</sup>. As semelhante de *AtsPe* com os demais *AtsAp* distancia esta hipótese como provável.
- (iii) A hipótese que goza maior receptividade é defendida por Zahn, e aponta para *Ásia Menor*. Mais tarde, Ficker também a defende<sup>753</sup>. Baseia-se numa citação muito curiosa e única neste *AtsPe*<sup>754</sup> que cita um *hospitio Bytinorum* e a identificação com o senador Marcelo, que cumpre importante papel na narrativa<sup>755</sup>, como o pretor da Bitínia – Marcus Granius Marcellus, de quem Publius Cornelius Tacitus fala<sup>756</sup>. Outros pesquisadores aceitam esta hipótese,

---

<sup>750</sup> FLAMION. 1910, *op.cit.* pp.5ss.

<sup>751</sup> *Adnotationes in Genesim.*

<sup>752</sup> Recentes pesquisadores consideram um local africano como sendo o da composição do *AtsPe*; WESTRA, Liuwe H. *Regulae fidei and Other Credal Formulations in the Acts of Peter.* – in: *The Apocryphal Acts of Peter. Magic, Miracles and Gnosticism. Studies on the Apocryphal Acts of the Apostles* 3. Jan N. Bremmer (ed.). Louvain: Peeters, 1998, p.147; também POUPON, Gérard. H. *Origine africaine des Actus Vercellenses.* – in: *The Apocryphal Acts of Peter. Magic, Miracles and Gnosticism. Studies on the Apocryphal Acts of the Apostles* 3. Jan N. Bremmer (ed.). Louvain: Peeters, 1996, pp.191-9.

<sup>753</sup> FICKER. 1903, *op.cit.*, pp.30ss.

<sup>754</sup> cap. IV,32.

<sup>755</sup> caps.VIII,11.14; XV,15.19-22, κτλ.

<sup>756</sup> TACITUS. *Annalen*, I, 74, 1.

mas com reservas: James<sup>757</sup>, Vouaux<sup>758</sup>, Schmidt<sup>759</sup>, Michaelis<sup>760</sup>, Schneemelcher<sup>761</sup> e Erbetta<sup>762</sup>.

Como já está satisfatoriamente registrado, não podemos valorar, dentro da historicidade-comparativa, quaisquer dados do *AtsPe* que não possam ser comprovados igualmente por outras fontes, conforme o “critério das múltiplas fontes” proposto por Meier<sup>763</sup>. O raciocínio seria simples: se os Evangelhos canônicos e o *Atos* lucano já proporcionam elementos relativamente parcos sobre apostolado, não seria plausível, *a priori*, conjecturar que detalhes com maior riqueza poderiam advir do século II. De outro lado, o que se sabe hoje é que a datação dos textos canônicos a passos largos tem caminhado décadas à frente<sup>764</sup> e com alguma ansiedade, muitos de nós recebem notícias de datação de apócrifos cada vez mais antigas de *scholars* multidisciplinares e bem articulados; conferir Crossan, Koester *et alii*. Os “doze anos” de permanência de Pedro em Jerusalém, apesar do apoio de outras fontes<sup>765</sup>, parecem falsos, pois contradiz o *Atos* canônicos<sup>766</sup>. De uma lista de mais de trinta personagens em *AtsPe*, temos de acordo com Schmidt, apenas quatro figuram no NT: Agripa, Berenice, Narciso e Quarto<sup>767</sup>.

Outras informações da obra, *e.g.* a custódia de Pedro em Roma, a luta contra Simão, e o seu martírio em Urbe são atestados por diversos

<sup>757</sup> JAMES, Montague Rhode. *The Apocryphal New Testament*. Oxford: Clarendon Press, 1924, [reimpr. 1975], p.300.

<sup>758</sup> VOUAUX. 1922. *Les Actes de Pierre...*, *op.cit.*, p.214.

<sup>759</sup> SCHMIDT, Carl Reinhard, no início parece mais inclinado por Roma, acaba influenciado por Erbes (em FICKER. *Petrusakten...* 1903, *op.cit.*, pp.109-111), mais tarde iria pensar na Ásia Menor como mais verossímil (SCHMIDT. *Göttingen Gelehrte Anzeiger* 5, 1903<sup>B</sup>, p.366), em resposta a resenha de A. Hilgenfeld a sua obra *Petrusakten...* – in: *ZWTh* 46, 1903, pp.321ss.

<sup>760</sup> MICHAELIS, Wilhelm. *Die Apokryphen Schriften zum Neuen Testament*. 3<sup>a</sup> ed. Bremen: 1962, p.333.

<sup>761</sup> HENNECKE; SCHNEEMELCHER, 1959, *op.cit.*, p.188.

<sup>762</sup> ERBETTA. *Atti e legende...* 1966, *op.cit.*, p.139.

<sup>763</sup> MEIER. 1996, *op.cit.*, pp.50-99.

<sup>764</sup> Listas de datas consideradas atualizadas e equilibradas, *e.g.* Bíblia de Jerusalém, não se sustentam mais diante de um número cada vez maior e bem fundamentado de pesquisas recentes.

<sup>765</sup> *Kerigma de Pedro*; CLEMENS, de Alexandria, *Stromata*, VI 5,43; e *Pistis Sofia*. – in: SCHMIDT (ed.). 1903, *op.cit.*, p.7.

<sup>766</sup> At 8,4ss.

<sup>767</sup> SCHMIDT, 1903<sup>B</sup>, *op.cit.*, p.157.

autores<sup>768</sup>. Sobre o relato esmiuçador da “crucificação de cabeça para baixo”<sup>769</sup>, que é o ápice comovente de toda a narrativa, hoje presente na história, liturgia e iconografia da Igreja, sobre ele repousa alguma suspeição, já que não há notícia independente do *AtsPe* até o presente momento<sup>770</sup>. Quanto a Simão, o Mago – arquétipo fundador de todas as “heresias” é documentado por outras fontes<sup>771</sup>, cujas características marcantes como a pretensão de ser a “Grande Força” da divindade e ter imutabilidade aparecem em outros autores alexandrinos<sup>772</sup>, mas contrasta-se com o perfil distinto de Εἰρηναῖος (= Irinæus, de Lyon) e Ἱππόλυτος (= Hyppolitus, de Roma).

De alguma forma, não há dificuldades para a maioria dos críticos em ver *AtsPe* como um representante do cristianismo mesopopular<sup>773</sup> em tempos dos séculos II (meados) - III (início), porque há a descrição de uma crmandade vigorosa, organizada, plantada pelo mundo, com crenças, tendo sinais de delimitação, com grandes exigências na pureza e

---

<sup>768</sup> MONSERRAT TORRENTS, Josep. *Los gnósticos*, vol. II. Madrid: Trotta, 1983, pp.256-7, vol.II, 1983, *in to.op.* menciona Titus Flavius CLEMENS (Alexandrinus). *I Clemens*, 5-6; Ἰγνάτιος Ἀντιοχείας (Inácio, de Antioquia). *ad Romanos*, IV,3; DIONÍSIO, de Corinto – *in*: EUSEBIUS Pamphili. *H.E.* II 15,8; EUSEBIUS Pamphili. *H.E.* II, 14,6 – *in*: Migme (ed.). *P.G.*, 1857, *op.cit.*, t.XX; Εἰρηναῖος (= IRINÆUS, de Lyon). Εἰρηναῖος (= IRINÆUS, de Lyon). *Adversus Hæreses*, I 23,1. – *in*: Migme (ed.) *P.G.*, 1857, *op.cit.* t.VII; TERTULLIANUS. *De Præscriptionibus Adversus Hæreticos*, XXXVI; *Scorpiace* 15.

<sup>769</sup> *AtsPe. Mart...* XXXVII, 4.

<sup>770</sup> A menção feira por Ὠριγένης (= ORIGENES Adamantius) no seu *Commentarii in Genesim (supra)* provavelmente deriva destes *AtsPe*.

<sup>771</sup> Εἰρηναῖος (= IRINÆUS, de Lyon). *Adversus Hæreses*, I 23,4. – *in*: Migme (ed.) *P.G.*, 1857, *op.cit.* t.VII; Ἱππόλυτος (= Hipólito de Roma). *Refut.* VI 19.

<sup>772</sup> AV IV e XXXI: Ὠριγένης (= Origenes Adamantius), *Contra Celsum*, VII,9; CLEMENS (Alexandrinus), II 11,52. A lenda do Simão, o Mago é dupla: (i) a samaritana, mitológica, aparece com a figura de Helena como companheira de Simão em Εἰρηναῖος (= IRINÆUS, de Lyon). *Adversus Hæreses*, I,1,1. – *in*: Migme (ed.) *P.G.*, 1857, *op.cit.* t.VII, e cujas linhas fazem menção JUSTINUS, Εἰρηναῖος, Ἱππόλυτος (= Hyppolitus, de Roma); (ii) a alexandrina, que atribui o predicado a Simão de “estável, firme”, representada por CLEMENS (de Alexandria), Ὠριγένης (= Origenes Adamantius), MONSERRAT. vol. II, 1983, *in to.op.*

<sup>773</sup> Seria inadequado classificar somente como popular, uma vez que tem elevado tom doutrinário em algumas seções que impedem esta descrição. É um produto da “classe média” cultural e teológica dentro da grande Igreja na sua época.

no ascetismo<sup>774</sup>, que de acordo com Davies, a autoria advém de mulheres encratistas que queriam defender suas posições ultra-ascética e antissexual. Mas a mágica e a superstição que crê em toda sorte de milagres para cativar os corações dos fiéis, que debandam de um lado para outro com extrema facilidade, parece uma exageração para a época e para a cosmopolita cidade de Roma.

Tem havido em francês um avanço nas pesquisas com o *Corpus Christianorum – Series Apocryphorum* da Brepols & Publishers (Turnhout – Belgium), que lançou os primeiros *Atos* e a revista *Apocrypha* destinada somente a este tema que contém estudo dos *scholars* da atualidade. Este esforço conta com a colaboração da École Pratique des Hautes Études (Sciences Religieuses), Universidade de Fribourg, Universidade de Genova, Universidade de Neuchâtel, Conférence Universitaire de Suisse Occidentale, Institute des Sources Chrésiennes, Union Académique Internationale *et alii*.

Alguns campos de estudo dos *ApsAp* têm sido contemplados com maior incidência pelos pesquisadores. No entanto, os campos de estudos são muito diversificados e extensos. Alguns restam em aberto e objeto de bastante controvérsia, entre os quais mencionamos alguns (há outros):

- (i) O descobrimento e a necessária e eterna busca para restauração dos “*textos originais*”. O trabalho filológico com edições críticas mais precisas, um melhor estudo das lacunas do texto original, a construção mais ampla de todas as recensões, e principalmente usando o achado de Nag Hammadi ainda é um desafio. As edições críticas são muito antigas e carecem de bastante revisão. A reunião das edições críticas e parte do material em fac-símile já sempre representou um desafio. A busca do restante deste material antigo, a correta articulação com fontes mais recentes, bem como as suspeitas levantadas em pesquisas das últimas décadas, poderiam ser objeto da continuação deste trabalho.

---

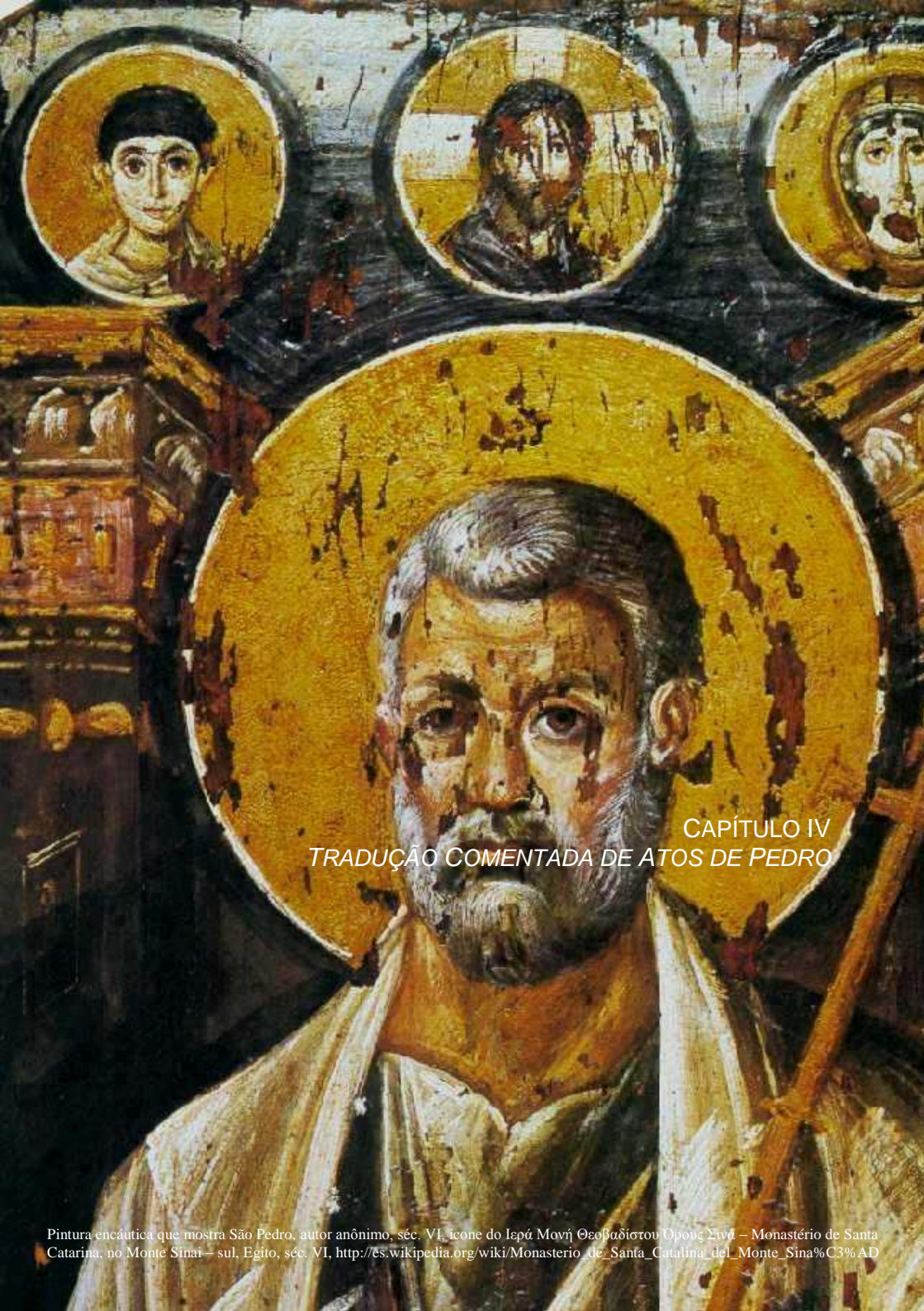
<sup>774</sup> cf DAVIES, Stevan L. *The revolt of the Widows: The Social World in the Apocryphal Acts*. New York: Carbondale; Southern Illinois Univ. Press, 1980, que vai afirmar que os cinco Grandes Atos do sécs. II-III nos levam a conclusão estes livros foram escritos por mulheres encratistas e para um público feminino. Representariam um legado literário maior na Antiguidade. Davies chega a conclusões de que o termo “viúva” (mulher que o marido morreu) seria um termo técnico para aquelas que tinham abandonado tudo para seguir uma vida de oração e penitência.

- (ii) Outro campo extenso é o aspecto doutrinal. Embora, mais ligado à teologia, esta área resta muito controversa. A articulação dos atuais dados com a informação moderna dos múltiplos “cristianismos”, seguindo Crossan, Erhman *et alii* que trabalham o tema, mas voltados a *corpora* de cerca de 80 Evangelhos. Idêntico trabalho, porém nos *AtsAp* poderia dar novas e interessantes matizações a este texto do *AtsPe* e outros *AtsAp*.
- (iii) Os gêneros e subgêneros literários fornecem ainda possibilidades de investigação. O que dispomos nesta área ainda é uma síntese (das controvérsias), aquiesce a própria Söder.
- (iv) Finalmente, um campo bastante aberto, é o uso dos textos canônicos nos *AtsAp* e as consequências que decorrem para a correta hermenêutica que este uso poderá derivar. O texto de *AtsPe* se ambienta nestes “cristianismos”, mas também, pela outra via, os exemplifica.



Afresco Masaccio, *sinopia* (ou *sinoper*) *del pentimento di San Pietro*. Por Tommaso di Ser Giovanni di Simone ou Masaccio, *c.* 1425. Em *La Cappella Brancacci a Santa Maria del Carmine*, – in: AA.VV., *Cappelle del Rinascimento a Firenze*. Firenze: Editrice Giusti, 1998. Em pigmento escuro marrom-avermelhada, natural da terra, cuja cor avermelhada vem de hematite, extraída da Capadócia, uma forma desidratada de óxido de ferro, amplamente utilizado na antiguidade clássica e da Idade Média para a pintura, e durante o Renascimento, foi, muitas vezes, utilizado para o desenho animado ou tinta-base para um afresco.





CAPÍTULO IV  
TRADUÇÃO COMENTADA DE ATOS DE PEDRO



## CAPÍTULO IV

### TRADUÇÃO COMENTADA DE ATOS DE PEDRO

---

#### I. *Acta Petri Apostoli* – Notas da edição e aparato crítico

Esta tradução de *AtsPe* está proposta em treze seções temáticas que nos dão o encadeamento narrativo o mais proximamente possível do *AtsPe* primitivo, conforme a episteme aqui professada, e que permite uma versão restaurada do texto que circulou na Antiguidade, com alguma lacuna na parte inicial cujo material não nos alcançou (cf. pp.189-91do Capítulo III).

Os *AtsPe* são chamados na *editio princeps* de Lipsius<sup>775</sup> – *Actus Petri cum Simone*. Os capítulos anteriores deram conta de explicar que se refere a uma combinação dos elementos que termina no *Códice de Vercelli CVIII*, 1 (AV) da Biblioteca Capitular do Monastério de Vercelli (versão *lat.* de um original *gr.*), o único que dispomos deste *AtsPe* na sua maior parte: “*actus Petri apostoli explicuerunt cum pace et Simonis.*

---

<sup>775</sup> Richard Adelbert Lipsius, um proeminente teólogo luterano liberal, produziu a prima edição crítica. De uma família saxã, nasceu em Gera, 1830. Até sua morte, em 1892, foi professor de Teologia Sistemática, Estudos Patrísticos, κτλ, em Jena e em Leipzig. Produziu um trabalho monumental de valia aos estudos atuais – *Die Apokryphen Apostelgeschichten und Apostellegenden: Ein Beitrag zur altchristlichen Literaturgeschichte*. t. I e II. Leipzig: Hinrichs, 1892. A edição crítica textual, que analisa um cópia do *ms.* – *in: Acta apostolorum apocrypha (A.a.a.)*, é um labor pioneiro, onde analisa, particularmente, o caráter do gnosticismo; porém, agora é um tanto ultrapassado, principalmente após o advento Nag Hammadi. Ele próprio teve contato com o *ms.* de Vercelli. E incentivado por Lipsius, Heinrich Holtzmann e Wilhelm Studemund copiaram-no, provavelmente em 1867 e emprestaram a transcrição a Lipsius, cuja ed. não aparece publicada, cf DUNELM, B. F. S. *Clement of Rome: A revised text I*. Parte I. – *in: Joseph Barber Lightfoot (ed.). The Apostolic Fathers*. Londres; New York, 1890, VI, nt.1. Ainda Studemund pesa alguma escurpulosidade filológica, devido a má vontade de cooperar e por ter tido acesso a uma parte *gr.*, mas no afã de comparar os textos, perdeu-se. Um outro convite foi estendido em 1890, mais tarde por Bonnet.

*Amen*”. O copista interpretou “*epistula sancti petri cum simone mago.*”<sup>776</sup> Resta daí o nome pouco afortunado, que não faz justiça com o conteúdo destes *AtsPe*. Entretanto, como nos chegaram os capítulos anteriores ao relato grego do *Martírio de Pedro* em gr. somente através da versão latina, usaremos aqui a edição de Vouaux (*iv*) que não apresenta mais este problema de titulação.

Ainda para os capítulos finais dispomos paralelamente dos códices gregos: (*v*) o *Patmos – P 48*, (séc. IX). (*v*) O *Vatopedi A 79* (séc. X-XI), do Monte de Atos. A versão eslava (*S*), que está mencionada no aparato crítico, contém o *Martírio* a partir do cap. IV do texto grego de P, ao que se segue com absoluta fidelidade.

Antes dos AV, está colocado o *Ato de Pedro* em *cop. (i)* e os *frgg.* latinos (são citações do material de *AtsPe* primitivo). O primeiro *frg.* cita a pequena história da *Filia Hortulani (ii)* que é a carta *Epistola Titi, discipuli Pauli* de Ps-Titus, *De dispositione sanctimonii*, 83-93<sup>777</sup> (os críticos textuais tiraram desta fonte para a inclusão em seus textos). Procede de um único *ms.* chamado, *Codice Burchard* (séc. VIII), cuja linguagem está com muitas incorreções. O segundo *frg. (iii)* contém palavras de Pedro sobre a atitude cristã ante a morte<sup>778</sup>, retirado do *Codex Cambrai 254* (séc. XIII). Os dois *frgg.* na disposição do texto integral de *AtsPe* devem anteceder o AV, como foi defendido *supra*.

As notas referentes ao aparato ocorrem em abundância nos textos críticos, cuja completa harmonização ainda não ocorreu; também nas traduções e estudos afins. Ao fazermos o cruzamento destas, na atualidade, quando agora contamos a facilidade digital, fac-símile, xerox, κτλ, percebe-se genealogias pouco definidas ou díspares em alguns casos. Tais notas aparecem em introduções, prefácios, dentro de outras notas, κτλ, que deste modo se duplicam, conseqüentemente em vários trabalhos posteriores dos anos 1940-1960 (dependendo das fontes usadas) sem a correta menção das fontes ou com a menção de uma fonte que parece não ser a original. Verifica-se no índice bibliográfico ao final desta tese, ser a maioria destes trabalhos antigos datando dos anos 1890-1930 e é, bastante provável, sem muita conexidade ou articulação entre eles. Isto talvez se

<sup>776</sup> VOUAUX. 1922, *op.cit.*, p.228, nt. I (*a*). Também cf LIPSIUS. 1891, p.103.

<sup>777</sup> DE BRUYNE. Donatien. *Epistola Titi, discipuli Pauli*. – in: *Codex Burchardi (Homilia de Burchard)*. Publicado no art. *Nouveaux fragments des Actes de Pierre, de Paul, de Jean, d'André et de l'Apocalypse d'Elie*. – in: *Revue Bénédictine*, t.XXV. Donatien Bruyne (ed.). 1908, pp.149-60.

<sup>778</sup> Foi editado também por DE BRUYNE. *ibid.*, p.153.

deva, em parte, a restrição à ampla publicação pela qual os temas – ‘apócrifo e ‘gnosticismo’ – passaram (e ainda passam) nos ambientes religiosos, local natural de trabalho em tais textos, mais primeira Grande Guerra, κτλ.

Usou-se aqui um sistema de créditos por *data de publicação* dos trabalhos ‘os quais se teve acesso’, segundo a legenda abaixo. De alguma forma, ajuda parcialmente, a estabelecer alguma ordem cronológica. Será mencionada a ocorrência mais antiga localizada e *et alii* para as demais. Note-se que foram comparados os fac-símiles dos manuscritos com as edições críticas de Léon Vouaux para *iv*, *v* (1922), Carl Schmidt para *i* (1903); Donatien de Bruyne para *ii*, *iii* (1908). Assim sendo, nem todas as notas do aparato serão iguais aos textos *supra*. Também, é possível que haja injustiças pelo volume e fragmentação do material consultado, pela precariedade do material (antigo) ou pela precariedade do acesso (*in absentia* de fac-símile, conteúdo parcial, proibição de xerox). Muitos autores abaixo contêm parte do aparato crítico e não serão mencionados nenhuma vez; constam da relação porque foram consultados; relacionamos apenas os mais relevantes, porém há outros trabalhos menores que apenas constaram da Bibliografia final. Mas acredita-se na tentativa de organizar o aparato deste material; parte disto ficará para um desafio futuro. Algumas notas serão mencionadas como *apud*, outras mais confusas serão simplesmente eliminadas. A lista das fontes do aparato crítico e legenda:

Ano	Autor / Obra	Tipo de obra	Partes AtsPe	Legenda
1871	MALAN, M. <i>The Conflicts of the...</i>	Tradução	<i>iv</i> , <i>v</i>	<i>Mal.</i>
1887	GUIDI, I. <i>Rendiconti della reale Ac.</i>	Ed. Cop.	<i>iv</i> , <i>v</i>	<i>Guid.</i>
1890 (-)	SOKOLOFF, S. <i>Vndol'skiana...</i>	Ed. Eslava	<i>iv</i> , <i>v</i>	<i>Soko.</i>
1890	BEDJAN, P. <i>Acta Martyrum et...</i>	Ed. Syr.	<i>iv</i> , <i>v</i>	<i>Bedj.</i>
1891	LIPSIUS, R. A. <i>Actus Petri cum Sim...</i>	Ed. do ms.	<i>i</i> , <i>ii</i> , <i>iii</i> , <i>iv</i> , <i>v</i>	<i>Lipsi.</i>
1898	NAU, F. <i>La version Syriaque inédit...</i>	Ed. Syr.	<i>iv</i> , <i>v</i>	<i>Nau.</i>
1899	BUGDE, E. <i>Walis. The Contendings...</i>	Ed. Etíope	<i>iv</i> , <i>v</i>	<i>Bugd.</i>
1901	VETTER, P. <i>Die Armenischen apocry...</i>	Ed. Arm.	<i>iv</i> , <i>v</i> ,	<i>Vett.</i>
1903	FICKER, G. <i>Die Petrusakten...</i>	Tradução	<i>iv</i> , <i>v</i>	<i>FickA.</i>
1903	SCHMIDT, C. <i>Die alten Petrusakten...</i>	Ed. Crítica (parc.)	<i>i</i>	<i>Schmi.</i>
1908	FLAMION, J. <i>Les Actes Apo. Pierre...</i>	Estudo	<i>ii</i> , <i>iii</i> , <i>iv</i> , <i>v</i>	<i>Flam.</i>
1913	VOUAUX, L. <i>Les Actes de...</i>	Tradução	<i>ii</i> , <i>iii</i> , <i>iv</i> , <i>v</i>	<i>VouaA.</i>
1922	VOUAUX, L. <i>Les Actes de Pierre...</i>	Ed. Crítica	<i>ii</i> , <i>iii</i> , <i>iv</i> , <i>v</i>	<i>VouaB.</i>
1924	FICKER, G. <i>Hanbunch zu den neut...</i>	Tradução	<i>ii</i> , <i>iii</i> , <i>iv</i> , <i>v</i>	<i>FickB.</i>
1924	JAMES, M. R. <i>The Apocryphal New...</i>	Tradução	<i>i</i> , <i>iv</i> , <i>vi</i>	<i>James.</i>
1925	DE BRUYNE, D. <i>Epist. Ps-Tito... κτλ.</i>	Ed. Crítica (parc.)	<i>ii</i> , <i>iii</i>	<i>D.Bruy.</i>
1930	TURNER, C. H. <i>The Latin acts of...</i>	Aparato	<i>iv</i>	<i>Turner</i>
1933	BOTTOMLEY, G. <i>The acts of St. Pet...</i>	Estudo	<i>ii</i> , <i>iii</i> , <i>iv</i> , <i>v</i>	<i>Boit.</i>
1959	SCHNEEMELCHER, W. <i>Neut. Apokr....</i>	Tradução	<i>iv</i> , <i>v</i>	<i>S-H.</i>
1962	MICHAELIS, W. <i>Die Apocryphen...</i>	Tradução	<i>i</i> , <i>ii</i> , <i>iii</i> , <i>iv</i> , <i>v</i>	<i>Mich.</i>
1969	ERBETTA, M. <i>Gli Apocrifi del Nuov...</i>	Tradução	<i>i</i> , <i>iv</i> , <i>v</i>	<i>Erbe.</i>

1975	MORALDI, L. <i>Apocrifi del Nuovo...</i>	Tradução	<i>i, ii, iii, iv, v</i>	<i>Mora.</i>
1984	LEMM, O. von. <i>Koptische apocryph.</i>	Ed. Cop.	<i>iv, v</i>	<i>Lemm.</i>
1998	BREMMER, J. N. <i>The Apoc. St. Pet...</i>	Estudo	<i>i, ii, iii, iv, v</i>	<i>Brem.</i>
2000	NORELLI, E. <i>Sur les Actes de Pierre...</i>	Estudo	<i>ii, iii, iv, v</i>	<i>Norel.</i>
2004	PIÑERO, A. <i>Hechos apócrifos...</i>	Tradução	<i>i, ii, iii, iv, v</i>	<i>Piñe</i>

Na apresentação, o texto está espelhado, para a impressão frente-verso. Na página à esquerda teremos o texto em copto-greco-latino com seu aparato crítico; na da direita a tradução comentada.

## II. Pressupostos práticos da tradução

A opção por alguns pressupostos, justificados nos capítulos anteriores, guiaram a tradução:

(i) O *AtsPe* é considerado como um todo. As partes *i* a *vi* são partes de uma única obra que circulou inteira na Antiguidade. O cotejo ao grego do *Martírio de Pedro*, por este princípio defendido, deverá ocorrer com o texto latino do *AV* pela maior abundância de fontes, principalmente em passagens ambíguas, de difícil tradução ou em casos de interpolações, supressões, κτλ. Lipsius e Vouaux em seus textos críticos frequentam constantemente este expediente. Sempre que o texto grego não seguir o recorte de língua para este período defendido ou fizer-se uso para compor sentido conjuntamente das versões latina, armênia, eslava ou siríaca, será colocada uma nota de rodapé. A mesma colocação aplica-se à versão latina *AV* e aos *frgg.* latinos menores. A tradução texto *gr.*, percebido como da língua original, de acordo com a episteme aqui professada, é uma tradução mais fluída. A tradução *cop.* e *lat.* por se tratarem de traduções a partir de um texto original *gr.* buscou-se a reconstituição ao máximo possível do original através de rastros e pistas linguísticas, tradutórias, teológicas (o século II tem uma teologia já bem sedimentada), de gênero e subgêneros literários e demais recursos. Devido a isso, optou-se facilitação ao leitor (especialmente o bilíngue) pela marcação das linhas (língua clássica e *pt.*) para chamar a atenção a pronta comparação, inclusive daquilo que poderia ser considerada uma tradução livre de porções copto-latinas, mas ambicionam alcançar o texto grego no seu conjunto de obra uma, do gênero dos Atos (com perícopes de diversos subgêneros) e do ambiente cristão-gnóstico do século II. Cabe dizer que os pressupostos teóricos da tradução estão mantidos equanimemente em ambos os textos *cop.* – *lat.* – *gr.* A questão é apenas de estilística e remete a intenção de ajuda ao leitor; sempre haverá uma nota quando isso

ocorrer. Tal estratégia baseia-se em dois pressupostos: a tradução latina – *AV* é bastante fiel ao original *gr.*, mas por outro lado é bárbara e abundante em erros. Os textos clássicos respeitam as colunas, fólhos, páginas e linhas dos *mss.*

(ii) O *AtsPe* é um texto “apócrifo” bastante próximo dos canônicos. Dele advém uma rica tradição iconográfica, patrística, κτλ, conforme se esforçou para demonstrar no Capítulo I. Os assim chamados “apócrifos”, o são pelo seu teor, forma e pela contestação da paternidade apostólica, e que, invariavelmente, implica que devam ser remetidos ao cotejo com os modelos canônicos para aspectos como: linguagem de partida (*gr.* ↔ *lat.*, texto fragmentado), linguagem de chegada em (*pt.*), tradição de traduções canônicas (jargão que dá o aspecto sagrado ao texto canônico em *pt.*), terminologias que se desdobram em aspectos teológicos, de inclusão, κτλ. Assim sendo, *AtsPe* tinha “pretensão canônica” quer pelo relato, quer pela forma ou quer pela linguagem, e desta forma deu-se a sua recepção. A linguagem que faz “pano de fundo” ao *AtsPe* será, portanto a linguagem do NT, sobretudo a κοινή literária um pouco mais elevada comparada *e.g.* demais sinóticos e cartas paulinas, porque os textos canônicos 1Pe e 2Pe (ciclo petrino) tem esse recorte de língua, bem como seu modelar de gênero – o *Atos* lucano. O *AtsPe* apresenta já no primeiro parágrafo do início do texto *gr.* (v) uma abundância participial e um longo genitivo absoluto, características da κοινή literária.

(iii) O *AtsPe* foi composto no intervalo dos anos de 160–180 (com bastante probabilidade) ou até 190 (com menor possibilidade), de acordo com o evidenciado no Capítulo I. O recorte sincrônico da língua, ou como podemos nominar – o estado da língua será o deste período sempre que possível, que será o guia para julgarmos questões como: quais são as marcas de registro popular no texto ou não, κτλ. Considerando isto usaremos o *The Patristic Greek Lexicon* – Oxford para nos auxiliar a localizar sempre autores da patrística e determinados significados ou construções deste recorte de língua. A língua grega estendeu-se temporalmente desde Homero até o século III d.C., e *e.g.* a Carta de Pero Vaz de Caminha mencionada no Capítulo III ilustra este “abismo” temporal de um estado de língua para outro de 500 atrás. Para cada recorte sincrônico da língua tivemos registros “cultos” e outros mais populares. Tomaremos este cuidado com a escolha dos significados e construções considerando este período.

(iv) O *AtsPe* pertence a um gênero Πράξεις. Cabe reiterar que, nenhum texto existe senão como depositário de alguma tradição literária ou textual e, por conseguinte, passa a exemplificá-la, em maior ou menor

alcance de originalidade – *Atos de Pedro* não é exceção. O Capítulo I trouxe discussões se *AtsPe* se reporta mais o modelo novelístico da Antiguidade ou se ancora no modelo lucano de *Atos* devido às inúmeras citações bíblicas. Embora seja uma questão aberta sobre o quanto segue um ou outro modelo, mas de fato, sabemos que se ampara em ambos em maior ou menor grau. Isto também será considerado na tradução.

(v) Não será negado o elemento “estrangeiro” na tradução, considerando o pressuposto bermaniano. Será considerado o *sitz im leben*, na sua definição que alcança os traços socioculturais. Assim teremos uma *tradução direta* onde ser reivindicada a *autenticidade* (diferente de equivalência formal, conforme defendido no Capítulo II), tentando não impor um “esforço injustificável” ao leitor, conforme já mencionado em Gutt<sup>779</sup>. Assim devido à grande distância contextual da *intentio operis* e do leitor de uma tradução contemporânea de *AtsPe*, se fará uma “prestação de informações detalhadas sobre a configuração sociocultural e histórica em que o original foi escrito”<sup>780</sup>, oferecendo ao leitor contemporâneo subsídios de contexto pressupostos aos leitores originais, dando ao leitor atual a impressão de ler no contexto de origem, seguindo o modelo das melhores traduções bíblicas em termos de aceitação e contendo *pistas-comunicativas*.

(vi) Segue-se aqui a técnica tradutória e a estratégia de trabalho com o texto greco-latino, num diálogo de muitas idas-e-voltas entre a práxis e a teoria, segundo sugere a Souza e Silva<sup>781</sup>:

Se me permitem direi como é que eu faço as minhas traduções. Cada um terá o seu estilo, mas eu procedo assim. A primeira coisa é informar-me sobre o tipo de texto, caso não o conheça; faço depois uma tradução corrida, um borrão, sem grandes preocupações, com todas as imperfeições que possa haver; depois, numa outra fase procuro todas as traduções e comentários disponíveis, e aí passo a rever o meu borrão; ou seja, para cada

<sup>779</sup> GUTT. 2000<sup>A</sup>, *loc.cit.*, p.35.

<sup>780</sup> STEINER. 2005, *loc.cit.*, pp.280ss.

<sup>781</sup> SOUZA E SILVA, é uma *scholar* para o tema – traduções *gr.*→*pt.* (de Portugal), filóloga, membro das diversas associações e programas internacionais na área dos Estudos Clássicos. Tem reconhecimento internacional e está no topo da lista dos principais tradutores da língua grega clássica→público lusófono, devido a extensão e alcance das obras traduzidas, entre elas, Aristófanés (obra completa), Menandro, Herodoto (obra completas) Teofrasto, Aristóteles, *et alii*.



palavra vou ver as soluções que já foram achadas e os comentários que são feitos, se há necessidade de alguma nota para justificar a minha opção ou para dar algum esclarecimento. Este é um trabalho muito minucioso e longo, mas de uma forma geral quando se termina esta fase a tradução já está próxima da forma definitiva; depois o último trabalho é fechar todos os comentários e traduções e ler a minha para ver se o leitor do meu texto entenderia a minha intenção. Essa leitura final me dirá, se eu ler este texto a um português que não saiba grego, se ele entende as minhas intenções.<sup>782</sup>

(vii) O *ms.* A tem uma marcação de linhas que corresponde ao manuscrito original depositado no museu. Contém as mesmas letras por linha, o que pode ocasionar que algumas palavras gregas fiquem divididas. A manutenção das linhas originais nos permitirá visualizar melhor algumas discussões de interpolações ou supressões. Optou-se pela tradução dupla-coluna<sup>783</sup>, mas devido à quantidade disforme de notas de rodapés no aparato crítico ou na própria tradução, uma das páginas poderá ficar com uma área escrita menor. Mesmo assim ainda achou-se útil manter o texto grego tal qual o original nas suas letras por linhas, fato que não ocorreu anteriormente nas traduções elencadas na bibliografia.

(viii) As frases *gr./lat.* ↔ *pt.* não correspondem diretamente, devido ao recurso destas línguas de poderem “embaralhar” as palavras marcadas por desinências casuais devido à declinação da língua. Já em *pt.* a ordem de palavras é significativa para a formação do sentido. Na primeira e última linha de cada página, a tradução e/ou o texto clássico não irão coincidir devido a isto, acrescido do fato de que esta tradução não será *ad uerbum*, favorecendo a sintaxe e a comunicação em língua portuguesa. Nestas linhas de início e final de página, o texto *gr.-pt.* (em cor preta, normal) corresponde àquilo que está naquela página (texto *gr.* ↔ *trad.*). O texto marcado em cinza (cor diferente) será o que está na página posterior ou na anterior (é sempre uma repetição). Percebeu-se que nestas linhas de final de páginas ou capítulos, em algumas traduções, há um esforço para

---

<sup>782</sup> SOUZA E SILVA, Maria de Fátima; PARAIZO Jr., Elias. *Entrevista...* 2010, pp.293-313 (esp. p.307). Durante o Curso de Altos Estudos da CAPES, POSLIT-UFGM, PGET-UFSC, UC-Portugal e Prog. Intern. CAPES, em 01/04/2009. – in: *Tradução e Criação*. BARBOSA, Tereza Virgínia Ribeiro; SOUZA E SILVA, Maria de Fátima (eds.). Belo Horizonte: UFGM-UC, 2010.

<sup>783</sup> Ou melhor, dupla página, quando ocorrer a impressão do texto acabado.

este “encaixe”. Não é uma preocupação aqui. Acreditamos que este método ajuda a resolver este impasse.

(ix) É praticamente desnecessário dizer que, tal qual ocorre em qualquer tradução, que não foi possível traduzir sempre o termo grego pelo seu corresponde direto em português. Isto porque, com raras exceções, as palavras de uma língua são polissêmicas. O resultado desta tradução seria um texto de sintaxe muito estranha à índole do português.

(x) Nem tudo podemos transferir de uma língua à outra. O artigo definido, *e.g.*, que no grego ocorre com elevada frequência em nomes próprios “o Pedro”, “o Deus”, “o Jesus”, “o Marcelo” *et alii*, foge à índole da língua portuguesa, portanto, simplesmente omitimos. Além de que o uso do artigo nestes casos (em *pt.*) gera a relação de proximidade (que não existe em grego). Ou no caso do latim, que a língua não dispõe de artigo e teremos que decidir em português por um artigo definido, um indefinido, ou ainda, nenhum dos dois. Os pronomes relativos e demonstrativos, abundantes em *gr.-lat.*, muitas vezes pedem a substituição por nomes próprios em português (especialmente os anafóricos muito afastados dos nomes), para o bom entendimento da narrativa. Outras vezes são superabundantes em *gr./lat.*, que é mais adequado suprimi-los em língua de chegada. Outra questão é o sujeito neutro plural, que em grego tem verbo no singular: optou-se, sempre que possível, tratar o ‘neutro plural’ = coletivo (sg.) e manter o verbo no singular. Há neste *AtsPe* uma incidência significativa de “depoência verbal”, verbos com morfologia médio-passiva que terão sentido ativo.

(xi) A riqueza da alternância aspectual do sistema verbal grego – *aktionsart*, também foge à índole do português quando usado num mesmo parágrafo, como o *gr./lat.* o fazem. A tradução privilegiou o aspecto *gr./lat.* central, qualquer destes: durativo, pontual, indeterminado, resultativo, κτλ), porém em uma extensão um pouco maior, *e.g.*, um parágrafo ou uma perícope.

(xi) Foi preterida a tradução *ad uerbum* sempre que se encontrou expressões que em grego são “termos idiomáticos”. Neste sentido, procuramos justificar os usos a partir de dicionários especializados como *A Patristic Greek Lexicon*, Oxford. Para estas ocorrências na linguagem do NT, quando este cotejo no original ocorre por calão ou subgênero ou ainda, por paráfrase próxima ou citação quase literal de texto do NT usamos o aparato crítico do *The Greek New Testament, Fourth Revised Edition*, das Sociedades Bíblicas Unidas.



TRADUÇÃO III.i  
τετραζικ μπετρος – O Ato de Pedro  
A Filha de Pedro



Misterioso afresco com a inscrição *PETRENELLA MART* (acima). Um dos mais antigos da cristandade, autor anônimo, *c.* 390-395, no abside da Basílica do Papa Sirício, na Via Adreatina ou Domitilla, Roma, Italia. — (abaixo) Quadro *Seppellimento e gloria di Santa Petronilla*, Museu Capitolini, 1621-1622, por Giovanni Francesco Barbieri (Guercino), em óleo sobre tela.  
[http://en.wikipedia.org/wiki/Saint\\_Petronilla](http://en.wikipedia.org/wiki/Saint_Petronilla)

## III.i – Tradução comentada e anotada do texto copta

*Ato de Pedro – Die alten Petrusakten im Zusammenhang der apocryphen Apostelliteratur, nebst einem neuentdeckten Fragment untersucht.*  $\mathfrak{P}^{\text{Berol.8502}}$ , 4. Ed. SCHIMDT, Carl<sup>784</sup>. Leipzig: J. C. HINRICH'SCHE BUCHHANDLUNG, 1903, pp.3-7.

1ª. Seção:  $\tau\epsilon\pi\rho\alpha\zeta\iota\varsigma \mu\pi\epsilon\tau\rho\varsigma$ <sup>785</sup>.

(refere-se à Parte I dos *AtsPe* com notas sobre o aparato crítico)

<sup>784</sup> Texto copta descoberto e publicado, conforme SCHMDIT. *Die Alten...*, *op.cit.*, 1903, pp.1-7. Ele encontrou-o na Academia de Ciência de Ciências do Cairo, através de Reinhard, 1896. Este valioso *codex* esta anexado ao final de três outras obras gnósticas, e chamou a atenção por ser o mais antiga, intitulada  $\tau\epsilon\pi\rho\alpha\zeta\iota\varsigma \mu\pi\epsilon\tau\rho\varsigma$ : *gr.* → *cop.* Πράξις Πέτρου. Teria surgido através de comerciantes árabes em Akhmim, envolto em papel de parede, o que permite assumir com segurança que vem do entorno desta localidade. Em 1903, depois de identificar a peça e especificar seu valor para a literatura cristã primitiva, publicou-a. Segue a coluna do, assim nominado e depositado atualmente em Berlim,  $\mathfrak{P}^{\text{Berolinensis 8502}}$ , 4 com os quatorze fólhos marcados (ilegíveis dois), oscilando entre 18-22 linhas. Para evitar enfadonhas repetições de notas de rodapé, algumas observações relevantes à edição crítica provinda do cotejo com estudos posteriores, a Nag Hammadi especialmente, estão apresentadas em (  $\overline{\Phi}$   $\overline{\text{C}}$   $\overline{\text{E}}$   $\overline{\text{C}}$   $\overline{\text{H}}$   $\overline{\text{M}}$   $\overline{\text{A}}$   $\overline{\text{D}}$   $\overline{\text{I}}$   $\overline{\text{T}}$   $\overline{\text{M}}$  - cor cinzenta) para não alterar o texto crítico original. Está mantida a mesma fonte arcaica de SCHIMDT, hoje, em desuso para textos críticos em *cop.*, por dispor de sinais diacríticos antigos não disponibilizados nas fontes mais modernas, bem como a questão do espaçamento, útil para se perceber corrupções, supressões ou até interpolações.

<sup>785</sup> O título aparece só ao final do *ms.* O *Papyrus Berolinensis 8502*, 4, acha-se depositado no Berliner Museumsinsel (Berlim). Em 1896, o  $\mathfrak{P}^{\text{Berol.-8502}}$ , séc. V, encontrado envolto em penas num ninho de cemitério, encadernado em couro, grafado em dialeto *cop. sahídico*, foi comprado pelo *scholar* alemão Carl Reinhardt Schmidt, no Cairo. Também nominado de *Codex Berlim* ou *Codex Akhmim*, ( $\mathfrak{P}^{\text{Berol.-8502}}$  e  $\mathfrak{P}^{\text{BG-8502}}$ ). Além do *Ato de Pedro*, episódio amoroso envolvendo a filha do apóstolo (compõe o grande Πράξις Πέτρου), contém também três eds. *cop.* de textos gnósticos muito importantes: o *Apócrifo de João*, a *Sophia de Jesus Cristo* e do *Evangelho de Maria*. Apesar do valor do achado do final do séc. XIX, vários infortúnios, *e.g.* duas grandes guerras, adiou-se as traduções e estudos mais densos até 1955, quando a Biblioteca de Nag Hammadi também foi recuperada e publicada, e com ela dois das cópias do  $\mathfrak{P}^{\text{Berol.-8502}}$ . Do  $\mathfrak{P}^{\text{Oxyrh}}$  (escavações no norte do Egito), pequenos *frgg.*, versões destes textos

## O ATO DE PEDRO

A filha de Pedro<sup>786</sup>


---

(P<sup>Oxyrh.</sup>-3525, P<sup>Rylands</sup>-463), também foram usados para dinamizar as traduções, que agora apareciam na *Biblioteca de Nag Hammadi*. Este *codex* resguarda a cópia mais completa sobrevivente do *Evangelho de Maria*, entenda-se Maria [de Magdala], como é a antonomásia do *ms*.

<sup>786</sup> O *AtsNeAq*, XV chama-a de Petrolina (diminutivo de Pedro), nome de uma mártir romana. Pouca informação segura temos acerca dela: seu nome e o fato de ter sido mártir; os dois informes advém de um dos mais antigos e misteriosos afrescos do cristianismo (390-395), abside da basílica do Papa Siríaco I (384-†399) achado na basílica subterrânea das catacumbas de Roma. Por volta de 800, o imperador francês Carlos Magno visitou a capela onde estavam seus restos mortais, e tornou-se profundo devoto. Disto advém o fato de ser padroeira do reis da França, padroeira deste país e “primogênita da Igreja” na França. A maioria das seis lista tumulares do séc. VII mencionam seu túmulo na Via Ardeatina próximo aos santos Nereu e Aquiles, o que na atualidade restou confirmado pelas escavações na Catacumba de Domitila, *cf* DE ROSSI, Giovanni Battista; SILVANI, Angelo; FERRUA Antonio. *Inscriptiones christianæ urbis Roma Sptimo Sæculo Antiquiores*. vol.II. Roma: ICUR, 1861-1888, p.225 [reimp. Pontifício Instituto di Archeologia Cristiana, 1975]. Entretanto o matrimônio do apóstolo é mencionado por CLEMENS (de Alexandria), *Stromata*, III 6,5 e EPIPHANIUS (de Salamina). *Panarion*, XXX,27; PIÑERO. 2004, *op.cit.*, p.540. Também *uide* Mc 1,29ss; ICor 9,5; Mc 8,14-15.

C<sup>128</sup>

ρ̄κ[̄Η-

- 1 ε̄μ πο̄τα δε<sup>787</sup> [̄μ-π̄σαββα<sup>-788</sup>  
 ΤΟΝ<sup>789</sup> ΕΤΕ ΚΥΡΙΑΚΗ<sup>790</sup> ΤΕ<sup>791</sup>  
 ΔΥΜΗΝΩ ΕΩΝΗ ΕΞΟΥΝ<sup>792</sup>  
 ΔΥΕΙΝΕ ΕΞΟΥΝ ΨΑ ΠΕ>>
- 5 ΤΡΟΣ ΝΝΟΥΜΗΝΩ ΕΥ  
 ΨΩΝΕ ΧΕΚΑΔΣ ΕΥΕΡ>  
 ΠΑΖΡΕ ΕΡΟΥΡ Δ ΟΥΑ ΔΕ Ρ̄  
 ΤΟΛΜΑ ΕΒΟΛ ΕΜ ΠΜΗ  
 ΗΩ Ε ΔΥΧΟΥΟΣ ΜΠΕΤΡΟΣ

<sup>787</sup> *gr.* → *cop.* δέ. Algumas palavras de origem *gr.* importantes estão destacadas. Nesta tese abdicamos de fazer as notas de aparato crítico (resgate de autores mais antigos), que tradicionalmente na atualidade aparecem em *lat.*, para torná-las acessíveis a um maior número de leitores.

<sup>788</sup> Os diversos episódios *cop.-gr.-lat.* mantém uma “fórmula inicial” que evidencia, mais uma vez, seu conjunto. O texto *gr.* começa com μιᾷ δὲ τοῦ σαββάτου; no *lat.* Pedro e as gentes se encontram *prima... sabbatorum* (*ms.* V, VII); em XXIX o apóstolo visita as viúvas no *die dominico*; os *mss.* A e P (martírio em *gr.*) ocorre em κυριακῆς οὔσης; κτλ. *cf* SCHMIDT, 1903, *op.cit.*, p.3, esta expressão sozinha já poderia provar que o *frg.* pertence ao *AtsPe*. Nota-se a ligação com as fórmulas bíblicas *cf* Mt 28.1; At 20.7; 1Cor 16.2; Ap 1.10; *et alii*.

<sup>789</sup> *gr.* → *cop.* σάββατον.

<sup>790</sup> *gr.* → *cop.* κυριακῆς.

<sup>791</sup> A tradução literal do *gr.* → *cop.* é evidente aqui. O texto *gr.* é com boa probabilidade o original: ἐν δὲ τῇ μιᾷ σαββάτου, *cf* 1Cor 16.2 (outras curas de Pedro estão sempre associadas a esta expressão).

<sup>792</sup> Na década de 70 Parrott adota a leitura εζοῦν *cf* SCHMIDT em 1903, *op.cit.*, p.3, nt.1, *it.* como para outros finais de linha.

C<sup>128</sup>

- 1 Agora<sup>793</sup> o primeiro dia da semana<sup>794</sup>,  
 é o Dia do Senhor<sup>795</sup>.  
 Uma multidão se reuniu  
 e trouxeram para Pedro<sup>796</sup>
- 5 um grande número  
 enfermos, fim de que ele  
 os curasse<sup>797</sup>. Então<sup>798</sup> uma pessoa<sup>799</sup>,  
 dentre a multidão, tomou coragem<sup>800</sup>  
 para dizer a Pedro<sup>801</sup>:

<sup>793</sup> Expressão derivada *gr.* → *cop.* δέ (consecutiva, dá sequência narrativa). A marcação das palavras *gr.* → *cop.* tem como fim a notável contaminação dos textos coptas pelo *gr.* κοινή NT (no ambiente dos textos cristãos mais especialmente).

<sup>794</sup> Semitismo conforme Ex 16,23 com resignificação particular dentro dos “cristianismos”: *καβατων* em *cop.* ← *σάββατον* *gr.* ← *heb.* שַׁבָּת.

<sup>795</sup> Neste dia *κυριακή* (*gr.* → *cop.*), pela manhã, já ocorria *c<sup>a</sup>*. primeira metade do séc. II uma assembleia com fins litúrgicos, em referência ao Dia do Senhor *cf* Mt.28.1; *et alii*.

<sup>796</sup> *gr.* → *cop.* Πέτρος.

<sup>797</sup> *cf* *AtsPe* XXXI; Mt 4,24; At 5,16ss.

<sup>798</sup> *gr.* → *cop.* δέ

<sup>799</sup> VOUAUX, 1922, *op.cit.*, pp.155-6, *AtsNeAq*, irá nominá-lo – Tito, um fiel discípulo do apóstolo. Este episódio pode ser derivada como *AtsAp* primitivos (teoria de Vouaux) uma vez que é encontrado sem nenhuma alteração. A comparação entre *AtsNeAq* – *frg.* copta é instrutiva, pois nos permite capturar o vivo pelo *proto* autor. No *AtsNeAq* dá-se nomes para a personagens anônimos da velha história: quem pergunta a Pedro é Tito (por empréstimo de Ps-Linus, ou ainda, epístolas paulinas); a filha de Pedro é chamado nome de Petrolina muito semelhante ao de Pedro O autor encontrou uma boa captura da reunião entre as virgens da catacumba romana de Domitila; DUFOURCQ, Albert. (Étude sur) *Les Gesta martyrum romains*. t.I. Paris: A. Fontemoing, 1900, p.252. Os *AtsNeAq* remetem esta cena à Roma, mas mantém o modelo de virgindade a ser seguido até o leito de morte. Ptolomeu (personagem local) ou no *AtsNeAq* o *Flaccus* (personagem romano), assim acrescentando os *AtsAp* primitivos, como costumavam fazer os interpolares apócrifos, com empréstimos dos personagens canônicos e subapostólicos.

<sup>800</sup> *gr.* → *cop.* τόλμα.

<sup>801</sup> *gr.* → *cop.* Πέτρος.

10 χε πετρε ειςζηητε  $\bar{\alpha}$   
 π̄νωτο εβολ ακτρε θαα  
 νβ̄λλε νατ εβολ ατω ακ  
 τρε  $\bar{\eta}$ κωφοc cωτ̄ $\bar{\alpha}$   
 ατω ακτρε ν̄βαλε μο  
 15 οωε ατω ακρ̄βονθ̄ει  
 ν̄ν̄ωβ ακτ̄ νατ νοτ  
 βομ ετβε οτ ντοc τεκ  
 ωεερε υπαρθ̄ενoc ε  
 αcaiāī εco  $\bar{\eta}$ caiāī εac

C<sup>129</sup> $\bar{\rho}\bar{\kappa}\bar{\theta}$ 

1 πιστετε επραν  $\bar{\alpha}$ π̄ν̄ ο̄  $\bar{\gamma}$ <sup>802</sup>  
 τε  $\bar{\alpha}$ πεκρ̄βονθ̄ει ναc  
 ειςζηητε θαρ πεcογα<sup>803</sup>  
 ca cηδ̄ τηρ̄α ατω cηηχ  
 5  $\bar{\alpha}$ π̄ica ητ̄κ̄λ̄χε εccωτ̄  
 cενατ ενετκταλβο  $\bar{\alpha}$

---

<sup>802</sup> Em PARROTT. 1989, *op.cit.*, p.478.

<sup>803</sup> *id. ibid.*, separa ειc ζηητε.



- 10 — “Pedro<sup>804</sup>, eis que, em  
 nossa presença aqui tem feito  
 muitos cegos voltarem a ver<sup>805</sup>,  
 tem feito o surdo<sup>806</sup> ouvir<sup>807</sup>,  
 e você fez o coxo  
 15 andar. Você tem socorrido<sup>808</sup>  
 os fracos dando-lhes  
 força. Mas sua  
 filha<sup>809</sup> virgem<sup>810</sup>  
 (e) bonita, que cresceu

C<sup>129</sup>

- 1 crendo<sup>811</sup> no nome de Deus,  
 por que não ajudou-a<sup>812?</sup>  
 Na verdade<sup>813</sup>, eis que um  
 lado dela está completamente paralisado e ela  
 5 está aleijada lá num canto<sup>814</sup>.  
 Aqueles a quem você curou são vistos (por aí);

---

<sup>804</sup> *gr.* → *cop.* Πετρός.

<sup>805</sup> Lc 7,22.

<sup>806</sup> *gr.* → *cop.* κωφός.

<sup>807</sup> Mt 11,5.

<sup>808</sup> *gr.* → *cop.* βοηθεῖν.

<sup>809</sup> Concorda com Mc 1,29ss.

<sup>810</sup> *gr.* → *cop.* παρθένος.

<sup>811</sup> Jo 1.12; 2.23; *gr.* → *cop.* πιστεύειν.

<sup>812</sup> *gr.* → *cop.* βοηθεῖν.

<sup>813</sup> *gr.* → *cop.* γάρ.

<sup>814</sup> Cena semelhante com um final oposto está descrita em *AtsTo*, XLI.

μούτ τεκωερε ζωκ<sup>815</sup>  
 ακράμελι εροσα πετρος>  
 Δε σωβε πεχααη νααη>  
 10 χε παωηρε ςοτον[ε- ε  
 πνοϋτε ογαααη χε ετβε  
 οϋ πεσσωμα μοτϋ ε-  
 ρος αν ειμε β̄ε χε̄ν̄νερε<sup>816</sup>  
 πνοϋτε ο̄ αν η̄β̄ωβ̄ η̄  
 15 νατβ̄ομ̄ ετρεςχαριζε  
 ητεςαωρεα ηταωερε  
 χεκας Δε ερε τεκψ̄ϋχη  
 ηαρπιθε̄ μ̄η̄ ηετ̄μ̄πι  
 μᾱ εϋηαπιστερε̄ η̄>

<sup>815</sup> Em SCHMIDT. 1903, *op.cit.*, p.3, lê-se ζωκ.

<sup>816</sup> *ibid.* β̄ε̄ aparece sobre-escrito. Em vez de η̄νερε̄ sugere νερε̄.

mas não tem cuidado<sup>817</sup>  
 de tua própria filha”. Pedro<sup>818</sup>  
 então<sup>819</sup> sorriu<sup>820</sup> e lhe disse:  
 10 — “Meu filho: Somente Deus<sup>821</sup>  
 sabe a razão do porque  
 seu corpo<sup>822</sup> está enfermo.  
 Saiba, pois, que não  
 é débil ou<sup>823</sup> impotente,<sup>824</sup>  
 15 para agraciar<sup>825</sup> com esta  
 dádiva<sup>826</sup> a minha filha.”  
 E<sup>827</sup> para em sua alma<sup>828</sup>  
 persuadi-lo<sup>829</sup> e a fim de que os presentes se  
 fortalecessem na fé<sup>830</sup>,

---

817 gr. →cop. ἀμελεῖν.

818 gr. →cop. Πετρός.

819 gr. →cop. δέ.

820 O ato de sorrir de um apóstolo parece recorrente no *AtsAp* (*AtsAnd* 2; *AtsJo* LXXIII; 107; *AtsPe* VI,5; *AtsFl*, *AtsPITE et alii*). Na linguagem gnóstica, destaca aqueles que conhecem com profundidade as coisas (o espiritual), dos que veem somente superficialmente (material ou intelectualmente). Porém, VOUAUX. 1922, *op.cit.*, p.222 irá destacar como uma “característica aparece mais tarde, sécs. V-VI (...) e uma nova marca de semelhança deste *frg.* (com os *AtsAp*); para isso sugere ver o *index græcus* de BONNET, Maximilianus. *Acta apostolorum apocrypha*, t.II, Leipzig: Hinrichs, 1891, [reimp. Hildesheim, 1972], p.340, *sub voce* μειδιάω.

821 1Cor 2,10; Lc 1,37.

822 gr. →cop. σώμα.

823 gr. →cop. ἦ.

824 Lc 1,37.

825 gr. →cop. χαρίζεσθαι.

826 gr. →cop. δωρεά.

827 gr. →cop. δέ.

828 gr. →cop. ψυχή.

829 gr. →cop. πείθεσθαι. PIÑERO. 2004, *op.cit.*, p.541 que menciona: “o texto copta lê-se ‘persuadir-se’, que não concorda com ‘o dito’ posterior da boca de Pedro. A palavra *gr.* não deixa dúvida sobre o sentido, e contra essa posição é possível afirmar que se mantiver uma linha tradutória que reconheça elementos coordenativos do texto, este sentido poderá ser mantido em relação ao que aparece posteriormente no texto sem prejuízo de sentido, conexão ou coerência.

830 gr. →cop. πιστεύειν.

C<sup>130</sup>

[p̄λ-

- 1      ρογο αϑβωϖτ βε̄ nca>  
 τεϑωεερε πεχαϑ ναc  
 χε τωογν̄ ᾠπεμᾱ εμ  
 πε λλααγ̄ †τοοτε̄ ncā ic̄
- 5      ογααϑ̄ ντεμοοωε̄ ᾠ  
 πᾠ εβολ̄ ᾠναϊ̄ τηρογ̄  
 ερεμοτῆ̄ ντεεῑ ωαρο  
 εῑ ντος̄ δε̄ αcτωογν̄  
 ασεῑ επεcητ̄ ωαροϑ̄ α
- 10      πωηηωε̄ τεληη̄ εχᾠ  
 πενταϑωωπε̄ πεχε̄

C<sup>130</sup>

- 1        olhou para sua filha e disse:  
           — “Levanta-te deste lugar  
           sem nenhum outro auxílio,  
           exceto de Jesus<sup>831</sup> somente,  
 5        caminhe e sare  
           diante de todos estes  
           e venha até mim”.<sup>832</sup>  
           E<sup>833</sup> ela se levantou e  
           foi até ele. E a  
 10        multidão rejubilou-se pelo<sup>834</sup>  
           que havia ocorrido.

---

<sup>831</sup> No *cop.*  $\overline{\text{ic}}$  trata-se *nomina sacra*; abundantes neste texto (pl. de *nomem sacrum*). São abreviaturas dos papiros do NT (e textos afins). Hoje ainda tal prática é retida, especialmente, nas tradições do *lat.* e *cop.* Tem um fim diverso das abreviações convencionais que se destinam basicamente a poupar tempo. Estas *nomina sacra* são usados para destacar certas palavras sagradas (divindades, locais, objetos sacros), para além do resto do texto, em seus usos sacrais, mas não em usos seculares; e.g.  $\overline{\text{vi}}\overline{\text{os}}$  →  $\overline{\text{v}}\overline{\text{s}}$  (= filho), que quando aparece se refere a Jesus; a mesma palavra em outros usos não é abreviada. Utilizam a primeira e a última letra ao contrário de outras abreviações convencionais (sequência de letras) ou seleção uma de letras indicativas:  $\overline{\text{I}}\overline{\text{e}}\overline{\text{p}}\overline{\text{o}}\overline{\text{u}}\overline{\text{s}}\overline{\text{a}}\overline{\text{l}}\overline{\eta}\overline{\text{m}}$  →  $\overline{\text{I}}\overline{\Lambda}\overline{\text{H}}\overline{\text{M}}$  (=Jerusalém). São marcadas por um tração supralinear (*strokens*). No caso das declinações, o caso é marcado. As origens precisas da utilização de *nomina sacra* permanecem obscuras, mas seu uso é difundido em todo NT (e textos afins), crescendo em escopo ao longo do tempo para incluir mais expressões. O  $\mathfrak{P}^{46}$  (P. Chester Beatty II + P. Michigan Inv. 6.238) tem sido o texto mais relevante para o estudo destas abreviações, devido a abundância, autenticidade e antiguidade. O  $\mathfrak{P}^{\text{Berol.8502}}$ , 4. faz uso de *nomina sacra* do séc. IV em diante. Antes as *nomina sacra* usavam três letras, e.g.  $\overline{\text{vi}}\overline{\text{os}}$  (=filho)  $\overline{\text{vi}}\overline{\text{os}}$ ; em vez de duas letras, e.g.  $\overline{\text{v}}\overline{\text{s}}$ , que começam a substituir no séc. IV. Marcaremos apenas as mais importantes para evitar enfadonhas notas de rodapé.

<sup>832</sup> Aqui temos uma intertextualidade muito peculiar com o episódio da cura de um paralisado em Mt 9. 5-8; Lc 5.17-26; At 3.6ss: algumas palavras ao paralisado –  $\overline{\text{e}}\overline{\text{g}}\overline{\text{e}}\overline{\text{r}}\overline{\text{e}}$   $\overline{\text{k}}\overline{\text{a}}\overline{\text{i}}$   $\overline{\text{p}}\overline{\text{e}}\overline{\text{r}}\overline{\text{i}}\overline{\text{p}}\overline{\text{a}}\overline{\text{t}}\overline{\text{e}}\overline{\text{i}}$  – aqui aparecem reelaboradas; da multidão o sentimento é análogo; Pedro, em seguida à cura, comentou:  $\overline{\text{t}}\overline{\text{o}}\overline{\text{n}}$   $\overline{\text{t}}\overline{\text{h}}\overline{\text{e}}\overline{\text{o}}\overline{\text{n}}$   $\overline{\text{t}}\overline{\text{o}}\overline{\text{n}}$   $\overline{\text{d}}\overline{\text{o}}\overline{\text{n}}\overline{\text{t}}\overline{\text{a}}$   $\overline{\text{e}}\overline{\text{x}}\overline{\text{i}}\overline{\text{s}}\overline{\text{t}}\overline{\text{i}}\overline{\text{a}}\overline{\text{n}}$   $\overline{\text{t}}\overline{\text{o}}\overline{\text{i}}\overline{\text{a}}\overline{\text{u}}\overline{\text{t}}\overline{\text{i}}\overline{\text{n}}$   $\overline{\text{t}}\overline{\text{o}}\overline{\text{i}}\overline{\text{s}}$   $\overline{\text{a}}\overline{\text{n}}\overline{\text{t}}\overline{\text{h}}\overline{\text{r}}\overline{\text{o}}\overline{\text{p}}\overline{\text{o}}\overline{\text{i}}\overline{\text{s}}$ ; e, entre a multidão, ocorre o mesmo entusiasmo –  $\overline{\text{e}}\overline{\text{d}}\overline{\text{o}}\overline{\text{x}}\overline{\text{a}}\overline{\text{s}}\overline{\text{a}}\overline{\text{n}}$   $\overline{\text{t}}\overline{\text{o}}\overline{\text{n}}$   $\overline{\text{t}}\overline{\text{h}}\overline{\text{e}}\overline{\text{o}}\overline{\text{n}}$ .

<sup>833</sup> *gr.* → *cop.*  $\overline{\text{d}}\overline{\text{e}}$ .

<sup>834</sup> A temática tetrapartite é recorrente nos textos cristãos dos sécs. I-II: multidão-prodígio-maravilhamento-encômio; Mt 9.8, *et alii*.

ΠΕΤΡΟΣ ΝΑΥ ΧΕ ΕΙΣΘΗ  
 ΗΤΕ Δ ΠΕΤΝΘΗΤ ΤΩΤ>  
 ΧΕ ΟΥΑΤΘΟΥ ΔΗ ΠΕ Π  
 15 >ΝΟΥΤΕ ΕΤΒΕ ΘΩΒ ΝΙΜ  
 >ΕΤΝΠΑΙΤΙ ΜΜΟΥ ΤΟΤΕ  
 ΔΥΡΑΥΕ ΝΘΟΥ ΔΥΤΕΟ  
 ΟΥ ΜΠΝΟΥΤΕ ΠΕΧΕ ΠΕ

C<sup>131</sup>

[ρλ̄α-

1 ΤΡΟΣ ΝΤΕΥΨΕΕΡΕ ΧΕ  
 ΒΩΚ ΕΠΕΜΑ ΝΤΕΘΜΟΣ<sup>835</sup>  
 ΝΤΕΨΩΠΕ ΘΜ ΠΕΨΩ-  
 ΝΕ ΝΗΣΟΠ ΠΑΪ ΣΑΡ ΠΕ-  
 5 ΤΡΝΟΥΡΕ ΝΕ ΝΨΜΑΕΙ  
 ΠΑΛΙΝ Δ ΤΨΕΕΡΕΨΗΜ  
 ΠΩΤ ΔΣΘΜΟΟΣ ΜΠΕΣ  
 ΜΑ ΔΣΨΩΠΕ ΟΝ ΝΤΕΣ  
 ΘΕ ΔΠΕΜΘΨΥΕ ΤΗΡΨ ΡΙ  
 10 ΜΕ ΔΥΣΕΠΣ ΠΕΤΡΟΣ ΧΕ-  
 ΚΑΔΣ ΕΘΝΑΤΡΕΣΜΤΟΝ  
 ΠΕΧΕ ΠΕΤΡΟΣ ΝΑΥ ΧΕ

Pedro<sup>836</sup> lhes disse: — “Agora vosso  
 coração está convencido  
 de que Deus não é impotente  
 15 acerca de qualquer coisa  
 que lhe peçamos<sup>837</sup>”. Em seguida<sup>838</sup>  
 alegraram-se ainda mais (e)  
 glorificavam a Deus.

C<sup>131</sup>

1 Pedro disse a sua filha:  
 — “Volte para<sup>839</sup> o teu lugar,  
 sente-se e caia sobre ti novamente  
 a tua enfermidade, pois<sup>840</sup> isto é  
 5 útil para ti e para mim”.<sup>841</sup>  
 Mais uma vez<sup>842</sup> a jovem se voltou,  
 sentou-se no seu local  
 e voltou a ser como dantes.  
 Toda a multidão pôs-se a chorar  
 10 e suplicou a Pedro<sup>843</sup>  
 que a curasse.  
 Pedro<sup>844</sup> lhes disse:

---

<sup>836</sup> gr. →cop. Πετρός

<sup>837</sup> gr. →cop. αἰτεῖν.

<sup>838</sup> gr. →cop. τότε.

<sup>839</sup> gr. →cop. πρὸς.

<sup>840</sup> gr. →cop. γάρ.

<sup>841</sup> Como Pedro irá explicar mais tarde, a saúde (*uide* no *frg.* seguinte – A Filha do jardineiro) e a beleza femininas podem ser especialmente um dom fatal, que é o significado de suas palavras neste texto. A beleza leva ao crime, aos desejos pecaminosos e até mesmo sequestro por aqueles que são seduzidos por ela. Também leva a sérias dificuldades para a mulher que quer manter sua virgindade, pensamento expresso em 1Cor 6,12: Πάντα μοι ἔξεστιν, ἀλλ’ οὐ πάντα συμφέρει. Tal visão é inteiramente consistente com *AtsAp*, cujas ideias sobre ascetismo encontramos: *AV V – Paulus... petens a domino quod aptum sibi esset*; também *AV XXXIII*); cf SCHMIDT. 1903, *op.cit.*, p.14; também LIPSIUS, 1891ss, t.II, vol.2, p.159.

<sup>842</sup> gr. →cop. πάλιν.

<sup>843</sup> gr. →cop. Πετρός.

<sup>844</sup> gr. →cop. Πετρός.

ϣονθ̄ ν̄βῑ π̄χ̄ς̄ χ̄ε̄ πᾱει  
 ρ̄νοϣ̄ρε̄ νᾱς̄ ν̄ω̄ω̄λεῑ  
 15 ϣ̄μ̄ π̄ροο̄ν̄ τ̄αρ̄ ν̄τᾱν̄χ̄πο̄ς̄  
 πᾱῑ δ̄ῑνᾱν̄ ε̄ν̄θ̄ο̄ρο̄μᾱ  
 ε̄ρε̄ π̄χο̄εις̄ χ̄ω̄ ω̄ω̄ο̄ς̄  
 πᾱῑ χ̄ε̄ πε̄τρε̄ δ̄ν̄κ̄πο̄>  
 νᾱκ̄ ω̄πο̄ο̄ν̄ νο̄ν̄νο̄β̄

C<sup>132</sup>

ρ̄λ̄β̄

1 ω̄πῑρᾱς̄μο̄ς̄ τᾱῑ τ̄αρ̄  
 σ̄νᾱψ̄ω̄ω̄β̄ε̄ ν̄θ̄ᾱθ̄ ω̄  
 ψ̄ν̄χη̄ ε̄ψ̄ω̄πε̄ πε̄σ̄σω̄  
 μᾱ νᾱψ̄ω̄πε̄ ε̄μ̄ο̄τ̄η̄  
 5 ε̄ρο̄ς̄ δ̄νο̄κ̄ θ̄ω̄ν̄ δ̄ῑω̄<sup>845</sup>  
 ε̄νε̄ χ̄ε̄ ε̄ρε̄ φο̄ρο̄μᾱ>  
 σω̄βε̄ ω̄ω̄ο̄ῑ ν̄τε̄ρε̄ τ̄  
 ψ̄ε̄ε̄ρ̄ω̄νη̄ ρ̄η̄ν̄τε̄

845

No *ms.* SCHMIDT leu: θω.



— “Pela vida do Senhor,<sup>846</sup>  
 que isto é mais útil para ela  
 15 e para mim. Pois, tive uma visão<sup>847</sup>  
 no dia em que nasceu,  
 e nela ele me dizia:  
 Pedro<sup>848</sup>, hoje é nascido  
 para ti uma grande

C<sup>132</sup>

1 provação<sup>849</sup>. Pois<sup>850</sup>, tua  
 filha causará dano  
 à muitas almas<sup>851</sup> se seu  
 corpo permanecer saudável.<sup>852</sup>  
 5 Mas eu pensava  
 que aquela visão<sup>853</sup>  
 zombava de mim. Quando a  
 a menina tinha

<sup>846</sup> cf 1Sam 14.39,45; 20.3, 21; 25,34 *et alii*, trata-se de fórmula recorrente de juramento bíblico do VT que no Ⓤ (1 e 2 Sam, 1 e 2 Rs) aparece יהוה חי (vive o Senhor), na vg. – *vivit Dominus*; no Ⓜ – ζῆ κύριος.

<sup>847</sup> *gr.* → *cop.* ὄραμα (= ὄρομα). Note ὄρω = ὄρω. Outra questão relevante em favor da posição de Schmidt contrariamente a Molinari é o fato de estas ‘visões’ exercem um papel muito especial nos *AtsPe*. Também multiplicam-se em todos os *AtsAp*, mas notadamente do segundo – *AtsPe*. Pedro não realiza um ato importante, sem ele seja anunciado e/ou controlado por uma aparição: para Paulo, cap. I; para Pedro, caps. V, VI, XVI, XVII, XXI, XXII, XXVIII e XXXV. Neste particular, então, novamente nota-se este *frg.* é ligado ao conjunto maior dos *AtsPe*.

<sup>848</sup> *gr.* → *cop.* Πετρός.

<sup>849</sup> *gr.* → *cop.* πειρασμός.

<sup>850</sup> *gr.* → *cop.* γάρ.

<sup>851</sup> *gr.* → *cop.* ψυχαί.

<sup>852</sup> SCHMIDT. 1903, *op.cit.*, p.223, considera como um exagero a intertextualidade entre as linhas C.<sup>131,19</sup>-C.<sup>132,4</sup> com a previsão de Simeão em Lc 2, 34-37. Mesmo que esta ligação seja um exagero e passível de suspeição, porém de exato, temos o emprego singular que os *AtsAp* fazem, por vezes, das Escrituras.

<sup>853</sup> *gr.* → *cop.* ὄραμα. Note ὄρω = ὄρω.

10      ηρομπε ανωηηγε  
          ρσκαηαλιζε εβολ ει  
          τοοτς ανω οτρωμαο  
          εμ πβιος χε πτολε-  
          μαιος ητερεφνατ ετ  
          γεερεφμη εκχωκμ  
 15      μη τεσμαατ αφχοοτ  
          >ησως χε εφχιτς ηαφ  
          >ησβιμε μπε τεσματ<sup>854</sup>  
          πθε αφχοοτ ηας ηβδδ  
          ησοη μπεφφδω μ •••

854

SCHMIDT. 1903, *op.cit.*, p.5, lê-se: τεσμαατ.

- dez anos<sup>855</sup>, muitos  
 10 sofreram um escândalo<sup>856</sup> por sua causa.  
 Um homem que muito herdou  
 em vida<sup>857</sup>, de nome Ptolomeu<sup>858</sup>,  
 que havia visto a menina  
 banhar-se<sup>859</sup> com sua mãe, e  
 15 enviou por ela sua intenção  
 de torná-la sua esposa.  
 Mas sua mãe não foi  
 persuadida<sup>860</sup>. Apesar disso ele insistiu repetidamente  
 e não pode esperar [...] <sup>861</sup>

---

<sup>855</sup> Este detalhe em si mesmo, faz-se suspeito para a preferência uma origem oriental para este *frg.* – e os próprios *AtsAp*, sendo o *frg.*, como é muito provável, uma das partes integrantes.

<sup>856</sup> *gr.* → *cop.* σκανδαλίζεσθαι.

<sup>857</sup> *gr.* → *cop.* βίος.

<sup>858</sup> *gr.* → *cop.* Πτολεμαῖος.

<sup>859</sup> Na época do império romano haviam banhos públicos para homens e mulheres. O uso dos banhos foi generalizada, desde os primeiros tempos, entre os gregos; cf DAREMBERG, Charles Victor.; SAGLIO, Edmond. *Dictionnaire des antiquités grecques et romaines – D’après les textes et les monuments*. Paris: Hachete, 1877-1919, verbete *Balneum*, t.I, p.648. O escritor cristão não pode pensar nestes banhos instalados, comuns a ambos os sexos, onde pessoas que se reúnem sob o império. Contra a sua utilização por cristãos temos menções e.g.: CLEMENS (de Alexandria), *Pædagogus*, III, 5. – in: MIGME, Jacques-Paul (ed.). *Patrologie cursus completus. Series Græca, P.G.*, Paris: 1857-1866, t.VIII, col.600; também Cæcilius CYPRIANUS (ou Cyprianus Karthaginensis), *De habitu virginum*, XIX; ainda em Ποιμήν του Ερμού (ou simplesmente o *Pastor*, de Hermas, *Vis.*) I,1,2. Também não parece ser muito razoável esta possibilidade de “banhos públicos” porque estavam provavelmente em Jerusalém. Talvez, o autor refira-se a algum tanque público, mar ou até mesmo um rio.

<sup>860</sup> *gr.* → *cop.* πείθεσθαι.

<sup>861</sup> Lacuna de um fólio: c.133-134, restando apenas o final da c.134,19. Nenhum dos pesquisadores deste texto ousou levantar qualquer hipótese acerca do ponto do clímax narrativo – “e ele não podia mais esperar [...]” – estratégica e abruptamente interrompido. Muitas páginas foram escritas por bem menos. Certamente a moral hodierna acerca da pedofilia é pós-iluminista (é provável ainda que seja bem mais recente) e sem qualquer relação com este texto, seu autor, copista ou bibliotecário antigo. Mas a “estratégica” interrupção é minimamente digna de nota e quer supor ligada a intencionalidade de um bibliotecário religioso que no séc. V (ou sécs. seguintes), que tratou de preservar os de volição entorpecida, não desejando acordá-la com detalhes da pretensão

(*nihil*, ausência do fólio ρλτ - ρλΔ; C<sup>133-134</sup>)<sup>862</sup>

C<sup>134,19</sup> [•••••••••• ρρωμε  $\bar{\mu}$ ]<sup>863</sup>

C<sup>135</sup>

$\overline{\rho\lambda\epsilon}$

1      ΠΤΟΛΕΜΑΙΟΣ  $\bar{\eta}$ -ΤΥΕΕ  
 ρΕΩΗΗ ΔΥΚΑΔΣ ΖΙΡ $\bar{\mu}$   
 ΠΡΟ  $\bar{\mu}$ ΠΗΕΙ ΔΥΒΩΚ ΝΤΕ-  
 ΡΕΙΕΙ $\bar{\mu}$ Ε ΔΕ ΔΝΟΚ  $\bar{\mu}$ Ν>  
 5      ΤΕΣΜΑΔΥ ΔΝΕΙ ΕΠΙΤ $\bar{\eta}$   
 ΔΗΡΕ ΕΤΩΕΕΡΕΩΗΗ Ε  
 >Δ ΠΟΥΑΔΑ ΤΗΡΥ  $\bar{\mu}$ ΠΕΣΩ  
 ΜΑ ΣΙΝ ΝΕΣΕΙΒ ΩΔ ΤΕΣΑ  
 ΠΕ ΣΩΒ ΔΥΩ ΔΥΩΟΥΕ

deste jovem rico, nem que algum anadvertido tentasse hedonistamente desfrutar destas minudências. Note-se: (i) a lacuna é extensa (muita coisa poderia ter sido mencionada); (ii) há um vitupério imódico tendo-se em vista o final feliz – a salvação da virgindade da jovem; (iii) um castigo interminável assaz severo para a moça. De qualquer forma, detalhes deste fólio ainda vão alimentar a imaginação de gerações se não puder ser recuperado.

<sup>862</sup> O sentido dessas duas páginas perdidas podem ser restauradas a partir do contexto com o auxílio de uma brevíssima notícia vinda de Augustinus de Hipona em seu tratado *Contra Adimantus*, XVII,5 que menciona a uma obra fictícia “sobre a filha do próprio Pedro, que se tornou paralítica por meio das orações de seu pai”; HENNECKE, Edgar; SCHNEEMELCHER, Wilhelm. (eds.) *Neutestamentliche Apokryphen in deutscher Übersetzung*. vol.I *Evangelien*. vol.II *Apostolisches, Apokalypsen und Verwondtes*. 5<sup>a</sup>./6<sup>a</sup>. ed. Tübingen: Mohr-Siebeck, 1987-1997, p.266. Ptolomeu, em seu desejo apaixonado, aparentemente teria sequestrado a menina e estava em vias de forçá-la a deitar-se com ele (assim fazendo dela sua esposa, sem consentimento dos pais, cf Dt 22.28-29), quando foi subitamente paralisada por um ato divino conforme Pedro haveria invocado em oração, cf. *AtsPe* II.

<sup>863</sup> Lê-se com PARROTT. 1979, *op.cit.*, p.484, com uma lacuna anterior de “+7”.

C<sup>133-134</sup> [...] < O sentido da lacuna pode ser reconstruído grosseiramente a partir do contexto e do que Augustinus de Hipona<sup>864</sup> diz: como Pedro não concorda em dar sua filha como esposa a Ptolomeu, ele a remove por força. Diante do rapto, Pedro pede ao Senhor para salvar a virgindade de sua filha. Esta oração foi ouvida: a menina é acometida de uma paralisia que se estende pela metade do corpo. Frustrado em suas intenções, Ptolomeu fez um relato ao povo diante da casa do apóstolo...

E o texto continua:<sup>865</sup> >

C<sup>134,19</sup> [ ...os empregados de...]

C<sup>135</sup>

1 Ptolomeu<sup>866</sup> [devolveram] a menina  
e colocaram ela  
diante da<sup>867</sup> porta da casa<sup>868</sup>, e se foram.  
E<sup>869</sup> quando percebemos, eu e a sua mãe,  
5 descemos e  
encontramos a menina  
com um lado inteiro do corpo<sup>870</sup>,  
dos dedos dos pés  
à cabeça, paratizada e atrofiada.<sup>871</sup>

---

<sup>864</sup> cf AUGUSTINUS, *Contra Adimantum manichæum*, XVII, 5. – in: Migme (ed.) *P.L.*, 1841, *op.cit.*, t.XLII, col.161.

<sup>865</sup> VOUAUX, 1922, *op.cit.*, p.224.

<sup>866</sup> gr. →cop. Πτολεμαῖος.

<sup>867</sup> gr. →cop. πρό.

<sup>868</sup> No *AtsPl*, Hegésipo é deixado na porta da casa onde Paulo ensinava, segundo VOUAUX. 1922, *op.cit.*, p.224 e 242.

<sup>869</sup> gr. →cop. δέ.

<sup>870</sup> gr. →cop. ὅμα.

<sup>871</sup> SCHMIDT. 1903, *op.cit.*, pp.24ss, associa à paralisia de Rufina, após sua tentativa de sacrilégio, cf *AV*, II. É certo que há uma similaridade em expressões bastante marcante. Mas deve-se notar, no entanto, que a situação é bem diferente: a doença que, repentinamente abate Rufina é a punição para uma falta. Este é um argumento favorável a posição de Schmidt que associa este *frg.* ao restante do *AV*, e ao próprio *AtsPe* primitivo.

- 10 ἀνηγίτς εμ̄τ̄εοοῦ ᾠπ  
 χοεῖς παῖ ἵνταϑτοῦ  
 χο ἵντ-εϑ̄εμ̄εαλ̄ εἴρωωϑ  
 μν οῦ-χ̄ωεμ̄ μν οῦτε  
 •••• ταῑ τε ταιτιᾱ μ̄<sup>872</sup>
- 15 φ-ωβ̄ εἵρε τ̄εερε ω̄η μ̄  
 β̄ω-ἵντεεῖε εμ̄εοῦν̄ εἵπο  
 οῦ-ἵεοοῦ τ̄ενοῦ β̄ε ω̄  
 ω-ε̄ ερωτῆ̄ εἵρετ̄εῖμ̄ε<sup>873</sup>  
 εἵ-εβ̄εῖε μ̄πτολεμ̄αι-οc

C<sup>136</sup>

ρ̄λ̄ε

- 1 ἀϑ̄ωωπε εϑ̄ εἵοῦν̄  
 εμ̄ πεϑ̄εῖτ̄ εϑ̄εῖ  
 β̄ε ἵντεω̄η μ̄ν̄ πε  
 εοοῦ εχ̄μ̄ πενταϑ̄>
- 5 ωωπε μ̄μοϑ̄ ἀτω  
 εἵβε εαε ἵριμ̄ε εϑ̄  
 εἵρε μ̄μοοῦ ἀϑ̄ω  
 πε ἵβ̄ελλ̄ε εμ̄εε<sup>874</sup>  
 ε εἵρεϑ̄τωοῦν̄ ἵϑ̄

<sup>872</sup> *id. ibid.*, l̄e-se [κο-.

<sup>873</sup> Em SCHMIDT. 1903, *op.cit.*, p,5 l̄e-se: εἵρετ̄ετ̄εῖμ̄ε.

<sup>874</sup> *AtsPe*, AV, II.

- 10 Nós a pegamos e louvamos  
 ao Senhor porque havia  
 livrado seu servo<sup>875</sup> da profanação,  
 [da] vergonha e [destruição].<sup>876</sup>  
 Esta é a causa<sup>877</sup>
- 15 [pela qual] que a menina  
 [está neste estado] até  
 hoje. Mas agora, é  
 conveniente que conheças  
 os (imediatos) acontecimentos com Ptolomeu<sup>878</sup>.

C<sup>136</sup>

- 1 Ele caiu em si mesmo  
 no seu coração e lamentava  
 de noite  
 e de dia pelo que havia  
 acontecido com ele. E  
 5 como consequências (das) lágrimas<sup>879</sup>  
 abundantes que derramou, ficou  
 cego. Então pensou em  
 levantar-se e ir

---

<sup>875</sup> PIÑERO, 2004, *op.cit.*, p.542, segue uma linha tradutória vária das demais traduções: “(…), había quedado paralizado y enjuto. La recogimos e alabamos al Señor que había librado a su sierva de esa mancha, de la vergüenza y (...) Éste es el motivo por el que la muchacha (ha quedado) así hasta hoy.” Possivelmente expresse a diversidade da tradução e a dificuldade em corpora de textos críticos não inteiramente perscrutados pela crítica textual.

<sup>876</sup> A virgindade da menina preservada é, em suma, a lição de todo o episódio. Está faltando aqui, no *ms. cop.*, uma palavra que Schmidt não foi capaz de reconstituir após as duas primeiras letras que permanecem. Como este vocábulo exprime claramente a ideia, esta perda não é significativa para o sentido.

<sup>877</sup> *gr.* → *cop.* αἰτία.

<sup>878</sup> *gr.* → *cop.* Πτολεμαῖος.

<sup>879</sup> Teria o autor pensado no choro de Pedro após sua tríplice negação, de acordo com Mt 26,75; Jo 18,15 e 25-27; Mc 14,72? É bem possível. Como de costume pelos autores apócrifos, ele teria transposto e exagerado as palavras simples do Evangelho. Mas, por outro lado, parece com as estas palavras que ele também pensou que o arrependimento e o enforcamento de Judas foi inútil; Mt 27,5.

10      $\overline{\sigma\tau\beta}$   $\overline{\lambda\eta\omega}$   $\overline{\epsilon\iota\sigma\zeta\eta\eta\tau\epsilon}$ <sup>880</sup>  
 $\overline{\mu\pi\eta\lambda\alpha\gamma}$   $\overline{\eta\zeta\pi\sigma\iota\tau\epsilon}$ ><sup>881</sup>  
 $\overline{\mu\pi\epsilon\zeta\theta\omicron\sigma\gamma}$   $\overline{\epsilon\tau\omega\mu[\alpha\gamma}$   
 $\overline{\epsilon\psi\eta\theta\omicron\gamma\eta\eta}$   $\overline{\Delta\epsilon}$   $\overline{\omicron\gamma[\alpha\delta\alpha\psi}$   
 $\overline{\zeta\omega}$   $\overline{\pi\epsilon\psi\kappa\omicron\iota\tau\omega\eta}$   $[\alpha\psi$   
15      $\overline{\eta\alpha\gamma}$   $\overline{\epsilon\gamma\eta\theta\beta}$   $\overline{\eta\omicron\gamma\omicron\iota\eta}$   
 $\overline{\epsilon\alpha\psi\overline{\rho\omicron\gamma\omicron\iota\eta}}$   $\overline{\epsilon\pi\eta\epsilon\iota}$   
 $\overline{\tau\eta\eta\psi}$  |  $\overline{\alpha\gamma\omega}$   $\overline{\alpha\psi\sigma\omega\tau\omega}$   
 $\overline{\epsilon\gamma\zeta\theta\omicron\sigma\gamma}$   $\overline{\epsilon\psi\chi\omega}$   $\{\overline{\mu}\}$ ><sup>882</sup>

C<sup>137</sup> $\overline{\rho\lambda\zeta}$ 

1     <sup>sic</sup>  
 $\overline{\mu\mu\omicron\sigma}$   $\overline{\eta\alpha\psi}$   $\overline{\zeta\epsilon}$   $\overline{\pi\tau\omicron\lambda\epsilon\omega\lambda\iota}$ <sup>883</sup>  
 $\overline{\omicron\sigma}$   $\overline{\eta\epsilon\sigma\kappa\epsilon\gamma\omicron\sigma}$   $\overline{\mu\pi\eta\theta\eta}$   
 $\overline{\tau\epsilon}$   $\overline{\eta\tau\alpha\psi\tau\alpha\alpha\gamma}$   $\overline{\alpha\pi}$   $\overline{\epsilon\gamma}$ ><sup>884</sup>

<sup>880</sup> SCHMIDT. 1903, *op.cit.*, p.5; deriva-se de  $\overline{\sigma\tau\beta}$  por metátese.

<sup>881</sup> A melhor forma seria  $\overline{\eta\zeta\overline{\pi}\psi\iota\tau\epsilon\theta}$ ; SCHMIDT, *ibid.*

<sup>882</sup> PARROTT. 1979, *op.cit.*, p.486; sugere a supressão em ed. moderna.

<sup>883</sup> SCHMIDT. 1903, *op.cit.*, p.5, anota *sic* acima do primeiro  $\mu$ , porém sem indicar a nt. de correção.

<sup>884</sup> *id. ibid.*, “vasos” como em Rm 9,23; *AtsPe* II; certamente poderia também se referir a uma mulher como em 1Tes 4,4.



10       enforçar-se<sup>885</sup>. Eis que  
           na hora nona  
           daquele dia,  
           e<sup>886</sup> quando se encontrava sozinho  
           em seu quarto<sup>887</sup>, ele  
 15       viu a uma grande luz  
           que brilhando pela casa inteira<sup>888</sup>  
           e ouviu  
           uma voz que

C<sup>137</sup>

1       dizia a mim: — “Ptolomeu<sup>889</sup>,  
           os vasos<sup>890</sup> de Deus  
           não foram dados para

---

<sup>885</sup>       PIÑERO. 2004, *op.cit.*, p.542 observa: trata-se de uma revisão encraticada do episódio de Judas Iscariotes, mas que retrata pelo viés das severas consequências do amor carnal.

<sup>886</sup>       *gr.* → *cop.* δέ.

<sup>887</sup>       *gr.* → *cop.* κοιτών.

<sup>888</sup>       Estas iluminações repentinas e sobrenaturais são comuns nos *AtsAp*, que também se relacionam com cenas do NT, como a do monte da transfiguração de Cristo. Temos ligação temática no episódio a seguir em *AtsPe – AV, XXX*, na cura das viúvas anciãs e cegas.

<sup>889</sup>       *gr.* → *cop.* Πτολεμαῖος.

<sup>890</sup>       *gr.* → *cop.* σκεῦος. Terminologia técnica do *gr.* NT para ‘aqueles que creem de modo mais geral, crentes, cristãos, κτλ, advinda da cultura *heb.* de artesanato que evoca a ‘arte’: Rm 9,22 “vasos de ira”; 9,23 “vasos de misericórdia”; 2Cor 4,7 “vasos de barro”; 2Tm 2.20 “vasos de ouro e prata”; Hb 9,21 “vasos de ministério”; Ap 2,27 “vasos de oleiro”. O sentido segue também o de *AtsPe – AV, II*. A ideia fundante é a Gn 2,7 de que o homem foi feito “do pó da terra”, simbolizando sua fragilidade, humildade (matéria prima), a finitude da personalidade humana vista pelo ângulo da sua mortalidade. Na *Divina Comédia*, no Canto I – Inferno, depois da invocação às Musas, Dante Alighieri, ponderando sua fraqueza faz menção clara isto: “Dizendo a verdade, o lugar santo – Aos que do maior Pedro o sólio herdaram (...) – Lá se foi o Vaso Eleito ainda vivo: (...)” (grifo nosso, trad. José Pedro Xavier Pinheiro). . Na *Divina Comédia*, no Canto I – Inferno, depois da invocação às Musas, Dante Alighieri, ponderando sua fraqueza faz menção clara isto: “Dizendo a verdade, o lugar santo – Aos que do maior *Pedro* o sólio herdaram (...) – Lá se foi o *Vaso Eleito* ainda vivo: (...)” (grifo nosso, trad. José Pedro Xavier Pinheiro).

5      ΤΑΚΟ  $\bar{\alpha}\bar{\eta}$   $\sigma\bar{\tau}\chi\omega\bar{\zeta}\bar{\alpha}$   $\bar{\eta}$ -  
 ΤΟΚ  $\bar{\zeta}\omega\kappa$   $\bar{\nu}\epsilon\sigma\psi\epsilon$  <sup>891</sup>  
 ΡΟΚ  $\bar{\zeta}\omega\varsigma$   $\epsilon\alpha\kappa\rho\bar{\iota}\pi\iota\sigma\tau\epsilon\tau$ -  
 ΕΡΟΕΙ  $\bar{\eta}\sigma\tau\bar{\iota}\mu\sigma\omega\omega\eta$   
 ΝΤΑΠΑΡΘΕΝΟΣ ΤΑΙ̇ ΕΤ  
 ΚΝΑ $\sigma\tau\omega\eta\eta\varsigma$  ΝΑΚ ΝΩ<sup>892</sup>  
 10      ΝΕ  $\bar{\zeta}\omega\varsigma$   $\epsilon\alpha\bar{\iota}\psi\omega\pi\epsilon$   $\bar{\eta}\eta$  <sup>893</sup>  
 ΤΗ̇  $\bar{\alpha}\bar{\pi}\epsilon\sigma\eta\alpha\tau$   $\bar{\eta}\eta\sigma\tau\bar{\iota}\pi\eta\alpha$   
 ΝΟΥΤ ΑΛΛΑ ΤΩΟΥΗ>  
 ΝΣΒΩΚ  $\bar{\zeta}\eta\eta$   $\sigma\tau\delta\epsilon\pi\eta$   $\psi\alpha$   
 ΠΗΕΙ  $\bar{\alpha}\bar{\pi}\epsilon\tau\rho\sigma$  ΠΑΠΟΣ  
 15      ΤΟΛΟΣ  $\delta\alpha\tau\omega$  ΚΝΑ $\eta\alpha\tau$  Ε  
 ΠΑΕΟΟΥ  $\psi\eta\alpha\tau\sigma\tau\langle\eta\rangle\epsilon\iota\alpha\tau\kappa$  <sup>894</sup>  
 ΕΒΟΛ ΕΦΩΒ ΠΤΟΛΕΜΑΙ

<sup>891</sup> SCHMIDT. 1903, *op.cit.*, p.5, notavelmente  $\bar{\nu}\epsilon\sigma\psi\epsilon$  no lugar de  $\bar{\nu}\epsilon\psi\omega\psi\epsilon$ .

<sup>892</sup> *cf* 1Tm 5,2.

<sup>893</sup> 1Cor 12,13.

<sup>894</sup> PARROTT. 1979, *op.cit.*, p.486 sugere.

- a ruína e a profanação.
- 5 Mas era necessário para que tu  
desta maneira<sup>895</sup> cresces<sup>896</sup>  
em mim<sup>897</sup>: não profanaras  
a minha virgem<sup>898</sup>,  
a quem deverias tê-la tido como uma irmã,<sup>899</sup>
- 10 assim como<sup>900</sup>, eu sou<sup>901</sup>  
um só espírito<sup>902</sup> para ela e para você.  
Mas<sup>903</sup> levanta-te,  
e vá às pressas para  
a casa do apóstolo<sup>904</sup> Pedro<sup>905</sup>.
- 15 Ali verás a minha  
glória, e ele te clarificará  
esta questão<sup>906</sup>. E<sup>907</sup> Ptolomeu<sup>908</sup>

---

<sup>895</sup> gr. →cop. ὥς.

<sup>896</sup> gr. →cop. πιστεύειν.

<sup>897</sup> Nesta expressão o escritor assume Ptolomeu como cristão, mas muito apegado aos bens terrenos. A cura que vai abrir os “dois olhos do corpo e da alma”, será a causa da verdadeira conversão dele: ele era um cristão só no nome, mas será de coração (segundo μετά-voια canônica; = termo eclesiástico para penitência, conversão). Isto parece ser o mais natural, embora não possamos afirmar definitivamente; FICKER. – in: Hennecke (ed.). *Handbuch zu den...* 1903, *op.cit.*, p.403; o que seria mencionado nas pp. perdidas do *ms.* O autor relatou a conversão de Ptolomeu pela filha de Pedro, que se expressa, ainda, as palavras: “que por seu intermédio havia encontrado a fé em Deus e obtido a cura”.

<sup>898</sup> gr. →cop. παρθένος.

<sup>899</sup> O autor quer dizer para mantê-la pura e imaculada. Este pensamento é perfeitamente o cerne desta peça encratita e é fortemente expresso na frase “a quem deverias tê-la tido como uma irmã”; todavia, parece inspirado em 1Tm 5,1-2.

<sup>900</sup> gr. →cop. ὥς.

<sup>901</sup> cf 1Cor 12,13; *AtsPe* XXXIX.

<sup>902</sup> gr. →cop. πνεῦμα. Esta expressão técnica com sentido particular; Gl 3,28; 1Cor 12,13; Rm 12,5.

<sup>903</sup> gr. →cop. ἀλλά.

<sup>904</sup> gr. →cop. ἀπόστολος.

<sup>905</sup> gr. →cop. Πέτρος.

<sup>906</sup> Segue a narrativa do *Atos* lucano, nas expressões e sequência de eventos durante a conversão de Saulo (depois Paulo); *At* 9,3-9.

<sup>907</sup> gr. →cop. δέ.

<sup>908</sup> gr. →cop. Πτολεμαῖος.

ος δε υπεϋραμελι αϋου-  
εβσαβνε ννεϋρωμε ε

C<sup>138</sup>

ρλη

- 1 τρεϋζιμοειτ βητη  
 νκεντηϋ ψαποει ν>  
 τερεϋει δε εβραει  
 ψαροει αϋζω ννεν<sup>909</sup>
- 5 ταϋωωπε μμοδ τη  
 ρου βν τβου νικ πε<sup>910</sup>  
 χς πνχοεις τοτε αϋ  
 ναϋ εβολ βν νβαλ  
 ντεϋαϋρζ αϋω ν>
- 10 βαλ ντεϋψϋχη αυ>  
 ω αυμηϋε βελπι  
 ζε επεχς αϋειρε ναϋ  
 νζμπετνανουου >><sup>911</sup>

<sup>909</sup> PARROTT. 1979, *op.cit.*, p.488 suprime.

<sup>910</sup> Entre estas linhas 138, 5-6, SCHIMDT. 1903, *op.cit.*, pp.21-2 sugere, que o copista pode ter deixado de fora algo como o seguinte: “Então eu coloquei minhas mãos sobre os olhos e disse: Recebei a sua visão...”, *cf AtsPe XXI*. Para ele a frase “Mas quando ele veio a mim, ele disse tudo aconteceu com ele foi no poder de Jesus Cristo, nosso Senhor” não dá sentido real na última parte.

<sup>911</sup> *id. op.cit.*, p.6 lê-se νζςνπετνανουου.

não foi negligente<sup>912</sup> por um só momento  
e ordenou aos seus homens,

C<sup>138</sup>

1 que mostraram o caminho  
e trouxeram ele ante a mim.  
E<sup>913</sup> quando estava em  
minha presença, narrou  
5 o que lhe tinha acontecido  
pelo poder de Jesus<sup>914</sup>  
Cristo<sup>915</sup>, nosso Senhor. Imediatamente<sup>916</sup> ele  
começou a ver com os olhos  
da sua carne<sup>917</sup> e com  
10 os olhos da sua alma<sup>918</sup>.  
Muitas pessoas colocaram sua a esperança<sup>919</sup>  
em Cristo<sup>920</sup>. Ele fez  
coisas boas por eles

---

<sup>912</sup> *gr.* → *cop.* ἀμελεῖν.

<sup>913</sup> *gr.* → *cop.* δέ.

<sup>914</sup> No *cop.*  $\overline{\text{IC}}$ ; *nomina sacra*.

<sup>915</sup> No *cop.*  $\overline{\text{XC}}$ ; *nomina sacra*.

<sup>916</sup> *gr.* → *cop.* τοτέ.

<sup>917</sup> *gr.* → *cop.* σάρξ.

<sup>918</sup> *gr.* → *cop.* ψυχή. Para gnosticismo é importante a distinção entre os conhecimentos. No *gr.* há uma separação de conhecimentos: γνῶσις (= noção); αἴσθησις (= uso dos sentidos); συνήθεια (= familiaridade com o tema); λειποψυχέω (= perder conhecimento), κτλ. O termo γνῶσις vem do uso altamente especializado da filosofia *gr.* (de Platão) com conotação sensitiva. Significa ‘conhecimento empírico’ ou o não confiar em um conhecimento formal, mas destacando sua dimensão espiritual e mística. Semelhantemente ao “conhecimento interno” ou “autoexploração” – juízos advindos de Plotino. Por isto os *AtsAp* insistem longamente sobre a distinção entre os ‘olhos do corpo’ e os ‘da alma’, *uide* a cura das viúvas anciãs e cegas, *AV*, *XXI*. Analogias não faltam por dentro as narrativas dos milagres, Ele também pode levar a cegueira Hermipo e sua recuperação por Paulo nos *AtsPl*, *XXIX*.

<sup>919</sup> *gr.* → *cop.* ἐλπίζειν.

<sup>920</sup>  $\overline{\text{XC}}$  *cop.* *nomina sacra* Segue *At* 9,42, *et alii*.

λ̄νω ᾱϥχαριζε̄ νᾱϣ>  
 15 ν̄ταωρεᾱ ῡπνοϣτε  
ῡν̄ν̄νω̄ς ᾱ πτολ̄ε>  
 ῡᾱιο̄ς ῡτον̄ ῡμο̄ϥ>  
 ᾱϥεῑ ε̄βολ̄ ζ̄ῡ π̄βιο̄ς>  
 ᾱϥβωκ̄ ϣᾱ πεϥ̄ϣ̄ς̄ ν̄

C<sup>139</sup>

[̄ρ̄λ̄θ̄-

1 ϣ̄[ε̄ρεϥ̄ϣ̄μ̄ῑνε̄-Δ̄ε̄[̄ν̄-τεϥ̄<sup>921</sup>  
 διᾱθ̄η̄κη̄ ᾱϥ̄ζ̄ᾱῑ νο̄ϣ̄  
 ϣω̄τ̄ η̄δ̄ω̄ε̄ε̄ επ̄ρᾱν̄ ν̄τᾱ  
 ϣ̄ε̄ε̄ρε̄ ζ̄ε̄ ε̄τ̄β̄η̄η̄τ̄ς̄ ν̄  
 5 τᾱϥ̄π̄ῑς̄τε̄ρε̄ επ̄νο̄ϣ̄<sup>922</sup>  
 τε̄ ᾱϥ̄ο̄ϣ̄ᾱεῑ ᾱνο̄κ̄ ζ̄ω̄  
 το̄ικ̄ο̄νο̄μ̄ιᾱ ν̄τᾱϣ̄τ̄η̄  
 ζ̄ο̄ϣ̄τ̄ ε̄ρο̄ς̄ ζ̄ω̄ς̄ ϣ̄πο̄ϣ̄>  
 λ̄ᾱιο̄ς̄ ᾱῑε̄ρε̄ζ̄ ε̄ρο̄ς̄ ᾱεῑ<sup>923</sup>

<sup>921</sup> Na 139,1 PARROTT lê ϣ̄[ε̄ρεϥ̄κ̄-ω̄. Sendo que ω̄ (lê-se em PARROTT, 1979, *op.cit.*) é uma expressão copta possível para traduzir o verbo *gr.* διατιθέναι (aqui: dispor, distribuir, repartir). A outra μ̄ῑνε̄ (lê-se em SCHMIDT, 1903. *op.cit.*, p.6); também TILL, Walter C.; SCHENKE, Hans-Martin. *Die gnostische Schriften des koptischen Papyrus Berolinensis 8502*. rev. ed. (Texte und Untersuchungen 60). Berlin: 1955 por Till); 1972 (por Schenke), pp.296-321; 333; que rejeitam esta por causa de sua incompatibilidade com os vestígios de letras restantes. Escolha de Till-Schenke, τᾱϣ̄ρο̄, no entanto, não é usado para traduzir converter διατιθέναι, e é pelo menos uma letra mais longa que a lacuna. ω̄ conforme PARROTT parece a única possível escolha, mas fornece uma reconstrução que é mais curta (pelo menos duas letras) do que o tamanho da lacuna.

<sup>922</sup> Segundo PARROTT, o escriba errou ao interpolar um desnecessário ε̄ entre ε̄ e π̄νο̄ς̄.

<sup>923</sup> Em SCHMIDT. 1903, *op.cit.*, p.6 lê-se ᾱῑζ̄ᾱρε̄ζ̄. Segundo FICKER, 1903 *apud* PARROTT. 1979, *op.cit.*, p.491, a pessoa que questiona Pedro em 128,7-8 seria o destinatário, mas também uma exortação para o leitor.

15 e agraciou<sup>924</sup>-Ihes  
 com o dom<sup>925</sup> de Deus.<sup>926</sup>  
 Em seguida. Ptolomeu<sup>927</sup>,  
 descansou;  
 deixou a vida<sup>928</sup> e  
 juntou-se a {seu} Cristo<sup>929</sup>.

C<sup>139</sup>

5 E<sup>930</sup> [quando fez] seu  
 testamento<sup>931</sup>, registrou  
 uma parte da sua propriedade no nome da minha  
 filha, que por seu intermédio  
 havia encontrado a fé<sup>932</sup> em Deus  
 e obtido a cura. Eu, por minha parte,  
 a quem conferiram a administração<sup>933</sup>  
 cuidei de tudo o mais<sup>934</sup> diligentemente<sup>935</sup>.  
 (quando) vendi

---

<sup>924</sup> gr. →cop. χαρίζεσθαι.

<sup>925</sup> gr. →cop. δωρεά. Trata-se de uma remissão ao *Atos* lucano, episódio de Jope; At 9,42.

<sup>926</sup> Jo 4,10; Ef 4,8.

<sup>927</sup> gr. →cop. Πτολεμαῖος.

<sup>928</sup> gr. →cop. βίος

<sup>929</sup> Uma melhor tradução para esta *nomina sacra*  $\overline{\text{XC}}$  seria: “ele juntou-se ao seu Senhor”.

<sup>930</sup> gr. →cop. δέ.

<sup>931</sup> gr. →cop. διαθήκη.

<sup>932</sup> gr. →cop. πιστεύειν.

<sup>933</sup> gr. →cop. οἰκονομία.

<sup>934</sup> gr. →cop. ὧς.

<sup>935</sup> gr. →cop. σπουδαίως.

10 † μ̄π̄ω̄μ̄ ε̄β̄ολ̄ λ̄γ̄ω̄  
 π̄ν̄ο̄ν̄τ̄ε̄ ο̄ν̄ᾱᾱϗ̄ π̄ε̄τ̄σ̄ο̄-  
 ο̄ν̄η̄ ο̄ν̄τ̄ε̄ λ̄ν̄ο̄κ̄ ο̄ν̄τ̄ε̄  
 τ̄ᾱψ̄ε̄ε̄ρ̄ε̄ λ̄ῑ† μ̄π̄ω̄μ̄  
 ε̄β̄ολ̄ μ̄π̄ικ̄ᾱ λ̄ᾱᾱν̄ ε̄π̄α  
 15 ρ̄ο̄ν̄ ρ̄η̄ τ̄ᾱσ̄ο̄ν̄ μ̄π̄ω̄μ̄  
 λ̄λ̄λ̄ᾱ π̄ε̄χ̄ρ̄ε̄μ̄ᾱ τ̄η̄ρ̄ϗ̄  
 λ̄ῑζ̄ο̄ο̄ν̄ϗ̄ η̄η̄ε̄τ̄μ̄ο̄κ̄ϗ̄<sup>936</sup>  
 ε̄ῑμ̄ε̄ β̄ε̄ ω̄ π̄ρ̄ω̄ρ̄ᾱλ̄ η̄ν̄τ̄ε̄  
 π̄ε̄χ̄ς̄ ῑς̄ ζ̄ε̄ π̄ν̄ο̄ν̄τ̄ε̄

---

 936

 Para SCHMIDT. 1903, *op.cit.*, p.6 lê-se η̄η̄ε̄τ̄μ̄ο̄κ̄ϗ̄.



- 10 o campo. No entanto,  
somente Deus  
sabe que nem<sup>937</sup> (para) mim nem<sup>938</sup> (para)  
minha filha {eu vendi a terra}<sup>939</sup>.  
Não retive coisa alguma,  
15 advinda do preço da propriedade.<sup>940</sup>  
Mas<sup>941</sup> reparti  
todo o valor<sup>942</sup> àqueles que sofrem.<sup>943</sup>  
Saiba, então, ó<sup>944</sup> servo de  
Cristo Jesus<sup>945</sup>, que Deus

---

<sup>937</sup> *gr.* → *cop.* ὄυτε.

<sup>938</sup> *gr.* → *cop.* ὄυτε.

<sup>939</sup> No *ms.* temos somente a expressão: “E Deus somente sabe, nem eu nem minha filha (...?); – eu vendi (...)” Esta expressão sozinha não sentido, compreende FICKER. – *in*: Hennecke. *Handbuch...*, 1903, *op.cit.*, p.403 e VOUAUX. 1922, *op.cit.*, p.227 que na tradução sugerem (...?) = (tocamos o valor). De outra forma, PINERO. 2004, *op.cit.*, p.543 temos apenas a tradução literal e com a falta de sentido presente no *ms.* – “Vendi o campo... e Deus sabe que nem eu nem minha filha... Vendi o campo (...), remetendo a questão ao leitor. Porém, no entendimento deste projeto tradutório, o tradutor destes textos antigos, quando diante de lacunas nos *mss.* resultado por vezes em severas dificuldades nos textos críticos (bastante comum), deve dar conta de atender o leitor contemporâneo com um mínimo de sentido, mesmo que reconstruído com um certo grau de incerteza ou apresentando um leque de algumas possibilidades com alguma mais provável e suas respectivas justificativas. Parece melhor dar alguma noção do que poderiam ser hipóteses mais razoáveis a esquivar-se burocraticamente de algum comprometimento. O tradutor está em melhor topos que o leitor, por conhecer mais profundamente o texto.

<sup>940</sup> Remissão ao episódio da morte do casal Ananias e Safira, pela retenção de valores a eles não devidos. Algumas lacunas na intertextualidade apontam para o sentido claríssimo e conhecido pelos leitores (ou dos presentes); At 5,1-11.

<sup>941</sup> *gr.* → *cop.* ἄλλᾶ.

<sup>942</sup> *gr.* → *cop.* χρῆμα.

<sup>943</sup> Este é outro recurso de semelhança entre estes *frg.* e o *AV*; *uide AV XXX* – episódio que Crisé doa a Pedro 10000 peças de ouro. Este argumento reforça a posição de SCHMIDT (unidade destes *AtsPe* na versão primitiva) em prejuízo a posição de MOLINARI (que entende estes textos como independentes).

<sup>944</sup> *gr.* → *cop.* ὃ.

<sup>945</sup> *χ̄ς ῑς cop.*; *nomina sacra* invertida. Esta expressão responde a Tito, o fiel que interpelo Pedro, no início da narrativa. A resposta seguinte sugere que não devemos criticar os desígnios de Deus porque de antemão ele já sabe o que é



C<sup>140</sup>

- 1 governa<sup>948</sup> aqueles que  
 são seus e prepara  
 aquilo que é bom para  
 cada um, apesar de nós  
 5 acharmos que  
 Deus se esqueceu de nós.  
 Agora, pois, irmãos ajamos  
 com penitência,  
 vigiemos e oremos.<sup>949</sup>  
 10 E que bondade<sup>950</sup>  
 de Deus lance seus olhos  
 sobre nós outros. E  
 coloquemos nisto nossa esperança.” E  
 {todos} os outros ensinamentos,  
 15 Pedro<sup>951</sup> pronunciou  
 ante a presença de todos.  
 Louvando o nome

---

<sup>948</sup> *gr.* → *cop.* οἰκονομεῖν.

<sup>949</sup> É evidente a remissão a Mc 13,33 e 38; Mt 26,41.

<sup>950</sup> *gr.* → *cop.* ἀγαθός.

<sup>951</sup> *gr.* → *cop.* Πέτρος.

C<sup>141</sup>ρμα

1      μπροεις περχς  
 αρτ̄ νατ̄ τηροτ  
 εβολ̄ εμ̄ ποεικ<sup>952</sup>  
 ητερερπουει αρ  
 5      τωηη αρβωκ̄ ε  
 επαῑ̄ επερηει>>  
 > > > > > > > > > > ><sup>953</sup>  
 > τεπραζις μπετρος >  
 > > > > > > > > > >

---

<sup>952</sup> É bem provável que se trate da Eucaristia; *AtsPe*, AV, V.

<sup>953</sup> É o título da obra e aparece decorado.

C<sup>141</sup>

1 do Senhor Cristo<sup>954</sup>,  
 distribuiu a todos  
 o pão.<sup>955</sup>  
 Quando ele o havia repartido,  
 se levantou e voltou  
 para sua casa.

Ato<sup>956</sup> de Pedro<sup>957</sup>

---

<sup>954</sup> \  $\overline{\chi\varsigma}$  *nomina sacra*.

<sup>955</sup> Esta frase ocorre aproximadamente nos mesmos termos que Pedro “comunica” (... *communico ei...* = faz participe da Eucaristia) a Theon “o pão”; *AtsPe-AV*, V, sendo que ali o autor fala expressamente em Eucaristia. Ainda temos por PARROTT. 1979, *op.cit.*, p.492, a menção de que trata-se de uma invocação, mas aparece desbotada no *ms.* e TILL-SCHENKE reconstrói assim: ΠΝΟΥΤΕ ΝΗ[ΟΥΤΕ- / ΝΟΥΤΕ ΝΗΟΥΤΕ ΝΠΧ̄C / ΝΧ̄ΟΙC ΠΡΡΟ ΗΡΩ[ΟΥΤ-. A tradução seria “O Deus dos [deuses], O Senhor dos senhores, O Rei dos reis!”. PARROT propõe traduções alternativas: “O divino Deus (...)”, κτλ.

<sup>956</sup> *gr.* → *cop.* πρᾶξις. O título singular em copta, quer por certo sugerir que faça parte de um conjunto mais amplo: os *Atos de Pedro*.

<sup>957</sup> *gr.* → *cop.* Πετρός. A cena se passa em Jerusalém. Deve ser aceito a demonstração, segundo SCHMIDT. 1903, *op.cit.*, p.78-81 entende. Os dados a partir do início *AV*, V apontam para isso: *Lugentibus autem eis et ieiunantibus, iam instruebat Deus in futurum Petrum in Hierosolymis, adimpletis duodecim annis quot illi praeceperat Dominus(...)*, parecem primitivos e refere-se a esta ordem, bem conhecida na tradição do Salvador aos apóstolos: eles devem deixar Jerusalém até doze anos depois da ascensão; *At* 8,14ss. O autor do *AtsPe* além de, em particular, leu *At* 8,14ss, fez uma mudança singular em *AV*, XXIII. No entanto, mostra que ele os conhecia, e ele usa-os também em muitas outras circunstâncias. Mas então, por que ele transporta de Samaria à Jerusalém uma cena que lá aconteceu, ele está bem ciente? O autor escolheu Jerusalém como um teatro das atividades do apóstolo. É em Jerusalém mesmo acontece em tudo o que ele diz. Todas as referências a Judeia parecem provar o mesmo fato; no episódio da Eubula, em particular. Nesta cidade, um de cujos portões menciona “que levou à Nápoles”, que dificilmente pode ser Jerusalém. Cesareia, a qual é possível pensar, apesar da menção do portão de Nápoles, dificilmente se aplica. É positivamente excluídos para Jerusalém; *AV*, XXIII. Portanto, temos todas as razões para pensar que toda a primeira parte primitiva de *AtsPe*, incluindo o resto em vários episódios, teve lugar em Jerusalém, enquanto a segunda parte (o *AV*) vai a Roma.

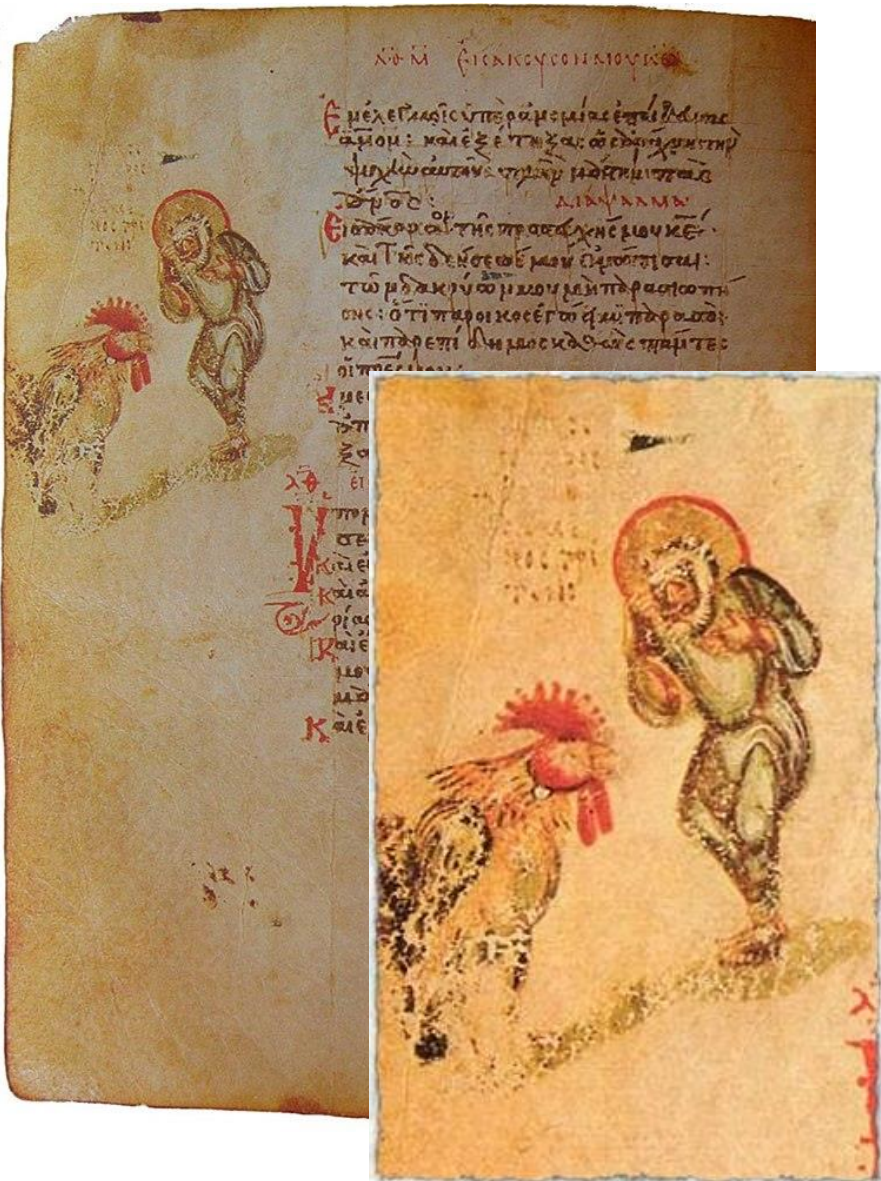


Imagem em pergaminho, *Negação de Pedro*. Miniatura grega do Shchepkina, Chludov Saltério (Salmo 38). Autor anônimo, Roma, Itália, século IX, digitalizada do Щепкина 1977. [303] Щепкина М. В. Миниатюры Хлудовской псалтыри. Греческий иллюстрированный кодекс XI века. — М.: Искусство, 1977. Em domínio público.



TRADUÇÃO III.ii  
*Filia Hortulani*  
*A Filha do Jardineiro*

### III.ii Tradução comentada e anotada do texto latino – *Epistola Titi, discipuli Pauli*

*Epistola Titi, discipuli Pauli* – in: *Codex Burchardi (Homilia Burchard)*, depositado na Universidade de Wurzburg. Publicado no artigo *Nouveaux fragments des Actes de Pierre, de Paul, de Jean, d'André et de l'Apocalypse d'Elie.* – in: *Revue Bénédictine*. tomo XXV. BRUYNE, Donatien de. (ed.) 1908, pp.149-60.

#### 2<sup>a</sup>. Seção: *Filia Hortulani*<sup>958</sup>

(refere-se à Parte II dos *AtsPe* com notas sobre o aparato crítico)

---

<sup>958</sup> Embora saibamos que no alfabeto do latim antigo não havia as letras *J-j*, *U-u* e *V-v*, manteremos de acordo com os textos críticos anteriores ao advento da pronúncia reconstituída. Tais letras *supra* são um acréscimo surgido no séc. XVI. Na época clássica, a letra *I-i* servia para representar os sons vocálicos [i], [i:] (*canis* = cão; *loci* = lugares) e a semivogal [j] (*iudex* = juiz). Contudo existia a letra *V-u*, usada para as vogais [u], [u:] (*locus* = lugar; *ducis* = tu conduzes) e a semivogal [w] (*uideo* = eu vejo). Durante a Renascença passou-se a usar o *J-j* para as situações em que a semivogal [j] tinha se alterado para a consoante [ʒ] (*Jesus*). Do mesmo modo, o *V-v* foi agrupado para a reprodução de [v] (*via*), som inexistente no latim clássico. O *U-u* passou a ser usado para as vogais [u] e [w]. Com o surgimento recente da pronúncia restaurada, muitas edições dos textos latinos decidiram voltar a usar o alfabeto antigo. *idem* para o ditongo *Æ-æ*.



EPÍSTOLA DE TITO, DISCÍPULO DE PAULO<sup>959</sup>

## A filha do Jardineiro

---

<sup>959</sup> Nesta passagem de Aurelius Augustinus (de Hipona) não trata da filha de Pedro. Mas, para responder a uma controvérsia maniqueísta que argumentava sobre a morte de Ananias e Safira – At 5,1ss, que queria rejeitar as leis canônicas, o Doutor relembra fatos semelhantes narrados nesses escritos, ao contrário de histórias aceitas pela Igreja: (...) *ipsius Petri filiam paralyticam factam < salvam > precibus ejus et hortulani filiam ad precem ipsius Petri esse mortuam* (...). Percebe-se que na obra conhecida por Augustinus não teria havido outro episódio semelhante ao da filha de Pedro. Diante do silêncio do *ms.* após *factam* Louvain (ed.) acresce uma aparente falta.

{Præsentis scripturæ intueret et proba<sup>960</sup> tibi gesta: }  
*Cum hortulanus quidam habuerit filiam virginem  
 quæ cum<sup>961</sup> una esset patri, peti<i>t orari<sup>962</sup> pro  
 illa ad<sup>963</sup> Petro; qui cum petierit, apostolus rursus  
 5 ei dicit præstiturum Dominum<sup>964</sup> quod aptum esset<sup>965</sup>  
 animæ ejus. Statim puella iacuit mortua. {O digna  
 lucra<sup>966</sup> et Deo semper apta effugere camis audatiam  
 ac mortificare sanguinis gloriam!} Sed ille senes  
 diffidus et nesciens quantum sit cælestis gratia,  
 10 ignorans<sup>967</sup> scilicet beneficia divina, rogavit Petrum  
 suscitari sibi unicam filiam. Ut autem suscitaretur,  
 non post multos denique dies sicut hodie<sup>968</sup>, inruit  
 homo vinculus fidelis in domum ejus senes  
 commorari<sup>969</sup> perdiditque puellam et ambo nusquam  
 15 comparuerunt.*

<sup>960</sup> No *ms.* lê-se: *intuire probat*, praticamente o mesmo sentido do texto corrigido.

<sup>961</sup> Este *cum* o *ms.* acrescenta-o acima da linha. Poderia perfeitamente tê-lo ocultado.

<sup>962</sup> VOUAUX. 1922, *op.cit.*, p.39, no *ms.* temos *alia manu: petit*, e uma primeira mão escreveu *orare*.

<sup>963</sup> PIÑERO. 2004, *op.cit.*, p.544, no seu texto *lat.* lê-se: *a Petro (!)* sem qualquer nota; talvez *a(b) Petro* (no *ablat.*) e suprimindo o *b* antes de consoante (mais aplicável ao latim tardio, não ao de Augustinus de Hipona); porém, muda o sentido e ainda próprio Piñero traduz pelo sentido do *ms.* – *ad Petro* – “suplicó a Pedro (...)” (!) Resta curiosa esta variante de leitura e tradução. Usualmente a forma *ab*, em separado, se emprega antes de ‘vogal’ e de ‘*d, l, n, r, s*’ e da ‘semivogal *i* quando *j*’; *abs* antes de ‘*t*’ (pouco comum); *a* antes das demais consoantes (que incluiria ‘*p*’).

<sup>964</sup> No *ms.*: *præstura Domino*, obviamente um erro; se poderia aceitar *præstituram Domino*, e compreender: “(...) ele teria diante do Senhor o destino que...”; VOUAUX. 1922, *op.cit.*, p.39.

<sup>965</sup> No *ms.*: *essit*.

<sup>966</sup> No *ms.*: *lugra*.

<sup>967</sup> No *ms.*: *et gratia ignorat*.

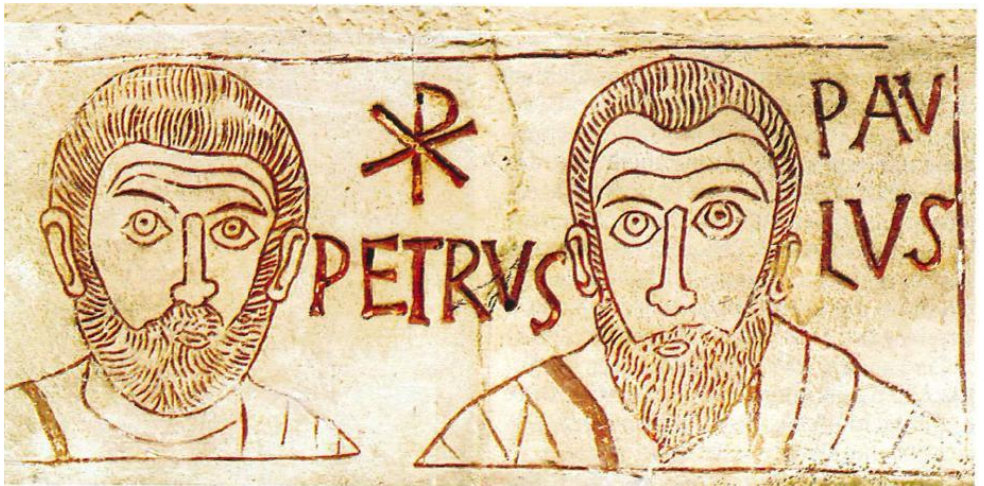
<sup>968</sup> A expressão: *sicut hodie* é mantida por Bryne, Vouaux e, mais recentemente, por Piñero nos respectivos textos críticos como texto crítico da porção *Filia hortulani* (e não como fala de Augustinus).

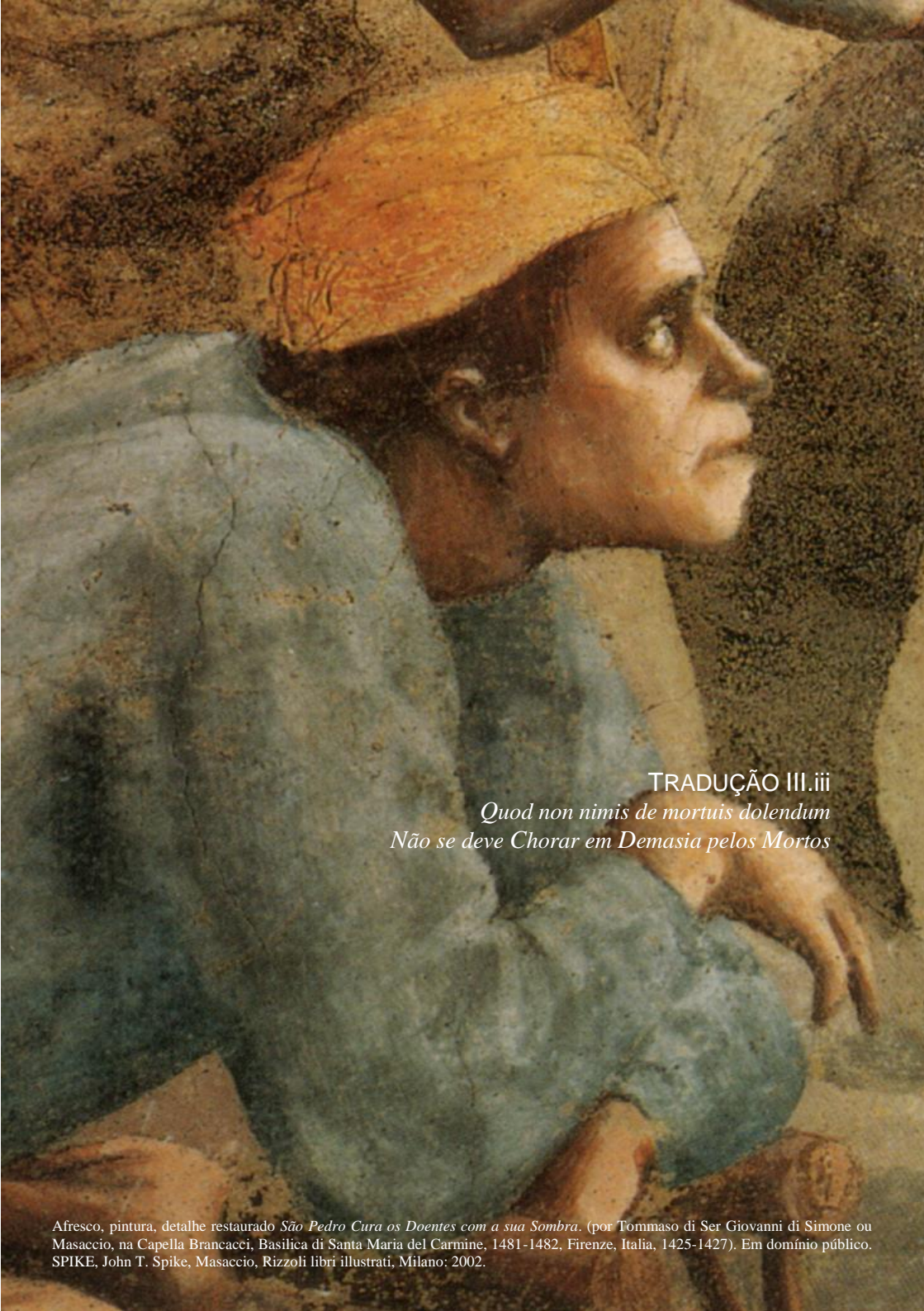
<sup>969</sup> Devido as inúmeras corruptelas no *ms.* seria razoável pensar em *commorati*, resultando a tradução: “o escravo de um fiel que viveu na casa do velho homem atirou-se...”

- { Considere tu mesmo e examine das coisas que trata o presente escrito: } Quando um certo jardineiro, que tinha uma filha virgem, a qual era única deste pai, intercedeu a Pedro que orasse por ela: assim se fez. Mas às avessas, o apóstolo, em resposta,
- 5 também disse que Deus iria dar à filha o que é mais útil para a alma do que a ela mesma. Imediatamente a menina caiu morta. { Ó merecida riqueza e que sempre é conveniente a Deus: fugir da audácia da carne, e mortificar a glória do sangue! } Mas este velho sem confiança, sem o conhecimento quanto a grandeza da
- 10 graça celestial, visivelmente, ignorando os benefícios divinos, suplicou a Pedro que ele ressuscitasse sua única filha. Mas quando ela havia ressurreto, em suma: não muitos dias depois, { a exemplo de hoje }<sup>970</sup>, um homem, passando-se por devoto, embrenhou-se se hospedando na casa do velho, enfeitiçou a moça e a perdeu e ambos
- 15 em outra ocasião (jamais) apareceram.

---

<sup>970</sup> A fala *sicut hodie* é problemática; VOUAUX. 1922, *op.cit.*, p.39. Na nt.9, Vouaux diz: “Je ne sais que faire du *sicut hodie*”, ou seja, não sabe o que esta expressão esta fazendo em *Filia hortulani*. Porém PIÑERO. 2004, *op.cit.*, p.545, mantém a fala considerando parte do enxerto *Filia hortulani* na *Epistula Titi, discipuli Pauli*, e omite totalmente na tradução sem qualquer explicação. Bruyne havia feito o mesmo. Porém, a solução pode ocorrer por outra via (não pela que reporta a corrupção do *ms.*): *sicut* foi usado e.g. CICERO. *De Res Pvblica*, II,19 como o sentido “desta forma” ou em *De Oratore*, I,238 significando “por exemplo” ou *De Officiis* III,117 “*Quamvis enim multis locis dicat Epicurus, sicut dicit*” – “Pois, ainda que em muitos lugares, que Epicuro diga, ‘como’ disse ‘com efeito’”. Como já dissemos, a *Epistula Titi, discipuli Pauli*, é um emaranhado de observações do autor (Ps-Titus) com citações bíblicas e apócrifas de fontes distintas em data de composição, autoria, linguagem, κτλ, cujas menções refletem vários estágios da língua latina, do clássico ao bárbaro. Se pensarmos a expressão emblemática { *sicut hodie* } como fala Ps-Tito (séc. IV) entremeada pelo relato *Filia hortulani* (séc. II), estilo retórico do qual, como apologeta e orador cristão, recorre com frequência nesta obra, a tradução fica perfeitamente clara: *sicut* (desta forma, por exemplo, como... com efeito) mais *hodie* (hoje, neste tempo presente) = da forma de hoje; como, com efeito, no tempo presente (ref. ao séc. IV), foco e contexto da fala *De dispositiōne sanctimonii* (= Acerca dos argumentos da castidade) que era a discussão do séc. IV. Portanto, a expressão *sicut hodie* – “a exemplo de hoje” é séc. IV e não diz sobre a moça ressuscitada, texto que remonta o séc. II seguindo a teoria de Schmidt.





TRADUÇÃO III.iii  
*Quod non nimis de mortuis dolendum*  
*Não se deve Chorar em Demasia pelos Mortos*

III.iii Tradução comentada e anotada do texto latino – *ms.*  
*Cambrai, 254*

*Quod non nimis de mortuis dolendum* – in: *ms. Cambrai, 254*. Publicado no artigo *Nouveaux fragments des d'apocryphes du II<sup>e</sup> siècle.* – in: *Revue Bénédictine*. tomo XXV. Ed. BRUYNE, Donatien de. 1908, (p.153).<sup>971</sup>

3<sup>a</sup>. Seção: *Quod non nimis de mortuis dolendum*  
 (refere-se à Parte III dos *AtsPe* com notas sobre o aparato crítico)

Petrus loquens a quemdam impatienter dolentem  
 de morte filiæ suæ ait: *Tot impugnationes*  
*diaboli, tot corporis bella, tot sæculi*  
*clades evasit et tu lacrimas*

5 *fundens ac si nescias quid in te patiaris.*

---

<sup>971</sup> Segundo *JthSt* 34, 1933, pp.395-96 *apud* PIÑERO, 2004, *op.cit.*, p.486, Donatien de Bruyne teria publicado outros *frgg.* cuja encadernação resta incerta. O primeiro dizia: “O apóstolo Pedro disse: é certo, inclusive separar-se dos que querem salvar-se daqueles que não o desejam”. O segundo extraído de uma homilia reza assim: “Renunciando e desprezando herança tão danosa e diabólica, não permaneçais como menores de idade ou como pobres, senão crede em Deus Pai onipotente. Trocastes de pai, trocaste de herança (a quem é o poder e a glória pelos séculos dos séculos, amém)” – in: “Duas citações do Apóstolo Pedro”.

## (A MORTE É PREFERÍVEL À PERDA DA CASTIDADE)

Não se deve chorar em demasia pelos mortos

Pedro tendo falado a certa pessoa que se afligia impacientemente com a morte de sua filha, disse: — “Dentre tão grande número investidas do diabo, de inúmeras privações (de deleites) do corpo, de tantas calamidades deste século e tu derramas lágrimas como se não  
5 conhecesses aquilo que, (de fato), te tem ocorrido de fato.”<sup>972</sup>

---

<sup>972</sup> Parece retroceder ao episódio do AV XXXIII, quando se propõe pureza e a conversão das concubinas de Agripa: *istæ autem paratæ erant omnia mala pati, quam se committere cum eo, confortante Domino*. Nesta mesma direção, remete a uma episódio de Drusiane, *AtsJo LXIII*ss, segundo VOUAUX. 1922, *op.cit.*, p.40.



Imagem do Codex Egberti, f61io 90r, *ms. iluminado*. Pesca Milagrosa dos discipulos e a revela76o de Cristo, no Mar da Galil6ia. Pintada por um monge an6nimo, s6culo X, no codex escrito por Egbert, Arcebispo de Trier 977-993, do *scriptorium* do Mosteiro de Reichenau (ilha de), Su67ca . Digitalizada. Em dom6nio p6blico.





TRADUÇÃO III.iv  
*Actus Petri Apostoli – Actus Vercellenses (AV)*  
*Atos do Apóstolo Pedro*

## III.iv Tradução comentada e anotada do texto latino – ms. CLVIII

ms. CLVIII – in: *Recognitiones Ps-Clementinas* (copiado ao final). ed. Lipsius I, XXXIIIss.<sup>973</sup> Biblioteca Capitular do Monastério de Vercelli, composição sécs. II-IV, ms. sécs. IV-V. Nominado *Actus Vercellenses*.

4<sup>a</sup>. Seção: *Actus Petri Apostoli*<sup>974</sup> – *Actus Vercellenses* (AV)  
(refere-se à Parte IV dos *AtsPe* com notas sobre o aparato crítico)

I *Pauli tempus demorantis Romæ et multos confirmantis*<sup>975</sup>  
*in fide, contigit etiam quemdam*<sup>976</sup> *nomine Candidam*<sup>977</sup>, *uxo-*  
*rem Quarti a præclusionibus, audire Paulum et intueri*<sup>978</sup> *ser-*  
*monibus illius et credere. Cumque et ipsa maritum suum*

<sup>973</sup> LIPSIUS, Ricardus Adelbertus (ed.). Ed. LIPSIUS, Ricardus A. I, LIII ↔ cap.XXX do *Actus Vercellenses* (AV). LII ↔ cap.XXXIII do *Actus Vercellenses* (AV). XXXIIIss. *Actus Vercellenses* (AV). Leipzig: Hinrichs, 1898, (XXXIIIss), pp.327-72. Também em LIPSIUS, Ricardus Adelbertus. (ed.) *Actus Petri cum Simone*. – in: Maximilianus Bonnet; Ricardus Lipsius (eds.). *Acta apostolorum apocrypha* (A.a.). – in: *Acta Petri*. Leipzig: Hinrichs, 1891, pp.45-103. [reimp. 1972: Hildesheim].

<sup>974</sup> VOUAUX. 1922, *op.cit.*, p.228 segue o título conforme a tradição Πράξεις Πέτρου ἀποστόλου; LIPSIUS o chama com um título pouco afortunado devido a um erro de copista, que PIÑERO o mantém: *Actus Petri cum Simone*, *uide* explicações p.207.

<sup>975</sup> Segue a sintaxe do genitivo absoluto *gr*.

<sup>976</sup> VOUAUX. 1922, *op.cit.*, *Sur ces corrections...*, p.18 substitui *quamdam*.

<sup>977</sup> ms. CLVIII: *Candidum*. LIPSIUS corrige.

<sup>978</sup> Figurativamente: contemplar, refletir, concentrar-se. *cf* FICKER – in: Hennecke (ed.), *Handbuch...* 1903, *op.cit.*, p.404, esta expressão se aproxima do verbo: ἀτενίζειν (= estar muito tenso, cravar os olhos em alguém) de *AtsPl*, pp.166, 184, 186; *uide* também o *frg*. Grenfell e Hunt; também podemos pensar em uma tradução estranha de σκέπτεσθαι (= observar ao longe, desde cima, ter por fim).

## ATOS DO APÓSTOLO PEDRO

### I – Paulo em Roma

Paulo demorava-se em Roma há algum tempo e muitos (eram), na fé, confirmados<sup>979</sup>. Mas antes<sup>980</sup>, adveio que alguém chamada Cândida<sup>981</sup>, esposa de Quarto<sup>982</sup>, um carcereiro, ouvia a Paulo, refletia acerca de seus discursos e deu crédito. Depois disso, por sua vez, ela instruiu seu

---

<sup>979</sup> No AV *confirmantis*, part. gen. sg. pres. at. (= confirmava) – trata-se tradução inadequada possivelmente do latim, já que Paulo não “confirmava muitos na fé” (doutrina inexistente neste séc.), mas estes “eram confirmados na fé” (cada qual na sua própria fé), de acordo com a soteriologia geral deste séc. II-IV; cf Cl 2,7 “arraigados e edificados nele e confirmados na fé, assim como fostes ensinados (...)”; 1Ts 1,3 “da obra da vossa fé (...)”; igual para 1,8; 3,2; 3,5-6-7; 3,10, κτλ. Também Ef 2,8 “porque pela graça sois salvos, por meio da fé, e isso não vem de vós, é dom de Deus”. Se pensarmos pelas teorias tradutórias aqui confessadas, tradução mais adequada seria pela passiva, conforme *supra*.

<sup>980</sup> Segundo VOUAUX. 1992, *op.cit.*, p.229, um início abrupto com uma referência a uma estadia de Paulo em Roma, *etiam* a seguir, pode-se supor uma história maior e uma aspiração de continuidade aqui, cujo *frg.* nós não nos restou. Na realidade, é um truque do interpolador, que é pensado em todo o *AtsPe*. Há a hipótese FICKER. – in: Hennecke, *Handbuch...* 1903, *op.cit.*, p.404, que a história que estaria relacionada ao episódio não seria diferente *Atos* canônico, embora pareça é improvável. E evidente que, neste caso, o autor seria muito mais intimamente ligado ao trabalho de Lucas, já certamente não estaria satisfeito com uma mera referência ao cativo do apóstolo, que poderiam ser mencionados nos apócrifos. O início apresenta expansão notáveis analogias com a dos cap. XXXIII do AV.

<sup>981</sup> O nome Cândida é encontrado nos relatos dos santos Pedro e Marcelino, ela também é a esposa de um Arthemius, o carcereiro, e é possível que os AV influenciaram estes relatos; *vide* DUFOURCQ. (Étude sur) *Les Gesta martyrum romains...* 1900, *op.cit.*, p.163.

<sup>982</sup> *Quartus* parece um nome emprestado de Rm 16,23, embora esta Epístola supõe-se fora de Roma. O texto diz: *Quarti a praeclosureibus*. No que se segue, podemos ver que este homem, um guardião de Paulo, e deve explicar o significado de “prisões”, como traduzido do *gr.*: ἐπί τῶν ἀποκλεισμάτων, *e.g.* neste sentido temos o emprego de *a baneis*, um assistente banheiro, At 18,16, pois em Roma, Paulo é sempre acompanhado por um soldado.

5. *docuisset, et credidisset, Quartus permansit*<sup>983</sup> *Paulo, ut ubi vellet iret ab urbe. Cui dixit Paulus: Si fuerit voluntas*<sup>984</sup> *Dei, ipse mihi revelabit*<sup>985</sup>. *Et jejunans triduo Paulus et petens a domino quod aptum sibi esset, vidit itaque visionem, dicentem sibi dominum: Paule surge et* *[[eis*<sup>986</sup>]] *qui in Spania sunt*  
 10 *corpore tuo*<sup>987</sup> *medicus esto. Referens itaque fratribus quæ Deus præcepisset, nihilque dubitans in eodem erat ut proficisceretur ab urbe. Incipiens*

---

<sup>983</sup> *ms.* aqui está corrupto, alterado e esta palavra é incompreensível. LIPSIUS oferece *persuasit* no lugar, o que parece melhor do que *permisit* (= permitiu); em FICKER; PIÑERO; e, principalmente, TURNER, C. H. *The Latin Acts of Peter*. – in: *JThSt* 32. München: 1931, pp.119-33, que indicaria uma transgressão muito violenta disciplina romana. *uide* a nota explicativa correspondente na tradução.

<sup>984</sup> *ms. voluntas*. LIPSIUS corrige.

<sup>985</sup> *ms. revelavit*. LIPSIUS e VOAUX corrigem.

<sup>986</sup> O *ms.* não contém *[[eis]]*. LIPSIUS insere.

<sup>987</sup> *ms. corpori tuo*. Vouaux corrige *corpore tuo*. Estas palavras provavelmente traduzem desajeitadamente *σαρκί gr.*, usado em *AtsPl*, cap. II, p.250, que se opõem as cartas, como na Epístola aos Coríntios VII. *AtsPl*, p.250: “*Dum adhuc carne en es (...), aut perveni ad nos aut scribe nobis*”. A hipótese de LIPSIUS, *compariturus* em vez de *corpori tuo*, é resta infrutífera, seria então pensar-se em *corporaliter*.

- 5 marido e ele creu. Quarto tentou convencer<sup>988</sup> Paulo a ir, a fim de que deixando a cidade, fosse aonde desejasse. Paulo disse-lhe: — “Se fosse a vontade de Deus, ele mesmo ma revelaria.” E tendo Paulo jejuado três dias<sup>989</sup> e pedido ao Senhor aquilo que melhor lhe convinha, então viu uma aparição<sup>990</sup> em que o Senhor lhe dizia<sup>991</sup>:
- 10 — “Paulo, levanta-te e sê por tua presença física, o médico<sup>992</sup> <dos que> estão na Espanha<sup>993</sup>”. Além disso, depois de informar aos irmãos o que Deus teria instruído, em nada duvidando<sup>994</sup>, desde logo começava a deixar a cidade. No entanto,

---

<sup>988</sup> *uide* a nota crítica. A situação é análoga à *Ps-Linus*, cap. V, mais Processo e Martiniano não perguntam, *postulabant*, que Pedro se deixasse ir, porque o imperador havia esquecido – *quia imperatorem oblitum tui jam credimus*. Os *Atos Processus e Martinianus*, no episódio semelhante, derivam de *Ps-Linus*.

<sup>989</sup> O jejum precedia e preparava na vida cristã do séc. III todas as principais ações. Muitas vezes, é mencionado nos *AtsAp*, e.g.: *AtsPe* V; XVII; XVIII; XXII; nos *AtsPl*; κτλ. Esta prática é derivada do AT, foi fortificada pelo NT, em particular nos 40 dias do Salvador; At 8,2. *uide* para o jejum de três dias o *frg. de Muratori* I, 11 que apresenta o significado místico ligado ao número de três.

<sup>990</sup> Há muitas visões em *AtsPe*: *uide O Ato de Pedro (frg. cop.)* C131, C132; AV XXXVI, XLI.

<sup>991</sup> Alusão a At 2,23; 11,21 κτλ; Cl 2,16, Gl 5,6; 6,15. Há outras menções na literatura apócrifa, e.g. *Ps-Marcellus*, I também ss, que relata longas disputas Paulo e os defensores da circuncisão.

<sup>992</sup> Esta metáfora é comum na literatura eclesiástica, assim como na profana, e.g. Mc 2,17. Está implícito no NT que Jesus curou as almas, mas juntamente com o corpo, cujos textos são desnecessários mencionar; *uide HARNACK*, Adolf von. *Die Mission und Ausbreitung des Christentums in den ersten drei Jahrhunderten*. t. I. 2<sup>a</sup>. ed. Leipzig: 1906, pp.87ss; cf FICKER – in: Hennecke. *Handbuch...* 1903, *op.cit.*, p.405, também *AtsJo* XXII, CVIII; *AtsPl* XIss; CXVIII, CXIX; *AtsTo* XCV. Além disso, temos *Apocrypha anecdota* I, p.51, entre os quais *Acta Xanthippæ e Polyxenæ* onde Paulo em I e II, é também representado como médico de almas, cujo texto é atribuído muito pouco valor. Ainda como Litargoel (que é Jesus) em Nag Hammadi – *Atos de Pedro e os Doze Apóstolos*, folha VIII.

<sup>993</sup> *uide* também atestado em CLEMENS, Titus Flavius (Clemens Alexandrinus). *II Epistola Clemens*, V,7ss. – in: Migme (ed.). *P.G.*, 1857, *op.cit.*, t.I, cols.301ss; Rm 15,24ss.

<sup>994</sup> PIÑERO, 2004, *op.cit.*, p547 cita nt. de TURNER, 1931, *op.cit.* sobre frequência que aparece a expressão *nihil dubitans* nos *AtsAp* “como uma expressão de submissão a direção de Deus”.

*autem Paulus exire, magnus fletus factus est circa fraterni-*  
*tatem omnem, propter quod crederent se amplius Paulum*  
 15 *non visuros, ut et vestimenta sua conscinderent, præterea*  
*ante oculos habentes quod sæpius Paulus commisisset*<sup>995</sup> *cum*  
*doctoribus Judæorum et convicisset eos: Christus enim, in*  
*quem patres vestri manus inmiserunt, et sabbatum*<sup>996</sup> *eorum*  
*dissolvebat et jejunia et ferias et circumcisionem, et doctrinas*  
 20 *hominum dissolvebat et ceteras traditiones. Urgebant*<sup>997</sup> *au-*  
*tem fratres Paulum per adventum domini nostri Jesu Christi,*  
*ut annum plus non abesset, dicentes: Seimus tuam dilectio-*  
*nem circa tuos fratres, ne nos oblivisearis cum perveneris*<sup>998</sup>,  
*et incipias*<sup>999</sup> *abrelinquere nos tamquam parvulos sine matre.*  
 25 *Et cum diu lacrimantes rogarent eum, sonus de cælis factus*

---

<sup>995</sup> BONNET. *op.cit.*, 1891, t.I, p.45 propõe a troca de *commisisset* por *conquisisset* não parece adequada.

<sup>996</sup> *ms. sabbatu.* VOUAUX corrige.

<sup>997</sup> *ms. lucebant*, o que é incompreensível. LIPSIUS. *Acta Apostolorum Apocrypha...* 1891, *op.cit.*, t.I, p.46, propõe *urgebant*; VOUAUX segue, também adotamos. Trata-se de um erro de copista, para o qual alguns propõem *volebant*; GUNDERMANN, Gotthold, (1856-†1921), paleógrafo alemão, *vide* em GÖTZ, K. Georg. – *in: Biographisches Jahrbuch für die Altertumswissenschaft* 42. London, 1909; New York, 1922, pp.1-10, particularmente pp.3-4, cujo trabalho é mencionado por LIPSIUS; para esta passagem, ele adota *vincebant*. GÖTZ também conjectura que o copista traduziu mal a expressão *gr. ἐλιπάρουν*, mas da mesma forma o tradutor latino poderia adotar uma palavra em seu texto sem sentido?

<sup>998</sup> *<in Spaniam>* propõe adição de LIPSIUS. VOUAUX não adota; seguimos esta.

<sup>999</sup> *ms. inqvipias.* VOUAUX corrige.

como Paulo estava prestes a sair, grande lamento<sup>1000</sup> irrompera por toda a comunidade, porque eles acreditavam que não iriam mais ver  
 15 Paulo, de tal modo que rasgavam suas vestes. Ademais, tinham tido diante dos olhos quão frequentemente Paulo havia arrazoado com doutores dos judeus e os teria refutado (assim): — “com efeito, Cristo sobre quem a mão de vossos pais se abateu<sup>1001</sup>, havia abolido o sábado deles, os jejuns, as festas e a circuncisão<sup>1002</sup>, rejeitando as doutrinas  
 20 humanas e todas as restantes tradições”. Pressionavam também os irmãos a Paulo acerca do advento<sup>1003</sup> do nosso Senhor Jesus Cristo. Como havia se ausentado não mais de um ano<sup>1004</sup>, diziam: — “sabemos do teu amor pelos teus irmãos<sup>1005</sup>, não nos esqueças com viagens e começando a abandonar-nos como crianças<sup>1006</sup> sem a mãe”.  
 25 E lacrimejantes clamavam longamente a ele, quando do céu se fez um som e uma grande voz<sup>1007</sup> que disse:

---

<sup>1000</sup> At 9,36ss.

<sup>1001</sup> (!) variante curiosa. PIÑERO. 2004, *op.cit.*, p.547 traduz “em quem vossos pais haviam posto suas mãos” seguindo TURNER.

<sup>1002</sup> *uide* Is 1,13 na *Vulg.* latina, particularmente, a *LXX* que menciona um jejum νηστεῖαν “puramente exterior”, o que explica este ataque contra o jejum mencionado na literatura apócrifa tantas vezes. É aplicado rapidamente com o sentido de Gl 5,6; 6,5; Cl 2,8,16 e 22 que inspiram esta menção.

<sup>1003</sup> A expectativa da *παρουσία* e medo, entre a esperança do retorno (segunda vinda) de Jesus Cristo que se chocava com aspereza daqueles tempos difíceis do séc. II provocando algo de suspeito. Este detalhe, por si só, reforça a ideia da composição no séc. II.

<sup>1004</sup> Se compararmos estas palavras que a voz disse, assumimos que os olhos do autor percebem de que a ausência de Paulo durou apenas um ano. Porém, ele morreu decapitado, sob Nero, meados dos anos 60 onde é abadia Tre Fontane, em um martírio mais humano devido ao sua cidadania romana, que seria dado a Pedro, que teria sido crucificado de cabeça para abaixo onde é a atual Basílica de São Pedro, em 13 de outubro de 64.

<sup>1005</sup> I Cor 15,58, κτλ.

<sup>1006</sup> Jo 14,18. Devemos ver nessas súplicas cheias de ansiedade a precaução de Pedro contra o charlatanismo de Simão? Parece mais óbvio que um interpolador teria assim pensado, referindo-se à necessidade de os irmãos terem um líder; segundo Ἰγνάτιος Ἀντιοχείας (Inácio, de Antioquia) que recomendava aos fiéis para cercar-se firmemente em torno de seus bispos.

<sup>1007</sup> Como em Jo 12,28; Mt, 3,17; 5,17; 1Sm 3,4-18; At 9,4; Hb 11,9; Ed 6,13ss; 2Pe 1,18. Também *AtsJo XVIII*.

*est, et vox maxima dicens: Paulus Dei minister electus est in ministerium tempus vitæ suæ; inter manus Neronis hominis impij et iniqui sub oculis vestris consummabitur. Timor autem magnus plus invasit in fratribus propter vocem quæ  
30 de cælis venerat; et multo magis confirmati sunt.*

II *Obtulerunt<sup>1008</sup> autem sacrificium Paulo pane et aqua, ut<sup>1009</sup> oratione facta unicuique daret. In quibus contigit quemdam<sup>1010</sup> nomine Rufinam, volens itaque<sup>1011</sup> et ipsa eucharistiam de manibus Pauli percipere. Cui Paulus spiritu Dei repletus acce-*

---

<sup>1008</sup> *ms. optulerunt, VOUAUX corrige.*

<sup>1009</sup> *ms. et. LIPSIUS e VOUAUX corrigem.*

<sup>1010</sup> VOUAUX irá corrigir para *quamdã*, PIÑERO segue. O texto também é alterado: esperamos e adotamos aqui *quædam nomine Rufina*.

<sup>1011</sup> *ms. itaquem; seguimos. TURNER propõe utique.*



— “Paulo, és ministro eleito de Deus<sup>1012</sup>, cujo ministério é pelo tempo da tua vida; pelas mãos de Nero, homem ímpio e iníquo, irá perecer<sup>1013</sup> diante dos vossos olhos<sup>1014</sup>. Um temor, então, ainda maior envolveu os irmãos por causa da voz que havia vindo do céu; e assim muitos eram corroborados<sup>1015</sup> (na fé).

## II.a – Rufina, a adúltera

Eles, então, ofereceram a Paulo, conforme o sacrifício, pão e água<sup>1016</sup>, a fim de que feita a oração, se distribuísse a cada um. Entre eles havia alguém chamada Rufina, que queria, também<sup>1017</sup> receber a Eucaristia das mãos de Paulo. Mas este, cheio do Espírito de Deus<sup>1018</sup>, quando

---

<sup>1012</sup> cf HARNACK, Adolf von. *Miscellen. – in: Texte und Untersuchunge*. Verlag; Leipzig: Hinrichs, 1853, t.XIX, fasc. 3b, (nota final, iv, 3), p.18; também t.XX, 3, p.106, de onde temos a proposta da *Cæna Cyprioni* que pensa a *Perministravit Paulus*, assim descrita. Estas palavras são em demasiado vagas para relacionarmos com certeza a um determinado texto; podem derivar dos *AtsPl*, particularmente do episódio de Mirte, ou ainda, simplesmente dos canônicos, e.g. Rm 15,25, κτλ.

<sup>1013</sup> O uso de *consummabitur*, segue 1Tm 4,7.

<sup>1014</sup> O autor começa com estas palavras a história do retorno de Paulo e seu martírio, o que não parece duvidoso, dados os métodos comuns para os apócrifos. Esta é uma voz do céu que anuncia a João que deve glorificar a Deus em Éfeso, *AtsJo XVIII*; também Cleóbio e Mirte preveem o ministério e a paixão de Paulo em Roma, em *AtsPl*. Tais cenas são copiadas do resto de At 21,11ss, porém HARNACK discorda.

<sup>1015</sup> At 15,32, κτλ.

<sup>1016</sup> Trata-se aqui da eucaristia, como indicado por *sacrificium*; os fiéis trazem a Paulo os elementos do sacramento, o apóstolo declara a oração eucarística, em seguida, distribui a comunhão. A menção de pão e água só ocorre apenas no início; Além disso, o autor, no *frg. cop. P<sup>B-8502</sup> (Papyrus Berolinensis 8502)*, C.141, fala somente de pão, o que não exclui o vinho. Assim discordamos de PIÑERO, 2004, *op.cit.* p.549, nt.46 que trata da exclusão do vinho na eucaristia (tendência encratita), seguindo *AtsPlTe XXV*; *AtsPl PH IV*. Porém, o argumento geral, reforça defesa da data e da unidade dos *AtsPe*.

<sup>1017</sup> Segundo TURNER *utique* (= a todo custo, certamente).

<sup>1018</sup> Lc 1,15-45.

5 *denti dixit : Rufina, non tamquam digna accedis<sup>1019</sup> ad altarium  
 Dei, surgens a latere non mariti sed mæchi, et Dei eucharis-  
 tiam temptas accipere. Ecce enim Satanas contribulato corde<sup>1020</sup>  
 tuo projiciet te ante oculos omnium credentium in domino,  
 ut videntes et credentes sciant quoniam Deo vivo, scrutatori  
 10 cordium, crediderunt. Si autem penitueris in facto tuo, fidelis  
 est, qui possit peccata tua delere <et te><sup>1021</sup> ab hoc liberare peccato.*

---

<sup>1019</sup> *ms. accedes.* LIPSIUS e VOUAUX substituem.

<sup>1020</sup> TURNER propõe *corpore*; não seguimos.

<sup>1021</sup> LIPSIUS propõe adicionar *et te*.

5 ela aproximou-se<sup>1022</sup>, disse-lhe: — “Rufina<sup>1023</sup>, não és deste modo digna de aproximar-se do altar<sup>1024</sup> de Deus; você levanta-se em oculto não com teu marido, mas com um amante e tenta tomar a eucaristia de Deus! Pois, eis que Satanás após perturbar teu coração<sup>1025</sup>, te lançará por terra<sup>1026</sup> ante dos olhos de todos os que creem no Senhor. Desta forma, ao verem-te, confiando, conhecerão desde já o Deus vivo, que  
10 perscruta o corações<sup>1027</sup>, e crerão<sup>1028</sup>. Se, porém, te penitenciaras da tua atitude, fiel é Ele que pode apagar teus pecados e libertar-te de cometer adultério.

---

<sup>1022</sup> FICKER. –in: Hennecke (ed.). *Handbuch zu den...* 1903, *op.cit.*, p.408. Esta passagem não é nada mais do que a aplicação de um exemplo particular e real, nas palavras de Paulo em 1Cor 11,27-29. Este tipo de aplicações os *AtsAp* fazem frequentemente tendo em vista, especialmente em vista de *AtsTo* LI, uma história completamente análogo a esta, o que provavelmente está inspirada nesta. Pode ser, como bem suspeita Ficker, de tal forma que se aplica ficções reprovação em ΚΕΛΣΟΣ (Celsus); resposta de ΩΡΙΓΕΝΗΣ: *Origenes... Contra Celsum*, III,16. [trad. KOETSCHAU, Paul]. München: 1926, t.I, p.214. – in: – in: Migme (ed.) *P.G.*, 1857, *op.cit.*, t.XI, col.940: παντοδαπά ἐπισπόμετα ἢ τίνα συμπλάσσομεν δαίματα, (= atraindo todos os tipos de coisas de má sorte e punições) como *e.g.*, sugere a morte terrível de Ananias e Safira em At 5,1-10.

<sup>1023</sup> FICKER. –in: Hennecke (ed.). *Handbuch zu den...* 1903, *loc.cit.*, se pergunta se Rufina não seria uma personagem figura histórica? Refere-se a menção de Gaius SUETONIUS Tranquillus. *A Vida dos Doze Cezares – Augusto*, 69, como uma das concubinas de Augusto que é muito improvável apesar de todas as liberdades dos autores dos *AtsAp*. Podemos dizer o mesmo, a princípio, de Rufina, amante Coccius Cassians (PAPINIANUS, Aemilius. *Digesta*, ou *Pandectae*, 34, 9), especialmente porque é apenas séc. III. O autor usou um nome bastante comum na época.

<sup>1024</sup> Expressão *ad altarium* expressa doutrina geral paulina de 1Cor 11,27ss, que no fim do séc. II é aplicada ao aproximar-se do altar para o recebimento da eucaristia.

<sup>1025</sup> 1Cor 5,5.

<sup>1026</sup> A ideia de Satanás como executor da justiça divina já está nos Evangelhos, *e.g.* Mt 25,41, e particularmente, 1Cor 5,5; é desnecessário a procurar aqui influência da filosofia secular.

<sup>1027</sup> Rm 8,27; At 1,24; 15,8.

<sup>1028</sup> Para VOUAUX. 1922, *op.cit.*, p.236, esta é uma tese que, muitas vezes, encontramos nos *AtsPe*, onde são repetidamente lembrados a culpa e o arrependimento do próprio apóstolo e o perdão que lhe foi concedido. Os termos usados, pelo tradutor latino, são quase os de 1Jo 1,9, mas é evidente que o autor não conheceu a *Vulg.*, como aparece em muitas outras passagens. É ainda necessário analisar se ele usou uma *Vetus Latina* (versões esparsas anteriores a

*Si autem non pœnitueris cum adhuc in corpore es<sup>1029</sup>, accipiet te ignis vastator<sup>1030</sup> et tenebræ exteriores in omnia sæcula. Et confestim Rufina a sinistra parte a capite usque ad unguēs*  
 15 *pedum contorminata cecidit. Cui nec potestas data est loquendi: lingua enim ejus obligata est. Hæc autem videntes et credentes in fidem et neofiti, pectora sibi tundebant memorantes pristina sua peccata, plangentes et dicentes: Nescimus, si nobis Deus pristina peccata quæ gessimus remittat.*  
 20 *Tunc Paulus silentium petens dixit: Viri fratres, qui nunc credere cœpistis in Christum, si non permanseritis in pristinis*

---

*Vulg.*) ou simplesmente traduz diretamente de um original *gr.*, o que algumas passagens evidenciam.

<sup>1029</sup> Parece haver dúvida de que devemos trazer as palavras que estão em *cum adhuc in corpore es* e não o que se segue; a vírgula é deslocada em LIPSIUS, p.46.

<sup>1030</sup> *ms. vastatur.*

Se, em vez disso, não se arrepende enquanto está ainda no corpo, o fogo devastador e as trevas exteriores te castigarão por todos os séculos”<sup>1031</sup>. E imediatamente, Rufina caiu entrevida do lado 15 esquerdo do corpo<sup>1032</sup>, da cabeça as unhas do pé<sup>1033</sup>. E a ela não foi dado poder falar, pois sua língua estava travada. Então, ao vê-la os que em fé criam<sup>1034</sup> e os neófitos<sup>1035</sup> golpeavam-se em seus peitos lembrando dos pecados passados, em pranto, dizendo: — “Não sabemos se Deus irá remir-nos dos pecados do passado que temos 20 cometido”<sup>1036</sup>. Então Paulo, pedindo silêncio<sup>1037</sup>, disse: — “varões irmãos, agora que tens começado a crer em Cristo, se não persistirem

---

<sup>1031</sup> A punição com o fogo e as trevas exteriores estão presentes nos textos canônicos, e.g. Mt 3,12; 8,12; 11,42; 22,13; 25,30ss; e num grande número de outros textos paralelos.

<sup>1032</sup> Igualmente  $\mathfrak{P}^{B-8502}$  (*Papyrus Berolinensis* 8502), C.135. Em *De dispositione sanctimonii*, de Ps-Titus, de onde extraímos o AV inicia mencionando Rufina, porém sem nominá-la, que lá também parece o autor supor que ela não se arrepende, conforme cita PIÑERO. 2004, *op.cit.*, p.551.

<sup>1033</sup> *uide frg.*  $\mathfrak{P}^{B-8502}$  (*Papyrus Berolinensis* 8502) que relata episódio análogo.

<sup>1034</sup> Trata-se de uma acepção teológica um tanto rara – “fórmula fixa de fé”; *lat.: credente in fidem*, onde era doutrina geral o perdão total de todos os pecados que se seguia ao batismo. *cf* a obra apologética *gr.* do séc.II de ARÍSTIDES (de Atenas). *Apologia*, XVII,4. O temor que é mencionado a seguir soa estranho neste contexto, conforme PIÑERO. 2004, *loc.cit.*

<sup>1035</sup> O autor adota a distinção entre cristãos firmes na fé (batizados) e neófitos - assim como Pedro usa, para comunidade inteira (recém-convertidos ao cristianismo ou que vai receber o batismo em breve). Distinções à parte, o início de *Atos* nos dá a impressão de que a Igreja de Roma é ainda incipiente e é por isso que há a sua queda momentânea; por isso temos o discurso paulino: *viri fratres, qui nunc credere coepistis in Christo*.

<sup>1036</sup> Arrependimento e medo acontecem em corações sensibilizados pela punição de Rufina, como mencionado em At 5,11, depois do episódio de Ananias e Safira. Esse medo acarreta alguma dúvida sobre a remissão dos pecados por batismo? Não, esta remissão foi universalmente ensinada, e vale a pena citar neste texto, defende VOUAUX, 1922, *op.cit.*, p.237 contrariando PIÑERO. Talvez, o que se poderia notar é que o recém-batizado pode se perguntar se eles foram batizados com as disposições adequadas, ou ainda, a situação daqueles que ainda não o são e aguardam.

<sup>1037</sup> Paulo enfatiza o perdão dos pecados, tomando a misericórdia que tantas vezes ressoa nestes *AtsPe*. Mais uma vez, este perdão é concedido aquele cuja conversão realmente sincera.

*operibus vestris et paternæ<sup>1038</sup> traditionis, et abstineritis vos ab omni dolo et iracundia et sevitia et mœchia<sup>1039</sup> et conquinamento<sup>1040</sup>, et a superbia et zelo, fastidio et inimicitia, dimittet<sup>1041</sup> vobis Jesus Deus vivus<sup>1042</sup> quæ ignorantes egistis. Quamobrem, servi Dei, armate vos unusquisque interiorem hominem vestrum pacem, æquanimitem, mansuetudinem, fidem, caritatem, scientiam, sapientiam, amorem in fraternitatem, hospitalitatem, misericordiam, abstinentiam, castitatem, bonitatem, justitiam. Tunc habebitis in æterno ducem vestrum primogenitum totius creaturæ et virtutem<sup>1043</sup> in pace*

---

1038 *ms. paterne.*

1039 *ms. moecia.*

1040 *ms. conquinamenta.*

1041 *ms. demittet.*

1042 *ms. vibus.*

1043 Não há segurança na correção proposta por FLAMION, Joseph. *Les Actes Apocryphes de Pierre* [contin.]. – in: *Revue d'histoire ecclésiastique*, RHE X. Paris, Bruxelles: Louvain Bureau du Recueil, 1911, p.439, e que poderia ter sido feito após os *Acta Xanthippæ e Polyxenæ*; JAMES. *Apocrypha anecdota... op.cit.*, 1893, t.II, p.192: *ducem vestrum primogenitum totius creaturæ et virtutis*; em que *primogenitum totius virtutis* marca uma concepção estranha ao restante dos *AtsPe*.

nas vossas antigas obras e nas tradições<sup>1044</sup> paternas, e vos absterdes de todo dolo, ira, crueldade, adultério, e toda a impureza, arrogância, orgulho, ciúme, desprezo e inimizade<sup>1045</sup>,  
 25 Jesus, o Deus vivo<sup>1046</sup>, vos perdoará o que fizestes na ignorância<sup>1047</sup>. Por esta razão, servos de Deus, cada um de vós arme seu homem interior de paz, equanimidade, serenidade, fé, caridade, conhecimento, sabedoria, amor para a fraternidade, hospitalidade, misericórdia, abstinência, castidade,  
 30 bondade e justiça<sup>1048</sup>. Então tereis por toda a eternidade como vosso guia<sup>1049</sup> o primogênito de toda criatura<sup>1050</sup> e (possuireis) a força na paz

---

<sup>1044</sup> Segue 1Pe 1,18. Mas CLEMENS, Titus Flavius (Clemens Alexandrinus). *Cohortatio ad Gentes*, X, – in: Migne (ed.) *P.G.*, 1857, t.VIII, col.201, rejeita esta exceção, é errado a abandonar os costumes da tradição dos antepassados: ἐκ πατέρων... παραδεδομένον ἡμῖν ἔθος ἀνατρέπειν.

<sup>1045</sup> Segue os tradicionais catálogos de vícios; Gl 5,20; 2Cor 12,20, Sab 14,25ss.

<sup>1046</sup> É bastante corrente nestes *AtsPe* o epíteto: “Jesus, o Deus Vivo”, *uide* em AV: VI, IX, X, XII, XVII, XXIII, XXVIII, XXXI, também *AtsPl*. Esta expressão, aplicada aqui especificamente para Jesus. Isso não significa que o autor deste *AtsPe* é modalista, apenas as expressões ainda não são claros, já que serão mais tarde, eles distinguem bem o Pai do Filho.

<sup>1047</sup> At 3,17; Hb 3,17, Gl 4,8; 1Tm 1,13. Essa expressão, muitas vezes usado pelos apologistas marca a convicção cristã de possuir a verdade na frente de paganismo. *uide Pasteur* d’Herma, *Sim.*, V,7,4. – in: Lelong (ed.). Paris: 1912, p.173: “O Senhor Todo-Poderoso, em Sua grande misericórdia, te curará agora de todos os pecados passados de ignorância você cometeu, enquanto você não sujar sua carne e sua mente”; este texto também apresenta um substrato da crença cristã do séc.II e III na qual os cristãos estavam (devido à revelação divina) num plano superior de sabedoria que os pagãos.

<sup>1048</sup> O discurso paulino em sua simplicidade, é muito interessante, como bem observa SCHMIDT. *Die alten Petrusakten*, 1903, *op.cit.*, p.160, que contém algumas das ideias essenciais da pregação apostólica. Não há nada marcas de tendências encríticas específicas; de abstinência e castidade não é dito nada além das epístolas de Paulo. A essência destas palavras é emprestado, e *uide* especialmente Gl 5,19-23, Ef 4,17-32, Cl 3,8,12-15; Rm 7,9-21. *uide AtsJo* XXIX acerca do simbolismo das cores que Jesus transmite, por intermédio do apóstolo, para pintar as almas.

<sup>1049</sup> Hb 2,10: ἀρχηγὸν τῆς σωτηρίας.

<sup>1050</sup> Cl 1,15.

*cum domino nostro*<sup>1051</sup>. *His autem auditis a Paulo, rogabant eum ut oraret pro eis. Paulus autem allevavit vocem dicens: Deus æternus, Deus cælorum, Deus numinis inenarrabilis,*  
 35 *qui confirmasti omnia verbo tuo, qui vinculum inligatum omni sæculo induxisti gratiæ tuæ*<sup>1052</sup>, *pater filii tui sancti*

---

<sup>1051</sup> *ms. dominim nostrum.*

<sup>1052</sup> LIPSIUS comenta a proposta de USENER: *gratia tua*; o texto é realmente muito obscuro. No entanto, não é incompreensível. Nós aqui, diferentemente das traduções anteriores, vamos propor *iligatum* como *il'ligat.um* (supino ac. sg. de *illigo, -are* 1<sup>a</sup>.), que com esta forma de inf. especial, invariável, indicar a ideia de finalidade e portanto, atendendo o *ms. gratiæ tuæ*.



com o nosso Senhor”<sup>1053</sup>.

## II.b – Oração da partida para Espanha

Estes tendo ouvido a Paulo, rogavam-lhe a fim de orar por eles. Então Paulo levantou a voz dizendo<sup>1054</sup>. — “ó Deus eterno, Deus dos céus, ó Deus de divindade inefável<sup>1055</sup>, que tendes provido todas as coisas  
35 por tua palavra<sup>1056</sup>, que outorgaste a fim de ligar pelo vínculo da tua graça<sup>1057</sup> todo este século<sup>1058</sup>, Pai do teu santo Filho

---

<sup>1053</sup> Os irmãos começam a tranquilizar-se. No entanto, eles ainda precisam Paulo, que possui e que inspira tanta confiança, ore com eles ao Deus da misericórdia.

<sup>1054</sup> A oração de Paulo é toda circunstanciada, naquilo que sabemos da sua vida; é dirigida a Deus Pai, lembra tanto a transcendência e ação da graça, invoca através de seu Filho Jesus e implora pelas almas oscilantes. Recorda a sua própria conversão, a mudança radical que ocorreu nele, que ele expressou sua firme confiança de ser perdoado, todos devem fazer o mesmo. Pede orações para si e sobre o seu ministério na Espanha.

<sup>1055</sup> Esta expressão *numinis* retroage ao séc. IX, o que é estranho; *uide* também AV XXI: *major constans Deus cogitationibus nostris em luminis inenarrabilis* (mas não estaria sujeito a correção). Mas *AtsPe* fala muitas vezes de transcendência divina, mas especialmente no Cristo, ao contrário de *AtsJo* que menciona mais vezes o Pai. É provável que esta expressão surja por influência platônica, mas não é necessariamente é exercida diretamente sobre os *AtsPe*. Tais motes são bastante comuns nos sécs. II-III. *uide e.g.* MARCIANUS ARISTIDES (de Atenas). *Apologia*, 1,2. — *in*: HENNECKE, Edgar. *Texte und Untersuchungen*. t.IV, fasc. 3. Leipzig: Hinrichs, 1893, onde Deus é: ἄρρητος; ainda JUSTINUS, Flavius. *Dialogus cum Tryphone Judaeo*, 126-127. — *in*: Migme (ed.). *P.G.*, 1857, *op.cit.*, t.VI, cols.769-772; também TEÓFILUS, de Antioquia. *ad Autolycum*, I, 3, — *in*: — *in*: Migme (ed.) *P.G.*, 1857, *op.cit.*, t.VI, col.1028 a forma de Deus é inexprimível, inexplicável e invisível para eles na carne que compreenderem o seu esplendor e magnitude.

<sup>1056</sup> SI 33,6.

<sup>1057</sup> Os 11,4: Ἐξέτεινα αὐτοὺς ἐν δεσμοῖς ἀγαπήσεώς μου; Ef 4,3: ἐν τῷ συνδέμῳ τῆς εἰρήνης; Col 3,14: τὴν ἀγάπην, ὁ ἔστιν σύνδεσμος τῆς τελειότητος. Também Ef 4,6-7.

<sup>1058</sup> PIÑERO, 2004, *op.cit.*, p.553, afirma que a tradução é um tanto insegura (*ms.*: *qui vinculum inligatum omni saeculo induxisti gratiae tuae*) e “quem sabe o autor pensa em uma contraposição aos vínculos do diabo, que ligam ao homem”; não adotamos.

*Jesu Christi, oramus te invicem per filium tuum Jesum  
 Christum, confortare animas quæ tunc incredibiles erant,  
 modo autem fideles. Tunc blasphemus eram, modo autem  
 40 blasphemor; tunc eram persecutor, modo ab aliis persecu-  
 tionem patior; tunc inimicus Christi, modo amicus oro esse.  
 Confido enim in repromissionem ipsius et misericordiam;  
 fidelem me esse existimo et priorum delictorum remissionem  
 accepisse. Propter quod et vos, fratres, hortor credere in  
 45 dominum patrem omnipotentem, et in dominum nostrum  
 Jesum Christum filium ipsius spem omnem habere. creden-  
 tibus in eum, nemo<sup>1059</sup> vos evellere poterit de repromissione<sup>1060</sup>  
 ipsius. Pariter genua flectentes commendate me domino, inci-  
 pientem ad aliam gentem proficisci, ut gratia ipsius precedat  
 50 ante me et profectionem meam bene conponat, ut possit vasa  
 sua sancta et fideles excipere, et gratias agentes prædicanti  
 mihi verbum domini bene fundari. Fratres autem diu lacri-  
 mantem et precantes dominum cum Paulo et dicentes: Tu,  
 domine Jesu Christe, esto cum Paulo et in pleno nobis eum  
 55 constitue. Scimus enim nostram infirmitatem, quæ est in  
 nobis usque adhuc.*

---

<sup>1059</sup> *ms. credentibus in eam para credentibus in eum.* Estas palavras não podem ser explicadas gramaticalmente. LIPSIUS e BONNET associam ao que precede. E BONNET assume que lá antes destes há uma lacuna, mas seguimos GUNDERMANN, que propõe anexá-los ao seguinte, vendo-os como um ablat. absoluto.

<sup>1060</sup> *ms. repromissionem.*

Jesus Cristo<sup>1061</sup>, oramos a ti, um pelo outro, por meio de teu Filho, Jesus Cristo, um ao outro, para confortar as almas daqueles, outrora incrédulos, mas agora na fé. Em outro tempo, era um blasfemo<sup>1062</sup>,  
 40 mas agora sou blasfemado; outrora era um perseguidor, eu sofro perseguição por outros, naquele tempo, inimigo de Cristo, minha oração hoje é para ser seu amigo. Pois, confio na sua promessa e misericórdia; fiel é para mim e julgo ter recebido a remissão dos meus pecados passados. Por ele e vós, irmãos, exorto-vos a crer no Senhor,  
 45 Pai onipotente<sup>1063</sup>, e colocar toda sua esperança no seu filho<sup>1064</sup>, nosso Senhor Jesus Cristo. Aos que creem nele, ninguém vos pode arrancar o efeito da sua promessa<sup>1065</sup>. Do mesmo modo, dobrando o joelho: incumbi-me Senhor, começo a ir-me embora para outra nação, afim de que a tua graça vá ante mim e a minha partida se faça em boa  
 50 ordem; que ela possa atrair os fiéis, teus santos vasos e que eles, agradecendo-me por ter pregado a palavra do Senhor, estejam bem fundamentados (na fé)<sup>1066</sup>. Os irmãos, no entanto, derramando lágrimas e intercedendo ao Senhor com Paulo, diziam: — “tu, Senhor Jesus Cristo, seja com Paulo e, em seguida, faze-o voltar  
 55 a nós salvo<sup>1067</sup>. Bem sabemos a nossa fraqueza que está em nós até agora.”

---

<sup>1061</sup> Trata-se uma interpolação, pois o texto aqui distingue claramente o Pai, o Filho (doutrina só formatada após 325, Niceia). Diferentemente de outras passagens duvidosas e não fazem referência expressa ou tem qualquer tendência julgamento; mas o pensamento teológico é claramente expresso aqui.

<sup>1062</sup> É o desenvolvimento de 1Tm 1,13; parafraseando e utilizando-se de um processo familiar aos *AtsAp*, antítese, o que nos dá ainda outro exemplo sobre Cristo, AV XX.

<sup>1063</sup> Ou ‘Todo-Poderoso’; esta é uma das passagens que mostram que o autor do *AtsPe* conhecia o símbolo romano, *uide* também VII, XVII, XX, XXVIII, XXXVI; SCHMIDT. *Die alten Petrusakten...*, 1903, *op.cit.*, p.92ss.

<sup>1064</sup> 1Pe, 1,13.

<sup>1065</sup> Jo 10,28-29; 1Tm 4,8.

<sup>1066</sup> Cl 1,23.

<sup>1067</sup> *ms.: et in pleno nobis eum constitue*, estas palavras dificilmente podem ter o significado indicado. Encontramos de novo AV X: *in pleno confortasti*, no sentido de “plenamente”; aqui vagamente. É possível, como FICKER. *Die Petrusakten... – in: Handbuch...* 1903, *op.cit.*, p.411, que o tradutor tenha lido em seu original μεστός, em vez de μεσός; que resultaria em “e trazê-lo em nosso meio”. É aqui, em todo caso, um novo evento que prenuncia a queda da própria comunidade que está ciente de sua fraqueza na fé. Ela irá ser privada do apóstolo que a sustenta.

III *Orando autem plurima turba mulierum geniculantes rogabant beatum Paulum<sup>1068</sup>, et osculantes pedes ejus deduxerunt in portum. Sed Dionisius<sup>1069</sup> et Balbus ab Asia, equites<sup>1070</sup> Romani, splendidi viri, et senator nomine Demetrius adherens*

---

<sup>1068</sup> Para FICKER – *in*: Hennecke (ed.), *Handbuch...* 1903, p.411, é possível que careça de algumas palavras, como *ne discederent a se* ou *ne discederent ab eo*.

<sup>1069</sup> *ms. sed Dionisus*. TURNER propõe *sed <et> Dionisus* que PIÑERO segue. Não adotamos.

<sup>1070</sup> *ms. æquites*.

### III – Conselhos finais e a partida

Então, uma multidão muito grande de mulheres orando de joelhos suplicavam<sup>1071</sup> ao bem-aventurado Paulo<sup>1072</sup>, e beijando seus pés, levaram-no ao porto<sup>1073</sup>. Entretanto Dionísio e Balbo da Ásia, cavaleiros<sup>1074</sup> romanos, célebres homens, e um senador chamado Demétrio<sup>1075</sup>, teimosamente segurando a mão direita de Paulo, disse:

---

<sup>1071</sup> Supõe-se aqui uma pequena lacuna na linha 55: “e suplicavam que não se afastasse deles”, cf VOUAUX e FICKER: “que lhes permitia acompanhá-lo”.

<sup>1072</sup> Lc 23,27; Rm 9,23; At 9,15.

<sup>1073</sup> É provavelmente o porto de Ostia, embora o autor não explicita o nome, e, de fato, poderíamos chegar lá, quer pela via de Ostia, ou pelo Tibre, como autor diz. A distância era de mais de 20 km, mas as distâncias raramente constroem os autores dos apócrifos e, de fato, não foi o suficiente para assustar as pessoas que foram, obviamente, muitas a pé, o que seria bastante difícil para hoje. Não atribuímos grande importância à expressão “a Roma” ou “ir a Roma”, e acreditamos que esse autor reconhecia os morros da cidade conhecida, *uide* XXXIIss, como montanhas reais, de modo que a cidade parecia muito alta; FICKER. *Die Petrusakten...* – in: *Handbuch...* 1903, *op.cit.*, pp.35ss. Essas expressões devem ser populares, uma vez que é baixa, por pouco que seja, para ir de Roma para o mar, eles ainda são usados ainda hoje, e, portanto parecem que tem sua designação em Atenas. Pelo menos, continua sendo verdade que o autor tem um conhecimento rudimentar de Roma, e de tal forma pode ser um oriental tem notícia providas de viajantes. Também *uide* FICKER. *loc. cit.*; ainda SCHMIDT. *Die alten Petrusakten...*, 1903, *op.cit.*, p.109; também ERBES, Carl. *Das Alter de Gräber und Kirchen d. Paulus und Petrus in Rom.* – in: *Zeitschrift für Kirchengeschichte, ZKG 7.* Breslau: Akademische Verlagsbuchhandlung, 1884, pp.171-3.

<sup>1074</sup> Cl 1,23.

<sup>1075</sup> É certo que no final do séc. II, e no início do III, patrícios e cidadãos ricos foram cristãos; HARNACK. *Die Mission und...*, 1906, t.II, p.25ss. Se isso era verdade para Roma, era mais, provavelmente, para a Ásia. No entanto, os autores destes *AtsAp* transpõem esta situação para o séc. I, e sempre exageram, atribuindo ao cristianismo um valor tão notável. Em AV V, o senador Marcelo tem uma grande importância; Xantipa, no XXXIV, é a esposa de um amigo de César (*ms. clarissimi* acrescenta o texto latino); em XXIII a pregação de Pedro é ouvido pelos senadores, prefeitos e magistrados, em XXIII “muitos senadores, cavaleiros, mulheres ricas e matronas”; em XXX converte as concubinas do prefeito. Para SCHMIDT. *Die alten Petrusakten...*, 1903, *op.cit.*, p.100, nt., chama a atenção para uma passagem de CLEMENS, Titus Flavius (Clemens Alexandrinus). *Adumbr...* em *I Petri*, – in: Migme (ed.) P.G., 1857, *op.cit.*, t.IX, col.732: *Marcus Petri sectator prædicante Petro evangelium Romæ coram*

- 5 *Paulo ad dexteram ejus dicebat: Paulo, vellem<sup>1076</sup> fugere ab urbe, si non essem magistratus, ut a te non discederem<sup>1077</sup>. Item de domo Cæsaris Cleobius et Ifitus et Lysimachus et Aristeus, et duæ matronæ Berenice et Filostrate cum præbytero Narcisso postquam deduxerunt eum in portum, tem-*  
 10 *pestate autem maris imminente, remisit fratres Romæ, ut si quis vellet descenderet et audiret Paulum usque dum navigaret. Quo audito, fratres ascenderunt in urbem. Referentibus<sup>1078</sup> fratribus qui in urbe manserant, et statim fama divulgata, alii in jumentis, alii autem pedibus, alii per Tiberim<sup>1079</sup>,*  
 15 *descenderunt in portum, et perstabili per fidem diebus tribus et quarta die usque in horam quintam, orantes invicem cum Paulo, oblationem<sup>1080</sup> offerentes, et quæcumque opus erant in navigio inposuerunt<sup>1081</sup> et tradiderunt ei duo juvenes fideles qui cum eo navigarent, et valefecerunt illi in domino*  
 20 *et reversi sunt Romæ.*

#### IV *Post paucos autem dies turbatio magna facta est in*

---

*quibusdam Cæsareanis equitibus (...).* Deve-se notar, no entanto, e isto é muito estranho, que só um desses nomes, mais os membros da “casa de César” e duas matronas, não se encontrem no AV.

<sup>1076</sup> *ms. velle.*

<sup>1077</sup> *ms. discedere.*

<sup>1078</sup> LIPISIUS diz tratar-se de um ablat. absoluto; VOUAUX diz que deve ver-se como <illis>.

<sup>1079</sup> *ms. Tiberi.*

<sup>1080</sup> *ms. oblatione.*

<sup>1081</sup> *ms. inpusuerunt.* VOUAUX corrige.

- 5 — “Paulo, se eu não fosse magistrado, eu desejaria fugir da cidade, a fim de não apartar-me de ti.<sup>1082</sup>” De igual forma (disseram) os da casa de César<sup>1083</sup>, também Cleóbio, Ifito, Lisímaco e Aristeu, e duas matronas – Berenice e Filóstrata, juntamente com o presbítero Narciso<sup>1084</sup>. Depois o levaram ao porto, mas como havia uma
- 10 tempestade iminente no mar, ele reenviou os irmãos a Roma porque alguém desejava descer (ao porto) e escutar Paulo até o embarque. Ao ouvirem isso, os irmãos subiram para a cidade e assim relataram aos irmãos que haviam ficado na cidade. A notícia espalhou-se imediatamente e alguns em animais de carga, outros a pé, outros pelo
- 15 Tibre, desceram ao porto. E lá se fortaleceram na fé, por três dias, e até a hora quinta do quarto, orando reciprocamente com Paulo e oferecendo oblação<sup>1085</sup>. Em seguida, eles depositaram no navio tudo o que era necessário e deram-lhe dois jovens, fiéis, para que navegassem com ele. E despediram-se dele no Senhor,
- 20 e voltaram a Roma.

#### IV.a – Simão, o Mago chega em Roma

No entanto, alguns dias depois, uma grande perturbação surgiu no

---

<sup>1082</sup> É para o autor de *AtsPe* Atos uma forma de demonstrar o rosto do herói, mostrar a atração que exerce sobre os novos convertidos.

<sup>1083</sup> Fl 4,22. O autor de *AtsPl*, no *Mart.*, I, usou esse texto; notemos que ele dá para os fiéis outros nomes: Pátroclo, Barsabás, Urião, Festo; HARNACK. *Die Mission und...*, 1906., *op.cit.*, t. II, pp.32ss.

<sup>1084</sup> De todos esses nomes, Pátroclo é o único que provavelmente poderia indicar a origem romana. Narciso vem de Rm 16,11; parece bem singular que o autor não tenha pensado em tomar outros nomes no vs. seguintes, onde há tantos.

<sup>1085</sup> Parece que temos um sacrifício eucarístico aqui, como em II,1; conforme Ειρηναῖος (= IRINÆUS, de Lyon). *Adversus Hæreses*, IV,17,5, – in: Migme (ed.). *P.G.*, 1857, *op.cit.*, t.VII, col.1023; também TERTULIANUS, Quintus Septimus Flores. *De præscriptione Hæreticorum*, XL. – in: Migme (ed.). *P.L.*, 1841, *op.cit.*, t.II, col.55; *De exhortatione castitatis*, XI, *ibid.*, col.926; *De corona*, III, *ibid.*, col.79, κτλ. Os fiéis renovavam votos, eles têm o tempo e oportunidade, para uma cerimônia solene antes da partida. É evidente que a partir do texto não pode afirmar, mas conjecturar a partir do contexto, e.g. AV V.

*media ecclesia*<sup>1086</sup> *dicentium vidisse se mirabilia per hominem quendam cui nomen erat Simon, et esse eum Aricie*<sup>1087</sup>. *Adjecerunt quia*<sup>1088</sup> *se diceret magnam virtutem esse Dei et sine*  
 5 *Deo nihil facere. Numquid ipse est Christus? Sed nos credimus in illo quem Paulus nobis prædicavit; etenim per illum*

---

<sup>1086</sup> *ms. æclesia.*

<sup>1087</sup> *ms. Aricie.*

<sup>1088</sup> *ms. adjecit qui* que LIPSIUS. *Acta apostolorum apochypha...*, 1891, *op.cit.*, p.48 propõe por *adjecerunt quia*, também sugere a supressão dessas palavras.



meio da igreja<sup>1089</sup> quando alguns diziam ter visto coisas maravilhosas através de um homem, um tal por nome de Simão<sup>1090</sup>, e estava em Arícia<sup>1091</sup>. Pelo que o mesmo acrescenta<sup>1092</sup>, afirmando ser a “Grande força”<sup>1093</sup> de Deus e que Deus nada faz sem ele. Porventura é o próprio

5 Cristo? Mas nós temos crido naquilo que Paulo nos pregou,

---

<sup>1089</sup> VOUAUX. 1922, *op.cit.*, p.246, nt.1, observa que o início deste capítulo se relaciona mal com o que precede. Se excluir-se os poucos dias após a morte, é fácil de perceber a um interpolador. Podemos supô-lo porque é uma história diferente; e o antigo *AtsPe* pode ter começado aqui. A partida de Paulo é apenas uma causa muito menor da queda da comunidade romana, e vemos que (todas as passagens que se relacionam com este apóstolo podem ser facilmente removidas). Agora as atenções se referem a Simão, e especialmente Pedro, e sobre a sua luta. Mas os três primeiros capítulos forçam o interpolador a mencionar Paulo quatro vezes em IV; e no resto da obra, que não será mais do que sete vezes (quatro vezes em VI, uma vez em X, uma em XXIII, só então, e (apenas no texto em grego em XL - o termo ἐκκλησία, como FICKER. *Die Petrusakten... - in: Handbuch...* 1903, *op.cit.*, p.414 observou, é pouco utilizado pelos *AtsAp*, e em AV em um sentido mais geral VIII.

<sup>1090</sup> Esta história começa em At 8,9-24.

<sup>1091</sup> Localizada nos montes Albanos, cujo trajeto vai pela Via Apia a Puétoli. Esta cidade também foi morada de outro mago – Ἀπολλώνιος ὁ Τυανεύς (=lat. Apollonius Tyan(a)eus); Ἀπολλώνιος usa o modelo mítico de Paulo, o que chama a atenção. Philostratus, em sua *Vita Apollonii Tyanei*, IV,36, fez o seu herói para ficar perto desta localidade. O autor menciona Arícia, provavelmente porque envolve a vinda de Simão a Roma. Localidade importante na pré-Roma mitológica (associada a deusa Diana, Eneida, II,116). FICKER. *loc.cit.*, p.414, menciona, é que improvável que o autor de *AtsPe*, possivelmente um oriental, poderia se relacionar Simão com um culto qualquer provindo Arícia.

<sup>1092</sup> VOUAUX. 1922, *op.cit.*, p.246 irá sugerir: Pelo que nós outros temos crido... produzido”, uma menção secundária ao texto primitivo.

<sup>1093</sup> A expressão é emprestada de At 8,10, no episódio de Simão. Apresenta-se como um taumaturgo curador. Mas isso não exclui a ideia de que Simão é representado como “dádiva de Deus”, termo é levado para XX e XXXI, cuja passagem, fala de “Deus como seu pai” - Ἐστὼς τὸν Ἐστῶτα υἱόν σου, XXXI; os seus discípulos e admiradores chamam-no de “deus”, caps. IV e X, e no episódio da Eubula de *hominis deifici*, XVII. Além disso, sabemos que, por vezes, estes termos são aplicados ao próprio Deus e de Cristo, e.g. FICKER. *loc.cit.*, p.414. A figura de Simão como pseudo-Messias, portanto, parece já bem marcado aqui, cuja refutação ocorre também em IRINÆUS. *Adversus Hæreses*. I,13,1; 23,1; Ὠριγένης (= Origenes Adamantius). *Contra Celsum*, II,9; Ἰππόλυτος (de Roma). *Philosophoumena*, VI,9. – in: Migme (ed.). *P.G.*, 1857, *op.cit.*, t.XVI, col.3350; κτλ, onde é chamado pelos discípulos de “Cristo”.

*mortuos*<sup>1094</sup> *vidimus suscitatos et ab infirmitatibus variis liberatos. Hic*<sup>1095</sup> *autem quærit dimicationes; scimus*<sup>1096</sup>: *non enim minima motio nobis facta est*<sup>1097</sup>. *Fortasse enim jam introivit*<sup>1098</sup> *Romæ. Hesternæ*<sup>1099</sup> *autem die rogabatur cum magnis adclamationibus, dicentes ei: «Tu es in Italia deus, tu Romanorum salvator: festina celerius Romæ.» Ille autem adlocutus est populos voca gracili dicens: «Videbitis*<sup>1100</sup> *me crastina die, hora circiter septima supra portam*  
 15 *urbis volantem in eo habitu in quo nunc me videtis loquentem vobiscum.» Ergo, fratres, si vobis videtur, eamus, et diligentius rei exitum*<sup>1101</sup> *expectemus*<sup>1102</sup>. *Univerſi itaque concurrentes ad portam*<sup>1103</sup> *pervenerunt. Facta autem hora septima,*

---

1094 *ms. morem vos.* LIPSIUS corrige.

1095 *ms. hæc.* VOUAUX corrige.

1096 *ms. quærit dimicationes; scimus.* BONNET propõe *quæ sit dimicatio nescimus*; não seguimos.

1097 A passagem inteira é um tanto obscura; BONNET propõe uma correção que deixa igualmente obscura. Neste texto, em síntese, tal como está, pode ser compreendido; como FICKER. *Die Petrusakten... – in: Handbuch...1903, op.cit.*, p.415, o mantém, e reporta *hæc* à *magma virtus*; mas essas palavras estão muito longe de algum sentido claro. VOUAUX prefere *hæc* em *hic* e manter o resto. Por outro lado, unir *non* a *minima*. Os irmãos constatam que Simão perturba a comunidade (este é o significado de *quærit dimicationes*), uma vez que se sentem muito emocionados com o que ouvem.

1098 *ms. Introibit.*

1099 *ms. externa.* LIPSIUS corrige.

1100 *ms. videvitis.*

1101 *ms. extus.* LIPSIUS corrige.

1102 *ms. expectemus.* PIÑERO propõe *spectemus*; não seguimos.

1103 *ms. portum.* LIPSIUS corrige.

porque por ele temos visto mortos ressuscitarem e vários serem libertados das enfermidades. No entanto, este procura conflito<sup>1104</sup> que conhecemos, pois não é pequena a movimentação que entre nós é surgida. É possível que ele já tenha adentrado em Roma e, pois no dia de ontem haviam grandes aclamações, dizendo a ele: — “Tu és deus na Itália, tu és o salvador dos romanos<sup>1105</sup>, apressa-te em vir, celeremente, para Roma.” Ele, porém, falou junto ao povo com voz afetuosa dizendo: — “Vereis a mim no dia de amanhã, cerca da hora sétima voando acima da porta<sup>1106</sup> da cidade, e eu vestido assim como agora me vedes falando convosco.” Portanto, meus irmãos, se a vós parece bem, vamos e esperemos cuidadosamente o desfecho deste fato.

#### IV.b – Simão inicia sua atividade em Roma

Então todos juntos tendo corrido juntamente, aglomeram-se junto a porta. E quando chegou a hora sétima, eis que de repente, ao longe

---

<sup>1104</sup> Refere-se as disputas entre ortodoxos e gnósticos.

<sup>1105</sup> FICKER. *Die Petrusakten...* – in: *Handbuch...*1903, *op.cit.*, p.415, observou, há na fraseologia uma relação com o culto divino dado a um imperador devido ao epíteto *salvator*. No entanto, outros homens e príncipes são chamados deuses; ver Epiphanius (de Salamina). *Hæres...*, XXXII,3. – in: Migme (ed.). *P.G.*, 1857, *op.cit.*, t.XLI, col.548, que se diz Epiphanius, filho de Carpocrates: ἐν Σάμῳ ὡς θεὸς καὶ εἰς δεῦρο τιμᾶται. Este epíteto *Salvator Romanorum* também parece simplesmente um título de honra, e não parece que devemos ver este epíteto como confronto direto com o império. O *Ps-Linus* diz em seu capítulo final, de acordo com a *Ps-Hegésipo*, que Nero viu como Simão *sue salutis praesul*, e que *dolebat pro tanti amici Casa que sibi e reipublicæ, ut falebatur, commoda praestabat innumera*. O texto posterior, *Ps-Marcellus*, a respeito da paixão de Pedro e Paulo, segundo LIPSIUS. *Acta Apostolorum Apocrypha...* 1891, *op.cit.*, t.I, p.232, utiliza a mesma ideia, em que Nero chama Simão de *virum sibi utilem e necessarium reipublicæ*.

<sup>1106</sup> Há detalhes que parecem vagueantes quando o assunto remete a locais geográficos romanos. Que porta? Reforça a tese de que a obra fora composta fora de Roma. O primeiro voo de Simão, além de explicar a admiração dos romanos e da apostasia dos cristãos, está provavelmente, com a intenção de preparar-nos para o último voo, que culminará na queda lamentável, FICKER. *loc.cit.*, p.416.

et ecce subito pulvis in cælo<sup>1107</sup> a longe visus est, tamquam  
 20 fumus cum radiis eminus<sup>1108</sup> refulgens. Et postquam adcessit  
 ad portam, subito non paruit. Et postea apparuit in medio  
 populo stans, quemque universi adorantes<sup>1109</sup> e cognoscentes  
 quia ipse esset, qui pridie eis visus fuisset; et non minime  
 fratres scandalizabantur adinvicem, præterea quod non esset  
 25 Romæ Paulus, neque Timotheus neque Barnabas, quoniam  
 in Macedonia missi erant a Paulo, et non esse<sup>1110</sup>, qui {nos}<sup>1111</sup> con-  
 fortaret, præterea qui nuper catechizati erant. Et magis  
 Simone se exaltante in quibus faciebat, et quorundam eo-  
 rum cottidianis sermonibus<sup>1112</sup> Paulum magum vocantes<sup>1113</sup>,

---

<sup>1107</sup> ms. in cælum.

<sup>1108</sup> ms. fumus cum rabiis et minas refulgens. LIPSIUS corrige; parece adequado.

<sup>1109</sup> ms. adornantes. LIPSIUS e VOUAUX corrigem.

<sup>1110</sup> PIÑERO sugere *esset*, não seguimos.

<sup>1111</sup> ms. nos (/). Propomos *eos* por motivo *p*), erro de copista; muitos neste cap. IV. Esta segunda pessoa pl. quebra a sequência narrativa e soa estranho. Nos aparatos anteriores não há esta correção *eos*.

<sup>1112</sup> ms. cottidianis diebus. USENER corrige – *in*: LIPSIUS. *Acta Apostolorum Apocrypha...* 1891, *op.cit.*, t.I, p.49.

<sup>1113</sup> Tradução de um gen. absoluto *gr.*, mas aqui o autor continua para um nom. absoluto, conforme define VOUAUX. 1922. *op.cit.*, p.250.

no céu, era vista uma nuvem de poeira como fumaça em raios  
 20 refulgentes<sup>1114</sup>. E, tendo se aproximado da porta, subitamente se  
 dissipou. E caminhando por trás, (Simão) apareceu em pé<sup>1115</sup>, no meio  
 do povo<sup>1116</sup>. Todos juntos adorando-o, reconheciam ser o mesmo  
 haviam visto dia anterior. E não poucos irmãos, ao seu turno, sentiam-  
 se escandalizados. Particularmente, porque Paulo não estava em Roma  
 25 nem Timóteo nem Barnabé, estes enviado a Macedônia<sup>1117</sup> por Paulo.  
 Também porque não havia quem os<sup>1118</sup> confortasse<sup>1119</sup>, especialmente  
 os que tinham sido catequizados recentemente<sup>1120</sup>. E Simão tanto mais  
 se exultava das coisas que fazia. Alguns dos seus, em suas  
 conversações diárias, chamavam Paulo de mago,

---

<sup>1114</sup> Através de Λουκιανὸς ὁ Σαμοσατεύς (*lat.* Lucianus Samosatensis; de Samósata). *O Falso Profeta*. São Paulo: Bira Câmara, 2013, vemos o mundo greco-romano do séc. II, de maioria pagã, tomado de estórias de grande credence popular acerca de mágicas e adivinhações.

<sup>1115</sup> Para VOUAUX. *loc.cit.*, o autor relata a história de tal forma que isto mostra que há, na verdade, de fantasia. Ele diz que não viam Simão, mas afastado é possível ver, não é o mágico, mas uma nuvem de fogo, e quando a nuvem se dissipa de repente “depois que ele se aproximou da porta”, Simão, de repente, aparece. Obviamente, para o autor, Simão engana com sua arte mágica. Ele lançou apenas uma nuvem, e em seguida, após a feita invisível, como seus cúmplices no episódio da Eubula, XVII, ele aparece. Assim entendemos e por isso traduzimos “aparece vindo de trás”. Há uma semelhança na história de *Ps-Marcellus*, caps. XXXI-XXXII, – in: LIPSIUS. *Acta Apostolorum Apocrypha...* 1891, *op.cit.*, t.I, p.147 onde Simão, para provar que ele pode ressuscitar no terceiro dia, decapitou um carneiro em seu lugar, e em seguida, aparece, depois de três dias, vivendo.

<sup>1116</sup> *universi* na 22, claramente aplica-se a multidão, ou *populum*.

<sup>1117</sup> At 19,22; Fl 2,19ss. Precisamente de Barnabé, não há notícia que tenha ido a Roma.

<sup>1118</sup> Também *nos* encontrado três vezes em XXI, mas parece ter muito menos importância aqui, há tantos erros neste cap. IV, poderia ser apenas um erro do copista para *eos*.

<sup>1119</sup> VOUAUX. 1922, *op.cit.*, pp.250-1 afirma que o discurso acaba aqui. As menções seguintes a Paulo são interpolações.

<sup>1120</sup> VOUAUX. 1922, *op.cit.*, p.250, afirma que é fácil de remover: *praeterea qui nuper catechizati erant*, seria preciso muito pouco para extraí-la da história; baseia-se, principalmente, nos três primeiros capítulos interpolados, segundo ele, cuja intenção é relacioná-las com o *AtsPe* original, mas também com At 19,22, mudando, de acordo com um método caro aos escritores de apócrifos, Barnabé, e talvez também Fl 2,19-21.

30 *alii planum, et tam magnæ multitudinis constabilitæ in fide omnes dissoluti sunt, præter Narcissum<sup>1121</sup> præbyterum et duabus mulieribus in hospitio Bytinorum et quattuor qui jam de domo prodire non poterant, et inclusi die et nocte orationibus vacantes et petentes a domino, ut Paulus celerius*

---

<sup>1121</sup>

*ms. Nacissum.*

30 outros de impostor<sup>1122</sup>. E da tão grande multidão que havia sido firmada, todos estão desviados da fé<sup>1123</sup>, exceto o presbítero Narciso, duas mulheres no hospício de Bitínia<sup>1124</sup> e quatro outros<sup>1125</sup> que não podiam sair de suas casas. Estavam reclusos, de dia e de noite<sup>1126</sup>, passando o tempo em oração e pedindo ao Senhor, a fim de que

---

<sup>1122</sup> Jesus e seus seguidores foram tratados como impostores, *vide* JUSTINUS, Flavius, *Apologia*, XXX; *Dial.* LXIX. 5 – in: Migme (ed.). *P.G.*, 1857, *op.cit.*, t.VI, col.640, lembrada por FICKER. *Die Petrusakten...* – in: *Handbuch...* 1903, *op.cit.*: Οἱ δὲ καὶ ταῦτα ὀρώντες γενόμενα φαντασίαν μαγικὴν γίνεσθαι ἔλεγον, καὶ μάγον εἶναι αὐτὸν ἐτόλμων λέγειν λαοπλάνον (= e vendo estas coisas [os milagres de Cristo] ocorrerem, eles disseram que era a magia, fantasia e, de fato, eles ousaram afirmar que ele [Cristo] era um mágico e enganador do povo). O texto é muito mais fácil se, depois de *faciebat* fosse colocado *tam magnæ*, evitando assim que o emaranhado de sg., ablat., nom. e gen. Também segundo VOUAUX. 1922, *op.cit.*, p.250, isto está no cap. V, porque os epítetos dirigidos a Paulo são precisamente aqueles que cristãos usam contra Simão, pois é natural que, deixando de acreditar na palavra de um para confiar no outro, eles tratem o primeiro como mágico e enganador. Esta acusação foi usada muito frequentemente na Grécia e em Roma, contra tudo o que parecia cristão; pagãos e cristãos acreditavam no valor dessas práticas e que já eram ilegais para os gregos. Mais tarde a legislação romana *Lex Duodecim Tabularum* (*Lei das Doze Tábuas*) passa a punir mais severamente.

<sup>1123</sup> FICKER. *Die Petrusakten...* – in: *Handbuch...* 1903, *op.cit.*, p.41, salientou que da apostasia em massa há memória na história da Igreja Romana, que dificilmente pode estar mais perto do que historicamente o que aconteceu na Ásia, por vezes, sob a influência do montanismo; HARNACK, Adolf von. *Lehrbuch der Dogmengeschichte*. 4ª. ed. vol. I. Leipzig: Hinrichs, 1900, p.428. Isso demonstraria que os *AtsPe* teriam sido compostos na Ásia, e, por outro, que o autor pensa que a passagem de uma heresia representa um retorno ao paganismo. Mas, dado o uso muito livre que o autor faz dos livros canônicos, não parece impossível que ele reporta a Pedro algo que acontecera com Paulo, 2Tm 1,15; 4,16.

<sup>1124</sup> Se aceitarmos a hipótese de FICKER. *Die Petrusakten...* – in: *Handbuch...* 1903, *op.cit.*, p.40, sobre a origem em Bitínia dos *AtsPe*, a menção de um “hospício de Bitínia” não pode ser facilmente explicado. ERBES. – in: *Zeitschrift für Kirchengeschichte*, 1884, t.XXII, pp.171ss, acredita no valor histórico deste detalhe, mas vê o hospício na casa de Priscila e Áquila, Rm 16,3; 2Tm 4,19, mas as provas que fornece são inadequadas e insuficientes.

<sup>1125</sup> Ao que parece são homens. Observe que: Narciso realmente fica sozinho, como um pastor, outros que permanecem fiéis são duas estrangeiras e quatro enfermos.

<sup>1126</sup> At 20,31.

35 *reverteretur, aut quicumque alius qui visitet servos suos,  
quoniam dissolverat eos diabolus nequitia sua.*

V *Lugentibus autem eis et jejunantibus, jam instruebat  
Deus in futurum Petrum in Hierosolymis. Adimpletis duode-  
cim annis quot<sup>1127</sup> illi præceperat dominus, Christus ostendit illi*

---

<sup>1127</sup> *ms. quod. GÖTZ corrige – in: LIPSIUS. Acta Apostolorum Apocrypha...*  
1891, *op.cit.*, t.I, p.49, sequimos. BONNET propôs *ex quo.*



35 acelerasse a volta de Paulo<sup>1128</sup> ou que qualquer outro visitasse os seus servos, porque o diabo<sup>1129</sup> os fizera renegar (a fé) com sua iniquidade.

## V.a – Pedro parte para Roma

No entanto, enquanto eles choravam e jejuavam<sup>1130</sup>, Deus, em Jerusalém<sup>1131</sup>, preparava Pedro para o futuro. Cumpridos os doze anos de permanência<sup>1132</sup> que havia prescrito o Senhor, Cristo aparecendo a

---

<sup>1128</sup> Não se deve exagerar o sentido de *celerius*, *uide supra* a mesma palavra no sentido clássico de “rápido o suficiente”. Segundo VOUAUX. 1922, *op.cit.*, p.252, nt.6, esta declaração de Paulo pode muito bem ser suprimida do texto que seria: (...) *a domino, ut visitet servos* (...), segundo sua tese da interpolação.

<sup>1129</sup> O autor atribui todos esses infortúnios espirituais a Satanás, bem como qualquer ataque contra o cristianismo, neste particular não há nada de ortodoxo. O autor parece demonstrar algo quando não titubeia em mostrar a fragilidade do trabalho de Paulo, a fim de opor-se à alta autoridade de Pedro.

<sup>1130</sup> AT 13,3.

<sup>1131</sup> Esta menção de Jerusalém bem de acordo com o fato de que o episódio narrado pelo no *frg. cop.* P<sup>B-8502</sup> (*Papyrus Berolinensis* 8502) que estava acontecendo em Jerusalém. Vemos que o primeiro encontro de Pedro e Simão também acontece nesta cidade.

<sup>1132</sup> Segundo *Keryma Petri*; CLEMENS, Titus Flavius (Clemens Alexandrinus). *Stromata*, VI,5 e IV,43,3. – in: Migme (ed.). *P.G.*, *op.cit.*, 1857, t.XX, col.264, que o Senhor aparece e disse a Pedro: Μετὰ δώδεκα ἔτη ἐξέλιθτε εἰς τὸν κόσμον, μὴ τις εἴπῃ· οὐκ ἠκούσαμεν, (= depois de doze anos saia para o mundo, para que ninguém diga: nós não ouvimos [as boas novas]). Desta é a mesma fonte não há dúvidas de que Ἀπολλώνιος ὁ Τυανεύς (=lat. Apollonius Tyan(a)eus), o antimontanista, em EUSEBIUS, *H.E.*, V, XVIII, 14, – in: Migme (ed.). *P.G.*, 1857, *op.cit.*, t.XX, col.476, obteve a mesma indicação. Foi amplamente utilizada na Igreja, no final do séc. II, incluso os gnósticos, *uide* SCHMIDT. *Die alten Petrusakten*, 1903, *op.cit.*, p.79; DOBSCHÜTZ, Ernest von. *Das Keryma Petri*. – in: *Texte und Untersuchungen zur Geschichte der altchristlichen Literatur*. t.XI, fasc.1, pp.22;52-54. A aceitação desta antiga tradição, como sugerido por SCHMIDT, *loc.cit.*, do ministério palestino de Pedro (doze anos) na parte anterior ao AV (perdida) poderia ter-se dado em Jerusalém. É provável, mas não é certa. Há diversas dificuldades cronológicas, pois estes “doze anos” dar-se-iam por volta de 43, quando Paulo já deveria estar em Antioquia segundo Hb 11,25, e vai para Espanha por volta de 63.

visionem talem, dicens ei: Petre, quem tu ejecisti de Ju-  
 5 dæa<sup>1133</sup> adprobatum magum Simonem, iterum præoccupavit  
 vos Romæ. Et in brevi scias: omnes enim qui in me credide-  
 runt dissolvit astutia sua et inergia sua Satanas, cujus vir-  
 tutem<sup>1134</sup> se adprobat esse. Sed noli moras facere: crastina die  
 proficiscere <Cæsaream<sup>1135</sup>>, et ibi invenies navem paratam,  
 10 navigantem in Italiam; et in paucos dies ostendam tibi gra-  
 tiam meam quæ non habet invidiam nullam. Petrus autem  
 hoc viso monitus, referens fratribus sine mora, dicens: Ne-  
 cesse est me ascendere Romæ ad expugnandum hostem et  
 inimicum domini et fratrum nostrorum<sup>1136</sup>. Et descendit Cæsa-  
 15 ream et confestim ascendit navem, jam scala subducta neque

---

1133 *ma. Judea.*

1134 *ms. virtute.*

1135 Restituído por LIPSIUS.

1136 *ms. nostrum.*

ele, mostrou em visão o que havia acontecido e disse-lhe: — “Pedro,  
 5 Simão, o mágico, a quem desmascarastes e expulsastes da Judeia<sup>1137</sup>,  
 tem-se antecipado<sup>1138</sup> a vós em Roma. Inteira-te em poucas palavras:  
 todos os que em mim creram, Satanás os apostatou com suas  
 artimanhas e eficiência<sup>1139</sup>, cujos malefícios se demonstram em  
 Simão. Mas, não tardes em agir: parte amanhã <para Cesareia<sup>1140</sup>> e  
 10 lá encontrarás um navio aprontado<sup>1141</sup>, navegando para a Itália. E em  
 poucos dias mostrarei a ti a minha graça, a qual dá generosamente”<sup>1142</sup>.  
 Pedro, advertido por esta visão, informou sem demora os irmãos,  
 dizendo: — “É necessário que é vá a Roma para subjugar o inimigo e  
 adversário do Senhor e de nossos irmãos”. E desceu a Cesareia e  
 15 imediatamente embarcou no navio, logo a escada foi abaixada quando

---

<sup>1137</sup> Muito provavelmente em Jerusalém, menor a chance que seja Samaria, menor ainda que seja Judeia. Nós encontramos a mesma referência para a Judeia caps. IX, XVII e XXIII; em VI, Simão é que apela aos judeus. Pedro diz, no entanto, em XVII, que a aventura do mágico deu-se longe da Judéia. Como observa FICKER. *Die Petrusakten...* – in: *Handbuch...* 1903, *op.cit.*, p.418, ou os canônicos nem Flavius Justinus Augustus não sabiam nada de uma estadia no Simão em Jerusalém. Segundo FICKER. *loc.cit.*, traços de Cristo atribuídos também a Simão podem ser o motivo chave que o “colocaram na Judeia”. EUSEBIUS. *H.E.* II, XIV, 4. – in: Migme (ed.). *P.G.*, 1857, *op.cit.*, t.XX, col.169, fala de Simão na Judeia quando foi desmascarado por *op.cit.*, II, I, 12, *ibid.*, col.137, e recebeu a punição que merecia, cujos dados não podem vir de Atos nem de Εἰρηναῖος, e provavelmente são emprestados de *AtsPe*.

<sup>1138</sup> *iterum praeoccupavit* indica com clareza que Simão, ao menos uma vez, antecipou-se aos apóstolos, e não seria, como no início do cap. IV, uma concepção semelhante à pseudo-clementina. Partes perdidas de *AtsPe* teriam falado de uma luta primeira entre Simão e Pedro, para depois de cap. XXIII, que teve lugar em Jerusalém.

<sup>1139</sup> Termo *lat. inergia*, medieval e muito raro (=uma forma de energia ou eficiência).

<sup>1140</sup> LIPSIUS reconstitui baseado segundo At 8,40; 9,30; também pelo cap. V.

<sup>1141</sup> Em *AtsAndMt*, – in: LIPSIUS. *Acta Apostolorum Apocrypha...* 1891, *op.cit.*, t.II, vol.1, p.69 é a mesma indicação sobre um navio tudo preparado.

<sup>1142</sup> Em *lat.* literalmente *quae non habet invidiam nullam* (= a qual não tem nenhuma inveja), aqui “que dá generosamente”, *vide* Sab 7,13.

*epimēnia*<sup>1143</sup> *inposita. Gubernius autem nomine Theon respiciens Petrum dixit: Quæcumque habemus universa tua sunt. Quæ autem gratia nostra, si suscipiamus hominem similem nobis in incerto casu, et non omnia quæ habemus*  
 20 *nos, communicamus tecum? Sed tantum nos feliciter navigemus. Petrus autem oblationi illius gratias agens, ipse autem in navi jejunabat, lugens animo et iterum confortans se quod Deus dignum eum habuisset in ministerio suo minist-*  
 25 *rum. Sed post paucos dies surrexit gubernius hora*<sup>1144</sup> *prandi*<sup>1145</sup> *sui. Qui cum rogaret Petrum ut secum gustaret, dixit ei: O quisquis es, parum te novi, deus es aut homo. Sed ut intellego, Dei ministrum te esse existimo. Navis enim mea media nocte dum a me gubernaretur, et ego in somnio incidissem,*

---

<sup>1143</sup> *ms. epsimēnia.* LIPSIUS propõe trocar *neque* por *atque*, transpondo ao ablat. absoluto. VOUAUX acha que a mudança está incorreto, devido ao texto seguinte.

<sup>1144</sup> *ms. ora.* VOUAUX corrige.

<sup>1145</sup> *ms. prandi.*

nem as (suas) provisões<sup>1146</sup> tinham sido carregadas<sup>1147</sup>. Mas o capitão, chamado Theão, assistindo Pedro disse: — “Tudo o que temos pertence a ti. Que mérito<sup>1148</sup> poderíamos ter, se recebemos um nosso semelhante em difícil ocasião, não repartimos com ele<sup>1149</sup> tudo o que 20 temos?”<sup>1150</sup> Só desejo que a nossa navegação seja feliz.

## V.b – A conversão do capitão Theão

Porém, Pedro, mostrou-se agradecido a ele pela sua oferta, mas no navio jejuava, às vezes triste, por vezes num pensamento reconfortante, de que Deus o tinha julgado um ministro digno a seu serviço<sup>1151</sup>. Depois de alguns dias, o capitão ficou de pé, na hora da 25 sua refeição, e ele rogou Pedro de prová-la com ele. Disse ele: — “Oh! Seja você quem for, eu te conheço pouco<sup>1152</sup>: és um deus ou homem? Mas na minha opinião, eu suponho que você é um ministro de Deus. Pois, enquanto o meu navio era por mim capitaneado, no meio da noite, eu caí no sono e fui interrompido

---

<sup>1146</sup> At 27,21;33. Em *lat. epimēnia*, provisões ou despesas mensais, a palavra é, obviamente, aqui tomada em sentido amplo de “provisões de viagem”. É um detalhe é singular, pretendido pelo autor, como vemos na fala de Pedro *infra*, um pouco mais tarde e no jejum que parece ter durado toda viagem. Também em *AtsJo VI* temos um jejum por muito tempo, apenas “alguns figos são as suas disposições de viagem”.

<sup>1147</sup> Este detalhe é projetado pelo autor para mostrar a rapidez com Pedro foi para Roma, haverá atrasos, mas isso só vai durar apenas o tempo suficiente para batizar Theão.

<sup>1148</sup> Lc 6,32-33.

<sup>1149</sup> *lat. tecum* (= lit. contigo). Neste sentido segue Hb 6,32 e *Διδαχή*, I,3.

<sup>1150</sup> *uide* Lc 6,32. A palavra *gratia* é aqui um favor, recompensar o favor divino: Theão precisa fazer uma viagem feliz. Sua linguagem é já a de um cristão.

<sup>1151</sup> Hb 15,7; At 15,7; Ef 3,7. Em termos mais exatos, o autor fala de vocação e chamado à missão apostólica, que irá se realizar, especialmente, na comunidade romana. Temos aqui algumas palavras do discurso de Pedro na transfiguração e outro, em palavras similares, de Marcelo, em X.

<sup>1152</sup> Uma passagem semelhante é empregado por Eubula falando a Pedro, cap. XVII. Também temos em *AtsXaPoRe*, VIII: “Probo disse a Paulo: “Homem, eu não sei quem você é”, e pede que adentre em sua casa “para a manifestação da salvação.”

visa mihi est vox humana de caelo dicens mihi: «Theon,  
 30 Theon!» Bis nomine meo vocavit et dixit mihi: «Inter cete-  
 ros qui tecum navigant, honorificentior sit tibi Petrus, per  
 quem tu et ceteri <ex> insperato<sup>1153</sup> cursu sine ulla injuria salvi  
 eritis.» Petrus autem credens quoniam in mari Deus provi-  
 dentiam suam voluit eis ostendere qui in navi erant, exinde  
 35 cœpit Petrus Theoni magnalia Dei exponere, et quomodo  
 dominus elegerit eum inter apostolos, et propter quam curam  
 navigaret in Italiam. Cottidie autem communicabat ei ser-  
 momes Dei. Et respiciens eum, <cum<sup>1154</sup>> unianimem in fidem  
 et dignum diaconum per conversationem ejus didicisset, in  
 40 Hadria autem malacia habita in nave, Theon Petro osten-  
 dens malaciam<sup>1155</sup> et dicens ei: Si vis<sup>1156</sup> me dignum habere  
 quem intingas in signo domini, habes occasionem. Etenim  
 qui in navi erant, omnes condormierant ebrii<sup>1157</sup>. Petrus per

---

1153 *ms. inspirato. TURNER propõe inspirato casu. LIPSIUS: ex insperato, seguimos. USENER: ex insperato completo.*

1154 *ms. omite. LIPSIUS reconstitui.*

1155 *ms. malicia.*

1156 *ms. si vi.*

1157 *ms. ebri.*

por uma voz humana, que parecia vir do céu<sup>1158</sup> e disse-me: — Theão!  
 30 Theão!’ Chamando-me pelo meu nome, duas vezes, e acrescentando:  
 — “Dentre aqueles que navegam contigo, que Pedro seja mais  
 honrado<sup>1159</sup> por ti, pois por ele tu e outros saíreis sãos e salvos de uma  
 circunstância inesperada<sup>1160</sup>”. Então Pedro, porque cria que Deus  
 desejava revelar a sua providência através do mar, aos que estavam no  
 35 navio, depois disso começou a expor a Theão as obras  
 maravilhosas<sup>1161</sup> de Deus, e da maneira em que o Senhor o havia  
 escolhido como um dos apóstolos e o motivo de sua viagem à Itália.  
 E cotidianamente comunicava-lhe a palavra de Deus. E considerando-  
 o, por meio de suas conversações, em unânime fé, um digno servo<sup>1162</sup>  
 40 (de Deus) que aprendia. E como uma calmaria parou o navio no mar  
 Adriático<sup>1163</sup>, Theão mostrou a bonança para Pedro e disse-lhe: — “Se  
 tu me tens por digno de ser batizado no sinal do Senhor, tens a  
 ocasião.” E na verdade, todos os que no navio estavam, adormeciam  
 ébrios<sup>1164</sup>. E Pedro descendo uma corda,

---

<sup>1158</sup> Mais esta aparição como outras tantas. Reforça o elemento teratológico do texto.

<sup>1159</sup> Em *lat. honorificentior*, adj. comparativo, deve, conforme VOUAUX. 1922, *op.cit.*, p.257, ser tomado em um sentido passivo, e que satisfaça a τιμώτερος do *gr.*

<sup>1160</sup> At 27,22-25; 34; assemelha-se com a viagem de Paulo a Roma, porém sem a ocorrência da *insperato casu* predita. Valorização de Pedro frente a Paulo ou outra lacuna textual? O autor quer ser ouvido pelo Império Romano e, até mesmo pelo mundo, onde não têm cristãos, porque, como observou FICKER. *Die Petrusakten... – in: Handbuch...* 1903, *op.cit.*, p.419, isto é um pouco exagerado, que Pedro tenha notado “que a Providência realmente quer intervir”.

<sup>1161</sup> At 2,11.

<sup>1162</sup> O autor apela para um batismo que seja sincero, também indica que é a forma de ingresso na comunidade “dos servos de Deus”; *uide* caps. I, II, XVII, XXVIII.

<sup>1163</sup> Construção é invulgar, porém, faz sentido, apesar da mistura de uma proposição secundária com um ablat. absoluto. Deriva-se da referência At 27,27, e não está presente, talvez não corresponda também, ao que hoje chamamos por Mar Adriático; At, *loc.cit.* fala da ilha de Malta, que talvez fosse Kefalonia, que para ser no Mar Adriático.

<sup>1164</sup> Mencionar todos os passageiros parece algo pouco possível. Parece que o autor quer demonstrar tempos de grande perseguição (*uide* datação que defendemos), que conversão de pessoas importantes nos diversos meios, *e.g.* capitão num navio, quer também protegê-las a exposição pública. Note que no momento em que ele recebe o sacramento, “todos os outros estão dormindo, bêbados.”

*funem descendens, baptizavit Theonem in nomine Patris et  
45 Filii et Spiritus Sancti. Ille autem subivit ab aqua gaudens  
gaudio magno, item Petrus hilarior factus, quod dignum  
habuisset Theonem nomine suo. Factum<sup>1165</sup> est autem ubi Theon  
baptizatus est, in eodem loco apparuit juvenis decore splen-  
didus, dicens eis: Pax vobis. Et continuo ascenderunt  
50 Petrus et Theon et introierunt in lectina, et accepit panem  
Petrus et gratias egit domino, qui eum dignatus fuisset*

---

<sup>1165</sup>

PIÑERO muda *factus*; não seguimos.



45 batizou<sup>1166</sup> Theão em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo<sup>1167</sup>. E ele subiu da água em grande gozo, e da mesma forma Pedro tornou-se animado, pois (Deus) considerou Theão digno do seu nome<sup>1168</sup>. No mesmo local onde Theão foi batizado, sucedeu que apareceu um jovem ornado resplandecentemente<sup>1169</sup>, que disse a eles: — “Paz seja 50 convosco<sup>1170</sup>”. E sem demora subiram e foram para dentro da cabine<sup>1171</sup>. Tomou Pedro o pão e deu graças ao Senhor<sup>1172</sup>, porque o tinha sido julgado digno do seu santo ministério, também

---

<sup>1166</sup> At 8,36. O termo *lat. intingere* equivale o *gr. ἐμβαπτίζειν*, derivada de βαπτίζειν, que aparece em TERTULIANUS, Quintus Septimus Flores. *De pœnitentia*, II e VI, – in: Migme (ed.). *P.L.*, 1841, *op.cit.*, t.I, cols.1229 e 1237; *De Baptismo et de Poenitentia. Adnotationes*, IV, *ibid.*, col.1203; CYPRIANUS, Thascius Cæcilius. *Sententiæ epic.* XXVII,72. – in: Migme (ed.). *P.L.*, 1841, *op.cit.*, t.III, cols.1064 e 1070. Quanto ao termo “sinal do Senhor”, que é bastante recorrente, refere-se ao sinal da cruz; aqui uma imersão selada com sinal da cruz. *uide* uma imitação desta passagem no *AtsXaPoRe*, XXI.

<sup>1167</sup> Esta fórmula que consubstancia e distingue o Pai, do Filho e também do Espírito Santo, curiosamente (!) antecipa o Concílio (ecumênico) de Niceia, em 325, que discutiu a cristologia em face ao arianismo. Não parece ser uma interpolação posterior, sequer atenta contra a datação defendida. Trata-se possivelmente, da representação uma corrente, que seguindo Mt 28,19, mais tarde iria vencer na ortodoxia do séc. IV.

<sup>1168</sup> Note-se que, se o autor pressupõe fé nos batizados, então uma preparação pessoal, ele não diz, aqui ao menos, que o batismo é para perdão ou é um dom de Deus, mas resultado de uma verdadeira eleição; irmãos são os “eleitos de Deus”; *uide* também caps. VI, VII, X e XIV.

<sup>1169</sup> Acolhe o princípio geral dos canônicos neste particular, pelo menos no que diz respeito à referência à luz, que ilustra o princípio de que Deus é “o Deus da luz”, enquanto que Satanás é o “príncipe das trevas”. *uide* 2Cor 4,6; Mt 3,11; Lc 9,31; Ef 2,2.

<sup>1170</sup> Empréstimo cristão do antigo cumprimento judaico: שָׁלוֹן (= *shalon*), o mesmo que paz entre dois entes; termo que deriva do qal semítico MLS, que, por sua vez: integral, intacto, inteiro, seguro. Parece aqui que o autor pretende associá-lo ao batismo, como consequência deste.

<sup>1171</sup> *lect-ina*; sufixo *-ina, -in*: que relaciona com, conectado com, derivado de... *e.g., medic-ina* = a arte do *medicus*; aqui relativo a onde encontram-se os *lectus*.

<sup>1172</sup> Segue At 27,35. A única menção ao pão (somente) não exclui a hipótese da Eucaristia (sem a menção do vinho) conforme pretende PIÑERO. 2004, *op.cit.*, p.563, nt.109. Argumentos: (i) este sacramento é muitas vezes chamado κλάσις ἄρτου, ou ainda, κλάσμα; muito comumente ministrado aos neófitos após o batismo; (ii) a Eucaristia, portanto, é o pleno efeito do batismo, e com estes dois

sancto ministerio suo, et quia visus fuisset eis juvenis dicens:  
 Pax vobis: Optimus et solus sanctus, tu enim nobis visus es,  
 Deus Jesu Christe, in tuo nomine mox lotus<sup>1173</sup> et signatus est  
 55 sancto tuo signo. Sic itaque in tuo nomine eucharistiam tuam  
 communico ei, ut sit consummatus servus tuus sine reprehensionem  
 in perpetuo. Æpulantibus autem illis et gaudentibus  
 in dominum, subito ventus non violentus sed temperatus ad  
 proram<sup>1174</sup> navis non cessavit<sup>1175</sup> diebus sex totidemque noctes,  
 60 usquedum Puteolis pervenirent.

VI Cumque adplicuissent Puteolis, exiliens Theon de  
 navi pervenit ad hospitium in quo solitus erat reverti, ut  
 componeret eum<sup>1176</sup> ad excipiendum Petrum. Erat autem ad  
 quem revertebatur nomine Ariston; hic timebat semper  
 5 dominum, et se Theon cum illo committebat propter nomen.  
 Cumque pervenisset ad hospitium et vidisset Aristonem,  
 dixit Theon ad illum: Deus qui te dignatus est servire<sup>1177</sup> sibi,  
 et mihi gratiam suam communicavit per sanctum servum  
 suum Petrum, qui nunc mecum navigavit a Judæa, jussus a

---

sacramentos, Theão “entra na comunidade dos irmãos” e “se torna um servo de Cristo”; fala *infra*.

<sup>1173</sup> ms. locutus. LIPSIUS corrige.

<sup>1174</sup> ms. prora. VOUAUX corrige.

<sup>1175</sup> ms. cessabit. VOUAUX corrige.

<sup>1176</sup> ms. componaretum. LIPSIUS corrige.

<sup>1177</sup> ms. serbire.

pelo aparecimento do jovem que lhes disse: — “Paz seja convosco”<sup>1178</sup>. (E Pedro diz): — “esplêndido e tão-somente santo”<sup>1179</sup>, tu tens-te mostrado a nós, ó Deus de Jesus Cristo, e em teu nome, um pouco antes, (Theão) foi lavado e selado com teu sinal sagrado.

- 55 Assim, então, no teu nome compartilho a ele tua Eucaristia, a fim de que seja a ti um servo perfeito, irrepreensível, e para a eternidade”. E, quando participavam do banquete, regozijando-se no Senhor<sup>1180</sup>, um súbito vento, não violento, mas moderado, pegou a proa do navio e não cessou durante seis dias e outras tantas noites até que  
60 chegaram a Putéoli<sup>1181</sup>.

## VI – Pedro desembarca e vai Roma

Quando eles desembarcaram em Putéoli, Theão saltando do navio, prazerosamente, foi a hospedaria na qual usualmente sempre albergava-se, a fim de fosse preparada para receber Pedro. Havia, pois, alguém chamado Aristão que também retornava. De há muito este

- 5 temia o Senhor, e Theão se ajuntava com ele na causa do nome (de Cristo)<sup>1182</sup>. Depois que chegou a hospedaria e viu a Aristão, disse Theão a ele: — “Deus, que te julgou digno de lhe servir, tornou comum a mim também a sua graça<sup>1183</sup>, através seu santo servo, Pedro, o qual até agora navegou comigo desde a Judeia e traz a ordem

---

<sup>1178</sup> A repetição parece sugerir alguma insistência do autor no mote.

<sup>1179</sup> SI 99,3; 145,17; Is 6,3 *et alii*.

<sup>1180</sup> Fl 4,4.

<sup>1181</sup> Porto italiano, hoje chamado Pozzuoli, localizado no golfo de Nápoles. At 28,13 menciona que Paulo também desembarcou ali. Mas também, é verdade que os orientais que vieram a Roma frequentemente por lá.

<sup>1182</sup> A sentença é bastante difícil, e poderia sugerir que Theão sempre teve confiança em Aristão, porque ele o viu como um cristão. O autor quer dizer que Theão mostra, desta vez, uma confiança especial, porque ele se tornou um cristão, e sabe que o Aristão o é há muito tempo. E *nomen*, obviamente, indica o “nome de Cristo”, como se usa no AT para יהוה = tetragrama sagrado latinizado: YHWH ou, o mais usual, YHWH (*Yahvéh* ou *JaHWeH*). ERBETTA. 1970, *op.cit.*, pp.50ss chama a atenção e menciona sua estranheza com esta frase saída dos lábios de um recém convertido. LIPSIUS acresce “de Cristo” baseado em At 5,41; 3Jo 7.

<sup>1183</sup> 2Cor 8,19.

- 10 *domino nostro in Italiam venire. Ariston autem hoc audito incubuit super cervicem Theonis, et complexus rogabat eum ut se ad navem duceret et demonstraret ei Petrum. Dicebat enim Ariston<sup>1184</sup>, ex quo<sup>1185</sup> Paulus profectus est in Spaniam, non fuisse neminem de fratribus ad quem refrigeraret<sup>1186</sup>.*
- 15 *Præterea Judæum quendam inrupisse in urbem, nomine Simonem. Magico carmine atque<sup>1187</sup> sua nequitia hinc inde omnem fraternitatem dissolvit, ut etiam ego a Roma fugerem, sperans venire Petrum. Rettulerat enim Paulus de eo, et ego in viso multa videns. Nunc itaque credo in domino meo quoniam reædificat ministerium suum, quoniam extirpabitur<sup>1188</sup> omnis seductio a servis ejus. Fidelis est enim dominus noster Jesus Christus, qui possit restaurare nostras mentes. Theon autem audiens hæc ab Aristone<sup>1189</sup> flente, magis incre-*

---

1184 *ms. Aristhon. VOUAUX corrige.*

1185 *ms. ex eo. LIPSIUS corrige.*

1186 *ms. refrigerare. LIPSIUS corrige.*

1187 *ms. adque.*

1188 *ms. extirpavitur. VOUAUX corrige. = extirpavitur, de stipo, stipare, por nós.*

1189 *ms. Aristhone. VOUAUX corrige.*

- 10 ordem do nosso Senhor para vir à Itália”. Então Aristão ao ouvir isso, se jogou sobre o pescoço de Theão, abraçou-o e rogava-lhe para que conduzi-lo ao navio e mostrar-lhe Pedro. Pois dizia Aristão, que desde que Paulo havia se ausentado para a Espanha, não tinha encontrado ninguém dentre os irmãos de quem tivesse algum refrigério
- 15 (espiritual)<sup>1190</sup>. Além disso, certo judeu chamado Simão, irrompeu subitamente na cidade<sup>1191</sup> e com seus versos mágicos e sua maldade destruiu aqui e acolá todas as comunidades de irmãos, de modo que eu mesmo fugia de Roma esperando a vinda de Pedro<sup>1192</sup>. Paulo já tinha falado dele e de mim, sobre muitas coisas, em uma visão (e
- 20 disse): — “Então, agora, creio no meu Senhor, pois que vai reedificar sua obra e será extirpado toda sedução dentre seus servos<sup>1193</sup>. Pois, fiel<sup>1194</sup> é o nosso Senhor Jesus Cristo, que é capaz de restaurar nossas mentes.” Theão ouvindo estas coisas, de Aristão em lágrimas, seu entusiasmo<sup>1195</sup>

---

<sup>1190</sup> *refrigerare* pode ser compreendido tanto pelo sentido físico e como espiritual (aqui é espiritual). A tradição protocristã dá conta amplamente de que os irmãos visitados, voluntariamente, partilhavam a sua mesa com outros fiéis, e mutuamente eram encorajados na fé. Esta palavra é a tradução de συναναπαύεσθαι, Rm 15,32, ou ἀναψύχειν, 2Tm 1,16.

<sup>1191</sup> Uma alusão à cena, cap. IV, da suposta levitação ou voo de Simão. Aristão interpreta, do ponto de vista cristão, a ação do invasor através da magia que é inspirado pela maldade feita pelo diabo. Semelhante ao cap. XVII.

<sup>1192</sup> VOUAUX. 1922, *op.cit.*, p.263, diz porque Aristão explica que “ele espera a chegada do apóstolo”: pode-se pensar que a menção de Paulo da aparição remete a um trabalho primitivo. No entanto, a segunda razão é suficiente, e mais consistente: o método normal do autor usa muitas vezes “uma visão” para alertar o fiel de um fato material ou para tomar uma decisão séria. Esta menção de Pedro por Paulo, sugere fortemente um interpolar, pois inverte a ordem de 2Pe 3,15; embora perfeitamente possível, a hipótese resta ainda um tanto vaga.

<sup>1193</sup> 2 Ts 2,8-10.

<sup>1194</sup> O termo *fidelis est* (...) é análogo a 1Jo 1,9; recorrente por todo AV, particularmente em X, XXXVI; expressa “confiança plena” na promessa de Cristo e nas suas obras. “Fé” e “confiança”, neste texto, funcionam como sinônimos.

<sup>1195</sup> *spiritus*, ardor, entusiasmo, no sentido clássico de *animus*; termos, muitas vezes, negligenciados na antiga literatura cristã. Posteriormente acolhidos, mas através de *gr. ἐνθουσιασμός* (en+theos, lit. “em Deus”), que primariamente tinha a acepção de “inspiração ou possessão por uma entidade divina”, depois “através da presença de Deus”.

cebat illi spiritus et plus confirmabatur, quoniam Deo vivo  
 25 intellegebat se credidisse. Ut autem pervenerunt invicem ad  
 navem, Petrus respiciens eos, in spiritu repletus subrisit; ita  
 ut Ariston cadens in faciem suam ad pedes Petri haec dixit:  
 Frater et domino, sanctorum mysteriorum communis et  
 demonstrator viæ rectæ<sup>1196</sup> quæ est in domino Jesu Christo Deo  
 30 nostro, qui per te<sup>1197</sup> adventum suum nobis ostendit: amisimus<sup>1198</sup>,  
 enim universos quos nobis Paulus tradiderat, energia Satanæ.  
 Sed nunc spero in domino quite nuntio suo misso<sup>1199</sup> adventare  
 nobis jussit, quoniam dignatus est nos magnalia et mirabilia  
 sua per te videre. Oro itaque festines in urbem. Ego enim  
 35 relictis fratribus scandalizantibus, quos videram in tempta-  
 tione diaboli cadere, huc refugi<sup>1200</sup>, dicens eis: «Fratres, state

---

<sup>1196</sup> *ms. recte.*

<sup>1197</sup> TURNER propõe: *aperte*; não seguimos.

<sup>1198</sup> *ms. remisimus.* LIPSIUS prefere *amisimus*; seria explicado no sentido de “nós perdemos de novo”, porque antes da vinda de Cristo, Satanás governou o mundo pagão.

<sup>1199</sup> Em vez de o ablat. *nuntio suo misso*, que se refere ao aparecimento de cap. V, prescrevendo a ida de Pedro para o resgate da comunidade romana, LIPSIUS oferece *nuntium suum missum...* quem mandou você vir para nós como seu mensageiro? (que responde *qui per te...*).

<sup>1200</sup> *ms. hoc refugit.*

cresceu ainda mais, assim como sua convicção e crença de que ele  
 25 tinha colocado sua fé no Deus vivo. Mas, quando eles se reuniram  
 juntos no navio, Pedro fitando-os, cheio do pelo Espírito Santo,  
 sorriu<sup>1201</sup>. Então, Aristão lançando-se com o rosto ao chão, junto aos  
 pés de Pedro<sup>1202</sup> exclamou: — “Irmão e guia, participante dos santos  
 mistérios<sup>1203</sup> e que nos mostra o caminho reto<sup>1204</sup> que está no Senhor  
 30 Jesus Cristo, Deus nosso<sup>1205</sup>, que por ti nos revela a tua vinda<sup>1206</sup>.  
 Pois, temos perdido, pela ação potente de Satanás, os quais Paulo nos  
 entregou<sup>1207</sup>. Mas agora, eu espero no Senhor que ordena pelo seu  
 mensageiro, tua vinda a nós, porque nos tem considerado dignos de  
 ver através de você, sua grandeza e suas maravilhas<sup>1208</sup>. Eu, portanto,  
 te imploro: vai depressa à cidade. Pois eu abandonei os irmãos  
 35 escandalizados, os quais vi sucumbirem na tentação do diabo, e aqui  
 me refugiei, dizendo-lhes: — ‘Irmãos,

---

<sup>1201</sup> Conforme VOUAUX, 1922, *op.cit.*, p.264, nt.2, Pedro reconhece no Aristão como um fiel, em circunstâncias semelhantes, nos *AtosPITE*, IV, onde Paulo também sorriu com a visão de Onesíforo, e essa característica é encantadora. No  $\mathfrak{P}^{B-8502}$  (*Papyrus Berolinensis* 8502), C.129, *uide* também nt.791.

<sup>1202</sup> Lc 17,16.

<sup>1203</sup> *lat.: communis*, FICKER. *Die Petrusakten... – in: Handbuch...* 1903, *op.cit.*, p.421, nas observações diz que é traduzido do gr. κοινωνός (= partícipe). Pedro executa esta função especificamente nos caps. XX e XXXVIII em seus discursos sobre a transfiguração e a cruz. Segundo HILGENFELD, A., *Die Ketzergeschichte des Urchristentums. – in: Zeitschrift für wissenschaftliche Theologie*, VIII: Leipsig: pp.578-598, se existia alguma hierarquia montanista, o que importa aqui, é a expressão, obviamente, em um sentido mais geral.

<sup>1204</sup> Segue 2Pe 2,9ss.

<sup>1205</sup> 2Pe, 2,15; Jo 14,6; contrapõe Simão que di ser “ele representante único de Deus”.

<sup>1206</sup> Ou seja, ele chegou para a comunidade de Roma. É o próprio Senhor, inspirando o líder Pedro, que vai ao encontro das almas e para trazê-los de volta para a fé. A chegada de Jesus na pessoa de Pedro representa a realização da oração que termina o cap. IV.

<sup>1207</sup> Segundo VOUAUX, 1922, *op.cit.*, p.264, nt.7, seguindo sua tese da interpolação paulina neste texto, diz que estas últimas palavras, *quos nobis Paulus tradiderat* podem ser excluídas sem afetar o significado.

<sup>1208</sup> Mt 21,15; At 2,11. Não é só “grandes coisas e maravilhas” da vida e dos ensinamentos de Cristo, mas Pedro (na boca do autor) está anunciando a salvação da comunidade romana; que serão feitas pela misericórdia do Senhor e o ministério de Pedro; Aristão está intimamente ligado a este evento.

*in fide; necesse est enim intra duos menses istos domini nostri misericordia*<sup>1209</sup> *adducat vobis ministrum suum.» Visionem enim videram, Paulum dicentem mihi: «Ariston, fuge ab*  
 40 *urbe.» Quibus auditis sine mora credens, egrediens in domino, etiamquam infirmem carnem portans, perveni hic, stans cottidie ad litus, interrogans nautas: «Numquid Petrus vobiscum navigavit?» Nunc autem gratia domini abundante, peto ut sine ulla mora ascendamus Romæ*<sup>1210</sup> *, ne scelestissimi hominis plus invalescat doctrina. Hæc dicente Aristone cum lacrimis, Petrus dans ei manum et elevans a terra, et ipse cum lacrimis ingemescens dixit Petrus: Præoccupavit nos qui temptat orbem terrarum per angelos suos; sed extinguet seductiones ipsius et sub pedibus ipsorum constituet*  
 50 *qui crediderunt in Christo quem nos prædicamus, qui habet*

---

<sup>1209</sup> *ms. misericordiam.*

<sup>1210</sup> *ms. Rome.*



permaneci firmes na fé<sup>1211</sup>, porque necessariamente, nestes dois meses<sup>1212</sup>, a misericórdia de nosso Senhor vai nos trazer seu ministro.’

Com efeito, na aparição que vi, Paulo estava dizendo a mim<sup>1213</sup>:

40 — ‘Aristão, foge da cidade.’ Com o que ouvi, crendo, (obedecei<sup>1214</sup>) sem demora e parti (no nome) do Senhor, ainda que portando uma debilidade física<sup>1215</sup>, aqui cheguei. Todos os dias eu estava em pé na praia, perguntando aos marinheiros: — ‘Porventura, teria Pedro navegado com vocês?’ Mas agora que a graça do Senhor vem a nós em abundância<sup>1216</sup>, eu lhe peço: sem nenhuma demora,

45 subamos para Roma, a fim de que não tome forças a doutrina deste homem nefandíssimo<sup>1217</sup>.” Como dizia isto Aristão, entre lágrimas, Pedro deu-lhe a mão e o levantou da terra e o próprio Pedro angustiado, entre lágrimas, disse: — “ele<sup>1218</sup> veio antes de nós e através dos seus anjos, está tentando ao redor da terra<sup>1219</sup>, mas Cristo que pode anular a seduções e colocar sob próprios pés<sup>1220</sup>

50 aqueles que creram nele, a quem nós pregamos, e que tem

<sup>1211</sup> *uide* 1Cor 16,13. A recomendação parece singular ao tratar os irmãos caíram. Parece, tem o sentido de “ter confiança” como *κραταιοῦσθε* seguindo mesmo verso 1Cor, *loc.cit.*

<sup>1212</sup> Porque “dois meses”? Este é tempo da viagem da Judeia para Roma. Porém, parece que o autor quer marcar a velocidade da chegada; Aristão sabe que, agora, o Senhor enviou Pedro, e o apóstolo vai chegar na Itália em dois meses, tempo habitual da Judeia a Roma, VOUAUX, 1922, *op.cit.*, p.266.

<sup>1213</sup> *id. ibid.*, VOUAUX chama a atenção novamente de como é fácil remover texto *Paulum*. As palavras de Aristão parecem prever o que ele disse um pouco acima, acerca de sua visão: *ego in viso multa videns*. Daqui sabemos que ele predisse a chegada de Pedro e que também ele foi aconselhado fugir da Roma.

<sup>1214</sup> Aristão é fiel, e ele obedeceu imediatamente. É inútil procurar uma alusão aqui ou em qualquer perseguição com fuga, como Pedro no cap. XXXV, cuja a situação é bem diferente.

<sup>1215</sup> Mt 26,41.

<sup>1216</sup> 1Tm 1,14; Rm 5,15-20, 6,1ss.

<sup>1217</sup> *scelestissimi hominis* só pode se referir a Simão. No entanto, Aristão parece pensar que o demônio está nele, sua ação, sua malícia, a ele atribuiu as desgraças da comunidade. Além disso, o autor muitas vezes chama Simão de ministro e filho de Satanás.

<sup>1218</sup> Satanás.

<sup>1219</sup> *uide* Jó 1,7; 2,2. Também Ap 12,9. Isto é, obviamente, aqui (pelo autor) o próprio demônio.

<sup>1220</sup> Rm 16,20.

*potestatem eruere servos suos ab omni temptatione. Et ingredientibus eis ad portam, Theon rogabat Petrum dicens: Nulla die in navi refrigerasti in tam magno mari; nunc autem in via asperrima rectus<sup>1221</sup> a nave vis proficisci? Sed remane et*  
 55 *refice te, et sic proficisceris. Hinc enim usque Romæ silice strato, a concussionione<sup>1222</sup> vereor ne quid patiaris. Respondens autem Petrus dixit eis: Si autem contingat mihi cum inimico domini nostri lapidem molarem suspendi, sicut dominus meus dicebat ad nos, si quis de fratribus scandalizasset,*  
 60 *in profundo mergi? Fiet autem non tantum lapis molaris, sed quod deterius est, contrarium longe ab eis qui in dominum Jesum Christum crediderunt, in hunc persecutorem servorum suorum [[me<sup>1223</sup>]] consummari. Nulla autem persuasione Theon potuit ei suadere ut ibi vel unum diem remaneret. Theon*  
 65 *autem et ipse, demandans quæcumque in navi erant, ut venirent, quanti sua interesset<sup>1224</sup>, consecutus est Petrum Romæ; deducentem Aristonem<sup>1225</sup> in habitationem Narcissi præbyteri.*

---

<sup>1221</sup> *ms. rectu.* LIPSIUS usa *recto* = *recta via*; não seguimos.

<sup>1222</sup> *ms. adconcussione.*

<sup>1223</sup> O *ms.* não contém *[[me]]*. LIPSIUS insere.

<sup>1224</sup> *ms. interesse.* LIPSIUS corrige.

<sup>1225</sup> PIÑERO propõe *deducente Aristone*; não seguimos.

poder de libertar os seus servos de toda a tentação<sup>1226</sup>. E entrando eles pela porta<sup>1227</sup>, Theão rogava a Pedro dizendo: — “em nenhum dia no navio tiveste refrigério no tão grande mar, agora pois queres partir do navio sem mais por este caminho duríssimo<sup>1228</sup>? Pois fique e  
 55 recupere-te, e assim poderás partir. Pois daqui até Roma, nesta camada de pedra bruta, temo que possas sofrer alguma queda violenta.” Mas Pedro respondeu e disse-lhes: — “Mas, no entanto, se acontecer a mim que me pendurem o pescoço com uma pedra de moinho junto com o inimigo do nosso Senhor, e submerjam no  
 60 profundo mar, assim como meu Senhor nos dizia<sup>1229</sup>, se escandalizamos algum dos irmãos? Pois não é tanto a roda de moinho que me ameaça, mas o que é pior: que eu, o oponente deste perseguidor dos seus servos, morreria longe daqueles creem no Senhor Jesus Cristo.”<sup>1230</sup> Nenhum argumento de Theão pode convencê-lo a  
 65 ficar ali nem mesmo um único dia. Então o mesmo Theão cuidou que estavam no navio, que foram vendidos a um preço que lhe convinha, e seguiu Pedro a Roma, ambos conduzidos por Aristão para a cada de Narciso, o presbítero<sup>1231</sup>.

---

<sup>1226</sup> 2Pe 2,9.

<sup>1227</sup> Obviamente, trata-se da saída (porta) para Puétoli com vista para o porto.

<sup>1228</sup> Alguns comentaristas, e.g. FICKER. *Die Petrusakten... – in: Handbuch...* 1903, *op.cit.*, p.421; ERBETTA *et alii*) entendem que o autor trata de Via Ápia como em mal estado de conservação, quando era a *regina uiarum* (rainha dos caminhos) solidamente pavimentada com largas peças de basalto e, portanto, o autor desconhecia a geografia de Roma. Note-se que é um piso muito escorregadio, especialmente sob alguma umidade ou tempo chuvoso. No entanto, entendemos que se refere à caminhada longa de mais de 20 km depois, depois um jejum prolongado de muitos dias e, também, devido a idade do apóstolo nesta ocasião; *uide* o texto que se segue.

<sup>1229</sup> Mt 18,6; Mc 9,42; Lc 17,2. Pedro quer dizer que seria um erro de sua parte, se Ele se tornasse um objeto de escândalo, quando, sob o pretexto de evitar a fadiga, não fosse expendida toda a ação em auxílio de seus irmãos.

<sup>1230</sup> Passagem *lat.* nos oferece um texto obscuro, um autêntico *locus deperatus*. FICKER. *Die Petrusakten... – in: Handbuch...* 1903, *op.cit.*, p.422, traduz juntando *contrarium* à *in hunc...*, e complementa *me* à frente de *consummari*.

<sup>1231</sup> Parece que o autor menciona At 28,14, mas ele não poderia, pelas razões expostas acima, emprestar a Pedro uma estadia de sete dias, como foi o caso de Paulo. Parece mais assumir o texto alterado ou estranho, e reconstituir *deducente Aristone in...* Aristão o (Pedro) conduz em...

VII *Fama pervolavit in urbem ad dispersos fratres Petrum dicentium*<sup>1232</sup> *domi venisse Simonis causa, ut eum ostenderet seductorem et persecutorem bonorum esse. Concurrit itaque multitudo omnis ut viderent domini apostolum fundari*<sup>1233</sup> *in Christum. Prima autem sabbatorum multitudine conveniente Petrum videndi causa, coepit itaque voce ma-*

---

<sup>1232</sup> *ms. discentem.*

<sup>1233</sup> LIPSIUS acha que é um erro para *fundare*, em *Actus Petri cum Simone...* – in: Bonnet; Lipsius (eds.). *Acta apostolorum apocrypha... Acta Petri, op.cit.*, p.xliv.; não seguimos.

## VII – Pedro discursa em Roma

Um rumor voou rapidamente, pela cidade<sup>1234</sup>, entre os irmãos dispersos: Pedro havia vindo<sup>1235</sup>, por ordem do Senhor, ciente do propósito de Simão, a fim de mostrá-lo como um enganador e perseguidor daqueles que são bons. E, por consequência, toda a multidão achegou-se para ver como o apóstolo do Senhor estava  
5 firmado em Cristo<sup>1236</sup>. E assim, no domingo seguinte<sup>1237</sup>, enquanto a multidão<sup>1238</sup> estava reunida para ver Pedro, que começou

---

<sup>1234</sup> *uide AtsXaPoRe, X*, onde o som da sua presença correu por toda a cidade e seus arredores.

<sup>1235</sup> *domi* é usado por *domum*, cf RÖNSCH, Hermann. *Itala und Vulgata*. 2<sup>a</sup>. ed. Marburg: 1875 [reimp. München, 15<sup>a</sup>. ed., 1965], p.408, e refere-se, não a Pedro, mas aos irmãos, e ele não voltou para casa, mas “em casa de (...)” Temos igualmente no final do *cop. P<sup>B-8502</sup>* (*Papyrus Berolinensis* 8502), no sentido de “na casa dele”, mas não é clara; vem provavelmente da tradução do *gr. οἴκοδε*, menos provável de οἴκοι.

<sup>1236</sup> Alguns tradutores interpretaram: *lat.: fundari* (como fundava) *in Christum* (em Cristo novamente a comunidade). Essa *multitudo omnis* pode ser como cristãos que apostaram da fé; as primeiras palavras do próprio Pedro indicam isso: *qui speratis...*, *qui in brevi tentationem passi estis...* Entretanto, quanto ao significado de *fundari in Christum*, é bastante obscura, embora possamos vê-la como uma alusão 1Cor 3,11 ou Mt 7,25, onde *fundare* significa “alicerce” ou “fundação”.

<sup>1237</sup> *uide At 8,44*; a datação exata oferece alguma dificuldade. O autor diz-nos, de fato, cap. IX, afirma que Pedro entrou na cidade no dia anterior. O som de sua chegada se espalhou tão rapidamente que a “multidão inteira” dos irmãos se apressou; há um dificuldade factual, mas o autor se preocupa muito poucos desses detalhes. Note que os vários episódios *cop.-gr.-lat.* mantém uma “fórmula inicial” que evidência mais uma vez o seu conjunto. O texto *gr.* começa com *μῦθε τοῦ σαββάτου*; no *lat.* Pedro e as gentes se encontram *prima... sabbatorum* (*ms. V, VII*); também em XXIX o apóstolo visita as viúvas no *die dominico*; os *mss. A e P* (martírio em *gr.*) ocorre em *κυριακῆς οὔσης; κτλ.* Segundo SCHMIDT, 1903, *op.cit.*, p.3, está expressão por si só evidencia e prova a interligação entre os *frgg.* de *AtsPe*. Nota-se a ligação com as fórmulas bíblicas; Mt 28.1; At 20.7; 1Cor 16.2; Ap 1.10; *et alii*.

<sup>1238</sup> Segundo o autor, os romanos se interessavam por disputas religiosas, e não somente os “irmãos caídos nas tentações”.

*xima Petrus dicere: Viri, qui adestis, qui speratis in Christo  
 vos qui in brevi temptationem passi estis, discite cujus rei  
 xima Petrus dicere: Viri, qui adestis, qui speratis in Christo,  
 causa Deus filium suum misit in sæculo, aut cujus rei per  
 10 virginem Mariam protulit, si non aliquam gratiam aut pro-  
 curationem proficeret<sup>1239</sup>: volens<sup>1240</sup> omne scandalum et omnem*

---

<sup>1239</sup> LIPSIUS propôs *perficeret*; não seguimos.

<sup>1240</sup> USENER propõe *dolens*; não seguimos.

a arrazoar<sup>1241</sup> em voz muito alta: — “varões, que estais aqui presentes, que esperais<sup>1242</sup> em Cristo, vós que recentemente sofreste a tentação, conheçais a razão pela qual Deus enviou<sup>1243</sup> seu Filho nesta geração 10 ou o propósito, o qual foi oferecido pela<sup>1244</sup> virgem Maria, se não para prover-nos algum tipo de favor ou expiação?<sup>1245</sup>”

---

<sup>1241</sup> O discurso de Pedro (na boca do autor) pode ser resumido: uma exortação a confiar na misericórdia de Deus, e que ele próprio foi tentado e sucumbiu, e apesar de tudo, Deus o perdoou no seu arrependimento. Porém, como transformar os irmãos não tivessem sido tentados? Eles deveriam ser convertidos e ter confiança, não só por causa das declarações de Pedro, mas também pelos milagres que provariam a verdade. A ideia de discursos pronunciados pelo apóstolo, provavelmente, foi sugerido pelo *Atos* canônico, mas esses discursos, segundo FICKER. *Die Petrusakten...* 1903, *op.cit.*, p.422, interpreta um personagem diferente, não fazer empréstimos do AT, mas apenas NT e teologia é a predominante na Ásia na virada do séc. II.

<sup>1242</sup> 1Cor 15,19.

<sup>1243</sup> Jo 3,16; 1Jo 4,9.

<sup>1244</sup> *lat.*: *per* equivale ao *gr.* διὰ (nesta época também = ἐκ), portanto podemos descartar um concepção docetista. Originalmente, antes da luta contra os valentinianos e marcionitas, contra o gnosticismo em geral, esta palavra é interpretada em um sentido muito ortodoxa. *uide* JUSTINUS Augustus, Flavius. *Apologia*, XXXIII,4,5. – *in*: Migme (ed.). *P.G.*, 1857, *op.cit.*, t.VI, col.381, que frequentemente usa, dizendo ἐγνηθηεις διὰ Μαρίας. Como o autor disse estas palavras em uma forma muito ortodoxa, valentinianos poderiam aplicar a esta palavra, interpretando como ADAMANTIUS em *De recta em Deum fide*. – *in*: Bakhuyzen (ed.) (Corpus de Berlim), Leipzig, 1901, p.190; também – *in*: Migme (ed.). *P.G.*, 1857, *op.cit.*, t.XX, col.1844; ou ainda MARINUS, o representante da doutrina bardesanita, que diz: καὶ ἡμεῖς ὁμολογοῦμεν, ὅτι διὰ Μαρίας, ἀλλ’ οὐκ ἐκ Μαρίας, ὥσπερ γὰρ ὕδωρ διὰ σωλῆνος διέρχεται (= também nós admitimos, que veio por meio de Maria, mas não [nascido] de Maria, como a água através de um canal); também outras analogias entre o pensamento expresso aqui e a carta apócrifa de Paulo *Aos Coríntios*, vs. 5, 6, 12-15; *AtsPl*. Esta a passagem também imita *AtsXaPoRe* traduzido por JAMES, Montague Rhode (ed.). *Apocrypha Anecdota*. – *in*: *Texts & Studies* t.II, fasc.3. Cambridge: CUP, 1893 [repr. 1967], p.197. Também CLEMENS, Titus Flavius (Clemens Alexandrinus). *II Epistola*, I. – *in*: Migme (ed.). *P.G.*, 1857, *op.cit.*, t.I, col.332.

<sup>1245</sup> *lat.*: *procuratio*, traduzido provavelmente do *gr.* οἰκονομία, como em XXXIX *procurans* é traduzido de οἰκονόμος. A palavra é frequente em autores orientais e, para esta ideia, *uide* Epístola de Ἰγνάτιος Ἀντιοχείας (Inácio, de Antioquia) *ad Ephesios*; ARCHAMBAULT, G. (ed.). *Justin: Dialogue avec Triphon*, XLV. 4ª. ed. vol.I. Paris: 1909, p.200, particularmente nt. do ed. acerca do uso e significado da expressão. Que o autor de *AtsPe* pensa aqui acerca da

ignorantiam<sup>1246</sup> et omnem inergæmam<sup>1247</sup> diaboli<sup>1248</sup>, initia et vires  
 infirmare<sup>1249</sup> quibus prævalebat<sup>1250</sup> olim, antequam Deus noster  
 in sæculo refulgeret. Qui<sup>1251</sup> multis et variis infirmitatibus per  
 15 ignorantiam in mortem ruebant, motus misericordia<sup>1252</sup> Deus  
 omnipotens misit filium suum in sæculo, cui ego interfui; et  
 super aquas ambulavit<sup>1253</sup>, cujus testis ipse ego permaneo,  
 tunc sæculo operatum esse per sigma et prodigia, quae omnia  
 fecit. Interfuisse me fateor, fratres carissimi; fui abnegans  
 20 eum dominum nostrum Jesum Christum, et non tantum se-  
 mel, sed et ter: erant enim qui me circumvenerant canes

---

salvação trazida pela morte de Cristo na cruz, parece certo, e especialmente se prestarmos atenção no final do capítulo.

<sup>1246</sup> ms. *ignarantiam*; VOUAUX corrige.

<sup>1247</sup> PIÑERO propõe *energemam*, justificando pelo *gr.* ἐνέργημα; não seguimos.

<sup>1248</sup> PIÑERO supõe *...diaboli <tollere>*; duas alterações importantes e sucessivas; não seguimos.

<sup>1249</sup> ms. *infirmes*; LIPSIUS corrige e propõe um segunda solução. Acrescentar *dissoluere* e manter o *ms.*

<sup>1250</sup> ms. *provalebat*.

<sup>1251</sup> USENER, posteriormente PIÑERO propõem *quia*; não seguimos.

<sup>1252</sup> ms. *misericiordiam*.

<sup>1253</sup> ms. *ambulavi*, mas deve, obviamente, ser alterado para *ambulavit*, devido as seguintes palavras: *cujus testis ipse ego permaneo*, obviamente, não pode se relacionar com qualquer coisa feita pelo próprio Pedro; VOUAUX então corrige.



Ele aborrecendo todo escândalo, toda ignorância e toda sorte de poderes diabólicos<sup>1254</sup>; querendo debilitar suas tentativas e forças<sup>1255</sup> que em outro tempo dominavam<sup>1256</sup>, antes que o nosso Deus refulgisse<sup>1257</sup> no mundo. Já que muitos e de várias enfermidades, por 15 ignorância, se precipitam à morte<sup>1258</sup>. Movido de misericórdia, o onipotente Deus, enviou seu Filho<sup>1259</sup> a esta geração, com que eu mesmo convivi. Andou sobre as águas<sup>1260</sup>, e disse, eu próprio me mantenho uma testemunha, assim, de como de tudo o que operou através de sinais e prodígios naquela geração e de todas as coisas que fez. Eu estava presente, confesso, amados irmãos. Eu neguei 20 intensamente o nosso Senhor Jesus Cristo, e não apenas uma vez, mas três vezes<sup>1261</sup>, pois os que me circundavam eram acusadores

---

<sup>1254</sup> At 26,18; 1Jo 3,8; κτλ.

<sup>1255</sup> Estas expressões, provavelmente, derivam do *gr.* ἀρχαί και δυναμεί; seguimos o texto grego. *uide* também *AtsJo*, XCVIII, de acordo com VOUAUX, 1922, *op.cit.*, p.272.

<sup>1256</sup> Pensamento aparentemente gnóstico (marcionista), um diabo dominador e um Deus limitado, diferente do Deus supremo. Mas sabemos que o autor do *AtsPe* não compartilha de todo com este pensamento. Trata-se aqui, simplesmente, de uma ideia cristã, amplamente difundida nos cristianismos antigos, de que antes da vinda de Jesus, (ele é designado pela palavra Deus), Satanás governou o mundo, já está implícito em Mt 16,18, 2Pe 2,19; Lc 10,18; Jo 12,31. Ou seja, pela morte de Cristo na cruz, foram quebrados os laços da morte, no qual o diabo uma vez prevaleceu contra as pessoas; *uide* carta apócrifa *Aos Coríntios*, vs. 11-15; CLEMENS, Titus Flavius (Clemens Alexandrinus). *Stromata*, II,20. – *in*: Migme (ed.). *P.G.*, 1857, *op.cit.*, t.VIII, col.1060; o Ps-CIPRIÃO. *De spectac...*, X. – *in*: Migme (ed.). *P.L.*, 1841, *op.cit.*, t.IV, col.786.

<sup>1257</sup> Temos frequentemente a imagem da luz para marcar a ação divina. Pode referir-se ao AT, Lc 1,79; Jo 1,9; Ef 1,18, κτλ.

<sup>1258</sup> Ef 2,1-2; 4,18.

<sup>1259</sup> Jo 3,16.

<sup>1260</sup> Este texto reporta-se a Mt 24,25-30, onde quem anda sobre as águas é Jesus, razão principal pela qual LIPSIUS corrigiu o *ms. ambulau* (aí o sujeito seria Pedro) para *ambulauit*. Além disso, lembra o episódio de Marcelo, cap. X. Pode-se perguntar por que, de todos os milagres do Senhor, Pedro menciona precisamente o último, ou seria simplesmente porque ele está bem adaptado ao seu raciocínio. Este milagre de fato lembra também um momento de dúvida de Pedro e está bem no espírito destes *AtsPe*.

<sup>1261</sup> Mt 26,69ss. FICKER. *Die Petrusakten...* – *in*: *Handbuch...* 1903, *op.cit.*, p.424, assinala sobre esta menção muito precisa da negação de Pedro dizendo que pode ser uma das provas de que a obra nasceu no Oriente; é difícil acreditar que um autor romano a teria utilizado. Resta a questão: então, como

*inprobi sicut<sup>1262</sup> prophetas domini. Et non mihi imputavit dominus; et conversus ad me et misertus est infirmitatem carnis meæ, ut me postea plangerem amariter, et lugebam fidem*  
 25 *tam infirmem meam, quoniam exsensatus a diabolo et non habens in mente verbum domini mei. Et nunc dico vobis, o viri fratres, qui in nomine Jesu Christi convenistis: et in vobis inplanator Satanas sagittas suas tendit, ut discederetis a via. Sed nolite deficere, fratres, neque cadere animo, sed*  
 30 *confortamini et perstate et nolite dubitare. Si enim me, quem in honore maximo habuit dominus, scandalizavit Satanas ut abnegarem lumen spei meæ, subjiciens me et fugere*

---

explicar sua representação nos sarcófagos? Não há nada desonroso na tríplice negação, mas demonstra apenas sua humanidade, segundo Jo 21,15-17; Hb 7,27.

<sup>1262</sup> TURNER acrescenta *ait*, não seguimos.

maliciosos<sup>1263</sup> assim como também aos profetas<sup>1264</sup> do Senhor. Mas a mim não imputou a dívida o Senhor, mas voltando-se teve misericórdia da fraqueza da minha carne<sup>1265</sup>. Depois eu chorei amargamente de mim, lamentando a debilidade da minha fé<sup>1266</sup>, uma  
 25 vez que o diabo embarçou meus sentidos e não tinha em mente a palavra do meu Senhor<sup>1267</sup>. Mas agora vós digo, ó varões irmãos, que se vos reunis no nome de Jesus Cristo: Satanás, o enganador<sup>1268</sup>, atira suas setas<sup>1269</sup> e acampa-se ao redor de vós, a fim de vos desviardes do caminho. Mas não desfaleçais, irmãos, nem se decaia vosso  
 30 ânimo<sup>1270</sup>, em vez disso, sejais fortes, firmados e apartem-se de dúvidas. Se de fato eu, a quem o Senhor teve em grande honra<sup>1271</sup>, ainda assim Satanás me fez um objeto de escândalo para o ponto que neguei à luz da minha esperança<sup>1272</sup>, subjugando e

---

<sup>1263</sup> 2Pe 2,12; Fl 3,2; 1Pe 5,8; Ap 22,15. O autor está se referindo às duas serventes, ao soldado e outros que, em Mt 26,69ss, acusam Pedro induzindo a negação. A precisão e exagera o texto do Evangelho de referência, mas não pode ser surpreendido, dado os processos comuns aos autores dos apócrifos e que, portanto, não parece que podemos aqui supor algum empréstimo do *Evangelho de Pedro*, FICKER. *Die Petrusakten... – in: Handbuch...* 1903, *op.cit.*, p.425. Muitas vezes os *AtsPe* desculpam pecadores, pois Satanás é o “arquiteto” do pecado; *uide* os romanos com Marcelo, cap.VIII; Marcelo com Simão, cap. X.

<sup>1264</sup> SI 22,17ss.

<sup>1265</sup> Mt 16,41; Mc 14,38; Pedro não se limita a recordar o grande ato de misericórdia de Deus para com a humanidade, enviando seu Filho para a terra. Pela teologia aqui exposta ficou claro que mesmo depois de convertidos, a ação do demônio ainda pode tomar algumas almas. Tal ideia nunca foi excluída da doutrina, exceto por algumas mentes exageradas, mas ganhou a sua força, quando o fervor do “primeiro amor” estava enfraquecido diante de constantes quedas na heresia ou paganismo, e tornavam-se mais frequentes; tal pensamento cristão foi lido e violentamente discutido, lembrados pelas lutas de Novat e Novaciano contra o papa Cornélio. É relevante notar que a insistência com que o autor dos *AtsPe* desenvolve a ideia de misericórdia, parece provar que tais discussões ocorreram na Ásia, e provavelmente, até mesmo antes de se tornar tão importante em Roma.

<sup>1266</sup> Mt 26,75; Lc 22,62.

<sup>1267</sup> Διδασχῆ, XVI, 4 (sobre o anticristo) – *in: Christian Classic Ethereal Library (on-line)*, *op.cit.*; *uide* também Mt 24,24; Ap 12,9.

<sup>1268</sup> Ef 6,16.

<sup>1269</sup> 2Pe 2,15.

<sup>1270</sup> Hb 12,3.1Pe 5,9.

<sup>1271</sup> Alude a Jo 21,15ss; Mt 16,17ss.

<sup>1272</sup> *cf* 1 Tm 1,1; Cl 1,27; Jo 1,9; 3,19.

*me persuasit, tamquam in hominem crederem, quid putatis vos, qui neofyti estis? Putabatis, quia non vos evertibat, ut*  
35 *faceret vos inimicos regni Dei et in novissimo errore in perditione præcipitaret? Quemcumque enim ejecerit ab spe domini nostri Jesu Christi, ille filius perditionis in æterno. Convertimini ergo, fratres electi a domino, et confortamini in dominum omnipotentem, patrem domini nostri Jesu Christi,*  
40 *quem nemo vidit umquam neque videre potest nisi ille, qui in eum crediderit. Intellegite autem, unde vobis temptatio supervenerit. Non enim tantum propter hoc ut verbis sua-*

persuadindo-me a fugir<sup>1273</sup>, como se houvesse crido num homem<sup>1274</sup> — o que estais pensando, vós que sois neófitos<sup>1275</sup>? Consideréis: 35 porque não vos destruiu como fez aos inimigos<sup>1276</sup> do reino de Deus e precipitou-os na destruição<sup>1277</sup> por meio de um erro muito recente? Pois, aquele a quem tenha lançado fora a esperança do nosso Senhor Jesus Cristo, este será, pela eternidade, um filho da perdição<sup>1278</sup>. Arrependei-vos<sup>1279</sup> pois, irmãos, eleitos<sup>1280</sup> pelo Senhor e fortalecei-vos no Senhor Todo-Poderoso<sup>1281</sup>, Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, 40 a quem ninguém jamais viu, nem pode ver<sup>1282</sup>, senão aquele que há de crer nele. Entendais, porém, de onde sobrevém a tentação. Pois não é só com palavras que eu quero persuadi-vos de que este é o

---

<sup>1273</sup> Trata-se da fuga relatada pelos canônicos após as negações na casa de Caifás, embora VOUAUX. 1922, *op.cit.*, 276 diga tratar-se “do ato de negar o Salvador”.

<sup>1274</sup> Os *AtsPe*, muitas vezes chama Cristo de “Deus”; é desnecessário sublinhar o valor do pensamento do autor e a divindade que afirma para Cristo. Agora dito, diretamente em oposição à afirmação de Simão, cap. XXIII de que Jesus é um simples “artesão judeu, filho do artesão”.

<sup>1275</sup> Parece natural alguma oposição, a qualquer ideia recém-chegada e nova, para Pedro, que viu o Salvador e foi “homenageado” por ele. FICKER. *Die Petrusakten...* – in: *Handbuch...* 1903, *op.cit.*, p.425, cita, neste contexto, a *Didascalia et Constitutiones Apostolorum* [c.<sup>a</sup> 375, Síria], VIII,13. – in: FUNK, Franz Xaver von (ed.). Paterborn: Schoeningh, 1905, p.516: ὑπὲρ τῶν νεοφωτιστῶν δεηθῶμεν, ὅπως βεδαιωθῶσιν ἐν τῇ πίστει.

<sup>1276</sup> At 13,10.

<sup>1277</sup> At 15,24. 1Tm 6,9. A causa desta “perdição” pelo contexto é a negação da divindade de Cristo.

<sup>1278</sup> 2Ts 2,3; Jo 17,12. Também utilizada na epístola apócrifa de Paulo *Aos Coríntios*, XIX,37; *AtsPl*; κτλ.

<sup>1279</sup> At 3,19.

<sup>1280</sup> Cl 3,12; 1Pe 2,9. O autor parece adepto desta particular doutrina cristã que, se desenvolveria, até seu ápice em John Calvin (1509-†1564).

<sup>1281</sup> Ef 6,10. *uide* a distinção entre o Pai e o Filho. Além disso, note-se as expressões emprestadas do símbolo romano – ‘Todo-Poderoso’ (esta é uma das passagens que mostram que o autor deste *AtsPe* conhecia o símbolo romano, *uide* também caps. VII, XVII, XX, XXVIII, XXXVI; SCHMIDT. *Die alten Petrusakten...*, 1903, *op.cit.*, pp.92ss.

<sup>1282</sup> Esta ideia se relaciona com o *Ev. de João*; *uide* 1,12; 11,40; 1,18; 6,46 e muitas outras passagens do NT. Relaciona a transcendência de Deus e a necessidade de fé.

*derem*<sup>1283</sup> *vobis hunc esse Christum quem ego prædico, sed etiam in factis*<sup>1284</sup> *et in virtutibus magnificis hortor vos per*  
 45 *fidem quæ est in Christo Jesu, ut nemo vestrum alium expectet præter hunc contemptum et contumeliatum a Judæis, hunc Nazarenum crucifixum, mortuum et in tertio die resurgentem.*

VIII *Pænitentes autem fratres rogabant Petrum, ut expugnaret Simonem, qui se dicebat Dei virtutem esse, morantem in domo Marcelli senatoris persuasi*<sup>1285</sup> *carminibus ejus, di-*

---

<sup>1283</sup> *ms. suaderet.* LIPSIUS corrige.

<sup>1284</sup> PIÑERO acha esta correção um erro. *ms. tactis.* LIPSIUS e VOUAUX corrigem; seguimos.

<sup>1285</sup> *ms. persuasum.*

Cristo a quem eu prego<sup>1286</sup>, mas por meio de atos e milagres magníficos. Exorto-vos por intermédio da fé a qual está em Cristo  
 45 Jesus<sup>1287</sup>, a fim de que nenhum de vós outros possa esperar outra pessoa senão a Ele<sup>1288</sup>, insultado e desprezado pelos judeus, homem de Nazaré, foi crucificado e morto, e ao terceiro dia foi ressuscitado<sup>1289</sup>.”

## VIII – Marcelo cai em apostasia

Rogavam os irmãos, fazendo penitência<sup>1290</sup>, a Pedro, a fim de que lutasse com Simão, que alegava ser a “Força de Deus”<sup>1291</sup>, e estava se hospedado na casa de Marcelo<sup>1292</sup>, o senador, o qual havia sido

---

<sup>1286</sup> Tal pensamento esta relacionado com 1Cor 11,4. Insiste no fato de que Deus intervém em seus milagres para provar a verdade da pregação apostólica. *uide* também 2Pe 1,16.

<sup>1287</sup> Expressão paulina, *e.g.* Gl 3,26.

<sup>1288</sup> 1Ts 1,10; Fl 3,20; Tt 2,13; 2Pe 3,12.

<sup>1289</sup> Note-se a estreita relação que une essas expressões com o símbolo romano. Por outro lado, esse pensamento foi muitas vezes lembrado em toda a Igreja, o que deu força e valor para qualquer paixão particular de Cristo, *uide e.g.* os escritos de Flavius Justinus, *Credo Apostólico*, κτλ. A literatura gnóstica, naturalmente, fala muito menos; essa ideia está no ponto mais alto do antignosticismo, antidocetismo.

<sup>1290</sup> At 2,37. Para FICKER. *Die Petrusakten... – in: Handbuch...* 1903, *op.cit.*, p.425, o termo é demasiado forte. No entanto, não é surpreendente vindo de um autor que é inábil para pintar as nuances de sentimentos – o arrependimento é tão repentino, quanto a própria queda. Seria uma pista que o texto tem origem asiática ou, realmente, estava acontecendo na Ásia, sob os olhos do autor, após esta propaganda montanista? É possível, mas não determinado.

<sup>1291</sup> O AV, assim como o *ms.* A segue os antigos epítetos contidos nos *Atos* canônicos – Simão: a Força de Deus, a virtude de Deus, o poder de Deus, κτλ. *cf* At 8,10, como um pseudomessias. Diversos *uide* exemplos em FICKER; HENNECKE. *Handbuch...* 1924, vol.I, pp.414ss.

<sup>1292</sup> O autor não mencionou mais detalhes, mas, na sua própria maneira, não é de estranhar que nos dê tão de repente. FICKER. *Die Petrusakten... – in: Handbuch...* 1903, *op.cit.*, pp.38ss, acredita que seja uma figura histórica: baseia-se numa citação muito curiosa e única neste *AtsPe* (cap. IV,32) que cita um *hospitio bytinorum* e a identificação com o senador Marcelo, que cumpre importante papel na narrativa, com o pretor da Bitínia – Marcus Granius

centes: *Crede nobis, frater Petre: nemo fuit tam sapientior*  
 5 *inter homines, quam hic Marcellus. Viduæ omnes sperantes*  
*in Christo ad hunc refugium habebant; omnes orfani ab eo*  
*pascebantur. Quid plura, frater? Marcellum omnes pauperi*  
*patronum vocabant; cujus domus peregrinorum et paupe-*  
 10 *rorum vocabulum habebat. Cui imperator dixit: «Ab omni*  
*officio te abstineo, ne provincias expolians christianis confe-*  
*ras.» Cui Marcellus respondit: «Et mea omnia tua sunt.»*  
*Cui dixit Cæsar: «Mea essent, si mihi ea<sup>1293</sup> custodires; nunc*

---

Marcellus, de quem Publius Cornelius TACITUS em *Annales*, I,74,1 fala, acusado (*ibid.*) de ter retirado a cabeça de uma estátua de Augusto para trocá-la por uma de Tibério; também teve de responder pelo crime de extorsão. Note-se nos *AtsPe*, AV, XI, Marcelo possui uma estátua de César no próprio átrio (!) . Ficker infere com esses paralelos curiosos a identidade de Marcelo como sendo o pretor da Bitínia. Parece que a troca das cabeças da estátua de um personagem especial resultaria natural que a imaginação popular deva ter preservado *ad tempora* com o mesmo personagem. Por outro lado, governadores romanos acusados de extorsão, parece ser um fato comum, e o apócrifo poderia ser usado novamente, disfarçando, e refletindo a liberdade desfrutado por esses mandatários.

1293

*ms. eam.*



persuadido com suas magias. Diziam-lhe: — “Acredite em nós, irmão Pedro, ninguém era tão sábio<sup>1294</sup> entre os homens, quanto este  
 5 Marcelo<sup>1295</sup>. Todas as viúvas que esperavam em Cristo, tinham nele seu refúgio. Todos os órfãos eram alimentados por ele<sup>1296</sup>. Que mais, irmão? Todos os indigentes invocavam Marcelo como patrono, sua casa tinha o nome de morada do estrangeiro e do pobre<sup>1297</sup>. Para quem o imperador disse: — ‘Eu te mantenho afastado de todo cargo a fim  
 10 de que não espolies as províncias para entregá-las aos cristãos’. Marcelo respondeu a ele: — ‘Tudo o que eu tenho é teu’<sup>1298</sup>. Ao qual disse César: — ‘Seria meu, se custodiasse isto para mim; pois na

---

<sup>1294</sup> O termo aqui é, provavelmente, a tradução de σοφός, ou ainda de σόφρων, que juntamente com σωφοσύνη são muitas vezes utilizados para descrever o ideal da vida cristã; FICKER. *Die Petrusakten...* – in: *Handbuch...* 1903, *op.cit.*, pp.77; 426. Este uso foi influenciado pela doutrina platônica.

<sup>1295</sup> Os irmãos, obviamente, querem pedir desculpas. Pedro lhes disse antes, humildemente recordando a sua própria culpa. Eles se aproveitam de tal indulgência, e recordam a superação do pecado, e que o melhor deles – Marcelo primeiramente, caiu. Também acrescentam: “Se ele não tivesse mudado, nós também...” Na verdade, é o método que os escritores apócrifos frequentemente praticam onde personificam a comunidade em um homem de alto escalão.

<sup>1296</sup> O serviço às viúvas, órfãos e pobres era um dos deveres de caridade nas comunidades cristãs. Isto repousa em torno de uma ideia comum, *uide* Tg 1,27; Διδαχή, IV,8. – in: *Christian Classic Ethereal Library (on-line)*, *op.cit.*; *Apocalipse de Pedro*, XXX. – in: Harnack (ed.) *Die Mission und Ausbreitung...* *op.cit.*, 1906, vol.I, pp.133ss; *AtsTo* XIX, κτλ. O pensamento expresso aqui mostra que a Igreja acreditava realmente nesse dever; Marcelo abandona Cristo e igualmente abandona esse dever.

<sup>1297</sup> Para *peregrini*, *uide* 3Jo 5. Mas para FICKER. *Die Petrusakten...* – in: *Handbuch...* 1903, *op.cit.*, pp.47ss, este retrato foi emprestado a Marcelo de MANES, (Heresiarca). *Acta Disputationis Archelai Episcopi Mesopotamiæ et Manetis Haeresiarchæ*, III. – in: Martin Routh (ed.). *Reliquiæ sacræ, sive, Auctorum fere jam perditorum secundi tertiiqque sæculi*. vol.V. 2<sup>a</sup>. ed. London: Typis Academicis; Impensis J. Mawman, 1814, vv.36-206; de *Acta Archelai* também há outros detalhes em *AtsPe*. *AtsTo* XIX retrata também a atividade benéfica de Cristo, é muito menos provável que estas expressões reproduzam características muito gerais e comuns.

<sup>1298</sup> É possível que esta palavra seja uma alusão ao uso bastante comum entre os patrícios ricos e livres de fazer doações para o imperador. Augusto, particularmente, adorava os presentes de seus amigos. SUETONIUS. *Augustus*, LXVI.

*autem, quia non sunt mea, cui vis ea donas*<sup>1299</sup> *et hoc nescio quibus infimis.»* Hæc ergo, frater Petre, ante oculos habentes  
 15 *referimus tibi, tantam viri misericordiam in blasphemia translatam. Si enim ille versatus non fuisset, nec nos remoti fuissetus a sancta fide Dei domini nostri. Qui nunc Marcellus furens pœnitetur in benefaciendo, dicens: «Tantam substantiam*<sup>1300</sup> *inpendi tanto tempore, supervacuo credens in Dei*<sup>1301</sup>  
 20 *notitiam me erogare!»* *Usque adeo ut, si quis ad eum de peregrinis accesserit ad januam*<sup>1302</sup> *domus ejus, fuste percutet atque*<sup>1303</sup> *inpingi jubet dicens: «Utinam nec illis inpostoribus tantam pœcuniam erogassem!»* *Sed et plura blasphemando dicit. Sed si qua in te domini nostri misericordia et præcepto-*  
 25 *rum ejus bonitatis permanet, succurras hujus errori, qui tam magno numero in servos Dei*<sup>1304</sup> *ælemosynas*<sup>1305</sup> *fecit. Petrus autem hæc videns, percussus dolore malo*<sup>1306</sup> *dixit: O artes variæ et temptationes diaboli! O machinationes et adinventiones malorum! Qui sibi in die iracundiæ ignem maxi-*  
 30 *mum nutrit, exterminium hominum simplicum, lupus rapax, vorator et dissipator vitæ æternæ! Tu priorem hominem concupiscentia inretisti et pristina nequitia tua*

---

1299 *ms. dona.* VOUAUX corrige.

1300 *ms. Tanta substantia.* VOUAUX corrige.

1301 *ms. Di.*

1302 *ms. inuam.* VOUAUX corrige.

1303 *ms. adque.* VOUAUX corrige.

1304 *ms. serbos.*

1305 PIÑERO corrige para *eleemosynas*; não seguimos.

1306 TURNER propõe: *percussus dolore maledixit.* USENER propõe: *dolore malo* para *dolore magno*, como no cap. XIX. Mas o emprego deste *malus* ou *male* dá-se no sentido de “grande” e é popular, às vezes, encontrado nos mesmos autores, e.g., em Plauto, não seguimos ambos.

realidade, não são minhas, porque dá a quem lhe parece bem e, por isso, eu ignoro aqueles ínfimos<sup>1307</sup>. Pois estas coisas, irmão Pedro, 15 que citamos a ti estão diante dos teus olhos – a tão grande caridade deste homem em blasfêmia transformou-se. Pois, se ele não tivesse mudado, nem nós tínhamos nos afastados da santa fé de Deus, nosso Senhor<sup>1308</sup>. Agora, Marcelo tomado de fúria, arrependido de sua beneficência, diz: — ‘Tanto recurso eu despendi, e quanto tempo 20 gastei, acreditando eu, em vão, poder conhecer a Deus!’<sup>1309</sup> A tal ponto que, se qualquer um dos estrangeiros se aproximar dele na porta de sua casa, ele golpeia com vara e ordena fustigar lhe exclamando: — ‘Quisera eu que não tinha gasto tanto dinheiro para estes impostores!’ E ainda outras blasfêmias diz. Mas se permaneces em ti 25 algo da misericórdia de nosso Senhor<sup>1310</sup>, e da bondade de seus preceitos, ajuda-o a sair do seu erro, que grande número de servos de Deus tantos beneplácitos fez.” E quando Pedro viu essas coisas, ferido de uma dor profunda, disse<sup>1311</sup>: — “Ó artimanhas variadas e tentações do diabo! Ó maquinações e inventos da maldade! Este que alimenta 30 si mesmo para o fogo máximo<sup>1312</sup> no dia da ira<sup>1313</sup>, (mediante) a destruição dos homens simples, lobo trapaceiro<sup>1314</sup>, devorador e destruidor da vida eterna! Tu desviaste o primeiro

---

<sup>1307</sup> Jo 17,10. É um nome de desprezo, muitas vezes usado contra os cristãos acusados de contar em suas fileiras com escravos, libertos e pessoas pequenas. TACITUS. *Annalen*, XV,44, os chama de *flagitia invisos ... sotes e novissima exempla meritos*, detestados por seus crimes, κτλ.

<sup>1308</sup> Segundo VOUAUX. 1922, *op.cit.*, pp.279-80 é provável que seja uma alusão ao fato histórico de que patrícios ricos treinavam toda a sua “casa”, os escravos, funcionários, κτλ, para agirem juntamente consigo quer na sua conversão, quer seja na sua queda.

<sup>1309</sup> A verdadeira fé envolvia, na verdade, a caridade; aqui uma emulação disto. A ideia é semelhante a 3Jo 11; Lc 6,35,36. Esta história mostra o quão forte era a convicção da Igreja que a caridade não existiu ou que foi baseada na fé em Cristo. Na Antiguidade era, muitas vezes, muito mais difícil para os pobres.

<sup>1310</sup> 1Tm 1,16; Lc 6,36.

<sup>1311</sup> O discurso de Pedro sobre a ação maligna no mundo é idêntico a *AtsTo*, XXXII; XLIV.

<sup>1312</sup> Esse pensamento vem de Rm 11,5, por paráfrase. Há um grande elenco de citações nos canônicos falam deste fogo e, depois deles, nos escritores eclesiásticos.

<sup>1313</sup> Rm 2,5; Sf 1,14ss.

<sup>1314</sup> 1Pe 5,8; Mt 7,15; Hb 20,29; At 20,29.

*et corporali vinculo obligasti; tu es fructus arboris amaritudinis totus amarissimus, qui varias concupiscentias  
 35 immittis. Tu Judam condiscipulum et coapostolum meum coëgisti inpie<sup>1315</sup> agere ut traderet dominum nostrum Jesum Christum, qui de te pœnas exigat necesse est. Tu Herodis cor indurasti et Pharaonem inflammasti et coëgisti pugnare contra sanctum servum Dei Moysen, tu Caiſæ<sup>1316</sup> audaciam*

---

<sup>1315</sup> *ms. incipæ.*

<sup>1316</sup> *ms. Caiſe. VOUAUX corrige.*

homem na concupiscência<sup>1317</sup> e com tua primeira iniquidade tens acorrentado a ti num vínculo corporal<sup>1318</sup>; tu és fruto por inteiro da mesmíssima árvore amarga<sup>1319</sup>, que diferentes concupiscências  
 35 introduz. Foi você quem compeliu Judas, meu discípulo e coapóstolo<sup>1320</sup>, a agir de modo ímpio para entregar<sup>1321</sup> nosso Senhor Jesus Cristo, quem te lançará fora para que necessariamente pagues a pena. Tu endureceste o coração de Herodes<sup>1322</sup> e inflamaste e compeliste Faraó<sup>1323</sup> para lutar contra o santo servo de Deus, Moisés.

---

<sup>1317</sup> Parece haver uma alusão que associa o pecado original (primeiro pecado) a um deslize sexual; concepção encratita.

<sup>1318</sup> O corpóreo é criação de Demiurgo (Satanás), na concepção dos gnósticos antigos advindo do platonismo e neoplatonismo, sendo sede das paixões, das corrupções e findando na morte.

<sup>1319</sup> É a perversa consequência da “árvore do bem e do mal”; Gn 3,1-5, com sabor “amargo”. O paradoxo doce-amargo tem um amplo uso, e.g. Hb 12,15; Epiphanius (de Salamina). *Hæres...* *op.cit.*, XXXIV,23.

<sup>1320</sup> Jo 13,12; Lc 22,3.

<sup>1321</sup> Jo 13,2ss; Mc 14,10, Lc 22,47-48.

<sup>1322</sup> Há elenco de “Herodes” (*heb.*: הורדוס - transl. *Hordos*; *gr.* Ἡρῴδης) a quem o autor possa se referir, ambos ligados a eventos citados nos canônicos: (i) Herodes, o Grande, rei da Judéia de 37 a.C a 4 a.C. (inteirado do nascimento de Jesus, promover uma matança de milhares de crianças a fim de matá-lo, Mt 2.16ss); (ii) Herodes Antipas, filho do anterior (acusado por decapitar João Batista a pedido de Herodias, paixão de Jesus e muitos outros crimes); (iii) Herodes Arquelau, filho de Herodes, o Grande (do retorno de Jesus ainda criança do Egito); (iv) Herodes Filipe, filho de Herodes, o Grande; (v) Herodes Agripa I, neto de Herodes, o Grande, rei da Judéia de 37 a 44 d.C; (iv) Herodes Agripa II, filho do anterior. Contrariamente, PIÑERO, 2004. *op.cit.*, p.577, nt.167 atribui todos estes eventos a um único personagem – Herodes, em um lapso de história bíblica.

<sup>1323</sup> A expressão regular do AT, Ex 9,12; 10,1,20-27; 11,10; 14,18; também no NT em Rm 9,18; 11,8 referindo-se a *indurasti cor* onde o tradutor inverte ordem do *gr.* O autor de *AtsPe* atribui a influência demoníaca aquilo que os canônicos dão a Deus ou como menciona Ειρηναῖος (= IRINÆUS, de Lyon). *Adversus Hæreses*, IV,34. – in: Migme (ed.). *P.G.*, 1857, *op.cit.*, t.VII, col.1063, que diz para não confundir o Deus dos judeus com Satanás que segundo o pensamento herege marcionita, serviram-se de que o Deus do AT tinha endurecido o coração de Faraó para negar sua ligação com o Deus de Cristo. Mas, dadas as tendências habituais do autor, é bem possível que ele tenha feito essa inversão, a fim de escapar da acusação de se aliar ao pensamento marcionita. E o resto deve ser atribuído a mudança para uma intenção consciente ou descuido do tradutor, assim podemos explicar o pensamento primitivo do autor, que o

40 *præstitisti, iniquæ*<sup>1324</sup> *multitudini ut dominum nostrum Jesum Christum traderet, et*<sup>1325</sup> *usque adhuc sagittis tuis veneficis*<sup>1326</sup>, *animas innocentes sagittas. Improbe inimice omnium, cata-thema ab ejus*<sup>1327</sup> *ecclesia*<sup>1328</sup> *fili*<sup>1329</sup> *Dei sancti omnipotentis, et tamquam titio*<sup>1330</sup> *de foco ejectus extingueris a servis domini*

---

endurecimento do coração de Faraó é apenas indiretamente a obra de Deus, mas na verdade, é o diabo que faz uma ação afastando. Outra possibilidade é a ideia gnóstica do Demiurgo (Satanás) associando o Deus do AT com um “arconte mau”. VOUAUX. 1992. *op.cit.*, pp.283-4, não vislumbra nenhum traço desta ideia em *AtsPe*, e acha injusto condenar o preconceito por seu autor; lembremos, porém, que a melhores descobertas gnósticas, *e.g. Nag Hammadi*, são bem posteriores a Vouaux. Também o *Livro dos Jubileus*, XLVIII, disse que o príncipe Mastura, isto é, o “diabo”, havia endurecido os corações dos egípcios, no entanto aqui, יהוה (= *Yahvéh*) não é confundido com Satanás.

<sup>1324</sup> *ms. inique.*

<sup>1325</sup> *ms. ei.* LIPSIUS e VOUAUX corrigem.

<sup>1326</sup> *ms. beneficus.* LIPSIUS e VOUAUX corrigem.

<sup>1327</sup> TURNER propõe *eris ab*; não seguimos.

<sup>1328</sup> *ms. æclesia.*

<sup>1329</sup> *ms. fili.*

<sup>1330</sup> *ms. thitzio.* VOUAUX corrige.

40 Tu tens dado a Caifás a audácia a fim de que entregasse nosso Senhor Jesus Cristo a uma multidão iníqua<sup>1331</sup> e desde a muito até agora dispara tuas setas envenenadas contra almas inocentes<sup>1332</sup>. Ímprobo inimigo<sup>1333</sup> de todos – sobre (recaia) a maldição da igreja<sup>1334</sup> do santo Filho de Deus, Todo poderoso<sup>1335</sup>, e assim como um tição<sup>1336</sup> lançado fora<sup>1337</sup> da fogueira, serás exterminado pelos

---

<sup>1331</sup> Jo 18,35; Mt 26, 66-67; 27,2. O autor altera significativamente a história dos Evangelhos, e quem entrega Jesus a Pilatos são os judeus, através de Caifás, sumo sacerdote. ZAHN. *Geschichte des Nestestamentlichen Kanons...*, 1880, *op.cit.*, vol.II, p.851, nt.2, que lembra a menção lucana que associa simultaneamente Caifás e Herodes em Lc 23,7; At 4,17; o que parece correto pensar que o autor tenha um conhecimento mais geral dos Evangelhos, mas não se prende a um texto em particular.

<sup>1332</sup> Ef 4,16.

<sup>1333</sup> Lc 10,19; 1Cor 15,26; Mt 13, 25,39.

<sup>1334</sup> Usado como na Antiguidade dentro da ideia de *fraternitas*.

<sup>1335</sup> Ef 4,16. O autor conhece e, de uma maneira incomum, as mais variadas passagens das Escrituras, e as cita *ad tempora* muitas vezes; este fato é recorrente nas citações Patrísticas; o que seria errado, insistentemente atribuímos importância às diferenças entre os empréstimos e os textos em si.

<sup>1336</sup> Zc 3,2.

<sup>1337</sup> Is 14,12; Ez 28,11-19. Também Am 4,11; BATIFFOL, Pierre Henri; WILTMART, A. *Tractatus Origenis de libris 55 Scripturarum*. Paris: 1900, p.204, κτλ, apontam como uma das marcas do diabo.

45 *nostri Jesu Christi. In te nigritudo tua et in natos tuos, semen  
pessimum, in te convertantur nequitiae tuæ et in te minæ<sup>1338</sup> tuæ  
et in te temptationes tuæ et in angelis tuis, principium mali-  
tiae, tenebrarum abyssus! Quas habes tenebræ tuæ tecum  
sint et cum vasis tuis quæ possides. Discede itaque ab his  
50 qui credituri sunt Deo, discede a servis Christi et illi volenti-*



45 servos do nosso Senhor Jesus Cristo. Que se volte contra ti tua escuridão<sup>1339</sup> e sobre teus filhos, semente de um grande mal<sup>1340</sup>; voltem-se contra ti as tuas maldades e a ameaças, também tuas tentações e os teus anjos<sup>1341</sup>, ó princípio da malícia<sup>1342</sup>, abismo de trevas! Que a tua obscuridade fique contigo<sup>1343</sup> e com os vasos<sup>1344</sup> que 50 possuí. Aparta-te, portanto, dos que hão de crer<sup>1345</sup> em Deus, abandone os servos que desejam servir no exército de Cristo<sup>1346</sup>.

---

<sup>1339</sup> Pela fonte dos canônicos, a obscuridade e as trevas caracterizam a aparência de Satanás, suas obras e sua punição, como de “seus filhos”. FICKER. *Die Petrusakten...* – in: *Handbuch...* 1903, *op.cit.*, p.427, recorda, neste contexto, algumas citações curiosas. No *Pastor* de HERMAS (*gr.*: Ποιμήν του Ερημά; *heb.*: רועה הרמס; ou chamado simplesmente de *O Pastor*), *Similitudes*, IX, 9,5; 13,8, 15,3 os vícios estão vestidos com roupas pretas. Também Ὀριγένης (= Origenes Adamantius), *Commentarii in Joannes*, XXI. – in: *Migme* (ed.). *P.G.*, 1857, *op.cit.*, t.VII, col.1320, Heracleão chama os demônios “filhos do inferno e da escuridão, raça iníqua, serpentes e víboras.” A *Carta de Barnabé*, IV,10; XX,1, o demônio é chamado ὁ μέλας. O *Apocalipse de Pedro*, XXI “como punição” o ambiente é todo negro, as roupas do executado também pretas e demônios o torturam. Aqui em *AtsPe*, AV, XXII o adversário de Pedro é representado por uma Etíope descrita como uma mulher negra muito feia. Há muitas outras citações. Entre os próprios escritos pagãos, há demônios “negros”; *uide* PLINIUS SECUNDUS, Gaius. *Naturalis historia*, II,7: *Dii atri colores*; HORÁCIO. *Odes*, II, 13, 21, 34. Também segundo MÉNARD, René. *La mythologie dans l'art ancien et moderne. suivie d'un appendice sur les origines de la mythologie*. 2<sup>a</sup>. ed. Paris: Librairie Ch. Delagrave, 1880, p.82 um túmulo de Tarquinii, uma pintura da partida um dia após a morte representa duas espécies de demônios, uma branca e outra preta, com esses instrumentos de tortura.

<sup>1340</sup> Is 24,20; 1Jo 3,10.

<sup>1341</sup> Mt 25,41. No livro de *Enoque* (etíope), caps. VI-VIII; XL,7; XX,1 há ideias advindas do judaísmo – via antiga religião persa – zoroastrianismo – de que “anjos” caídos colaboram com Satanás. Tais doutrinas judaicas, especialmente a escatologia, a angelologia e a demonologia advém, ou pelo menos, alcançaram sua maior profundidade devido ao exílio de 586 a.C. pelos persas (depois na era cristã).

<sup>1342</sup> 1Jo 3,8.

<sup>1343</sup> Mt 8,12.

<sup>1344</sup> Rm 9,22. Também *uide*  $\mathfrak{P}^{\text{B-8502}}$  (*Papyrus Berolinensis* 8502), C.137; também aqui AV, II,51.

<sup>1345</sup> Lc 13,27; Mt 7,23. É uma ressalva marcada, sem dúvida, pela pregação daquele tempo, entre o bem e o mal; Mt 25,31-46.

<sup>1346</sup> At 7,43; 2Tm 2,3-4; 1Tm 1,18. Metáfora empregada frequentemente no martírio dos *AtsPl*.

*bus militare. Habeto tu tibi tuas tunicas<sup>1347</sup> tenebrarum; sine causa pulsas aliena ostia, quæ non sunt tua sed Christi Jesu qui ea custodit<sup>1348</sup>. Tu enim, lupe rapax, volens abripere pecora quæ tua non sunt, sed sunt Christi Jesu qui custodit ea diligenter summa cum diligentia.*

IX *Hæc dicente Petro cum magno dolore animi sui, ad-  
jiciebantur bene plures in domino credentes. Rogabant au-  
tem fratres Petrum ut committeret se cum Simone<sup>1349</sup> et non  
pateretur eum diutius sollicitare populum. Sine mora autem  
5 exiliens Petrus de synagoga ibat in domum Marcelli ubi Si-  
mon manebat. Sequebantur autem eum turbæ magnæ. Ut  
autem venit ad januam, vocans ostiarium<sup>1350</sup> dixit ad eum:*

---

<sup>1347</sup> TURNER propõe *januas* (= detenha-te nas portas das trevas); não seguimos.

<sup>1348</sup> *ms. cusdit.* VOUAUX corrige.

<sup>1349</sup> *ms. Simonem.* VOUAUX corrige.

<sup>1350</sup> *ms. hostarium.* LIPSIUS corrige.

Mantenha-te a ti mesmo sob as túnicas das tuas trevas. Sem razão alguma tens batido nas portas<sup>1351</sup> alheias, que não são tuas, mas que Jesus Cristo as guarda. Tu, porém, lobo voraz, querendo arrebatara as ovelhas, as quais não são tuas, mas pertencem<sup>1352</sup> a Cristo Jesus que 55 as guarda com grande zelo e diligência<sup>1353</sup>.”

## IX – O cão falante

Pedro dizendo estas palavras, com a grande tristeza de sua alma, um número muito maior de pessoas eram acrescentadas crendo no Senhor<sup>1354</sup>. Pois, rogavam os irmãos a Pedro a fim de que lutasse com Simão e o povo não sofresse mais perturbações dele. Então Pedro, 5 deixando o grupo reunido<sup>1355</sup> sem mais demora, foi até a casa de Marcelo, onde Simão se hospedava. E grandes multidões o seguiam<sup>1356</sup>. Logo que ele chegou na porta, chamando o porteiro

---

<sup>1351</sup> Ap. 3,20.

<sup>1352</sup> Paráfrase de Jo 10,12-14; a terminologia é semelhante, mas quanto ao pensamento muda. Este é um exemplar particular da forma de escrever do autor. Além disso, a metáfora do pastor, empregado em outras partes do NT é também repetida pelos escritores eclesiásticos, e serviu como base para ampla iconografia, artes, hinologia, κτλ, cristãs.

<sup>1353</sup> At 13,10; *AtsJo* LXXXIV. O autor dos *AtsPe* não criou qualquer peça deste discurso contra Satanás. Porém, ele dificilmente usaria como fez no última terça parte, onde foi bastante original, senão nos detalhes que forneceram-lhe a doutrina e pregação de seu tempo. Foi imitado por sua vez, pelo autor de *AtsTo*, XXXII segundo BONNET. – in: *Acta Apostolorum Apocrypha*, 1891, *op.cit.*, vol.II. p.148. Também por MANES. *Acta Archelai*, XXXIII. – in: Routh (ed.) *Reliquiae sacræ...* 1814, *op.cit.*, t.V, pp.122ss. E também que de um *frg.* curioso (!) que LIPSIUS publicou em *Acta apostolorum apocrypha...* 1891, *op.cit.*, pp.233ss, com análise e tradução de uma parte.

<sup>1354</sup> At 2,47. Está relacionada provavelmente àqueles dos cristãos caídos que não estavam entre os *pænitentes*, cap. VIII, cujo discurso anterior pode ter influenciado na conversão. Percebe-se como o restante das linhas é difícil; elas repetem os discursos anteriores. Obviamente, a mente do autor deseja enfatizar o número de retornos a fé.

<sup>1355</sup> Termo já mencionado anteriormente referindo-se à casa de Narciso; *synagoga* (= assembleia ou sinagoga) parece melhor traduzido aqui como “ponto de encontro de um grupo”.

<sup>1356</sup> Mt 4,25, paralelos.

- Vade, dic Simoni: «Petrus, propter quem fugisti da Judæa, sustinet ta ad januam.» Respondens ostiarius<sup>1357</sup> dixit Petro:
- 10 An tu sis, Petrus ignoro, domine. Præceptum autem habeo: recognovit enim te hesterna<sup>1358</sup> die introisse in urbem, dixit mihi: «Sive interdus<sup>1359</sup> sive noctu atque hora qua<sup>1360</sup> venerit, dic quoniam non sum intus.» Petrus autem ad juvenem dixit: Tu quidem bene dixisti, quia hæc renuntiasti coactus ab eo.
- 15 Et conversus Petrus ad populum sequentem se dixit: Magnum at mirabile monstrum<sup>1361</sup> visuri estis. Et respiciens Petrus canem magnum catena grandi<sup>1362</sup> ligatum, accedens solvit eum. Canis autem solutus, vocem humanam accipiens dixit ad Petrum: Quid me jubes facere, servus inenarrabilis Dei vivi?
- 20 Cui Petrus dixit: Intra et dic Simoni in medio conventu suo: «Dicit tibi Petrus: procede in publicum: tui enim causa Romæ veni, inprobe et sollicitator animarum simplicium.»

---

<sup>1357</sup> ms hostiarius. id.

<sup>1358</sup> ms. externa. VOUAUX corrige.

<sup>1359</sup> PIÑERO propõe *interdiu*; não seguimos. Desnecessário porque *interdius* no ms. é uma forma arcaica de *interdiu*, embora pouco usual.

<sup>1360</sup> TURNER propõe *quamcumque hora*; não seguimos. ms. *adque hora quæ*. VOUAUX corrige.

<sup>1361</sup> ms. *mirabilem nostrum*. LIPSIUS e VOUAUX corrigem.

<sup>1362</sup> ms. *grande*.

- disse-lhe: — “Vai, diz a Simão: Pedro, de quem fugiste na Judeia<sup>1363</sup>, detém-se junto a porta.” Em resposta, o porteiro disse a Pedro:
- 10 — “Meu senhor, se tu és Pedro, eu isso não sei. Mas tenho uma ordem: ele reconheceu-te, no dia anterior, entrando na cidade<sup>1364</sup>, e disse a mim: — ‘Quer se trate de dia ou seja noite, a qualquer hora que ele venha, diga que eu não estou em casa’.” Então, Pedro replicou ao jovem: — “Tu certamente disseste bem, posto que me relataste estas
- 15 coisas coagido por ele.” E Pedro, voltando-se para o povo que o seguia, falou: — “Vós haveis de ver um grande e admirável feito sobrenatural<sup>1365</sup>.” E Pedro notando um grande cão preso a uma longa corrente<sup>1366</sup>, aproximando-se, soltou-o. O cão, no entanto, quando livre, aproximando de Pedro, disse com voz humana: — “O que me
- 20 ordenarás fazer, servo do inefável Deus vivo?” Pedro respondeu-lhe: — “Entra e diga a Simão no meio daqueles que o rodeiam: — ‘Pedro te disse: apareça em público, pois por tua causa vim a Roma, infame e sedutor das almas dos

---

<sup>1363</sup> *uide* nt.1115, do cap. V.

<sup>1364</sup> O guarda-portas disse basicamente: “Se tu és Pedro, eu isso eu não sei, aliás eu nunca te vi, mas acredito que o que você me diz” e acrescenta: *te hesterna*.... Não parece contradição, mas um empréstimo vernacular. E quanto a chegada Pedro? *uide* cap. VII: *fama pervolavit in urbem*; o que não parece fruto de adivinhação.

<sup>1365</sup> Lc 5,26. É um encadeamento miraculoso progressivo que culmina em ressurreições, cujo propósito seria o “fortalecimento da fé”. O autor atribui especial importância para a história que se segue, e Pedro chama a atenção dos ouvintes para o próximo milagre (fim propagandístico). Isto retrata corretamente o pensamento teológico popular do séc. II, datação que defendemos aqui – a incompreensibilidade do divino, como FICKER. *Die Petrusakten*... – in: *Handbuch*... 1903, *op.cit.*, pp.427ss recorda. Na literatura da época, em geral, há muitos acontecimentos espetaculares: em Λουκιανὸς ὁ Σαμοσατεύς (*lat.* Lucianus Samosatensis; de Samósata), na *Vita Apollonii Tyanei* de Philostratus, κτλ, e muitos outros taumaturgos cristãos e pagãos.

<sup>1366</sup> Não deve ser traduzido: “(...) uma grande cadeia (ou corrente)”, mas longa. Este é um cão de guarda – κύων πύλωρος, cuja primeira menção aparece em HOMERO. *Iliada*, XXII, vers.68-9 – in: Carlos Alberto Nunes (trad.). 6ª. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996, p.332: “(... 68) hão de arrastar-me ante os muros altivos os cães voradores, (69) que à minha mesa criei para guarda do belo palácio.” *cf* lembra VOUAUX. 1922, *op.cit.*, p.289, nt.7, também como ο κύων πύλωρος, tão frequente nas casas greco-romanas; normalmente enorme e feroz; há relatos tenha sido, muitas vezes, colocado em uma espécie de vestíbulo – προθύρα, antes da porta externa da casa.

*Et loco*<sup>1367</sup> *currens canis introivit et inpetum faciens in medio eorum qui Simoni aderant, et erigens priores pedes voce maxima usus est et dixit: Tu Simon, dicit tibi Petrus Christi servus ad januam*<sup>1368</sup> *stans: «Procede in publico; propter te enim Romæ veni, improbissime*<sup>1369</sup> *et seductor animarum simplicum.» Audiens enim hæc Simon et respiciens incredibilem visum, excidit a verbis quibus seducebat circumstantes, omnium stupentium.*

---

<sup>1367</sup> Mantemos *loco* (*ms.*), embora seja de uso incomum como advérbio.

PIÑERO propõe no lugar *ilico*; não seguimos.

<sup>1368</sup> *ms. janua.* VOUAUX corrige.

<sup>1369</sup> *ms. improvisissime.* VOUAUX corrige.

simples’.<sup>1370</sup> O cão pôs-se a correr no local e entrou de ímpeto em meio aos que eram de Simão, levantou as patas dianteiras<sup>1371</sup>, e tendo usado a máxima voz declarou: — “Tu Simão, diz a ti Pedro, servo de Cristo posto junto a porta: Mostre-se em público, porque por tua causa vim a Roma, ‘maligníssimo’<sup>1372</sup> e sedutor de mentes inocentes.” Simão, pois ouvindo estas coisas e vendo este inacreditável<sup>1373</sup> espetáculo<sup>1374</sup>, sumiu-lhe o discurso com o qual seduzia os 30 circunstantes, e todos ficaram estupefatos.

---

<sup>1370</sup> 1Tm 3,13.

<sup>1371</sup> Esse detalhe é singular – o cão tem um comportamento humano.

<sup>1372</sup> Este cão vai além, exagera no seu zelo, ao dar o recado aplicando palavras superlativas: *improbissime*.

<sup>1373</sup> At 8,13.

<sup>1374</sup> 2Pe 2,15-16. Animais falantes da literatura petrina têm o seu protótipo no jumento de Balaão, Nm 22,28. Mas este tipo de milagre não é particularmente semita, mas pertence à literatura popular em geral. Parece estar em voga no séc. II, e.g.: (i) o galo em Λουκιανὸς ὁ Σαμοσατεύς (*lat.* Lucianus Samosatensis; de Samósata) na paródia Ὅνειρος ἢ Ἀλεκτριών, Pss; (ii) o potro em AtsTo, XL, BONNET. *Acta Apostolorum Apocrypha...*, 1891, *op.cit.*, vol.II, p.158; (iii) o leopardo em AtsFi, XCVI; *id. ibid.*, p.37; a leoa em AtsXaPoRe, XXX. – in: JAMES, Montague Rhode (ed.). *Acta Xanthippæ et Pollyxenæ. Texts and studies*. Oxford: Clarendon Press, 1924<sup>B</sup>, t.II, fasc. 3, pp.79ss; (iv) o camelo em *Narratio Zosimi*; *id. ibid.*, p.106; (v) ou ainda o leão falante que foi batizado em AtsPI, apêndice 4, cuja lenda curiosa, tem como prova de sua popularidade a arte utilizada em um sarcófago na catedral de Mantova, Lombardia, Itália, segundo GARRUCCI, Raffaele. *Storia dell'Arte cristiana nei primi otto secoli*. vol.II. Prato: 1873-1881, CCCXX; também em na cripta S. Giovanni, em Valle, Verona, Itália, *id. ibid.*, vol.I, CCCXXXIII; e em outros locais. PHILASTRIUS, bispo de Brescia no seu catálogo de heresias *Diversarum Hæreseon Liber* (ou *De Hæresibus*), LXXXVIII. – in: Migme (ed.) P.G. 1857, t.XII, col.1200, que censura os maniqueístas e outros hereges concluíram que a falam destes animais como semelhantes aos humanos: *quibus (actibus apocryphis) quia signa fecerunt (apostoli) magna et prodigia, ut et pecudes et canes et bestiae loquerentur, etiam et animas tales velut canum et pecudum similes imputaverunt esse hæretici perditii*. — Devido ao abuso deste uso teratológico os apócrifos ganharam origem maniqueísta, como tentou provar DUFOURCQ, Albert. (Étude sur) *Les Gesta martyrum romains*. t.I. Paris: 1900, pp.324; 327ss. Não seguimos este conceito, porque tudo o que sabemos da doutrina petrina, de AtsPe em particular, se opõe a essa ideia.

- X *Marcellus autem hoc viso exivit ad januam projiciens  
se ad pedes Petri et dixit: Petre, amplector pedes tuos, sancte  
Dei sancti servus, multa peccavi: ut non exequaris peccata  
mea, si qua est in te Christi vera fides quem tu prædicas, si*  
5 *præceptorum ejus memor es, neminem odire, nemini esse  
malum<sup>1375</sup>, sicut didici a Paulo coapostolo tuo: ne in animo  
inducas delictorum meorum, sed ora<sup>1376</sup> pro me dominum,  
sanctum Dei filium, quem ego ad iracundiam perduxì, quo-  
niam servos ejus persecutus sum. Roga ergo pro me tam-*  
10 *quam bonus procurator Dei, non me tradi<sup>1377</sup> cum peccatis  
Simonis igni æterno, qui me tantum suasit ut statuam illi  
ponerem, suscriptione<sup>1378</sup> tali: «Simoni juveni Deo.» Si scirem,*

---

1375 *ms. malus. VOUAUX corrige.*

1376 *ms. hora.*

1377 *ms. tradidi. LIPSIUS E VOUAUX corrigem.*

1378 *ms. suscriptioni. VOUAUX corrige.*



## X – A conversão do senador Marcelo

Marcelo porém, vendo isso, saiu até a porta, lançando-se aos pés de Pedro, disse: — “Pedro, eu abraço teus pés<sup>1379</sup>, servo santo do Deus santo, pequei em muitas coisas. Não castigues os meus pecados, se há em ti a verdadeira fé de Cristo a quem tu pregas; se te lembrares dos  
5 seus preceitos: a ninguém odiar, a ninguém agir com dolo<sup>1380</sup>, como do mesmo modo eu aprendi com Paulo, teu coapóstolo<sup>1381</sup>. Não encraves na minha alma os meus delitos<sup>1382</sup>, mas ore em meu favor ao Senhor, santo Filho de Deus, a quem eu provoquei a ira<sup>1383</sup>, porque sou um perseguidor dos seus servos<sup>1384</sup>. Roga agora a meu favor como  
10 um bom advogado<sup>1385</sup> junto a Deus para que não eu seja entregue ao fogo eterno com os pecados de Simão, que tanto me persuadiu a fim de que erigisse uma estátua dele, com tal epígrafe: ‘Simão, o jovem deus’<sup>1386</sup>. Se eu tivesse ciência, Pedro, de que te

---

<sup>1379</sup> Lc 7,38.

<sup>1380</sup> Mt 5,44; Jo 2, 9ss; Lc 6,27ss.

<sup>1381</sup> Rm 12,17ss; 1Ts 5,15. Segundo FICKER. *Die Petrusakten... – in: Handbuch...* 1903, *op.cit.*, p.431, dentro da sua tese da interpolação, esta expressão pode ser facilmente cortada. Mas, embora seja possível que não pertença à obra original, eles mostram que, pelo menos no cap.V,29-30, não podemos deixar pensar, de alguma maneira, na ligação estabelecida popularmente entre Paulo e Simão.

<sup>1382</sup> SI 78,8 da *Vulg.* A expressão: *ne in animo inducas = ne animadvertas*; VOUAUX, 1922, *op.cit.*, p.292. Marcelo analisa sua ruína espiritual, como pecados contra a caridade, quais foram as consequências, com destaque especial a menção do último. Esta ideia do sécs. II-III associa a importância do descanso verdadeiro ligada aos deveres de caridade.

<sup>1383</sup> Rm 9,22; Ef 4,31, 1Ts 5,9.

<sup>1384</sup> *perseculus sum*; expressão paulina muito forte; Fp 3,6; 1Tm 1,13.

<sup>1385</sup> 1Jo 1,21.

<sup>1386</sup> *Simoni juveni Deo* é, provavelmente, a tradução de Σίμωνι νεῶ θεῶ. Nos *AtsTo*, LXIX, Segundo BONNET. *Acta Apostolorum Apocrypha*, 1891, *op.cit.*, t.II, vol.II. p.186, o próprio Cristo é chamado de νεός θεός. DE ROSSI, Giovanni Battista. *Bullettino di archeologia cristiana*. 4ª. Serie. t.I. Rome: 1882, pp.107ss, diz que “teria sido uma fórmula comum na epigrafia e na numismática grega, usada quando estavam representados na forma de uma divindade.” Em JUSTINUS Augustus, Flavius, *I Apologia*, XXVI,2. – in: Migme (ed.). *P.G.*, 1857, *op.cit.*, t.VI, col.368, é o primeiro a fazer menção desta estátua de Simão. Ele foi a Roma em tempos do imperador Claudio, que pergunta a ele se percebeu que teria passado por um Deus, que no senado as pessoas teriam dedicado uma estátua com a inscrição: Σίμωνι νεῶ σαγκτῶ e estava colocada ilha de Tiberina,

*Petre, [[te<sup>1387</sup>]] pecunia suaderi, omnem darem substantiam meam; contemnens dedissem tibi, ut animam meam lucrarem.*  
 15 *Si filii<sup>1388</sup> mihi essent, pro nihilo duxissem, tantum in domino vivo crederem. Confiteor autem quoniam me non seduxisset, nisi quod Dei virtutem se esse dicebat. Et tamen referam tibi, dulcissime Petre: non dignus eram audire te, servus Dei, neque constabilitus eram in fide Dei quæ est in Christo:*  
 20 *propterea scandalizatus sum. Peto itaque ne indigne feras quod dicturus sum. Christum dominum nostrum quem tu prædicas in veritate, coapostolis tuis coram te dicens: «Si habueritis fidem sicut granum sinapis; dicetis<sup>1389</sup> monti huic: transfer te et continuo se transferet.» Te autem Petrum hic*  
 25 *Simon infidelem dixit, in aquas dubitantem. Audivi enim et hoc eum dixisse: «Qui mecum sunt, non me intellexerunt.» Ergo si vos, quibus et manus inposuit, quos et elegit, cum*

---

no Tibre, próximo ao Capitólio, entre as duas pontes. — Mas aquilo que parecia bem estabelecido em Flavius Justinus, resulta, provavelmente, de um erro, pois em 1574 na Ilha do Tibre, foi encontrado um pedestal, agora mantido no Vaticano, na Galleria lapidaria onde se encontra a seguinte inscrição: *Semoni Sanco Deo Filio Sacrum* (= dedicado a Semo Sanco, Deus fiel), uma antiga divindade sabina e Justinus poderia ter se enganado pela semelhança dos nomes. Todas as referências posteriores em Irinæus, Tertulianus, pseudo-Clementinas estão relacionados de alguma forma, com a menção de Justinus. Por outro lado, VOUAUX, 1922, *op.cit.*, pp.292-4 nos dá um rol de estátuas dedicadas a outros homens: MARTIALIS, Marcus Valeri. *Epigrammaton*, IX,68; SENECA, Lucius Annaeus. *De beneficiis*, V,8; IUVENALIS, Decimus Iunius. VII,126; *uide* também inúmeros testemunhos em TERTULIANUS, Quintus Septimus Florens, *Apologeticum*, XLVI. — *in*: Migme (ed.). *P.L.*, 1841, *op.cit.*, t.I, col.502 e em EUSEBIUS, *H. E.*, II, 13. — *in*: Migme (ed.). *P.G.*, 1857, *op.cit.*, t.XX, col.168. — Em um relato parafraseado da paixão de Pedro e Paulo, posterior a *Ps-Marcellus*, publicado por LIPSIUS. *Acta Apostolorum Apocrypha...* 1891, *op.cit.*, t.I, pp.223ss, no cap.III, Nero manda fazer uma estátua de Simão; no cap.V, faz uma segunda representação do mágico com duas figuras, e parece que ambas são feitas imediatamente.

<sup>1387</sup> O *ms.* não contém [[*te*]], possivelmente devido letra excluída pelo escriba do manuscrito (ou corretor tardio). LIPSIUS insere.

<sup>1388</sup> *ms. fili.* VOUAUX corrige.

<sup>1389</sup> *ms. dicitis.*

persuades com dinheiro, te daria toda a minha fortuna<sup>1390</sup>; desprezando-a se desse a ti, a fim de ganhar a minha alma. Se tivesse 15 filhos meus, em nada os estimaria, acima de crer no Deus vivo<sup>1391</sup>. Mas confesso que jamais teria me seduzido, se tivesse dito que era a ‘força de Deus’. E ainda ver-me ante ti, dulcíssimo Pedro, pois não era digno de ouvir-te, servo de Deus, nem estava confirmado na fé de Deus, a qual está em Cristo, por esta razão sou objeto de escândalo.

20 Então peço, que não te indignes com o que vou dizer-te. Cristo, nosso Senhor, a quem tu pregas<sup>1392</sup>, na verdade, dizendo face a face aos teus coapóstolos: — ‘Se tiverdes fé como um grão de mostarda, direis a esta montanha: move-te e sem demora se transportará.’<sup>1393</sup> Porém, Simão mesmo lembrou de ti Pedro, que foste infiel, quando duvidou 25 sobre as águas<sup>1394</sup>. De fato, eu ouvi dizer que (Cristo)<sup>1395</sup> também tinha dito: — ‘Os que comigo estão, não me entenderam’<sup>1396</sup>. Se vós, portanto, a quem ele impôs as

---

<sup>1390</sup> Mt 16,26; Mc 8,36; Ct 8,7.

<sup>1391</sup> Lc 14,26; Mt 10,37.

<sup>1392</sup> 1Tm 1,7.

<sup>1393</sup> Mc 9,23; Lc 17,6; Mt17,20, 21,21. O autor reproduz muito proximoamente do *gr.* e do *lat.* da *Vulg.*

<sup>1394</sup> Alusão a Mt 14,30ss; SCHMIDT. *Die alten Petrusakten*, 1903, *op.cit.*, pp.86ss, acredita que se trata de uma interpolação. No entanto, é verdade que se quer saber como o mago poderia fazer menção de Pedro, e, se o fez, por que ele citou estas palavras. Além disso, o autor, obviamente, tem em mente Mt 14,31 onde o próprio Jesus censura Pedro por sua fé e hesitação. E, de fato, entre as duas propostas cujo sujeito é Cristo, esta frase de Simão é interposta uma maneira muito estranha – seguimos Schmid na tese da interpolação.

<sup>1395</sup> Segundo ZAHN. *Geschichte des Nestestamentlichen Kanons...*, 1880, *op.cit.*, vol.II, p.852, nt.3, ele “ouve a palavra de um ensinamento oral de Paulo”; que segue a leitura de SCHMIDT quando diz a frase tem elegância, mas isso não tem importância. Parece claro que o autor realmente refere-se a esta frase como “a palavra de Cristo”; *eum*, entenda-se por “Cristo”, como evidenciado pelo raciocínio de Marcelo que segue o λογίον.

<sup>1396</sup> Este λογίον advém de uma fonte extracanônica? Seria um ἄγραφον derivado Jo 1,10-11 parafraseado bem ao estilo do autor (possivelmente de Jo 6,64)? De outra forma, é bem possível que este ἄγραφον pertença aos λόγια κυρίου. Pode-se também considerar que seja um empréstimo de Is 1,3, se a palavra não foi definido explicitamente na boca de Jesus (*vide* nt. anterior sobre *eum*). Também não seria forçoso admitir o empréstimo de Mc 8,33; 14,14; Mt 16,23. — Citações recentes levam-nos o verdadeiro sentido deste λογίον que, ao que parece, o autor aceita como autêntico: os apóstolos não sabiam tudo do Cristo, porque ao mesmo tempo é humano-divino, e como tal, incompreensível;

quibus et mirabilia fecit, dubitabatis, habens ergo hoc testi-  
 monium pœniteor, et ad prœces tuas confugio. Suscipias  
 30 animam meam, lapsus<sup>1397</sup> a domino nostro et a repromissione  
 ipsius. Sed credo, quia miserebitur mihi penitenti. Fidelis  
 enim est omnipotens, remittere mihi peccata. Petrus autem  
 dixit voce magna: Tibi, domine noster, gloria et claritudo,  
 Deus omnipotens, pater domini nostri Jesu Christi. Tibi laus  
 35 et gloria et honor in sæcula sæculorum. Amen. Quoniam et  
 nos nunc in pleno; confortasti et constabilisti in te sub oculis  
 omnium videntium, domine sancte, confirma Marcellum et  
 mitte pacem tuam in eum et domum illius hodie; quidquid  
 autem periit aut errat<sup>1398</sup>, tu solus convertere potes universos.  
 40 Te depræcamur, domine pastor ovium dissipatarum olim,

---

e *Deus numinis inenarrabilis* (cap.II) e *Deus inenarrabilis* (cap.IX). Não se deve  
 ver aqui a ideia gnóstica de que o ensino dos apóstolos deve necessariamente ser  
 completado, ou mesmo corrigido por um ensinamento secreto, ou ainda como os  
 montanistas defenderam que as doutrinas do NT são imperfeitas – a única  
 revelação ideal é o Παράκλητος.

<sup>1397</sup> ms. *lapsus*.

<sup>1398</sup> LIPSIUS. *Acta Apostolorum Apocrypha...* 1891, *op.cit.*, t.I, p.58 propõe:  
*peccat* vez para ms. *errat*. Esta mudança é desnecessária, pois existe uma imagem  
 bem conhecida, e está fortemente ligada – a das “ovelhas dispersas”, utilizada  
*infra*.

mãos<sup>1399</sup>, a quem ele elegeu<sup>1400</sup>, ante quem maravilhas fez<sup>1401</sup>, duvidáveis<sup>1402</sup>, eu tendo este testemunho me penitencio e em tuas preces me refúgio<sup>1403</sup>. Aceites a minha alma, mesmo caído (da graça) 30 do nosso Senhor e da sua promessa<sup>1404</sup>. Mas creio porque será misericordioso com a minha penitência<sup>1405</sup>. Pois é fiel e onipotente para perdoar os meus pecados<sup>1406</sup>.” Porém disse Pedro em grande voz: — “A ti, nosso Senhor, glória e esplendor, Deus Todo-Poderoso, pai de nosso Senhor Jesus Cristo. A ti seja o louvor, a glória e a honra 35 pelos séculos dos séculos<sup>1407</sup>. Amém. Posto que agora nos tem confortado plenamente e nos fortalecido<sup>1408</sup> em ti sob o olhar de todos os que veem, santo Senhor, confirma Marcelo e envia a tua paz sobre ele e sobre a casa<sup>1409</sup> dele hoje; sobretudo o que perdeu-se ou está vagando, só tu podes converter a todos. Pedimos-te, Senhor, pastor 40 das ovelhas<sup>1410</sup> que se dissiparam em outro tempo,

---

<sup>1399</sup> Os escritos canônicos não mencionam nada sobre isso, exceto Lc 14,50, que trata apenas uma bênção simples. Esta é provavelmente uma alusão a At 2,2ss, sobre a descida do Espírito Santo sobre os apóstolos e discípulos, cuja promessa encontra-se At 1,8. Também pode ser uma analogia as ordenações diaconais, presbiterais e episcopais, por parte dos apóstolos, sobretudo nas epístolas paulinas.

<sup>1400</sup> Jo 6,70.

<sup>1401</sup> Jo 6,71; Mt 10,1; Lc 6,13.

<sup>1402</sup> Mt 14,31; 28,17.

<sup>1403</sup> 1Pe 3,12.

<sup>1404</sup> 2Pe 3,9; Hb 11,13; At 2,39.

<sup>1405</sup> 1Tm 1,13,16.

<sup>1406</sup> 2Ts 3,3; 1Jo 1,9.

<sup>1407</sup> Essas três palavras são unidas nos escritos canônicos em 1Pe 1,7. O autor usa frequentemente as duas epístolas de Pedro. A história desta doxologia nos primeiros séculos é um tanto incerta.

<sup>1408</sup> Cl 1,11,23.

<sup>1409</sup> Lc 10,5ss.

<sup>1410</sup> Imagem plástica vinda de Jo 10,11ss que, de um lado, remete a aspectos culturais mais antigos da sociedade agropastoril hebraica pré-exílica, conforme Sl 23; Ez 34,5-8, e cuja arte paleocristã a funde também a partir a cultura e filosofia greco-romana, e.g. o mito de Ἑρμῆς Κριοφόρος (= Hermes Kriophoros, que carrega o cordeiro), esculpido no séc. V a.C., ou Orfeu com o cordeiro, μωσχοφόρος (= Mercúrio Kriophoros, Atenas, séc. V a.C.) com o vitelo votivo nos ombros, κτλ. Poderia ser também uma resposta irônica a Simão, o mago, que chamava sua seguidora Helena de “ovelha perdida”, cf Εἰρηναῖος (= IRINÆUS, de Lyon). *Adversus Hæreses*, I,24,2, – in: Migme (ed.). *P.G.*, 1857, *op.cit.*, t.VII,

*nunc autem per te coadunabuntur. Sic et Marcellum tamquam unam de ovis tuis suscipias, et non patiaris jam in errore aut in ignorantia<sup>1411</sup> diutius bacchari<sup>1412</sup>; sed recipias in numero ovium tuarum. Etiam, domine, suscipe eum, cum dolore et  
45 cum lacrimis rogantem te.*

XI *Hæc dicente Petro et amplectente<sup>1413</sup> Marcellum, convertit se Petrus ad turbam quæ illi adstabat, et vidit quendam in turba subridentem, in quo erat dæmonium nequissimum. Ad quem Petrus dixit: Quicumque es qui risisti,*

---

col.1023. — O uso desta imagem é simbuléutico (*gr.* συμβουλεύομαι, voz med. = deliberar conjuntamente, aconselhar), cujo propósito é mover o leitor a uma ação segundo BERGER, Klaus. *As formas literárias do Novo Testamento*. São Paulo: Loyola, 1998, p.21.

<sup>1411</sup> *ms. ignorantiam.*

<sup>1412</sup> *ms. baccari.*

<sup>1413</sup> *ms. amplectentem.*

mas agora por ti serão ajuntadas. De tal modo, aceita Marcelo como um dos teus cordeirinhos, e que ele não padeça mais no erro ou continuamente no delírio da ignorância<sup>1414</sup>, mas acolhe-o na multidão das ovelhas tuas. Sim, Senhor, recebe-o, pelo que te roga com angústia 45 e lágrimas<sup>1415</sup>.”

## XI – A estátua de César é quebrada em um exorcismo

Pronunciando estas palavras e abraçando Marcelo, Pedro virou-se para a multidão que estava junto a ele e viu nela uma determinada pessoa que estava sorrindo<sup>1416</sup>, na qual havia um demônio muito lascivo<sup>1417</sup>. A quem Pedro falou: — “Quem quer que seja que riu,

---

<sup>1414</sup> 1Pe 2,15; 2Pe 2,12; Ef 4,18, κτλ.

<sup>1415</sup> O perdão de Marcelo é completo; segue a tese do autor ao longo da primeira parte de *AtsPe*: Deus é misericordioso para com o pecador que se arrepende (arrepentimento é necessário), este deve ser sincero. Marcelo, no próximo capítulo será testado.

<sup>1416</sup> Alusão a Lc 6,25. A cena desenhada é patética: um homem sorrindo possuído por um demônio.

<sup>1417</sup> At 19,16; desta o autor empresta os detalhes da violência do jovem. Há uma semelhança com Philostratus, na *Vita Apollonii Tyanei*, IV, 20, cujo jovem endemoniado também sorriu. Ἀπολλώνιος ordenou que o demônio dentro dele saísse, mas gritava como um torturado, então proclama que ele quer derrubar a estátua colocada, na corte real (correspondente ao átrio dos romanos). E, na verdade, a estátua caiu e o jovem despertou como de um sono profundo. Como observou FICKER. *Die Petrusakten... – in: Handbuch...* 1903, *op.cit.*, p.434, não devemos concluir a partir da semelhança com a narrativa de Filóstrato que haja dependência direta entre os dois textos. De qualquer forma, esta é uma daquelas histórias que corriam na boca do povo, porque o assunto já goza de circulação e os dois autores usaram. — Sabemos que Filóstrato e seus traços é emprestado pelos cristãos, igualmente quando se tem o sábio de Tiana como arquétipo mítico de Paulo de Tarso; também Ἀπολλώνιος ὁ Τυανεύς (= *lat.* Apollonius Tyan(a)eus) lembra a figura de um “salvador” *cf* MEIER, John Paul. *A Marginal Jew: Rethinking the Historical Jesus*. vol.II. *The Roots of the Problem and the Person*. 1ª. ed. New York: Doubleday, 1991, pp.576-81. Há uma interessante abordagem destes aspectos na tese de CORNELLI, Gabriele. *Sábios, Filósofos, Profetas ou Magos? Equivocidade na recepção das figuras de ‘thēioi ándres’ na literatura helenística: a magia incômoda de Apolônio de Tiana e Jesus de Nazaré*. Tese de doutoramento (Ciências da Religião). São Bernardo do Campo: UESP, 2001.

- 5 *ostende te in palam omnibus adstantibus. Hoc audito juvenis inpetum fecit in atrio domus, et voce magna clamans et inpingens se in parietem dixit: Petre, magna contentio<sup>1418</sup> est inter Simonem et canem, quem misisti; qui dicit Simon cani: «Nega me hic esse.» Ad quem plura dicit canis quam quæ<sup>1419</sup>*
- 10 *mandasti ei. Et postquam perfecerit mysterium<sup>1420</sup> quod illi præcepisti, ante pedes tuos morietur. Petrus autem dixit: Et tu itaque, quicumque es dæmon, in nomine domini nostri Jesu Christi exi a juvene, nihil nocens eum; ostende te omnibus adstantibus. Hoc audito juvenis expulit se<sup>1421</sup>, et statuat*
- 15 *magnam marmoream, quae in atrio domus posita erat adpræhendens, eam calcibus comminuit. Erat enim statua Cæsaris.*

---

<sup>1418</sup> *ms. contio*; LIPSIUS e VOUAUX substituem para *contentio*, também poderia manter a o termo original, entendido como um “discurso, sermão”. PIÑERO discorda. Preferimos LIPSIUS e VOUAUX.

<sup>1419</sup> *ms. que.*

<sup>1420</sup> PIÑERO propõe *ministerium*; não seguimos.

<sup>1421</sup> *ms. hoc audito juvenis expulit se* (ref. a *dæmon*); TURNER propõe *Hoc audito innuenis expulit se*; não seguimos.



- 5 mostre-se abertamente a todos que aqui assistem.” Ouvindo isto, um jovem se precipita impetuosamente<sup>1422</sup> no saguão da casa, clamando em alta voz e arremetendo-se contra a parede disse: — “Pedro, há uma intensa contenda<sup>1423</sup> entre Simão e cão, o qual envias-te. Simão diz ao cão e vice-versa: — ‘Negue que eu estou neste lugar’<sup>1424</sup>; e o cão lhe
- 10 responde mais coisas do que tu mandaste a ele<sup>1425</sup>. Depois de findo o mistério<sup>1426</sup> que tens imposto a este, ante os teus pés será morto.”<sup>1427</sup> Mas Pedro disse: — “Pelo que, tu demônio, quem quer que seja, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo, saia deste jovem, sem fazer-lhe nenhum mal<sup>1428</sup> e assim revele-se a todos os que presenciam”.
- 15 Ouvindo isto o jovem, expeliu-se (o demônio) e arrastando uma grande estátua de mármore<sup>1429</sup>, a qual estava colocada no átrio da casa, quebrava aos pedaços com chutes. No entanto, era uma estátua de

---

<sup>1422</sup> Outros exemplos de manifestações demoníacas violentas são Lv 4,35; At 19,16; Mc 5,4ss.

<sup>1423</sup> O autor, na sua teologia, atribui o poder sobrenatural do demônio, que fala, é dado o poder de ver numa sala o que é invisível aos outros (Simão e o cão) ou reconhece pessoas que nunca viu, profetiza seguindo a doutrina geral do judaísmo intertestamentário. Também *vide* At 19,15; Mc 1,24; 5,7; Lc 4,34, κτλ. Também, como explicação a este evento curioso, — PIÑERO. 2004, *op.cit.*, pp.585-6, lembra o apócrifo do AT – *Testamento de Salomão*, XX,12, onde o demônio sobe ao firmamento como espião e “escuta as decisões emanadas de Deus”.

<sup>1424</sup> O mote do cão o autor deixou imóvel na narrativa, mas na cena do arrependimento de Marcelo, o discurso retoma a missão do animal e o mágico respondeu. No entanto, o encadeamento dos eventos deve tomar algum tempo, o que é estranho, mas é o pensamento do autor. E, pela primeira vez, ele nos diz expressamente esse detalhe do que foi dito por Simão ao cão, que retomará no cap. XII: *Tot horis cogitasti...* — Pergunta-se quantas horas durou e os que ficaram *omnibus adstantibus* em torno de Simão?

<sup>1425</sup> Sabemos pelo cap. XII o que o cão disse, e como visto no cap. IX, ele excedeu as palavras de Pedro.

<sup>1426</sup> *ex-lat.* patristico nos sécs.II-III, o termo *mysterium* apresenta um largo espectro semântico que poderíamos entender como “algo misterioso” ou “coisa extraordinária”, e este é o “milagre” aqui, como aonta o restante da narrativa. Por esta razão não seguimos a proposta de *ministerium*, de PIÑERO. 2004, *op.cit.*, p.584, nt.101.

<sup>1427</sup> De fato, ocorre no cap.XII.

<sup>1428</sup> É evidente que o texto remete a Lc 4,35ss.

<sup>1429</sup> VOUAUX, 1922, *op.cit.*, p.301 afirma que havia estátuas no átrio das casas ricas, e não eram apenas imagens dos antepassados, colocadas em ambos os lados, entre as salas que abriam para o corredor. O mesmo ocorre nas mansões

- Quo viso Marcellus frontem sibi percutiens ad Petrum dixit: Magnum flagitium factum est: si enim hoc innotuerit Cæsari per aliquem de curiosis, magnis pœnis nos adfliget. Cui*
- 20 *Petrus dixit: Non te talem video sicut paulo ante: dicebas enim paratum te esse, omnem substantiam tuam erogare velle ut animam tuam salvam facias. Sed si vere pœnitentiam agis, ex toto corde credens in Christo, excipe desalientem aquam manibus tuis et ora dominum, et in nomine ipsius*
- 25 *sparge super fragmenta<sup>1430</sup> statuæ, et erit sicut ante fuit integra. Marcellus<sup>1431</sup> autem nihil dubitans, sed credens ex toto corde, antequam acciperet aquam,<sup>1432</sup> manibus suis sursum adtendens dixit: Credo in te, domine Jesu Christe. Etenim ab apostolo tuo Petro arguor an bene credam in nomine tuo*
- 30 *sancto. Itaque accipio aquam in manibus meis, et in nomine tuo spargo lapides istos, ut fiat statua sicut ante fuit integra. Si ergo, domine, voluntas tua est, esse me in corpore, et non patiar aliquid a Cæsare, sit lapis hic integer sicut ante fuit. Et sparsit super lapides aquam, et statua integra facta est.*
- 35 *Petro itaque gloriante quod non dubitasset in petendo dominum, sed et Marcellus<sup>1433</sup> in spiritu exaltabatur, quod tale signum primum inter manus ejus factum fuisset. Credens*

---

gregas dos sécs. II-III chamadas περιστύλιον e também na αὐλή; se comunicavam diretamente com o πρόθυρον ou προπύλαιον, por um vestíbulo – θυρωρεῖον, θυρών ou πύλων. — Pedro e os circunstantes neste saguão, onde a presença de uma estátua do imperador no átrio do senador indica que estamos no tempo do Império. Esta estátua, na mente do autor, provavelmente foi uma homenagem ao culto pagão antes da conversão de Marcelo, e esta é talvez uma das razões, na narrativa do autor, para que seja despedaçada pelo possesso.

<sup>1430</sup> *ms. fraumenta.*

<sup>1431</sup> *ms. Marcello.*

<sup>1432</sup> PIÑERO. 2004, *op.cit.*, p.587, nt.212 afirma que “VOUAUX seguindo LIPSIUS coloca a vírgula atrás de *aquam*. Mas em ambos os textos críticos encontra-se depois, o que permite entende que Marcelo “elevou suas mãos ao alto”, seguindo um padrão clássico canônico, e.g.: Ex, 9,33; 17,12; Ap 10,5; Dn 12,7.

<sup>1433</sup> *ms. Marcellum.* VOUAUX corrige.

César. Ao vê-lo, Marcelo, golpeando sua face, achegou a Pedro e disse: — “Um erro imperdoável foi cometido, pois se notícia chegar a César, por alguns dos curiosos<sup>1434</sup>, com uma grande pena há de nos  
 20 infligir”. Pedro respondeu-lhe: — “Não te vejo tal como há pouco antes: pois tu dizias estar preparado a despender toda a tua fortuna, pois querias salvar a tua alma. Mas se te conduz em penitência, e de todo o coração rendo em Cristo, recebe esta água corrente em tuas mãos e ora ao Senhor, e no mesmo nome asperge<sup>1435</sup> sobre os  
 25 fragmentos da estátua; essa tornar-se-á sobre os fragmentos da estátua; essa tornar-se-á intacta como fora dantes”. Então Marcelo, em nada duvidando, mas crendo com todo o coração<sup>1436</sup>, antes de pegar a água, elevou suas mãos ao alto e clamou: — “Creio em ti, Senhor Jesus Cristo. Com efeito, de Pedro, teu apóstolo, sou questionado se acaso  
 30 creio com firmeza no teu nome santo. Pelo que, recebo em minhas mãos a água, e em teu nome respingo sobre essas pedras, de modo que a estátua se faça integra como dantes. Se pois, Senhor, é tua vontade, que eu viva no corpo<sup>1437</sup>, e não sofra nada advindo de César, se faça integra esta pedra como foi feita.” E aspergiu água sobre os  
 35 pedregulhos, e a estátua fez-se inteira. Além disso, Pedro estava exultante, pelo que ele não duvidou em seu pedido ao Senhor. Marcelo também estava enlevado em seu espírito, já que tal sinal pela primeira vez<sup>1438</sup> teria acontecido por suas mãos. Crendo, então, de mais que

---

<sup>1434</sup> Poderíamos seguir SÜETONIUS. *Augustis*, XXVII e traduzir por “espíões”. Mas BREMMER, Jan N. *Aspects of the ‘Acts of Peter’: Women, Magic, Place and Date*. pp.1-20. – in: *The Apocryphal Acts of Peter. Magic, Miracles and Gnosticism*. – in: *Studies on the Apocryphal Acts of the Apostles 3*. Jan N. Bremmer (ed.). Louvain: Peeters, 1998, p.19, defende a tese de que *de curiosis* seria um termo dado aos agentes secretos imperiais.

<sup>1435</sup> At 3,6; 4,7ss.

<sup>1436</sup> A importância da sinceridade, ao usar este jargão clássico do NT; At 8,27.

<sup>1437</sup> FLAMION, Joseph. *Les Actes Apocryphes de Pierre*. – in: *Revue d’histoire ecclésiastique, RHE X*. Paris; Bruxelles: Louvain Bureau du Recueil, 1909, p.256, nt., na expressão *me esse in corpore* percebe a influência do dualismo platônico e “acreditar reter a definição do homem por Epíteto: ‘uma alma porta um corpo’.” — O autor *AtsPe* já teria lido 1Pe 4,2; Fl 1,22ss; 2Cor 5,6 para encontrar o termo ou similar, também comum na literatura eclesiástica.

<sup>1438</sup> O termo *primum* sugere Marcelo realizou outros milagres futuros, porém o AV não faz deles referência.

*ergo ex totis præcordiis suis<sup>1439</sup> in nomine Jesu Christi filii Dei, per quem omnia impossibilia possible sunt.*

XII *Sed Simon intus ad canem ita dixit: Dic Petro, intus me non esse. Ad quem canis coram Marcello ait: Inprobissime<sup>1440</sup> et impuderate et inimicissime omnium animantium et credentium in Christum Jesum, missum ad te mutum<sup>1441</sup> animal et vocem humanam accipiens<sup>1442</sup>, ut te argueret et conprobaret planum et deceptorem. Tot horis<sup>1443</sup> cogitasti, ut diceres; «Dic quia non sum hic»; non te puduit, vocem tuam infirmam et inutilem emittere contra ministrum et apostolum Christi Petrum, tamquam latere possis eum qui me jussit loqui contra faciem tuam? Et hoc non tui causa, sed horum*

---

1439 *ms. usuis.*

1440 *ms. improvissime.*

1441 *ms. mutu.*

1442 *ms accipientem.* LIPSIUS e VOUAUX corrigem. BONNET supõe aqui um ac. absoluto; não seguimos.

1443 *ms. oris.*

de todo o seu coração no nome de Jesus Cristo, filho de Deus, através de quem todas as impossibilidades são possíveis<sup>1444</sup>.

## XII – A morte do cão falante

Então Simão, adentra a casa, e assim diz ao cão: — “Diga a Pedro que eu não estou em casa”<sup>1445</sup>. A quem o cão, na presença de Marcelo, respondeu<sup>1446</sup>: — “Ó maior dos ímprobos, desavergonhado e inimicíssimo de todos os viventes<sup>1447</sup> que creem em Cristo Jesus, foi  
5 enviado a ti um animal mudo e que recebeu voz humana<sup>1448</sup>, a fim de que possa arguir e comprovar que és um cínico e trapaceiro. Tantas horas cogitaste, a fim de dizer: — ‘Diga-lhe que eu não estou aqui’. Não te envergonhou levantar a tua voz, débil e inútil, contra o Pedro, ministro e apóstolo de Cristo? Como se assim fosse possível  
10 esconder dele que<sup>1449</sup>, defronte a tua face<sup>1450</sup>, me enviou falar? E isto não é por tua causa, mas pelos que seduzias e lançavas na

---

<sup>1444</sup> Mc 9,22-23; Mt 17,20; 19,26; Lc 1,37; κτλ. O autor de *AtsPe* parece possuir uma fé vigorosa e juvenil, como o exemplo marcante do cap.XIII.

<sup>1445</sup> O autor faz o *leitmotiv*, quando retoma o cap. IX, no diálogo entre Simão e o cão.

<sup>1446</sup> Apesar de a narrativa ser um tanto livre e descuidada com minudências, não é possível supor que *coram Marcello* vem dele. Quando o cão estava conversando com Simão, ao qual o endemoniado havia dito claramente, Marcelo estava próximo a Pedro; portanto, depois de ter dito, há ainda o tempo da visão de Simão. Mas Simão ainda estava rodeado pela “multidão” que ouviu quando o animal chegou, isto é o *conventus*, dos *circumstantes* do cap. IX; e é essa “multidão” que um pouco a frente seguirá o cão quando retorna. Segundo VOUAUX. 1922, *op.cit.*, p.305, podemos supor que a *coram Marcello* é uma má interpretação do tradutor, certamente estranho, que encontrou em seu original: ἐναντίον τῶν παρὰ τῷ Μαρκελλῷ – na presença daqueles que estavam na casa de Marcelo (uma vez que este personagem já estava com Pedro).

<sup>1447</sup> Estas injúrias lembram Pedro, caps. VIII,42 e IX,22, contra Satanás, onde traduziu-se *animantium* por “aqueles que vivem”; mas é bem possível que o autor quer fazer Simão o mesmo inimigo “de todos os animais”.

<sup>1448</sup> Esta cena apresenta o elemento teratológico; empréstimo de 2Pe 2,16 que cita, ao seu tempo, Nm 22.

<sup>1449</sup> Alusão a Mt 6,4.

<sup>1450</sup> *ex-lat. contra faciem tuam* quer dizer: ele me disse para falar “na tua face”, não para você.

*quos seducebas et in perditionem mittebas. Maledictus itaque eris, inimice et corruptor viæ veritatis Christi, qui probabit iniquitates tuas quas gessisti igni immortalis, et tenebris exterioribus eris. Et cum dixisset canis hæc verba, discessit.*

- 15 *Secuta est itaque eum turba, Simone solo derelicto. Pervenit canis ad Petrum sedentem cum turba, ut viderent faciem Petri; et canis renuntians quid gessisset cum Simone. Hæc autem locutus est canis angelo et apostolo Dei veri<sup>1451</sup>: Petre, agonem magnum habebis contra Simonem inimicum Christi*
- 20 *et servientibus illi; multos autem convertes in fidem seductos ab eo. Propter quod accipies mercedem a Deo operis tui. Hæc cum dixisset canis, cecidit<sup>1452</sup> ante pedes apostoli Petri et deposuit spiritum. Vidente autem turba magna cum admi-*

---

<sup>1451</sup> *ms. vere.*

<sup>1452</sup> *ms. cæcidit.*

perdição<sup>1453</sup>. Assim, serás amaldiçoado, inimigo e corruptor do caminho da verdade<sup>1454</sup> de Cristo! Que há de manifestar as tuas iniquidades, as quais carregarás para o fogo imortal, e estarás nas trevas exteriores<sup>1455</sup>.” E depois que disse estas palavras, (o cão) partiu.

15 Entretanto, a multidão o seguia<sup>1456</sup> e Simão foi abandonado sozinho. Achevou-se o cão a Pedro, assentando-se com a gente<sup>1457</sup> que veio a fim de ver a face Pedro; e o cão relatava o que acontecera com Simão. Estas coisas, pois, são ditas pelo cão ao anjo<sup>1458</sup> e apóstolo do Deus verdadeiro: — “Pedro, tens uma grande contenda com Simão, inimigo

20 de Cristo e dos seus servos, pois muitos converterás a fé dentre seduzidos por ele<sup>1459</sup>. Por causa disso, receberás o galardão de Deus pela tua obra<sup>1460</sup>.” Depois de dizer isto, o cão caiu ante os pedes do apóstolo Pedro e entregou o espírito<sup>1461</sup>. Porém, a grande multidão

---

<sup>1453</sup> Ef 6,6; Ap 2,14; Rm 7,11.

<sup>1454</sup> Jargão clássico da teologia petrina – *viae veritatis*, segundo 2Pe 2,2.

<sup>1455</sup> Conceito da mescla judaico-cristã, mal delineado e presente somente em Mt 8,12; 22,13; 25,30.

<sup>1456</sup> A *turba* é volúvel e busca *signa*? Ou haveriam várias “multidões”, pois seguiam Paulo, depois Pedro, após a deserção de Marcelo, permaneceu em torno de Simão, agora segue o cão, depois a Pedro novamente.

<sup>1457</sup> Segundo VOUAUX. 1922, *op.cit.*, pp.306-7, nt.9, este é um dos momentos que aqueles que sempre estiveram com Pedro, e nos lugares que o autor imaginou: por vezes do lado de fora da casa, perto da porta, em outras, no átrio (ὄψλη)... “mas o autor parece nunca evitar a mudança de cenário”. Aqui Pedro surge a partir do átrio e retorna ao exterior da porta, de onde havia separado do cão.

<sup>1458</sup> Os pastores eclesiásticos foram frequentemente chamados de “anjos” no período subapostólico, como em Ap 1,20; 2,1; 2,8; Hb 1,7; κτλ.

<sup>1459</sup> Remete as predições de Ágabo da Cesareia, At 21,10ss, acerca do que aconteceria a Paulo em Jerusalém.

<sup>1460</sup> Ap 22,12; 2Pe 2,13; Lc 6,35; Mt 6,1; 16,27.

<sup>1461</sup> Semelhantemente, em *AtsTo* XLI. – in: BONNET. *Acta Apostolorum Apocrypha*, 1891, *op.cit.*, t.II. vol.II. p.258, um potro selvagem cai morto aos pés do apóstolo, depois de ter cumprido a sua missão, o que torna este detalhe recorrente nos *AtsAp*. — Mais intrigante é o significado deste pormenor: depois de ter desfrutado o privilegiado de ser humano, o animal já não pode viver a sua vida normal? Ou que, exausto pela magnitude da tarefa, sucumbiu ao cansaço? Talvez haja apenas o uso de alguma lenda popular.

*ratione canem loquentem, cœperunt ergo alii prosternere se  
 25 pedibus Petri, alii autem dicebant: Alium signum nobis  
 ostende ut credamus tibi tamquam ministro Dei vivi: et  
 Simon multa signa præsentia<sup>1462</sup> nostri fecit, et ideo secuti  
 sumus eum.*

XIII *Petrus autem conversus respiciens sardam ad fenestram  
 suspensam, adpræhendens eam ad populum dixit:  
 Si videritis nunc hanc<sup>1463</sup> in aqua natantem sicut piscem,  
 credere poteritis in eum quem prædico? Illi autem unianimes  
 5 dixerunt: Vere credemus<sup>1464</sup> tibi. Tunc piscina adjacente  
 natatoria<sup>1465</sup> dixit: In nomine tuo, Jesu Christe, quousque*

---

<sup>1462</sup> *ms. præsentiā.*

<sup>1463</sup> *ms. hunc.*

<sup>1464</sup> *ms. credimus. LIPSIUS corrige.*

<sup>1465</sup> *ms. piscinæ adjacenti natatoriæ. USENER propõe um gen. absoluto - piscinæ adjacentis. Seguimos a correção de LIPSIUS.*



vendo com admiração o cão falante, alguns começaram a se prostrar  
 25 aos pés de Pedro, mas outros disseram: — “Mostre-nos outro sinal<sup>1466</sup>  
 a fim de que possamos crer em ti tal como ministro do Deus vivo<sup>1467</sup>.  
 Também Simão fez, muitos milagres em nossa presença, e por esta  
 razão seguimos a ele.”<sup>1468</sup>

### XIII – O milagre do arenque que voltou a vida

Porém Pedro, tendo-se voltado, viu um arenque<sup>1469</sup> pendurado em uma  
 janela, tomando-o disse ao povo: — “Se virdes agora este nadando na  
 água assim como um peixe<sup>1470</sup>, sereis capazes de crer naquele de quem  
 eu prego? Mas eles unânimes responderam: — “Na verdade nós  
 5 cremos em ti.” Então, numa piscina de banho adjacente<sup>1471</sup>, disse: —  
 “Em nome teu, Jesus Cristo. Até que ponto

---

<sup>1466</sup> Mc 8,11; Mt 12,38; 27,42; Lc 11,16, Jo 4,48.

<sup>1467</sup> Rm 13,4ss.

<sup>1468</sup> Os milagres são a referência: a entrada do mágico Roma voando, cap. IV; o que está incluído em *in his quae faciebat* também em IV; o *magico carmine* no cap.VI; ou os *carminibus* do cap.VIII. Vemos a importância que o autor atribui ao ‘maravilhoso’, ao ‘milagre’ como prova de religião.

<sup>1469</sup> Para VOUAUX. 1922, *op.cit.*, p.309, Pedro está fora da mansão e vê o arenque defumado em exposição em algumas das típicas lojas que cercam os portões das antigas casas greco-romanas. Trata-se de uma espécie de atum, de dorso azulado, 30 cm de comprimento e de grande valor comercial, vendido fresco, salgado, defumado ou em conserva.

<sup>1470</sup> Aplica Jo 4,48. “Se não virdes sinais e prodígios, não crereis”. — No *Evangelho de Tomé* (latino). — in: TISCHENDORF. 1876, *Euangelia Apokrypha*, *op.cit.*, pp.164ss, Jesus faz um milagre semelhante e volta a vida de um peixe seco que fica nadando por longo tempo, na presença de outros colegas de uma classe de estudo. Esta história é possível que tenha derivado destes *AtsPe*.

<sup>1471</sup> FICKER — in: Hennecke (ed.), *Handbuch...* 1903, p.437, supõe a existência de uma piscina pública externa. VOUAUX. 1922, *op.cit.*, p.309, nt-7, discorda dizendo esta *piscina natatoria* parece não ser outra coisa senão o *implivium* (bacia hidrográfica) do átrio, onde não apenas água da chuva coletada veio através *compluvium*, mas onde há muitas vezes jorrando águas jorrando, *salientes*, que dão numa fonte; cf VARRO, Marcus Terencius. *De Re Rustica*, I,13; SENECA, Lucius Annaeus. *Epistulae Morales ad Lucilium*, LXXXVI. Seria este o lugar onde Marcelo, um pouco antes, tirou a água corrente; assim sendo, deve-se assumir que Pedro está de volta ao átrio. Mas como pode o autor colocar a multidão no corredor? Preferimos seguir Ficker, pelo termo *adjacente*, mesmo

*adhuc non creditur, coram omnibus istis vive et nata tamquam piscis. Et misit sardam in piscinam, et vixit et natare cœpit. Videns autem multitudo natantem piscem, et non*  
 10 *tantum ipsa hora<sup>1472</sup> fecit, ne diceretur fantasma esse, sed diutius fecit eum natare, ut undique adduceret turbas et ostenderet sardam piscem factum, usque adeo ut quidam de populo panem illi mitterent<sup>1473</sup>; et totum eum videbant<sup>1474</sup>. Secuti sunt autem plurimi hoc viso et crediderunt in domino, et*  
 15 *conveniebant die ac nocte in domum Narcissi præsbyteri. Tractabat eis Petrus de profeticas scripturas<sup>1475</sup> et quæ Dominus noster Jesus Christus egisset et verbo et factis.*

XIV *Marcellus autem cottidie fundabatur<sup>1476</sup> per signa quæ videbat per Petrum fieri per gratiam Jesu Christi, quam<sup>1477</sup> illi tribuerat. Inpetum autem fecit Marcellus in domo sua super*

---

sabendo que, ao que se sabe, não há nenhum tanque que tenha levado o nome de *piscina natatoria* nesta época em Roma.

<sup>1472</sup> *ms. ora.*

<sup>1473</sup> *ms. mitteret.*

<sup>1474</sup> TURNER propõe *comedebat* (comia todo o pão que lhe lançavam); não seguimos.

<sup>1475</sup> *ms. scribturas.*

<sup>1476</sup> *ms. fundebatur.* VOUAUX corrige.

<sup>1477</sup> *ms. quem.*

ainda não tens crido? Na presença de todos estes volte à vida e assim peixe nade.” E deixou o arenque na piscina e ele viveu e começou a nadar. Pois, vendo a multidão<sup>1478</sup> que nadava como peixe, e (Pedro) 10 não somente naquela hora fez acontecer, de modo que não fosse dito que era uma fantasmagoria<sup>1479</sup>, mas por longo tempo fez nadar, para que atraísse a multidão de todos os lados para mostra que o arenque tornou-se peixe, a ponto de algumas pessoas darem pão a ele, e o viam por inteiro. Assim, diante desta visão, um grande número Seguiu 15 (Pedro) e criam no Senhor<sup>1480</sup>, se reunindo dia e noite<sup>1481</sup> na casa do presbítero Narciso. Pedro discorria<sup>1482</sup> a eles sobre os escritos proféticos e as coisas que o nosso Senhor Jesus Cristo fizera em palavras ou atos<sup>1483</sup>.

#### XIV – A expulsão ultrajante de Simão

Marcelo a cada dia era fortalecido (em sua fé) por meio dos milagres<sup>1484</sup>, os quais via acontecer através de Pedro pela graça de Jesus Cristo, a qual sobre ele derramou. Num ímpeto, Marcelo foi

---

<sup>1478</sup> O autor insiste; aqui corresponde a *coram omnibus istis* que aparece *supra*.

<sup>1479</sup> O autor toma o cuidado em distinguir bem *signa* e prodígios de Pedro dos atribuídos a Simão – fantasmagorias, como visto no cap. IV, κτλ.

<sup>1480</sup> Jo 2,23; 4,39; κτλ.

<sup>1481</sup> De repente o autor transporta-nos a casa de Narciso. Temos também aqui o espírito do período subapostólico: “dia e noite” ouvindo as pregações; 1Ts 2,9; 3,8-10; At 20,31; 26,7; 2Tm 1,3. Outros *AtsAp*, e.g. *AtsPl*, sendo que os autores destes apócrifos têm afinidade por sua simplicidade. Também os profetas são mencionados nos *AtsPl*, especialmente a carta apócrifa aos *Coríntios*, V,10.

<sup>1482</sup> *ex-lat. tractabat* é a tradução do *gr.* ὀμιλεῖν; ZAHN. *Geschichte des Nestestamentlichen Kanons...*, 1880, *op.cit.*, vol.II, p.849, nt.1. O autor acolhe o AT, falando de “profecias”; outra menção no cap. XXIV.

<sup>1483</sup> At 7,22.

<sup>1484</sup> O autor parece conhecer 1Cor 12,28 e a aplica a este ambiente de “sinais e prodígios”. Também reporta a ideia juntando-a a outras passagens como: At 2,43; Jo 21,25; Mt 8,16;

*Simonem sedentem in triclinio. Maledicens dicebat ei: Inimi-*  
 5 *cissime et pestilentissime hominum, corruptor animæ<sup>1485</sup> meæ*  
*et domus meæ, qui me exfugare volueris a Christo domino*  
*salvatore meo! Et injiciens manus in eum jussit inpingi de*  
*domo sua. Servi autem accepta potestate ita contumeliis eum*  
*adflixerunt, alii alapas in faciem ejus dabant, alii vero fustem,*  
 10 *alii lapidem, alii autem vasa stercoribus plena super caput*  
*ejus effuderunt, qui propter eum dominum suum effuge-*  
*rant<sup>1486</sup> et multo tempore ligati fuerant; et alii conservi de qui-*  
*bus ad dominum eorum mala loquebatur, inproperantes et*  
*dicentes ei: Nunc digna præmia restituimus tibi per Dei*  
 15 *voluntatem, qui nobis misertus est et domino nostro. Simon*  
*autem male cæsus<sup>1487</sup>, ejectus de domo cucurrit<sup>1488</sup> ad domum*  
*ubi Petrus revertebatur. In domum præbyteri Narcissi*  
*stans ad januam clamabat: Ecce ego Simon: descende*

---

1485 *ms. anime. VOUAUX corrige.*

1486 *ms. effuderant. LIPSIUS corrige. TURNER propõe offenderant; não seguimos.*

1487 *ms. cesus.*

1488 *ms. cucurrit. VOUAUX corrige.*

para cima de Simão que se achava assentado em um triclinio<sup>1489</sup>. Ele  
 5 maledicente dizia: — “Ó inimicíssimo e mais pestilento homem,  
 corruptor da minha alma e da minha casa, que desejás afastar-me de  
 Cristo Senhor, meu Salvador!” E lançando as mãos nele<sup>1490</sup>, ordenou  
 arremessarem para fora da sua casa. E os escravos, recebendo  
 permissão<sup>1491</sup>, então espancavam com insultos, alguns davam tapas  
 10 na face dele, outros com bastão, alguns com pedras<sup>1492</sup>, outros ainda  
 derramando sobre a cabeça dele vasos até a boca de excrementos,  
 porque tinham fugido<sup>1493</sup> de seu senhor por sua causa e ficaram presos  
 por um longo tempo. E outro grupo de seus pares contra quem ele  
 tinha falado mal a (Marcelo), seu senhor, insultou-o com  
 15 impropérios dizendo: — “Hoje, devolvemos a ti recompensas que  
 merece, pela vontade de Deus, que foi piedoso conosco e com nosso  
 senhor.” Simão sendo assim maltratado, expulso da casa, correu para  
 a casa de onde Pedro estava voltando. E parado na porta da casa do  
 presbítero Narciso, gritava: — “Eis que eu, sou Simão. Descendo tu,

---

<sup>1489</sup> Diacronismo da antiga Roma. Trata-se de uma “sala de jantar com três ou mais leitos inclinados, ao redor da mesa, sobre cada um dos quais se podiam recostar três convivas”, cf HOUAISS, Antônio. Dicionário da Língua Portuguesa. CD Rom. Software de FL GAMA DESIGN Ltda. Resp.: João C. Marinho. São Paulo: Objetiva, 2009. — Ainda vemos que não é imediatamente depois de sua conversão, como seria natural esperar, que Marcelo sai a caça de Simão dentro de sua mansão. O autor parece supor que ele passou vários dias ouvindo Pedro na casa de Narciso. Em certo momento, Marcelo compreende o que estava acontecendo e sai atrás do mago de *impetum fecit*. Segundo VOUAUX. 1922, *op.cit.*, p.312, o *triclinium*, ou sala de jantar, na mente do autor, e “como sabemos da antiga mansão [romana], era um dos seus cômodos da segunda parte da casa, depois do *atrium*, e ficava rodeado pelo *peristylum*. O *triclinium*, às vezes, era uma sala muito grande e uma das mais importantes”. Como era na parte interna da casa, não se podia vê-lo a partir do átrio, e pode-se entender assim missão do cão, no cap. IX.

<sup>1490</sup> Mt 26,50.

<sup>1491</sup> PIÑERO. 2004, *op.cit.*, p.230 acha “que este escravos eram convertidos e não quiseram apostatar com Marcelo”. Por isso teriam sido presos, segundo HARNACK. *Die Mission und...*, 1906, t.I, p.145. Note-se, porém que esta animosidade descontrolada dos escravos não atende os padrões da ética cristã do séc. II. Portanto, é mais fácil pensar em intrigas seculares, que não as religiosas.

<sup>1492</sup> Mt 26,67; 27,27ss e paralelos. Parece estranho que o autor tenha utilizado isto para o ultraje de Simão.

<sup>1493</sup> Os escravos fujões na Antiguidade romana recebiam pesadas penas.

itaque Petre, et ego te adprobabo in homine Judæo<sup>1494</sup> et fabri  
20 filio credidisse.

XV Nuntiatum est autem Petro lime Simonem dixisse.  
Misit ad eum Petrus mulierem habentem infantem lactan-  
tem, dicens ei: Descende celerius et videbis quendam quæ-  
rentem me. Tu quidem non est quod respondeas: silentium  
5 autem habeto et audi quae infans quem tenes dicat ad eum.  
Descendit ergo mulier. Erat autem infans quem lactabat  
mensuum septem<sup>1495</sup>. Et accipiens vocem virilem dixit ad  
Simonem: O horrende Deo et hominibus, o exterminium  
veritatis et corruptionis<sup>1496</sup> semen pessimum, o infructuosum

---

<sup>1494</sup> ms. Judeo.

<sup>1495</sup> ms. septe. VOUAUX corrige.

<sup>1496</sup> LIPSIUS corrige *corruptio omnis*. Preferimos o ms.

20 Pedro, eu irei provar-te que crês em um simples judeu e filho de um artesão<sup>1497</sup>.”

## XV – O recém-nascido falante

Mas foi noticiado enviesadamente a Pedro o que Simão dissera. E Pedro enviou a este uma mulher que tinha um infante ainda no peito, dizendo-lhe: — “Desce depressa e verás uma certa pessoa que procura-me. Tu, na verdade, não tens que responder nada, guardarás o  
5 silêncio, e ouvirás o recém-nascido<sup>1498</sup>, este que tens, dizer a ele.” Então a mulher partiu. E era a criancinha, a quem dava de mamar, de sete meses. E passando a ter a voz de um homem adulto, disse a Simão: — “Ó criatura horrenda para Deus e para os homens, ó destruidor da verdade<sup>1499</sup> e a mais má das sementes da corrupção, ó

---

<sup>1497</sup> Trata-se de um evidente empréstimo de Mt 13,55. Esta é a primeira ocasião em que o autor explica as doutrinas de Simão, e é curioso que ele tenha emprestado palavras que estavam nos lábios de pagãos cristãos zombeteiros; esta declaração mais elaborada aparece no cap.XXIII. Quer o autor insinuar aqui que Simão não queria passar como judeu, uma vez que assim ele é identificado no caps. VI e XXII, talvez devido ao rumor popular?

<sup>1498</sup> Parece que o autor remete a textos que conhece: Sl 8,2; Mt 11,25; Lc 10,21. Também em Ps-ATANASIUS. *Doctrina ad Antiochum*. – in: Migme (ed.). *P.G.*, 1857, *op.cit.*, t.XXVIII, col.577, um filho de quarenta dias reflete em voz alta a inocência de Antíoco. Também *uide* (apócrifo *sir.*) RAHMANI, Ignatius Ephraem (ed.). *Le Testament de Notre Seigneur Jésus-Christ*, 1,7. – in: *Etudes* 81. Mayence: 1899, 1,7, p.9, sobre os sinais da vinda do anticristo: *puellæ recenter viris nubentes parient infantes loquentes verba perfecta, nunciantesque tempora novissima e rogabunt interficiantur*. Também outro extrato *Escada de Jacó* – in: BRATKE, Eduard von. *Das sogenannte Religionsgespräch am Hof der Sasaniden: Texte und Untersuchungen zur geschichte der altchristlichen literatur*, t.XIX, fasc.3 (N.F., IV,3). Leipzig: Hinrichs 1899, p.102: “As crianças falam razoavelmente três meses (acerca do Messias)”. Há um outro relato igualmente em COMMODIANUS, (Gazaeus). *Carmem apologeticum*. vv.629ss. – in: Ernst Ludwig (ed.). *Commodiani carmina*. Oxford: Oxford, 1878 (também conhecida como *Carmem De Duobus Populis*).

<sup>1499</sup> Ap 9,11.

- 10 *fructum naturæ! Sed in brevi et in minimo adparens, et post hæc pœna æterna te manet. De inpudero patre natus, qui numquam in bono, sed in veneno radices emittis<sup>1500</sup>, incredibile genus et omni spe destitute: cane<sup>1501</sup> te arguente non es confusus; ego infans cogor a Deo loqui et nec sic erubescis.*
- 15 *Sed te nolente, veniente sabbato die alter te adducet in Julio foro, ut adprobetur in te qualis sis. Discede itaque a janua in qua sanctorum vestigia conversantur<sup>1502</sup>. Jam enim non corrumpes animas innocentes quas evertebas et contristabas in*

---

<sup>1500</sup> *ms. emittes.* VOUAUX corrige.

<sup>1501</sup> *ms. canem.*

<sup>1502</sup> PIÑERO propõe *conuersantur*; não seguimos.



10 inútil fruto da natureza!<sup>1503</sup> Por um curto espaço de tempo mostra-te diminuto, e, em seguida, a punição eterna te aguarda<sup>1504</sup>. Ó nascido de um desavergonhado pai, que nunca no bem, mas no veneno, faz brotar tuas raízes, ó casta incrédula<sup>1505</sup> e destituída de toda a esperança!<sup>1506</sup> Com o cão arguindo-te não ficas confuso; eu, um infante que Deus me  
15 compele a falar, nem assim enrubesces. Mas, apesar de não queres, no Sábado que vem, outro te conduzirá<sup>1507</sup> ao Fórum de Júlio<sup>1508</sup>, a fim de que seja provado quem tu és. Assim, afaste-se da porta na qual são conservados os vestígios dos santos<sup>1509</sup>. Agora não perverterás as almas inocentes, as quais

---

<sup>1503</sup> O autor usa aqui um jogo de palavras, que resta muito brando em *pt.*; semelhantemente, os tradutores tentam uma aproximação, em Jd 12: “são como árvores infrutíferas, duas vezes mortas, desarraigadas”.

<sup>1504</sup> At 13,10; Jo 8,44 trazem epítetos do diabo, “o espírito imundo”, associados a Simão, como caps. XVI e XXVIII. No XIII é o “anjo de Satanás”; FICKER – *in*: Hennecke (ed.), *Handbuch...* 1903, p.438, lembra a citação que propôs LUCIFER (de Cagliari). *Pro Sancto Athanasio*, liv.I. – *in*: Mígeme (ed.). *P.L.*, 1841, *op.cit.*, t.XIII, col.879: *Non despicias revera conviperinos tuos Arianos, natos videlicet de impudero patre vestro diabolo.*

<sup>1505</sup> Alusão a Mc 9,18; Mt 17,17.

<sup>1506</sup> Ef 2,12.

<sup>1507</sup> O texto retoma claramente, onde o que associa *te nolente* ligado a ὄπου σὺ οὐ θέλεις e *alter te adducet a ἄλλος σε... οἴσει*. Conforme vimos acima, cap. XIV, este é mais um emprego singular de algum detalhe da história da paixão.

<sup>1508</sup> É o mais antigo dos fóruns dos imperadores, também conhecido como *Cæsarforum*; dedicado também a Vênus Genetrix, em 46 a.C. por Júlio César, antes mesmo de sua conclusão, que aconteceria por Augusto. Há diversas informações que o comércio fora excluído, tornando-se reservado para a justiça e a educação legal, *cf* o historiador imperial Ἀππιανός Ἀλεξανδρεὺς (ou APPIANUS Alexandrinus). *Bellum civile*, II, 102; OVIDIUS NASO, Plubius. *Ars amatoriam*, I, 80; III, 455. — É curioso porque o autor utiliza este Foro ao invés de qualquer outro? Teria sido mais conhecido pelos orientais precisamente por não dispensar a justiça? É provável. Em qualquer caso, é estranho que o autor transporta a discussão de Pedro e Simão, que é um espetáculo, e que o local era mais naturalmente seria um teatro a este fórum. Embora, APULEIUS, Lucius. *Apologia o Pro se de magia*, LXXIII diga que o “foro, muitas vezes, tornou-se um lugar de entretenimento, e não há, por vezes, palestras (...). Pelo que vemos a simples menção de *Forum Julii* não prova que o autor deste *AtsPe* conhecia Roma.

<sup>1509</sup> 1Pe 2,21.

Christo.<sup>1510</sup> *Ostendetur*<sup>1511</sup> itaque tua pravissima natura et concidetur machinatio tua. Nunc autem novissimum verbum dico: dicit tibi Jesus Christus: «Ommutesce coactus nomine meo et exi a Roma usque venturo sabbato.» Continuo autem ommutescens et coibitus exivit a Roma usque sabbato, et in stabulum manebat. Mulier reversa est cum infante<sup>1512</sup> ad Petrum et rettulit ei et ceteris fratribus quæ in[[fans]]<sup>1513</sup> ad Simonem locutus esset. At illi magnificabant dominum qui hæc hominibus ostenderat.

XVI Adveniente autem nocte vidit Petrus Jesum, habentem vestem claritatis, subridentem, adhuc vigilantem<sup>1514</sup> dicentem sibi: Jam plurima turba fraternitatis reversa est per me et per quem<sup>1515</sup> signa fecisti in nomine meo. Habebis autem agonem fidei veniente sabbato et convertentur multo plures de gentibus et de Judæis in nomine meo in me contumeliatum, derisum, consputum. Ego enim me tibi præstabo pe-

---

<sup>1510</sup> Este ponto em VOUAUX parece incorreto.

<sup>1511</sup> *ms. ostenditur*. LPSIUS e VOUAUX corrigem.

<sup>1512</sup> *ms. infantem*.

<sup>1513</sup> *ms. in*. O *ms.* não contém [[fans]], possivelmente devido letras excluídas pelo escriba do manuscrito (ou corretor tardio). LPSIUS acrescenta.

<sup>1514</sup> *ms. vigilans*. LPSIUS corrige.

<sup>1515</sup> TURNER propõe *per quæ*; não seguimos.

corrompia e as contristava<sup>1516</sup>. Assim, em Cristo, será revelada tua  
 20 natureza ‘deformadíssima’<sup>1517</sup> e será arruinada a tua maquinação.  
 Agora, pois, um último recado digo. Assim te diz Cristo:  
 — ‘Emudeça<sup>1518</sup>, coagido pelo meu nome, e sai de Roma até o  
 próximo Sábado’.” E, imediatamente, emudeceu e, coibido, saiu de  
 Roma antes do Sábado e pernoitava num estábulo. Voltou a mulher  
 25 com o infante junto aonde Pedro estava e recordou a ele e aos outros  
 irmãos<sup>1519</sup>, as coisas que o recém-nascido havia dito a Simão. E eles  
 magnificavam ao Senhor que todas estas coisas, aos homens,  
 revelou<sup>1520</sup>.

## XVI – A aparição do Senhor a Pedro

No entanto, chegando à noite, viu Pedro a Jesus, que tinha vestes  
 resplandcentes<sup>1521</sup> e sorria. Quando não havia dormido ainda, este lhe  
 disse: — “Agora uma grande multidão foi reconciliada a irmandade  
 por mim e por ti através dos prodígios que fizeste em meu nome. Com  
 5 a chegada do Sábado, tens uma luta de fé, e muitos mais dos gentios e  
 dos judeus serão convertidos ao meu nome, que a mim insultaram,  
 ridicularizaram e cuspiram<sup>1522</sup>. Eu te darei a minha ajuda

---

<sup>1516</sup> 2Cor 7,11.

<sup>1517</sup> 2Tm 3,9.

<sup>1518</sup> Uma ideia similar é encontrada em *Didascalia et Constitutiones Apostolorum* (c.<sup>a</sup> 375, Síria), VI, 9, FUNK (ed.), 1905, *op.cit.*, p.321, onde Pedro diz a Simão, sobre sua luta com ele em Cesareia: “Tendo derrotado em virtude do Senhor e, tendo silenciado, eu o fiz fugir para a Itália.”

<sup>1519</sup> At 4,26.

<sup>1520</sup> Mt 9,8.

<sup>1521</sup> *uide* Lc 14,4; Mt 28,3; Mc 16,5, onde esta peça de vestuário aparece. Jesus sorrindo se ajusta harmoniosamente com a feliz notícia de que tem a dizer a Pedro. Na oposição entre estas peças de vestuário resplandcentes do Senhor e “anjos da luz” e de vestuário escuro de Satanás e os “anjos das trevas” *uide* FICKER – in: Hennecke (ed.), *Handbuch...* 1903, *op.cit.*, p.285, nt.7; também 1Ts 5,5; Jo 12,36. Também em *id. ibid.*, p.439, aponta que raramente o sorriso é colocado nos lábios do Senhor, no entanto temos em TOMÉ. *Evangelho da Infância*, VIII,1, que Jesus ri quando tem cinco anos.

<sup>1522</sup> Mt 24,67, 27-19ss. Tais expressões exclui claramente qualquer docetismo, especialmente se elas estão mais próximas das palavras de Simão, no

tenti<sup>1523</sup> signa et prodigia, et convertes multos, sed habebis  
 contrarium Simonem per operam<sup>1524</sup> patris sui. Sed omnia ejus  
 10 adprobabuntur carmina et magica figmenta. Nunc autem noli  
 cessare, et quoscumque tibi misero in nomine meo fundabis<sup>1525</sup>.  
 Luce itaque facta<sup>1526</sup>, narravit fratribus quod sibi apparuisset  
 dominus et quid illi præcepisset.

XVII Credite autem mihi, o viri fratres, ego hunc Simo-  
 nem a Judæa<sup>1527</sup> fugari multa mala facientem magico carmine,  
 morantem in Judæa ad quandam mulierem Eubolam, hones-  
 tam<sup>1528</sup> nimis in sæculo hoc, adjacente ei auro copioso et mar-  
 5 garitis non minimo prætio. Subintravit hic Simon cum duo-

---

final do cap. XIV. O autor não tenta esconder nem minimizar a natureza humana de Cristo, além disso, ele irá reconhecer a sua natureza divina completa.

<sup>1523</sup> ms. adiciona {te}, texto presente no manuscrito, mas sua presença parece ser devido a um erro do escriba; ou em adição de escritor antigo, mas posterior.

<sup>1524</sup> ms. opera.

<sup>1525</sup> ms. fundavis.

<sup>1526</sup> ms. lucem itaque factam. VOUAUX corrige.

<sup>1527</sup> ms. Judea.

<sup>1528</sup> ms. mulier Eubola honesta. VOUAUX corrige.

quando pedires sinais e prodígios<sup>1529</sup>, e converterás muitos<sup>1530</sup>, mas tens contra ti Simão, graças as obras do seu pai. Mas todas as coisas  
 10 dele hão de ser provadas: encantamentos e astúcias mágicas. Agora, pois, não se sinta abalado, mas os que envie junto a ti, em meu nome, fundamenta-os<sup>1531</sup>.” E assim que o dia levantou-se, (Pedro) narrou aos irmãos que o Senhor aparecera a ele e o que teria antecipado a ele.

## XVII – Simão e Eubula

(E assim): — “Todavia, acreditem em mim<sup>1532</sup>, ó varões irmãos: por minha causa, este Simão havia fugido da Judeia<sup>1533</sup>, onde causava muitos males por seu encantamento mágico<sup>1534</sup>. Morava na Judeia com certa mulher, Eubula, muito respeitada neste mundo, e junto a  
 5 ela, copioso ouro e pérolas de não pouco valor<sup>1535</sup>. Sorrateiramente este Simão introduziu-se (na casa) com dois semelhantes a ele.

---

<sup>1529</sup> Jo 14,12. Os milagres parecem ser o principal meio de convencimento.

<sup>1530</sup> Lc 1,16.

<sup>1531</sup> Cl 1,23.

<sup>1532</sup> O autor de *AtsPe* não é um mero transcritor, mas este relato começa muito repentinamente, sem alguma solução de continuidade, o que supõe lacuna. FICKER – *in*: Hennecke (ed.), *Handbuch...* 1903, *op.cit.*, p.439, sugere acrescentar a frase no início do cap. XVIII: “Depois de falar desta visão, ele continuou (...); seria mais útil, se colocada aqui; o *inde exfugavit* se tornaria a *Judæa exfugavit*. Além disso, o autor já fez anteriormente, caps. V e IX, duas alusões ao derrotar Simão na Judeia, demonstrando que ele já conhecia a história dessa luta e o episódio Eubula. Ainda, se a intenção era inspirar os fiéis em Roma, não parece bem posicionado. — Há os que defendam como interpolação, como Ficker. E a fonte, presumivelmente, seria a primeira parte do texto (perdida), que acontecera em Jerusalém, e que também justifica as muitas semelhanças entre este episódio de Eubula e o resto de *AtsAp*.

<sup>1533</sup> *id. ibid.*, p.439, Ficker percebe alguma semelhança (nem tão próxima) entre Simão e o sofista sírio Timarco, quando Λουκιανός ὁ Σαμοσατεύς (*lat.* Lucianus Samosatensis; de Samósata) critica as mentiras e o reprova pelo uso incorreto das palavras – chama-o de ψευδολογιστής.

<sup>1534</sup> At 8,11.

<sup>1535</sup> Esta influência de Simão em uma mulher rica tem outros paralelos na literatura cristã. No lado oposto, Lc 8,3, Jesus tem amizade com mulheres simples e piedosas como de Maria de Magdala e Marta. — Segundo Εἰρηναῖος (= IRINÆUS, de Lyon). *Adversus Hæreses*, I, XIII, 3. – *in*: Migme (ed.). *P.G.*, 1857, *op.cit.*, t.VII, col.581, observou o abuso deste traço em Marcus, um mágico

bus sibi similibus. Illos duo de familia nemo vidit, nisi solum Simonem. Magia facta sustulerunt omnem aurum mulieris et non comparuerunt. Eubola autem postquam recognovit hoc factum, cœpit torquere familiam suam dicens: «Sub occasione<sup>1536</sup> hominis deifici<sup>1537</sup> spoliastis<sup>1538</sup> me, quod videritis eum ad me introeuntem ut honorificaret<sup>1539</sup> mulierem simplicem; cui nomen est autem nomen domini<sup>1540</sup>.» Ego jejunans diebus tribus et orans ut hoc factum palam fieret, video in visum Italicum et Antulum quos ego cathecizaram<sup>1541</sup> in nomine domini, et puerum nudum vinctum, dantem mihi siligineum et dicentem mihi: «Petre, adhuc biduo sustine et videbis magnaia Dei. Quæ enim perierunt de domo Eubolæ, Simonem magica arte usum fuisse<sup>1542</sup> et fantasma facta cum aliis duobus abripuisse. Quos tu videbis tertia die hora nona ad por-

---

gnóstico, trata com mulheres mais influentes. Neste episódio, Eubula é *honesta nimis* (talvez um pretexto) e Pedro convida Eubula a usar *vestem convenientem sibi* (muito ricas); Eubula tem muito ouro e pedras preciosas. Marcus, o mágico gnóstico, *id. ibid.*, cols.584-5, promete compartilhar sua graça, como Simão o faz “como o ministro de Deus”, e ele recebe bens, tesouros; assim, Eubula dá à Simão para os pobres e para ele. *id. ibid.*, col.589, igualmente os seguidores de Marcus dizem que eles podem ser invisíveis, como dois cúmplices de Simão. Há semelhanças realmente marcantes.

<sup>1536</sup> ms. *occansionem*.

<sup>1537</sup> TURNER e PIÑERO propõem: *numen Domini*, com sentido no gr. de = δύναμις τοῦ θεοῦ; não seguimos.

<sup>1538</sup> ms. *spoliasti*.

<sup>1539</sup> ms. *honorificaretur*. LIPSIUS corrige. PIÑERO suspeita que LIPSIUS leu *ex-lat. honorificaret mu (!)*; interjeição ou som de mudos; leitura pouco provável. Seguimos LIPSIUS.

<sup>1540</sup> *uide* nt. da tradução.

<sup>1541</sup> PIÑERO propõe *catechizaram*; não seguimos.

<sup>1542</sup> ms. *fuisse*.

Alguém da casa viu os dois homens, mas (vimos) somente Simão. Por artes mágicas, eles furtaram todo o ouro da mulher e tornaram-se invisíveis<sup>1543</sup>. Mas Eubula, depois que reconheceu este fato, começou 10 a atormentar seus servos, dizendo: — ‘Por ocasião deste homem divino<sup>1544</sup>, me espoliastes, tendo visto que ele veio a mim, adentrando a fim de honrar como uma mulher singular; e cujo nome é o nome do Senhor.’<sup>1545</sup> Eu jejei por três dias e orei<sup>1546</sup>, a fim de este fato fosse feito manifesto. Então vi numa visão Itálico e Ântulo, os quais eu 15 catequizei em nome do Senhor, e uma criança nua, acorrentada e dando a mim um pão de trigo<sup>1547</sup>, dizendo: — ‘Pedro, aguarde dois dias mais e verás as maravilhas de Deus. Quanto ao que desapareceu da casa de Eubula, Simão, fazendo uso de arte mágica e feito fantasma, e com mais dois outros, subtraiu. Estes tu verás no

---

<sup>1543</sup> Ou o autor não vislumbra a realidade de sua “feitiçaria” ou ironiza.

<sup>1544</sup> *ex-lat.* o termo: *hominis deifici*, cf o *index latinus* de LIPSIUS. *Acta Apostolorum Apocrypha...* 1891, *op.cit.*, t.I, p.312, onde crê que algo pode ter-se perdido desta frase.

<sup>1545</sup> Eubula é pagã, no *gr.* εὐ + βουλή (de bom conselho) significa, em suma: “ela é do Senhor”; e vem para dizer que Simão já se identificara “um homem divino”, caps. IV; X; XXXI. Lipsius e Gundermann veem aqui uma interpolação nas palavras aqui colocadas que resulta da passagem de um fôlio ao outro pelo copista; LIPSIUS. *Acta Apostolorum Apocrypha...* 1891, *op.cit.*, t.I, p.63. Já, no entanto, FICKER – *in*: Hennecke (ed.), *Handbuch...* 1903, *op.cit.*, p.440 se pergunta se o autor não queria dar aqui uma derivação da palavra Simão, mas não deu valor suficiente a isso.

<sup>1546</sup> Mt 17,21.

<sup>1547</sup> Segundo VOUAUX. 1922, *op.cit.*, pp.322-4 esta visão é do Senhor, como Pedro diz. Ele aparece como uma criança à algumas viúvas cegas, cap. XXI. Podemos dizer que há guias simbolísticos, de princípio teórico, que o autor aplica quando ele varia a forma de essas visões. Parece acomodar cada personagem da situação: vimos Cristo, como um jovem brilhante depois do batismo de Theão, cap. V; ou prevendo a vitória de Pedro, cap. XVI. Aqui temos Eubula pagã, Simão é mágico e ladrão; circunstância é triste, e como uma criança nua e amarrada, levado pelo Salvador: simboliza a alma de Eubula despojado e ainda acorrentado pelos laços do paganismo e crença em Simão; no entanto esta alma tem o direito à vida e à palavra da vida, simbolizada pelo pão de trigo que a criança está segurando. Pedro deve tomá-lo, e dar-lhe a Eubula, dando-lhe a fé. Poderia também levar a uma vaga referência à Eucaristia, e uma memória de João 4,31ss, muito usado na Patrística, pois FICKER – *in*: Hennecke (ed.), *Handbuch...* 1903, *op.cit.*, p.441ss refuta “a fantasia dos apócrifos” porque ele quer perceber a “visão de Cristo crucificado, nu e amarrado”, mas esta é mais uma questão preconcebida dele.

20 *tam, quæ ducit Neapoli, vendentes aurifici cuidam nomine Agripino satyriscum aureum librarum duum, habens in se lapidem prætiosum. Tu vero non est quod tangas, ne coinquineris; sed sint quidam tecum de servis matronæ*<sup>1548</sup>. *Tu autem ostendes aurificis tabernam et discedes*<sup>1549</sup> *ab eis. Propter hoc*  
 25 *enim factum multi credent in nomine domini. Quæ enim illi astutia sua et malitia sæpe*<sup>1550</sup> *abripuerunt in palam adprobantur*<sup>1551</sup>.» *Hoc ego audiens perveni ad Eubolam et inveni illam sedentem, conscissa veste, erinibus dissipatis lugentem.*

---

<sup>1548</sup> *ms. matrone.*

<sup>1549</sup> *ms. discedis.* LIPSIUS e VOUAUX corrigem.

<sup>1550</sup> *ms sepe. uide* nt. da tradução. FICKER propõe trocar por *secum*; parece desnecessário, pois mais baixo, o autor diz que não estava na caverna onde os ladrões esconderam o fruto de seus roubos, não só o que foi roubado de Eubula, mas *alia plura*.

<sup>1551</sup> *ms. pala adprobantur.* VOUAUX corrige.



20 terceiro dia, à hora nona, junto a porta, a qual conduz a Neápolis<sup>1552</sup>, vendendo a um ourives, cujo nome é Agripino, um pequeno sátiro<sup>1553</sup> de duas libras<sup>1554</sup> de ouro, tendo em si uma pedra preciosa<sup>1555</sup>. Entretanto, não é para tu toca-lo, a fim de que não sejam contaminados<sup>1556</sup>; portanto leve contigo uns servos da matrona. Tu, porém, mostrarás a tenda do ourives e se apartará deles. E como

25 resultado deste fato, muitos crerão no nome do Senhor<sup>1557</sup>. Aos quais, pois, a astúcia dele e a frequente malícia, serão comprovadas e exibidas publicamente.’ E eu ouvindo isto, fui a Eubula, e encontrei-a sentada, com as vestes rasgadas, cabelos desgrenhados e

---

<sup>1552</sup> Segundo VOUAUX. 1992, *op.cit.*, p.323, este é o portão norte de Jerusalém (apelidada de *Neapolitana*); estrada que leva tanto a שומרון (= *Shomron*; também chamada Σαμάρεια Σεβάστη, Samaria Sebastia), quanto a próxima Flavia Neapolis, fundada pelo imperador Flavius em 72 d.C., hoje Nablus, Cisjordânia, que cresceu e superou a antiga Samaria (Sebaste). É razão pela qual o autor menciona aquela e não esta. E existia pelo menos até o ano 333, *uide* GEYER, Paulus. (ed.). *Itinera Hierasolymitana saeculo III-VIII. – in: Corpus scriptorum ecclesiasticorum latinorum*. vol. XXXIX. Prague; Vienna: Jellinek, 1898, p.22. Se o autor optou por esta porta, em vez de outra, provavelmente manteve a memória de At 8,9, que indicava Samaria como o local da residência do mago Simão.

<sup>1553</sup> *satyriscum*, um pequeno filho, um “semideus rústico, dotado de orelhas grandes e pontiagudas, nariz achatado, chifres pequenos, com rabo e pernas de cabra”; HOUAISS. CD Rom. *op.cit.*, 2009.

<sup>1554</sup> *libra Romæ* = 340 g (3/4 de uma libra atual, unidade de peso).

<sup>1555</sup> Há um erro de tradução *gr.* → *lat.* pois, *satyricum*, são figuras de sátiros filhos. Não foi sempre uma estátua simples; aqui como é dito *infra*, representa “gemas moldadas”. Uma espécie de prato forrado de pedras preciosas, sobre o qual surge em relevo a figura de uma criança sátiro. Os *satyrica* eram muito comuns nos tempos antigos, especialmente em estátuas, mas também sobre os vasos, em escudos e discos ornamentais, selos, κτλ. *uide* art. *Satyri* – in: DAREMBERG; SAGLIO. *Dictionnaire des antiquités grecques et romaines...* 1877-1919, *op.cit.*, t.VIII, p.1100.

<sup>1556</sup> O toque no ídolo seria uma abominação para o apóstolo, FICKER – in: Hennecke (ed.), *Handbuch...* 1903, *op.cit.*, p.442. Porém, segundo FLAMION, Joseph. *Les Actes Apocryphes de Pierre. – in: Revue d’histoire ecclésiastique, RHE IX*. Paris, Bruxelles: Louvain Bureau du Recueil, 1910, p.247, nt.4 ; *id. Les Actes Apocryphes...* RHE X. 1909, *op.cit.*, p.17, nt.5, acha que o autor quer aqui que Pedro esteja afastado de qualquer suspeita de venalidade, como ocorreu na história da filha do Apóstolo.

<sup>1557</sup> Jo 2,23.

Cui dixi<sup>1558</sup>: «Eubola, surge a luctu<sup>1559</sup> et reconpone faciem tuam  
 30 et suffige capillos tuos et sume vestem convenientem tibi, et  
 ora ad dominum Jesum Christum qui iudicat omnem ani-  
 mam. Ipse enim est invisibilis<sup>1560</sup> Dei filius in quem te necesse  
 est salvari, si tamen ex toto corde penitueris<sup>1561</sup> a prioribus tuis  
 peccatis; et accipe virtutem ab eo. Ecce enim per me dicit  
 35 tibi dominus: «Omnia quaecumque perdidisti invenies.» Et  
 postquam perceperis ea, fac ut te inveniatur<sup>1562</sup>, ut abrenuntiare  
 possis huic praesenti saeculo et quaerere aeternum refrigerium.  
 Itaque ut haec audias: quidam de tuis ad portam observent  
 quae ducit Neapolim. Perendina die, hora fere nona, vide-  
 40 bunt duo juvenes, satyriscum aureum librarum duum lapillis  
 inclusum, sicut visio mihi demonstravit<sup>1563</sup>, quod offerent  
 venale cuidam<sup>1564</sup> Agripino, domestico pietatis et fidei quae est  
 in dominum Jesum Christum. Per quem tibi ostenditur ut  
 Deo vivo credas et non mago Simoni, instabili daemone, qui  
 45 te in luctum morari voluit, et innocentem familiam tuam  
 torqueri, qui te blandiloquo sermone<sup>1565</sup> tantum seducebat et

---

1558 *ms. dixit.*

1559 TURNER propõe *lecto*; não seguimos.

1560 *ms. inbisibilis.*

1561 PIÑERO propõe *poenitueris*; não seguimos.

1562 TURNER propõe *inuenias*; não seguimos.

1563 *ms. demonstrabit.* VOUAUX corrige.

1564 *ms. cuinam.*

1565 *ms. blandi eloquio, sermone.* LIPSIUS, VOUAUX e BONNET corrigem. PIÑERO propõe *blandiloquio, sermone*; não seguimos.

chorava<sup>1566</sup>. E disse-lhe: — ‘Eubula, levanta-te da tua lamentação,  
 30 recomponha a tua face e arruma teus cabelos e tome uma veste  
 adequada a ti, e ore a Senhor Jesus Cristo que julga toda alma<sup>1567</sup>. Pois  
 o mesmo é Filho de Deus, o invisível<sup>1568</sup>, por quem tu necessitas ser  
 salva, se, de fato, de todo o coração te afastares dos teus pecados  
 passados; e receba dele a força<sup>1569</sup>.’ Pois, eis que por mim, o Senhor  
 35 diz a ti: — ‘Tudo o que perdeste, encontrarás. E depois que tu tiveres  
 recobrado, acerque-se que Ele te encontre<sup>1570</sup>, de modo que possas  
 renunciar o presente século<sup>1571</sup> e encontrar refúgio eterno<sup>1572</sup>.’ Então  
 ouças isso: — ‘alguns dos teus, que se mantêm observando, estão  
 junto ao portão, o qual conduz a Neápolis. Depois de amanhã, cerca  
 40 da hora nona<sup>1573</sup>, eles vão ver dois jovens com o pequeno sátiro de  
 duas libras de ouro com pedras preciosas emolduradas<sup>1574</sup>, como a  
 visão revelou a mim, e oferecerão para venda à um certo Agripino,  
 doméstico na piedade e na fé<sup>1575</sup>, a qual está no Senhor Jesus Cristo.  
 Através de quem será mostrado a ti, a fim de que creias no Deus  
 45 vivo<sup>1576</sup> e não no mago Simão, demônio instável<sup>1577</sup>, que queria ver-te  
 em uma tristeza duradoura, e teus inocentes servos fossem torturados.  
 Que, com discursos lisonjeiros<sup>1578</sup>, tanto a ti seduzia; tal

---

<sup>1566</sup> 2 Rs 22,19; 1Sm 4,12.

<sup>1567</sup> Esta expressão é clarificada logo adiante: *judex vivorum et mortuorum*; *uide* também caps. XXVIII e XXXVI, que seguem 2Tm 4,1; 1Pe 4,5; Hb 12,23, cujo sentido é “que conhece o coração”, aplicado no cap. II.

<sup>1568</sup> ‘Deus invisível’ ou ‘Filho de Deus, o invisível’; epítetos comuns nos sécs. II-III, o que reforça a datação defendida para *AtsPe*.

<sup>1569</sup> Significa “poder” ou “virtude do Espírito Santo”; At 1,8.

<sup>1570</sup> 1Pe 1,7.

<sup>1571</sup> Gl 1,4; 2Pe 1,41; 1Cor 7,31; Lc 14,33. Há outras menções nos *AtsAp* no mesmo sentido, e.g. *AtsJo* LXIX, *AtsPl*, κτλ, e estão em conformidade com o ascetismo geral dos *AtsAp*. Como veremos o final do cap., Eubula acaba por seguir os conselhos de Pedro.

<sup>1572</sup> Sl 9,9; 46,7; 62,8; Mt 11,29.

<sup>1573</sup> As três horas da tarde.

<sup>1574</sup> Todos estes detalhes estão de acordo com os dados anteriormente pela criança, exceto quantidade de gemas. Esta discrepância pode vir de um erro do tradutor, bastaria *lapides pretiosos*.

<sup>1575</sup> Seguindo Ef 2,19.

<sup>1576</sup> At 14,15.

<sup>1577</sup> Estas duas expressões se opõem diretamente o que Simão diz de si mesmo no final do cap. XXXI, linha XXIV: τόν Ἐσιῶτα υἰόν σου (τοῦ θεοῦ).

<sup>1578</sup> Ef 5,6.

ore tantum pietatem<sup>1579</sup> Dei dicebat, cum ipse tantum impietatem<sup>1580</sup> possederit. Quando enim tu hilarem diem putabas<sup>1581</sup> celebrare, et idolum posuisti et velabas, et omnia ornamenta tua<sup>1582</sup> in delfica exposuisti, ille autem introductis duobus juvenibus quos nemo vestrum vidit, magico carmine facto et abreptis ornamentis tuis non comparuerunt. Sed non habuit locum machinatio illius. Deus enim meus palam mihi fecit, ut non tu decipiaris, neque in gehenna perires,  
 55 quæque in pie et contrario contra Deum gessisti, qui est omni veritate plenus et justus iudex vivorum atque mortuorum, et non est alia spes vitæ hominibus, nisi per eum, per quem tibi salvata sunt quæ perdideras. Et nunc tu lucrare animam tuam.» At<sup>1583</sup> illa prostravit se ante pedes meos dicens: «O homo, quisquis es ignoro; illum quidem tamquam  
 60 Dei ministrum susceperam, et quidquid me petiit<sup>1584</sup> in administratione pauperorum, dedi multa per manum<sup>1585</sup> illius et illi extrinsecus multa tribui. Quid nocitus a me tantum molitus est domui meæ?» Ad quem Petrus dixit: «Non est in verbis

---

1579 *ms. pietate.*

1580 *ms. impietate.*

1581 *ms. putas.* LIPSIUS corrige.

1582 *ms. ornamentaria.* LIPSIUS corrige.

1583 *ms. ad.* LIPSIUS e VOUAUX corrigem.

1584 *ms. petit.*

1585 *ms. manu.* VOUAUX corrige.

como com os lábios professava a piedade de Deus, mesmo que ele tanta impiedade possuísse<sup>1586</sup>. Na ocasião, quando pensaste celebrar uma data comemorativa e colocavas teu ídolo, decoravas com velas e  
 50 expunha todos os teus ornamentos em uma mesa délfica<sup>1587</sup>, este (Simão) introduziu dois jovens, os quais ninguém de vós viu. E através de um conjuro mágico, e teus ornamentos foram roubados e desapareceram. Mas a maquinação dele não teve sucesso, pois o meu Deus tornou a mim manifesto, a fim de que tu não fosses enganada,  
 55 nem percesses no inferno pelas obras que impiamente engendraste contra Deus. O qual é cheio de toda verdade<sup>1588</sup> e justo juiz dos vivos e dos mortos, e não há outra esperança de vida<sup>1589</sup> para os homens, exceto por ele. E por quem, são mantidas salvas para ti, as coisas que perderas. E desde já tu mantinhas ganha<sup>1590</sup> a tua alma'. No entanto,  
 60 ela prostrou-se ante os meus pés<sup>1591</sup> dizendo: — ‘Oh homem! Ignoro quem és<sup>1592</sup>. Eu, certamente, recebera (Simão) tal qual um ministro de Deus e tudo me pediu para o serviço dos pobres; por sua mão dei grandes quantias e, afora isso, partilhei-lhe muitas outras coisas. Que mal fiz eu para que maquinasse tanto contra a minha casa?<sup>1593</sup> Pedro

---

<sup>1586</sup> 2Tm 2,16; Jd 1,15; Mt 7,15; este pensamento está ligado, apesar da diferença de palavras. Há, provavelmente, a ideia de “pedir desculpas” a Eubula, a quem o autor chamou de “matrona”.

<sup>1587</sup> Refere-se à mesa ou plataforma, redonda e trípode, de onde as pitonisas no Oráculo de Delfos proferiam suas profecias e previsões. O *satyricum*, embora não é expressamente mencionado, é era um ídolo, e esteve associado, às vezes, as imagens de Eros; talvez este seja o caso aqui.

<sup>1588</sup> 1Pe 4,5; Jo 1,14; At 10,42.

<sup>1589</sup> At 4,2; seguindo o cap.II.

<sup>1590</sup> Lc 9,25; Mt 16,26.

<sup>1591</sup> Marcelo faz o mesmo no cap. X, usando palavras semelhantes.

<sup>1592</sup> No cap.V, Theão usa o mesmo discurso.

<sup>1593</sup> Segundo BONNET. *Acta Apostolorum Apocrypha...* 1891, *op.cit.*, vol. II. p.236, são imitadas em *AtsTo* CXXVIII.

65 *habenda fides, sed in operibus et factis. Sed ad cœptum per-*  
*gendum est.» Itaque recedens ab ea perveni cum duobus*  
*actoribus Eubolæ, et accedo ad Agrippinum et dico illi:*  
*«Vide ut hos agnoscas. Crastina enim die venient<sup>1594</sup> ad te duo*  
*juvenes, volentes vendere tibi satyriscum aureum lapillis*  
70 *inclusum quod est dominæ<sup>1595</sup> eorum. Tu autem accipies tam-*  
*quam inspiciendo et inlaudando opus artificis. Isti superve-*  
*nientes, cetera Deus ad probationem adducet.» Alia autem*  
*die actores matronæ circiter hora<sup>1596</sup> nona venerunt, et illi*  
*juvenes volentes vendere Agrippino satyriscum aureum.*  
75 *Quibus statim adpræhensis nuntiatum est matronæ. At<sup>1597</sup> illa*  
*turbata mente pervenit ad legatum, et voce maxima<sup>1598</sup> refe-*  
*rens quæ ei contigissent<sup>1599</sup>. Quem ut vidit Pompeius legatus*

---

1594 *ms. veniunt.* LIPSIUS e VOUAUX corrigem.

1595 *ms. domine.*

1596 *ms. ora.* VOUAUX corrige.

1597 *ms. ad.*

1598 *ms. mxima.*

1599 *ms. contegissent.* VOUAUX corrige.

65 respondeu (*sic*)<sup>1600</sup>: — ‘Não há de se crer em palavras, mas em obras e ações<sup>1601</sup>. Mas que se continue o que fora iniciado.’ Então deixando-a, vim com dois intendentés de Eubula e me aproximei de Agripino e disse-lhe: — ‘Veja-os a fim de que os reconheça. Pois no dia de amanhã virão a ti dois jovens, desejando vender a ti um pequeno

70 sátiro de ouro com pedras preciosas emolduradas, o qual pertence a senhora destes. Tu, porém, receba-o assim como que inspecionando e elogiando a obra do artífice. Então se achegaram onde você está, e de resto, Deus trará a evidência.’ Pois, no outro dia, perto da hora nona, os intendentés da matrona vieram, e também, os jovens que queriam vender a Agripino o pequeno sátiro de ouro. Imediatamente eles foram

75 capturados e foi anunciado à matrona. Mas ela com o pensamento turvado apresentou-se ante o legado<sup>1602</sup> e em alta voz contando as coisas que lhe ocorrera. Quando Pompeu<sup>1603</sup>, o legado,

---

<sup>1600</sup> Há um *lapsus narrationes* do autor (ou tradutor); as frases anteriores estão na boca de Pedro. — VOUAUX. 1922. *op.cit.*, p.329, acha curioso que o narrador se esquece que é o próprio Pedro, que conta a história; acredita ser uma interpolação que transportou o episódio Eubula da primeira parte perdida de *AtsPe*, e por este detalhe, é parece provável que, nesta primeira parte, a história não estava colocada na boca de Pedro.

<sup>1601</sup> 1Cor 4,20; Jo 10,38; Mt 5,16. O termo “obras” pode significar milagres ou demonstrações concretas.

<sup>1602</sup> O autor parece pensar em *legatus Augusti*, um governador provincial, que residia na Síria, visto pelos poderes que ele lhe concede segundo o texto; também coincide com a cronologia mais aceita do período de permanência de Pedro em Jerusalém. Mas EUSEBIUS, *H.E.*, III, XXII, 3. – *in*: Migme (ed.). *P.G.*, 1857, *op.cit.*, t.XX, col.476, menciona um “*consulaire, Atticus*”, sob o governo de que Simeão, filho de Clopas, bispo de Jerusalém, que foi martirizado, segundo temos em SCHÜRER, Emil. *Geschichte des jüdischen Volkes im Zeitalter Jesu Christi*. t.I. Leipzig: J. C. Hinrichs’sche Buchhandlung, 1886, p.645. Também temos a possibilidade de *Lucius Quietus*, que se tornou *legatus* para a Judeia, após o consulado de *Atticus*, no ano de 115, cf SPARTIANUS, *Aelius. in Hadrien*, V; *Dion Cassius*, LXVIII, 32, ambos mencionados por VOUAUX. 1922, *op.cit.*, p.330.

<sup>1603</sup> Outras possibilidades são: havia realmente na Judeia, 83 d.C, um *legatus* chamado *Cn. Pompeius Longinus*, segundo temos em *Corpus Inscriptiones latine*, t.III, p.857, nt.14. Mas para, FICKER – *in*: Hennecke (ed.), *Handbuch...* 1903, *op.cit.*, p.443, o autor anacronicamente remete ao *legatus Cn. Pompeius Magno*, que viveu 63 a.C., cuja derrota para imperador Gaius Julius Cæsar está na *Farsalia*, I,120-126, que morreu em 43 a.C., no Egito e conquistou Jerusalém para o Império Romano dando início da dominação e o protetorado (com os Herodes).

turbata mente, quæ numquam in publicum processerat, surrexit continuo de tribunali et introiuit<sup>1604</sup> prætorium et iussit  
 80 eos perduci et quæstionari<sup>1605</sup>. At<sup>1606</sup> illi cum essent in tormentis, confessi sunt se Simoni ministerium prestare «adducente nos denariis<sup>1607</sup>.» Et diutius quæstionati fassi<sup>1608</sup> sunt, quæcumque Eubola perdiderat sub terra in spelunca deposita esse trans portam<sup>1609</sup> et alia plura. Pompeius hæc ubi audivit, surrexit  
 85 ut iret ad portam duobus illis ligatis binis catenis. Et ecce Simon introibat portam quærens eos, quod tarde facerent: et videt turbam magnam venientem et illos ligatos catenis. Statim intellexit et fugam<sup>1610</sup> petiit, et non comparuit in Iudæa<sup>1611</sup> usque in hoc tempus. Eubola autem postquam recepit  
 90 omnia sua dedit in ministerium pauperorum, credens autem in dominum Jesum Christum et confortata et contemnens

---

1604 *ms. introibit.* VOUAUX corrige.

1605 *ms. quæstionati.* LIPSIUS e VOUAUX corrigem.

1606 *ms. Ad.*

1607 *ms. denarios.* LIPSIUS e VOUAUX corrigem.

1608 *ms. passi.*

1609 *ms. portat.* LIPSIUS, GUNDERMANN e VOUAUX corrigem.

1610 *ms. fuga.*

1611 *ms. Judea.* LIPSIUS mantém o erro do *ms*; nós corrigimos.



a viu tão perturbada, a qual nunca havia manifestado em público, levantou-se rapidamente do tribunal e entrou no pretório, onde  
 80 ordenou trazê-los<sup>1612</sup> para uma averiguação. E eles, quando estavam em tormentos<sup>1613</sup>, confessaram ter prestado seu apoio a Simão ‘porque ele nos trouxe dinheiro’. E inquiridos longamente, tornam-se confessos de que tudo que Eubula perdera estava depositado em uma caverna, embaixo da terra, estando do outro lado da porta; e muitas  
 85 outras coisas<sup>1614</sup>. Quando Pompeu ouviu isso, levantou-se para ir para a porta com os dois, ambos atados por duplas cadeias. E eis que Simão entrava na porta, buscando-os porque tardavam-se, e vê uma grande multidão vindo e os dois jovens presos em cadeias. Imediatamente ele entendeu tudo e buscou a fuga; e não reapareceu na Judeia por todo  
 90 este tempo até hoje. Quanto à Eubula<sup>1615</sup>, depois de ter recuperado todos os seus bens, deu-lhes para o serviço dos pobres<sup>1616</sup>; pois crendo no Senhor Jesus Cristo<sup>1617</sup>, foi fortificada, desprezando e renunciando

---

<sup>1612</sup> *ex. lat.* “*eos*” só pode significar os dois jovens, cúmplices de Simão.

<sup>1613</sup> Por meio de torturas.

<sup>1614</sup> Produto de roubos anteriores.

<sup>1615</sup> Segundo FICKER – *in*: Hennecke (ed.), *Handbuch...* 1903, *op.cit.*, p.443, a única memória mantidos Eubula na literatura cristã é precisamente a da sua beneficência. No *sermo* de certo EUSEBIUS, arcebispo de Alexandria, diz uma citação, cap. XXI, *Nova Patrum bibliotheca*, 1884, t.II, pp.519ss. – *in*: Migme (ed.) *P.G.* 1857, *op.cit.*, t.LXXXVI, vol.1. col.449, diz que: ὡσαύτως καὶ Εὐβούλα πλουσία ἦν, ἀλλὰ καὶ ἐλεημοσύνην πολλὴν εἶχε, καὶ τῷ κορυφαίῳ Πέτρῳ διακονοῦσα (= da mesma forma, Eubula era rica, mas também fez com que muitos caridade e serviu Pedro, o Príncipe dos Apóstolos).

<sup>1616</sup> Eubula segue o preceito mencionado em Mt 19,21. O cristianismo primitivo considerou a riqueza como um dom de Deus para fazer o bem e a ser repartido nas comunidades (essência do pensamento cristão). Em At 2,42-47 “tinham tudo em comum e vendiam as propriedades”, em cujas tendências ascéticas, o *AtsPe* volta a insistir. Em *AtsPITe*, IVss, Onesíforo abandona as posses para seguir Paulo com sua família. — Este serviço dos pobres já é mencionado no fragmento copta,  $\mathfrak{P}^{\text{B-8502}}$  (*Papyrus Berolinensis* 8502), C.139, 16-17. Marcelo também pratica isto nos caps. VIII e XIX; assiste viúvas nos caps. XXI e XXII. Crisé também dá grandes somas para as virgens e os pobres, caps. XXIX e XXX.

<sup>1617</sup> Lc 14,33.

*et abrenuntians huic sæculo, tribuebat viduis et orfanis et  
 vestiens pauperos, post<sup>1618</sup> multum tempus accepit dormi-  
 tionem. Hæc autem, fratres dilectissimi, facta sunt in Ju-  
 95 dæa<sup>1619</sup>, per quæ<sup>1620</sup> hinc exfugatus est angelus Satanæ qui  
 dicitur.*

XVIII *Fratres carissimi ac dilectissimi, jejunemus invicem  
 precantes dominum. Qui eum inde exfugavit et hinc potens  
 est eum extirpare. Et det nobis virtutem contraresistere ei et  
 carminibus magicis ipsius, et adprobare eum angelum Sa-  
 5 tanæ esse. In sabbato enim equidem nolentem adducet eum  
 dominus noster in Julio foro. Flectamus ergo genua Christo:  
 obaudiens nos, etsi non clamaverimus; est qui videat nos,*

---

<sup>1618</sup> *ms. per.* LIPSIUS, GUNDERMANN e VOUAUX corrigem. LIPSIUS  
 entende que *per* viria do gr. διὰ πολλοῦ χρόνου.

<sup>1619</sup> *ms. Judea.*

<sup>1620</sup> *ms. que.*

o presente século, dividia com viúvas, órfãos e vestia os pobres. Depois de muito tempo<sup>1621</sup> recebeu a dormição (no Senhor)<sup>1622</sup>. Pois estas coisas, diletíssimos irmãos, são os fatos ocorridos na Judeia, e 95 por meio dos quais foi expulso deste lugar, o qual é chamado de ‘anjo de Satanás’<sup>1623</sup>.

## XVIII – Exortações finais

— ‘Ó caríssimos e diletíssimos irmãos, jejuemos mutuamente implorando ao Senhor, que expulsou-o de lá<sup>1624</sup> e que tem poder para extirpá-lo daqui. Que nos dê força para contrapor e resistir (Simão) em si, também seus encantamentos mágicos e provar que ele é o 5 mensageiro de Satanás. E de fato, sábado, certamente nosso Senhor o conduzirá, contra a sua vontade, ao Fórum de Júlio. Curvemos, pois, os joelhos perante Cristo que nos ouve, ainda que não clamemos<sup>1625</sup>.

---

<sup>1621</sup> A expressão *post multum tempus*, segundo VOUAUX, 1922, *op.cit.*, p.333, seguido por Erbetta, sugere que se passou um tempo demasiadamente longo entre a vitória de Pedro sobre Simão na Judeia sua chegada em Roma (contrariamente ao contexto geral do AV), e portanto inapropriada na boca de Pedro, dentro do andamento narrativo. Segundo ele é uma interpolação e seria esta mais uma prova de que este episódio de Eubula esta deslocado do seu lugar original. E a frase seguinte foi agregada, provavelmente, pelo tradutor ou algum copista ao AV visando interligar a história de Pedro no cap. XVIII; e usa os termos: *fratres dilectissimi, hinc exfugatus est, angelus Satanae*, que Vouaux chama de “belo efeito de uma interpolação”.

<sup>1622</sup> Mesma expressão no 2Mac 12,45 (*Vulg.*), também no *codex Claromontanus* para traduzir 1Cor 7,39, também nas traduções latinas de *AtsPl*. Recorda a ideia de que a morte dos santos leva à felicidade eterna e que é um dom de Deus. PIÑERO. 2004, *op.cit.*, p.605 menciona outras possíveis fontes: *TestXIIIPat.*; *TestSim.* VIII,1; *TestJud* XXVI,2.

<sup>1623</sup> 1Cor. 12,7.

<sup>1624</sup> Segundo VOUAUX, 1922, *op.cit.*, p.334, o texto original deu-se muito provavelmente a *Judaea*, uma referência a uma história anterior. O autor original grego do AV deve colocar esta nota nessa história para explicar a alusão. Note-se que o início da cap. XVIII liga muito bem no final do cap. XVI, que depois de compartilhar a visão que ele foi homenageado, Pedro exorta para o jejum e a oração antes deste importante evento.

<sup>1625</sup> Há uma ideia, como em Mt 6,6-8, que a oração no íntimo é verdadeira, muito mais do que dos lábios.

*etsi non videtur istis oculis, sed in nobis est: si volumus, non recedet a nobis. Expurgemus ergo animas nostras ab omni*  
 10 *temptatione pessima, et non discedet a nobis Deus; et si tantum annuerimus oculis, adest nobis.*

XIX *Post hæc autem a Petro dicta supervenit et Marcellus*<sup>1626</sup>, *qui dixit: Petre, ego tibi totam domum meam permundavi a vestigiis Simonis et scelesti pulveris ipsius per[stirpavi]*<sup>1627</sup>. *Accepi*<sup>1628</sup> *enim aquam et invocans nomen Jesu*

---

<sup>1626</sup> *ms Marcellum.* VOUAUX corrige.

<sup>1627</sup> Local corrompido; reconstituído em grau não confiável, LIPSIUS. *Acta Apostolorum Apocrypha...* 1891, *op.cit.*, t.I, p.66, sugere. GUNDERMAN e USENER propõem trocas um tanto complicadas: inserir *et eam* entre *mundavi* e *a vestigiis*; ou trocar *a vestigiis* por *ac vestigia*. O verbo *perstirpavi* é extremamente raro; na verdade, não temos conhecimento de uma segunda ocorrência em literatura antiga ou medieval. Seguimos LIPSIUS.

<sup>1628</sup> *ms. accepit.* VOUAUX corrige.

Ele é capaz de ver-nos, mesmo que não seja visto aos nossos olhos<sup>1629</sup>.  
 Porém, em nós habita. Se desejamos, não se desviará de nós<sup>1630</sup>.  
 10 Purifiquemos, pois, nossas almas de todas as maléficis tentações, e  
 Deus não se apartará de nós<sup>1631</sup>. Basta somente um aceno com os  
 olhos, e Deus está presente conosco’.”

## XIX – Marcelo purifica a casa e acolhe a todos

Porém quando estas coisas foram ditas por Pedro, Marcelo achegou-se e disse: — “Pedro: eu purifiquei para ti toda a minha casa dos vestígios de Simão e foi extirpada até a poeira profana de seus pés. Receba a água, invocando o nome santo de Jesus Cristo<sup>1632</sup> comigo e

---

<sup>1629</sup> O cap. XXI clarifica bem e elabora melhor este conceito, o qual se refere ao atributo divino da transcendência, recorrente na literatura cristã antiga. FICKER – in: Hennecke (ed.), *Handbuch...* 1903, *op.cit.*, p.444, cita MARCIANUS ARISTIDES (de Atenas). *Apologia*, IV,1. – in: HENNECKE, Edgar. *Texte und Untersuchungen*. t.IV, fasc. 3. Leipzig: Hinrichs,1893, p.13: Ἄφθαρτός τε καὶ ἀναλλοίωτος καὶ ἀόρατος, αὐτὸς δὲ πάντα ὄρᾳ καὶ ἄλλοιοὶ καὶ μεταβάλλει (= ele é incorruptível, imutável e invisível, mas ele vê mudanças e tudo transforma tudo). A mesma citação de Orfeu ocorre em CLEMENS, Titus Flavius (Clemens Alexandrinus). *Cohortatio ad Gentes*, VII. – in: Migme (ed.). *P.G.*, 1857, *op.cit.*, t.VIII, col.184: οὐδέ τις αὐτὸν. Εἰσοράα θνητῶν, αὐτὸς δὲ γε πάντα ὄρᾳται.

<sup>1630</sup> Esta ideia remete a união profunda da divindade com a humanidade; aparece também no cap. XXXIX. FICKER – in: Hennecke (ed.), *Handbuch...* 1903, *op.cit.*, p.444, nota que isto pode indicar “como estando no limite do que era permitido.”, o que discordamos baseados em Lc 8,21; Cl 3,3-4; 10-11; 24; Rm 8,32; 11,36 e muitas outras passagens de Jo. Também ocorre nos apócrifos como Ps-BARNABÉ, III,5. – in: HEMMER, Hippolyte (ed.). *Les écrits des Pères apostoliques*. vol.I. Paris: Alphonse Picard & fils, 1907, p.38: Ἐτι λαλοῦντος σοῦ ἐρεῖ· Ἰδοὺ πάρεμι (= quando tu falares de novo [implorando a ele], ele [Deus] dirá: Eis me aqui!)

<sup>1631</sup> 1Jo 1,9.

<sup>1632</sup> Esta invocação sacraliza a prática, neste, provavelmente de origem pagão. Invocação semelhante ocorre com a eucaristia, cap. V.

- 5 *Christi sanctum cum ceteris servis ipsius pertinentibus ad eum, adsparsi omnem domum<sup>1633</sup> meam et omnia triclinia et omnem porticationem usque foris ad jannam et dixi: «Scio te, domine Jesu Christe, mundum et intactum esse ab omni immunditia, ut exfugetur hostis et inimicus mens a conspectu*
- 10 *tuo.» Et nunc, beatissime, jussi convenire in domum commundatam<sup>1634</sup> viduas et seniores ad te, ut orent nobiscum. Accipient autem ministerii nomine singulos aureos, ut pos-*

---

<sup>1633</sup> *ms. domu.*

<sup>1634</sup> *ms. communem.* LIPSIUS. *Acta Apostolorum Apocrypha...* 1891, *op.cit.*, t.I, p.66 troca por *commundatam*. Compreende que, à rigor, “na minha casa, que se tornou a casa comum de todos os irmãos...”; seguimos.

- 5 com os outros servos que a ele pertencem a ele. E asperge<sup>1635</sup> toda a minha casa<sup>1636</sup>, todos os triclinios e todas as passagens, até mesmo fora das portas, e diga: — ‘Eu sei que tu, senhor Jesus Cristo, que és limpo e imaculado de toda imundícia<sup>1637</sup>, deste modo, meu adversário e inimigo seja expulso da tua presença.’ E agora, bem aventurado
- 10 (Pedro), eu ordenei virem junto a ti na (minha) casa, que é de a todos, viúvas e idosos, a fim de que orem conosco. Pois receberão, cada qual, em nome do ministério, uma moeda de ouro<sup>1638</sup>, a fim de que possam

---

<sup>1635</sup> Em Ex 29,4; 30,19-21, e muitos outros testemunhos no AT, temos o uso da água prescrito como meio de purificação. Os primeiros cristãos abandonaram esta prática. Mas no séc. II, é provável que sacerdotes e fiéis, além da água batismal usavam a água como purificação ou para bênção. VOUAUX. 1922, *op.cit.*, pp.336ss, menciona o *Liber Pontificalis*, atribuído ao Papa Alexandre, ed. de Duchesne, t. I, p.127, onde temos, no início do séc. II, a primeira prescrição de água benta misturada com sal para aspergir casas; também sugere para toda esta questão, verbete *Eau bénite* – in: VACANT, Jean Michel Alfred; MANGENOR, Joseph-Eugène; AMANN, Emile. *Dictionnaire de théologie catholique*. Paris: Letouzey, 1923, t.IV, col.1982. Notemos que tal a referência deste uso em *AtsPe* não implica alguma diminuição quanto a data da sua composição. EPIPHANIUS (de Salamina). *Hæres...*, XXX,10,12. – in: Migne (ed.). *P.G.*, 1857, *op.cit.*, t.XLI, cols.421 e 425, contém duas menções ao que seria o poder da água benta.

<sup>1636</sup> Por outro lado, PERRET, Louis. *Catacombes de Rome: architecture, peintures murales, lampes, vases, pierres ...* vol.V. Paris: Léon Renier, 1853, p.IX, nt.18, reproduz uma pintura das catacumbas, onde um borrifador, muito semelhante aos usados pelos *pontifices* pagãos, o que também pode indicar que a água “lustral”, de origem antiqüíssima, seja a fonte desta tradição. E observa que é bem conhecido entre os pagãos o uso de água benta, ou água corrente, ou água com sal, ou água onde se tinha mergulhado brasas ardentes ou tochas das piras do altar. Esta era frequentemente usada na pulverização, com um ramo de loureiro ou de oliveira, ou um pincel real, que em Roma fez parte da insígnia dos *pontifices*. As vestais eram responsáveis por purificar o *aedes Vestae* (Templo de Vesta) e suas dependências, e mostra como elas preparavam os ingredientes necessários a um grande número de purificações rituais.

<sup>1637</sup> 1Jo 3,5; 1Pe 1,19; 2,22.

<sup>1638</sup> É difícil interpretar essa frase para LIPSIUS. 1892, *Die Apokryphen Apostelgeschichten... Ergänzungsheft*, *op.cit.*, p.99. Ele suspeita que *aurei* denotem anéis, símbolos da vida doméstica, mas isto não é senso comum. O autor, provavelmente, teve um olhar pelos livros canônicos, e.g. Mt 20,2-10, onde os trabalhadores do dono da vinha receberam *singulos denarios*. O autor tem se utilizado destes recursos, e muitas vezes, não se pode entender exatamente o significado da parábola. Também VOUAUX. 1922, *op.cit.*, p.337 lembra a citação do evangelho apócrifo do Ps-MATHEUS, XVI,2. – in: AMANN, Emile

*sint vocari vere Christi servi. Cetera autem præparata sunt omnia ad ministerium. Rogo itaque, beatissime Petre, consignare<sup>1639</sup> præcibus eorum, ut et tu condecores orationes eorum pro me. Eamus ergo accipiamus et Narcissum et<sup>1640</sup> quicumque hic sunt fratres. Adquiescens itaque Petrus simplicitati illius, ut et illi animum adimpleret, prodiit<sup>1641</sup> cum eo et ceteris fratribus.*

XX *Petrus vero introivit et videns unam de senioribus viduam ab oculis, et filiam ejus manum ei dentem et inducentem in domum Marcelli. Et dixit ad eam Petrus: Accede, mater; tibi ex hodierno die Jesus dexteram suam dans, per*  
 5 *quem lumen inaccessibilem habemus quod non operiunt tenebræ; qui tibi per me dixit: «Aperi oculos et vide et sola ambula.» Et continuo vidit vidua<sup>1642</sup> imponentem sibi Petrum manum. Introivit<sup>1643</sup> autem Petrus in triclinio et vidit evangelium legi. Involvens<sup>1644</sup> eum dixit: Viri, qui in Christo creditis*  
 10 *et speratis, scitote, qualiter debeat sancte scriptura domini nostri pronuntiari. Quæ gratia ipsius quod cœpimus, scribsi-*

---

(ed.). Paris: 1910, p.336, onde os magos oferecem ao menino Jesus, para mostrar respeito, *singuli singulos aureos*.

1639 USENER propõe *condignare*; não seguimos.

1640 *ms. ut*. LIPSIUS corrige.

1641 *ms. prodiit*. VOUAUX corrige.

1642 *ms. vidit et viduam*. LIPSIUS, BONNET e VOUAUX corrigem.

1643 *ms. Introbit*.

1644 *ms. involves*.



ser chamado verdadeiramente de servos de Cristo<sup>1645</sup>. E todas as demais coisas estão preparadas para o serviço (de Deus)<sup>1646</sup>. Rogo, 15 beatíssimo Pedro, que seles as súplicas deles, para que também tu dêš fulgor as orações deles por mim. Vamos, então, e recebamos também Narciso, e com ele os demais irmãos’.” Assim Pedro, aquiescendo com a simplicidade dele (Marcelo), e a fim de que se cumprisse o desejo dele, foi com ele e com os outros irmãos.

## XX – Pedro realiza milagres e prédicas

Pedro entrou, e vendo uma anciã viúva, cega, cuja filha guiava-lhe pela mão e a introduzia na casa de Marcelo<sup>1647</sup>, então, Pedro disse para ela: — “Venha cá, mãe. A partir de hoje, Jesus lhe oferece a sua mão direita<sup>1648</sup>, por 5 quem temos a luz inacessível<sup>1649</sup>, cujas trevas não a cobrem<sup>1650</sup>; a qual aparece a ti, através de mim, diz-lhe<sup>1651</sup>: — ‘Abra teus olhos<sup>1652</sup> e veja e caminhe sozinha’.” Ao ponto, de a viúva ver Pedro impondo-lhe as mãos<sup>1653</sup>. E entrou, pois, Pedro em um triclinio e viu que era lido o Evangelho. E cerrando o rolo, disse ele: — “Varões, que em Cristo 10 credes e esperais, saibam como se deve ser recitada a santa Escritura do Nosso Senhor, a qual por sua própria graça começamos, mesmo que até agora por vós seja vista como insuficiente<sup>1654</sup>, ainda a

---

<sup>1645</sup> Ef 6,6; Fl 1,1. *uide* também LE BLANT, M. Edmond. *Inscriptions chrétiennes de la Gaule*. t.I. Paris: Annuaire de la Société archéologique de Constantine, 1859, pp.117ss, [reimp. 1907].

<sup>1646</sup> Tal *ministerium* consiste na leitura do Evangelho, nas orações e no serviço às virgens.

<sup>1647</sup> Tob 9,10ss.

<sup>1648</sup> Is 41,13; Sl 18,36.

<sup>1649</sup> 1Tm 6,16.

<sup>1650</sup> Jo 1,5.

<sup>1651</sup> Também há um *lapsus* narrativo aqui *ex lat.*: *qui tibi per me dixit*: um perf. ind. at. (= que a ti, por meu intermédio, disse:), soa bastante anacrônico, pois o enunciado ainda ocorrerá. O autor usa frequentemente este recurso.

<sup>1652</sup> Mc 7,34.

<sup>1653</sup> At 20,12; o autor empresta aspectos das várias curas cegos nos canônicos, às vezes, dando novos detalhes e expressões.

<sup>1654</sup> Período em que os escritos cristãos representavam a diversidade dos cristianismos e nem havia a pretensão de delimitação canônica, o que, de fato,

*mus*<sup>1655</sup>, *etsi adhuc vobis infirma videntur, capaciter tamen quæ perferuntur in humana carne inferri*<sup>1656</sup>. *Debemus ergo, prius scire dei voluntatem seu bonitatem, quoniam perfusa*  
 15 *olim inplanatione*<sup>1657</sup> *et hominum multa milia in perditione mergentium*<sup>1658</sup>, *motus dominus misericordia sua*<sup>1659</sup>, *in alia figura ostendere* [[*se*<sup>1660</sup>]] *et effigie hominis videri, quem neque Ju-*

---

veio a ocorrer somente no Renascimento. A Cristologia sequer estava formatada como nos moldes atuais, o que aconteceria somente no Concílio de Nicéia, em 325. Os próprios textos do NT não asseveram com total claridade que Cristo é Deus, este é um θεολογούμενα em evolução.

<sup>1655</sup> FICKER. *Die Petrusakten...* – in: *Handbuch...* 1903, *op.cit.*, pp.445-6, dispensa uma página e meia a esta discussão, tendo em mente ISIDORUS (de Pelusa). *Epistola ad Aphrodisium*, II, 90: ἂ ἐχωρήσαμεν ἐγράψαμεν. PIÑERO propõe *quæ... cepimus, scripsimus*; não seguimos.

<sup>1656</sup> Para VOUAUX. 2004, *op.cit.*, p.338, esta frase é de difícil tradução. Esta frase é confusa, mas mantivemos o *ms.* fazendo *quod cœpimus* no sentido de “a qual começamos”, implicando *scripsimus* depois de *tamen*, incluindo *quæ perferuntur*... A única correção é *inferre* para *inferri*.

<sup>1657</sup> *ms. inplanationem.*

<sup>1658</sup> *ex-gr.* teríamos a tradução de um gen. absoluto.

<sup>1659</sup> *ms. misericordiam suam.*

<sup>1660</sup> *ms. omite.* LIPSIUS acrescenta.

escrevemos segundo a nossa capacidade, e que carrega nossa debilidade humana<sup>1661</sup>, no que seja possível compreende-la. Devemos, pois, em primeiro lugar conhecer a vontade de Deus, isto é, sua 15 bondade<sup>1662</sup>, porque outrora se generalizou o erro e muitos milhares de homens estão imersos na perdição<sup>1663</sup>. Então o Senhor foi compelido pela sua misericórdia, a mostrar-se em outra forma e ser visto na effigie humana<sup>1664</sup>, e nem os judeus nem nós outros pudemos

---

<sup>1661</sup> O discurso de Pedro no cap. X está em pleno acordo com estas palavras, portanto, não devemos ver a ideia de um ensinamento secreto complementar aos Evangelhos. Basicamente, o autor, enfatiza as duas naturezas de Jesus: divina e humana. A natureza divina, tal como ela é, tornar-se incompreensível em sua totalidade para um homem qualquer; e esta abordagem é bastante ortodoxa. Nem sequer autor afasta a chamada “doutrina da inspiração do Espírito Santo”, mas afirma *gratia ipsius*. — ISIDORUS (de Pelusa). *Epistola ad Aphrodisium*, II, 99. — in: Migme (ed.). *P.G.*, 1857, *op.cit.*, t.LXXVIII, col.544, citou esta passagem a partir do *AtsPe*: οἱ μὲν οὖν ἀπόστολοι, ἃ ἐχώρησαν, ἔγραψαν, καθὼς Πέτρος ὁ κορυφαῖος τοῦ χοροῦ ἐν ταῖς ἑαυτοῦ πράξεσι σαφῶς ἀπεφήνατο· « Ἄ ἐχωρήσαμεν, ἐγράψαμεν, » ὁ δὲ κόσμος οὐδὲ τὰ γραφέντα ἐχώρησεν. Parece com o final de Mt 19,12; 2Pe 3,15. Podemos ver esta ideia conforme está mencionada por Bonnet em *AtsTo*, LXXXVIII. — in: BONNET. *Acta Apostolorum Apocrypha*, 1891, *op.cit.*, vol. II., cap.LIII, pp.169ss; também temos igualmente em *id. ibid.*, cap.XV, pp.121ss; cap.CLIII, p.262. *uide* também JUSTINUS Augustus, Flavius. *Apologia*, XV. — in: Migme (ed.). *P.G.*, 1857, *op.cit.*, t.VI, col.349.

<sup>1662</sup> Tese importante na crítica de Voltaire.

<sup>1663</sup> 1Tm 4,9.

<sup>1664</sup> O *in alia figura* é explicado por *hominis effigie*, e refere-se à verdadeira humanidade de Jesus. Antes de julgarmos como uma tendência docetista (pela teologia atual), notemos a imprecisão dos termos nos sécs. II-III. No conjunto da obra, o autor mostra que ele crê em ambos aspectos de Jesus como concretos: a divindade e a humanidade. No início do terceiro século Μελιτών Σάρδεων (= Melitão de Sardes), *frg.* XIII, fala de δύο οὐσαι em Cristo, — in: OTTO, Johann Karl Theodor von (ed.). *Corpus apologetarum Christianorum Saeculi secundi*. t.IX. 3ª. ed. Paris: G. Archambault, 1909, p.416. Também o autor dos *frgg. Pequeno Labirinto* citados em EUSEBIUS, *H.E.*, V,xxviii,5, — in: Migme (ed.). *P.G.*, 1857, *op.cit.*, t.XX, col.512, afirma: “(...) que conhece os escritos de Irenæus e Μελιτών, θεὸν καὶ ἄνθρωπον καταγγέλλοντα τὸν Χριστόν” (= ... e outros que proclamam Cristo, Deus e homem). Também já em CLEMENS, Titus Flavius (Clemens Alexandrinus). *Cohortatio ad Gentes*, I. — in: Migme (ed.) *P.G.* 1857, t.VIII, col.61 temos que: ὁ λόγος ὁ μόνος ἄμφω θεὸς τε καὶ ἄνθρωπος (= o único logos é ambos, tanto Deus quanto homem).

*dæi*<sup>1665</sup> *neque nos digne*<sup>1666</sup> *inluminare*<sup>1667</sup> *possimus. Unusquisque enim nostrum sicut capiebat videre, prout poterat videbat.*  
 20 *Nunc quod vobis lectum est jam vobis exponam. Dominus noster volens me majestatem suam videre in monte sancto, videns autem luminis splendorem ejus cum filiis Zebedei, cecidi*<sup>1668</sup> *tamquam mortuus et oculos meos conclusi et vocem ejus audivi talem qualem referre non possum, qui me putavi*  
 25 *exorbatum ab splendore ejus. Et pusillum respirans dixi intra me: «Forsitan dominus meus voluit me hic adducere, ut me orbaret.» Et dixi: « Si*<sup>1669</sup> *hæc tua voluntas est, non con-*

---

<sup>1665</sup> *ms. Judei.*

<sup>1666</sup> *ms. digni. VOUAUX corrige.*

<sup>1667</sup> *ms. inluminari. VOUAUX corrige.*

<sup>1668</sup> *ms. cæcidi.*

<sup>1669</sup> *ms. et. LIPSIUS e VOUAUX corrigem.*

ser dignamente iluminados por ele<sup>1670</sup>. Pois, a cada um de nós, da forma que entendia ver, exatamente assim era capaz de ver. Agora o  
 20 que já foi lido e exporei a vós. Nosso Senhor desejando quis que eu contemplasse sua majestade no santo monte<sup>1671</sup>, mas vendo, com os filhos de Zebedeu, o esplendor da sua luz<sup>1672</sup>, caí tal qual um morto, fechei meus olhos<sup>1673</sup> e ouvi dele (do mundo) uma voz tal qual não posso relatar, que eu pensei ter sido arrebatado  
 25 pelo seu esplendor<sup>1674</sup>.’ E respirando um pouco, disse em pensamento: — ‘Porventura, meu Senhor quis trazer-me aqui, afim de fazer-me sentir abduzido’. E disse: “se isto é a tua vontade, não vou

---

<sup>1670</sup> *ex ms.: inluminari*, corrigido para *inluminare* (conhecê-lo em sua luz). FICKER – in: Hennecke (ed.), *Handbuch...* 1903, *op.cit.*, p.447, nota semelhança ao que o texto de Ἰπόλυτος (de Roma). *Contra Noetum*, XIV. – in: Migne (ed.). *P.G.*, *op.cit.*, t.X, col.821, onde ele fala dos judeus e os discípulos antes da descida do Espírito Santo: Ἰουδαῖος μὲν γὰρ ἐδόξασαν πατέρα, ἀλλ’ οὐκ ἠγαρίστησαν· υἱὸν γὰρ οὐκ ἐπέγνωσαν. Μαθηταὶ ἐπέγνωσαν υἱόν, ἀλλ’ οὐκ ἐν πνεύματι ἁγίῳ· δι’ ὃ καὶ ἠρνήσαντο (= pois, os judeus glorificaram o Pai, mas não, deram graças, porque eles não reconheceram o Filho. Os discípulos do Filho reconheceram, mas não no Espírito Santo; assim, eles o repudiaram).

<sup>1671</sup> 2Pe 1,16-18. A escolha, pelo autor, da cena da Transfiguração, provavelmente se deva ao fato de que esta narrativa foi usada por muitos, e por muitas vezes, para provar a divindade de Jesus Cristo. Nesta direção VOUAUX. 1922, *op.cit.* p.342, menciona *AtsJo*, XC de onde o autor de *AtsPe* cuidadosamente reproduz; também muitas passagens de Ὠριγένης (= Origenes Adamantius): *Contra Celsum*, II,64-67; IV,16; VI,68-77. [trad. KOETSCHAU, Paul]. München: 1926, t.I, pp.186-189; 285; t.II, pp.138 e 146. – in: Migne (ed.). *P.G.*, 1857, *op.cit.*, t.XI, cols.896; 901; 1048 e 1416. *id. Scholia in Matthæum*, XII,36. – in: Migne (ed.). *P.G.*, 1857, *op.cit.*, t.XIII, col.1068.

<sup>1672</sup> Hb 1,3; Mt 17,2.

<sup>1673</sup> Mt 7,6. Acerca desta característica nesta cena da Transfiguração, com a impossibilidade dos olhos humanos suportarem tão brilho, FICKER – in: Hennecke (ed.), *Handbuch...* 1903, *op.cit.*, p.448 cita MANES. *Acta Archelai* III. – in: Martin Routh (ed.). *Reliquiæ sacræ...* 1814, *op.cit.* vol.V, p.162: *Et hic Jesus Christus dominus resplenduit sicut sol, et discipuli ejus não poterant aspicere in faciem ejus propter gloriam vultus ipsius et immensum luminis splendorem*. Outros detalhes no cap. XXI.

<sup>1674</sup> VOUAUX e PIÑERO para *qui me putavi exorbatum ab splendore ejus* traduzem como “e eu cri estar cegado pelo seu resplendor”, usando como base At 22,11. Mas nesta passagem, pela *Vulg.*, temos outra terminologia e não *exorbo: et cum non viderem præ claritate luminis illius*. A ligação é irresistível, não julgamos que se aplique a este episódio de *AtsPe*, posto que, a cena em questão é outra.

*tradico, domine.» Et dans mihi manum elevavit me. Et  
 exurgens iterum talem eum vidi qualem capere potui. Sicut  
 30 ergo Deus misericors, dilectissimi fratres, bajulavit nostras  
 infirmitates et supportavit nostra delicta, sicut dicit pro-  
 pheta: «Ipse<sup>1675</sup> peccata nostra portat at pro nobis dolat; nos  
 autem putabamus eum in dolore esse et plagis teneri.» Quo-  
 35 niam «ipse est in patre et pater in eo», hic ipse est et pleni-  
 tudo omnis majestatis, qui nobis sua omnia monstravit bona:  
 manducavit et bibit<sup>1676</sup> propter nos, ipse neque esurians neque  
 sitiens, bajulavit et inproperia passus est propter nos, mor-  
 tuus est et resurrexit nostri causa. Qui et me peccantem  
 defendit et confortavit magnitudine sua, et vos consolabi-  
 40 tur<sup>1677</sup> ut eum diligatis, hunc magnum et minimum, formo-*

---

<sup>1675</sup> *ms. dici prophetasse: «peccata...LIPSIUS corrige.*

<sup>1676</sup> *ms. vivit.*

<sup>1677</sup> *ms. consolavitur.*

relutar<sup>1678</sup>, Senhor”. E dando-me a mão, levantou-me<sup>1679</sup>. E estando em pé novamente, eu o vi tal qual eu pude compreendê-lo. Pois bem, 30 diletíssimos irmãos, o Deus misericordioso carregou as nossas enfermidades e suportou os nossos delitos, assim como disse o profeta<sup>1680</sup>. — ‘Ele carregou os nossos pecados e sofreu por nós e, nós o reputávamos em dores e coberto com feridas’. Uma vez que ‘Ele está no Pai e o Pai, Nele’<sup>1681</sup>, ele mesmo é também a plenitude 35 de toda majestade<sup>1682</sup> e que mostrou a nós todas as suas boas obras<sup>1683</sup>. Ele comeu e bebeu por causa de nós, mas ele nem fome nem sede tinha<sup>1684</sup>. Suportou e padeceu impropérios por nós, foi morto e ressuscitou por nossa causa. Ele defende a mim pecador e conforta na sua magnitude, e vos consolará 40 a fim de que o ameis; a ele o que é grande e pequeno<sup>1685</sup>, formoso

---

<sup>1678</sup> Mt 17,7.

<sup>1679</sup> Mt 17,8.

<sup>1680</sup> Is 53,4 (*Vulg.*), um cap. de Isaías amplamente citado no cristianismo primitivo.

<sup>1681</sup> Jo 10,38; 17,21.

<sup>1682</sup> Cl 1,19; 2,9, referindo ao ápice da cena da Transfiguração.

<sup>1683</sup> Jo 10,32.

<sup>1684</sup> Se, por um lado, esta frase não é totalmente isenta do chamado docetismo vulgar, bastante difundido no sécs. II-III, por outro lado, não podemos afirmar que seja integralmente docetista. Vemos em HARNACK. *Lehrbuch der Dogmengeschichte...* 1900, *op.cit.*, t.I, p.215, nt.2, e pp.285ss, quando menciona Ὠριγένης (= Origenes Adamantius): *Contra Celsum*, VII,13. – *in*: Migme (ed.). *P.G.*, 1857, *op.cit.*, t.XI, col.1440, [trad. KOETSCHAU. *Orig.* 1926, *op.cit.*, t.II, p.165]: “Ἰνα γὰρ καὶ δόξῃ ὅτι ἦσθιεν ὡς σῶμα φαρῶν ὁ Ἰησοῦς ἦσθιεν. O mesmo Ὠριγένης. *Commentarii in Matthæum*, XIII 2. – *in*: Migme (ed.). *P.G.*, 1857, *op.cit.*, t.XIII, col.1097, do Senhor comenta assim: “Por causa dos fracos tornei-me fraco; por causa daqueles que estão com fome, eu estava com fome; por causa daqueles que têm sede, eu estava com sede.” Também poderíamos comentar CLEMENS, Titus Flavius (Clemens Alexandrinus), que entendeu que o corpo de Jesus Cristo estava livre de necessidades naturais, como comer e beber, resultando em um docetismo. Na verdade, *AtsPe* está ambientado no séc. II e espelha esta tensão: há um docetismo mesclado, e quase inconsciente, que nem procedeu a partir de dualismo gnóstico, nem sequer, negou a humanidade de Cristo, e dá-se basicamente pelo séc. II não ter claramente distinguidos, em Cristo, os atributos das duas naturezas unidas em uma só pessoa.

<sup>1685</sup> Todas essas antíteses significam ‘Deus e os homens’, uma oposição entre os atributos divinos de Cristo e os humanos, assim como temos em TERTULIANUS, Quintus Septimus Florens, *Adversus Marcionem*, II, 27. – *in*:

*sum*<sup>1686</sup> *et fœdum, juvenem et senem, tempore adparentam et in æternum utique invisibilem*<sup>1687</sup>; *quem*<sup>1688</sup> *manus humana non detinuit*<sup>1689</sup> *et tenetur a servientibus, quem caro non vidit et videt nunc*<sup>1690</sup>, *quem obauditum verbum sed nunc cognitum*<sup>1691</sup>,  
 45 [[*quem impassibilem*]] *et nunc est tamquam nos passionem expertus*<sup>1692</sup>, *castigatum numquam sed nunc castigatum*<sup>1693</sup>, *qui ante sæculum est et tempore intellectus est, omni prin-*

---

Migme (ed.). *P.L.*, 1841, *op.cit.*, t.II, col.317: *Deus pusillus inventus est, ut homo maximus fieret*, ou seja, outra forma de apresentar a mesma antítese.

<sup>1686</sup> *ms. formosum.* VOUAUX corrige.

<sup>1687</sup> *ms. inbisibilem.*

<sup>1688</sup> *ms. que*, que frequentemente ocorre sem o *-m* final.

<sup>1689</sup> *ms. deinuit.*

<sup>1690</sup> TURNER propõe *videtur* (= é vista); não seguimos.

<sup>1691</sup> *ms. quem non obauditum sed nunc cognitum.* De acordo com o artigo NISSEN. *Die Petrusakten uns... in der Aberkiosvita*, 1908, *loc.cit.*, p.195, o texto corresponde em *Acta Abercii* é: τὸν ὑπὸ λόγον προφητῶν κηρυχθέντα λόγον καὶ νῦν ἐπιφανέντα, seria necessário suprimir *non* no AV, e traduzir: a Palavra que ouvimos (pelos profetas), mas agora é mostrada (em pessoa). Este texto também está no espírito do cap. XXIV, acerca das profecias.

<sup>1692</sup> *ms.: {obauditum verbum} e nunc é tamquam nosset passionem exterum.*

Em NISSEN. *loc.cit.*, p.195, afirma, que em dois dos três manuscritos a nomeação antítese: τὸν παθῶν ἀνώτερον καὶ δι' ἡμᾶς παθόντα, (= que é além dos sofrimentos e que sofreu por nós). É muito claro, por isso devemos aceitar tanto conjeturas segundo USENER propõe: – *in*: LIPSIUS. *Acta Apostolorum Apocrypha...* 1891, *op.cit.*, t.I, p.68, que lê-se: *quem impassibilem et nunc est tamquam nos passionem expertus*. A melhor possibilidade é que o tradutor latino do AV, inadvertidamente, repetiu *obauditum verbum* acima, substituindo o que precede, retirando *quem impassibilem*.

<sup>1693</sup> *ms. castigatus.*



e feio<sup>1694</sup>, jovem e velho, aparecendo no tempo e certamente invisível na eternidade<sup>1695</sup>. A quem as mãos humanas não retiveram e que preservado na memória pelos seus servos<sup>1696</sup>. Ao que a carne não viu, e ela agora vê. A Palavra que foi ouvida (dos profetas), mas agora é conhecida (em pessoa); impassível, mas agora, tal como nós, experimentado no sofrimento; nunca castigado, porém agora punido<sup>1697</sup>. Que existe antes dos séculos e (agora) compreendido no tempo; ele, princípio máximo de todo

---

<sup>1694</sup> As artes e iconografia cristãs, por vezes, espelham estas imagens e ideias, de que Cristo carrega os nossos pecados, assim aceita a feiura; Is 53,2; 53,5; 1Pe 2,24.

<sup>1695</sup> Para entender a expressão “jovem e velho”, *uide* Ἰγνάτιος Ἀντιοχείας (de Antioquia). *ad. Polycarpum*, III,2. – *in*: Migme (ed.). *P.G.*, 1857, *op.cit.*, t.V, col.721: Τὸν ὑπὲρ καιρὸν προσδόκα, τὸν ἄχρονον, τὸν ἀόρατον, τὸν δι’ ἡμᾶς ὄρατόν, τὸν ἀψηλάφητον, τὸν ἀπαθῆ, τὸν δι’ ἡμᾶς παθητόν, τὸν κατὰ πάντα τρόπον δι’ ἡμᾶς ὑπομείναντα (= Espera que está acima do momento, o atemporal, o invisível, visível por causa de nós, o impalpável, o impassível, que sofre por causa de nós, que apoiou todas as nossas causas). — NISSEN. *Die Petrusakten uns... in der Aberkiosvita*. 1908, *op.cit.*, 1908, p.195, indica aqui, de acordo com o *Acta Abercii*, que muitas vezes copiou o *AtsPe*, uma nova oposição: τὸν πανταχοῦ ὄντα καὶ ἐν μηδενὶ ἀναξίῳ ἑαυτοῦ ὄντα (= estando em toda parte, e não sendo ninguém indigno dele).

<sup>1696</sup> Trata-se de uma alusão à eucaristia; não só os sacerdotes, mas também para os fiéis que estavam recebendo em suas mãos, o pão consagrado. O texto da *Vita Abercii*. – *in*: NISSEN. *Die Petrusakten uns... in der Aberkiosvita*, 1908, *loc.cit.*, p.195 se distancia deste.

<sup>1697</sup> Menção aos relatos canônicos da paixão.

*cipio initium maximum et principibus traditum, speciosum  
sed inter nos humilem, fedum<sup>1698</sup> visum sed providum<sup>1699</sup>: hunc  
50 Jesum habetis, fratres, januam, lumen, viam, panem, aquam,*

---

<sup>1698</sup> LIPSIUS. *Acta Apostolorum Apocrypha...* 1891, *op.cit.*, t.I, p.68, propõe: *fidum* (...) *sed providum* (= fiel, mas traído); não seguimos, embora não seja tão ruim esta leitura. Optamos por traduzir fielmente o *ms.*, mas que pode estar corrompido nesta porção.

<sup>1699</sup> *id.* propõe mudar também para *proditum*; não seguimos.

domínio<sup>1700</sup>, agora entregue aos príncipes; esplêndido, mas entre nós, humilde<sup>1701</sup>. Foi visto como uma criancinha, mas profetiza. Este é o 50 Jesus que tendes<sup>1702</sup>, irmãos: como porta<sup>1703</sup>, luz<sup>1704</sup>, caminho<sup>1705</sup>, pão<sup>1706</sup>, água<sup>1707</sup>;

<sup>1700</sup> Em *ex-lat.*: *omni principio initium maximum et principibus traditum*, temos trocadilho de palavras *principio* e *principibus*; reproduzido do *gr.* → *lat.*: ἄρχη e ἄρχουσι, significando o primeiro termo “domínio, primordial, senhorio, κτλ”. O primeiro termo fornece uma antítese; alude a Jo 1,2-3.

<sup>1701</sup> Presumivelmente, também *humilem et fædum* foram substituídos uma pela outra, como em XX,40,41, “formoso, mas feio entre nós”. Neste caso seria o contraste entre a humildade do homem e a providência simples de Deus (em Cristo), cuja oposição levou à ideia de um Deus crucificado e é, obviamente, comum na literatura cristã antiga; FICKER. – in: *Handbuch...* 1903, *op.cit.*, p.448. Temos, neste sentido, muitas citações; *frgg.* XIII e XIV de Μελίτων Σάρδεων (Melitão de Sardes) – in: OTTO. *Corpus apologetarum Christianorum...* 1909, *op.cit.*, t.IX, pp.419ss; também APOLINARIUS, Claudius (Apolinário, de Hierápolis). – in: ROUTH, Martin (ed.). *Reliquiae sacrae, sive, Auctorum fere jam perditorum secundi tertiiue sæculi*. vol.I. 2ª. ed. London: Typis Academicis, Impensis J. Mawman, 1814, pp.150ss; temos também Ειρηναῖος (= IRINÆUS, de Lyon). *Adversus Hæreses*, III,16,6, – in: Migme (ed.). *P.G.*, 1857, *op.cit.*, t.VII, col.925; ou ainda Ἰππόλυτος (de Roma). *Philosophoumena*, IX,10; X,27. – in: Migme (ed.). *P.G.*, 1857, *op.cit.*, t.XVI, cols.3378 e 3439; também Ἰγνάτιος Ἀντιοχείας (de Antioquia). *ad Polycarpum*, III,2. – in: Migme (ed.). *P.G.*, 1857, *op.cit.*, t.V, col.721, já referido. Haveria uma lista neste sentido em: *Testamento de Nosso Senhor Jesus Cristo*, I,28; *AtsXaPoRe*, XIV. – in: JAMES, Montague Rhode (ed.). *Apocrypha Anecdota. Texts & Studies* t.II, fasc.3. Cambridge: CUP, 1893 [repr. 1967], p.68; também *AtsJo*, CI. – in: LIPSIUS. *Acta Apostolorum Apocrypha...* 1891, *op.cit.*, t.I, p.201. VOUAUX acrescenta a esta lista: *AtsTo*, CXLIII, – in: BONNET. *Acta Apostolorum Apocrypha*, 1891, *op.cit.*, vol.II. p.248.

<sup>1702</sup> Esta lista resume epítetos e motes manifestados em Jesus e nas suas parábolas. LIPSIUS. *Acta Apostolorum Apocrypha...* 1891, *op.cit.*, t.I, p.200 sugere o empréstimo de *AtsJo*, XCVIII, aplicados à cruz luminicente; também, no cap. CXX, *id. ibid.*, pp.207ss, na prece eucarística.

<sup>1703</sup> Jo 10,7-9, *cf* Ἰγνάτιος Ἀντιοχείας (de Antioquia). *Epistola Philadelphie* (ou Φιλαδέλφια), IX,1. – in: Migme (ed.). *P.G.*, 1857, *op.cit.*, t.V, col.705, onde Jesus: “Ele é a porta de entrada para o Pai, pelo qual entraram Abraão, Isaque e Jacó; também os profetas, os apóstolos e da Igreja”.

<sup>1704</sup> Jo 1,9; 3,19; 8,12; 12,46.

<sup>1705</sup> Jo 14,6.

<sup>1706</sup> Jo 4,35.

<sup>1707</sup> Jo 4,10ss; 7,37ss.

*vitam, resurrectionem, refrigerium, margaritam, thesaurum, semen, saturitatem, granum sinapis, vineam, aratrum, gratiam, fidem, verbum: hic est omnia et non est alius major nisi ipse; ipsi laus in omnia sæcula sæculorum. Amen.*

como vida<sup>1708</sup>, ressurreição<sup>1709</sup>, refrigério<sup>1710</sup>, pérola<sup>1711</sup>, tesouro<sup>1712</sup>; como semente<sup>1713</sup>, plenitude<sup>1714</sup>, grão de mostarda<sup>1715</sup>, vinha<sup>1716</sup>, arado<sup>1717</sup>; assim como graça<sup>1718</sup>, fé<sup>1719</sup> e verbo<sup>1720</sup>. Que é tudo<sup>1721</sup>, e nenhum outro é maior, exceto ele<sup>1722</sup>. A ele seja a glória pelos séculos dos séculos. Amém.”

---

<sup>1708</sup> Jo 14,6. Ἰγνάτιος Ἀντιοχείας (de Antioquia). *Epistola Philadelphe* (ou Φιλαδέλφεια), IX,1. – in: Migme (ed.). *P.G.*, 1857, *op.cit.*, t.V, col.705, de onde temos: ἐν θανάτῳ ζωὴ ἀληθινὴ (= na [sobre a] morte, a vida verdadeira).

<sup>1709</sup> Jo 11,25.

<sup>1710</sup> Mt 11,28.

<sup>1711</sup> Mt 13,45-46, na parábola da pérola.

<sup>1712</sup> Mt 13,44 na parábola do tesouro escondido.

<sup>1713</sup> Lc 8,11; e análogos.

<sup>1714</sup> *ex lat.: saturitas*; reporta ao milagre da multiplicação dos pães, Mt 14,20, 15,37; e análogos.

<sup>1715</sup> Mt 13,31, e análogos.

<sup>1716</sup> Jo 15,1-5.

<sup>1717</sup> Lc 9,62.

<sup>1718</sup> Jo 1,14-17.

<sup>1719</sup> At 3,16; e análogos.

<sup>1720</sup> Jo 1,14.

<sup>1721</sup> Análogo ao cap. XXXIX; seguindo Rm 8,32; 11,36; 1Cor 3,22ss; 8,6; 15,28; Ef 1,23; Cl 3,11.

<sup>1722</sup> Aqui o autor coloca Jesus, como Deus, a única perfeição divina. A ideia presente é de 1Tm 1,17; Jd 4. O pensamento não é unicista, nem modalista, como erradamente atribui ZAHN, Theodor von. – in: *Neue kirchliche Zeitschrift*, vol.X. Erlangen: A. Deichert, 1889, p.206, nt. — Por outra via, FICKER – in: Hennecke (ed.), *Handbuch...* 1903, *op.cit.*, p.449, compara esses nomes dados a Cristo aos atribuídos por JUSTINUS Augustus, Flavius. *Dialugus cum Tryphone Judæo*, XXXIV, LIX, LXI, C, CXIII. – in: Migme (ed.). *P.G.*, 1857, *op.cit.*, t.VI, cols.750ss; também *uide* para referências do AT *id.* – in: ARCHAMBAULT, G. (ed.). *Justin: Dialogue avec Triphon*, XLV. 4ª ed. vol.II. Paris: 1909, p.246, nt.1, o que demonstra que para o autor de *AtsPe*, o AT não perdeu o seu valor quando menciona “escritos proféticos”. Como tal mote ocorre tanto no Ocidente como no Oriente, e não há indícios aqui que permitam encontrar uma influência mais profunda da teologia asiática.

XXI *Et cum nona hora inpleta fuisset*<sup>1723</sup>, *surrexerunt reddere orationem. Et ecce subito de senioribus viduæ Petro ignorante sedentes ab oculis non*<sup>1724</sup> *credentes*<sup>1725</sup>, *exclamaverunt dicentes ad Petrum: In uno sedemus*<sup>1726</sup>, *Petre, in Christo Jesu sperantes et oredentes. Quomodo ergo unam*<sup>1727</sup> *ex nostris fecisti videre, præcamur, domine Petre, misericordiam et pietatem illius tribuas et nobis. Petrus autem dixit ad eas: Si est in vobis fides, quæ est in Christo, si confirmata est in vobis, videte sensu*<sup>1728</sup> *quod oculis non videtis; et si aures vestræ*  
 10 *præclusæ sint, sed animo vestro intus pateant*<sup>1729</sup>. *Hi*<sup>1730</sup> *oculi iterum cludentur, nihil aliud videntes nisi homines et boves et muta animalia et lapides et ligna; sed Jesum Christum*

---

<sup>1723</sup> *ms. fuisset.*

<sup>1724</sup> PIÑERO exclui este *non* (presente no *ms.*), sem qualquer nota explicativa e transforma um grupo de anciãs viúvas *non credentes* em *credentes*.

<sup>1725</sup> TURNER propõe trocar *non credentes* por *non surgentes* (= sem levantar-se), naquilo que chama de “patente contradição com o que afirmam elas mesmas [viúvas], logo abaixo, que são ‘crentes nEle’.” Não entendemos que haja contradição nestes dois usos próximos, portanto, não seguimos nem TURNER nem PIÑERO.

<sup>1726</sup> *ms. sedimus.* VOUAUX corrige.

<sup>1727</sup> *ms. una.*

<sup>1728</sup> *ms. sensum.*

<sup>1729</sup> No *ms.* temos um texto corrompido: *et aures vestræ præcluse sunt, sed animo vestro intus pareant*. Na *Vita Abercii*. – in: NISSEN. *Die Petrusakten uns... in der Aberkiosvita*, 1908, *loc.cit.*, p.200, o texto *gr.* diz: καὶ ἐὰν ταῦτα ὁμῶν τὰ αἰσθητὰ ὄμματα κλεισθήσονται, τὰ τῆς ὁμῶν ἀνεωχθήσονται (= e se é se seus olhos estão sensíveis e fechados a isto, os da vossa alma serão abertos); o sentido de oposição entre o conhecimento através dos sentidos e da alma parece claro. — Segue a cena da Transfiguração onde o transcendente se percebe com os sentidos interiores; Ef 1,17ss; Jo 9,39. USENER – in: LIPSIUS. *Acta Apostolorum Apocrypha...* 1891, *op.cit.*, t.I, p.68 propõe *pateant* para *pareant* que se justifica; *sed* no sentido *gr.* ὅμως; ele retitui *si* antes de *aures* e temos: *si aures vestræ præclusæ sint, sed animo vestro intus pateant*.

<sup>1730</sup> *ms. hii.*

## XXI – Pedro com as viúvas cegas

E quando se findava a hora nona<sup>1731</sup>, tendo eles se levantado, retornaram à oração. Eis que, subitamente, umas viúvas anciãs, a quem Pedro desconhecia, estavam sentadas, eram cegas, crentes e exclamaram dizendo a Pedro: — “Estamos sentadas (aqui), Pedro, e  
5 unidas esperando em Cristo e crendo Nele<sup>1732</sup>. Pois, tal como restauraste a visão de uma de nós, rogamos te, ó Pedro, meu senhor, que distribuas para nós a misericórdia e a piedade dele (Cristo)”. Porém, disse-lhes Pedro: — “Se alguma fé há em vós, tal qual que está em Cristo, seja, então, fortalecida em vós, vede com entendimento  
10 aquilo que com os olhos não vedes<sup>1733</sup>; e se os vossos ouvidos estão fechados, estejam abertos os do interior do vosso espírito. Estes olhos serão novamente fechados, pois não veem nada além de homens, bois, alimárias mudas, lápides e madeira, mas a Jesus Cristo nem todos os

---

<sup>1731</sup> At 3,1. A “nona hora” era 15:00 horas do dia, quando os primeiros cristãos, ainda judaizantes, seguindo o exemplo dos judeus oraram. Apóstolos, como Pedro e João, vão ao templo à hora nona para orar. Uso lembrado em CLEMENS, Titus Flavius (Clemens Alexandrinus). *Stromata*, VII,7. – in: Migme (ed.). *P.G.*, 1857, *op.cit.*, t.IX, col.456; também TERTULIANUS, *De jejunio*, X, – in: Migme (ed.). *P.L.*, 1841, *op.cit.*, t.II, col.966.

<sup>1732</sup> Fp 2,19.

<sup>1733</sup> Jo 5,20; Ef 1,18; Jo 9,39. Há uma distinção entre os olhos da alma e os do corpo. As viúvas não são cristãs, mas já acreditam e os olhos da fé veem algo mais do que os olhos físicos. *uide* em Ὠριγένης (= Origenes Adamantius). *Contra Celsum*, VII,36. – in: Migme (ed.). *P.G.*, 1857, *op.cit.*, t.XI, col.1472; também – in: KOETSCHAU (ed.), *Orig.*, t.II, p.186, na boca de Κέλσος (= Celsus): Ἐὰν αἰσθήσει μόνως οὕτως τὸν θεὸν ὄψεσθε (= é apenas tão somente fechando os seus sentidos, e contemplando com a alma, distraindo os olhos da carne, e abrindo os da alma, que verás a Deus). Da mesma forma, em CLEMENS, Titus Flavius (Clemens Alexandrinus). *Cohortatio ad Gentes*, XII, – in: Migme (ed.). *P.G.*, 1857, *op.cit.*, t.VIII, col.240: Σπεῦσον Τειρεσία, πίστευσον, ὄφει. Χριστὸς ἐπιλάμπει φαιδρότερον ἡλίου, δι’ ὃν ὀφθαλμοὶ τυφλῶν ἀναβλέπουσιν· νύξ σε φεύξεται, πῦρ φοβηθήσεται, θάνατος οἰχίσηται ὄφει τοὺς οὐρανοὺς, ὃ γέρον, ὁ Θήβας μὴ βλέπων. (= Apressa-te, Tirésias, pensa, vê. Cristo ilumina mais brilhante do que o sol, que faz com que ele abra os olhos dos cegos. A noite vai fugir de ti, do fogo terá medo e a morte fugirá, ó ancião, que não pode ver Tebas, mas verás o céu.).

*non omnes oculi vident. Sed nunc, domine, dulce et sanctum  
nomen tuum succurrat<sup>1734</sup> istis; tu tange oculos earum; tu  
15 enim potens es, ut hæ videant luminibus suis. Oratione autem  
facta ab omnibus, refulsit triclinium in quo erant tamquam  
cum scoruscant, sed talis<sup>1735</sup> qualis solet in nubibus esse. Sed nec  
tale lumen, quod est interdium<sup>1736</sup>, inenarrabilem, invisibilem,  
quod enarrare nemo hominum possit, tale lumen, quod nos*

---

<sup>1734</sup> *ms. succurras.* LIPSIUS corrige.

<sup>1735</sup> LIPSIUS propões *fulgor*; não seguimos.

<sup>1736</sup> *ms. interdies.* VOUAUX corrige.



olhos veem. Porém agora, Senhor, que o teu doce e santo nome<sup>1737</sup> 15 regate essas; toques<sup>1738</sup> tu seus olhos; pois tu és poderoso, afirm de que estas vejam suas (próprias) luzes.” Então, feita a oração por todas, brilhou o triclínio em que elas estavam assim como quando relampeja, mas tal qual acontece nas nuvens<sup>1739</sup>. Porém, nem era como uma luz, mas tal como o dia, inefável, invisível, a qual nenhum homem pode descrever<sup>1740</sup>, tal a luz, a qual nos<sup>1741</sup> iluminou

---

<sup>1737</sup> Nesta época, a invocação do “nome de Jesus” tinha conotação sobrenatural e mágica; Mt 8,22.

<sup>1738</sup> Mt 9,29; 20,34, κτλ.

<sup>1739</sup> A luz, por outras palavras, é tão brilhante como a de um relâmpago quando visto de perto, cujo simbolismo tem um significado. É empréstimo de Mt 18,3 ou Mt 24,27 ou ainda Lc 17,24. — Esta cena que se segue é semelhante a da Transfiguração, assim, o autor vai mostrar que Deus está além da capacidade de nossa inteligência.

<sup>1740</sup> FICKER. — in: Hennecke, *Handbuch...* 1903, p.450, diz que estas expressões têm a intenção de destacar o caráter sobrenatural da luz que aparece e não estão se referindo ao nascer ou pôr do sol, ou a aurora boreal ou ainda qualquer outro esplendor terrestre. Há nos escritos canônicos um grande número de aparições com luz que não seria necessário procurar outro lugar para a fonte do autor de *AtsPe. uide AtsJo*, XC. — in: LIPSIUS. *Acta Apostolorum Apocrypha...* 1891, *op.cit.*, t.II, vol.1, p.195: φῶς τοιοῦτον ὅποιον οὐκ ἔστιν δυνατὸν ἀνθρώπῳ χρώμενον λόγῳ ἀφθάρτῳ ἐκφέρειν οἶον ἦν.

<sup>1741</sup> A utilização da primeira pessoa é muito estranha aqui. E não se pode explicar por um erro do texto, uma vez que é repetido quatro vezes expresso em linguagem clara. FICKER. — in: Hennecke, *Handbuch...* 1903, p.450, vê a evidência de que o autor usou um livro que falava de uma testemunha ocular no local do evento, e não é sem razão; o cap. XXI é repete o anterior, e o cap. XXXII pode ser inconvenientemente ligado à extremidade do cap. XX. Esta seria uma das conclusões que nós temos o direito de olhar. Já PLÜMACHER, Eckhard. *Apokryphe Apostelakten*. — in: *The Realencyclopädie der Classischen Altertumswissenschaft / Pauly-Wissowa*. vol.XIX, *Halbband 37*. München: Pech-Petronius, 1937, col.64: acreditada que seja uma “imitação consciente dos *Atos* canônicos em At 16,9; 16,10ss; 20,4-5ss; 20,38; 21,1ss.” — No entanto, pode-se perguntar se o tradutor latino, lembrando o que Pedro fala na etapa anterior, referente a cena da Transfiguração como participante desta, o ‘eu’ não é emprestado à luz também, inadvertidamente. Mas então, recompondo-se, em *quibus Petrus dixit*, por que não teria sido corrigido? Deve notar-se que, de resto, é também difícil de explicar que o tradutor (ou até o autor) do *AV* tão grosseiramente utilizada qualquer fonte. Descuidos similares não são específicos para os *AtsPe*, e ainda pode haver responsabilidade do copista do *ms*. O *Protoevangelho de Tiago*. — in: AMANN, Émile. (ed.). *Le Protévangile de Jacques et ses remaniements latins*. Paris: Letouzey, 1910, p.248, onde em

20 *inluminavit usque adeo ut exsensaremur a poratione*<sup>1742</sup>, *pro-*  
*clamantes ad dominum et dicentes*<sup>1743</sup>: «*Miserere nobis, do-*  
*mine, servis tuis. Quæ possumus*<sup>1744</sup>, *domine, subportare, tu*  
*nobis præsta: hæc enim nec videre nec subportare possumus.*»  
*Jacentibus autem nobis solæ illæ viduæ stabant, quæ erant*  
 25 *ab oculis. Lumen autem clarum quod nobis apparuit, introi-*  
*vit*<sup>1745</sup> *in oculis earum et fecit eas videre. Quibus dixit Petrus:*  
*Referte quid videritis. Quæ dixerunt: Quoniam seniore*  
*vidimus, speciem habentem qualem tibi enarrare*<sup>1746</sup> *non pos-*

---

XVIII,2 a narrativa de repente muda da terceira para a primeira pessoa; volta usar a terceira pessoa em XIX,2; ainda neste mesmo cap. alguns *mss.* conservam a primeira pessoa .

<sup>1742</sup> *ms. exentiaremur aboratione.* LIPSIUS E VOUAUX corrigem.

<sup>1743</sup> *ms. discente.*

<sup>1744</sup> PIÑERO propõe *possimus*; não seguimos.

<sup>1745</sup> *ms. introibit.*

<sup>1746</sup> *ms. enarre.* VOUAUX corrige.

20 continua e intensamente que perplexos, perdemos o sentido<sup>1747</sup>. E clamamos ao Senhor dizendo: — “Tende compaixão de nós, teus servos, ó Senhor. Tu outorgues a nós, tu ó Senhor, a fim de que a possamos suportar, pois não podemos nem ver nem resisti-la.” Enquanto estávamos prostrados em terra, aquelas viúvas permaneciam  
 25 firmes em pé, porque eram cegas. Porém, a luz brilhante, a qual nos apareceu, entrou nos olhos delas e fê-las ver<sup>1748</sup>. Para as quais, Pedro disse: — “Declarem o vedes”. E elas disseram: — “Porquanto, vimos um ancião<sup>1749</sup>, que tem uma aparência a qual não podemos descrever

<sup>1747</sup> Poderia ser como Mt 17,6 “cair por terra”, tema recorrente nos escritos cristãos. Temos uma semelhante visão de um anjo do Senhor em Ps-MATTHEUS, XXI. – in: MICHEL, Charles; PEETERS, Paul. *Évangiles apocryphes*. Paris: Libraire Alphonse Picard et Fils, 1911, p.118: (...) *ceciderunt em faciem suam, et facti sunt velut mortui*.

<sup>1748</sup> Segue Jo 9,39; um brilho que ofusca uns e cura outros.

<sup>1749</sup> Este poliformismo na manifestação divina tão somente é um símbolo da transcendência divina, seguindo Cl 1,16-17; também 3,11; Rm 11,36; 1Cor 15,28. Ele ilustra o princípio enunciado por Pedro no cap. XX: *unusquisque nostrum sicut capiebat videre prout poterat videbat*, que é recorrente na literatura cristã primitiva: Εἰρηναῖος (= IRINÆUS, de Lyon). *Adversus Hæreses*, I,10,3. – in: Migme (ed.). *P.G.*, 1857, *op.cit.*, t.VII, col.556, assinala que Deus apareceu no AT em várias formas: ἐφάνη τοῖς προφήταις ὁ θεὸς ἐν μιᾷ ἰδέᾳ, ἀλλὰ ἄλλως ἄλλοις; também para mostrar que Cristo “resume” em si toda a humanidade, ele exclama, em *id. op.cit.*, II,24,4. – in: Migme (ed.). *P.G.*, 1857, *op.cit.*, t.VII, col.784: *ideo (Cristo) per omnem venit ætatem, et infantibus infans (...) in parvulis parvulus (...) in juvenibus juveni (...) senior in senioribus*. Temos em Μελιτών Σάρδεων (Melitão de Sardes) – in: OTTO. *Corpus apologetarum Christianorum...* 1909, *op.cit.*, t.IX, p.420: *ipse (Senhor) est qui in omnibus omnia erat: ipse est qui in patriarchis patriarcha erat, in lege lex*. Também de Ὠριγένης (= Origenes Adamantius) talvez sejam as passagens mais características em *Commentarii in Matthæum*, XII,36. – in: Migme (ed.). *P.G.*, 1857, *op.cit.*, t.XIII, col.1068: διαφόρους γὰρ ἔχει ὁ λόγος μορφᾶς, φαινόμενος ἐκάστῳ ὡς συμφέρει τῷ βλέποντι, καὶ μηδενὶ ὁ χωρεῖ ὁ βλέπων, φαινόμενος (= porque a palavra tem diferentes aspectos, olhando para cada uma como convém a quem vê, não revelando a ninguém além do que no espectador pode absorver). *id. Commentario in Mattheus (versão lat.)*. – in: Migme (ed.). *P.G.*, 1857, *op.cit.*, t.XIII, col.1750 temos: *venit ergo traditio talis ad nos de eo, quoniam non solum duæ formæ in eo fuerunt, una quidem quam secundum eum omnes videbant, altera autem secundum quam transfiguratus est coram discipulis suis in monte, quando et resplenduit facies ejus tamquam sol, sed etiam unicuique apparebat secundum quod fuerat dignus*. Nas *Recognitiones Pseudo-Clementinas, Homiliae*, III,20. – in: Migme (ed.). *P.G.*, 1857, *op.cit.*, t. II, col.124 temos: Ὅς (ὁ ἀληθινὸς προφήτης) ἀπ’ ἀρχῆς αἰῶνος ἅμα τοῖς ὀνόμασι μορφᾶς ἀλλάσσωσιν τὸν αἰῶνα

*sumus; alicæ autem: Juvenem adolescentem; alicæ*<sup>1750</sup> *autem*  
 30 *dixerunt: Puerum vidimus tangentem oculos nostros subt-*  
*liter: sic nobis aperti sunt oculi. Magnificans itaque Petrus*  
*dominum dicens: Tu solus dominus Deus, cui laudem perferre*  
*quanta labia nobis opus sunt, ut secundum misericordiam*  
*tuam gratias tibi agere possumus? Ergo, fratres, sicut paulo*  
 35 *ante vobis rettuli, major constans*<sup>1751</sup> *Deus cogitationibus nos-*  
*tris, sicut ex senioribus viduis didicimus*<sup>1752</sup>, *quomodo alias et*  
*alias dominum viderint.*

---

τρέχει. — Desta forma não é possível detectar o pensamento gnóstico somente pelo texto em si, no entanto, é verdade que os gnósticos mostraram uma predileção pelo tema. Mas como já discutimos: como marcar a fronteira entre os ortodoxos e heterodoxos (também chamados de “heréticos”)?

<sup>1750</sup> *ms. alii.* VOUAUX corrige.

<sup>1751</sup> TURNER propõe *constat*; não seguimos.

<sup>1752</sup> *tredecim.* LIPSIUS corrige.

a ti”. Mas outras diziam: — “é um jovem homem adolescente”. As  
 30 restantes ainda disseram: — “vimos um menino que tocou suavemente  
 nossos olhos, e, em seguida, foram-nos abertos os olhos.” Então,  
 magnificando ao Senhor, Pedro disse: — “Deus, somente tu és Senhor,  
 para quem elevamos louvor. Quantos lábios nossos são necessários, a  
 fim de que, segundo a tua misericórdia, possamos conduzir (ações de)  
 35 graça a ti?<sup>1753</sup> Portanto, irmãos, assim como pouco antes repeti a  
 vós<sup>1754</sup>, é evidente que Deus é maior do que nossas cognições<sup>1755</sup>,  
 segundo pudemos apreender destas viúvas anciãs, de modo que viram  
 o Senhor em outras e diferentes formas.”

---

<sup>1753</sup> Pedro, na cruz, no cap. XXXIX fará uma longa recuperação deste discurso.

<sup>1754</sup> Segue o início do discurso da cena da Transfiguração já citada.

<sup>1755</sup> É, certamente, o contraste entre este *constans* e *quomodo alias et alias*. O primeiro termo pode ser usado em contraste com as afirmações de Simão, que o aplica a si mesmo no cap. XXXI; expressa a transcendência de Deus, e o outro, a sua condescendência para chegar ao seu alcance. Deus está além da capacidade de nossa inteligência, é a conclusão.

XXII *Et hortatus universos ut dominum ex totis præcordiis intellegant, cœpit cum Marcello et cum aliis fratribus ministrare virginibus domini, et repausare usque in mane. Quibus Marcellus dixit: «Sanctæ inviolatæ virgines domini, 5 audite: habetis ubi manetis. Quæ enim mea dicuntur, cujus sunt nisi vestra? Nolite discedere hinc, sed reficite, quoniam sabbatum quod superveniet crastina die, contentionem<sup>1756</sup> habet Simon cum Petro sancto Dei. Sicut enim dominus semper cum eo fuit, et nunc stet pro eo tamquam apostolo suo 10 Christus dominus. Petrus enim perseveravit nihil gustans,*

---

<sup>1756</sup>

*ms. contemptionem. VOUAUX corrige.*

## XXII – O serviço às virgens e a visão de Marcelo

E (Pedro) depois de exortar a todos que colocassem todo o seu coração a fim de compreender ao Senhor<sup>1757</sup>, começou, com Marcelo e outros irmãos a servir as virgens do Senhor<sup>1758</sup>, e (rapidamente se retirou para) descansar<sup>1759</sup> até pela manhã. Para as quais, Marcelo disse:

- 5 — “virgens santas invioláveis do Senhor, ouvi: (aqui) tendes onde passar a noite. Pois, isto que é dito meu, de quem é, senão vosso? Não desejo que partam daqui, mas recobrem (as energias), porque no Sábado, que decorrerá no dia de amanhã<sup>1760</sup>, Simão tem uma luta com Pedro, o santo de Deus. Pois, assim como o Senhor sempre foi com
- 10 ele<sup>1761</sup>, agora esteja firme ao seu lado tal qual seu apóstolo, Cristo, o Senhor. E Pedro continuou sem degustar nada,

---

<sup>1757</sup> O autor conduz este pensamento na direção de todos estes textos: o Senhor está acima de nós, mas se aproximou de nossa fraqueza e devemos dar resposta a sua condescendência, e procurar entendê-lo. A essência deste pensamento é gnóstica, mas o autor vê com naturalidade, o que poderia ser um princípio herético. Segue 2Pe 1,19; Ef 1,18; Lc 8,15.

<sup>1758</sup> Refere-se a Mt 25.44. Este “serviço às virgens” parece natural em um livro de tendências ascéticas como *AtsPe. uide* verbete *virgines subintroductæ*. – in: DUCHESNE, Louis. *Early History of the Church*. vol.1. London: J. Murray, 1843-1922, p.517; conforme o *Protoevangelho de Tiago*. – in: AMANN. (ed.). *Le Protévangile de Jacques...* 1910, *op.cit.*, p.25, e.g. cita Maria dentro deste serviço. É bem possível que este serviço fosse acolhido dentro de lacunas existentes em algumas igrejas isoladas, mas não havia nada nele oficial para os dois primeiros séculos cf ZSCHARNACK, Leopold. *Der Dienst der Frau em den ersten Jahrhunderten der Christlichen Kirche*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1902, p.117. Os montanistas, especialmente quintilianos, deram grande importância à mulher, conforme Epiphanius (de Salamina). *Hæres.*, XLIX,2. – in: ZSCHARNACK, *loc.cit.*, p.156. Em *AtsPe*, as virgens são mencionados mais uma vez no cap. XXIX.

<sup>1759</sup> Temos: *cibo sumpto quiescere nos jussit sibique quietem ipse dedit*, em Ps-CLEMENS. *Recognitiones*, I, 74. – in: Migme (ed.). *P.G.*, 1857, *op.cit.*, t.I, col.1218, que refere-se a Pedro antes de sua luta com Simão.

<sup>1760</sup> Temos no cap. XV, no dia em que Simão recebeu o infante, mandou calar-se e deixou Roma, para pernoitar em um estábulo, onde permaneceu ausente por dois dias. As palavras solenes que pareciam indicar que ele era muito mais poderoso.

<sup>1761</sup> Mt 28,20; 16,18.

*sed superponens, ut malum vincat inimicum et persecutorem  
 veritatis domini. Ecce enim venerunt juvenes mei, nuntiantes  
 vidisse se in foro anabstras configi, et turbam<sup>1762</sup> dicentium:  
 Hic crastina die luce orta<sup>1763</sup> certari habent duo Judæi de  
 15 conlocutione Dei.» Nunc itaque pervigilemus usque in mane,  
 rogantes at patentes dominum nostrum Jesum Christum ut  
 exaudiat præcas nostras pro Petro. Marcellus autem breviter  
 in somno conversus, expergefactus dixit ad Petrum: Apos-  
 tole Christi Petre, audaciter accedamus ad propositum. Nunc*

---

<sup>1762</sup> *ms. turba.*

<sup>1763</sup> *ms. horta. VOUAUX corrige.*



mas sobrepondo-se (pelo jejum)<sup>1764</sup> a fim de derrotar o inimigo maligno e perseguidor da verdade do Senhor. Pois, eis que vieram uns dos meus jovens, declarando terem visto no fórum<sup>1765</sup> estrados preparados e a multidão dizendo: — ‘Aqui, amanhã, ao raiar a luz (do dia), teremos o combate de dois judeus acerca das denominações de 15 Deus<sup>1766</sup>.’ Agora, pois, mantenhamos em vigília até a manhã, rogando e pedindo ao nosso Senhor Jesus Cristo para que ouça bem as nossas preces por Pedro”. Mas Marcelo, entregou-se brevemente ao sono, e, tendo despertado, disse a Pedro: — “Pedro, apóstolo de Cristo, cumpramos audaciosamente nosso desígnio.

---

<sup>1764</sup> *ex. lat.: perseveravit... superponens* (especialmente); terminologia técnica-teológica para a manutenção do estado de jejum na Sexta-feira; *gr.* → *lat.* ὑπερτίθεσθαι, segundo DUCHESNE, Louis. *Origines du culte chrétien: étude sur liturgie latine avant charlemagne*. 4<sup>a</sup>. ed. Paris: Albert Fontemoing, 1908. p.235. — É bem interessante notar que, ao mesmo tempo, estes *AtsPe* mantêm o jejum do Sábado, mas terras romanas. Conforme AURELIUS AUGUSTINUS (de Hipona), *Epistola 36<sup>a</sup>. ad Casulanum*. – in: Migme (ed.). *P.L.*, 1841, *op.cit.*, t.XXXIII, cols.136ss, que dá o seu parecer sobre a hipótese da origem do jejum em Roma, de um Urbicus, provavelmente romano, que diz que Pedro teria estabelecido em Roma o Sábado rapidamente porque ele teria derrotado por Simão. Augustinus diz a si mesmo, *ibid.*, *Epistola 21<sup>a</sup>*, col.145: *est quidem et hæc opinio plurimorum, quamvis cum perhibeant esse falsam, plerique Romani, quod apostolus Petrus cum Simone die dominico certaturus, propter ipsum magnæ tentationis periculum, pridie cum ejusdem urbis Ecclesia jejunaverit, et consecuto tam prospero gloriosoque successu, eumdem morem tenuerit, eumque imitatur sint nonnullæ Occidentis Ecclesiæ*. Aqui parece não duvidar da historicidade da luta de Pedro e Simão. O Domingo, nas expressões augustinianas, acontecem no Sábado em *AtsPe*.

<sup>1765</sup> Trata-se do *Cæsarforum* ou *forum Julii*, que o autor menciona duas vezes: caps. XV, *uide* nt.1500 e XVIII; o autor parece não conhecer outro e nem pode nomear o antigo fórum romano. O mais provável é que o autor obteve um informe da existência de certo fórum em Roma. Trata-se de mais uma prova de que estes *AtsPe* não foram escritos em Roma.

<sup>1766</sup> Os caps. XV-XVIII preveem a luta; detalhes dos preparativos não são mencionados. O autor não diz mais nada sobre a discussão, senão que será uma *conlocutione Dei*, e mais tarde veremos que Simão negou que Cristo é Deus, e Pedro vai confrontar-lhe usando o termo *conlocutio*, *gr.* → *lat.*: προσήγορία (= apelação, chamamento). A discussão de Pedro e Simão, se Cristo pode ou não ser chamado de Deus, também aparece em *Passione sanctorum Petri et Pauli*, XXXIII. – in: LIPSIUS (ed.). *Acta apostolorum apochypha...*, 1891, I, *Acta Petri...*, *op.cit.*, p.15, onde ambos apóstolos disputam com Simão por ordem imperial de Nero.

20 *enim in somno breviter conversus, vidi in excelso loco sedentem* [[*te*<sup>1767</sup>]] *et ante turbam magnam, et mulierem quendam*<sup>1768</sup> *turpissimam, in aspectu Æthiopissam*<sup>1769</sup>, *neque Ægyptiam, sed totam nigram, sordidis pannis*<sup>1770</sup> *involutam, in collo autem torquem ferream et in manibus et in pedibus catenam, saltantem. Videns magna voce dicebas ad me: «Marcelle, omnis virtus Simonis*<sup>1771</sup> *et Dei ipsius hæc est, quæ saltat: decolla eam.» Et ego tibi dicebam: «Petre frater, senator*

---

<sup>1767</sup> *ms. omite; acrescentamos seguindo LIPSIUS.*

<sup>1768</sup> *PIÑERO propõe quamdam; não seguimos.*

<sup>1769</sup> *ms. Æthiopissimam. LIPSIUS e USENER corrigem.*

<sup>1770</sup> *ms. nigram sordibus, pannis. BONNET corrige.*

<sup>1771</sup> *ms. omnes viri Simoni. LIPSIUS corrige.*

20 Pois, agora, por instantes adormeci, eu te vi sentado em um local muito alto<sup>1772</sup> e defronte a uma grande multidão. E certa mulher muitíssimo repulsiva<sup>1773</sup>, de aspecto etíope, não uma egípcia, mas totalmente negra<sup>1774</sup>, envolta em sórdidos trapos, usava no pescoço um colar de ferro<sup>1775</sup> e um grilhão nos pés e nas mãos, e ela dançava<sup>1776</sup>. Ao vê-la, 25 uma grande voz dizia a mim: — ‘Marcelo, esta dança é com o poder de Simão e do seu deus<sup>1777</sup>. Decapita-a’. E eu dizia a ti: — ‘irmão Pedro, eu sou um senador

---

<sup>1772</sup> É natural que se imagine tratar-se estando sobre a plataforma do fórum, diante da multidão colocada abaixo.

<sup>1773</sup> O *ms. lat. turpissimam* (= feiíssima), *in aspectu Æthiopiassam* (= de aspecto etíope), cuja tradução literal não é recomendada em nossa época. Note-se que a feiura é um atributo satânico, cujo demônio que deve ser combatido na pessoa de Simão. E se, por vezes, dá-lhe a aparência de um “anjo de luz” é quando ele quer seduzir e enganar a alma.

<sup>1774</sup> *neque Ægyptiam*: é uma expressão ingênua para marcar a mulher totalmente – *sed totam nigram*. O autor antigo diz que ela não só tem a pele morena dos egípcios, mas a pele profundamente negra dos negros da Etiópia, cuja distinção não cabe na atualidade, não penso ter existido razão para tal distinção na Antiguidade: entre etíope e egípcio. Note-se, porém, que outros autores são menos escrupulosos, e às vezes tomaram uma das duas palavras, em *Passio Sanctarum Perpetuæ et Felicitatis*, X. – in: RUIÑART, D. *Acta martyrum sincera*, Veronæ: 1732, p.34. – in: Migme (ed.). *P.L.*, 1841, *op.cit.*, t.III, cols.13-58, o diabo que quer lutar com Perpétua é como *Ægyptius fœdus especie*, cuja associação entre o diabo e o negro se baseia na ideia de que o diabo é um “anjo das trevas”; *uide* nt.1334. Nos *AtsXaPoRe*, XVII: – in: JAMES, Montague Rhode (ed.). *Acta Xanthippæ et Pollyxenæ*. – in: *Texts and studies*. Oxford: Clarendon Press, 1924<sup>B</sup>, t.II, fasc.3, p.70, um etíope rei “é transformado em um corvo e, em seguida, referido como o diabo”. O mártir copta, PETRUS I (de Alexandria). *ep. Canon.*, IV. – in: Migme (ed.). *P.G.*, 1857, *op.cit.*, t.XVII, col.473 lê-se, apelando ao chamado impenitente: δέρμα Αιθίοπος κεκτημένοι. Há muitos exemplos de que a cor dos etíopes, nos textos primitivos cristãos, teria representado o demônio, e tal aceção alcançou o medievo.

<sup>1775</sup> Ap 20,2. Este colar é colocado ao redor do pescoço dos escravos que fugiam de casa do seu senhor, um símbolo de “rebaixamento e humilhação”, como o resto das grillhetas mencionadas.

<sup>1776</sup> É possível que a mente do autor tenha ido para filha de Herodias, Mt 16,6, no episódio do pedido da cabeça de João Batista, cuja dança também simbolizava a inconstância e leveza do pecado e do diabo.

<sup>1777</sup> Lembre-se do epíteto autoatribuído de Simão, cap. IV: “a grande força de Deus”. Em muitas vezes o autor utiliza-se de diversos epítetos: “seu mestre”, “seu pai”.

*sum generis magni*<sup>1778</sup> *et nunquam manus meas maculavi,*  
*neque passerem aliquando occidi.» Et tu hoc audito plus cla-*  
30 *mare cœpisti: «Veni, verum gladium nostrum, Jesu Christe,*  
*et non tantum caput ejus præcidas dæmonis, sed et omnia*  
*membra ejus concide, palam istis omnibus quos in tua militia*  
*probavi.» Et continue tibi similis, Petre, tenens gladium*  
*totam eam concidit usque adeo ut intenderem ego vos*<sup>1779</sup> *am-*  
35 *bos, et tibi et illi qui concidebat illum dæmonium, tam si-*  
*miles cum mea magna admiratione. Expergefactus hæc tibi*  
*rettuli signa Christi. Hæc ubi audivit Petrus, magis animo*  
*repletus est, quod Marcellus hæc vidisset, quoniam*<sup>1780</sup> *domi-*  
40 *nus ubique suis providet. Gratulatus itaque et recreatus his*  
*verbis, levavit se ut veniret ad forum.*

---

<sup>1778</sup> *ms. magi.* LIPSIVS e VOVAUX corrigem.

<sup>1779</sup> *ms. bos.*

<sup>1780</sup> *ms. quonia.*

de uma família nobre e nunca manchei minhas mãos, nem alguma vez matei um pardal. E tu, ouvindo isto, te puseste clamar ainda mais:

30 — ‘Vem, nossa verdadeira espada, Jesus Cristo<sup>1781</sup>, e não apenas para mutilar a cabeça do demônio, mas também sucumbas todos os seus membros, na presença de todos estes os quais tens provado em tua milícia<sup>1782</sup>.’ E imediatamente, alguém semelhante a ti, Pedro<sup>1783</sup>, que possuía uma espada, cortou-a até esquartejá-la totalmente; assim eu

35 vos via, ambos, a ti e a ele que tinha colocado aquele demônio em pedaços, tão semelhantes, e com grande admiração por mim. E assim, ao despertar, relato a ti estes sinais de Cristo. Depois que ouviu isto, Pedro ficou repleto de grande ânimo, porque Marcelo viu estas coisas e o Senhor sempre provê para os seus<sup>1784</sup>. Gratificado, assim, e

40 reconfortado com estas palavras, levantou-se para ir ao foro.

---

<sup>1781</sup> Ap 2,12; 2,16; 19,15.

<sup>1782</sup> De Ef 6,11-17; 2Tm 2,3 advém este imaginário soldadesco, às ordens do Senhor, foi uma metáfora muito utilizada na literatura antiga. *vide AtsPl, Mart.*, II. – in: LIPSIUS. *Acta Apostolorum Apocrypha...* 1891, *op.cit.*, t.I, pp.108; 110; 114; κτλ. Também – in: VOUAUX. *Les Actes de Paul...* 1913, pp.286ss, onde esta ideia é amplamente trabalhada. Pode ser encontrada em *AtsPe, AV, XXXVI*.

<sup>1783</sup> Conforme Rm 8,29; Gl 2,23; remete a ideia frequente de que homens fiéis que representam a imagem do próprio Deus; *AtTo, XI; AtsPlTe, XXI* entre outros.

<sup>1784</sup> Sl 145,18; na *Vulg.*

XXIII *Convenerunt, autem et fratres et quicumque Romæ  
erant, occupantes loca singulis aureis. Concurrerunt<sup>1785</sup> autem  
et senatores et præfecti et officia. Adveniens autem Petrus  
stetit in medio. Universi exclamaverunt: Ostende nobis,  
5 Petre, qui sit Deus tuus, aut quæ majestas sit, quæ tibi fidu-*

---

<sup>1785</sup>

*ms. concurrerunt.* VOUAUX corrige.

## XXIII – A disputa no Fórum de Júlio entre Pedro e Simão

Congregaram-se, pois os irmãos e também os que se que estavam em Roma<sup>1786</sup> cada qual ocupando seu lugar por uma moeda de ouro<sup>1787</sup>. E concorriam (para lá) também senadores, prefeitos e servidores (públicos)<sup>1788</sup>. E Pedro achegando, pôs-se no meio. E todos eles  
5 exclamaram: — “Mostra-nos, Pedro, quem seja o teu Deus, ou em que consiste (sua) majestade, que a ti conferiu tal confiança.

---

<sup>1786</sup> O autor faz solene este episódio. Ele traz não somente os cristãos, mas os pagãos, os “senadores, prefeitos (...)”, parece ser um disputa com autorização imperial conforme já vimos. Não seria fácil imaginar algo semelhante aos duelos de oratória no *Cæsarforum*, onde o comércio havia sido excluído. Segundo VOUAUX, 1922, *op.cit.* p.361, se vemos aqui alguma alusão histórica, é muito mais natural pensar como um dos sofistas que realizavam discursos eloquentes de cidade em cidade, falando sobre qualquer assunto, no fórum, no teatro, em casas ricas. — BASILIUS (de Cesareia), *epistola 351*. – in: Migme (ed.). *P.G.*, 1857, *op.cit.*, t.XXXII, col.1096, nos faz lembrar uma dessas conferências, de Libanius em Antioquia, falando aos não dignitários, militares, trabalhadores e a mulheres. O fato foi conhecido na Antiguidade, e não é surpreendente que o autor, especialmente se asiático (mais provável), teve a ideia de colocar este episódio teatral na cena da luta entre Pedro e Simão. Mas este cenário teatral cabe em alguma pequena ou média cidade, e esta é mais uma prova de que o *AtsPe* não foi feita em Roma, *cf* temos defendido aqui.

<sup>1787</sup> Segundo JAEGER, Werner. *Os Sofistas*. – in: *Paidéia: a formação do homem grego*. Lisboa: Aster, 1979, pp.311-54, a “educação formal dos sofistas tem início com Sófocles e com o conceito de *παιδεία*”. Atraíam-se alunos, cada qual pagando pelo seu lugar e, quanto mais o sofista fosse conhecido, tanto mais caro era. É possível que o autor aqui, para aumentar ainda mais a importância deste discurso, aplicou o preço em ouro. Não parece ser aqui uma alusão ao *aureus* dado por Marcelo no cap. XIX. Esta ideia ocorre também nos caps. XIX e XXX.

<sup>1788</sup> É um ato solene e com importantes personalidades, ao que parece pelo autor, interessadas no cristianismo, o que seria inviável para Roma em fins do séc. II. Porém, razoável para alguma cidade da Ásia Menor, onde a religião cristã encontrava-se em um estágio de bem firmada junto à sociedade e difundida, particularmente nas últimas décadas do séc. II. Tais fatos atestados, especialmente, por Caius Plinius Caecilius Secundus (Plínio, o Jovem), cônsul e governador imperial na Bitúnia (111-112), em suas *Litteræ curatius scriptæ*, 247 missivas, com destaque às célebres epístolas escritas a Marcus Ulpius Trajanus em 112, PLINIUS. *Epistolæ*, X,95,96, entre os primeiros escritos não neotestamentários acerca do cristianismo nascente.

*ciam dedit. Noli invidus esse Romanis: deorum amatores sunt. Habemus autem experimenta Simonis, habemus<sup>1789</sup> et tua; conprobate ergo nobis ambo, cui vere debeamus credere. Et cum hæc dicerent, supervenit et Simon. Conturbatus stans ad latus Petri inprimis respiciebat eum. Post multum silentium Petrus dixit: Viri Romani, vos nobis veri iudices estote. Dico enim me vivo et vero Deo credidisse<sup>1790</sup>, eujus experimenta polliceor vobis facere, quæ jam mihi cognita sunt, sicut et inter vos multi testimonium perhibent. Videtis enim, hunc se repræhensum esse modo tacentem et me<sup>1791</sup> eum exfugasse a Judæa propter inposturas quas fecit Eubulæ, honestæ femine et simplicissimæ<sup>1792</sup>, magica arte faciens. Unde effugatus a me huc<sup>1793</sup> venit, putans quoniam posset latere inter vos: et ecce stat in comminus. Dic, Simon, non tu Hie-*

---

<sup>1789</sup> USENER. – in: LIPSIUS. *Acta Apostolorum Apocrypha...* 1891, *op.cit.*, t.I, p.71 poderia ser *habeamus* para o segundo verbo. Os romanos diriam que já têm provas de voo de Simão sobre as muralhas da cidade, *uide* cap. IV, e outras maravilhas, e desejam as de Pedro. Mas eles associam o que vai acontecer com o que aconteceu, portanto o verbo deve estar tanto no presente como no sentido de “nós queremos ter”.

<sup>1790</sup> *ms. credisse.* VOUAUX corrige.

<sup>1791</sup> *ms. modi tacentem me eum;* GUNDERMANN propõe, – in: LIPSIUS. *Acta Apostolorum Apocrypha...* 1891, *op.cit.*, t.I, p.71; também FICKER. – in: Hennecke, *Handbuch...* 1903, p.455: *modo tacentem et me;* e com VOUAUX adotamos uma construção de duplo infinitivos com *tacentem*.

<sup>1792</sup> *ms. simplicissime.*

<sup>1793</sup> *ms. hunc.*



Não invejes (o jeito de) ser dos romanos<sup>1794</sup>: eles são amantes de deuses<sup>1795</sup>. Pois, temos as evidências de Simão, também temos as tuas. Então, demonstre a nós, aliás, ambos, em quem devemos realmente acreditar.” E quando haviam dito estas coisas, sobreveio também

10 Simão. Conturbado<sup>1796</sup>, pôs-se ao lado de Pedro, e fitava, principalmente ele. Após um longo silêncio, Pedro disse: — “Varões romanos, vós estareis postos verdadeiramente como nossos juízes. De fato, eu afirmo que creio no Deus vivo e verdadeiro<sup>1797</sup>. Assim, prometo que produzirei provas a vós, as quais, a mim já são conhecidas, assim como, (também), muitos entre vós podem dar

15 testemunho<sup>1798</sup>. Vedes, pois, este que foi repreendido por mim, se oculta de modo calado (agora), depois que eu lhe fiz fugir da Judeia<sup>1799</sup> por causa dos seus enganos e arte mágica<sup>1800</sup> a qual fez contra Eubula, mulher honrada e simplicíssima. De onde fugiu de mim, veio aqui, pensando que poderia ocultar-se entre vós: e eis, está aqui lado a lado! Diga-me, Simão, em Jerusalém não te lançastes aos meus pés e de

---

<sup>1794</sup> Há algumas ideias derivadas de Ef 1,18-21; Col 1,26-29, onde a “sabedoria de Deus” seria sentida sem nossa participação nela, aliás, característica desta literatura. Segundo LIPSIUS. *Acta Apostolorum Apocrypha...* 1891, *op.cit.*, t.II, vol.1, pp.178ss, temos em *AtsJo*, LV que os esmirniotas seriam emissários do apóstolo: “Ouvimos falar do Deus que você anunciou que é sem inveja e ele ordenou que você não demore, de preferência, em um lugar que é seu”. *vide* também *frgg.* X de Μελιτών Σάρδεων (= Melitão de Sardes) – in: OTTO. *Corpus apologetarum Christianorum...* 1909, *op.cit.*, t.IX, p.429: *Non invidet* (Senhor) *cognitionem sui quærentibus eum, ita ut eum valeant eum cognoscere.*

<sup>1795</sup> At 17,22-26, discurso paulino no Areópago.

<sup>1796</sup> Nesta literatura repleta de ‘debates públicos e disputas’, o autor caracteriza-se por colocar o adversário em desvantagem e em constrangimento, mesmo antes que tais fatos ocorram: *conturbatus*.

<sup>1797</sup> Aqui há evidências de que as discussões teóricas e doutrinário-sistemáticas despertavam no autor um interesse especial, e aqui teria uma oportunidade para expô-las, porém o fez apenas na expressão ingênua desta fé, que demarca os cristãos do seu tempo, com exclusão de qualquer outra sutileza.

<sup>1798</sup> Remete à denúncia jurídica no cap. XVII das falsas crenças simoníacas, expediente comum aos Pais apologistas.

<sup>1799</sup> É reconhecido o uso frequente desse argumento pelos Pais da Igreja contra “hereges”, com base em sua vida pregressa dos hereges, usado, por vezes, não sem razão.

<sup>1800</sup> Como vimos em IV-b, nas notas, a acusação de magia poderia se dar no mundo secular greco-romano tanto como no ambiente cristão.

- 20 *rosolymsis procidisti ad pedes mihi et Paulo, videns per manus nostras remedia quæ facta sunt, dicens: «Rogo vos, accipite a me mercedem quantum vultis, ut possim manum inponere et tales virtutes facere.» Nos a te hoc audito malediximus te: «Putas<sup>1801</sup> temptare nos pecuniam velle possidere?»» Et nunc*
- 25 *tu nihil times<sup>1802</sup>? Petrus mihi nomen est, quod dominus me Christus dignatus est vocare {paratum}<sup>1803</sup> esse in omni re. Deo enim vivo credo, per quem magias tuas deponam. Nunc quæ faciebat mirabilia vel præsentia vestra faciat. Et modo quæ dixi de eo nolite credere mihi? Simon autem dixit: Auda-*
- 30 *ciam habes loqui de Jesu Nazareno, fabri filio et ipsum fabrum, cujus genus in Judæa positum est? Audi Petre: sensum habent Romani, non sunt fatui. Et conversus ad popu-*

---

1801 *ms. putans.*

1802 *ms. timens.*

1803 FICKER. – *in*: Hennecke, *Handbuch...* 1903, p.455: *Petrum... paratum...*, seria um “jogo de palavras interpolado pelo tradutor latino” e teria vindo do grego (mas não explica como). O tradutor latino não quis se contentar com a etimologia, provavelmente recordado pelo *gr.* de Mt 16,18 e duplica o sentido de *paratum omni re* correspondente à *portæ inferi non prævalebunt adversus eam*, mas “ele teria entendido estas palavras e acrescentado um trocadilho pouco pobre”, segundo Ficker.

- 20 Paulo<sup>1804</sup> vendo, por nossas mãos, as curas e as coisas as quais foram feitas, dizendo: — ‘Rogo-vos, aceitai de mim uma recompensa de quantia vultuosa, para que eu possa impor as mãos e realizar tais milagres.’ E nós ao isto de ti, amaldiçoamos-te (assim): — ‘Pensas nos tentar (porque) ambicionamos possuir dinheiro?’ E agora tu não
- 25 tens nada a temer? Pedro é o meu nome, porque o meu Senhor, Cristo, se dignou chamar-me de ‘preparado para qualquer coisa’. Pois creio no Deus vivo, através de quem destruirei a tua magia. As maravilhas que ele fazia, que ao menos faça, agora, na vossa presença. Mas não quereis crer em mim acerca das coisas que disse sobre ele<sup>1805?</sup>’ Então
- 30 Simão disse: — “Tens audácia de falar sobre Jesus Nazareno, filho de artesão, e também o mesmo um artesão, cuja raça<sup>1806</sup> habita a Judeia? Ouça Pedro: Os romanos possuem senso, não são tolos.” E voltando-

---

<sup>1804</sup> Distancia-se do texto canônico, pois tal episódio teria ocorrido em alguma cidade “da Samaria”, At 8,9-13, também 18-2, mas sabemos que o autor deste *AtsPe*, muitas vezes, permite essas transposições e parece, uma prova impressionante de que o autor já tinha falado sobre o trabalho do apóstolo em Jerusalém, isso poderia aludir à parte perdida do *ms*. Na versão *syriacae* de NAU, François. *La Didascalie des douze apôtres: traduite du syriaque pour la première fois*. 2ª. ed. Paris: P. Lethielleux, 1912, p.186, também transporta a cena em Jerusalém; também PHILASTRIUS, bispo de Brescia no seu catálogo de heresias *Diversarum Hæreseon Liber* (ou *De Hæresibus*) XXIX. – in: Migme (ed.) *P.G.*, 1857, t.XII, cols.1290ss, coloca Simão de Jerusalém diretamente para Roma, talvez seguindo *AtsPe*. — Os companheiros do apóstolo eram Filipe e João, este enviado de Jerusalém, e não Paulo, que se converteria somente mais tarde; At 8,14.

<sup>1805</sup> Referindo as coisas que Simão dizia que as realizava, mas não de fato (por magia).

<sup>1806</sup> Trata da *conlocutione Dei*, do cap. XXII, a partir de Mc 6,3; Mt 13,55, onde Simão representa o paganismo e Pedro, o cristianismo; que retoma a discussão do cap. XIV. Deve-se notar que a crítica de Simão é a mesma que os pagãos usavam frequentemente contra os cristãos, Mt 13,55. *uide* TERTULIANUS, Quintus Septimus Flores. *De spectaculis*, XX, – in: Migme (ed.) *P.L.*, 1841, *op.cit.*, t. I, col.662: *Hic est ille dicam fabri aut quæstuarie filius, sabbati destructor, Samarites, et daemonium habens*. Também JUSTINUS, Flavius. *Dialugus cum Tryphone Judæo*. LXXXVIII,18. – in: Migme (ed.) *P.G.*, 1857, *op.cit.*, t.VI, col.688; também Ὠριγένης (= Origenes Adamantius), *Contra Celsum*, VI, 34. – in: Migme (ed.) *P.G.*, 1857, *op.cit.*, t.XI, col.1348, onde Jesus é chamado por Κέλσος (= Celsus) de: τέκτων τὴν τέχνην.

*lum dixit: Viri Romani, Deus nascitur? crucifigitur? Qui dominum habet, non est Deus. Hæc autem eo dicente multi 35 dicebant: Bene dicis, Simon.*

XXIV *Petrus autem dixit: Anathema in tuis verbis in Christo! Audaciam habuisti hæc loqui, profeta dicente de eo: «Genus ejus quis enarrabit<sup>1807?</sup>» Et alias<sup>1808</sup> profeta dicit: «Et vidimus eum et non habuit speciem neque decorem.» Et:*

---

1807 *ms. enarravit.*

1808 *ms. alius.*

se para o povo disse: — “Varões romanos: (acaso) Deus nasceu? (Ou) foi crucificado? Que tem um mestre, não é Deus<sup>1809</sup>.” Enquanto ele 35 falava estas coisas, a muitos diziam: — “Falas bem, Simão.”

#### XXIV – O ápice dos debates no Fórum de Júlio

Mas Pedro disse: — “Anátema (seja) em Cristo pelas tuas palavras! Essas coisas, tu tiveste a ousadia de falar; (como) o profeta disse<sup>1810</sup> sobre ele: — ‘E da sua linhagem, quem (dela) cogitou?’ E em outro lugar<sup>1811</sup> o profeta diz: — ‘E temos visto ele e não tinha aparência nem formosura<sup>1812</sup>.’ Também: — ‘Nos últimos tempos um menino

---

<sup>1809</sup> Se existe alguém acima dele, então não é Deus; refere-se à Mt 11,25. FICKER. – *in*: Hennecke, *Handbuch...* 1903, p.456, assinala que tais conceitos não são estranhos à controvérsia ariana. Theodotus, o curtidor, não foi o primeiro negava a divindade de Cristo, mas o nascimento virginal. Aqui se trata de um pensamento amplo o suficiente para não se aplicar a uma determinada heresia, ou outra qualquer, inclusive a dos ebionitas.

<sup>1810</sup> Parece uma coletânea extensa de citações dos profetas extraídas de um vade-mécum: o anúncio do nascimento miraculoso do משיח (= Messias, Salvador prometido no AT), sua a ação poderosa, a paixão e a παρουσία de Cristo. Concluiu com uma frase curta que mostra que o que a pessoa faz, é necessariamente Deus estabelecendo o seu reino. Note-se que o autor foi capaz evocar o conhecimento de pagãos incrédulos em Roma que não nada sabiam sobre profecias de interesse judaico ou do próprio Jesus. Não há explicações como comentários, nem mesmo uma aplicação clara para a vida do Salvador. Este é realmente pobre. É uma reflexão típica do séc. II, com em que a doutrina desperta pouco interesse, muito menos do que maravilhas e milagres.

<sup>1811</sup> VOUAUX. 1922, *op.cit.*, p.368, nt.1 propõe trocar *et alius propheta dicit* (= e outro profeta diz) por *et alias propheta dicit* (= e em outro lugar o profeta diz). Aceitamos este argumento porque este texto de Isaías circulou compacto na Antiguidade, e circulou amplamente nos ambientes dos cristanismos primeiros. Isto evidencia que o autor não o conhecia as profecias pelas fontes diretas.

<sup>1812</sup> Is 53,8.

- 5 «*In novissimis temporibus nascitur puer de Spiritu Sancto: mater ipsius virum nescit, nec dicit aliquis patrem se esse ejus.*» *Et iterum dicit: «Peperit et non peperit.» Et iterum: «Non minimum præstare vobis agonem<sup>1813</sup>; ecce in utero concipiet virgo.» Et alter propheta dicit honorificatum patrem:*  
 10 «*Neque vocem illius audivimus neque obstetrix subiit<sup>1814</sup>.*»

---

<sup>1813</sup> LIPSIUS leva as primeiras palavras do discurso: *Non minimum præstare vobis agonem* para o final do debate. Mas segundo FICKER. – in: Hennecke, *Handbuch...* 1903, p.456 elas apontam corretamente para Is 7,13. O texto da *Vulg.* é velado, mas estas palavras são muito claras na *LXX* grega: Μὴ μικρὸν ὑμῶν ἀγῶνα παρέχειν ἀνθρώποις. Lipsius supõe que esta menção é complementar e, assim, deve ser rejeitada, LIPSIUS. *Acta Apostolorum Apocrypha...* 1891, *op.cit.*, t.I, p.72. Parece que o autor de *AtsPe* não vê com clareza a conexão destas ideias que apresenta, é bem possível que todo restante tenha sido deixado para esta citação quando ele narra a luta de Pedro e Simão: a ideia de ἀγῶνα παρέχειν.

<sup>1814</sup> *ms. obsetrix subit.* VOUAUX corrige.

- 5 nascerá pelo Espírito Santo: sua própria mãe não conhece varão, nenhuma pessoa afirma ser pai dele<sup>1815</sup>.” E ele novamente diz: — ‘Ela deu à luz e não engendrou<sup>1816</sup>.’ E de novo: — ‘Não é uma coisa mínima que vos cause fadiga; eis que uma virgem conceberá no ventre<sup>1817</sup>.’ E outro profeta diz honrando o pai<sup>1818</sup>:
- 10 — ‘Nem ouvimos sua voz nem se aproximou alguma parteira<sup>1819</sup>.’

<sup>1815</sup> LIPSIUS. *Acta Apostolorum Apocrypha...* 1891, *op.cit.*, t.I, p.72, reconhece estas palavras e alguma concomitância com os *Oracula Sybillina*, VII, 457ss (textos judaicos). É um texto sem menção clara nos canônicos; parece mais provável que o autor tenha recolhido artificialmente por várias passagens, em tempos do Canon ainda não delimitado: Mt 1,18ss; Lc 1-34ss; Is 9,6; 8,4; ainda AMANN. *Le Protévangile de Jacques et ses remaniements latins...* sobre do  $\mu\eta\tau\epsilon\rho\varsigma$ , 1910, *op.cit.*, XIX,1, p.251;  $\kappa\tau\lambda$ .

<sup>1816</sup> Demonstra conhecimento de uma antiga frase, não-canônica, mas atribuída em adição ao profeta bíblico Ezequiel, *uide* HARNACK, Adolf von. *Die Chronologie der Altchristlichen Litteratur bis Eusebius*. vol. I. Leipzig: Hinrichs, 1897, pp.558ss. Esta palavra é também atestada por CLEMENS, Titus Flavius (Clemens Alexandrinus). *Stromata*, VII,16. – *in*: Migme (ed.) *P.G.*, 1857, t.IX, col.532; também por TERTULIANUS, Quintus Septimus Flores. *De carne Christi*, XXIII. – *in*: Migme (ed.) *P.L.*, 1841, *op.cit.*, t.II, col.790, a qual é atribuída à Ezequiel por Epiphanius (de Salamina). *Hæres...*, XXX,30. – *in*: Migme (ed.) *P.G.*, 1857, *op.cit.*, t.XLI, col.457.

<sup>1817</sup> A segunda cláusula desta frase provém de Is 7,14. E na união de duas cláusulas é de difícil interpretação e tradução, pois o autor quer marcar as lutas e debates (talvez, resumindo pela *LXX* Is 7,13 e associando com 14) e falar do nascimento miraculoso de Jesus. Outra interpretação possível, segundo VOUAUX. 1922, *op.cit.*, p.368 é que esta palavra é encontrada, curiosamente, ao falar do nascimento do Salvador, em AMANN. *Le Protévangile de Jacques et ses remaniements latins...* 1910, *op.cit.*, em XX, p.254 onde a mulher sábia disse a Maria sobre as dúvidas sobre sua virgindade lançadas por Salomé: οὐ γὰρ μικρὸς ἄγὼν περικείται περὶ σοῦ. Este texto aparece também em JUSTINUS, Flavius. *Dialugus cum Tryphone Judæo*. XLIII,5; LXVI,2. – *in*: Migme (ed.) *P.G.*, 1857, *op.cit.*, t.VI; também – *in*: ARCHAMBAULT (ed.) *Justin: Dialogue...* 1909, *op.cit.*, t.I, respectivamente pp.192 e 316.

<sup>1818</sup> Parece referir-se a José, com quem Maria estava casada.

<sup>1819</sup> Advindos dos não-canônicos, há um amplo rol de outros testemunhos antigos desta frase: (i) *Ascensão de Isaías*, XI,14 pela edição e tradução da versão etíope de TISSERANT, Eugène. *Ascension d'Isaïe*. Paris: Letouzey et Ané, 1909, p.205: *non parturiit, ne ascendit obstetrix, ne clamorem dolorum audivimus*. (ii) Também no tratado sobre a virgindade perpétua de Maria, Eusebius Sophronius HIERONYMUS. *Contra Helvidium*, VIII. – *in*: Migme (ed.) *P.L.*, 1841, *op.cit.*, t.XXIII, col.192: *nulla ibi obstetrix*. (iii) Εἰρηνωῖος (= IRINÆUS, de Lyon). *Adversus Hæreses*, II,30,4. – *in*: Migme (ed.) *P.G.*,

*Alter propheta*<sup>1820</sup> *dicit: «Non de vulva mulieris natus, sed de cælesti*<sup>1821</sup> *loco descendit.» Et: «Lapis præcisus est sine manibus et percussit omnia regna.» Et: «Lapidem quem reproba-*  
 15 *verunt ædificantes, hic factus est in caput anguli»; et lapi-*  
*feta de eo: «Electum, præciosum.» Et iterum dicit pro-*  
*feta de eo: «Et ecce vidi super nubem venientem sicut filium*  
*hominis.» Et quid plura? O viri Romani, si essetis scientes*  
*profeticas scribaturas omnia vobis exponerem; per quas*  
*necesse erat per mysterium †locutum esse†*<sup>1822</sup> *et regnum Dei*

---

1857, *op.cit.*, t.VII, col.923. (iv) CLEMENS, Titus Flavius (Clemens Alexandrinus). *Stromata*, VII, 16. – in: Migme (ed.) *P.G.*, 1857, t.IX, col.529: Καὶ γὰρ μετὰ τεκεῖν αὐτὴν μαιωθεῖσαν φασὶ τινες παρθένον εὐρεθῆναι, onde está ligado ao episódio onde Salomé deixa cair sua mão, consumida pelo fogo, conforme anteriormente vimos em AMANN. *Le Protévangile de Jacques et ses remaniements latins...*, 1910, *op.cit.*, em XIX,3; XX,1, pp.254-5.

<sup>1820</sup> O tradutor latino do *ms.* usa indistintamente, muito proximamente, *propheta* ou *profeta* (!), como sinônimos ou variação ortográfica.

<sup>1821</sup> *ms. cæleste.*

<sup>1822</sup> *ms. mutilatus* com leitura não identificável. VOUAUX propõe †*locutum esse*†, reconstruído não em desejável grau de confiabilidade; porém, oferecido como uma conjectura editorial necessária.



Outro profeta diz: — ‘Nascido não do útero de uma mulher, mas desceu de um lugar celestial<sup>1823</sup>.’ E: — ‘Pedra preciosa feita não por mãos (humanas) e feriu todos os reinos<sup>1824</sup>.’ E: — ‘e os edificadores rejeitaram a pedra, esta, (porém) veio a ser a pedra angular<sup>1825</sup>; e esta 15 pedra chamou-a: — ‘Eleita e preciosa<sup>1826</sup>.’ E novamente diz o profeta acerca dele: — ‘E eis que vi sobre a nuvem vindo semelhante ao Filho do homem<sup>1827</sup>.’ E que coisas dizer mais? Ó varões romanos, se estivésseis cientes das escrituras proféticas, eu a vós elucidaria todas<sup>1828</sup>; através das quais era necessário o mistério<sup>1829</sup> (que foi mencionado) para que o reino de Deus seja

---

<sup>1823</sup> Esta citação tem origem desconhecida. Também não é totalmente isenta do chamado docetismo vulgar, bastante difundido no sécs. II-III, por outro lado, não podemos afirmar que seja integralmente docetista, pois há alguma remissão distante a Jo 3,13. Para VOUAUX. 1922, *op.cit.*, p.369 é claramente docetista e lembra que poderia vir de MANES. *Acta Archelai*, XLVII. — in: Routh (ed.). *Reliquiae sacræ...* 2<sup>a</sup>. ed., 1814, *op.cit.*, t.V, p.169 onde diz: *Absit ut Dominum nostrum Jesum Christum per naturalia pudenda mulieris descendisse confitear; ipse enim testimonium dat, quia de sinibus Patris descendit.* Mas a questão que permanece, pois o próprio autor entendeu esta palavra no sentido docetista, e no restante do texto ele também aceita claramente a humanidade, sofrimentos, nascimento uterino, e portanto, não parece sua intenção defender o docetismo. Parece mais ser um erro de tradução ou uma interpolação, mas contra isso pesa também a frase do cap. XX,36: “(...) mas ele nem fome nem sede tinha.”

<sup>1824</sup> Dn 2,34 em uma citação livre. Também utilizada diversas vezes para mencionar o nascimento virginal, e.g., Εἰρηναῖος (= IRINÆUS, de Lyon). *Adversus Hæreses*, III,31,7. — in: Migme (ed.). *P.G.*, 1857, *op.cit.*, t.VII, col.953.

<sup>1825</sup> Sl 117,22 pela *Vulg.*; 1Pe 2,7; Mc 7,10; At 4,11; Lc 20,17; Mt 21,42.

<sup>1826</sup> Is 28,16.

<sup>1827</sup> Mt 24, 30; Mc 13,26; Lc 21,27; Dn 7,13.

<sup>1828</sup> Jo 16,12.

<sup>1829</sup> O “mistério †*locutum esse*† (que foi mencionado)” refere-se à Cristo.

20 *consummari*<sup>1830</sup>. *Sed hæc postea vobis adaperientur. Nunc ad te, Simon: in quibus ante seducebas eos, fac aliquid unum ex eis, et ego illud dissolvam per dominum meum Jesum Christum. Simon audacia sumpta dixit: Si præfectus permiserit.*

XXV *Præfectus autem patientiam ambis*<sup>1831</sup> *voluit præstare, ne quid videretur impie gerere*<sup>1832</sup>. *Producit autem præfectus unum de suis alumnis et ad Simonem*<sup>1833</sup> *sic dixit: Hunc accipe, morti trade. Petro dixit: Tu vero resuscita eum. Et ad popu-*

---

1830 *ms. consummare. LIPSIUS e VOUAUX corrigem.*

1831 *ms. ab his. LIPSIUS corrige.*

1832 *ms. impiæ gere. VOUAUX corrige.*

1833 *ms. Simnem.*

20 consumado<sup>1834</sup>. Mas estas coisas serão reveladas posteriormente<sup>1835</sup>. Agora para ti, Simão: os atos que antes seduzia estes, faça apenas um dentre esses, e eu o aniquilarei<sup>1836</sup> por Jesus Cristo, meu Senhor. Simão, tendo sido tomado de audácia, disse: — “(Farei), se o prefeito permitir”.

## XXV – Ressurreições passam a acontecer

Então o prefeito quis demonstrar sua paciência a ambos, para que não fosse visto como quem gere impiamente. Então, o prefeito moveu-se para um dos seus servos<sup>1837</sup> e assim disse a Simão: — “Tome-o, entrega-o a morte<sup>1838</sup>.” E para Pedro disse: — “Tu realmente

---

<sup>1834</sup> *ex lat.: per quas necesse erat per mysterium et Regnum Dei consummare*. Esta frase dificilmente se entende nesta forma; depois de *mysterium* vem um verbo como *†locutum esse†*, e por sua vez *consummare* dá lugar a *consummari*. Pedro conclui, que quando todas essas profecias das Escrituras, que falou, forem cumpridas (pela vinda de Cristo), então o Reino de Deus será estabelecido. JUSTINUS, Flavius. *Dialugus cum Tryphone Judæo*, LXXVI. – in: OTTO. *Corpus apologetarum apologetarum Christianorum...* 1909, *op.cit.*, t.II, p.270, recorda Dn 2,34: ἐν μυστηρίῳ κέκραγε, no sentido de um ensino secreto. O termo *consummari* está apoiado em Jo 19,28; Lc 18,31, no sentido de cumprido ou estabelecido.

<sup>1835</sup> Ou seja, “eu os revelarei posteriormente”, referindo ao discurso posterior de Pedro na cruz, cap. XXXVI.

<sup>1836</sup> *ex lat.: dissolvam*; a natureza mágica e irreal dos milagres simoníacos, segundo cap. XVI,9-10: *Sed omnia ejus adprobabuntur carmina et magica figmenta* agora será desvelada.

<sup>1837</sup> *ex lat.: de suis alumnis*, um servo (ou escravo) dos mais íntimos, alimentado em casa, em *gr.* θρεπτός; mais empregado no sentido da palavra *verna*, segundo VOUAUX. 1922, *op.cit.*, p.372.

<sup>1838</sup> Chama a atenção para as duas maravilhas, mas oculta que esta partilha parece tendenciosa e reduz a vantagem. O autor dá a Simão o poder de fazer a tarefa má. FICKER. – in: Hennecke, *Handbuch...* 1903, p.457, a propósito de este poder simoníaco lembra Ps- ATANASIUS. *Questiones ad Antiochum*, CX. – in: Migme (ed.). *P.G.*, 1857, *op.cit.*, t.XXVIII, col.665 referindo se a 2Ts 2,9: “O apóstolo diz que o Anticristo pode enganar todos com milagres e maravilhas; o Anticristo pode fazer parecer um morto como ressurreto, οὐκ ἐν ἀληθείᾳ, ἀλλ’ ἐν φαντασίᾳ (= não em verdade, mas em fantasia).

- 5 *lum præfectus dixit: Vestrum est nunc judicare, qui ex illis acceptus sit Deo, qui mortificat aut qui vivificat. Et continuo Simon ad aurem pueri locutus est et sine voce fecit tacere et mori. Ut autem cæpit murmur populi esse, una vero de viduis, quæ ad Marcellum refrigerabat, clamabat stans retro*
- 10 *turbam: Petre, servus Dei, filius meus mortuus est, unicum quem habebam. Populus autem locum faciens ei, induxerunt ad Petrum. Illa autem prostravit se pedibus ejus dicens: Unicum filium habebam; hic humeris<sup>1839</sup> suis alimentum mihi præstabat, ipse me levabat, ipse me portabat. Hoc mortuo,*
- 15 *qui mihi manum porriget? Cui Petrus dixit: Istis testibus duc te et adduc filium tuum, ut hi<sup>1840</sup> videntes credere possint quoniam Dei virtute surrexit, illa<sup>1841</sup> autem hoc videns cecidit.*

---

1839 *ms. umeris.*

1840 *ms. hii.*

1841 *ms. ille autem hoc videns cecidit.* FICKER. – in: Hennecke, *Handbuch...* 1903, p.458, mantém *ille* e entende de Simão: “e que o homem (Simão), nesta visão, é derrotado”; mas a leitura é muito incomum. Já BONNET. – in: *Acta Apostolorum Apocrypha*, 1891, *op.cit.*, t.I. p.73, substitui *ille* por *illa*, que se liga com *bajularent* e *vix reversa ad se, sustulerunt ...* Então, *hoc videns* significa “vendo tudo isso, lembrando-se de todos os seus males.” Já VOUAUX. 1922, *op.cit.*, p.374, conjectura na tradução desajeitada de um gen. absol. *gr.* como αὐτοῦ ὁρώντος ou αὐτῶν ὁρώντων na sua opinião, a visão diante de seus olhos. Há outros exemplos em *AtsPe* de gen. absol. mal traduzidos. Também TURNER propõe: *illa autem hoc audiens.*

5 ressuscite-o<sup>1842</sup>.” E para o povo o prefeito disse: — “Vós outros estais a julgar qual deles possa ser agraciado por Deus, o que mortifica ou o que vivifica”. E, imediatamente, Simão tendo falado ao ouvido do servo<sup>1843</sup> e, sem nenhum som, fê-lo calar-se e morrer. Logo começou acontecer o murmúrio do povo, no entanto, uma das viúvas, a qual Marcelo a sustentava<sup>1844</sup>, gritava em pé atrás da multidão: — “Pedro, 10 servo de Deus, meu filho está morto, o único que eu tinha”. Então as pessoas abriram um espaço para ele e introduziram junto a Pedro. Ela, porém, prostrou-se aos seus pés<sup>1845</sup> dizendo: — “Eu tinha um único filho, este me proporcionava alimento com seus braços<sup>1846</sup>, ele me amparava, ele me carregava. Este estando morto, quem estenderá sua 15 mão para mim?” A quem Pedro disse: — “Vá-te<sup>1847</sup>, com estas testemunhas, e traga teu filho, para que vendo estes, possam crer que por causa do poder de Deus ressuscitou, porém ela vendo (isto),

---

<sup>1842</sup> A questão da ressurreição, nos canônicos, evoca memórias em uma narrativa que imita moderação e respeito; aqui em *AtsPe* multiplicam-se os milagres “a granel”, apresentados quase como competição ou jogo, uma materialização de Rm 4,17 seguindo antigas lendas cristãs. A expressão da crença cristã de que a ressurreição é o maior milagre terreno, lembrando a ressurreição do מָשִׁיחַ (= Messias, Salvador prometido no AT), pode ter tornado o autor e sua obra de *AtsPe* mal vistos.

<sup>1843</sup> FICKER. – in: Hennecke, *Handbuch...* 1903, p.468, lembra semelhanças entre este episódio e historiador Ἀρτάπανος ὁ Ἀλεξανδρεὺς (= ARTAPANO) em *περὶ Ἰουδαίων*; também CLEMENS, Titus Flavius (Clemens Alexandrinus). *Stromata*, I,23. – in: Migme (ed.) *P.G.*, 1857, t.VIII, col.901: Moisés, que está preso pelo rei Necéfres, por permissão de Deus, indo para o palácio, se aproximou da cama do rei para acordá-lo. E este, assusta-se com isto, e pede à Moisés para lhe dizer o nome de Deus, que lhe havia enviado. Moisés olha e sussurra no seu ouvido. Dificilmente o rei ouviu, mas ele caiu sem nada dizer. Depois Moisés o recuperou, ele foi novamente restaurado à vida. Parece evidente que o autor tomou esta história ou qualquer outra semelhante para lembrar o misterioso poder do nome sagrado.

<sup>1844</sup> Note-se, que se Marcelo a *refrigerabat* (= sustentava) em sua casa, porque esta viúva torna tão insistentemente o motivo da perda de seu filho porque ele era o seu único apoio? Também mais abaixo, linha 24, veremos que era um *pueri*.

<sup>1845</sup> Lc 7,11-17; 8,40-42, 9,38; o autor faz empréstimos da cena da ressurreição do filho da viúva de Naim, da ressurreição da filha de Jairo, κτλ.

<sup>1846</sup> Gn 44,15.

<sup>1847</sup> *ex lat.: duc te*, em *gr. ὄπαγε*; RÖNSCH. *Itala und Vulgata...* 1875, *op.cit.*, p.361.

*Petrus autem ad juvenes dixit: Juvenes hic opus sunt, præ-  
 20 terea volentium credere. Et continuo surrexerunt juvenes  
 adferrent. Illa autem vidua vix reversa ad se, sustulerunt eam  
 juvenes. At<sup>1848</sup> illa exclamabat dicens: Ecce, fili, misit Christi  
 servus ad te, capillos suos et faciem lacerans. Juvenes autem  
 25 esset<sup>1850</sup>. Videntes autem quoniam mortuus est, consolabantur  
 matrem ipsius, dicentes: Si vere credis in Deo Petri, tol-  
 lentes eum perferimus ad Petrum, ut eum suscitans restituat  
 tibi.*

XXVI *Hæc dicentibus juvenibus<sup>1851</sup>, præfectus autem in*

---

<sup>1848</sup> *ms. ad.*

<sup>1849</sup> *ms. considerant.*

<sup>1850</sup> A partir desta passagem, dispomos para o cotejo com a versão latina, do texto *gr.* de GRENFELL; HUNT. *The Oxyrrhynchus Papyri...* 1908, vol. VI, pp.6-12, que encontraram um *frg.* deste *AtsPe*, na Grécia, confirmando o que VOUAUX. 1922, *op.cit.*, p.374 afirma na nt. *supra* acerca da tradução do AV com a língua original *gr.* — Com exceção das duas primeiras linhas ininteligíveis, o restante tudo tem a mesma relação do latim com o texto grego do mártirio. — Há algumas pequenas alterações, e até mesmo um erro de tradução, πειράσαι θέλων por *confidens in te* que não se explica, sendo as duas palavras gregas são muito melhores. — Nesta passagem em discussão temos: (...) δι' ἐμοῦ μὴ μελλήσαντες αὐτοῦ κατεχόντων εἰ ἄρα ἀληθῶς ἀπέθανεν, καὶ ὁρώντων ὅτι ἀληθῶς νεκρός ἐστίν, συνεπάθουν τῇ γραιίδι λέγοντες: εἰ ἄρα βούλει, μήτερ. καὶ θαρρεῖς τῷ Πέτρῳ θεῷ (*ms.* θεοῦ), ἄραντες αὐτόν ἡμεῖς ἀποισόμεθα (*ms.* ἀποισόμετα) ἐκεῖ ἵνα αὐτόν ἐγειρας ἀποδῶ σοι. — Do começo até κατεχόντων, não encontramos nenhuma maneira plausível em qualquer hipótese; o texto realmente começa em εἰ ἄρα, correspondendo à versão latina, onde τῇ γραιίδι corresponde a *matrem ipsius*. (...) βούλει, μήτερ. καὶ é negligenciada, e ἐκεῖ é traduzido por *ad Petrum*.

<sup>1851</sup> *ms. jubenibus.*

desmaiou. E Pedro disse aos jovens<sup>1852</sup>: — “São necessários aqui alguns jovens, ademais, que desejem crer.” E rapidamente levantaram-  
 20 se uns trinta jovens, que estavam prontidão para levá-la ou transportar seu filho morto. Contudo ela, a viúva, com dificuldade, voltou a si e os jovens a ampararam. Mas ela exclamava dizendo: — “Eis, filho, o servo de Cristo enviado a ti”; lacerando seus cabelos e sua face<sup>1853</sup>.  
 25 Todavia, os jovens que vieram (a casa dela), observavam as narinas do adolescente, para ver se realmente estava morto. No entanto, vendo que era um cadáver, sua mãe<sup>1854</sup> era consolada, e diziam: — “Se, em verdade, crês no Deus de Pedro<sup>1855</sup>, o levantaremos e o transportaremos junto a Pedro, para que o ressuscite e restaure-o<sup>1856</sup> para ti.”

## XXVI – Agripa questiona sobre as ressurreições

Os jovens, dizendo isto desta maneira, por sua vez, o prefeito<sup>1857</sup>, no

---

1852 At 5,6ss.

1853 Lv 10,6; Et 4,1-3.

1854 No  $\mathfrak{P}$  Oxyrh.-849: “uma anciã”.

1855 No  $\mathfrak{P}$  Oxyrh.-849: “Se desejas, mãe, e tens confiança no Deus de Pedro”.

1856 Lc 7,15.

1857 O autor faz uma abrupta mudança de cenário da casa da viúva ao fórum, cujo filho desta viúva é o servo jovem do prefeito.

foro intuens Petrum<sup>1858</sup> dixit: *Quid dicis, Petre? Ecce puer mortuus jacet, quem et imperator libenter habet, et non illi peperci. Utique habebam alios complures juvenes; sed confidens in te et in dominum tuum quem prædicas, si vere certi et veri estis: ideo hunc volui mori. Petrus autem dixit: Non temptatur Deus neque extimatur<sup>1859</sup>. Sed dilectissimus ex animo colendus<sup>1860</sup> exaudiet qui digni sunt. Sed quoniam nunc temptatur<sup>1861</sup> inter vos Deus et dominus meus Jesus Christus, et tanta  
10 signa et prodigia faciens per me in conversatione<sup>1862</sup> peccatorum suorum: et nunc in conspectu omnium, quem Simon*

1858 Temos em GRENFELL; HUNT. *The Oxyrrhynchus Papyri...* 1908, *op.cit.*, vol.VI, p.6: Τούτων δὲ οὕτως λαλοῦντων ὁ πραιφέκτος ἀπενίξων τῷ Πέτρῳ...ζ. Ἰδοῦ, Πέτρε, ὁ παῖς μου νεκρὸς κείται, ὃν καὶ ὁ Βασιλεὺς ἠδέως ἔχει καὶ οὐκ ἐφεισάμην αὐτοῦ καίτοι γε ἐτέρους ἔχων μετ' ἐμαυτοῦ νεανίσκους· ἀλλὰ σὲ μᾶλλον καὶ τὸν διὰ σου θεὸν πειράσαι θέλων, εἰ ἄρα ἀληθεῖς ἐστε, τοῦτον ἠβουλήθην ἀποθανεῖν. Καὶ ὁ Πέτρος ἔφη. Οὐ πειράζεται θεὸς οὐδὲ δοκιμάζεται, Ἀγρίππα, ἀλλὰ φιλούμενος καὶ παρακαλούμενος ἀκούει τῶν ἀξίων· ἐπεὶ δὲ νυνὶ (...). — Depois de πραιφέτος, o AV latino acresce *in foro* que situa de forma mais definida a retomada da narrativa. — Os pontos logo no início do texto *gr.* são substituídos por uma expressão equivalente a *εἶπεν* no *lat.*, mas ainda permanece uma variante curiosa este ζ final (!). — Ἐτέρους é associado à *alios complures* e μετ' ἐμαυτοῦ e não é traduzido. — Também de διὰ σου se espera um κηρυσσόμενον para o latim *quem prædicas*, que segundo Grenfell; HUNT. *ibid.*, acredita ser essa palavra omissão necessária do copista. — O texto grego πειράσαι θέλων parece melhor que *confidens* (...), pois concorda melhor com εἰ ἄρα a seguir, e sua contraparte na resposta de Pedro: Οὐ πειράζεται (...). — Ainda segundo Grenfell; HUNT. *ibid.*, temos o *gr.* εἰ ἄρα ἀληθεῖς na versão latina por *si vere certi et veri*. — O nome próprio de Ἀγρίππα não é traduzido; e φιλούμενος καὶ παρακαλούμενος também parece bem melhor que *dilectissimus ex animo colendus*. — Também ἀκούει aparece traduzido por *exaudiet*.

1859 Vocábulo de dicionarização rara; provém de *extimus* segundo TEUBNER, Benedictus Gotthelf (ed.). *Archiv für lateinische Lexicographie und Grammatik mit Einschluss Des Älteren Mittellateins: Als Ergänzung Zu Dem Thesaurus Linguae Latinae(ALLG)*. vol.II. Leipzig: Druck und Verlag, 1898, p.362.

1860 *ms.* *Sed dilectissimus ex animo colendus*; TURNER propõe *dilectis suis* (= [Deus], que haverá de ser venerado de coração pelos que o amam...).

1861 *ms.* *temptator*.

1862 O termo *conversatione* que LIPSIUS. *Acta Apostolorum Apocrypha...* 1891, *op.cit.*, t.I, p.73, propõe trocar por *conversione* reflete o *gr.* ἀναστροφή (= conversão). Também, neste sentido, *uide* RÖNSCH. *Itala und Vulgata...* 1875, *op.cit.*, pp.310; 356.



fórum<sup>1863</sup>, observando Pedro disse: — “O que dizes, Pedro? Eis que o servo jaz morto, por quem o imperador<sup>1864</sup> tem boa vontade, e ele não poupou. Com certeza, eu tinha vários outros escravos, mas em  
 5 confiança em ti e no teu Senhor, a quem tu pregas, (para ver) se vós sois corretos e realmente verdadeiros, por esta razão eu quis que este (homem) morresse Então Pedro disse: — “Deus não pode ser tentado<sup>1865</sup> nem aviltado<sup>1866</sup>. Mas quando é o mais amado e honrado de coração, ele ouvirá os que são dignos<sup>1867</sup>. Mas, por causa que, neste momento, meu Deus e Senhor Jesus Cristo é tentado<sup>1868</sup> por vós,  
 10 mesmo depois de feito, através de mim, tantos sinais e prodígios para a conversão de seus pecadores: agora, à vista de todos, tu, Senhor,

---

<sup>1863</sup> Em GRENFELL; HUNT. *The Oxyrrhynchus Papyri...* 1908, *op.cit.*, vol.VI, p.6 falta a expressão *gr.* equivalente a *in foro*.

<sup>1864</sup> Parece que o autor *AtsPe* traz personagens nobres, *e.g.* o imperador, como uma forma ingênua de dar prestígio e aumentar o valor dos milagres. Iguamente ocorre em outros *AtsAp*, *e.g.* *AtsPl* XIII, I-II,IV (cena do Martírio). – *in*: PIÑERO, *Hechos...* 2004, *op.cit.*, vol.II, pp.831ss.

<sup>1865</sup> Autor tinha conhecimento sobre o episódio da tentação de Jesus por Satanás no deserto, acolhida com grande importância na teologia asiática, *e.g.* Εἰρηναῖος (= IRINÆUS, de Lyon). *Adversus Hæreses*, III,31,7. – *in*: Migme (ed.). *P.G.*, 1857, *op.cit.*, t.VII, cols.1180ss.

<sup>1866</sup> Em GRENFELL; HUNT. *ibid.*, lê-se οὐδὲ δοκιμάζεται (= nem colocá-lo a prova), seguindo Mt 4,7.

<sup>1867</sup> Seguimos  $\text{P}^{\text{Oxyrh.}}_{849}$ : “Mas quando (Deus) é o mais amado e honrado de coração, ele ouvirá os que são dignos”.

<sup>1868</sup> FICKER. – *in*: Hennecke, *Handbuch...* 1903, p.459, vê um contraste, contrariamente a nós, entre “Deus Pai” e o “Senhor Jesus Cristo”, o que seria uma evidência contra o pancristianismo do autor, conforme admite ZAHN. *Geschichte des Nestestamentlichen Kanons...*, 1880, *op.cit.*, vol.II, pp.839ss.

*tangens occidit, tu, domine, per meam vocem tua virtute suscita eum. Et dixit Petrus domino pueri: Vade, tene dexteram ejus et habebis eum vivum et tecum ambulantiem. Agrippa*  
 15 *vero præfectus cucurrit et venit ad puerum et tenens manum ejus suscitavit eum. Videntes autem turbæ<sup>1869</sup> omnes subclamaverunt: Unus Deus, unus Deus Petri.*

XXVII *Inter hæc adfertur et viduæ filius in grabato<sup>1870</sup> a juvenibus, quibus populus dato loco perduxerunt ad Petrum. Petrus autem elevatis oculis ad cælum, et extendens manus suas sic dixit: Pater sancte filii tui Jesu Christi, qui nobis*  
 5 *virtutem tuam præbuisti, ut per te petamus et inpetremus, et omnia quæ sunt in sæculo contemnamus, et te solum sequi, qui in paucis videris et in multis volens cognosci: circumsplende, domine, inlumina, appare, suscita viduæ senioris filium, quæ sibi adjuvare non potest sine filio. Et vocem*  
 10 *accipiens Christi domini mei, dico tibi: juvenis, surge et ambula cum matre<sup>1871</sup> tua usque dum ei prode es<sup>1872</sup>. Postea autem mihi vacabis altius<sup>1873</sup> ministrans, diaconi episcopi*

---

1869 *ms. turbas.*

1870 *ms. gravato. VOUAUX corrige.*

1871 *ms. matrem.*

1872 *PIÑERO propõe: prodes; não seguimos.*

1873 *ms. vagavis altiis. LIPSIUS corrige. Também USENER conjectura – in: LIPSIUS. Acta Apostolorum Apocrypha... 1891, op.cit., t.I, p.74, que substituiria por altius ministrans por altariis ministrans (= ministrando nos altares).*

(aquele) quem Simão tocando-o, matou; por minha voz, que o teu poder o ressuscite.” E disse Pedro ao amo do servo: — “Vá, segure-o pela mão direita e terá ele vivo e andando contigo.” Então o prefeito 15 Agripa<sup>1874</sup> correu e veio junto ao moço, e, segurando a mão dele, ressuscitou-o. Vendo, pois, a multidão, todos exclamaram: — “Há um só Deus, o Deus único de Pedro<sup>1875</sup>.”

## XXVII – O filho da viúva ressurreto é vocacionado ao ministério

O filho da viúva, em meio a tudo isto, é levado em uma maca pelos jovens, a quem o povo dá lugar e conduziram junto a Pedro. Porém, Pedro levantando os olhos ao céu e estendendo suas mãos disse assim: — “Pai santo, de teu filho Jesus Cristo<sup>1876</sup>, que a nós tens outorgado 5 teu poder, para que por ti peçamos<sup>1877</sup> e impetremos; e todas as coisas que estão no mundo desprezemos<sup>1878</sup>, para somente seguir-te, que fostes visto por poucos, desejando por muitos desejar ser conhecido<sup>1879</sup>: resplandece à volta<sup>1880</sup>, ó Senhor, ilumina, apareça e ressuscite o filho da viúva anciã, que não pode autossustentir sem um 10 filho. E retomando a voz de Cristo, meu Senhor, digo a ti: — “Jovem, levanta-te e anda<sup>1881</sup> com tua mãe, conquanto que, por longo tempo, lhe sejas útil.” Pois, mais tarde, estarás livre para o elevado ministério de diácono e, por ventura, de bispo<sup>1882</sup>.

---

<sup>1874</sup> Temos pela primeira vez o prefeito nominado, que pode referir-se: (i) à Marcus Vipsanius Agrippa (63 a.C.–†12 a.C.), general, estadista, Cônsul e governador da Síria, amigo do imperador Gaius Julius Cæsar Octavianus Augustus, casado com sua filha Julia; (ii) ou um empréstimo canônico (mais provável) do rei Agripa (um dos Herodes), At 25,13,22,23; κτλ.

<sup>1875</sup> Mesma conclusão aparece após a destruição do altar de Artemis em *AtsJo*, XLII. – in: LIPSIUS. *Acta Apostolorum Apocrypha...* 1891, *op.cit.*, t.II, vol.1, p.172.

<sup>1876</sup> Jo 17,1; 17,11.

<sup>1877</sup> Lc 11,9; Mc 11,24; Mt 7,7.

<sup>1878</sup> Mt 10,38; 16,24.

<sup>1879</sup> Esta linha 7 apresenta palavras belas e bastante originais do autor de *AtsPe*; vaga semelhança com Jo 1,9-11.

<sup>1880</sup> O sentido é alegórico e gnóstico.

<sup>1881</sup> Lc 5,23-24; 7,14.

<sup>1882</sup> PIÑERO, 2004, *op.cit.*, p.631 traduz: “(...) diácono e bispo”. Outros traduzem “(...) um diácono de (um bispo)”.

sorte<sup>1883</sup>. *Et continuo mortuus se levavit, et videntes turbæ<sup>1884</sup> miratæ sunt, et populo clamante: Tu, Deus salvator<sup>1885</sup>, tu*  
 15 *Petri Deus, Deus invisibilis<sup>1886</sup> et salvator. Et dicebant inter se, vere mirantes hominis verbo invocantis dominum suum virtutem, et in sanctificationem acceperunt<sup>1887</sup>.*

XXVIII *Pervolante itaque fama per totam urbem, mater*  
*cujusdam senatoris supervenit, misit se per mediam turbam*  
*et cecidit<sup>1888</sup> ad pedes Petri dicens: Didici a meis, esse te minis-*  
*trum Dei misericordis, et gratiam<sup>1889</sup> ipsius communicare*  
 5 *omnibus desiderantibus lumen hoc. Communica ergo et filio*  
*lumen, quoniam cognovi te nulli invidum esse: matrona te*  
*rogante non te avertas. Cui Petrus dixit: Credis<sup>1890</sup> in Deum*

---

<sup>1883</sup> *ms. diaconi episcopi †••†te*. Esta sílaba †••† foi emendada como *sor-*; – *in*: LIPSIUS. *Acta Apostolorum Apocrypha...* 1891, *op.cit.*, t.I, p.74. Nesta direção temos a hipótese de FLAMION. *Les Actes Apocryphes de Pierre...* – *in*: R.H.E. X. 1909, *op.cit.*, p.275, nt.7: “Como eu já escrevi aqui, R.H.E. IX, 1908, p.543, citando P.-A. LEDER, *Die Diakonen und der Bischöfe Presbyter und ihre urchristlichen Vorläufer*, Stuttgart, 1905, os termos utilizados, bem como pede o contexto para corrigir esta passagem: *diaconi episcopi sorte*. O jovem ressuscitado por Pedro realizada com a missão de apóstolo de confiança que o diácono possuía, particularmente do serviço da caridade, que tem um papel importante na missão dos *Atos*, e esta missão é conduzida por alguém com preparo especial.” Note-se ainda, que é Cristo que fala pela boca de Pedro que o jovem será um ministro de Cristo, como “diácono”.

<sup>1884</sup> *ms. turbe*.

<sup>1885</sup> *ms. salvatur*.

<sup>1886</sup> *ms. invisivilis*. VOUAUX corrige.

<sup>1887</sup> *ms. acciperunt*.

<sup>1888</sup> *ms. cæcidit*. VOUAUX corrige.

<sup>1889</sup> *ms. gracia*. VOUAUX corrige.

<sup>1890</sup> *ms. credes*.

E imediatamente o morto se levantou<sup>1891</sup>, e a multidão dos que viam, maravilhavam-se<sup>1892</sup>, e o povo clamava: — “Tu, Deus salvador, tu  
15 Deus de Pedro, Deus invisível e salvador. E diziam entre si, realmente admirando um homem invoca com a palavra o poder do seu Senhor, e no santo mistério receberam (isto).

## XXVIII – A ressurreição de Nicóstrato e outras se espalham por toda Roma

Por consequência, os rumores espalhavam-se rapidamente por toda a cidade. E veio a mãe de certo senador e introduziu-se por entre a multidão e lançou-se aos pés<sup>1893</sup> de Pedro dizendo: — “Eu apreendi dos meus (parentes) que tu és ministro do Deus misericordioso e  
5 repartes tu mesmo (esta) graça com todos os que querem conhecer esta luz. Partilhe esta luz<sup>1894</sup>, pois, com (meu) filho, porque eu soube que tu de nada tens inveja<sup>1895</sup>, não vires as costas a uma matrona que te implora. A quem Pedro disse: — “Crês no meu Deus<sup>1896</sup>,

---

<sup>1891</sup> Segundo FICKER. – in: Hennecke, *Handbuch...* 1903, p.459-60 esta cena de ressurreição é acolhida por uma larga tradição posterior, e.g. *AtsNeAq*, XII; *AtsFi*, XXVIII, κτλ.

<sup>1892</sup> Mt 9,8.

<sup>1893</sup> Lc 8,41. A história desta terceira ressurreição é um empréstimo, cujos recursos foram retirados dos *AtsFi*, XXVIII e XXIX, segundo BONNET. – in: *Acta Apostolorum Apocrypha*, 1891, *op.cit.*, t.II, vol.2, pp.14ss. Também *id. ibid.* pp.32ss, para *AtsFi*, LXXX-LXXXV. Ainda Ἀνδρέας Καισαρείας (= ANDRÉ, de Cesareia), na Capadócia, em *Commentarii in Apocalipsis*, XXXVII. – in: Migme (ed.). *P.G.*, 1857, *op.cit.*, t.CVI, col.340, deu uma característica bem peculiar de alguns movimentos que Simão fez com o corpo, e o *sic mortui resuscitantur* de Pedro: ὡσπερ (καὶ) Σίμων ὁ μάγος ἔδειξε Ῥωμαίους νεκρὸν κινούμενον κατὰ παρουσίαν τοῦ μεγάλου Πέτρου, εἰ τὴν πλάνην ὁ ἀπόστολος ἐξήλεγξε, δεῖξας δι’ ὧν ἀνέστησεν αὐτός, πῶς νεκροὶ ἐγείρονται.

<sup>1894</sup> Há, em língua original, um trocadilho com os dois significados da palavra *gr. φῶς*; Rm 1,11; 5,2.

<sup>1895</sup> Cap. XXIII, linha 6.

<sup>1896</sup> Uma aplicação de Mt 7,7; 9,28; Mc 9,22. A fé é a condição necessária para receber esses favores. Pedro pede que o mesmo para as viúvas cegas, cap. XXI; o mesmo no milagre da restauração da estátua quebrada que se destina a testar a fé de Marcelo, κτλ.

*meum per quem filius tuus resurrecturus est? Mater autem cum voce magna dixit cum lacrimis: Credo, Petre, credo.*

- 10 *Universus populus clamavit: Condone matri filium. Petrus autem dixit: Adferatur huc<sup>1897</sup> palam istis universis. Et conversus Petrus ad populum dixit: Viri Romani, et ego ex vobis cum sum unus, carnem portans humanam et peccator, sed misericordiam consecutus<sup>1898</sup>, nolite ergo me intendere*
- 15 *tamquam mea virtute<sup>1899</sup> faciam quæ facio, sed domini mei Jesu Christi qui est iudex vivorum atque mortuorum<sup>1900</sup>. Credens in eo, missus ab ipso confido mihi invocare eum, mortuos suscitare. Vade ergo et tu, mulier, et fac filium tuum huc adferri et resurgere. Misit se autem mulier per medium*
- 20 *turbæ, et exiit ad publicum<sup>1901</sup> currens cum gaudio<sup>1902</sup> magno, et credens animo pervenit in domum, et per juvenes suos tulit eum et venit ad forum. Dixit autem ad juvenes ut acciperent pilea<sup>1903</sup> in capita sua et ante lectum<sup>1904</sup> irent, et quæcumque in corpore filii sui consumptura erat ferri ante lectum ejus,*

---

<sup>1897</sup> *ms. hoc.*

<sup>1898</sup> *ms.* O texto aqui parece alterado: *Viri Romani e ego ex vobis cum sum unus, carnem portans humanam sed peccator, sed misericordiam consecutus sum: nolite ergo* (...). Obviamente, ele deve primeiro alterar o *sed* em *et*. FICKER. – in: Hennecke, *Handbuch...* 1903, p.460 propõe: remover *cum*, não seguimos; também eliminar *sum* (no *ms.*) depois de *consecutus*, e colocar uma vírgula em vez de dois pontos; esta segunda recomendação adotamos. Note-se que o tradutor latino, muitas vezes, se enredada em frases longas. Segundo VOUAUX, 1922, *op.cit.*, p.382, o autor também toma *misericiam consecutus*: do gr. ἠλεημένος (ind. perf.), unindo-se ao εἰμί que precedeu; *ergo* é a tradução do gr. οὖν ou δ' οὖν.

<sup>1899</sup> *ms. meæ virtuti.* VOUAUX corrige para um ablat. instrumental *mea virtute*.

<sup>1900</sup> *ma. atquæ mutuorum.* LIPSIUS e VOUAUX corrigem.

<sup>1901</sup> *ms. puplicum.* VOUAUX corrige.

<sup>1902</sup> *ms. gaudium.*

<sup>1903</sup> *ms. pilia.* VOUAUX corrige.

<sup>1904</sup> *ms. lectu.*

- por quem teu filho será ressuscitado?” E a mãe, no entanto, com grande voz, disse com lágrimas: — “Creio, Pedro, creio<sup>1905</sup>.”
- 10 E todo o povo clamou: — “Devolva o filho para a mãe<sup>1906</sup>”. Mas Pedro disse: — “Se for trazido aqui na presença de todos estes<sup>1907</sup>”. E voltando-se Pedro para o povo disse: — “Varões romanos, eu sou um com e dentre vós, que porta a natureza humana<sup>1908</sup>, também um pecador, mas tendo obtido misericórdia<sup>1909</sup>, logo, eu não atribuo com
- 15 meu poder realizar as coisas que faço<sup>1910</sup>, mas do meu Senhor Jesus Cristo que é o juiz dos vivos e dos mortos. E crendo nele, enviado por ele, atrevo-me a invocar ele para ressuscitar os mortos<sup>1911</sup>. Vá, então, tu também, mulher, e faça teu filho ser trazido aqui para que ressuscite. E saiu a mulher pelo meio da multidão e afastou-se do público
- 20 correndo com grande alegria, crendo em seu coração, chegou em casa, e através dos seus jovens, conduziu-o, e veio ao fórum. E ele disse aos jovens (servos) para que colocassem o púleo<sup>1912</sup> em suas cabeças e que fossem adiante do leito, com as coisas iriam queimar o corpo do seu filho sendo levadas diante do seu leito,

---

<sup>1905</sup> Mc 9,23.

<sup>1906</sup> Lc 7,15.

<sup>1907</sup> Segue o texto do cap. XXV.

<sup>1908</sup> At 14,15.

<sup>1909</sup> Jargão neotestamentário bastante utilizado.

<sup>1910</sup><sup>1910</sup> At 3,12. Segundo BONNET. – in: *Acta Apostolorum Apocrypha*, 1891, *op.cit.*, t.II, vol.2, p.183, essa mesma ideia aparece em *AtsTo* onde apóstolo diz: “Eu não sei falar sobre mim, nem sou (que está falando), mas Jesus, eu sou um homem, de fato, carregando carne como você”. *uide* também Pedro em *Recognitiones* de Ps-CLEMENS (*Actus Vercellenses*, em latim), X, 70. – in: Migme (ed.). *P.G.*, 1857, *op.cit.*, t.I, cols.1452: *Similem vobis hominem me esse videntes, nolite putare, quod a me possitis recuperare salutem vestram*.

<sup>1911</sup> Mc 21,22; Mt 7,7; Pedro lembra primeiro própria fé.

<sup>1912</sup> *ex lat. pilea*, púleo, barrete. Essa ideia de um cortejo fúnebre parece um empréstimo de Lc 7,12. Detalhe em consonância com os costumes do séc. II. Trata-se de uma cobertura mole de pano ou malha de lã para a cabeça que se ajusta facilmente, com alguma semelhança aos atuais gorros. Era um sinal de manumissão ou alforria legal de um escravo, quando raspava a cabeça e cobriam com o púleo, e bem comumente, acompanhavam ainda seu senhor prestando-lhe seu último serviço, segundo DAREMBERG; SAGLIO. *Dictionnaire des antiquités grecques et romaines...* 1877-1919, *op.cit.*, t.II, 2a. parte, pp.1367ss no verbete *funus*.

25 *ut*<sup>1913</sup> *videns Petrus misericordiam haberet in corpore et in se. Plangentium*<sup>1914</sup> *autem omnibus, pervenit in multitudinem: consecuta est autem turba senatorum et matronarum, videntes Dei mirabilia. Liberalis autem magis [[et*<sup>1915</sup>]] *carissimus*<sup>1916</sup> *erat in senato Nicostratus qui mortuus erat. Quem adferentes*  
 30 *posuerunt ante Petrum. Petrus autem petens silentium voce maxima dixit: Viri Romani, nunc sit iudicium justum inter me et Simonem, et æstimate quis nostrum Deo vivo credat, hic aut ego. Positum autem corpus suscitet hic et credite illi quasi angelo Dei. Si autem non potuerit, ego Deum meum*  
 35 *invocabo: reddam vivum filium matri, et credite quia hic magus est et seductor qui hospitatur apud*<sup>1917</sup> *vos. Audientes autem hæc universi, justum illis visum est quod dixisset Petrus. Hortabantur Simonem dicentes: Nunc si quid in te est, ostende palam: aut traduc aut traduceris. Quid stas? Age,*  
 40 *incipere! Simon autem ut vidit omnes instare sibi, stabat tacens. Postquam vidit populum tacuisse et respicientem ad se, exclamavit Simon dicens: Viri Romani, si videritis mortuum surrexisse, ejicitis ab urbe Petrum? Et totus populus dixit: Non eum tantum ejicimus, sed ipsa hora flammis cre-*  
 45 *mabimus*<sup>1918</sup>. *Accessit Simon ad caput mortui, et inclinans se, per ter erigens*<sup>1919</sup> *ostendit populo elevasse caput et agitare, et oculos aperientem, et inclinantem se in Simonem molle*<sup>1920</sup>. *Statim ligna et cremia occeperunt*<sup>1921</sup> *petere, ut Petrum flam-*

---

<sup>1913</sup> *ms. et.* LIPSIIUS e VOUAUX corrigem.

<sup>1914</sup> PIÑERO propõe *plangentibus*; não seguimos.

<sup>1915</sup> LIPSIIUS propõe <et>; VOUAUX não segue.

<sup>1916</sup> FICKER propõe *clarissimus*; não seguimos.

<sup>1917</sup> *ms. aput.*

<sup>1918</sup> *ms. cremavimus.*

<sup>1919</sup> *ms. lê-se erige se* com alguma dúvida, local reconstruído não em desejável grau de confiabilidade. USENER leu [*erige se*]. LIPSIIUS propõe adicionar <puerum>. BONNET propõe: *inclinans ser ter, ter erigens se: pertergens* ligado a *eum*. VOUAUX propõe *erigens*; seguimos.

<sup>1920</sup> *ms. aperiente, et inclinante se Simonem molli* cujo texto é obscuro e não faz sentido. LIPSIIUS propõe *Simone moueri*. USENER propõe *molliter*. VOUAUX propõe *molle*; seguimos.

<sup>1921</sup> *ms. gremia acceperunt*. LIPSIIUS corrige.



25 afim de que vendo Pedro, tivesse misericórdia do corpo e em si<sup>1922</sup>.

Porém, todos pranteavam, e ela veio dentre a multidão. Mas sendo seguida por inúmeros senadores e matronas para verem as maravilhas de Deus, pois o senador Nicóstrato<sup>1923</sup>, que tinha morrido, era muito bem visto e querido dentre magistrados. Os quais trazendo, colocaram  
30 diante de Pedro. Porém Pedro, pedindo silêncio, fala em alta voz: — “Varões romanos, agora que haja um juízo justo entre mim e Simão, que seja analisado quem de nós crê no Deus vivo, ele ou eu. Pois, que seja colocado em pé, aqui, ressurreto e será sabido que ele é um mensageiro de Deus. Porém, se não for capaz, eu ao meu Deus  
35 invocarei: restaurarei o filho a sua mãe<sup>1924</sup>, que será sabido que este é um mágico e sedutor que foi dada morada entre vós”. Ouvindo, pois, todos estas coisas, foi considerado justo por eles aquilo que Pedro dissera. Exortaram a Simão dizendo: — “Agora se há algo em ti, mostre-o publicamente: ou refute, ou serás refutado. Que fazes em pé?  
40 Eia! Comece!<sup>1925</sup>” Mas Simão ao ver todos instarem a si, permaneceu mudo. Depois que ele viu o povo silenciar-se, e reparando nele, exclamou Simão dizendo: — “Homens romanos, se virdes o morto ressuscitar, lançareis Pedro fora da cidade?” E todo o povo disse: — “Não só expulsaremos ele, mas na mesma hora cremaremos em  
45 chamas.” Então Simão aproximou-se da cabeça do morto, inclinándose, mostrou ao povo que, por três vezes, levantava a cabeça, se movia e abria os olhos, inclinándose molemente na direção de Simão<sup>1926</sup>. Imediatamente começaram a procurar por madeira e materiais

---

<sup>1922</sup> Dela, a viúva.

<sup>1923</sup> Este detalhe é para destacar e provocar mais interesse para a ressurreição do jovem. Note-se, que o autor de modo ingênuo e estranho imagina essa popularidade no Senado depois, ele mesmo, por duas vezes, diz que Nicóstrato não é apenas uma criança, *puer* (!).

<sup>1924</sup> Lc 7,15.

<sup>1925</sup> É curioso imaginar toda esta multidão espontânea e apaixonada tomando parte ativa e aumentando o interesse por esta disputa; assim deseja o autor de *AtsPe*, *AtsAp* e *Relatos de Martírio*, onde misturar-se as pessoas e sua história, sem a ideia que essas pessoas são a soma de parte da mesma edição do drama.

<sup>1926</sup> Há um relato de “ressurreição momentânea” em Lucius APULEIUS (de Maudara). *Metamorphoseon* (*O Asno*, ou *O Asno de Ouro*, ou ainda, *Lúcio*), livro II, caps. XXVIII-XXX. – in: GUIMARÃES, Ruth (trad.). *O Asno de Ouro*. São Paulo: Cultrix, 1968, pp.48-50, episódio em que o profeta egípcio Zatchlas evoca, entre outras coisas, os Santuários de Coptos.

mis<sup>1927</sup> cremarent. Petrus autem accepta virtute Christi eleva-  
 50 vit vocem suam, ad succlamantes adversus se dixit: Nunc  
 video vos, populi Romani, quod mihi non licet dicere fa-  
 tuos<sup>1928</sup> et vanos esse, quamdiu oculi vestri et aures vestrae<sup>1929</sup>  
 et præcordia excæcatæ<sup>1930</sup> sunt. Usque qua sensus vester obscu-  
 ratus est, non videtis maleficatos vos esse, tamquam<sup>1931</sup> putetis  
 60 mortuum surrexisse qui non se levavit. Sufficiebat mihi, viri  
 Romani, tacere et silentio mori, et relinquere vos in figmentis  
 hujus mundi. Sed ignis inextinguibilis pœnam ante oculos  
 habeo. Si ergo hoc visum est vobis, loquatur mortuus, surgat,  
 si vivit, solvat<sup>1932</sup> sibi mentum ligatum manibus suis, clamet  
 65 matrem suam, et vobis clamantibus dicat: Quid clamatis?  
 Manu sua annuat vobis. Vultis ergo videre, quoniam mortuus  
 est, et vos obligati estis, recedat hic a lecto, qui suasit vobis  
 recedere a Christo, et talem illum videbitis, qualem et adtul-  
 tum vidistis. Agrippa autem præfectus jam<sup>1933</sup> non tolerans  
 70 levavit se, et manibus suis inpegit Simonem. Et sic denuo  
 mortuus jacebat sicut ante erat. Populus autem in furia  
 conversus a magia Simonis, cœpit adclamare: Exaudi,

---

1927 *ms. flammas.*

1928 *ms. fatuus.*

1929 *ms. vestre.*

1930 *ms. excate.* LIPSIUS e VOUAUX corrigem.

1931 *tamquam,* que para VOUAUX, uma tradução enviesada do gr. ὅστε.

1932 *ms. solvit.* LIPSIUS e VOUAUX corrigem.

1933 *ms. tam.*

inflamáveis, afim de queimarem Pedro. Mas Pedro, tendo recebido o  
 50 poder de Cristo<sup>1934</sup>, elevou sua voz e disse aos que clamavam contra  
 si: — “Agora vejo a vós, povo romano, que a mim não é lícito dizer  
 que sois néscios ou vãos, mas até quando vossos olhos, vossos ouvidos  
 e o corações estão cegados<sup>1935</sup>? Todo o tempo o vosso senso está  
 obscurecido<sup>1936</sup> e não vedes os malefícios feitos a vós, ao ponto que  
 60 pensastes que este morto ressuscitou sem sequer ter levantado<sup>1937</sup>.  
 Seria suficiente a mim, varões romanos, calar e morrer em silêncio, e  
 abandonar-vos nas mentiras deste mundo<sup>1938</sup>. Mas tenho, ante meus  
 olhos, a punição do fogo inextinguível<sup>1939</sup>. Se, entretanto, esta é a  
 vossa visão, que fale o morto, levante-se se vive, desate com suas  
 65 próprias mãos as vendas de seu queixo<sup>1940</sup>, e clame por sua mãe, e diga  
 a vós que clamais: — ‘Porque clamais?’ E que acene com suas mãos.  
 Desejais agora ver porque está ele morto e vos mantém cativos (de  
 pensamento)? Que se retire este do esquite<sup>1941</sup>, o qual vos persuadiu a  
 afastar-vos de Cristo e o vereis ele tal qual e do tipo que outrora  
 vistes”. Porém, Agripa, o prefeito, já não mais tolerando (aquilo),  
 70 levantou-se, e com suas mãos arremessava contra Simão<sup>1942</sup>. E, desta  
 forma, o morto jazia exatamente como estava dantes. O povo  
 convertido, por sua vez, da magia de Simão, com fúria<sup>1943</sup> começou a  
 protestar: — “Ouça, ó

---

<sup>1934</sup> 1Cor 12,10ss.

<sup>1935</sup> Mc 6,52.

<sup>1936</sup> Ef 4,18.

<sup>1937</sup> Alusão ao *surge et ambula*, Lc 5,23-24; também 7,14.

<sup>1938</sup> Refere-se à unidade irracional da multidão, em alusão à 2Ts 2,10.

<sup>1939</sup> Não quer deixar os romanos expostos às penas eternas, segundo Mt 3,12; Mc 9,42.

<sup>1940</sup> Uma remissão à morte de Lázaro - Jo 9,44ss, mas enriquecida nos detalhes.

<sup>1941</sup> Trata-se de Simão, o mago, ante o corpo. A multidão, não viu que o corpo, caiu em silêncio absoluto.

<sup>1942</sup> Agripa, neste ato, parece bastante favorável a Pedro, mas logo se tornará um amargo inimigo.

<sup>1943</sup> Em vez de *in furia* isoladamente, poder-se-ia ler: *in furiam coversus a magia Simonis*, e traduzir “que a magia de Simão enfureceu”.

*Cæsar, si jam non surgit mortuus, ardeat Simon pro Petro, quoniam nos vero excæcavit. Petrus autem dixit extensa manu: O viri Romani, jam pacienciam<sup>1944</sup> præbete. {Non}<sup>1945</sup> dico vobis, ut puero suscitato ardeat Simon: si enim dixerò, facietis. Succlamavit populus: Etsi tu nolueris, Petre, nos faciemus. Quibus Petrus dixit: Si perseveraveritis in hoc, puer se non levabit<sup>1946</sup>. Malum enim pro malo non novimus retribuere; sed didicimus inimicos nostros diligere et pro persecutores nostros orare. Si enim et hic potest pæniteri, melius. Deus enim non memorabitur mala. Veniat ergo in lumine Christi. Si autem non potest, partem patris sui diaboli<sup>1947</sup> possideat. Vestræ<sup>1948</sup> autem manus non coinquentur.*

---

<sup>1944</sup> *ms. patientiam. VOUAUX corrige.*

<sup>1945</sup> *ms. dico vobis. USENER, LIPSIUS e VOUAUX reconstituem o {non}.*

<sup>1946</sup> *ms. levarit.*

<sup>1947</sup> *ms. diabuli. VOUAUX corrige.*

<sup>1948</sup> *ms. vestre.*

César<sup>1949</sup>, se o morto não ressurgiu, que arda Simão em vez de Pedro, porque este verdadeiramente nos cegou”. Mas Pedro, estendendo sua 75 mão, interveio: — “Ó varões romanos, se mostrem agora paciosos. Não vos falo afim de que se ressuscite o jovem, e Simão arda. Pois se dissesse, o faríeis”. E bradava o povo: — “Pedro, ainda que tua não desejes, nós faremos”<sup>1950</sup>. Disse Pedro a eles: — “Se perseverardes nisto, o jovem não se levantará. Pois não sabemos 80 retribuir mal por mal<sup>1951</sup>, mas apreendemos a amar nossos inimigos e orar pelos que nos perseguem<sup>1952</sup>. Pois, se ele pode ser convertido, é melhor<sup>1953</sup>. E Deus não terá memória dos males<sup>1954</sup>. Assim que venha à luz de Cristo<sup>1955</sup>. Mas se ele não pode, tome parte do destino de seu pai, o diabo<sup>1956</sup>. Mas vossas mãos não sejam contaminadas”.

---

<sup>1949</sup> Parece uma das anomalias aqui usadas: teria o Imperador presidido esta cena? Ou será que ele presidiu uma cena semelhante em uma das obras que o autor usou, de modo que ele teria deixado o seu nome por engano? (erro do autor). O personagem concorda muito bem com o resto do trabalho, de modo que nesse detalhe anômalo, poderíamos concluir que se trata de uma interpolação? (erro de copista). Em nossa opinião, trata-se de ‘Agripa, o prefeito’, e não se deve exigir absoluta precisão do AV.

<sup>1950</sup> Seria o resultado de um testemunho pessoal do autor de semelhante cena? É possível, mas estaria muito mais adequada a uma pequena cidade da Ásia Menor do à própria Roma.

<sup>1951</sup> 1Pe 3,9; 1Ts 5,15; Rm 12,17; também *AtsJo*, LXXXI. BONNET. – in: *Acta Apostolorum Apocrypha*, 1891, *op.cit.*, t.II, vol.2, p.191, o apóstolo diz: “Nós não aprendemos a fazer o mal com o mal”.

<sup>1952</sup> Mt 5,44.

<sup>1953</sup> Esta é uma ideia muito cristã, que se manifesta no amor e o desejo de que todos cheguem ao arrependimento (sem pré-julgamento); cf At 8,22; retratada também no episódio canônico – At 16,29, de Paulo e o rei Agripa. Encontra correspondência na epístola apócrifa de *Paulo e Sêneca*, Carta XIV. – in: VOUAUX. *Les Actes de Paul et ses lettres apocryphes.* 1913, *op.cit.*, Apêndice, p.369, onde o apóstolo expressa a esperança da conversão de Nero, enquanto perseguido por ele.

<sup>1954</sup> Ez 33,16.

<sup>1955</sup> 1Pe 2,9; 2Pe 2,19; Ef 5,8.

<sup>1956</sup> Pensamento cristão geral, expresso no Ap 21,8, como alude FICKER. – in: Hennecke, *Handbuch...* 1903, *op.cit.*, p.462; também Ὠριγένης (= Origenes Adamantius), *Commentarii in Matthæum*, XI. – in: Migne (ed.). *P.G.*, 1857, *op.cit.*, t.XIII, col.933: τὴν μερίδα ἑαυτῷ τιθεῖ μετὰ ταῦτα πράξαντος Ἰουδα (= que possa tomar para si mesmo a parte de Judas indo até o final depois estas coisas).

85 *Et cum hoc dixisset ad populum, accessit ad puerum et  
antequam suscitarer eum, dixit ad matrem ejus: Istos juve-  
nes quos manu misisti<sup>1957</sup> in honore filii tui, possunt liberi  
obsequium domino suo vivo præstare: scio enim quorundam  
animum ledi, quod viderint filium tuum surrexisse, quod  
90 iterum servituri sunt illi. Sed permaneant omnes liberi,  
percipientes cibaria<sup>1958</sup> sicut ante percipiebant, filius enim tuus  
resurrecturus est, et cum eo sint. Et diutius intuebatur Pe-  
trus quid cogitaret. Et dixit mater pueri: Quid aliud pos-  
sum facere? Itaque coram præfecto dicam, quæcumque  
95 consumere habui in corpore filii mei, ipsi possideant. Cui  
dixit Petrus: Cetera viduis distribuantur. Gaudens vero Pe-  
trus animo in spiritu dixit: Domine qui misericors es, Jesu  
Christe, appare Petro tuo invocanti te, sicut semper fecisti  
misericordiam et bonitatem: præsentibus istis omnibus qui  
100 libertatem consecuti sunt, ut hi servire possint<sup>1959</sup>, exurgat  
nunc Nicostratus. Et tangens Petrus pueri<sup>1960</sup> latus dixit:  
Surge. Et surgens puer sustulit vestimenta sua et sedit et  
solvit sibi mentum, petens alia vestimenta, descendit de lecto  
et dixit ad Petrum: Rogo te, homo, eamus ad dominum  
105 Christum nostrum quem vidi tecum loquentem; qui tibi  
dixit, me tibi ostendens: «Huc mihi eum adduc<sup>1961</sup>, meus enim*

---

1957 *ms. manumisisti. VOUAUX corrige.*

1958 *ms. civaria*

1959 *ms. ut hii servire passint. FICKER. – in: Hennecke, Handbuch... 1903,  
op.cit., p.462 adicióna tibi (= Christo).*

1960 *ms. pueris.*

1961 *ms. adhuc. VOUAUX corrige.*

85 E quando ele tinha dito isso para o povo, aproximou-se do rapaz e antes de ressuscitá-lo, falou a sua mãe: — “Estes jovens, os quais foram manumitidos em honra a teu filho, são capazes, como livres, de prestar obediência ao seu senhor vivo?<sup>1962</sup> Pois eu sei que o ânimo de alguns padecerá se virem teu filho ressurgir, porque ainda hão  
 90 servi-lo como dantes. Porém, se todos permanecessem livres, auferindo sua subsistência apenas como antes recebiam - de fato teu filho será ressuscitado<sup>1963</sup> - e que mantenham-se eles com ele”. E Pedro intuía, por um considerável tempo, o que ela cogitava. E disse a mãe do jovem: — “Que outra coisa posso fazer? De tal sorte que se  
 95 diga na presença do prefeito, que aquilo que considere consumir no enterro de meu filho, que eles possuam”. Pedro falou-lhe: — “E o restante<sup>1964</sup> que seja distribuído para as viúvas<sup>1965</sup>”. E com o coração realmente jubiloso, Pedro, em espírito, disse: — “Senhor Jesus Cristo, que misericordioso és, mostra-te<sup>1966</sup> ao teu Pedro que te invoca, como sempre manifestaste com misericórdia e benevolência, na presença  
 100 destes todos que foram alcançados pela liberdade, afim de estes que possam servir-te, e que ressurja agora Nicóstrato”. O Pedro tocando o lado do jovem, disse: — “Ressuscite!<sup>1967</sup> E o rapaz levantou-se, sentou-se, soltou (as vendas) do seu queixo, pedindo outras roupas desceu do esquife e disse a Pedro: — “Rogo te, homem, vamos a  
 105 Cristo, nosso Senhor, a quem eu vi falando contigo<sup>1968</sup>; e que a ti disse, mostrando-me a você: — ‘Traga-o para mim aqui, pois é

---

<sup>1962</sup> Tal preocupação para os humildes e os fracos se opõe claramente à conduta de Simão com os escravos de Marcelo, cap. XIV.

<sup>1963</sup> Jo 11,23.

<sup>1964</sup> Devemos assumir que o autor imagina *cetera* em *quaecumque consumere habui in corpore*, tudo o que deve ser deixado no túmulo ou era usado no funeral: tecidos preciosos, perfumes, coroas, moedas de ouro e assim por diante.

<sup>1965</sup> O serviço às viúvas é tópico recorrente nos cristianismos nascentes, segundo já vimos.

<sup>1966</sup> *appare*, e.g. em vez de *adeste* (= faça-se presente), é em provável que seja uma tradução pobre *gr.*→*lat.* παραγίνου (= assista-me), ou ainda συμπαραγίνου segundo 1Tm 4,16; é óbvio que não é uma aparição de Cristo.

<sup>1967</sup> Mt 4,5-6.

<sup>1968</sup> *uide*: o autor utiliza-se do mesmo processo apenas com algumas variantes. No cap. XXII, Marcelo viu a Cristo na pessoa de Pedro; também no cap. XXI, algumas viúvas cegas veem Jesus sob o disfarce de uma criança pequena, que cura.

*est.» Audiens Petrus hoc a puero, confortabatur plus animo domini adjutorio, et dixit Petrus ad populum: Viri Romani, sic mortui resuscitantur, sic confabulantur, sic ambulant*  
 110 *resurgentes, vivunt ad tempus quem Deus voluerit. Nunc ergo qui convenistis ad spectaculum, si non convertamini ab his malis vestris, et ab omnibus fabricatis diis vestris, et ab omni inmunditia et concupiscentia, †peribitis; ergo<sup>1969</sup>† percipite communicationem Christi credentes<sup>1970</sup> [[ut]]<sup>1971</sup> in æternum*  
 115 *vitam consequamini.*

XXIX. *Ex eadem hora adorabant eum tamquam Deum pedibus ejus devoluti<sup>1972</sup>, et quos habebant in domo infirmos ut curaret eos. Præfectus autem videns tantam multitudinem ad Petrum adtendentem, adnuebat Petro ut discederet. Pe-*

---

<sup>1969</sup> Lacuna neste local; LIPSIUS sugere.

<sup>1970</sup> O texto encerra após esta palavra, no folio 362<sup>vo</sup>, deixando um espaço livre de sete linhas. Algum copista ou arquivista faz uma inserção, no séc. VII, dos fólhos 363 e 364, um *frg.* de *Recognitiones* de Ps-CLEMENS (*Actus Vercellenses*, em latim), IV, 5-10. – in: Migme (ed.). *P.G.*, 1857, *op.cit.*, t.VII, cols.1260ss. Note-se que é uma clara interpolação, segundo VOUAUX. 1922, *op.cit.*, p.392, nt.(e); continuamos, portanto, a partir do fólho 365.

<sup>1971</sup> Sílabas excluídas pelo escriba do manuscrito (ou corretor tardio). LIPSIUS corrige.

<sup>1972</sup> LIPSIUS. *Acta Apostolorum Apocrypha...* 1891, *op.cit.*, t.I, p.178 propõe adicionar *adportantes* após *devoluti*, mas esta adição parece inviável; ainda torna mais estranha, temporalmente, esta história; pois diria que Pedro, imediatamente após estas três ressurreições, ainda realizou, antes do prefeito se manifestar, muitas outras curas.



meu'.<sup>1973</sup>” Pedro ao ouvir isto do jovem, era encorajado mais em (seu) coração com o adjutório do Senhor, e disse para o povo: — “Varões romanos, deste modo, mortos são ressuscitados, e eles falam e, de volta à vida, eles andam e vivem conforme o tempo que Deus deseja. Agora, vós que congregastes ante este espetáculo, se não forem convertidos destes vossos males, afastando-se de todos os deuses que vós fabricastes<sup>1974</sup> e de toda a imundícia e concupiscência<sup>1975</sup>, perecereis. Logo, escolhai pela fé, a comunhão com Cristo, afim de 115 que alcancem a vida eterna<sup>1976</sup>.

## XXIX – Veneração a Pedro e as ofertas oblativas

A partir deste momento, (a multidão) adorava-o tal qual um deus<sup>1977</sup>, estando prostrados aos seus pés<sup>1978</sup>, e (traziam) os enfermos que tinham em casa afim de que ele curasse-os<sup>1979</sup>. Mas o prefeito, vendo que tão numerosa multidão se congregava junto a Pedro<sup>1980</sup>, acenava com sinais para que partisse. Pedro, porém,

---

<sup>1973</sup> Em outras palavras: “se tornará um cristão”. As mesmas circunstâncias sobre se encontram nos *AtsTo*, LIV. – in: BONNET. – in: *Acta Apostolorum Apocrypha*, 1891, *op.cit.*, t.II, vol.2, p.171, sobre a ressurreição de um morto, que se dirige ao apóstolo: “Eu te peço, Senhor, onde está o outro que estava contigo, que não me deixou nesse lugar doloroso e terrível, mas quem me entregou a ti (...)? uide também *Actes de Nazaire*. – in: DUFOURCQ. (Étude sur) *Les Gesta martyrum romains...* 1900, t.II, *op.cit.*, p.67.

<sup>1974</sup> 2Pe 1,4; 2Cor 7,1.

<sup>1975</sup> 1Pe 4,13.

<sup>1976</sup> 1Tm 1,16; 2Tm 2,10; Rm 2,7.

<sup>1977</sup> O autor utiliza-se da figura de um “poder” *ab populum* na figura ingênua expressa da admiração popular, como *e.g.* no cap. X quando a multidão e Marcelo trataram assim Simão. Aqui ocorre uma óbvia imitação de At 14,10 sobre a atitude da multidão contra Paulo e Barnabé.

<sup>1978</sup> Expressão semelhante em *AtsPl* quando se refere a Tecla. – in: VOUAUX. *Les Actes de Paul...* 1913, p.182.

<sup>1979</sup> Parece-nos que Pedro não teve para muitas curas, efetivamente, uma vez que o prefeito interveio para impedi-lo.

<sup>1980</sup> *ms.*: *ad Petrum adtendentem*, provável tradução *gr.* → *lat.* ἀτενίζειν (= estar tenso, cravar os olhos em alguém), *cf* At 4,15. uide também o cotejo da versão latina do AV com o texto *gr.* de GRENFELL; HUNT. *The Oxyrrhynchus*

- 5 *trus autem dicebat populo ut in domo Marcelli venirent. Mater autem pueri rogabat Petrum ut in domum suam pedem poneret. Petrus autem constituerat die dominico ire ad Marcellum*<sup>1981</sup>, *ut videret viduas, ut pollicitus erat Marcellus, ut manu ipsius ministrarentur*<sup>1982</sup>. *Dicebat ergo puer qui surrexe-*
- 10 *rat: Ego a Petro non discedo. Mater autem gaudens et hilaris pervenit in domo sua. Et alia die post sabbatum venit in domum Marcelli, adferens Petro duo milia aureorum, dicens ad Petrum: Hæc divide virginibus Christi qui ei deserviunt. Puer autem qui a mortuis resurrexit cum vidisset nemini se*
- 15 *donasse, venit ad domum et aperuit armarium, et ipse obtulit quattuor milia aureorum dicens ad Petrum: Ecce et ego qui resuscitatus sum*<sup>1983</sup> *duplicem oblationem offero, et me ipsum ex hodierno*<sup>1984</sup> *loquentem victimam Deo.*

---

*Papyri...* 1908, *op.cit.*, vol.VI, pp.6-12, onde se encontra a ocorrência de um *frg.* deste *AtsPe*, na Grécia.

<sup>1981</sup> *ms. id Marcellum*, LIPSIUS corrige.

<sup>1982</sup> *ms. ministrarentur*. VOUAUX corrige.

<sup>1983</sup> *ms. suum*. LIPSIUS e VOUAUX corrigem.

<sup>1984</sup> *ms. hodiernum*. VOUAUX corrige.

- 5 dizia ao povo para que se achegassem à casa de Marcelo. Mas a mãe do jovem rogava a Pedro afim de que (dignasse) a pôr os pés na sua casa<sup>1985</sup>. Pedro, no entanto, tinha resolvido ir no dia de Domingo à casa de Marcelo afim que visse as viúvas, uma vez que o Marcelo havia prometido servi-las com suas próprias mãos. Dizia, então, o
- 10 jovem que ressuscitara: — “Não me aparte de Pedro”. A mãe, por sua vez, foi-se para sua casa alegre e hílare. E, no outro dia, após o Sábado<sup>1986</sup>, veio à casa de Marcelo, trazendo para Pedro duas mil moedas de ouro, e dizia a ele: — “Reparte-as entre as virgens de Cristo que o servem.” Mas, o jovem que dentre os mortos ressurgiu, vendo
- 15 que nada de si havia doado, foi para casa e abriu um armário e ele próprio ofereceu quatro mil moedas de ouro assim dizendo a Pedro: — “Eis também que eu que fui ressuscitado ofereço oblação duplicada<sup>1987</sup>, também a mim próprio, a partir de hoje, como um sacrifício dotado de palavra.

---

<sup>1985</sup> Remissão clara a At 16,15, onde Lídia constrange Paulo de forma semelhante.

<sup>1986</sup> Isso quer dizer: Domingo; *uide* como algumas linhas acima o autor utiliza as duas expressões indistintamente τῆ κυριακῆ, e μιᾷ τοῦ σαββάτου e se mesclam, como podemos notar no início do *frgg.* copta.

<sup>1987</sup> Este detalhe reforça a datação aqui professada para o séc. II, lembrando que a caridade dos cristãos nos primeiros dois séculos sua história, cuja expressão é marca de sua maneira costumeira, seu desejo e sonhos. *uide* At 2,42-47; também *AtsJo*, LIX. – in: BONNET. – in: *Acta Apostolorum Apocrypha*, 1891, *op.cit.*, t.II, vol.1, p.180. também *AtsPITe*, XLI. – in: VOUAUX. *Les Actes de Paul...* 1913, *op.cit.*, p.225.



Cena de um *iconostasis* no estilo Constantinopla. *A Transfiguração de Cristo*. Meados do século XII. Tamanho 41,5 x 159 centímetros. Mosteiro de Santa Catarina, Sinai, Egito. Autor desconhecido. Digitalizada. Em domínio público. < [http://en.wikipedia.org/wiki/File:Transfiguration\\_of\\_Christ\\_Icon\\_Sinai\\_12th\\_century.jpg](http://en.wikipedia.org/wiki/File:Transfiguration_of_Christ_Icon_Sinai_12th_century.jpg) >.



TRADUÇÃO III.v

*Μαρτύριον τοῦ ἁγίου ἀποστόλου Πέτρου*  
*O Martírio do Santo Apóstolo Pedro*

## III.v Tradução comentada e anotada do texto grego – ms. A

*Acta Petri, Martyrium Petri – Les actes de Pierre*, Ed. VOUAUX, Léon. Paris: Librairie Letouzey & Ané, 1922, (p.389-466)

5<sup>a</sup>. *Seção*: Μαρτύριον τοῦ ἁγίου ἀποστόλου Πέτρου<sup>1988</sup>.  
(refere-se à Parte V dos *AtsPe* com notas sobre o aparato crítico)<sup>1989</sup>

## XXX

Κυριακῆς οὔσης, ὁμιλοῦντος τοῦ Πέτρου τοῖς ἀδελφοῖς,  
καὶ προτρέποντος<sup>1990</sup> εἰς τὴν τοῦ Χριστοῦ<sup>1991</sup> πίστιν, παρόντων πολλῶν

---

<sup>1988</sup> O *Codex A, Monte Athos – Vatopedi 79*, do séc. XI, inicia com um título que contém uma explicação provinda das *Recognitiones* de Ps-CLEMENS, *Actus Vercellenses*, em latim, *ms.* CLVIII, pp.327-72: {Μηνι ιουνίῳ κϑ̄ μαρτύριον τοῦ ἁγίου ἀποστόλου Πέτρου. Ἐκ τῶν ἱστορικῶν Κλήμεντος Ῥώμης ἐπισκόπου. Ἐν τῷ ἐσχάτῳ λόγῳ ἱστοροῦντος οὕτως. Κύριε εὐλόγησον Α}; – *in*: LIPSIUS. *Acta Apostolorum Apocrypha...* 1891, *op.cit.*, t.I. Também VOUAUX. 1922, *op.cit.*, p.398, irá tratá-la como titulação acrescida por um copista. O Μαρτύριον τοῦ ἁγίου ἀποστόλου Πέτρου, na verdade, inicia-se três caps. adiante (XXXIIIss; e adota numeração especial) no *ms.* P, *Monastério São João, Patmos 48* do séc. IX, que não associa-o a luta com Simão, o mago; portanto começa em XXXIII.

<sup>1989</sup> Nesta tese abdicamos de fazer as notas de aparato crítico, que regularmente na atualidade aparecem em língua latina, para tornar acessível a um maior número de leitores as notas deste aparato que remetem a um resgate de autores mais antigos.

<sup>1990</sup> AV traduz: *orante ut perseverarent*.

<sup>1991</sup> AV acresce: *domini nostri Jesu Christi*.

MARTÍRIO DO SANTO APÓSTOLO PEDRO<sup>1992</sup>

## O Apóstolo ganha uma doação de uma prostituta

XXX (I) Sendo Domingo<sup>1993</sup>, Pedro falava<sup>1994</sup> aos irmãos e os exortava para continuar<sup>1995</sup> na fé em Cristo. Estavam<sup>1996</sup> presentes muitos

<sup>1992</sup> LIPSIUS. A.a., 1891, *op.cit.*, p.LIII; também VOUAUX. 1922, *op.cit.*, p.398, começa aqui o texto do *ms A* nas *Recognitiones* de Ps-CLEMENS, *Actus Vercellenses*, em latim, *ms. CLVIII*, pp.327-72: (= No mês de junho, o 29, martírio de Santo Apóstolo Pedro. Das histórias (obras) de Clemens, o bispo de Roma. Em seu último discurso disse: Senhor, bendito). O martírio propriamente dito começa no cap. XXXIII. Os números aqui remetem os caps. e linhas do texto grego. O Martírio *cf* o *ms. A*, seria o final das *Homilias Ps-Clementinas*.

<sup>1993</sup> Tanto no texto *gr.* como o copta  $\text{P}^{\text{Berol.}-8502}$ , fala-se de “Domingo”. Em *lat.* (cap. VII e XV) pensa mais em termos de “Sábado”; *uide* nt.380.

<sup>1994</sup> (i) Embora v. ὁμιλέω (no caso acima a raiz verbal num particípio) seja mais usado para “reunir-se com; estar em companhia de...”, na linguagem do NT lucana (*cf* At 24.26; Lc 24.14 *et alii*) ele assume a ideia “estar junto para falar sobre...” de onde deriva-se ὁμιλία = *homilia* em *pt.* “pregação religiosa dominical”. Muitas vezes substituindo o verbo tradicional para esta “fala, pregação ou proclamação” que é o v. κητύσσω. *cf* AV temos no cap. XIII: *Tractabat eis Petrus de profeticis scribituras.* (ii) O termo ὁμιλοῦντος *et alii* neste texto são part. *gr.* que funcionam como adj. verbais, cuja superabundância destes no texto *gr.* tornaria a tradução cansativa e *gerundista*. Por questões tradutórias, em língua meta (*pt.*), usamos o imperfeito que atende mutuamente a questão narrativa e o aspecto incoativo-inceptivo.

<sup>1995</sup> O *gr.* diz literalmente “exortar para a fé (...)”. Em *pt.* poderíamos entender esta frase “como conversão para a fé...”; neste caso o jargão do NT lucano seria o termo *gr.* μετανοέω, já que o NT faz distinção entre uma fala para conversão e uma fala para edificação ou fortalecimento da fé. Foi optado aqui pelo segundo tipo. O restante do texto latino AV que fala de uma igreja na cosmopolita Roma, por onde já teria passado Paulo antes de ir para Espanha, e entre seus membros estariam mulheres ricas e piedosas, esposas de políticos famosos, κτλ. O texto próprio texto *gr.* menciona “irmãos (de fé)”, “os que se fortificavam na fé” e o próprio “senador Marcelo como um fiel”. Portanto, o mais razoável é que pensemos que não se trata de uma reunião com fins de converter (μετανοέω) novos adeptos, mas de “exortação a perseverança na fé (que já tinham)”. Dito isto, reconhecemos que, conforme VOUAUX, 1922, *op.cit.*, p.399 traduziu *gr.* → *fr.* “et les exhortait à la foi du Christ”, não comportaria nas discussões mais atuais, *supra*; principalmente, também porque o AV diz *orante ut perseverarent*.

<sup>1996</sup> A construção em genitivo absoluto (mais rara na κοινή popular) introduz um discurso secundário, uma “nota de rodapé”. Manteremos esta marca

συγκλητικῶν καὶ ἰπικῶν πλειόνων καὶ γυναικῶν πλουσίων < καὶ ><sup>1997</sup>  
ματρωνῶν καὶ στηριζομένων τῇ πίστει<sup>1998</sup>, μία τις ἔνθα οὔσα γυνή<sup>1999</sup>

(V)

πάνυ πλουσία, ἥτις τὴν ἐπὶ κλησιν<sup>2000</sup> Χρυσή εἶχεν, διὰ τὸ πᾶν αὐτῆς  
σκευὸς χρύσειον ὑπάρχειν – ἥτις γεννηθεῖσα οὔτε ἀργυρέω ποτὲ  
σκευεῖ ἐχρήσατο οὔτε ὑελῶ, εἰ μὴ μόνοις χρυσεοῖς – εἶπεν τῷ  
Πέτρῳ· Πέτρε, θεοῦ δοῦλε<sup>2001</sup>· εἰς ὄναρ ἐμοὶ παραστάς ὃν λέγεις  
θεὸν εἶπεν<sup>2002</sup>· Χρυσή, Πέτρῳ τῷ διακόνῳ μου ἀποκόμισον μυρίου

(X)

χρυσίνους· ὀφείλεις γὰρ αὐτῷ. Ἐκόμισα οὖν φοβουμένη, μή τι  
κακὸν πάθω ὑπὸ τοῦ ὀφθέντος μοι, εἰς οὐρανὸν ἀπερχομένου<sup>2003</sup>. Καὶ

---

textual grega (elemento estrangeiro) não colocando um “E (...)” consecutivo, evitando conectar ao discurso principal. Pelo mesmo motivo, colocaremos um ponto final ao término deste belo e longo exemplar de ‘genitivo absoluto’, para destacá-lo a parte da narrativa central.

<sup>1997</sup> Este < καὶ > LIPSIUS acresce.

<sup>1998</sup> Segundo VOUAUX. 1922, *op.cit.*, p.198, nt.(e) o AV traduz παρόντων e συγκλητικῶν de um modo particular, independentemente da sequência das ideias; o comparativo πλειόνων ligado συγκλητικῶν e repete com γυναικῶν: *Advenientibus senatoribus compluribus, adveniebant autem et equites Romani et matronæ e aliæ complures honestæ feminæ, confortabantur in fide*. Um bom exemplar de como o AV traduz um longo período do gr. → lat.

<sup>1999</sup> μία [...] γυνή] corrige LIPSIUS: ἐν θεοῦ σαγνῇ, do ms. A. O tradutor latino do AV lê μαῖά τις e de onde se conclui: *obsetrix (obstretrix) quaedam...* ; VOUAUX. 1922. *op.cit.*, pp.398-9.

<sup>2000</sup> τοῦομα é adicionado na margem, como explicação à ἐπὶ κλησιν, cf LIPSIUS. *A.a.*, 1891, *op.cit.*, t.I, p.78.

<sup>2001</sup> AV: *Dei minister*.

<sup>2002</sup> O AV traduz: *adstitit mihi Deus tuus dicens*.

<sup>2003</sup> ἀπερχομένου] alterado VOUAUX. 1922, *op.cit.*, p.400: ἀπερχομέω em A: *de caelis respicientem* em AV.



senadores e, em maior número, cavaleiros<sup>2004</sup>; também damas<sup>2005</sup> ricas <e> matronas, e que se fortificavam na fé. Ali estava também uma mulher riquíssima, a quem chamavam pelo sobrenome Crisé, porque todos os utensílios da sua casa eram de ouro – alguém que desde a sua infância não havia utilizado jamais vasilha de prata ou cristal, senão somente de ouro<sup>2006</sup> –, disse a Pedro:

— “Servo de Deus, Pedro: em sonhos ao meu lado aquele que chamas Deus me disse: — ‘Crisé, entrega ao meu diácono Pedro, dez mil moedas de ouro, porque a ele deves’<sup>2007</sup>. E eu as trouxe, aqui, temendo sofrer algum dano de quem me apareceu e já voltou<sup>2008</sup> ao céu.” E tendo

<sup>2004</sup> Uma classe social acima dos legionários e abaixo da aristocracia. Militares romanos de elite.

<sup>2005</sup> O termo *gr.* é γυναικῶν (deriv. de γυνή = mulher, esposa). O verbete *jargão*, HOUAISS. CD ROM 3.0, 2009, *op.cit.*: “trata-se de um código linguístico próprio de um grupo sociocultural ou profissional com vocabulário especial, difícil de compreender ou incompreensível para os não iniciados”. A terminologia secular em *pt.* pouco distingue entre “mulher” e “dama”. Porém, na tradição da tradução bíblica destes dois termos tem havido algum cuidado. De LAMPE, Geoffrey Willian Hugo (ed.). *The Patristical Greek Lexicon*. Oxford: Clarendon Press, 1961, verbete γυνή, pp.325-6, subverbe B – “POSITION IN CHRISTIANITY”, temos: “position in world, inferior to that of man (...)”. Devido a estes resquícios de teologia “patriarcalista” cada vez mais as traduções bíblicas recentes em *pt.* tem sido mais inclusivas (*self-esteem* = de apreço a si mesmo) para a conotação mais positiva. Geralmente opta-se pelo uso de “dama” quando o sentido em *pt.* comporta *cf* versões *LH, RA, NTLH, NVI, Genebra, TNVI et alii*, e.g. *cf* Jz 5.29 (RA) “As mais sábias das suas damas respondem, (...)”; *cf* Sl 45.9 (BLH) “Entre as damas da sua corte, há filhas de reis, (...) está a rainha, usando enfeites de ouro puríssimo”; *cf* Sl 45.14 “Vestida de roupas coloridas e acompanhada pelas suas damas (...) é levada até o rei”. Neste contexto de matronas, senadores, “mulheres” ricas, esposas de políticos famosos e de Pedro no BR “eleito” popularmente como – “o protetor das mulheres”, seria mais razoável pensarmos em termo de “damas” (= mulheres casadas ou não, pertencentes à famílias nobres).

<sup>2006</sup> Segundo FICKER. *op.cit.*, p.110; ERBES. *Zeitschrift für Kirchengeschichte...* 1884, *op.cit.*, t. XXII, p.168, nota-se que em Roma desde tempos muitos antigos estava proibido os particulares terem vasilha de ouro. No entanto, tal lei não parecia ser cumprida, como deduz-se dos escritos de Λουκιανὸς ὁ Σαμοσατεύς (*lat.* Lucianus Samosatensis; de Samósata).

<sup>2007</sup> Temos aqui uma ideia muito presente no *Atos* lucano; *vide* At 5.1-5 *et alii*, que a riqueza não é só do seu possuidor – é apenas um mordomo terreno desta – mas também destina-se aos menos favorecidos, pobres, órfãos e viúvas.

<sup>2008</sup> AV traduz: *de caelis respicientem* (= que me olhava desde o céu).

ταῦτα εἰποῦσα καὶ θεῖσα τὸ χρῆμα ἀπηλλάγη. Ὁ δὲ Πέτρος ἰδὼν ἐδόξασεν τὸν κύριον, ὅτι ἤμελλον οἱ θλιβόμενοι<sup>2009</sup> ἀναγινώχειν. Τινὲς οὖν τῶν παρόντων<sup>2010</sup> ἔλεγον αὐτῷ· Πέτρε, οὐ κακῶς ἐδέξω τὸ χρῆμα

(XV)

τοῦτο παρ' αὐτῆς; Διαβέβληται γὰρ ἐν ὅλῃ <τῆ> Ῥώμῃ<sup>2011</sup> ἐπὶ πορνείᾳ, καὶ ὅτι οὐ προσέχει ἐνὶ ἀνδρὶ<sup>2012</sup>. μέχρι γὰρ καὶ τῶν ἰδίων νεανίσκων πρόσεισι. Μὴ κοινώνει οὖν τῇ Χρυσῇ τραπέζῃ<sup>2013</sup>, ἀλλὰ πεμφθῆ ἐπ' αὐτήν τὸ παρ' αὐτῆς<sup>2014</sup>. Ὁ δὲ Πέτρος ἀκούσας καὶ γελάσας εἶπεν τοῖς ἀδελφοῖς· Αὕτη τίς μὲν ἔστιν τὸν ἄλλον βίον,

(XX)

οὐκ οἶδα. Ὅτι<sup>2015</sup> δὲ τὸ χρῆμα τοῦτο ἐδεξάμην, οὐ μάτην ἐδεξάμην·

---

<sup>2009</sup> AV: *pauperes*.

<sup>2010</sup> AV: *quidam autem de fratribus*, VOUAUX. 1922, *op.cit.*, p.400.

<sup>2011</sup> ἐν τῇ ὅλῃ <τῆ> Ῥώμῃ] está omitido no AV: <τῆ> é adicionado por LIPSIUS. A.a., 1891, *op.cit.*, t.I, p.79; adotamos.

<sup>2012</sup> AV: *nequem ullum virum reliquisse*.

<sup>2013</sup> AV teria lido τῇ τοῦ Χριστοῦ τραπέζῃ e traduz: *Si autem tibi videtur, communicare ei noli de mensa domini nostri Jesu Christi*.

<sup>2014</sup> AV II: *sed mittatur ignis eius in eam*, traduzido a partir de τὸ πῦρ αὐτῆς, LIPSIUS. A.a., 1891, *op.cit.*, t.I, p.79, nt.

<sup>2015</sup> ὅτι [...] δοῦλος], no AV: *ego hanc pecuniam accepi a debitrice Christi: do enim illam seruis Christi*.

dito estas coisas, depositou as moedas e se foi. E Pedro quando viu, louvou ao Senhor, porque iam receber alívio os desamparados. Mas alguns dos presentes lhe disseram<sup>2016</sup>:

— “Pedro: não é mal receber dinheiro desta mulher?<sup>2017</sup> É mal falada em toda Roma por prostituição, também não está ligada a um único marido<sup>2018</sup> e até se une<sup>2019</sup> aos próprios servos. Não participe, pois, da mesa de Crisé, antes devolva o que dela veio.”

Pedro ouvindo, sorriu e disse aos irmãos:

— “Esta, se é alguém de outro tipo de vida, eu não sei. Mas porque recebi este dinheiro, em vão não recebi.<sup>2020</sup> Com efeito, ela oferece

<sup>2016</sup> O texto *gr.* ἔλεγον αὐτῷ é um imperf. seguido do pron. *ele* no dat. que literalmente = “diziam a ele”. Mas, na tradição de tradução do NT sempre que esta expressão (igualmente com o aor. εἶπον αὐτῷ) aparece é traduzida como: “disseram-lhe” marcando o registro de língua *gr.* como equivalente em *pt.* a um registro adloquial (ou pelo menos acima do coloquial, já que tratam-se de narrativas retrabalhadas por um processo revisional de algumas décadas) *cf* parâmetro de registro apenas do *Ev. de Lucas* e de *Atos* há uma longa lista exemplar: Lc 1:61 “E disseram-lhe (...)”; Lc 3,12; 5,33; 6,2; 9,12; 17,37; 18,37; 19,25; 19,33; 19,39; 22,49; 24,19 *et alii*; em At 1,11; 4,18; 4,19; 4,23; 12,15; 19,2; 21,20 *et alii*.

<sup>2017</sup> Preceito da lei judaica de não acatar dádivas advindas da prostituição, Dt 23,18; *uide* o comentário farisaico Lc 7,39.

<sup>2018</sup> Em AV lê-se: (= nem havia abandonado algum marido), o que equivale dizer: tinha vários. *univira* é um epíteto frequente e elogioso nas inscrições funerárias, VOUAUX. 1922, *op.cit.*, p.401. A expressão “um só homem” trata da ideia de que era necessário o casamento em tempos do NT; neste caso seria mais razoável traduzir por “marido”; VOUAUX. *ibid.* — Em JUSTINUS AUGUSTUS, Flavius. II, *Apol...*, 2. – *in*: Migme (ed.) P.G. 1857, *op.cit.*, t.VI, col.444, a acusação é de adultério: Ἄ πάλαι μετὰ τῶν ὑπηρετῶν καὶ τῶν μισθοφόρων εὐχερῶς ἔπραττε, μέθαις χαίρουσα καὶ κακία πάση. Já em Ps-CLEMENS. *Recognitiones...* IX, 32. – *in*: Migme (ed.) P.G. 1857, *op.cit.*, t.I, col.1417, curiosamente a acusação é de astrologia: *Habuit enim Marte cum Venere supra centrum, Lunam vero in occasu in domibus Martis et finibus Saturni, quod schema adulteras facit et seruos proprios amare.*

<sup>2019</sup> AV: *de seruis suis non parcit*: (= não perdoa; ou não se priva).

<sup>2020</sup> É um dos muitos exemplares de remissão direta a Jo 9.25 ou uso da mesma construção: “ἀπεκρίθη οὖν ἐκεῖνός, Εἰ ἁμαρτωλός ἐστιν οὐκ οἶδα· ἔν οἶδα ὅτι τυφλὸς ὢν ἄρτι βλέπω” (= Ele respondeu: – Se ele é pecador, eu não sei. De uma coisa eu sei: Eu era cego e agora vejo!).

παρεῖχεν γὰρ ὡς χρεώστρια τοῦ Χριστοῦ, καὶ δίδωσιν αὐτὸ τοῖς τοῦ Χριστοῦ δούλοις· αὐτὸς γὰρ αὐτῶν προενόησεν.

XXXI

Ἔφερον δὲ καὶ τοὺς κάμνοντας πρὸς αὐτὸν ἐν τῷ σαββάτῳ, δεόμενοι ὅπως ἀνασφάλωσιν τῶν νόσων. Καὶ ἰῶντο πολλοὶ<sup>2021</sup> παραλυτικοὶ καὶ ποδαγρικοὶ καὶ ἡμιτριταῖοι καὶ τεταρτίζοντες, καὶ πάσης νόσου σωματικῆς ἰῶντο ἐν ὀνόματι Ἰησοῦ Χριστοῦ

(V)

πιστεύοντες, καὶ πάνπολλοι εἰς τὴν τοῦ κυρίου χάριν καθ' ἑκάστην ἡμέραν προσετίθεντο. Σίμων δὲ ὁ μάγος τῷ ὄχλῳ ἡμερῶν ὀλίγων διελθουσῶν ὑπισχνεῖτο τὸν Πέτρον ἀπελέγξει, μὴ πεπιστευκότα θεῷ ἀληθινῷ, ἀλλ' ἡπατημένῳ<sup>2022</sup>. Πολλὰς οὖν φαντασίας ποιοῦντος αὐτοῦ οἱ ἤδη ἐδραῖοι<sup>2023</sup> τῶν μαθητῶν κατεγέλων αὐτοῦ. Ἐν τρικλίνις<sup>2024</sup>

(X)

γὰρ ἐποίει πνεύματά τινα πρὸς αὐτοὺς εἰσάγεσθαι, φαινόμενα μόνον,

---

<sup>2021</sup> AV: *omnes*.

<sup>2022</sup> AV traduz adicionando: *persuasioni vanæ, cf* aventa LIPSIUS. A.a., 1891, *op.cit.*, t.I, p.79, para a leitura de ἀπατη κενη, que procede de um genitivo absoluto; remete a Cl 2.8, para tentar explicar o AV: *et fantasmata omnia facere*, onde poderia ter a troca de *facere* por *facientem*.

<sup>2023</sup> AV adiciona: *qui constabiliti erant (in Deo et Christo)*, que na sequência vai interpretar *non sedubat*.

<sup>2024</sup> ἐν τρικλίνις [...] ἀλητῶς] e ἐπί μαγία resta mal traduzida no AV: *Nam Simon faciebat in triclinio, sed nihil verum, et (anima)tos jam traductos faciebat, et cludos...* VOUAUX, 1922, *op.cit.*, p.404.

como devedora de Cristo e o entrega para aos servos de Cristo, porque Ele mesmo velou de antemão<sup>2025</sup> deles<sup>2026</sup>.”

### XXXI - Simão, o Mago, gera nova disputa com o Apóstolo

E traziam também junto a ele, no sábado, os enfermos, entravados para que se vissem livres das suas doenças. Muitos paralíticos, padecentes de gota e afetados da febre terçã e quartã<sup>2027</sup> se viam curados; também os que criam no nome de Jesus Cristo livravam-se de toda sorte de enfermidade corporal<sup>2028</sup>, e a cada dia, todos e em grande número<sup>2029</sup> se viam atraídos<sup>2030</sup> para a graça do Senhor. Mas Simão, o mago, transcorridos uns poucos dias, prometeu a plebe que deixaria Pedro convicto de não crer no Deus verdadeiro, senão que enganou-se<sup>2031</sup>. E fazia muitas magias<sup>2032</sup>, mas os discípulos bem assentados na sua fé<sup>2033</sup> o ridicularizavam<sup>2034</sup>. Nos triclinios<sup>2035</sup>, com efeito, fazia entrar neles certos

---

<sup>2025</sup> AV XXII.

<sup>2026</sup> Contrasta esta opinião de Pedro com o espírito de Dt 23,18. Também *uide AtsPe* cap.XXII. Mas atende a ideia de Jo 9,25. HARNACK. *Die Chronologie...* 1897, t.I, p.554 acha compatível está ideia com o séc.III.

<sup>2027</sup> Um tipo de febre que retorna a cada três ou quatro dias.

<sup>2028</sup> Passagem paralela de Mt 4,23, VOUAUX. 1922, *op.cit.*, p.403.

<sup>2029</sup> Uma expressão pouco usual resultante do agregado de πᾶν (= tudo; nom., neutro) + πολλοί (= muitos; nom., masc.), significando “muitos de todos”.

<sup>2030</sup> Segue At 2,47.

<sup>2031</sup> AV: (= ... senão em uma vaga ideia de que tudo o que Pedro faz são fantasmagorias).

<sup>2032</sup> AV – in: Ps-CLEMENS. *Hom...* VII,9 une: “realizava [...] magia” com a frase anterior, pondo-a assim na boca de Simão. Este acusava a Pedro de ser um farsante, com os mesmos argumentos que Pedro utilizava contra ele, cf VOUAUX, 1922, *op.cit.*, p.405.

<sup>2033</sup> CI 1,23.

<sup>2034</sup> AV: (= Não lograva seduzi-los...).

<sup>2035</sup> VOUAUX. 1922, *op.cit.*, p.405, o autor supôs que Simão prometera parte da sua arte de magia e grandes benefícios disto a uma classe particular. — No séc. V traduzia-se *in triclinio*, um diacronismo da antiga Roma. “Trata-se de uma sala de jantar com três ou mais leitos inclinados, ao redor da mesa, sobre cada um dos quais se podiam recostar três convivas”, HOUAISS. 2009, CD, *op.cit.*

οὐκ ὄντα δὲ ἀληθῶς. Καὶ τί γὰρ λέγειν; Διεληλεγμένου αὐτοῦ διὰ πολλῶν ἐπὶ μαγία, καὶ χωλοὺς ἐποίησεν φαίνεσθαι ὑγιεῖς πρὸς βραχὺ καὶ τυφλοὺς ὁμοίως<sup>2036</sup>, καὶ νεκροὺς ἅπαξ πολλοὺς ἔδοξε ζωοποιεῖν καὶ κινεῖσθαι, ὡσπερ καὶ τὸν Στρατόνικον<sup>2037</sup>. Ταῦτα δὲ  
(XV)

πάντα ὁ Πέτρος ἀκολουθῶν<sup>2038</sup> διήλεγχεν αὐτὸν πρὸς τοὺς ὀρῶντας. Καὶ δὴ αἰεὶ ἀσχημονοῦντος καὶ ἐγγελωμένου ὑπὸ τοῦ Ῥωμαίων ὄχλου καὶ ἀπιστουμένου ἐφ' οἷς ὑπισχνεῖτο ποιεῖν μὴ ἐπιτυγχάνοντος<sup>2039</sup>, ἐν τούτῳ τοῦτον πάντα<sup>2040</sup> εἶπεῖν αὐτοῖς: Ἄνδρες Ῥωμαῖοι, νῦν δοκεῖτέ μου κατισχυῶσαι τὸν Πέτρον ὡς δυνατώτερον καὶ μᾶλλον  
(XX)

αὐτῷ προσέχετε· ἠπάτησθε<sup>2041</sup>. Αὔριον γὰρ ἐγὼ καταλιπὼν<sup>2042</sup> ὑμᾶς ἀθεοτάτους καὶ ἀσεβεστάτους, ἀναπήσομαι<sup>2043</sup> πρὸς τὸν θεόν, οὗ ἡ δύναμις ἐγὼ εἰμι ἀσθενήσασα. Εἰ οὖν ὑμεῖς πεπτώκατε<sup>2044</sup>, ἰδὲ ἐγὼ

<sup>2036</sup> AV adiciona: *sed non verum, quod faciebat in fantasia, ut ad hora (por horam) hominibus videretur; nam redibant in eam valetudinem*. Nada mais do que ressurreição de mortos. Uma paráfrase explicativa inútil, *id. ibid.*

<sup>2037</sup> *Nicostratum – in:* o AV está correto. Vem do nome bipartite em *gr.* Νικόστρατον (νική + στρατός).

<sup>2038</sup> AV traduz: *sequendo Simonem magum*.

<sup>2039</sup> AV: traduz simplesmente por *et nemo illi jam nihil credebatur*, VOUAUX, 1922, *op.cit.*, p.404.

<sup>2040</sup> LIPSIUS. *A.a.*, 1891, *op.cit.*, t.I, p.80-1, sugere suprimir πάντα. De fato, para VOUAUX, 1922, *op.cit.*, p.404, não significa grande troca. O AV traduz: por *novissime*, que não corresponde a πάντα, mais para τελευταῖον ou τέλος.

<sup>2041</sup> AV: *perduxit enim uos*.

<sup>2042</sup> *ms. A:* καταλείπων, VOUAUX, 1922, *op.cit.*, p.406.

<sup>2043</sup> ἀναπήσομαι [...] ἀσθενήσασα] para FICKER. *Die Petrusakten...* 1903, p.93, o AV traduz: *volabo ad dominum cujus ego virtutem novi, quia vos cecidistis me*.

<sup>2044</sup> AV: *cæcidistis me*; omite a oposição *vos cecidistis, ego sto*.

espíritos<sup>2045</sup> que só existiam na aparência, não na realidade. Mas o que dizer acerca disto? Ele persuadiu e demonstra, após articular muitas palavras magicamente, que os coxos parecessem sãos por um breve tempo, e semelhantemente, os cegos<sup>2046</sup>. Uma vez causou a impressão de fazer voltar a vida e moverem-se muitos mortos, bem como também a Nicóstrato<sup>2047</sup>.

Pedro acompanhava todas essas coisas e o refutava perante os espectadores<sup>2048</sup>. E Simão, tendo sempre se portado de maneira inconveniente, era motivo de riso da gente romana e atraía suspeita, já que não lograva cumprir o que prometia<sup>2049</sup>. Nestas circunstâncias, falou-lhes isto<sup>2050</sup>:

— “Cidadãos romanos: agora estais pensando que Pedro me vence ao ser mais forte do que eu e prestais nele maior atenção. Equivocais-vos. Pois amanhã, eu vos abandonarei como ateus e ímpios e voarei junto a Deus, do qual que eu sou a Força<sup>2051</sup>, embora debilitada. Portanto, se vós caístes e estais prostrados: — ‘eis que eu sou ‘O que se

---

<sup>2045</sup> AV: (= Fazia reviver alguns já defuntos).

<sup>2046</sup> AV adiciona: (= mas nada de verdadeiro; o fazia só em aparência para que parecesse perante os homens por um pouco tempo, mas logo voltavam a sua enfermidade).

<sup>2047</sup> Em *gr.*, por um erro, lê-se Estratônico, que curiosamente é a inversão de Nicóstrato; AV XXVII, 15. Seguiremos a melhor leitura: Nicóstrato, AV (aparato crítico), é defendido extensamente por VOUAUX, 1922, *op.cit.*, p.405. — Sobre os atos mágicos de Simão: Ps-CLEMENS. *Recognitiones...* II,9. – in: Migme (ed.) *P.G.* 1857, *op.cit.*, t.I, cols.1252ss; *vide* ainda Ps-CLEMENS. *Hom...* IV,4. – in: Migme (ed.) *P.G.* 1857, *op.cit.*, t.II, col.160; também MANES. *Acta Archelai...* XXXVI. – in: *Reliquiae sacrae*, 2<sup>a</sup>. ed. t.V, p.133; ainda EUSEBIUS. *H.E.* IV iii,2.

<sup>2048</sup> AV: (= E todos lhe punham em dificuldades).

<sup>2049</sup> AV: (= E nada dele criam).

<sup>2050</sup> Conforme o *ms.* A que adiciona aqui um *πάντα* (= tudo, todas as coisas; n. pl.) que não se pode entender muito bem, e cuja tradução torna-se complexa mesmo se entendido como masc. ac. sg.; LIPSIUS que propõe suprimi-lo, *apud* VOUAUX, 1922, *op.cit.*, p.404. Outros entendem *πάντα εἰπεῖν* como (para despedir-se): “lhes falou assim despedindo-se”, devido à conjuntura estabelecida no momento desta fala. O AV traduz: *novissime*, que não é *πάντα*, e corresponde mais a *τέλος* (= fim; s.) ou *τελευταίον* (= final; adj.).

<sup>2051</sup> AV IV; V; XX; XXXI, κτλ. O *ms.* A segue os antigos epítetos contidos nos *Atos* canônicos – Simão: a Força de Deus, a Virtude de Deus, o Poder de Deus, κτλ. *cf* At 8,10, algo como um pseudomessias. Diversos exemplos em FICKER; HENNECKE. *Handbuch...* 1924, t.I, pp.414ss.

εἰμι ὁ Ἐστῶς· καὶ ἀνέρχομαι πρὸς τὸν πατέρα καὶ ἐρῶ αὐτῶ·  
 Κάμῃ<sup>2052</sup> τὸν Ἐστῶτα υἱὸν σου κατακλίνει ἠθέλησαν· ἀλλὰ μὴ συνθέ-  
 (XXV)  
 μενος αὐτοῖς εἰς ἑμαυτὸν ἀνέδραμον.

## XXXII

Καὶ ἤδη τῇ ἐπιούσῃ ὁ ὄχλος πλείων συνήρχετο  
 εἰς σάκραν βίαν<sup>2053</sup>, ὅπως ἴδωσιν αὐτὸν πετώμενον. Ὁ δὲ<sup>2054</sup> Πέτρος  
 ὄραμα θεασόμενος<sup>2055</sup> ἦκεν ἐπὶ τὸν τόπον, ὅπως αὐτὸν καὶ ἐν τούτῳ  
 ἐλέγξῃ· ὅτε γὰρ εἰσείει εἰς τὴν Ῥώμην, ἐξέστησεν τοὺς ὄχλους  
 (V)

πετώμενος. Ἄλλ' οὐπω Πέτρος ὁ ἐλέγχων αὐτὸν ἦν ἐνδημῶν τῇ  
 Ῥώμῃ ἦνπερ οὕτως πλανῶν ἐφάντασεν, ὡς ἐκστῆναί τινος ἐπ' αὐτῶ<sup>2056</sup>.  
 Στάς οὖν οὗτος ἐν τόπῳ ὑψηλῶ καὶ θεασάμενος τὸν Πέτρον, ἤρξατο

<sup>2052</sup> AV traduz κάμῃ [...] ἀνέδραμον]: *Iniuriam mihi fecerunt filli tui; ego ad te ideo reuersus sum*, VOUAUX, 1922, *op.cit.*, p.408.

<sup>2053</sup> LIPSIUS. *A.a.*, 1891, *op.cit.*, t.I, p.81: εἰς ἀκριβειαν em A, corrige. No AV: *ad platea* por *plateam quæ dicitur sacra via*. O *Corpus Glossariorum latinorum* diz que a palavra *platea* é *via spaciosa, via lata a porta in portam*, difícil de imaginar que um romano pudesse usar. Um lugar espaçoso que parte de uma via.

<sup>2054</sup> ὁ δὲ [...] ἐλέγξῃ] aparece no AV com a omissão do pl.: *Et Petrus venit et ipse interesset*.

<sup>2055</sup> PIÑERO. 2004, *op.cit.*, p.644, troca por θεασόμενος] o que temos no *ms. A* e em VOUAUX. 1922, *op.cit.*, p.408 como θεασάμενος. O motivo alegado é a tradução do AV: *Petrus venit ut et ipse interesset*. Não parece razoável a troca. O futuro é mais natural, pois Pedro vê a “demonstração”, e veio... Pedro sabe, como todo mundo que Simão vai tentar voar e avança. Ὁραμα aplica-se simplesmente ao espetáculo do voo que é para a massa de espectadores presentes.

<sup>2056</sup> A partir de ὅτε γὰρ... para VOUAUX. 1922, *op.cit.*, p.408, trata-se de uma interpolação até ἐπ' αὐτῶ no *ms. A*.



mantém em pé<sup>2057</sup>.’ Subirei ao Pai e direi para ele: — ‘A mim, teu filho, ‘O que permanece em pé’, quiseram fazer-me cair. Mas eu não me coloquei junto a eles; retrocedo para mim mesmo fortalecido<sup>2058</sup>.’”

## XXXII - A última fantasmagoria de Simão e sua morte

Então já no dia seguinte, congregou-se numerosa multidão na Via Sacra<sup>2059</sup> afim de que fosse visto voando<sup>2060</sup>. Todavia, Pedro achava-se em um lugar alto para contemplar o espetáculo e para refutá-lo<sup>2061</sup> também neste ato, pois quando<sup>2062</sup> entrou em Roma, deixou às gentes estupefatas com seu voo. Mas Pedro, seu delator, ainda não vivia em Roma, aonde, de tal maneira, enganou com suas artes mágicas, de tal sorte que alguns se extasiavam perante ele. Então, de pé, num local elevado, e tendo avistado Pedro, foi o primeiro a dizer:

---

<sup>2057</sup> Diante do uso de um epíteto de divindade que Simão aplica a si mesmo, é possível que estas palavras sejam autênticas e o autor dos *AtsAp* as tenha tomado de um obra sinônima. FICKER. 1924, t.I, pp.412ss, cita *Recognitiones* I,72; II,7,11; *Hom. Ps-Clem.* II,22,24; XVIII,6,7 e *Recognitiones* III,47, onde aparece este epíteto. CLEMENS, de Alexandria. *Stromata*, II 11,52 e Ἱππόλυτος (= Hipólito de Roma), *Philos.* VI,17, são lembrados na Introdução de VOUAUX. 1922, *op.cit.*, pp.105-14. No AV, este termo parece suprimido voluntariamente.

<sup>2058</sup> AV: “Eu retorno para você”. Provavelmente também este discurso de Simão já tenha sido tomado pelo nosso autor de alguma fonte genuína. A única alteração introduzida por ele, talvez, seja a frase “embora debilitada”.

<sup>2059</sup> AV: *ad platea quae dicitur sacra uia*. Tratava-se, pois, de um lugar espaçoso ou parte ampla da via. Esta Via Sacra (*summa*), na época imperial, desde o Templo de Vênus e Roma até o de Saturno, próximo ao Capitólio. Segundo LIPSIUS. *Apostelgeschichten...* 1892, t.II, vol.1, pp.324ss e *Introd.*, p.208, no começo deste trajeto há, de fato, um espaço alto para que tenha ali acontecido o tal voo. Porém, a Via Sacra – contra a opinião do autor – acaba no *forum Julius*.

<sup>2060</sup> No *Martírio de Pedro e Paulo*, IV, de Ps-MARCELO, Simão se lança de uma torre e, por uma oração de Pedro, cai logo na Via Sacra (cap. 56). O problema do voo humano ocupou as mentes no séc. II: LUCIANO, *Philos.* III, κτλ; Ὠριγένης (= Origenes Adamantius), *Contra Celsum* III,31.

<sup>2061</sup> AV: (= Pedro foi para estar também presente). Nesta tradução “para contemplar” nos baseamos numa correção do texto *gr.* θεασόμενος, em vez de θεασάμενος, do *ms A.*; VOUAUX. 1922, *op.cit.*, p.408.

<sup>2062</sup> AV: desde (= pois quando ... lugar elevado) em XXXII – linhas 3-7 da trad. não há paralelo direto. Resta pouco provável que este local tenha sido expandido ou modificado.

λέγειν<sup>2063</sup>. Πέτρε, νῦν μάλιστα ὅταν ἀνέρχομαι κατέναντι τούτων πάντων θεωρουμένων λέγω σοι· Εἰ σοῦ ὁ θεὸς δύναται, ὄν Ἰουδαῖοι  
(X)

ἀνεῖλον καὶ ὑμᾶς ἐλιθοβόλησαν τοὺς ὑπ' ἐκεῖνον ἐκλελεγμένους, δεῖξάτω ὅτι θεοῦ ἐστὶν ἡ πίστις αὐτοῦ<sup>2064</sup>, φανήτω ἐπὶ τούτῳ, εἰ ἄξια θεοῦ ἐστὶν. Ἐγὼ<sup>2065</sup> γὰρ ἀνελθὼν ἑαυτὸν ἐπιδείξω τῷ ὄχλῳ τούτῳ παντὶ ὅστις εἰμί. Καὶ ἰδοὺ ἀρθέντος αὐτοῦ εἰς τὸ ὕψος καὶ πάντων ὀρώντων αὐτὸν εἰς ὄλην <τὴν><sup>2066</sup> Ῥώμην, καὶ ὑπὲρ τοὺς ναοὺς αὐτῆς  
(XV)

καὶ τὰ ὄρη ἡρμένον, ἀφεώρων<sup>2067</sup> οἱ πιστοὶ εἰς τὸν Πέτρον. Καὶ ὁ Πέτρος ἰδὼν τὸ παράδοξον τοῦ θαύματος ἐβόησεν πρὸς τὸν κύριον Ἰησοῦν Χριστόν· Ἐὰν ἀφῆς τοῦτον ποιῆσαι ὃ ἐπεχείρησεν, νῦν πάντες οἱ εἰς σὲ πιστεύσαντες σκανδαλισθήσονται καὶ ἔσται ἃ δι' ἐμοῦ ἔδωκας αὐτοῖς σημεῖα καὶ τέρατα<sup>2068</sup> ἄπιστα· τάχυνον κύριε τὴν χάριν  
(XX)

σου, καὶ καταπεσόντος αὐτοῦ ἄνωθεν<sup>2069</sup>, ἐκλ(υθ)εῖς<sup>2070</sup> συστῆ καὶ μὴ ἀποθάη, ἀλλὰ (κε)νωθῆ καὶ τὸ σκέλος κατεάξῃ ἐκ τριῶν τόπων. Καὶ καταπεσόντος αὐτοῦ ἄνωθεν τὸ σκέλος κατέαξεν ἐκ τριῶν τόπων. Τότε<sup>2071</sup> αὐτὸν λιθοβολήσαντες ἕκαστος εἰς τὰ ἴδια ἀνεχώρησαν, Πέτρον τὸ λοιπὸν πάντες πειθόμενοι.

(XXV)

Εἷς δέ τις ἐλθὼν διὰ τάχους ἐξ ὁδοῦ τῶν φίλων τοῦ Σίμωνος,

<sup>2063</sup> AV adiciona: *magna voce*.

<sup>2064</sup> *appareat modo quæ sit fides tua*, no AV.

<sup>2065</sup> ἐγὼ [...] εἰμί]. O AV condensa: *Ego enim ad eum vado*.

<sup>2066</sup> <τὴν> adicionado por LIPSIUS. A.a., 1891, *op.cit.*, t.I, p.83.

<sup>2067</sup> ἀφεώρων [...] Πέτρον] é omitido no AV.

<sup>2068</sup> VOUAUX, 1922, *op.cit.*, p.410, τὰ τέρατα] omitido no AV e traduz-se ἄπιστα = *erunt fincta*.

<sup>2069</sup> εὔχομαι ἵνα é acrescrido; LIPSIUS. A.a., 1891, *op.cit.*, t.I, p.83.

<sup>2070</sup> ἐκλ(υθ)εῖς [...] (κε)νωθῆ]; LIPSIUS. A.a., 1891, *ibid.*, que reconstrói a partir do AV: *Sed non peto ut moriatur, sed aliquid in membris suis vexetur*.

<sup>2071</sup> τότε [...] πειθόμενοι] em A: *tunc eum lapidantes omnes fidentes et conlaudantes dominum* no AV.

— “Pedro, de maneira especial agora, quando vou elevar-me na presença todos estes que me contemplam, te digo: se o teu Deus é poderoso – Ele, a quem os judeus puseram à morte, e vós, eleitos Dele, vos apedrejaram<sup>2072</sup> – mostre-se agora que a fé Nele, é a fé em Deus. Que manifeste-se<sup>2073</sup>, diante destas coisas, se a divindade é digna. Pois eu, da minha parte, elevando-me agora vou mostrar a toda esta gente quem sou<sup>2074</sup>.”

E eis que elevou-se<sup>2075</sup> para o alto e todos o viam por toda Roma, ascendendo acima seus santuários e colinas; contudo os fiéis, ao longe, miravam Pedro. Este<sup>2076</sup>, ao contemplar o assombroso espetáculo, clamou ao Senhor Jesus Cristo:

— “Se permites que este homem realize o que intenta, todos os que haviam crido em Ti, se escandalizam agora e desacreditados serão os prodígios e milagres, os quais, através de mim, tens presenteado a eles. Apressa<sup>2077</sup>, Senhor, tua graça e que Simão venha abaixo dos ares e fique inútil. Que não morra, mas que não possa fazer nada com sua perna quebrada em três partes.”

E tombou Simão das alturas e se partiu a perna por três lugares. Então atiraram pedras nele cada um voltou para a sua casa. Pelo mais, todos creram em Pedro. E um dos íntimos de Simão,

<sup>2072</sup> At 14,18ss; Mt 23,37; há ainda o caso de Estevão, mártir por apedrejamento em At 7,59.

<sup>2073</sup> AV suprime: (= que se revele ... divindade).

<sup>2074</sup> AV suprime: Desde “divindade”, no texto *lat.* Lê-se simplesmente: (= Eu vou a Ele).

<sup>2075</sup> O voo de Simão é recorrente nas lendas apostólicas, como *Passio Petri et Pauli*, L-LVI. Alguns comentaristas que o autor faz com Simão uma espécie de remedeo da ascensão de Cristo; outros, da tentativa fracassada de um bobo-da-corte de Nero Claudius Cæsar Augustus Germanicus, em Gaius SÜETONIUS Tranquillus. *A Vida dos Doze Cezares – Neron*. XII, segundo LUGANO, Placido. *Le memorie leggendarie di Simon mago e della sua volata.. martire e l'apoteosi del Simone Mago in Roma – in: Nuovo Bulletino di archeologia cristiana*, t.VI. Rome: H. Waitz, 1900, p.59. Na Antiguidade cristã há mais notícias de outros voos: EUSEBIUS, *H.E.* V, XVI,14: Teodósio, um profeta montanista “voava” também, mas finalmente caiu e morreu, *cf* GRAPIN (ed.). Paris: 1911, t.II, p.93 *apud* VOUAUX. 1922, *op.cit.*, p.411.

<sup>2076</sup> AV: (= Pedro o viu e se admirava ante tal espetáculo).

<sup>2077</sup> AV: (= Assim, pois, Senhor concede rapidamente tua graça e mostra o poder a todos os que me contemplam. Não peço que morra, senão que sofra algo nos seus membros); vê-se a insistência do tradutor latino na possibilidade aberta da penitência.

Γέμελλος ὀνόματι, παρ' οὗ πολλά ἔλαβεν ὁ Σίμων, Ἑλληνίδα  
τινά γυναῖκα ἐσχηκώς<sup>2078</sup>, ἰδὼν αὐτὸν κατεάξατα τὸ σκέλος<sup>2079</sup> εἶπεν·  
Σίμων, εἰ ἡ δύναμις<sup>2080</sup> τοῦ θεοῦ κατάσσειται, μὴ καὶ αὐτὸς ὁ θεός,  
οὗ δύναμις εἶ, τυφλωθήσεται; Δραμῶν οὖν καὶ ὁ Γέμελλος

(XXX)

ἠκολούθει τῷ Πέτρῳ λέγων αὐτῷ· Κἀγὼ τῶν ἐπὶ Χριστὸν πιστευόν-  
των εὐχομαι εἶναι. Ὁ δὲ Πέτρος· Τίς οὖν ὁ φθόνος, ἔφη, ἀδελφέ  
μου; ἔλθε καὶ παρέδρευε. Ὁ δὲ Σίμων ἐν τῇ συμφορᾷ γενόμενος  
εὗρὲν τινὰς τοὺς διακομίσαντας<sup>2081</sup> αὐτὸν νυκτὸς κραββάτῳ ἀπὸ  
Ῥώμης<sup>2082</sup> εἰς Ἀρικίαν<sup>2083</sup>. κάκει ἐπιμείνας ἀπηνέχθη πρὸς τινὰ

(XXXV)

Ῥώμης ἐξορισθέντα Κάστωρα εἰς Ταρακίνα<v> ἐπ' αἰτία μα-  
γκῆ<sup>2084</sup>. κάκει κατατεμνόμενος<sup>2085</sup>, τὸ πέρασ τοῦ βίου ὁ τοῦ διαβόλου  
ἄγγελος ἔδωκεν Σίμων.<sup>2086</sup> Ὁ δὲ Πέτρος ἦν ἐν τῇ Ῥώμῃ ἀγαλλιώμενος

2078 AV que omite ἑλληνίδα [...] ἐσχηκώς].

2079 AV *subdridens* é adicionado.

2080 ἡ δύναμις [...] τυφλωθήσεται] não é compreendido no AV: *Tu es Dei uirtus? Qui tibi crus fregit? Numquid ipse Deus, cuius te uirtutem esse dicis?*

2081 διακομίσαντας] seguindo LIPSIUS para διακονίσαντας em A. cf VOUAUX, 1922 *op.cit.*, p.414.

2082 Ῥώμης] seguindo LIPSIUS para: ῥωμέγης em A. cf *id. ibid.*

2083 Ocorre um erro com LIPSIUS que reconstrói o vocábulo τράκηναν no *ms. A* (por ταρακίναν), cf VOUAUX. 1922, *ibid.*

2084 AV que omite ἐπ' αἰτία μαγκῆ].

2085 κατατεμνόμενος] em *ms. A*: *et ibi duo medici concidebant eum* aparece no AV.

2086 Segue o texto canônico em 2Cor 12,7.

chamado Gemelo, cuja esposa era grega<sup>2087</sup>, havia auferido daquele muitas vantagens, chegou rapidamente na via onde estava Simão e ao vê-lo com a perna quebrada, lhe disse:

— “Simão, se a ‘Força de Deus’ está quebrada, acaso ficou cego esse mesmo Deus de quem tu eras a Força?<sup>2088</sup>” E então, Gemelo tendo corrido, seguia a Pedro dizendo-lhe: — “Também eu desejo contar-me<sup>2089</sup> entre os que creem em Cristo.” Pedro respondeu:

— “Que dificuldade<sup>2090</sup> há, meu irmão? Vem e toma um lugar entre nós<sup>2091</sup>.”

Simão, em meio à desgraça, encontrou alguns indivíduos que o transladaram ao anoitecer sobre um andor desde Roma até Arícia. Depois de permanecer ali algum tempo<sup>2092</sup> foi conduzido a Terracina<sup>2093</sup>, para a casa de um certo Castor, banido de Roma debaixo de acusação de artes mágicas. Ali, depois teve que amputar-lhe (a perna); e achou seu fim Simão, o anjo do diabo.

---

<sup>2087</sup> VOUAUX. 1922, *op.cit.*, p.414, pensa que se deva traduzir o adjetivo Ἑλληνίδα como “pagã”, porque a intenção do autor deste dado seria indicar que a conversão de Gemelo é mais digna de mérito.

<sup>2088</sup> AV: (= Eras a força de Deus? Quem te rompeu a perna? Acaso o mesmo Deus de quem dizes ser a Força?).

<sup>2089</sup> Ἀμφιλόχιος Ἰκονίου (= Anfíloquio, de Icônio). *Amphilochiana*, 1910, t.I, p.110, pp.136ss, menciona a existência de um grupo de “hereges” na Lacônia (Ásia Menor) cujo fundador havia sido um tal Gemelo, que permaneceu fiel a Simão. Diversas fontes mencionam um tal Gemelo, fiel à Simão e pertencente a um grupo de “hereges” de Lacônia, Ásia Menor, segundo; Para SCHMIDT, *Göttinger...* 1903, pp.373ss, existem outras tradições sobre este personagem ou eram na verdade distintos homônimos.

<sup>2090</sup> LAMPE. *The Patristic Greek Lexicon*, *op.cit.*, p.1747, o uso particular do termo ocorre nos martírios de Pedro e Paulo, em Clemens, *et alii*. Lit. “inveja” (*gr.* φθόνος; *lat.* *invidia*); caps. XXIII e XXVIII.

<sup>2091</sup> AV: (= E segue nosso costume; ou modo de vida).

<sup>2092</sup> LIPSIUS. *Apostelgeschichten...* 1892, t.II, vol.1, p.274, Arícia, teria sido uma vila de mendigos feita por Juvenal nos montes Albanos. Era também um lugar de refúgio dos judeus expulsos de Roma.

<sup>2093</sup> VOUAUX. 1922, *op.cit.*, p.415, estes locais estão no caminho entre Roma e Puteoli, porto de embarque para a Ásia. Com isso, o autor indica que o desejo de Simão era voltar para o Oriente. Este relato em *lat.* varia um pouco a versão. AV: (= os médicos operam Simão, mas lhe causam a morte).

XXXIII – (4)<sup>2094</sup>

ἄγγελος ἔδωκεν Σίμων. Ὁ δὲ Πέτρος ἦν ἐν τῇ Ῥώμῃ ἀγαλλιώμενος μετὰ τῶν ἀδελφῶν ἐν τῷ κυρίῳ καὶ εὐχαριστῶν<sup>2095</sup> νυκτὸς καὶ ἡμέρας ἐπὶ τῷ ὄχλῳ τῷ καθημερινῷ<sup>2096</sup> τῷ προσαγομένῳ τῷ ὀνόματι τῷ ἁγίῳ<sup>2097</sup> τῇ τοῦ κυρίου χάριτι<sup>2098</sup>. Συνήγοντο δὲ καὶ αἱ παλλακίδες τοῦ

(V)

πραιφέκτου<sup>2099</sup> Ἀγρίππα πρὸς τὸν Πέτρον, τέσσαρες οὔσαι, Ἀγριπίνα καὶ Νικαρία καὶ Εὐφημία καὶ Δῶρις<sup>2100</sup>. Ἀκούουσαι τὸν τῆς ἀγνεΐας λόγον<sup>2101</sup> καὶ πάντα τὰ τοῦ κυρίου<sup>2102</sup> λόγια, ἐπλήγησαν τὰς ψυχὰς<sup>2103</sup>, καὶ συνθέμεναι ἀλλήλαις<sup>2104</sup> ἀγναὶ τῆς Ἀγρίππα κοίτης διαμεῖναι ἠνοχλοῦντο ὑπ' αὐτοῦ. Ἀποροῦντος<sup>2105</sup> οὖν τοῦ Ἀγρίππα καὶ

(X)

λυπουμένου περὶ αὐτῶν – καὶ<sup>2106</sup> μάλιστα τούτων ἦρα – ἐπετηρεῖτο<sup>2107</sup> οὖν καὶ ὑποπέμψας ὅπου ἀπῆρχοντο<sup>2108</sup>, μαθάνει ὅτι πρὸς τὸν

<sup>2094</sup> Neste local inicia texto do *ms. Codex P – Patmos (P)* com o título Μαρτύριον τοῦ ἁγίου ἀποστόλου Πέτρου ἐν Ῥώμῃ. De Ps-LINUS (L), que é adotado por LIPSIUS. *A.a.*, 1891, *op.cit.*, t.I, pp.1-22; 83: *Martyrium beati Petri apostoli a Lino episcopo conscriptum*. Aparece desta forma na versão eslava (*esl.*) de SOKOLOFF, 1890 ou menos, também na síriaca (*syr.*), na armênia (*arm.*) e na etiópe (*ethio.*); também *uide* VOUAUX. 1922, *op.cit.*, p.416.

<sup>2095</sup> P omite: εὐχαριστῶν].

<sup>2096</sup> AV traduz por: *gloriosus*.

<sup>2097</sup> Em A: τοῦ ἁγίου Χριστοῦ.

<sup>2098</sup> Para τῇ τοῦ κυρίου χάριτι], VOUAUX. 1922, *op.cit.*, p.416, suspeita que não seja autêntico acrescido no lugar de continência e castidade.

<sup>2099</sup> Em A: πραιφέκτου]. Em P: ἐπάρχου; *id. ibid.*

<sup>2100</sup> Em A e AV omitem: *Quattuor haec nomina* está omitido.

<sup>2101</sup> AV traduz: *audientes castitatem debere obseruari*. No *syr.* “Ele (Pedro) ensina a pureza e o crer em Deus”; *id. ibid.*

<sup>2102</sup> Em A: Ἰησοῦ; *esl.*: Cristo; em L: *Jesu Christ*; em *arm.*: *Christ praedicationem*; VOUAUX. 1922, *op.cit.*, p.416, nt.(b).

<sup>2103</sup> AV suprime: ἐπλήγησαν τὰς ψυχὰς].

<sup>2104</sup> AV traduz: *conlocutæ inter se*.

<sup>2105</sup> *mss.*: Ἀποροῦντος [...] αὐτῶν] *mss. AV: cumque ille bilem pateretur*.

<sup>2106</sup> A adiciona: ὅτι.

<sup>2107</sup> Ocorre um erro em P: temos ὑποτηρῆται em A: no *arm.* resulta *unum e servis jubet clame as observare, ut videret (...)*. VOUAUX. 1922, *op.cit.*, p.416, nt.(h).

<sup>2108</sup> Προέρχονται] em A: ἀπῆρχοντο em P: traduzido *prodirent* no AV; VOUAUX. 1922, *op.cit.*, p.418.

XXXIII - Pedro é acusado por Agripa<sup>2109</sup>

Pedro permanecia em Roma, feliz entre os irmãos<sup>2110</sup> no Senhor, dando graças noite e dia pela multidão que diariamente se unia pelo Nome Santo<sup>2111</sup> à graça do Senhor<sup>2112</sup>. As concubinas do prefeito Agripa<sup>2113</sup>, que eram quatro: Agripina, Nicária, Eufêmia e Dóris<sup>2114</sup>, se reuniam também com Pedro. Ao escutar suas pregações sobre a castidade e todas as palavras do Senhor, se sentiram comovidas em suas almas<sup>2115</sup> e acordaram entre elas permanecer puras, afastadas do leito de Agripa, pelo que começaram a ser molestadas por aquele<sup>2116</sup>. Agripa não sabia o que fazer e se sentia triste por elas, pois as amava muito. E começou a espiar para averiguar aonde iam e certificou-se de que era na casa de Pedro.

---

<sup>2109</sup> Aqui começa propriamente dito *O Martírio de Pedro*, como parte separada e como aparece no *ms. P* e nas versões eslava-esl., siríaca-sry., recessão paralela de Sokoloff, *op.cit.*, etíope-ethio., armênia-arm. Na versão copta-cop., praticamente com o XXXIV. Existe também uma paráfrase latina *Martyrium beati Petri Apostoli a Lino episcopo conscriptum*, muito apreciado por LIPSIUS. *A.a.*, 1891, *op.cit.*, t.I. pp.1-22, que a publica em primeiro lugar.

<sup>2110</sup> AV acrescenta, seguindo Fl 4,4 e 10: (= regozijando sempre no Senhor).

<sup>2111</sup> AV, XXXI,1.

<sup>2112</sup> VOUAUX. 1922, *op.cit.*, pp.416-7, segue o *ms. P*, já que falta no *ms. A*, AV, arm., syr.

<sup>2113</sup> Está mencionado no *Atos* lucano 2,47; 4,12. Dois estudos demonstram a razão da presença e o interesse deste personagem nos *AtsPl* e *AtsPe*, Adolf von HARNACK. *Miscellen...* – in: *Texte und...* 1853, *op.cit.*, t.XX, fasc.3, p.150; Também FICKER. – in: Hennecke (ed.). *Handbuch zu...*, 1904, pp.471ss.

<sup>2114</sup> Nas versões variam levemente os nomes; VOUAUX. 1922, *op.cit.*, pp.416-7. Aparecem suprimidos no AV.

<sup>2115</sup> AV suprime. No syr. lê-se: “se sentiram possuídas pelo amor do Senhor”; VOUAUX. 1922, *op.cit.*, p.416.

<sup>2116</sup> AV: (= Ele as molestava e elas lhe punham em dificuldades com as contínuas escusas). Também o syr. acrescenta: “Agripa as condenou a morte”; uide VOUAUX. 1922, *op.cit.*, p.418.

Πέτρον. Ἐλεγεν οὖν αὐταῖς ἐλθούσαις<sup>2117</sup> Μὴ κοινωνεῖν ἐμοὶ ὁ Χριστιανὸς ἐκεῖνος ἐδίδαξεν ὑμᾶς· γινώσκετε ὅτι καὶ ὑμᾶς ἀπολέσω κάκεινον ζῶντα καὶ σῶω<sup>2118</sup>. Αὐταὶ μὲν οὖν ὑπέμειναν πάντα τὰ κακὰ  
(XV)

παθεῖν ὑπὸ τοῦ Ἀγρίππα, μόνον ἵνα μηκέτι οἰσθηλατῶνται<sup>2119</sup>, ἐνδυναμούμεναι τῷ κράτει<sup>2120</sup> τοῦ Ἰησοῦ.

### XXXIV

Μία<sup>2121</sup> δέ τις γυνὴ καὶ μάλιστα εὐμορφοτάτη<sup>2122</sup>, γαμετὴ Ἀλβίνου<sup>2123</sup> τοῦ Καίσαρος φίλου, Ξαντίππῃ<sup>2124</sup> ὀνόματι, ἅμα ταῖς λοιπαῖς ματρῶναις καὶ αὐτὴ συνήρχετο πρὸς τὸν Πέτρον<sup>2125</sup> καὶ αὐτὴ τοῦ Ἀλβίνου ἀπέστη. Ἐκεῖνος<sup>2126</sup> οὖν μαινόμενος καὶ ἐρῶν  
(V)

τῆς Ξανθίππης καὶ θαυμάζων ὅτι οὐδὲ ἐπ' αὐτῆς τῆς κλίνης καθεύδει ἅμα αὐτῷ<sup>2127</sup>, ὡς θηρίον ἡγριαίνετο, βουλόμενος τὸν Πέτρον διαχειρίσασθαι· ἔγνω γὰρ αὐτὸν παραίτιον γεγονότα τοῦ χωρισμοῦ τῆς κοίτης. Πολλὰ δὲ καὶ ἄλλαι γυναῖκες<sup>2128</sup> τοῦ λόγου τῆς ἀγνείας ἐρασθεῖσαι<sup>2129</sup> τῶν ἀνδρῶν ἐχωρίζοντο, καὶ ἄνδρες τῶν ἰδίων γυναι-

<sup>2117</sup> AV omite.

<sup>2118</sup> AV traduz: *et vos et illum perdam; uide* comentário de GUIDI, Ignazio. (sec.) *Atti – Frammenti copti*: nota C<sub>4</sub>. 16-ott.-1887. *Rendiconti della reale Accademia dei Licei*. t.III,2,2. Roma: 1887, pp.23-34.

<sup>2119</sup> οἰσθηλατῶνται] por LIPSIUS. 1891, *Aa*, t.I, p.83: ὑσθηλατοῦνται em A: ὑσθηλατοῦντε em P.

<sup>2120</sup> τῷ κράτει τοῦ Ἰησοῦ] τῷ κριτῇ Χριστῷ em A: *confortante domino* em AV. Frase danificada VOUAUX. 1922, *op.cit.*, p.42, parecendo uma paráfrase.

<sup>2121</sup> P omite: μία [...] γυνή]. No AV: γυνή.

<sup>2122</sup> A omite: μάλιστα εὐμορφοτάτη]. No AV: *forma formosissima*.

<sup>2123</sup> AV adiciona: *clarissimi*; VOUAUX. 1922, *op.cit.*, p.420.

<sup>2124</sup> No lugar de Ξαντίππη em P, temos Ἀγριππίνα.

<sup>2125</sup> O AV acresce: *de castitate seruanda*. Em L: *a quo verbum percipiens castae vitae*. Na versão *arm.*: *et audivit verbum vitae. id. ibid.*

<sup>2126</sup> Em P: Ἐκεῖνος [...] Ξανθίππης]. Em A: ἐκεῖνος οὖν δεινῶς μέμηνός κατά τῆς Ξανθίππης; VOUAUX. 1922, *op.cit.*, p.420.

<sup>2127</sup> Em A: ἐβούλετο καθεύδειν; que omite ἅμα αὐτῷ; *id. ibid.*

<sup>2128</sup> AV adiciona: *honestae*.

<sup>2129</sup> AV adiciona: *audientes*.



Ao terem retornado, então, lhes dizia:

— “Aquele cristão vos tendes ensinado a não terem relações comigo. Saibais que eu vos farei perecer e queimarei vivo aquele.”

Mas elas próprias se resignaram a padecer qualquer dano da parte de Agripa, conquanto não mais desejaram se arrastar pela paixão, fortalecidas pela força de Jesus<sup>2130</sup>.

#### XXXIV - Contra Pedro se arma uma trama de morte

Certa mulher, formosíssima, esposa de Albino<sup>2131</sup>, amigo de César, por nome de Xantipa<sup>2132</sup>, frequentava a casa de Pedro<sup>2133</sup> juntamente com outras matronas e havia se afastado de Albino. Este, desejando vivamente de amor à Xantipa<sup>2134</sup> e admirado de ela sequer querer dormir no mesmo leito com ele, havia se enfurecido como uma fera e desejou pôr as mãos<sup>2135</sup> em Pedro, pois sabia que era a causa desta separação conjugal. Outras muitas mulheres, amando apaixonadamente a pregação da pureza, apartavam-se dos esposos; também alguns homens<sup>2136</sup> evitavam o leito de

---

<sup>2130</sup> Ef 6,10.

<sup>2131</sup> AV: “nobilíssimo varão”; FICKER. – in: Henneck. 1924, *op.cit.*, p.472, que irá elencar diversas citações históricas situando historicamente D. Clodius Septimius Albinus Cæsar, citando *Prosographia Imperii Romani*, t.I, p.421, nt.937: *ALBINUS: Bithynicos exercitus eo tempore, quod Avidius rebellabat, fidelitür tenuit*, associando-o com a rebelião de Avidio, ano 175.

<sup>2132</sup> *ms. P* denomina: Ἀγριππίνα. Igual no *ms. A* e AV. Xantipa é uma heroína, até quando foi convertida por Paulo; *Acta Xanthippae et Polyxenae*. – in: ROBINSON, James McConkey. *Texts and Studies*. Oxford: Clarendon Press, 1924, t.II, fasc.3, pp.58-85; Introd., pp.43ss.

<sup>2133</sup> AV (e em outras versões, com pequenas variantes): fala do dever de guardar a castidade.

<sup>2134</sup> *uide* também *Acta Xanthippae et Pollyxenae*. t.II, fasc. 3, Introd., pp.43ss. No *ms. A* lê-se: (= Aquele se havia enfurecido terrivelmente contra Xantipa).

<sup>2135</sup> *syr.*: “quando se inteirou de que era Pedro, o cristão, o que havia lhe ensinado a pureza, se encheu de cólera contra o santo e decidiu matá-lo”; VOUAUX. 1922, *op.cit.*, p.420.

<sup>2136</sup> (!) Trata-se de um tópico um tanto estranho, pois o natural era que as mulheres fossem as mais atraídas pela pregação sobre a continência. Ainda, em VOUAUX. 1922, *op.cit.*, Introd., pp.81ss, a “pregação da incontinência e do ideal ascético”; trata-se de uma realidade histórica.

## (X)

κῶν τὰς κοίτας ἐχώριζον διὰ τὸ σεμνῶς καὶ ἀγνῶς θέλειν αὐτοὺς θεοσεβεῖν. Θορύβου οὖν μεγίστου<sup>2137</sup> ὄντος ἐν τῇ Ῥώμῃ<sup>2138</sup> καὶ τοῦ Ἀλβίνου δηλώσαντος τὰ κατ' αὐτὸν τῷ Ἀγρίππᾳ<sup>2139</sup> λέγοντος αὐτῷ: Ἦ σύ με ἐκδίκησον ἀπὸ τοῦ χωρίσαντος τὴν γυναῖκά μου Πέτρου, ἧ<sup>2140</sup> ἐγὼ ἐμαυτὸν ἐκδικήσω, καὶ ὁ Ἀγρίππας ταῦτα

## (XV)

ἔλεγεν πεπονθῆναι ὑπ' αὐτοῦ, χωρίσαντός μου τὰς παλλακίδας<sup>2141</sup>. Καὶ ὁ Ἀλβίνος πρὸς αὐτόν: Τί οὖν περιμένεις<sup>2142</sup>, Ἀγρίππα; Εὕρωμεν αὐτόν, καὶ ὡς περιεργον ἄνδρα ἀνέλωμεν, ὅπως ἐξῶμεν ἡμῶν τὰς γυναῖκας, ἵνα κάκείνους ἐκδικήσωμεν<sup>2143</sup> τοὺς μὴ δυναμένους αὐτὸν ἀνελεῖν, ὧν καὶ αὐτῶν ἀπέστησεν τὰς γυναῖκας.

## XXXV

Ἦς δὲ ταῦτα ἐσκέπτοντο<sup>2144</sup>, γνουσα ἡ Ξαντίππη τοῦ ἀνδρὸς τὴν συμβουλίαν τὴν πρὸς τὸν Ἀγρίππαν, πέμψασα ἐδήλωσεν τῷ Πέτρῳ, ὅπως ἐξέλθη ἀπὸ τῆς Ῥώμης. Καὶ οἱ λοιποὶ

2137 Em A: οὐ μικροῦ. No AV: *non minimo*.

2138 Em A, P: ὄντος ἐν τῇ Ῥώμῃ]. O AV *acresce: concitato ab Albino*.

2139 AV traduz: *rettulit praefecto de coniuge sua*.

2140 P omite: ἧ].

2141 χωρίσαντός μου τὰς παλλακίδας] não ocorre nem em A nem no AV.

2142 Em A temos: ἀπέστησαν. Para no AV: Τί οὖν περιμένεις [...] ἀπέστησεν τὰς γυναῖκας]. *Quid ergo taces? cur non te defendes et uniuersos? occidamus ergo illum, ut possimus coniuges nostras possidere*; VOUAUX. 1922, *op.cit.*, p.422.

2143 Em P: ἵνα κάκείνους ἐκδικήσωμεν]. No local em A lê-se: καὶ ἐκδικοῦμεν ἑαυτοὺς καὶ τοὺς μὴ δυναμένους ἐντοῖς Βοηθῆσαι, οὓς καὶ αὐτοὺς ἐστέρησεν τῆς τοιαύτης συναναστροφῆς; *id. ibid*.

2144 A adciona: πρὸς αὐτούς. O AV inicia: *Conlocutio itaque facta est a Xantippe*. O *arm.* omite, e adpata apòs πρὸς τὸν Ἀγρίππαν: *de insidiis apostolo paratis*.

suas próprias mulheres pelo desejo de servir a Deus em pureza e santidade. Produziu-se um grande tumulto em Roma, e Albino<sup>2145</sup> denunciou seu caso perante Agripa dizendo-lhe:

— “A mim façás justiça contra esse Pedro<sup>2146</sup> que aparta de mim a minha mulher, e a toma de mim da minha mão.”

Agripa o confessou que ele havia sofrido o mesmo, já que Pedro havia afastado dele as suas concubinas. Aí Albino acrescentou:

— “Então, o que esperas, Agripa?<sup>2147</sup> Encontremo-lo e façamos desaparecer esse homem indiscreto (acusando-lhe) de mago<sup>2148</sup>. Assim recobramos nossas mulheres e vingaremos aqueles maridos que se acham apartados das suas mulheres, mas que não podem matá-lo<sup>2149</sup>.”

### XXXV – *Quo vadis, Domine?*

Como arrazoavam sobre estas coisas, Xantipa se inteirou da deliberação que seu marido havia mantido junto a Agripa<sup>2150</sup> e enviou (um serviçal) para evidenciá-la a Pedro, a fim de que abandonasse Roma<sup>2151</sup>.

---

<sup>2145</sup> syr. adiciona: “cheio de malícia contra Pedro”; VOUAUX. 1922, *op.cit.*, p.422.

<sup>2146</sup> AV adiciona: (= que tem persuadido a estas a tornarem-se cristãs).

<sup>2147</sup> syr. coloca assim: “Por que és covarde e frio quando deverias se audaz e valente?”. *id. ibid.*

<sup>2148</sup> Este é o sentido aqui, do gr. *περίεργος*, como se deduz de At 19,19 e do syr.: “detenhamos ele e o acusemos de magia”; art. POUPON. 1996, *op.cit.*, pp.191-9. No AV lê-se assim todo este parágrafo: (= Porque te calas? Por não te defendes a ti e a todos? Matemos a ele, pois, para que possamos possuir nossas mulheres).

<sup>2149</sup> O v. *ἀναίρειω* (= arrebatat, prender) LAMPE. *The Patristic Greek Lexicon, op.cit.*, p.104 significa “destruir” (= matar) neste uso. Estes casos de separação conjugal é efeito de um moralismo rígido que não foram tão escassos assim como se deduz no que conta Flavius JUSTINUS. *Apologologia Secunda*, II. – in: Migme (ed.). *P.G.*, 1857, *op.cit.*, t.VI, col.444.

<sup>2150</sup> *ex lat.* substitui este começo por: “Falou Xantipa e comunicou a Pedro (...)”.

<sup>2151</sup> syr. lê-se: “Enviou (uma pessoa) secretamente a Pedro e lhe disse: Afaste-se de Roma com nossos irmãos e Marcelo, porque Albino, meu marido, e Agripa, o prefeito, estão tramando algo contra ti e desejam fazer-te morrer”; VOUAUX. 1922, *op.cit.*, p.424.

ἀδελφοί<sup>2152</sup> ἅμα τῷ Μαρκέλλῳ παρεκάλουν αὐτὸν ἐξελθεῖν<sup>2153</sup>. Ὁ δὲ  
(V)

Πέτρος εἶπεν αὐτοῖς· Δραπετεύωμεν, ἀδελφοί; Οἱ δὲ ἔλεγον  
αὐτῷ· Οὐ, ἀλλ' ὡς ἔτι σου δυναμένου ὑπηρετεῖν τῷ κυρίῳ.  
Πεισθεῖς δὲ τοῖς ἀδελφοῖς<sup>2154</sup> ἐξῆλθεν μόνος, εἰπὼν· Μηδεὶς ὑμῶν  
ἐξερχέσθω σὺν ἐμοί, ἀλλ' ἐξέρχομαι<sup>2155</sup> μόνος, μεταμφιάσας τὸ σχῆμά  
μου. Ὡς δὲ ἐξῆι τὴν πύλην, εἶδεν τὸν κύριον εἰσερχόμενον εἰς  
(X)

τὴν Ῥώμην<sup>2156</sup>. Καὶ ἰδὼν αὐτὸν εἶπεν· Κύριε, ποῦ ᾧδε<sup>2157</sup>; Καὶ  
ὁ κύριος αὐτῷ εἶπεν· Εἰσέρχομαι εἰς τὴν Ῥώμην σταυρωθῆναι.<sup>2158</sup>  
Καὶ ὁ Πέτρος εἶπεν αὐτῷ· Κύριε, πάλιν σταυροῦσαι; Εἶπεν  
αὐτῷ· Ναί, Πέτρε, πάλιν σταυροῦμαι. Καὶ ἐλθὼν εἰς ἑαυτὸν ὁ  
Πέτρος καὶ θεασάμενος τὸν κύριον εἰς οὐρανὸν ἀνελθόντα, ὑπέσ-  
(XV)

τρεψεν εἰς τὴν Ῥώμην ἀγαλλιώμενος καὶ δοξάζων τὸν κύριον, ὅτι  
αὐτὸς εἶπεν· Σταυροῦμαι· ὁ εἰς τὸν Πέτρον ἤμελλεν γίνεσθαι.

<sup>2152</sup> No AV e: *Magna sequitur lacuna*. Uma grande mancha danificou o ms. AV até os versos finais de XXVI. E, não por coincidência, também não aparece no *esl.*; VOUAUX. 1922, *op.cit.*, p.424.

<sup>2153</sup> O *esl.* e *arm.* acrescentam: de Roma. A versão de Ps-Linus L desenvolverá longamente neste versos, cuja circunstância criada dará o sub-título aqui. Também *id. ibid.*

<sup>2154</sup> No *arm.*: *voluntati ipsorum*; VOUAUX. 1922, *op.cit.*, p.424, nt.(b).

<sup>2155</sup> Em A: ἀλλ' ἐξέρχόμενος ματαφιάσω τὸ. Em Ps-Linus L uma paráfrase deste verso: *Et dum pergeret, ceciderunt illi fasciamenta ex crure demolita a compe*; VOUAUX. 1922, *op.cit.*, p.426.

<sup>2156</sup> Em A que adiciona: σταυρωθῆναι. Em Ps-Linus L: *vidit sibi Christum occurrere*.

<sup>2157</sup> Expressão preservada em L: *Domine, quo vadis?* que se celebrou em *lat.*

<sup>2158</sup> Ps-Linus L adiciona: *iterum*.

Os irmãos remanescentes, juntamente com Marcelo, o exortaram também para que se fosse. Mas Pedro lhes disse<sup>2159</sup>: — “Fugiremos, irmãos?”<sup>2160</sup>

Respondiam-lhe: — “Não, mas (tu sim), no futuro serias capaz de servir ao Senhor<sup>2161</sup>.”

Deixou-se persuadir pelos irmãos e se dispôs a sair sozinho, dizendo:

— “Que ninguém de vós venha comigo. Eu sairei sozinho depois de trocar minhas vestimentas<sup>2162</sup>.”

Mas quando saía pelo portão viu o Senhor que entrava em Roma. Ao vê-lo, lhe disse:

— “Aonde (vais) assim, Senhor?”<sup>2163</sup>

Este lhe respondeu: — “Entro em Roma para ser crucificado.”

Pedro acrescenta: — “Senhor, para ser crucificado de novo?”

Ele lhe disse: — “Sim, Pedro: vou ser crucificado novamente.”

<sup>2159</sup> No AV, VII: há perda integral de uma folha neste ponto.

<sup>2160</sup> *uide* VOUAUX. 1922, *op.cit.*, pp.425-7, nas nts.2 e 3, destaca que texto *syr.* substitui e justifica, em geral, a fuga diante do perigo por um bem espiritual maior. O *Mart. do Ps-Linus*, parafraseia longamente para desculpar a fuga de Pedro.

<sup>2161</sup> No *syr.*: “em tanto e quanto Deus te deres forças para servir-lhe e permanecer a nossa frente”; VOUAUX. 1922, *op.cit.*, p.426.

<sup>2162</sup> Pode deduzir-se, com alguma naturalidade, que Pedro tentou se disfarçar de alguma maneira.

<sup>2163</sup> A famosa frase *Quo vadis, Domine?* procede do *Martírio do bem-aventurado Apóstolo Pedro*, de Ps.-LINUS, já que no AV, se perdeu justamente esta página. *cf* Jo 13,36, é muito curioso a parte final e a coincidência dos eventos entre *AtsPe* e o *Ev. de João*: “Disse-lhe Simão Pedro: Senhor, para onde vais? Jesus lhe respondeu: Para onde eu vou não podes, agora, seguir-me, mas, depois, me seguirás”. — A mesma lenda aparece em Ps-Ἡγήσιππος (= Ps-HEGESIPO): – *in*: Migme (ed.) *P.L.* 1841, *op.cit.*, t.XV, col.2070; Aurelius AMBROSIUS (de Milão): – *in*: Migme (ed.) *P.L.* 1841, *op.cit.*, t.XVI, col.1010; *Acta sanctorum Processus et Martinianus* (Bollandiana, 1904), Julio, I, p.304. A versão copta acrescenta: “para onde diriges teus passos?”. A ideia de que cada mártir é crucificado de novo Cristo e está bastante estendida na literatura cristã primitiva: *Carta aos cristãos de Lyon e Viena* em EUSEBIUS. *H.E.* V I,23; também NOVATUS (ou Noouatos, Novaciano, o AntiPapa). – *in*: HARNACK, Adolf. von (ed.) *De laude martyrii*. Leipzig: Hinrichs,1895; também – *in*: *Textus and Studies*. t.XIII, fasc.46, p.13; ainda temos TERTULIANUS. *De pud.* XXII. – *in*: Migme (ed.) *P.G.*, 1851, *op.cit.*, t.II, col.1027; e ainda Ὠριγένης (= Origenes Adamantius), *Contra Celsum* II, 44 – *in*: Migme (ed.) *P.L.*, 1857, *op.cit.*, t.IX, col.865. Esta questão nasce em At 9.5.

Πέτρος καὶ θεασάμενος τὸν κύριον εἰς οὐρανὸν ἀνελθόντα, ὑπέσ-  
(XV)

τρεψεν εἰς τὴν Ῥώμην ἀγαλλιώμενος καὶ δοξάζων τὸν κύριον, ὅτι  
αὐτὸς εἶπεν· Σταυροῦμαι· ὃ εἰς τὸν Πέτρον ἤμελλεν γίνεσθαι.

### XXXVI

Ἀναβὰς οὖν πάλιν πρὸς τοὺς ἀδελφοὺς ἔλεγεν  
αὐτοῖς τὸ ὄραθὲν αὐτῷ· κάκεινοι ἐπέθεν τῇ ψυχῇ, κλαίοντες  
καὶ λέγοντες· Παρακαλοῦμέν σε, Πέτρε· ἡμῶν τῶν νεωτέρων  
φρόντισον. Καὶ ὁ Πέτρος αὐτοῖς ὅτι· Ἐὰν ἡ τοῦ κυρίου τὸ θέλημα,  
(V)

γίνεται, καὶ ἐὰν ἡμεῖς μὴ θέλωμεν. Ὑμᾶς δὲ ὁ κύριος στηρίζει  
δυνατός ἐστιν εἰς τὴν πίστιν αὐτοῦ, καὶ θεμελιώσει ἐν αὐτῷ καὶ  
πλατυνεῖ ἐν αὐτῷ<sup>2164</sup>, οὗς αὐτὸς<sup>2165</sup> ἐφύτευσεν, ἵνα καὶ ὑμεῖς ἄλλους  
φυτεύσητε δι' αὐτοῦ<sup>2166</sup>. Ἐγὼ δέ, μέχρις με θέλει ὁ κύριος ἐν σαρκὶ  
εἶναι, οὐκ ἀντιλέγω· καὶ πάλιν θέλοντος λαβεῖν με, ἀγαλλιῶμαι  
(X)

καὶ εὐφραίνομαι. Ταῦτα τοῦ Πέτρου λαλοῦντος καὶ τῶν ἀδελφῶν  
πάντων κλαιόντων<sup>2167</sup>, ἰδοὺ στρατιῶται<sup>2168</sup> τέσσαρες αὐτὸν παραλαβόντες

<sup>2164</sup> Em P: πλατυνεῖ ἐν αὐτῷ]. Em A: κρατύναι; VOUAUX. 1922, *op.cit.*, p.428.

<sup>2165</sup> Em A: οὗς αὐτὸς]; PIÑERO, 2004, *op.cit.*, p.656.

<sup>2166</sup> Em A: φυτεύσητε δι' αὐτοῦ]; está omitido em P; VOUAUX. 1922, *op.cit.*, p.428.

<sup>2167</sup> A acresce: γοερῶς. *id. ibid.*

<sup>2168</sup> Em A: ἰδοὺ στρατιῶται]. Em P: ἰεποπολῆται τεσσάρεις. A omite: τέσσαρες. *esl.: quatuor*

Pedro, refletindo em seu interior<sup>2169</sup> e depois de contemplar o Senhor que se elevava ao céu, voltou para Roma pleno de gozo e louvando o Senhor pelo que havia dito: — “Vou ser crucificado”. Isto era o que, justamente, estava destinado a acontecer com Pedro.

### XXXVI - Palavras de encorajamento aos fiéis

Pedro retornou de novo para onde os irmãos estavam e lhes contou a visão<sup>2170</sup>. Aqueles, entristecidos em seu coração, choravam e diziam:

— “Suplicamos a ti, Pedro, preocupa-te conosco, os neófitos.”

Pedro respondeu:

— “Se for vontade do senhor, cumpra-se<sup>2171</sup>, embora não o desejemos. Mas a vós, os fortalecerá na fé do Senhor, pois é poderoso. Os fundamentará e dará amplitude Nele<sup>2172</sup>, pois Ele mesmo os plantou, a fim de que, planteis a outros por sua medida. Eu, da minha parte, não recuso viver na carne se o Senhor queira. Mas se deseja voltar a tomar-me, me alegrarei e me regozijarei.”

Enquanto Pedro pronunciava estas palavras e todos os irmãos derramavam lágrimas<sup>2173</sup>, quatro soldados<sup>2174</sup> se apoderaram dele e o

---

<sup>2169</sup> *syr.* lê-se: “Pedro compreendeu então em seu interior as palavras do Salvador”; VOUAUX. 1922, *op.cit.*, pp.428-9, devia existir uma lenda antes deste *AtsPe* da fuga do apóstolo de Roma, sugerida por Jo 21,18-19 e 2Pe 1,14: “(...) outro te seguirá e te levará onde não desejas”. Neste texto *gr.* não há nenhuma crítica contra Pedro, mas nenhuma exaltação. A história do *Quo vadis?* é citada por Ὀριγένης (= Origenes Adamantius), *Commentarii in Joannes*, XX,12. – *in*: Preuschen, *Orig.*, t.IV, p.342; também – *in*: Migme (ed.) *P.G.* 1857, *op.cit.*, t.XIV, p.600, acrescentando o que fala do *AtsPl*, por isso deve ter ocorrido nesse tempo.

<sup>2170</sup> *syr.*: “e as palavras que ele havia dito ao subir ao céu”, VOUAUX. 1922, *op.cit.*, p.428.

<sup>2171</sup> Remissão à Mt 26,19.

<sup>2172</sup> *syr.*: “(...) os confirmará no seu amor e os dará força para cumprir sua vontade”; VOUAUX. *ibid.*

<sup>2173</sup> *syr.* acrescenta: “e se rompia o coração”; *id. ibid.*

<sup>2174</sup> Este número “quatro” também aparece no *Mart... a Lino conscriptum* 8. Também temos em Jo 19,23: “Tendo, pois, os soldados crucificado a Jesus, tomaram as suas vestes e fizeram quatro partes, para cada soldado uma parte” (quatro soldados compunham a guarda); ocorre igualmente em *AtsTo* CLXV,1

ἀπήγαγον τῷ Ἀγρίππα. Κάκεινος διὰ τὴν νόσον αὐτοῦ ἐπ' αἰτία  
ἀθεότητος ἐκέλευσεν αὐτὸν σταυρωθῆναι. Συνέδραμεν οὖν τῶν  
ἀδελφῶν τὸ πλῆθος ὄλον πλουσίων τε<sup>2175</sup> καὶ πενήτων, ὄρφανῶν τε  
(XV)

καὶ χηρῶν, ἀδυνάτων τε καὶ δυνατῶν, βουλόμενοι ἰδεῖν καὶ<sup>2176</sup> ἀφαρ-  
πάσαι τὸν Πέτρον, τῶν δήμων ἐκβοώντων ἀκατασχέτω καὶ μιᾷ  
φωνῇ<sup>2177</sup>. Τί ἠδίκησεν ὁ Πέτρος, Ἀγρίππα; Τί σε κακὸν διέθηκεν;  
Λέγε Ῥωμαίσις. Καὶ ἕτεροι ἔλεγον· <Φοβητέον><sup>2178</sup>, μὴ ἐάν οὗτος  
ἀποθάνῃ, καὶ ὁ κύριος <αὐτοῦ> ἀπολέσει ἡμᾶς <πάντας>. Καὶ<sup>2179</sup> ὁ Πέτρος  
(XX)

γενόμενος ἐπὶ τὸν τόπον, καταστείλας τὸν ὄχλον εἶπεν· Ἄνδρες,  
οἱ εἰς Χριστὸν στρατευόμενοι· ἄνδρες, οἱ ἐπὶ Χριστὸν ἐλπίζοντες·  
μémνησθε ὧν εἶδετε δι' ἐμοῦ σημείων καὶ τεράτων, μémνησθε τῆς  
συμπαθείας τοῦ θεοῦ, δι' ἡμᾶς πόσας ἰάσεις ἐποίησεν. Ὑπομεί-  
νατε<sup>2180</sup> αὐτὸν ἐρχόμενον καὶ ἀποδίδοντα ἐκάστῳ κατὰ τὰς πράξεις  
(XXV)

αὐτοῦ. Καὶ νῦν<sup>2181</sup> πρὸς τὸν Ἀγρίππαν μὴ πικραίνεσθε· διάκονος  
γάρ ἐστιν τῆς πατρικῆς αὐτοῦ ἐνεργείας<sup>2182</sup>, καὶ πάντως τοῦτο γίνεται  
τοῦ κυρίου φανερώσαντός μοι τὸ συμβαῖνον. Ἀλλὰ τί μέλλω  
καὶ οὐ πρόσειμι τῷ σταυρῷ;

---

onde Tomé justifica os “quatro” pelo corpo que seria crucificado e esta é a  
questão gnóstica dos quatro elementos.

<sup>2175</sup> A adiciona: παντῶν.

<sup>2176</sup> A omite: ἰδεῖν καὶ]. *id. ibid.*

<sup>2177</sup> P omite: ἀκατασχέτω [...] φωνῇ]. *id. ibid.*

<sup>2178</sup> C<sub>1</sub>, L: <Φοβητέον> [...] πάντας], que não ocorre em P, A *et alii*;  
LIPSIUS. *A.a.*, 1891, *op.cit.*, t.I, p.85. Em L: *Nonne timendus est, ne talis ac tanti  
viri necem Deus vindicet et nos omenes perire præcipiat?*

<sup>2179</sup> Καὶ [...] γενόμενος omitido em A; VOUAUX. 1922, *op.cit.*, p.434.

<sup>2180</sup> Há uma lacuna no AV: <ma>nete itaque advenientem eum.

<sup>2181</sup> A adiciona: ἀδελφοί; VOUAUX. 1922, *op.cit.*, p.434.

<sup>2182</sup> AV adiciona: *et traditionis illius.*



conduziram perante Agripa. Este, movido por sua paixão insana, ordenou que o crucificasse debaixo da acusação de ateísmo<sup>2183</sup>. Toda a multidão dos irmãos<sup>2184</sup>, ricos e pobres, órfãos e viúvas, humildes e poderosos, correu para ver e arrancar<sup>2185</sup> dali Pedro. O povo gritava sem descanso e com uma só voz:

— “Em que tem delinquido Pedro, Agripa? Que mal tem feito? Dizei romanos<sup>2186</sup>.”

E outros diziam:

— “<Tememos> que este morra, e <seu> Senhor nos aniquile <a todos>.”

Mas Pedro, que se achava presente no lugar, pôs em ordem o povo e disse:

— “Homens que militais por Cristo<sup>2187</sup>, varões que no Cristo esperais, recordai os sinais e prodígios que tendes visto por meu intermédio, lembrai a compaixão de Deus, que por vós realizou tantas curas. Aguardo sua vinda<sup>2188</sup> em que retribuirá a cada um segundo suas obras<sup>2189</sup>. Agora, não vos impacientes com Agripa, pois é apenas um servidor da atividade do pai dele<sup>2190</sup>. Isto ocorre absolutamente tal como o Senhor me fez manifesto que ia suceder<sup>2191</sup>. Mas, porque espero e não vou para a cruz?”

<sup>2183</sup> *Mart. Policarpo*, I,1, Lelong (ed.), Paris: 1910, pp.130ss; art. *cit.* PARAIZO, UNESP / SBEC, 2008, pp.214ss, “ateu” significa que não crê nos deuses romanos; acusação comum contra os cristãos em todos os Atos e Relatos de Martírio; Ἀθηναγόρας ὁ Ἀθηναῖος, *Legac.* III-XXX; *AtsPITe* XXVI *et alii*.

<sup>2184</sup> *syr.* acrescenta: “e com eles muitos habitantes da cidade”; VOUAUX. 1922, *op.cit.*, p.432.

<sup>2185</sup> Atitude comum nos *AtsAp*: *AtsTo* 165; *AtsPl*, *Martírio*, IV,4.

<sup>2186</sup> A versão *syr.* difere: “Cometes, Agripa, uma injustiça contra Pedro. Diz-nos, que mal tem feito a ti ou a algum dos romanos? Nós, romanos, tampouco temos visto Pedro acometer ação alguma punível de morte. Se não o soltas, queimares Roma e nos iremos”. Nos outros *AtsAp* temos exigências parecidas: *Pass. Andr.* VIIss; *AtsTo* CLXV; *Mart. Pauli* IV; *AtsPITe* XXVII, *cf* VOUAUX. 1922, *op.cit.*, pp.428-33.

<sup>2187</sup> Trata-se de jargão do NT; *e.g.* 1Tm 2,4.

<sup>2188</sup> A παρουσία de Cristo (na acepção e recorte de língua encontrados neste texto *gr.*), situa esta datação muito próxima do *Atos* lucano, 2Ts *et alii* e não muito mais além que meados do séc.II (*c<sup>a</sup>*. 150-170).

<sup>2189</sup> Rm 2,6; Jr 25,14; Pv 12,14; 24,12; Eclo 16,15; Mt 16,27.

<sup>2190</sup> AV XVIII, 9; XVI, 3.

<sup>2191</sup> No *syr.-cop.*: “Sabéis que não podemos evitar que se cumpra isto”; VOUAUX. 1922, *op.cit.*, p.435.

## XXXVII

Προσελθόντος<sup>2192</sup> δὲ καὶ παραστάντος τῷ σταυρῷ,  
ἤρξατο λέγειν· Ὡς ὄνομα σταυροῦ<sup>2193</sup>, μυστήριον ἀπόκρυφον· ὃ χάρις  
ἀνέκφραστος<sup>2194</sup> ἐπὶ ὀνόματι σταυροῦ εἰρημένη<sup>2195</sup>. ὃ φύσις<sup>2196</sup> ἀνθρώπου  
χωρισθῆναι θεοῦ μὴ δυναμένη· ὃ ἄρρητε φιλία καὶ ἀχώριστε,

(V)

διὰ χειλέων ῥυπαρῶν ἐκφαίνεσθαι μὴ δυναμένη· βιάζομαι σε νῦν  
πρὸς τῷ τέλει τῆς ἐνθάδε λύσεως ὑπάρχων· ὅστις εἰ δηλώσω σε<sup>2197</sup>.  
οὐκ ἤρεμίσω τὸ πάλαι μεμυκὸς τῇ ψυχῇ μου καὶ κρυπτόμενον τοῦ  
σταυροῦ τὸ μυστήριον. Σταυρὸς μὴ τοῦτο ὑμῖν ἔστω τὸ φαινόμενον<sup>2198</sup>,  
οἱ ἐπὶ Χριστὸν ἐλπίζοντες· ἕτερον γάρ τί ἐστιν παρὰ τὸ φαινόμενον

(X)

τοῦτο κατὰ<sup>2199</sup> <τὸ> τοῦ Χριστοῦ πάθος. Καὶ νῦν μάλιστα, ὅτι<sup>2200</sup> δύνασθε  
οἱ δυνάμενοι ἀκοῦσαι ἐν ἐσχάτῃ ὥρᾳ καὶ τελευταίᾳ τοῦ βίου

<sup>2192</sup> Em A: Προσελθόντος [...] σταυρῷ. Suprimido em P, AV; VOUAUX. 1922, *op.cit.*, p.434.

<sup>2193</sup> AV: *omne crucis mysterium obscurum*. LIPSIUS vê uma possível troca entre *nomen* e *omne*. Em S: Χριστοῦ; *id. ibid.*

<sup>2194</sup> AV: *incomparabilis*.

<sup>2195</sup> Em L: εἰρήνη; neste verso há um erro: *in nomine enim crucis pax*.

<sup>2196</sup> A omite: φύσις [...] μυστήριον; VOUAUX. 1922, *op.cit.*, p.436

<sup>2197</sup> δηλώσω σε]; propõe LIPSIUS. *A.a.*, 1891, *op.cit.*, t.I, p.86; seguimos. Em P: διλόσεσε. Também ὅστις [...] σε] está omitido no AV e L.

<sup>2198</sup> AV adiciona: *fratres*.

<sup>2199</sup> A omite: τοῦ Χριστοῦ [...] πάθος]. E <τὸ> LIPSIUS. *A.a.*, 1891, *op.cit.*, t.I, p.86 adiciona; seguimos.

<sup>2200</sup> Em A: ὅτε]. Em P: ὅτι; VOUAUX. 1922, *op.cit.*, p.436.

## XXXVII - A crucificação de Pedro de cabeça para baixo

Foi para perto e se colocou junto à cruz. Começou então a dizer<sup>2201</sup>:

— “Oh nome da cruz, mistério<sup>2202</sup> oculto! Oh graça inefável, que se expressa com o nome da cruz! Oh natureza humana<sup>2203</sup> que não pode separar-se de Deus!<sup>2204</sup> Oh amor inenarrável e inseparável<sup>2205</sup> que não se pode manifestar através de lábios impuros. Apego-me a ti agora, quando estou a ponto de libertar-me<sup>2206</sup> daqui de baixo. Vou mostrar quem éreis<sup>2207</sup>; não quero calar este mistério da cruz antes fechado e oculto na minha alma<sup>2208</sup>. Para vós, que esperais em Cristo, não seja a cruz o que parece, pois por <a> paixão de Cristo é algo distinto do que se mostra o exterior. Ouvi-me agora especialmente, quando podeis e sois capazes de escutar-me<sup>2209</sup> na última e final hora da minha vida. Escutai: de todo o

<sup>2201</sup> O AV apresenta este discurso sem solução de continuidade.

<sup>2202</sup> 1Cor 2,1 (*var. lectio*) aplicado a cruz. Também JUSTINUS, Flavius. *Dial.* LXXIV. – in: Migme (ed.). *P.G.*, 1857, *op.cit.*, t.VI, col.649.

<sup>2203</sup> 1Pe 2,24; 1Cor 11,22ss, trata-se da natureza humana de Cristo, unida a sua divindade e, a sua vez, também a nossa, já que a humanidade de Cristo carregou os nossos pecados; VOUAUX. 1922, *op.cit.*, p.437, interpreta assim o pensamento cristão da época.

<sup>2204</sup> AUGUSTINUS de Hipona, *Confissiones*, I,1; pensamento petrino expresso aqui em *AtsPe*, 1Pe 1,5.

<sup>2205</sup> É dizer, de todo o mistério da cruz (o Deus crucificado), um grande tema que perpassa todo o NT.

<sup>2206</sup> Rm 7,24.

<sup>2207</sup> O *syr.* – *esl.* tem um texto mais claro: “Me esforço, ao final da minha vida, por dar-te a conhecer”; CLEMENS (Alexandrinus), *Pædagogus*, III,2; VOUAUX. 1922, *op.cit.*, p.438.

<sup>2208</sup> AV: (= Não escondo que em outros tempos ocultava o mistério da cruz). *syr.*: “Não te ocultarei, oh grande mistério da cruz, o qual venero em meu coração e em meu espírito”; VOUAUX. 1922, *op.cit.*, p.436. O “antes [...] oculto” refere-se, possivelmente, ao lapso de tempo entre a morte de Jesus e o Pentecostes, ou seja, sua “iluminação” ou “epifania” em At 2,1ss; Jo 16, 13.

<sup>2209</sup> Conforme *ms. A*, existe bastante probabilidade do *gr.* estar corrompido em: ὅτι δὴνασθε <videre, antea> οὐ (οἱ) δὴνάμενοι <audire et videre> (ἀκοῦσαι), cf VOUAUX, 1922, *op.cit.*, p.438 a partir da versão *arm.* Já para PIÑERO, 2004, *op.cit.*, p.658, nt.325, entende-se melhor esta emenda (ἔτε) eliminando as primeiras palavras. Nós acreditamos que seja uma referência direta aos Sinóticos: “Os que podem ouvir, ouçam”, *e.g.*, Lc 8.8 *et alii*: “(...) os que tenham ouvidos para ouvir, ouçam”.

ὑπάρχοντός μου, ἀκούσατε<sup>2210</sup>. παντός<sup>2211</sup> αἰσθητηρίου χωρίσατε τὰς ἑαυ-  
τῶν ψυχάς, παντός φαινομένου, μὴ ὄντος ἀληθοῦς· πηρώσατε<sup>2212</sup>  
ὑμῶν τὰς ὄψεις ταύτας, πηρώσατε ὑμῶν τὰς ἀκοὰς ταύτας, <χωρίσατε><sup>1</sup>τὰς  
(XV)

πράξεις τὰς ἐν φανερω̃· καὶ γνώσεσθε τὰ περὶ Χριστοῦ γεγονότα<sup>2213</sup>  
καὶ τὸ ὅλον τῆς σωτηρίας ὑμῶν μυστήριον· καὶ<sup>2214</sup> ταῦτα ὑμῖν εἰρήσθω  
τοῖς ἀκούουσιν ὡς μὴ εἰρημένα. Ὡρα δέ σοι, Πέτρε, παραδοῦναι  
τὸ σῶμα τοῖς λαμβάνουσιν<sup>2215</sup>. Ἀπολάβετε οὖν, οἷς ἐστιν ἴδιον.  
Ἀξιῶ οὖν ὑμᾶς τοὺς δημίους, οὕτως με σταυρώσατε, ἐπὶ τὴν κεφαλὴν.  
(XX)

καὶ μὴ ἄλλως· καὶ διὰ τί, τοῖς ἀκούουσιν ἐρῶ<sup>2216</sup>.

2210 A acresce: Μου προτόμωζ. No AV: *nunc maximum mihi in novissimo die audite.*

2211 A omite: παντός [...] ψυχάς]. AV omite: παντός [...] φαινομένου; *id. ibid.*

2212 USENER e BONNET corrigem: πληρώσατε em A, P. No AV: *excæcare oculos et aures vestras.*

2213 A acresce: ἐπὶ Χριστόν. No AV: *Sed in notitiam vestri sit permanere totum mysterium vitae æternæ.* Em L: *et scietis quod in Christo per crucem factum est salutis mysterium;* VOUAUX. 1922, *op.cit.*, p.436.

2214 É uma interpolação que é omitida em A, AV, C<sub>1</sub>, C<sub>2</sub>, *syr.*, *arm.* et alii: καὶ [...] εἰρημένα]; *id. ibid.*

2215 AV: *Sed jam hora est tradere corpus meum.*

2216 A adiciona: σταυρωθεῖς; VOUAUX. 1922, *op.cit.*, p.436.

sentimento aparte-se vossas almas, de todo o aparente, do que não é verdade<sup>2217</sup>. Ceguem<sup>2218</sup> vossos olhos, fechem vossos ouvidos, distanciem-se<sup>2219</sup> das aparências e conhecereis o sucedido com Cristo e todo o mistério da vossa salvação<sup>2220</sup>. Digam-se estas palavras para vós, ouvintes, como se não se pronunciaram<sup>2221</sup>. Este é o momento para ti, Pedro, de entregar teu corpo aos que (querem) tomá-lo. Recebei em troca, portanto, o qualvos pertence. Suplico-os, verdugos, que me crucifiquéis de cabeça para baixo<sup>2222</sup> e não de outra maneira. O motivo vou expô-lo a quem me ouve<sup>2223</sup>.”

<sup>2217</sup> Para VETTER. 1906, p.172, do *arm.* pode-se traduzir: “distancia vossas almas de todo o sensível, de todo o aparente; aparta-os do que não é verdade”.

<sup>2218</sup> *syr.*: “fecha os olhos e os ouvidos das criaturas”; VOUAUX. 1922, *op.cit.*, p.438.

<sup>2219</sup> A e P omitem. LIPSIUS sugere; VOUAUX. 1922, *op.cit.*, p.438 a partir do *cop.* (C<sub>1</sub>, C<sub>2</sub>) e *arm.* O autor se situa no plano do mais puro dualismo platônico: necessidade radical de apartar-se do sensível e aprender o mundo ideal, aqui o mistério da salvação. Os padecimentos são, pois, apenas males em aparência.

<sup>2220</sup> AV: (= Caiu em conta de que todo o mistério da vida eterna permanece). O *syr.* aclara: “fecha [...] para que possais compreender o que havia querido realizar o Messias para a salvação com seu grande mistério”. Trata-se de pensamento gnóstico, Ὠριγένης (= Origenes Adamantius). *Contra Celsum*, III, 17, – in: KOETSCHAU (ed.), *Orig...*, t.I, p.216. – in: Migme (ed.) *P.G.* 1857, *op.cit.*, t.XI, col.941.

<sup>2221</sup> Faltam estas palavras no *ms.* A e nas traduções: VOUAUX. 1922, *op.cit.*, pp.438-9 as considera uma interpolação. Aparentemente é uma proibição que se transmita a outros o discurso de Pedro. A sua insistência é no pensamento principal do contexto, ir mais além do sensível “das palavras” ao mais profundo “da realidade”. É possível que seja inverossímil.

<sup>2222</sup> Pedro deve ter sido crucificado ao revés de outros mártires sob Diocletianus; EUSEBIUS. *H.E.* VIII,viii,1. – in: Migme (ed.) *P.G.*, 1857, *op.cit.* t.XX, col.757. O autor dos *AtsAp* teologiza o discurso aqui: “O motivo vou expô-lo (...)” A ideia é que Pedro não considera digno ser crucificado igual ao seu Mestre, evidencia o texto. BOLYKI acredita representar um giro de 180° na vida religiosa, cultural e ética, *Head Downwards...* – in: BREMMER (ed.), 1998, pp.120-2. A prima menção desta crucificação foi Ὠριγένης (= Origenes Adamantius). – in: EUSEBIUS. *H.E.* III,1. – in: Migme (ed.) *P.G.*, 1857, *op.cit.* t.XX, col.21: Πέτρος δὲ (...) ἐπὶ τέλει ἐν Ῥωμῇ γενόμενος ἀνεσκολοπίσθη κατὰ κεφαλῆς, οὕτως αὐτὸς ἀξιώσας παθεῖν.

<sup>2223</sup> Exortações, admoestações neopitagóricas ao respeitoso silêncio dos ouvintes. Conforme ERBETTA. 1969, pp.134-68 as relaciona com Mt 11,5; 13,9 *et alii*.

## XXXVIII

Ὡς δὲ ἀπεκρέμασαν αὐτὸν ὃν ἤξιώσεν τρόπον,  
 ἤρξατο πάλιν λέγειν· Ἄνδρες, οἷς ἐστὶν ἴδιον τὸ ἀκούειν, ἐνωτίσασθε<sup>2224</sup>  
 ἃ νῦν μάλιστα ὑμῖν ἀναγγελῶ ἀποκρεμάμενος<sup>2225</sup>. Γινώσκετε τῆς  
 ἀπάσης φύσεως τὸ μυστήριον καὶ τὴν τῶν πάντων ἀρχὴν ἣτις  
 (V)

γένεσεν<sup>2226</sup>. Ὁ γὰρ πρῶτος ἄνθρωπος, οὗ γένος ἐν εἶδει ἔχω ἐγώ,  
 κατὰ κεφαλὴν ἐνεχθεὶς ἔδειξεν γένεσιν<sup>2227</sup> τὴν οὐκ οὔσαν πάλαι· νεκρὰ  
 γὰρ ἦν αὐτῇ <μῆ> κίνησιν ἔχουσα<sup>2228</sup>· κατασυρεῖς οὖν ἐκεῖνος ὁ καὶ  
 τὴν ἀρχὴν τὴν ἑαυτοῦ εἰς γῆν ῥίψας, τὸ πᾶν τοῦτο τῆς διακοσμῆσεως

<sup>2224</sup> No AV: *Quibus est voluntas audiendi, audite...* Em L: *Vos vero fratres, quibus est proprium audire, aures cordis apponite...*

<sup>2225</sup> Em L é percebido: γινώσκετε; e assim traduz: *Et nunc quæ annuntianda sunt vobis cognoscite.*

<sup>2226</sup> A acresce: καὶ τῆς τῶν πάντων καταβολῆς τὴν ἀρχὴν. P segue 1Cor 15.47: “ὁ γὰρ πρῶτος ἄνθρωπος ἐκ γῆς χοϊκός, ὁ δευτερός ἐξ οὐπανοῦ”. L traduz vagamente: *et omnis factæ constitutionis initium. id. ibid.*

<sup>2227</sup> A omite: γένεσιν]. No AV: *et totum genus suum in terra projiciens.* Em L: (...) *ostendit olim perditam generationem.*

<sup>2228</sup> Em A: νεκρὰ γὰρ ἦν αὐτῇ μῆ (...) ἔχουσιν. LIPSIUS acresce μῆ seguindo A, *esl.* Em L: *Mortua enim erat generatio ejus et nec vitalem habebat motum.* O syr. acresce: “(...) isto é, a sensação”.

## XXXVIII - O longo discurso de Pedro já pregado na cruz

Quando o colocaram tal como havia pedido, começaram a dizer-lhes novamente:

— “Homens a quem cabe ouvir, dai ouvidos<sup>2229</sup> ao que vos anuncio agora, aqui dependurado. Conheçais o mistério de toda a natureza e que foi o princípio de todas as coisas. O primeiro homem, de cuja estirpe tenho eu a imagem<sup>2230</sup> caído de cabeça para baixo<sup>2231</sup> mostrou uma natureza que não existia antigamente: estava morta, pois não tinha movimento<sup>2232</sup>. Arrastado, pois, estava abaixo aquele que havia atirado a terra em seu primitivo estado e determinou toda esta disposição das coisas<sup>2233</sup>, suspenso de cabeça para baixo, como

<sup>2229</sup> No *cop.*: “prestai atenção aos ouvidos do coração”; VOUAUX. 1922, *op.cit.*, p.442.

<sup>2230</sup> *arm.*: “cuja imagem porto eu”, provavelmente mais fiel ao original. Os comentaristas, de maneira geral, apontam o emprego de termos platônicos nesta parte do discurso: διακόμησις (= o servir), εἶδος (= imagem), γένος (= estirpe), διακόμησις (= o servir), κίνησις (= movimento), συνίσταναι (= congregar), κλήσις (= vocação) não empregados pela ideia da filosofia ateniense, mas inspirados em *AtsJo* e na filosofia popular, que ambas pretendiam unir a cristã e a platônica; VOUAUX. 1922, *op.cit.*, pp.442-3, nt.4.

<sup>2231</sup> Pelo pecado original do paraíso, FICKER; HENNECK. 1924, *op.cit.*, p.481 pensa em uma concepção como a dos valentianos, segundo os quais se falava num terceiro céu, porque a transgressão poderia representar uma queda para baixo; Εἰρηναῖος (= IRINÆUS, de Lyon). *Adversus Hæreses*, I 5,2. – in: Migme (ed.) *P.G.*, 1857, *op.cit.* t.VII. Também PIÑERO, Antonio *et alli*. *Introdução geral das gnosis e gnosticismo*, vol.I – in: *Textos gnósticos. Biblioteca de Nag Hammadi* I. Madrid: Trotta, 2000, pp.72ss.

<sup>2232</sup> A imagem gnóstica do “sem movimento” ancorada a natureza caída do homem, deve ter vindo do *Ap. de João* antes de insuflar o Demiurgo *Ialdabaōth* o hábito de vida de Adão, todo formado, porém “sem movimento”. O Demiurgo *Ialdabaōth* é um “artífice” da criação material calcado no mito da criação de Platão, *Timeu*, que teria influenciado a filosofia judeu-helenista por meio de פִּילֹן הָאֵלֶּכְסַנְדְּרוֹנִי (= *heb.* Pilon ha’Alexandroni; 30 a.C.-†45.d.C.) quando tentava mostrar que Platão teria dito o mesmo que Gênesis – tratado *Sobre a criação do Mundo*. – in: LAYTON. *op.cit.*, p.16.

<sup>2233</sup> No *cop.*: “Lançado cabeça abaixo, ele que havia atirado seu próprio princípio terra baixo, razão para que todas as coisas visíveis para nós na criação trocassem de lugar, semelhança de si mesmo estava suspenso de cabeça para baixo”. No *syr.*: “de volta a sua parte inferior e o pulso sobre a terra, e logo [...] arrazoa segundo sua nova posição”; VOUAUX. 1922, *op.cit.*, p.444.

συνεστήσατο<sup>2234</sup>, εἶδος ἀποκρεμασθεῖς <τῆς> κλήσεως, ἐν ἣ τὰ δεξιὰ  
(X)

ἀριστερὰ ἔδειξεν<sup>2235</sup> καὶ τὰ ἀριστερὰ δεξιὰ, καὶ πάντα ἐνήλλαξεν τῆς  
φύσεως αὐτοῦ σημεῖα, ὡς καλὰ τὰ μὴ καλὰ νοῆσαι καὶ ἀγαθὰ τὰ  
ὄντως κακὰ<sup>2236</sup>. περὶ ὧν ὁ κύριος ἐν μυστηρίῳ λέγει<sup>2237</sup> Ἐὰν μὴ<sup>2238</sup>  
ποιήσητε τὰ δεξιὰ ὡς τὰ ἀριστερὰ καὶ τὰ ἀριστερὰ ὡς τὰ δεξιὰ καὶ  
τὰ ἄνω ὡς τὰ κάτω καὶ τὰ ὀπίσω ὡς τὰ ἔμπροσθεν, οὐ μὴ ἐπιγνῶτε  
(XV)

τὴν βασιλείαν<sup>2239</sup>. Ταύτην οὖν τὴν ἐννοίαν εἰς ὑμᾶς προάξας, καὶ τὸ  
σχῆμα ἐν ᾧ ὁρᾶτε ἀποκρεμάμενόν με, ἐκείνου διατύπωσις ἐστὶν τοῦ  
πρώτως εἰς γένεσιν χωρήσαντος ἀνθρώπου. Ὑμεῖς οὖν, ἀγαπητοί  
μου, καὶ οἱ νῦν ἀκούοντες καὶ οἱ μέλλοντες ἀκούειν<sup>2240</sup>, λήξαντες  
τῆς πρώτης πλάνης ἐπαναδραμεῖν ὀφείλετε<sup>2241</sup>. προσῆκεν γὰρ ἐπι-  
(XX)

βαίνειν τῷ τοῦ Χριστοῦ σταυρῷ<sup>2242</sup>, ὅστις<sup>2243</sup> ἐστὶν τεταμένος λόγος,  
εἷς καὶ μόνος, περὶ οὗ τὸ πνεῦμα λέγει<sup>2244</sup>. Τί γὰρ ἐστὶν Χριστὸς

2234 Verso de difícil compreensão para PIÑERO. 2004, *op.cit.*, p.662. A omite: ὁ. AV omite a frase. O *esl.* acresce a frente de τὸ πᾶν “a própria”. Em L: *Sed tractum misericórdia sua principium venit in mundum per corporalem substantiam ad eum quem iusta sententia in terra projecerat. (...) et suspensum in cruce per speciem hujus honorandæ videlicet crucis restituit, et constituit nobis ea quæ antea hominum iniquo errore immutata fuerunt, præsentia videlicet pro sinistra et quæ pro sinistra ducebantur æterna.*

2235 Em P, *esl.*: ἔδειξεν]. Em A: ἐδόξασεν; LIPSIUS propõe: ἐν εἶδει, que resta inútil; não seguimos.

2236 A adiciona: νομίσαι; *id. op.cit.*, p.438.

2237 A omite a frase e as duas seguintes, em 6 linhas até ἀνθρώπου. L é mais fiel: *Unde dominus in mysterio dixerat (...)*. Em AV: *et dominus ipse dixit (...)*.

2238 A omite: Ἐὰν [...] ἀνθρώπου]; VOUAUX. 1922, *op.cit.*, p.438.

2239 No AV: *non intravit in regna cælorum.*

2240 AV: *Vos autem, dilectissimi fratres, qui nunc auditis primum, qui incipientis audire (...)*.

2241 AV: *et ostendi vobis primum errorem, ut observare possitis.*

2242 No AV: *Subjiciunt me itaque domini mei Jesu Christi cruci.* Em L: *Oportet igitur cum Jesu Christo Deo vero superascendere crucem (...)*.

2243 A suprime: ὅστις [...] λόγος; VOUAUX. 1922, *op.cit.*, p.438.

2244 Em L: *unde et Spiritus dicit.* AV: *Spiritus Sanctus.*



imagem de sua vocação<sup>2245</sup>. Assim digo: que a direita foi para esquerda e a esquerda para direita, trocando os signos da natureza, ao avaliar-se belo o que não era, e bom, o que em realidade, era mal. Sobre tudo isto, diz o Senhor em mistério<sup>2246</sup>: — ‘Se não considerais o direito como sinistro e o sinistro como destro, o acima como de baixo, as coisas posteriores como as de antes, não compreendereis o Reino’<sup>2247</sup>. Portanto, esta concepção<sup>2248</sup> é a que se desenrola ante vós outros e a forma na qual me vedes pendurado é a imagem do homem que deu lugar, a origem primordial. Vós, pois, amados meus, os que me ouvís agora e os que estão destinados a me escutar (depois)<sup>2249</sup>, deveis fazer cessar<sup>2250</sup> abandonando o erro primitivo<sup>2251</sup>. Convém, pois, subir a cruz de Cristo, que é a palavra propagada<sup>2252</sup>, uma e única, sobre a qual o Espírito diz: — ‘O que é, pois,

---

<sup>2245</sup> 1Cor 1,26; Ef 3,14. Refere-se a imagem humana posterior à queda pecaminosa articulado com a palavra “vocação” (= eleição; doutrina polêmica que ocorre aqui), seguindo 1Pe 1,2; Ap 17,14; Rm 11,7; Tt 1,1; Cl 3,12 *et alii*. Ver-se-á logo adiante, neste cap., a penitência para tal estado primitivo. A lenda posterior perderá um pouco do sentindo teológico seguramente muito mais profundo aqui, para ser apenas um exemplar do ato de humildade – o “não se achando digno de morrer na mesma posição de Cristo”.

<sup>2246</sup> *syr.*: “Em forma de parábola”, que convém bem ao sentido; *ms. L esl.*: *Unde dominus in mysterio dixerant...* (mantendo-se fiel ao plural) VOUAUX. 1922, *op.cit.*, p.446. No AV: *et dominus ipse dixit (...)*.

<sup>2247</sup> LIPSIUS. *A.a.*, 1891, *op.cit.*, t.I, p.94; e depois HENNECKE, cita o *Ev. dos Egípcios* (H-S, I, p.115). Parece muito incerta esta glosa, preservada no *Mart. do Ps-Linus*, XIV e *AtsFil*. CLX conforme LIPSIUS. – *in*: BONNET. 1891, *op.cit.*, t.II, vol.2, p.174. Parece mais um ἄγραφον (= independente do cânon ou não atribuída), talvez derivado de Jo 3,5; Ap 21,5, κτλ.

<sup>2248</sup> AV lê: (= disposição de Deus).

<sup>2249</sup> AV lê: (= os que se empenharem a ouvir, lhes mostrarei o primeiro erro para que possais dar-se em conta dele). — Os que logo serão cristãos. O autor deveria ter alguma expectativa de uma audição pela leitura futura.

<sup>2250</sup> No *syr.*: “Subindo a esta cruz que os havia ensinado a subir do erro primitivo para a pátria acima”; VOUAUX. 1922, *op.cit.*, p.446.

<sup>2251</sup> Situação de queda ocasionada pelo pecado original. *cop.*: “abandonando o erro primitivo, pois é o que vos convém, vós que esperais no Senhor e em sua cruz”; *Mart. Paulii*, IV. VOUAUX. 1913, *op.cit.*, p.298. Também JUSTINUS, Flavius. *Dial.* LXXXVIII, 4. – *in*: Migme (ed.). *P.G.*, 1857, *op.cit.*, t.VI, col.685: Τοῦ γενοῦς τοῦ τῶν ἀνθρώπων, ὁ ἀπὸ τὸ Ἀδὰμ ὑπὸ θάνατον καὶ πλάνην τὴν τοῦ ὄφεως ἐπεπτόκει.

<sup>2252</sup> Expressão salvífica do λόγος (conceito de apropriação gnóstica) se estende em múltiplos desdobramentos. Versões antigas dizem: *arm.* e *esl.*:

ἀλλ' ὁ λόγος, ἦχος τοῦ θεοῦ<sup>2253</sup>; Ἴνα λόγος ἦ τοῦτο τὸ ὀρθὸν<sup>2254</sup> ξύλον,  
 ἐφ' ᾧ ἐσταύρωμαι· ἦχος δὲ τὸ πλάγιόν ἐστιν, ἀνθρώπου φύσις<sup>2255</sup>.  
 ὁ δὲ ἦλος<sup>2256</sup> ὁ συνέχων ἐπὶ τῷ ὀρθῷ ξύλῳ τὸ πλάγιον κατὰ μέσου,  
 (XXV)

ἡ ἐπιστροφή καὶ ἡ μετάνοια τοῦ ἀνθρώπου.

### XXXIX

Ταῦτά μοι οὖν σοῦ γνωρίσαντος καὶ ἀποκαλύψαντος,  
 λόγε ζωῆς<sup>2257</sup> ξύλον νῦν ὑπ' ἐμοῦ<sup>2258</sup> εἰρημένον, εὐχαριστῶ σοι οὐκ ἐν  
 χειλεσιν τούτοις τοῖς προσηλωμένοις, οὐδὲ γλώσση, δι' ἧς ἀλήθεια  
 καὶ ψεῦδος προέρχεται, οὐδὲ λόγῳ τούτῳ <τῷ><sup>2259</sup> ὑπὸ τέχνης φύσεως  
 (V)

ὕλικῆς προερχομένῳ<sup>2260</sup>, ἀλλ' ἐκείνη τῆ φωνῆ εὐχαριστῶ σοι, βασιλεῦ,

---

“palavra disposta”; *syr.*: “palavra imensa bondade”; *ethi.*: “escrita”; *cop.*:  
 “palavra reta que tudo preenche”; VOUAUX. 1922, *op.cit.*, pp.445-51.

<sup>2253</sup> P omite: τοῦ θεοῦ]; inexistente no AV. O *esl.*, L, *syr.*, *ethio.*: colocam  
 καὶ adiante de ἦχος.

<sup>2254</sup> P suprime: ὀρθόν] seguindo AV. O *esl.* omite: ξύλον; VOUAUX. 1922,  
*op.cit.*, p.438.

<sup>2255</sup> No *arm.*: καὶ τὸ πλάγιόν ξύλον ἀνθρώπου φύσις. No AV: *clavum autem  
 de plagio hominis figura est*, mas o texto aqui não é compreensível.

<sup>2256</sup> ἦλος] corrigido LIPSIUS. *A.a.*, 1891, *op.cit.*, t.I, p.90, seguindo *syr.*, P,  
 C<sub>1</sub>, C<sub>2</sub> e *esl.* Em P: λόγος. No AV: *Clavus autem qui continet et* (palavra  
 suprimida) *ligno* (por *lignum*) *plagio im medio, conversio et panitentiam* (por  
*paenitentia*) *hominis est*.

<sup>2257</sup> Alteramos a vírgula no texto crítico de VOUAUX para depois de;  
 teologicamente é mais lógico λόγε ζωῆς, (= oh Palavra de Vida); geralmente o  
 genitivo grego neste texto ocorre posteriormente ou entre o art. e o subst.; também  
 atende melhor o AV: *revelasti quod est verbum vitae, (...)*. Outros optam pelo  
 contrário.

<sup>2258</sup> Depois de ἀποκαλύψαντος lê-se em A: ᾧ νῦν ξύλον ζωῆς ὑπ' ἐμοῦ;  
 VOUAUX. 1922, *op.cit.*, p.452. No AV: *Hæc autem, domine, tu mihi in notitiam  
 pertulisti; revelasti quod est verbum vitae, nunc a me lignum dictum*.

<sup>2259</sup> <τῷ> acrescido por LIPSIUS. *A.a.*, 1891, *op.cit.*, t.I, p.92.

<sup>2260</sup> προερχομένῳ] corrigido por LIPSIUS, *ibid.*: προσερχομένῳ, que segue  
 P e A.

Cristo, senão a Palavra, eco de Deus?<sup>2261</sup> Assim, este madeiro duro sobre o qual eu estou sendo crucificado é a Palavra; o eco é o travessão, a natureza humana<sup>2262</sup>; e o cravo que une pelo meio o travessão com o madeiro vertical é a conversão e o arrependimento do homem.<sup>2263</sup>

XXXIX (I) A ti, que a mim se revelou e foi feito conhecer todas estas coisas, palavra de vida, a quem agora e por minha causa, é chamado madeiro; a ti te dou graças com estes lábios com um cravo atravessado, nem com essa língua, que dela procede a verdade e a mentira, nem tão pouco com uma palavra emitida pela ação de uma natureza mortal. Dou-te graças, pelo contrário, oh rei,

---

<sup>2261</sup> O “eco” seria um λόγιον desconhecido ou fictício, provavelmente inspirado em Jo 1.1,3,9 e 10. Nosso apoio está no *cop.* C<sub>2</sub> de onde significação da cruz é a palavra, voz de Deus.

<sup>2262</sup> A interpretação se dá por alegoria seguindo XXXVII,1: a união da humanidade com a natureza de Cristo no momento da redenção pela cruz. A união dos madeiros (poste e travessão) se dá pelo cravo.

<sup>2263</sup> Esta passagem toda “Convém, pois, subir na cruz...” está inspirada numa antiga forma litúrgica que exaltava a imitação de Cristo na cruz: *Ods. Sal.* 27, 1-3; 42, 1-2<sup>a</sup> e 35,7 segundo B. McNEIL. *VirgChr* XXXIII, 1979, pp.342ss; também VOUAUX. *op.cit.*, pp.450-1; e ainda PIÑERO. 2004, *op.cit.*, p.667.

τῆ δια σιγῆς νοουμένη, τῆ μὴ ἐν φανερωῷ ἀκουομένη, τῆ μὴ δι' ὀργάνων σώματος προϊούση<sup>2264</sup>, τῆ μὴ ἐν σάρκινᾳ ὄτα πορευομένη, τῆ μὴ οὐσία φθαρτῆ ἀκουομένη<sup>2265</sup>, τῆ μὴ ἐν κόσμῳ οὔση καὶ ἐν γῆ ἀφιεμένη, μηδὲ ἐν βίβλοις γραφομένη<sup>2266</sup>, μηδὲ τινὶ μὲν οὔση<sup>2267</sup>, τινὶ

(X)

δὲ οὐκ οὔση· ἀλλὰ ταύτη, Ἰησοῦ Χριστέ, εὐχαριστῶ σοι<sup>2268</sup>. σιγῆ φωνῆς<sup>2269</sup>, ἡ<sup>2270</sup> τὸ ἐν ἐμοὶ πνεῦμα σε<sup>2271</sup> φιλοῦν καὶ σοὶ λαλοῦν καὶ σε ὀρῶν ἐντυγχάνει. Σὺ καὶ μόνῳ πνεύματι νοητός· σύ μοι πατήρ<sup>2272</sup>, σύ μοι μήτηρ<sup>2273</sup>, σύ μοι ἀδελφός, σὺ φίλος, σὺ δοῦλος, σὺ οἰκόνομος· σὺ τὸ πᾶν καὶ τὸ πᾶν ἐν σοί· καὶ τὸ ὄν σύ<sup>2274</sup>, καὶ οὐκ ἔστιν ἄλλο ὃ

<sup>2264</sup> AV, arm. omitem: *qui (suprime non) per organum corporali (por corporale) exigit (por exiit)*.

<sup>2265</sup> A, arm. trocam por: φύσει φθαρτῆ. No AV: *sed illa, quae est incorrupta*, suprimindo οὐσία e ἀκουομένη. No syr. trocado por: “*natureza impura*”; VOUAUX. 1922, *op.cit.*, p.454.

<sup>2266</sup> Em L: *quae in libris materialibus non scribitur*.

<sup>2267</sup> O AV omite. Em L: *neque quemquam materialiter patitur moveri, neque materialiter existit*.

<sup>2268</sup> No AV: *domine Jesu Christe (...)*. Em L: *illo inquam spiritu, Jesu Christe domine et magister meus, gratias ago tibi (...)*. No syr. lê-se: “oh meu Senhor Jesus”; VOUAUX. 1922, *op.cit.*, p.454.

<sup>2269</sup> Em P: ἡσιγῆ φωνῆς]. Em A: τῆ δὲ σῆ φωνῆ; *id. ibid*.

<sup>2270</sup> A omite: ἡ].

<sup>2271</sup> Em P: πνεῦμα σε]. Em A: πατέρα σε, que após σε ὀρῶν adiciona τὸν θεόν μου; *id. ibid*.

<sup>2272</sup> A adiciona: κύριε.

<sup>2273</sup> P omite: σύ μοι μήτηρ]. No AV: troca por *procurans*. L muda completamente: *Tu mihi, domine, pater et amicus, auctor et prefector salutis, tu desiderium, tu refrigerium et tu satietas*.

<sup>2274</sup> A, esl. suprimem: καὶ τὸ ὄν σύ]; VOUAUX. 1922, *op.cit.*, p.454. No AV: *et quidquid tu, et non est alius nisi tu*.

com essa voz compreendida pelo silêncio<sup>2275</sup>, que não se ouve no aparente, nem se emite pelos órgãos corporais, não penetra nos ouvidos carnis, nem é ouvida por uma natureza corruptível, que não está no mundo nem ressoa sobre a terra, que não se escreve nos livros e não pertence a um sem ser de outro<sup>2276</sup>; com essa voz dou-te graças, Jesus Cristo. Com o silêncio dessa voz<sup>2277</sup> o Espírito que está em mim te ama, te fala e te contempla. Tu que és compreensível só pelo Espírito<sup>2278</sup>, Tu, meu pai, minha mãe, meu irmão, meu amigo; Tu, servo e administrador<sup>2279</sup>. Tu eras o todo e o todo está em ti<sup>2280</sup>. Tu eras o ser e

<sup>2275</sup> É uma das maiores expressões do pensamento gnóstico, assim com as outras que se seguem. O papel do silêncio, entretanto, era muito importante entre os pitagóricos e estoicos, de modo que bem pode pertencer ao acervo da filosofia popularizada da época imperial; Φλάβιος Φιλόστρατος (Lucius Flavius PHILOSTRATUS). *Vita Apollonii Tyanei*. I, 14,15,16; VI,11; também EUSEBIUS Phamphili. *Præpar. euang.* XI, 18. – in: Migme (ed.) *P.G.* 1857, *op.cit.*, t.XXI, cols.891ss; ainda temos Aurelius AUGUSTINUS. *Confissiones* IX, 25. – in: Migme (ed.) *P.L.*, 1841, *op.cit.*, t.XXXII, col.192; ou ainda Εἰρηναῖος (= IRINÆUS, de Lyon). *Adversus Hæreses*, I,11. – in: Migme (ed.) *P.G.*, 1857, *op.cit.* t.VII; menções feitas no art. *cit.* J. MOSERRAT TORRENTS. *Los gnósticos*, 1983, *op.cit.*, pp.256-57.

<sup>2276</sup> Pertence a todos, a um e a todos, a ninguém como exclusiva. É mais claro o *cop.*: “que não é de um nem tão pouco de outro”. Uma voz espiritual, Rm 8.9; 1 Cor 3.23.

<sup>2277</sup> No *arm.*: “que só tu conheces, ouve, Senhor, a voz do espírito que te ama”. No *AV.* (= com o silêncio de tua voz que está em mim). Dos paralelos todos o que mais chama a atenção é o com Ἰγνάτιος Ἀντιοχείας (Inácio, de Antioquia), *ad Magnesios*, VIII,2 usando frase atribuída a Cristo: ὅς ἐστιν αὐτοῦ (Θεοῦ) λόγος ἀπὸ σιγῆς προελετών do *Opus imperfectum*, *In Math. Hom.* I. – in: Migme (ed.) *P.G.* 1857, *op.cit.*, t.LVI, col.637: os magos glorificavam a Deus *in silencio et uoce tacita*. Também cf *AtsJo* CIII; VOUAUX. 1922, *op.cit.*, pp.453-5.

<sup>2278</sup> Esta *locutio exprimere* pode remete o autor como de alguém ligado à filosofia neoplatonista.

<sup>2279</sup> Mt 19.29; Mc 10.30; Mt 10.37; Lc 14.26; Mt 20.28; Fl 2.7; Lc 7.42. Expressões que parecem fortes. A vs. *esl.* omite “servo”; no *cop.*: “Tu és meu Senhor, e eu, teu servo”; e no *sy.*: “Tu me fortificas, te éreis minha força, ajuda, esperança e guia”. — O *AtsFlp*, XVIII, LIPSIUS. – in: BONNET, t.II, II, p.10 lembra Jesus como “administrador”, VOUAUX. 1922, *op.cit.*, p.457, e também traça um paralelo com as palavras de Andromaca à Heitor; HOMERO. *Ilíada*, VI, 429, *op.cit.* Ainda Mt 10.38; 16.29; Mc 8.34; Lc 9.23 *et alii*.

<sup>2280</sup> Col 1.19; 2.9. A fórmula soa bem estoica (concepção da alma, do mundo e o todo que o penetra).

## (XV)

ἔστιν εἰ μὴ μόνος σύ. Ἐπὶ τοῦτον οὖν καὶ ὑμεῖς<sup>2281</sup>, ἀδελφοί, καταφυγόντες καὶ ἐν αὐτῷ μόνῳ τὸ ὑπάρχειν ὑμᾶς<sup>2282</sup> μαθόντες, ἐκείνων τεύξεσθε, ὧν λέγει ὑμῖν· ἅ οὔτε ὀφθαλμὸς εἶδεν, οὔτε οὖς ἤκουσεν<sup>2283</sup>, οὔτε ἐπὶ καρδίαν ἀνθρώπου οὐκ<sup>2284</sup> ἀνέβη. Αἰτοῦμεν οὖν περὶ ὧν ἡμῖν ὑπέσχοι δοῦναι, ἀμίαντε<sup>2285</sup> Ἰησοῦ· αἰνοῦμέν σε, εὐχαριστοῦμέν σοι

## (XX)

καὶ ἀνθομολογοῦμεθα, δοξάζοντές σε ἔτι ἀσθενεῖς ἄνθρωποι, ὅτι σὺ<sup>2286</sup> θεὸς μόνος καὶ οὐχ ἕτερος, ᾧ ἡ δόξα καὶ νῦν καὶ εἰς πάντας τοὺς αἰῶνας τῶν αἰῶνων. Ἀμήν.

## XL

Ὡς δὲ τὸ παρεστὸς πλῆθος τὸ ἀμὴν μεγάλῳ ἤχῳ ἐφώνει, ἅμα αὐτῷ τῷ ἀμὴν τὸ πνεῦμα ὁ Πέτρος τῷ κυρίῳ παρέδωκεν<sup>2287</sup>. Ὁ δὲ Μάρκελλος, μηδὲ γνώμην τινὸς λαβῶν<sup>2288</sup>, ὁ μὴ ἐξὸν

2281 P adiciona: ὑμεῖς (ημησ).

2282 Em P: ὑμᾶς (ημασ); VOUAUX. 1922, *op.cit.*, p.456

2283 P omite: οὔτε οὖς ἤκουσεν].

2284 A omite: οὐκ].

2285 A omite: ἀμίαντε Ἰησοῦ· αἰνοῦμέν σε]; VOUAUX. 1922, *op.cit.*, p.458.

2286 A acresce: εἰ κύριος que segue o AV: traduzindo οὐκ ἔστιν ἕτερος θεός, σοὶ ἡ δόξα (...) por: *tu es dominus solus et non est alius. tibi honor (...)*.

2287 Em P: Ὡς δὲ τὸ παρεστὸς [...] παρέδωκεν]. Em A: Ὡς δὲ τὸ παρεστὸς ὄχλος μεγάλῃ τῇ φωνῇ τὸ ἀμὴν ἀπέπεμψεν ἅμα αὐτῷ, καὶ Πέτρος τῷ κυρίῳ τὸ πνεῦμα παρέδωκεν. No *esl.*: simplemente “Pedro rende o espírito”; VOUAUX. 1922, *op.cit.*, p.458. No AV: *Circunstantes autem máxima vocē dixerunt amen.*

2288 No AV: *Marcellus itaque consilium cuiusquam petens (...)*. Em A: γνώμης.

não há coisa que exista, senão somente Tu<sup>2289</sup>. Vós, irmãos, buscais o refúgio e apreendendo que só existe Nele<sup>2290</sup>, conseguireis<sup>2291</sup> as coisas de que vos fala: — ‘as quais nem olho viu, nem ouvido escutou, nem subiu ao coração do homem’<sup>2292</sup>. Pedimos-te o que havia prometido dar-nos, Jesus sem mácula. Louvamos-te, te damos graças e confessamos a ti, glorificando-te nós, débeis seres humanos, porque somente Tu eras Deus e não há outro<sup>2293</sup>, a quem seja a glória agora por todos os séculos. Amém<sup>2294</sup>.”

## XL - O enterro do Apóstolo

A multidão que se achava presente pronunciava amém em alta voz<sup>2295</sup> e enquanto ressoava seu eco, entregou Pedro seu espírito<sup>2296</sup> ao Senhor. Marcelo, sem consultar a ninguém, posto que não fosse

---

<sup>2289</sup> Os textos *esl.* e *syr.* colocam: “não outro Salvador, senão tu somente” e “tu eras o que és e não há ninguém, salvo tu, que ame os homens”. *vide* Ex 3.14; Ap 1.4,8; 12,13; At 4,12; VOUAUX. *ibid.*

<sup>2290</sup> At 17.28.

<sup>2291</sup> Em A: “conseguireis aquilo que (Deus) prometeu dá-los (...)”. No *arm.*: “sede obedientes ao evangelho do Senhor para que recebam o prêmio infalível dos dons outorgados pelo Senhor a todos”; VOUAUX. 1922, *op.cit.*, p.454. Temos no AV: (= buscai nele refúgio, esperando tudo dele).

<sup>2292</sup> Empréstimo de 1Cor 2.9: “Mas, como está escrito: As coisas que o olho não viu, e o ouvido não ouviu, e não subiram ao coração do homem são as que Deus preparou para os que o amam”, que ainda parece ser uma fórmula ainda mais antiga; ROPES, James Hardy. *Die Sprüche Iesu*. 1897. – in: Adolf Harnnack; Carl Schmidt (eds.). *Texte und Untersuchungen*. Leipzig: Hinrichs, 1883-1913, t.XIV. fasc.2, pp.19-22.

<sup>2293</sup> Para evitar mal entendido a vs. *cop.* corriji: “Tu somente eras Deus e junto a Ti, oh bom Pai e o Espírito Santo”.

<sup>2294</sup> 1Pe 3.18, Doxologia.

<sup>2295</sup> A vs. *syr.* continua assim depois do Amém; 1Cor 14,16: “Permanecei em paz, filhos misericordiosos, os recomendo a vós e a Igreja presente e futura que creiais no Criador, que foi um homem belo e deleitoso, a quem os homens foram unidos por Jesus, Messias, Deus e Filho do Altíssimo”. *cf* também *Ev. de Nicodemos*, XII,1; XVI,7.

<sup>2296</sup> Jo 19,30: Amem... *consummatum est*; depois o *AstPl* – *Mart.Pl.* V. VOUAUX, 1913, *op.cit.*, p.307, seguirá por analogia.

ἦν<sup>2297</sup>, ἰδὼν ὅτι ὁ μακάριος Πέτρος ἀπέπνευσεν, ἰδίαις χερσὶν καθε-  
(V)

λῶν αὐτὸν<sup>2298</sup> τοῦ σταυροῦ ἔλουσεν ἐν γάλακτι καὶ οἴνῳ· καὶ κόψας  
χίας μνᾶς ἐπτά<sup>2299</sup> καὶ σμύρνης καὶ ἀλόης καὶ φύλλου ἄλλας πεν-  
τήκοντα, ἐσμύρνησεν<sup>2300</sup> αὐτοῦ τὸ λείψανον, καὶ γεμίσας μάκτραν<sup>2301</sup>  
λιθίνην τιμήματος πολλοῦ Ἀττικοῦ μέλιτος, ἐν τῷ ἰδίῳ αὐτοῦ  
μνημεῖῳ κατέθετο αὐτό. Ὁ δὲ Πέτρος Μαρκέλλῳ ἐπιστὰς νυκτὸς  
(X)

ἔλεγεν<sup>2302</sup>. Μάρκελλε, <οὐκ><sup>2303</sup> ἤκουσας τοῦ κυρίου λέγοντος· Ἄφετε τοὺς  
νεκροὺς θάπτεσθαι ὑπὸ τῶν ἰδίων νεκρῶν; Τοῦ δὲ Μαρκέλλου  
εἰρηκότος· Ναί<sup>2304</sup>, ὁ Πέτρος αὐτῷ εἶπεν· Ἐκεῖνα<sup>2305</sup> οὖν ἃ παρέσχου  
εἰς τὸν νεκρὸν, ἀπώλεσας· σὺ γὰρ ζῶν ὑπάρχων ὡς νεκρὸς  
νεκροῦ ἐπεμελήθης. Ὁ δὲ Μάρκελλος διωπνισθεὶς τοῦ Πέτρου<sup>2306</sup>  
(XV)

τὸν ἐμφανισμὸν τοῖς ἀδελφοῖς διηγήσατο<sup>2307</sup> καὶ ἦν ἅμα τοῖς ὑπὸ Πέτρου  
στηριχθεῖσιν τῇ εἰς τὸν Χριστὸν πίστει, στηριζόμενος<sup>2308</sup> καὶ αὐτὸς  
ἔτι μᾶλλον μέχρι τῆς ἐπιδημίας Παύλου τῆς εἰς Ῥώμην<sup>2309</sup>.

2297 Em A: μὴ ἐξὸν ἦν. No AV: *quod non licebat nisi petisset* (...).

2298 A acresce: ἀπὸ. No AV: *manibus suis deponens corpus illius*.

2299 Em A: ἐπτά [...] ἄλλας]. P, AV, *esl.* omitem; VOUAUX. 1922, *op.cit.*,  
p.460. No AV: *et murra pæne pondo quinquaginta* (...).

2300 AV, L omitem: ἐσμύρνησεν [...] λείψανον, *condivit eum diligentissime*.

2301 μάκτραν ] corrigido por LIPSIUS. A.a., 1891, *op.cit.*, t.I, p.100. Em P:  
σμάτρων. Em A: σῶρον. No AV: *implens sarchophagum e perfundens melle  
attico*.

2302 Em P: Ὁ δὲ Πέτρος [...] νυκτὸς ἔλεγεν]. Em A: ἐπιφανεῖς νυκτὸς ἔλεγεν  
πρὸς αὐτόν. Mas P *suprime*: νυκτὸς; VOUAUX. 1922, *op.cit.*, p.462.

2303 A acresce: οὐκ. No AV: *Marcelle, quomodo audisti verbum*. Em L:  
*Frater Macelle, non audisti vocem domini dicentis* (...).

2304 Em A: Ναί, ὁ Πέτρος]. Em P, *esl.*: Καὶ ὁ Πέτρος. No AV: *Iterum dicit  
in (somnia) ad eum Petrus: Illa quae contu-(listi) in mortuo perdidisti*.

2305 Em A: Ἐκεῖνα [...] ἀπώλεσας]. Em P: Πέτρῳ ἐκεῖνα οὐ παρέσκου ἅ εἰς  
τὸν νεκρὸν αὐτοῦ ἀπώλεσας.

2306 A omite: τοῦ Πέτρου]; VOUAUX. 1922, *op.cit.*, p.464.

2307 Em A troca: διηγήσατο por ἀνήγγειλεν, e omite καὶ ἦν ἅμα; *id. ibid.* No  
AV: *Marcellus (ita)que expergefactus rettulit fratribus quomodo sibi apparuisset  
apostolus Christi Petrus*.

2308 Em A: ἐπιστηριζόμενος.

2309 Em A: (...) μᾶλλον τῇ ἐπιδημία Παύλου τῇ εἰς Ῥώμην.



possível<sup>2310</sup>, ao ver que o bem-aventurado Pedro havia expirado, o baixou da cruz com suas próprias mãos e lavou seu corpo com leite e vinho<sup>2311</sup>. Logo, triturando sete libras de lentisco e cinquenta de mirra, alóe e outras especiarias, embalsamou seu cadáver, encheu um recipiente pétreo com mel<sup>2312</sup> ático de grande valor<sup>2313</sup> e colocou Pedro em sua própria tumba<sup>2314</sup>. Este aparecendo pela noite a Marcelo, lhe disse<sup>2315</sup>:

— “Marcelo, não tens ouvido o que o Senhor disse: “deixa que os mortos enterrem os seus próprios mortos?”<sup>2316</sup>”

Marcelo respondeu:

— “Sim.”

Pedro acrescenta:

— “Tens perdido o que consagrou ao cadáver. Tu, embora vivas, tens te ocupado de um morto como se estivesses morto tu mesmo<sup>2317</sup>.”

Despertou Marcelo e contou aos irmãos a aparição de Pedro e permaneceu com os que isto havia fortalecido a fé em Cristo, robustecido ele mesmo sobremaneira até a chegada de Paulo a Roma<sup>2318</sup>.

<sup>2310</sup> Em *gr.* ὁ μὴ ἐξὸν ἦν, é uma frase ambígua, que poderia significar também “o que não estava permitido”, tal como se vê nas versões *cop.*

<sup>2311</sup> O *syr.* precisa: “com leite novo e vinho velho”. Parece ter sido assim o costume.

<sup>2312</sup> O mel tem grande significado litúrgico neste séc.II, simbolizando a vida como a vida com Cristo é doce. Ocorre até a interpolação famosa na obra lucana em Lc 21,12 “(...) apresentaram-lhe parte de um peixe assado e um favo de mel (...)”.

<sup>2313</sup> Uma homenagem funerária ao falecido. Poderia ser também um mel muito resistente em termos de tempo. O *AV* e *syr.* dão a entender melhor: com maior precisão que Marcelo preencheu um sarcófago de mel e colocou nele o corpo de Pedro – como adição ao embalsamento – dentro do recinto da própria tumba.

<sup>2314</sup> Mt 27,59-60: Marcelo fez o mesmo por Pedro tipificando o que José de Arimateia havia feito por Jesus.

<sup>2315</sup> É uma remissão às aparições do Ressurreto; segue At 1,3. Com paralelos no *Martírio de Paulo*, VI e VII; *AtsFi.* XLII, segundo LIPSIUS. *Aa...* t.II, vol.2, p.89. Também Ἀπολλώνιος ὁ Τυανεύς (= *lat.* Apollonius Tyan(a)eus) aparece também depois da morte para um discípulo; PHILOSTRATUS. *Vita Apollonii Tyanei*, VIII,31.

<sup>2316</sup> Segue Mt 8,22; Lc 9,60, que marcam a concepção ascética deste séc. II.

<sup>2317</sup> *AtsJo* XXIX, ao final. João disse a Licomedes que tinha ordenado um pintor que fizesse um quadro do apóstolo: “o que tens feito é infantil e imperfeito. Tens pintado uma pintura morta de um morto”.

<sup>2318</sup> É possível, pelo retorno da sua viagem a Espanha.

## XLI

Ὁ δὲ Νέρων<sup>2319</sup> γνούς ὕστερον τὸν<sup>2320</sup> Πέτρον ἀπηλλαγ-  
 μένον τοῦ βίου, ἐμέμνητο τῷ πραιφέκτῳ Ἀγρίππᾳ<sup>2321</sup>, ὅτι μὴ μετὰ  
 γνώμης αὐτοῦ ἀνηρέθη. Ἐβούλετο γὰρ αὐτὸν περισσοτέρᾳ κολάσει  
 καὶ μείζον τιμωρήσασθαι<sup>2322</sup>. καὶ γὰρ τινὰς τῶν πρὸς χεῖρα αὐτοῦ ὁ  
 (V)

Πέτρος μαθητεύσας ἀποστῆναι αὐτοὺς ἐποίησεν· ὡς ὀργίλως  
 διακεῖσθαι<sup>2323</sup> καὶ χρόνῳ ἰκανῷ τῷ Ἀγρίππᾳ μὴ λαλῆσαι. Ἐζήτει  
 γὰρ<sup>2324</sup> πάντας τοὺς ὑπὸ τοῦ Πέτρου μαθητευθέντας ἀδελφοὺς ἀπολέσαι.  
 Καὶ ὄρᾳ νυκτός τινὰ μαστίζοντα αὐτὸν καὶ λέγοντα<sup>2325</sup>. Νέρων, οὐ  
 δύνασαι νῦν τοὺς τοῦ Χριστοῦ δούλους διώκειν ἢ ἀπολλύειν· ἀπέχου  
 (X)

οὓν τὰς χεῖρας ἀπ' αὐτῶν<sup>2326</sup>. Καὶ οὕτως ὁ Νέρων περίφοβος γεγονώς  
 ἐκ<sup>2327</sup> τῆς τοιαύτης ὀπτασίας<sup>2328</sup> ἀπέστη τῶν μαθητῶν<sup>2329</sup> ἐκεῖνῳ τῷ καιρῷ,  
 καθ' ὃν καὶ ὁ<sup>2330</sup> Πέτρος<sup>2331</sup> τοῦ βίου ἀπηλλάγη. Καὶ ἦσαν<sup>2332</sup> τὸ λοιπὸν  
 οἱ ἀδελφοὶ ὁμοθυμαδὸν εὐφραίνόμενοι καὶ ἀγαλλιῶντες ἐν κυρίῳ,  
 δοξάζοντες τὸν θεὸν καὶ σωτῆρα τὸν κύριον ἡμῶν Ἰησοῦν Χριστὸν  
 (XV)

2319 Em AV: *Imperator vero*. Em L: “O imperador Nero César”.

2320 A acresce: μακάριον; VOUAUX. 1922, *op.cit.*, p.462. No AV: *postquam scivit Petrum mortuum (...)*.

2321 Em A: τῷ πραιφέκτῳ Ἀγρίππᾳ]. Em P: τὸν ἑπαρχὸν Ἀγρίππᾳν. No AV: *quod sine consilio suo fecisset*.

2322 Em A: περισσοτέρᾳ κολάσει αὐτὸν μείζονι καὶ τιμωρίᾳ τιμωρήσασθαι αὐτὸν. No AV: *volebat enim Petrum variis cruciatibus perdere*.

2323 Em A: τὸν Νέρωνα; VOUAUX. 1922, *op.cit.*, p.466. No AV: *et valde furiebatur Nero*.

2324 A acresce: Ἐζήτει οὓν ὁ Νέρων. No AV: *Quærebat enim omnes male perdere*.

2325 A acresce: πρὸς αὐτόν. No AV: *Et dum hoc cogitat...*

2326 P omite: ἀπ' αὐτῶν]. No AV: *Abstine ergo manus tuas a servis meis, minus ne senties si me contempseris*.

2327 P omite: ἐκ [...] ὀπτασίας. *id. ibid.*

2328 P, C<sub>1</sub>, C<sub>2</sub>, *arm.*, L, *syr.* e AV omitem: com uma razoável probabilidade não estaria no texto *gr.* do *AtsPe* primitivo.

2329 Em P: ἐξέστη. No AV: *Sic autem Nero timore accepto abstinuit manus suas a discentibus Dei et Christi*. Em L: simplesmente *Unde parum pavefactus quievit*.

2330 P adiciona: μακάριος.

2331 Em P: ὁ μακάριος Πέτρος. No AV: *quo termino Petrus arcessitus est*.

2332 P suprime: ἦσαν [...] αἰώνων].

## XLI - A contenda entre Nero e Agripa

Nero inteirou, posteriormente, de que Pedro havia deixado a vida e repreendeu o prefeito Agripa porque o havia condenado sem seu consentimento, pois desejava castigá-lo mais longa e duramente. Pedro, com efeito, havia instruído alguns dos seus servidores e os havia apartado dele<sup>2333</sup>. Por este motivo se manteve encolerizado com Agripa sem falhar-lhe durante longo tempo. Nero pretendia aniquilar a todos os irmãos, discípulos de Pedro<sup>2334</sup>. Durante a noite<sup>2335</sup> veio uma pessoa<sup>2336</sup> que lhe fustigava enquanto dizia:

— “Nero, não podes perseguir ou aniquilar os servos de Cristo. Aparta, pois, as tuas mãos deles.”<sup>2337</sup>

Assim, Nero, atemorizado por esta visão, se apartou dos discípulos por aquela época em que Pedro havia deixado a vida. Pelo mais, os irmãos viviam unânimes, com alegria e gozo no Senhor<sup>2338</sup>, louvando a Deus e Salvador de Nosso Senhor Jesus Cristo<sup>2339</sup>, com o

---

<sup>2333</sup> Semelhante ao que encontramos em *AtsPl, Martir. Pl.*, I. VOUAUX. 1913, *op.cit.*, p.281; também SCHMIDT. *Die alten Petrusakten...* 1903<sup>A</sup>, *op.cit.*, pp.84ss.

<sup>2334</sup> O motivo da perseguição é o mesmo que expressa o autor do *AtsPl, Martir. Pl.*, II. VOUAUX. 1913, *op.cit.*, p.291. Também um menção em *AtsFi*, IV,22.

<sup>2335</sup> As vs. AV e syr. acrescentam: “Enquanto dava voltas nestes pensamentos”; VOUAUX. 1922, *op.cit.*, p.462.

<sup>2336</sup> O syr. lê: “um serafim”. No AV: *angelum Dei* (= um anjo de Deus). Temos em EUSEBIUS. *H.E.* IX, x,13,14. – in: Migme (ed.) *P.G.* 1857, *op.cit.*, t.XX, col.836, onde se fala em geral de todos os perseguidores, perseguidos por sua vez pelo castigo de Deus, cf SCHMIDT. *Die alten Petrusakten...* 1903<sup>A</sup>, p.85. Ainda 2Mac 3,26; 2Cor 12,7. Também *uide* Ps-CLEMENS. *Recognitiones...* X, 61,66. – in: Migme (ed.) *P.G.* 1857, *op.cit.*, t.I, col.1449; 1451.

<sup>2337</sup> Aqui está recitado como Ψ-Ηγήσιππος (= Ps-HEGESIPO), que narra o mesmo que Domicianus; EUSEBIUS. *H.E.* III, xx,5. – in: Migme (ed.) *P.G.* 1857, *op.cit.*, t.XX, col.354.

<sup>2338</sup> At 2,46-47.

<sup>2339</sup> É bastante intrigante esta afirmação, porque apresenta o Pai como “Salvador” do Filho (!).

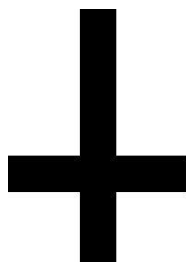
σὺν ἁγίῳ πνεύματι, ᾧ ἡ δόξα εἰς τοὺς αἰῶνας τῶν αἰώνων<sup>2340</sup>. Ἀμήν<sup>2341</sup>.

---

<sup>2340</sup> No AV : *Pax omnibus fratribus e qui legunt et qui audiunt. Actus Petri Apostoli explicuerunt cum pace.* O AV acrece ainda *Amen*.

<sup>2341</sup> Depois do *Amen* segue um verso colorido *Explicit epistula (sic, que apresenta um erro) sancti petri cum simone mago. Quem admodum nautæ portus, ita scriptori novissimus versus.* O syr. ainda adiciona ainda as datas pelo calendários romano, egípcio, sírio e uma doxologia como em L: *Erant quoque frates simul lætantes et exultantes in domino, confortati saepe visione beati Petri apostoli, glorificantes dominum Deum Patrem omnipotentem e dominum Jesum Christum cum Spiritu Sancto, cui est gloria, virtus et adoratio in sæcula sæculorum. Amen;* VOUAUX. 1922, *op.cit.*, p.466.

Espírito Santo, a quem seja a glória pelos séculos dos séculos. Amém<sup>2342</sup>.



---

<sup>2342</sup> AV termina: “Paz a todos os irmãos que escutam ou leem. Aqui acabam, em paz, os Atos de Pedro, o Apóstolo. Amém”. Depois do “Amém”, seguem uns versos numa forma bastante típica, que rezam o seguinte: “Assim termina a epístola de São Pedro com Simão Mago. Como é o porto para o navegante, assim é para o copista a última linha”. — A imagem da cruz de Pedro, o apóstolo, embora tenha sido usado como anti-cristão, permanece ainda como símbolo cristão em muitos contextos.



Afresco *Disputa com Simão, o Mago e Crucificação de São Pedro*. (visão central, parede à direita). Por Filippino Lippi na Capella Brancacci, Basilica di Santa Maria del Carmine, 1481-1482, Firenze, Italia). Em domínio público.

Detalhe do afresco, *Simão, o Mago*..(acima). Em domínio público.

<[http://en.wikipedia.org/wiki/Brancacci\\_Chapel#/media/File:Filippino\\_lippi,\\_crocifissione\\_di\\_san\\_pietro,\\_cappella\\_brancacci,\\_1482-85.jpg](http://en.wikipedia.org/wiki/Brancacci_Chapel#/media/File:Filippino_lippi,_crocifissione_di_san_pietro,_cappella_brancacci,_1482-85.jpg)>.



CONCLUSÃO  
*PERPLEXIDADES, PERSPECTIVAS E PLATAFORMAS*





## CONCLUSÃO

---

Seguem-se os principais resultados da pesquisa. As exposições finais elencadas podem ser vistas como uma epítome do gênero *AtsAp*, porém há muito espaço para outros avanços conforme mencionaremos adiante. Se por um lado, cuidou-se em abarcar um número maior de motes que exigiram a nossa atenção, por outro, evitou-se o impulso de respostas categóricas, que se circunscrevem a um determinado ponto de vista. Diversas demandas mais periféricas conservam-se intocadas como desafio a novas pesquisas: um glossário especializado no gnosticismo, a tradução do *Atos de João*, em sequência, do *Atos de Paulo* contendo também o *AtsPITe* e o papel e relação entre apóstolos e as mulheres nos cristianismos nascentes, particularmente no caso de Maria de Magdala. O compêndio apodíctico, que pretende explicitar os resultados mais relevantes obtidos, oferecemos por área:

### I. De cunho mais geral

(i) O longo processo canônico-gestacional do NT dá-se, início marcado pela dialética da oral e do escrito, e conclui-se pela necessidade de considerar o influxo do conceito *kerigmático* neste vasto caminho, que não ocorreu sem rupturas, sem sopesar a corpora literária extracanônica. O Capítulo um mencionou que qualquer escrito é depositário de determinada tradição textual-literária, e por outro lado, também a exempla, em maior ou menor grau de originalidade – *Atos de Pedro* não se excetua. Nisto, concluímos, reside sua relevância. O mais antigo dos evangelhos canônicos, *e.g.*, compila narrativas de paixão, ditos, parábolas, narrativas de milagres e apotegmas que circulam autonomamente na Antiguidade. Os escritos dos séculos I-III extracanônicos, a exemplo de *AtsPe*, interagem ou encontram ressonância ou com a memória sapiencial judaica ou com a herança dos cristianismos primitivos, na busca do significado das palavras, das obras e das pessoas a eles ligadas.

(ii) Os escritos extracanônicos nos oferecem uma valiosa informação, a ser selecionada dentre narrativas que, por vezes, são conflitantes ou sem uniformidade, outras vezes desestabilizam a ortodoxia sedimentada. Mesmo assim devemos considerá-los para o estudo dos “cristianismos” e da problemática envolvida nos primeiros séculos da Era Comum, onde a heterogeneidade foi matiz dominante. Para escritos de tão diversa índole, que misturam história e lenda, percebemos por esta pesquisa subsistirem em agrupamentos principais, embora não sejam monolíticos: escritos gnósticos, com singular atenção aos *mss.* provindos da Biblioteca de Nag Hammadi (há outros); outros escritos chamados apócrifos cristãos de diferentes gêneros (evangelhos, atos, epistolares, apocalipses, κτλ); textos disciplinares da Igreja; escritos eclesiásticos (patrísticos, com ênfase aos historiadores eclesiásticos); e finalmente, de material litúrgico.

(iii) As molas propulsoras para a criação de extracanônicos de complementação foram: interesse ingênuo pelo conhecimento, busca por historietas coloridas da piedade apostolar, busca por testemunhos e exemplos para validar da teologia popular corrente e curiosidade. Por estes motivos Pedro, Paulo, Tomé, André, José de Arimateia, Nicodemos, Maria (mãe de Jesus), Maria de Magdala, José, Pôncio Pilatos, e até o próprio Jesus e tantos outros tiveram suas vidas apropriadas por um eivado de histórias e lendas. Este impulso não se encerrou na igreja antiga, mas adentrou pela época medieval. O que em parte, explica o vasto tesouro medieval, *e.g.* da Igreja irlandesa com o *Relato de martírio do soldado Longino*; as *Lamentações das quatro mães* após a execução de seus filhos inocentes; e tantas outras lendas de martírio dos santos, cuja ocorrência dá-se apenas na Igreja irlandesa. Tal busca resultou na inevitável delimitação dos canônicos com Martin Luther, depois em 1546, na ContraReforma, Concílio de Trento.

(iv) Nos extracanônicos produzidos tardiamente, a faceta herméutica destes é que o pretexto deixaria de ser um interesse aparentemente ingênuo por histórias apostólicas. Posteriormente a Ὠριγένης<sup>2343</sup>, surge um rol de obras de referência cujo matiz é gnóstico. Conhecíamos estas através citações na patrística, mas Nag Hammadi nos expandiu não só a compreensão e a extensão deste movimento, mas o próprio acervo. As gnoses registram seus evangelhos debaixo dos mesmos prelados apostolares dos canônicos, com um elemento novo – Maria, de Magdala. E hoje, mais do que nunca a investigação, sobre de

---

2343

(185-†253); Orígenes de Alexandria ou Adamantius.

extracanônicos, não poderá mais prescindir da pesquisa sobre as diversas gnoses, e vice-versa.

(v) Permanece ainda uma importante lacuna na temática dos evangelhos judaico-cristãos, um repto à pesquisa atual. Possuímos apenas fragmentos, e em geral, distribuídos de forma bastante desorganizada em outros escritos. A separação do cristianismo do judaísmo não se deu sem dores nem pacificamente, o que é atestado pelo grupo de escritos de “antievangelho”, de origem judaica. Aqui sucedeu o mesmo que ocorrera aos escritos gnósticos que no afã de produzir uma revisão datal e pacificação da ortodoxia em tempos bem primórdios, antecipou-se forçosamente ao máximo este período, eliminando dura e sistematicamente estes escritos. A convivência simultânea de exemplares de fé ortodoxa e da heterodoxia, *e.g.*, o *Evangelho dos Egípcios* (etnocristão) e o *Evangelho dos Hebreus* (judaico-cristão) exemplifica que a ortodoxia não sucedeu automaticamente a heterodoxia (chamadas “heresias”), mas que conviveram por muito mais tempo que sabíamos até recentemente, produzindo transições, fusões e transformações. A pesquisa atual compreende melhor que o *Quarto Evangelho* espelha esta tensão, devido ao seu acento gnóstico, e que a linha limítrofe entre canônicos e extracanônicos é tão tênue e imprecisa quanto a própria política da corrente vencedora nesta disputa.

(vi) Uma conclusão mais geral, porém não menos importante, do se signifique o AV latino à luz dos estudos mais recentes que propõem uma revisão ao problema textual, como de Piñero<sup>2344</sup> e Poupon<sup>2345</sup>. O manuscrito preservado na Biblioteca Capitular de Vercelli continua a ser de longe o principal *testemunium* e fonte para o nosso conhecimento sobre *AtsPe*. Portanto, o que justifica dedicarmos mais detidamente a este testemunho precioso nos legado da Antiguidade, que aqui colocamos em diálogo com as mais relevantes edições, a saber: Lipsius, a quem devemos a *editio princeps*, e Vouaux, quem nos legou uma edição crítica (em *stricto sensu*). Posteriormente, vamos destacar algumas passagens que

---

<sup>2344</sup> PIÑERO. 2004, *op.cit.* pp.485-652.

<sup>2345</sup> POUPON, Gérard. H. *Actes de Pierre*. pp.1039-114. – in: *Écrits apocryphes chrétiens*. Bibliothèque de la Pléiade 442. BOVON, F.; GEOLTRAIN, P. (eds.). Paris: Gallimard, 1997. *vide também id. Les « Actes de Pierre » et leur remaniement.* – in: Hildegard Temporini (ed.). *Aufstieg und Niedergang der Römischen Welt - ANRW II 25,6*. Berlin; New York: Walter de Gruyter & Co., 1988, pp.4863-83, especialmente p.4867. *id. Origine africaine des Actus Vercellensis...* 1996, *op.cit.*, pp.191-9.

foram de difícil tradução. Porém, *AtsPe* nos restou fragmentado e em línguas diferentes. Um pequeno caos<sup>2346</sup>.

## II. Sobre Pedro e os apóstolos (as)

(i) Confirmou-se a ciclo literário petrino para preencher as lacunas e a escassez de informações sobre as doutrinas, ações e vicissitudes do apóstolo, sobretudo na segunda parte do *Atos* lucano; afora os *Evangelhos* e *Atos dos Apóstolos* há uma esparsa menção em *Gálatas* (paulina) e as duas epístolas que carregam seu nome, mas sequer o citam. O *Atos de Pedro*, cujos entornos foram delineados nesta pesquisa não só é o principal documento extracanonico do gênero na Antiguidade, mas também o pilar central desta série literária em torno da figura apostolar; nisto reside a relevância da sua tradução em português. Ademais, há um vastíssimo, porém secundário, acervo literário extracanonico, a partir do qual se conclui – *Atos de Pedro* como sendo a mais relevante peça literária, e que advém às avessas da *corpora* canônica, sendo complementária na narração das histórias apostólicas. Pode-se ainda citar: *Evangelho de Pedro*, *Epístola de Pedro*, *Epístola de Pedro a Filipe*, o copta *Atos de Pedro e os Doze Apóstolos*, o frg. *A filha de Pedro*, *Evangelho da infância* (de Pedro), *Apocalipse de Pedro*, *A pregação de Pedro*, também o frg. *O primado de Pedro*. Ainda no elenco destes escritos devemos acrescentar os extracanonicos atribuídos ao Pseudo-Clemens: *Kerygma Petrou*, *Praxeis Petrou*, *Periodoi Petrou* e as *Homilias Clementinas*. Outros apócrifos mencionam Pedro: o *Evangelho de Tomé*, *Evangelho de Bartolomeu*, *Evangelho de Maria de Magdala*, *Memórias Apostolares de Abdias* (o Babilônico), *Evangelho dos Hebreus*, *Pistis Sophia*, *Livro de João* (o arcebispo de Tessalônica), *Trânsito de Maria*, *Evangelho Secreto de Tiago* (ou *Apócrifo de Tiago*), *Livro de João evangelista* (o teólogo) e outras menções secundárias.

(ii) Principais atos e feitos de Pedro na literatura extracanonica e em *AtsPe* são: ele tem aversão à liderança apostólica de Maria de Magdala; é irascível com o poder das mulheres; toma parte de um debate teológico disputadíssimo com o príncipe dos magos e das heresias na Antiguidade, amigo do imperador; combate a magia; faz viagens missionárias a Roma, Trípoli, Cesareia e Antioquia; se relaciona com reis

---

2346

VOUAUX. 1922, *op.cit.*, pp.4-12.

e altas autoridades romanas como Agripa, Marcelo, Albino, Nero e outros; escreve uma epístola a Tiago, bispo de Jerusalém; defende a castidade e a virgindade ao ponto de tornar sua bela filha em uma parálitica; é um taumaturgo: ressuscita um jovem parente do imperador, também outras pessoas, restabelece as mãos da mãe de Titus Flavius Clemens, dá dons de falar a uma criança de peito, faz exorcismos, transforma um canino em falante (dotado de raciocínio), ressuscita um peixe empalhado na parede, expulsa demônios em Trípoli, κτλ; tem visões celestiais; doutrina os cristãos a não adorar Deus ao modo dos gregos; torna-se mártir; implora para ser crucificado de cabeça para baixo, impede que Simão, o Mago seja apedrejado em frente do imperador; discursa ao próprio Nero César; e se relaciona com autoridades romanas.

(iii) Pedro, assim com os outros apóstolos, é na Antiguidade percebido como milagreiro. A literatura dos *AtsAp* descreve que reis, sabendo da presença de apóstolos em seus territórios, buscavam alcançar curas e milagres para sua família e para a corte. Da tradição temos que Polímio, rei provincial indiano, depois de obter de Bartolomeu a cura, mandou, infrutiferamente, camelos que carregavam de ouro, prata e preciosidades; ou Antípatro de Éfeso que depois da cura de seus dois filhos gêmeos por João, oferece-lhe vultosa quantia de dinheiro, sem qualquer aquiescência. Nesta mesma direção Pedro, em *AtsPe*, também recebe os bens que sua filha Petrolina herdara de Ptolomeu, mas vende para aliviar o sofrimento dos pobres, tal qual fizera com a grande soma entregue por Crisé.

(iv) Há aqueles que percebendo o que dissemos em (iii), não querem ficar fora deste *status quo*, como Simão, o Mago. Este mito é também atestado por muitos outros autores romanos: Gaius Suetonius Tranquillus e Δίων Χρυσόστομος (= Dion Crisóstomos; Dion de Prusa). A popularidade de Simão, o Mago, como protegido do imperador Nero e a dimensão e valor desta disputa teológica unicamente restou preservada extracanonicamente.

(v) Pedro e os demais apóstolos aparecem na literatura extracanônica convertendo, pela pregação cristã, reis, rainhas, corte reais e eminentes políticos. Tal retenção advém da tradição mais ampla. Na Índia, *e.g.*, temos conversões por intermédio de Tomé: Mesdeu, que o condenou, se converte pelas relíquias mortais do apóstolo; outros que não se convertiam tinham um fenecimento nefasto, *e.g.* Írtaco, um rei etíope. Tornou-se aliada de Mateus a rainha da Etiópia – Eufenissa. Na Índia, o rei, sua corte e exército, bem como suas cidades, se convertem e são batizados; este até abdica da coroa para fazer-se discípulo de Bartolomeu.

Pela mesma via, Pedro, em aqui *AtsPe*, também Pedro converte o admirável senador Marcelo.

(vi) A virgindade e a castidade são tópicos peculiares a *corpora* literária dos *AtsAp*, o que inclui *AtsPe*. Da tradição temos que, João, a quem o próprio Jesus lhe proibira o matrimônio, aparece virgem e casto carregando o *Livro de Maria* e a palma à diante do cortejo fúnebre da virgem, o que atribui o valor deste aspecto da vida cristã no período subapostólico. Em *AtsPe*, tratam-se uma castidade e uma virgindade sacratíssimas, conforme o episódio da *Filha de Pedro* ou das *Mulheres de Agripa*, que deixam de coabitar com seus maridos para se tornarem as “virgens de Cristo”. Estes aspectos, em *AtsPe*, restam retidos de uma da tradição mais ampla, como, *e.g.*, Tomé deixa de casar-se a pedido de Jesus; ou em *AtsTo* temos igualmente mulheres que deixam de se relacionar com seus maridos. Ou ainda, Filipe tinha duas filhas virgens, e teve em igual condição muitas discípulas. Também Bartolomeu diz que Maria é que “ofertou sua virgindade a Deus”, quando não quis casar-se com o filho do sumo sacerdote que assistia o templo, quando ali residia. Ou mais, Mateus disputa verbalmente com o rei etíope Írtaco, já que cobiçava desposar uma virgem consagrada. Sem dúvida, trata-se do pensamento gnóstico encratita, presente marcadamente em *AtsPe*, que supervaloriza a castidade e a virgindade como economia cristã da salvação.

(vii) A relação entre os apóstolos e as mulheres permanece um vasto campo para pesquisa, *AtsPe* apenas ilustra a riqueza desta relação. Desde o advento do túmulo vazio, elas estão muito mais presentes, com papel de liderança no início do cristianismo, um misto ora de discípulas, ora de apóstolas. Novamente tal retenção advém da tradição apostolar mais ampla, e assim podemos destacar, *e.g.*: Maria (mãe de Jesus), Trépzia, Maria de Magdala, rainha Eufenissa, Maximiliana, Tecla, Drusiana, Migdônia e muitas outras. Elas receberam destaque especial na literatura extracanônica; negá-las seletivamente como fez a ortodoxia, é desmerecer uma importante porção da história do cristianismo nos três primeiros séculos. Maria de Magdala foi transmissora aos apóstolos de ensinamentos de Jesus e teve sua liderança apostólica rejeitada por Pedro. Tecla, aqui mencionada nas notas, viveu com singularidade apostólica, todavia sua memória restou eivada de lendas. A relação entre Pedro e as mulheres é, no mínimo, interessante. Em nosso folclore popular brasileiro há reminiscências desta relação nas músicas juninas que se referem a Pedro e as mulheres. Quem não cantou: “*Com a filha do João, Antonio ia se casar, mas Pedro fugiu com a noiva, na hora de ir pro altar...*”. Na Bahia cultivava-se a tradição de Pedro como “protetor das viúvas”.

(viii) A liderança apostólica de Maria de Magdala, nos apócrifos, é sistematicamente refutada por Pedro, que é a expressão personificada na corrente vencedora na ortodoxia, claramente percebida em *AtsPe* pelo tratamento apostolar dados as mulheres, a menção abundante destas nos episódios que são expandidos e pela influência dissimulada que as mulheres exercem sobre Pedro. Embora, Pedro e André sejam opositores, de Maria de Magdala e da liderança de outras mulheres. Isto constitui-se em um dos mais inovadores e polêmicos aspectos da literatura extracanônica. Isto segue ideias gerais dos apócrifos; e.g., Maria de Magdala cumpriu com maestria sua liderança apostólica, mas aparece maculada e desmerecida pela falsa acusação de ser prostituta pela corrente vencedora na ortodoxia. No *Evangelho de Tomé*, I,14, Pedro roga a Jesus que expulse Maria de Magdala dentre os apóstolos por serem indignas da “vida”. O *Evangelho de Maria*, XVII,14ss reconhece sua importância como portadora dos ensinamentos de Cristo por ser sua discípula predileta, mas rejeita sua liderança. Em outro episódio do mesmo evangelho, o apóstolo Levi protesta contra a ira de Pedro e Bartolomeu também defende Maria de Magdala. Em *Pistis Sofia* Pedro mostra-se irascível com a direção, na formulação de perguntas a Jesus, de Maria de Magdala. Jesus, Pedro, Madalena e todos os demais apóstolos, se vistos sob a ótica dos escrituras gnósticas, auferem uma nova feição, não menos proeminente daquela que é peça de fé da ortodoxia cristã. Conclui-se, e.g., que a relação homem-mulher, tão debatida em nossos dias, encontra luzes no *Evangelho de Maria Madalena* em contraste com *AtsPe*, onde baliza uma admirável releitura da relação dos gêneros; isto porque Pedro disputa comando com Maria Madalena, no âmbito dos apócrifos, e vai ser uma das características identificadas em Pedro.

(ix) Via tradição, sabe-se que Pedro cura a mãos da mãe de Titus Flavius Clemens (de Roma); ordena-o e consagra como bispo, em *Memória apostólicas de Abdias*, I,15, e diz: “a ele só confio a cátedra de minha pregação e doutrina”. E o mesmo Titus Flavius Clemens, na sua *Epístola a Tiago*, é que sustentará a primazia petrina, fazendo coro a *AtsPe*, frente aos demais apóstolos e o seu papel como alicerce da Igreja.

(x) O episódio *descensus ad inferos*, ou a “descida de Cristo aos infernos” é amplamente estendido a partir de meia frase na fonte documental canônica exclusivamente petrina de 1Pe 3,19: “(...) e pregou aos espíritos em prisão.” A figura de Simeão é ensartada a partir do *Evangelho de Nicodemus*, que faz uma ponte a José de Arimateia, de quem dois filhos haviam falecido. Com o relato da ressurreição de muitos mortos, durante a ressurreição de Jesus, os túmulos de Leucius e Carinus,

filhos de José de Arimateia, também ficaram vazios. Isto os relaciona diretamente com o suposto autor de *Atos de Pedro*, e cada deles vai colocar suas experiências no mundo dos mortos<sup>2347</sup>, quando a meia-noite, como um raio de luz, Jesus aparece e os Patriarcas rejubilam ante o cumprimento da profecia de Isaías. A expansão de episódio tornou tão relevante, o próprio *Symbolum Apostolorum* (= Credo Apostólico), documento comum a todos os ramos da cristandade assim menciona: “(...) padeceu sob o poder de Pôncio Pilatos, foi crucificado, morto e sepultado; desceu ao Hades (...)”, que paradoxalmente foi uma réplica primitiva ao gnosticismo, de ampla aceitação, inclusive por arianos e unitaristas.

(xi) A prisão e o martírio são ápices na literatura apócrifa. Exceção a João, que teria morrido em idade avançada, os relatos dos demais apóstolos é de: tormenta, golpes de espada, prisão, crucificação, apedrejamento, degola, κτλ.

(xii) *AtsPe* abrange um vasto elenco de temas, personagens e acontecimentos canônicos por empréstimos (há uma lista bem mais abrangente no Capítulo I): Queda da raça humana (VIII, *Mart.* XXXVIII); Faraó contra Moisés (VIII); Deus envia seu Filho (VII); nascimento virginal de Maria (VII); sobre o Sábado (*AtsPe* I); a Transfiguração (XX); Conselho de Caifás (VIII); a traição de Judas (VIII), a cena do Getsêmani (XX); Jesus crucificado, morto e ressuscita (VII, XX); curas feitas por Pedro (*AtsPe*, Ϡ<sup>128</sup> *cop.*); Simão, o Mago, “a força de Deus” (*Mart.* XXXI); Simão e seu gesto simoníaco (XXIII); Paulo disputa com os judeus em Roma (I); Paulo prega em Roma (I); e Paulo na Espanha (III). O que faz uma forte aliança de *AtsPe* com arquétipo canônico.

### III. Desafios da tradução de *AtsPe*

(i) Como vimos no Capítulo III, o *AV* contém dois escritos sobre Pedro e Simão, o Mago. Uma primeira parte ocupa parte maior do *ms.*, 321 fólios, e são as *Recognitiones Ps-Clementinas*. A segunda, que perfaz 46 fólios, é o texto que nos interessa em *AtsPe*. Ambos os textos são escritos pelo mesmo escriba e em uncial, sem separação entre palavras, exceto nos fólios 359 e 362, onde ocorre a divisão, mas devido a um

---

<sup>2347</sup>

*Evangelho de Nicodemos*, XVII,2.



segundo escriba. Não há titulação em destaque. Em um número de fólhos, a tinta do manuscrito se desvaneceu, o que dificulta o trabalho filológico.

(ii) O latim deste *ms.* é praticamente “bárbaro”, em razão da abundância de erros ortográficos – sua transcrição e tradução exigiu cuidado especial; e também, na hora de fazer uso dele. Porém, a crítica tem apontado para sua fidelidade quando se observa juntamente com a versão grega –  $\text{P}$  *Oxyrhynchus* ( $\text{P}^{\text{Oxyrh.849}}$ ) e  $\text{Μαρτύριον τοῦ ἁγίου ἀποστόλου Πέτρου}$  (= *Martírio do Santo Apóstolo Pedro*). Nota-se que apesar das diferenças típicas de uma tradução, há uma tendência de abreviar a perder-se em paráfrases ou expansões. A fidelidade desta versão – em linhas gerais – pode ser comprovada também indiretamente graças a um autor posterior, na *Vita Abercii*<sup>2348</sup>, do século IV, que copiou quase literalmente os discursos de Pedro<sup>2349</sup> destes *AtsAp* e os pôs na boca do seu personagem. Esta cópia nos permitiu reconstruir frases do texto grego perdido.

(iii) Confirma-se a tese de que o *AV* é a uma tradução latina de *AtsPe* em grego, hoje conservado apenas uma pequena parte neste idioma, tendo sido composto em cerca de 160 d.C. É também bastante provável que o tradutor *gr.* → *lat.* de *AtsPe*, conforme discussão *supra*, em torno de uns dois séculos antes escriba do *AV*, tenha se servido de um latim clássico, por algumas porções demonstradas nos comentários demonstrados na nossa tradução portuguesa. É certo que nem todos os “barbarismos”, presentes no latim do *AV* pertencem ao primeiro tradutor latino. Os escribas parecem ter, em muito contribuído à parte para a sua aparência descuidada. E uma tentativa inicial de perceber alguma distinção entre eles mostrou-se inviável nesta pesquisa.

(iv) Percebemos durante a pesquisa, possivelmente, devido a este latim “bárbaro” que provoca em grandes desafios, é que se deva, principalmente, a própria mudança de método de Lipsius, na sua *editio princeps*, onde deliberou seguir uma metodologia diversa daquela que aplicava em outros textos ele estava editando. Ele não ofereceu o texto crítico reconstruído do tradutor latino da Antiguidade, conforme já mencionado, mas, em vez disso, ofertou o próprio texto incorreto do escriba do *ms.*, incluindo uma indicação dos fólhos e, até mesmo, linhas, devido ao grande número de erros e dúvidas que o *ms.* suscitara. E as correções textuais, foram colocadas em um aparato crítico, que se tornou

<sup>2348</sup> Edição de Th. NISSEN.

<sup>2349</sup> As passagens paralelas são: Lipsius 46,31-47,11: *AV* II = *Vita Abercii* XIII; Lipsius 53,20-29: *AV* VII = *Vita Abercii* XXIV; Lipsius 67,3-8: *AV* XX = *Vita Abercii* XV; Lipsius 68,17-69,2: *AV* XXI = *Vita Abercii* XXVI.

de vital importância para o entendimento do *ms.* de *Vercelli* na edição de Lipsius.

(v) Considerando que, em outras edições críticas, onde o aparato crítico é uma espécie de “luxo” para o leitor médio e pode ser deixado sem verificação, devido à confiança no estabelecido pelo editor de texto crítico. No entanto, em Lipsius o leitor terá que recorrê-lo de contínuo, a fim de constituir um sentido ao texto do *ms.* O procedimento, segundo ele “inclinava-se a não consentir pré-julgamentos sobre o manuscrito [pelo excesso de dúvidas existentes]”<sup>2350</sup>. Em algumas discussões, ele é peremptório, e.g.: “*corrige unam*”; “*scribe discentes*”. Em outras passagens, apenas evasivo: “*pateat conict HUsener*”; “*sensu corrigunt HUsener et MBonnet*”; ou ele mesmo propõe uma saída: “*emendo proditum*” ou supõe: “*expectes aliae*”<sup>2351</sup>. Note-se que, onde Lipsius se via apto a propor uma correção, ele faz uma observação; onde ele não está certo, ele deixa a questão em aberto e não propõe uma solução (ou apresenta diversas saídas) e assim, o leitor poderia ver o que o próprio *ms.* oferecia.

(vi) Lipsius preenche as lacunas e acrescenta os números aos capítulos. Suas abreviaturas não são completamente claras. As palavras, às vezes, podem ser separadas de formas diferentes do *ms.* É notório, que em *AtsPe*, a pontuação, particularmente, pode fazer toda a diferença. Também a divisão em capítulos trai a exibição do texto do próprio *ms.* Até mesmo a titulação de capítulos pode ser discutível, a partir da perspectiva pela qual se lê o capítulo. E quanto ao preenchimento de lacunas, Lipsius trata simplesmente como uma forma de emendar e concatenar o texto, com alguma ponderação quando isto é admissível.

(vii) No aparato crítico de Lipsius encontramos, regularmente, o nome de peritos amigos: Gotthold Gundermann<sup>2352</sup> (33 ocorrências), de Maximilianus Bonnet<sup>2353</sup> (19) e de Karl Hermann Usener (35); são mencionados no seu *Prologomena* da *Die Apokryphen*

<sup>2350</sup> LIPSIUS. *Acta Apostolorum Apocrypha...* 1891, *op.cit.*, t.I, p.37.

<sup>2351</sup> *id. ibid.*, pp.68-9, onde constam estes exemplos.

<sup>2352</sup> Também menciona G. Götz, ligado a Gundermann, duas vezes, nas pp.46 e 49.

<sup>2353</sup> Com Bonnet e Usener havia um contato de anos, desde o vol.I de *Die Apokryphen Apostelgeschichten und Apostellegenden...* em 1882. A colaboração com Bonnet, Lipsius consolidou o projeto *Acta Apostolorum Apocrypha, op.cit.*, mas, viu somente a publicação do t.I, em 1891. Morreu no ano seguinte.

*Apostelgeschichten und Apostellegenden*<sup>2354</sup> e o persuadiram a seguir esta metodologia<sup>2355</sup>. Assim destacamos esta edição de Lipsius, porque nela AV, a parte latina de *AtsPe* recebeu tratamento preferencial, dentre outros materiais, inclusive com um estudo muito bastante amplo da sua gramática. Também ele “revisou suas conclusões e comparou com *ms.* de *Vercelli* por mais de uma vez.”<sup>2356</sup>

(viii) Tudo acima envolve interpretação. Assim, concluímos que para oferecer uma edição dupla coluna, para facilitar o leitor, seria mais apropriado o uso da edição de Léon Vouaux, que procura oferecer não somente um texto decodificado filologicamente, mas um texto crítico; também melhora o aparato discutindo com Lipsius, especialmente, *et alii*. Segundo já mencionamos, Vouaux teria terminado seu trabalho de *AtsPe* em 1914, meses antes da Grande Guerra e da sua morte. A publicação da edição de *AtsPe* ocorreu somente em 1922, graças aos bons ofícios do Émile Amann (ed.). Esta edição é um trabalho independente e de notável qualidade. Nenhum vestígio visível de pressa ou precipitação, apesar do curto tempo (1912-1914)<sup>2357</sup> que teve para familiarizar-se com a problemática que envolvia *ms.* de *Vercelli*, o que leva Amann a aventar, com razão, que “Vouaux teria alterado alguns de seus pontos de vista ele tivesse vivido para supervisionar a edição na fase final”<sup>2358</sup>. O que concluímos aqui é que ele se baseou nas informações oferecidas pela edição de Lipsius e, provavelmente, não investigou filologicamente o *ms.* com a profundidade que Lipsius teria feito. Sendo, digno de nota o seu trabalho devido à produção do primeiro texto crítico (com correções embutidas) e a exaustiva discussão de dificuldades textuais com estudos precedentes.

(ix) O ponto de partida para a literatura hagiográfica posterior, ocorreu ao se transmitir, em separado, o episódio do *Martírio de Pedro*.

(x) Algumas porções do AV foram um desafio tradutório especial, uma vez que restam ainda no próprio texto crítico um bom número de obscuridades, pelas seguintes razões: (i) uma primeira parte longa resta inteiramente perdida, dificultando em alguns pontos narrativos e tempo verbais que retomam em algo da parte perdida; (ii) muitas lacunas; (iii) *ms.* desvanecido em algumas partes; (iv) problemas com o latim

<sup>2354</sup> LIPSIUS. *Die Apokryphen Apostelgeschichten und Apostellegenden...* 1891, *op.cit.*, t.I, p.xxxvii.

<sup>2355</sup> *id. ibid.* t.II, pp.viii-ix.

<sup>2356</sup> LIPSIUS. *Acta Apostolorum Apocrypha...* 1891, *op.cit.*, t.I, p.284.

<sup>2357</sup> No *Préface* de Émile Amann, em VOUAUX. 1922, *op.cit.*, p.viii.

<sup>2358</sup> *id. op.cit.*, p.ix.

“bárbaro”; (v) o uso na tradução, frequente, da sintaxe grega e não latina (tradução *ad verbum*, bastante literal); (vi) abundância de erros ou mal-entendidos do tradutor ou do copista; (vii) e poucos testemunhos comparativos fiáveis.

#### IV. Elenco dos momentos de maior desafio tradutório por dificuldade

Apesar dos trabalhos de Lipsius e Vouaux, em especial, elencamos algumas amostras de passagens que representaram grandes reptos para esta tradução de *AtsPe*, e.g.:

(i) Em AV, XX,9-13: *Viri, qui in Christo creditis et speratis, scitote, qualiter debeat sancte scribtura domini nostri pronuntiarī. Quæ gratia ipsius quod cæpimus, scribsimus, etsi adhuc vobis infirma videntur, capaciter tamen quæ perferuntur in humana carne inferri.*(= Varões, que em Cristo credes e esperais, saibam como se deve ser recitada a santa Escritura do Nosso Senhor, a qual por sua própria graça começamos, mesmo que até agora por vós seja vista como insuficiente, ainda a escrevemos segundo a nossa capacidade, e que carrega nossa debilidade humana, no que seja possível compreende-la). Esta frase assim posta, com quatro retoques por Lipsius, é para Vouaux é um “imbróglío”<sup>2359</sup>. Ficker<sup>2360</sup> destina mais de uma lauda para discuti-la, e tem em mente a expressão *quod cæpimus, scribsimus* tendo em mente Isidorus, (de Pelusa). *Epistola ad Aphrodisium*, II, 90: ἃ ἐχωρήσαμεν ἐγράψαμεν. Geralmente, *quod cæpimus* é compreendido como *quoad cæpimus*, “tanto quanto somos capazes”, o que parece razoável. Piñero propõe uma troca mais radical: *ipsius cepimus*. Mas o verdadeiro problema reside em *capaciter*... Ficker, seguindo a tradução de Elliot, lê estas palavras como se fossem: *capatia tamen <sunt>, quæ proferuntur, in humanam carnem inferri*, “mas as coisas trazidas adiante são capazes de ser levadas em carne humana”<sup>2361</sup>, ou seja, “são suportáveis para serem compreendidas pelo ser humano”. E poderia significar: é uma resposta à objeção que o apóstolo escreveu palavras, mesmo sendo débeis, mas são além da compreensão humana, cuja ideia é meio imprópria; ou salienta

<sup>2359</sup> VOUAUX. 1922, *op.cit.*, p.338.

<sup>2360</sup> FICKER. *Die Petrusakten...* – in: *Handbuch...* 1903, *op.cit.*, p.445-6.

<sup>2361</sup> Conforme proposto em *id. ibid.*

que ainda que o público petrino considere suas palavras como fracas, elas detêm o máximo que a mente humana poderia compreender; mas resta emblemático se a audiência aqui tivesse expectativas que estão além da compreensão humana. Preferimos outra ideia: este é um período em que os escritos cristãos representavam a diversidade dos cristianismos e nem havia a pretensão de delimitação canônica, o que, de fato, veio a ocorrer somente no Renascimento. A Cristologia sequer estava formatada como nos moldes atuais, o que aconteceria somente no Concílio de Nicéia, em 325. Os próprios textos do NT não asseveram com total claridade que Cristo é Deus, *e.g.*, o *Evangelho* da comunidade joanina; enfim este é um θεολογούμενα em evolução. Além disso, a natureza divina e seus discursos, como tal, tornam-se incompreensíveis em sua totalidade para um homem qualquer; e esta abordagem é bastante ortodoxa. Esta frase é confusa, mas mantivemos o *ms.* fazendo *quod cœpimus* no sentido de “a qual começamos”, implicando *scripsimus* depois de *tamen*, incluindo *quae perferuntur*... A única correção é *inferre* para *inferri*. Outra possibilidade seria dividir entre *tamen* e *quæ*, fazendo a leitura de *capaciter tamen*... unido subsequentemente por *scripsimus*, resultando em “ainda temos escrito de acordo com nosso poder”, e tomar *quæ perferuntur in humana carne inferri*..., mais como uma caracterização de Pedro ou compreensão limitada da humanidade. Henneck, em 1913 traduziu esta porção, mais tarde em 1965 editada por Schneemelcher, que também lê *inferri* para *inferre*, mas permite que as mesmas críticas se apliquem aqui, de maneira especial, quando traduz *capaciter* como “de acordo com o poder”. Henneck assim traduz: “o que temos escrito pela sua graça, na medida em que fomos capazes, embora parece fraco para vocês, por enquanto, ainda (escrevemos) de acordo com os nossos poderes, tanto quanto é suportável para ser implantado em carne humana”<sup>2362</sup>.

(ii) Em AV, VI,60-63: *Fiet autem non tantum lapis molaris*, (escrito para ser um *consecutio temporum*) *sed quod deterius est*, (note-se o aposto do editor) *contrarium longe ab eis qui in dominum Jesum Christum crediderunt, in hunc persecutorem servorum suorum* [[*me*<sup>2363</sup>]] *consummari*. (= E não é tanto a roda de moinho que me ameaça, mas o que é pior: que eu, o oponente deste perseguidor dos seus servos, morreria longe daqueles creem no Senhor Jesus Cristo). Esta passagem *ex-lat.* nos oferece um texto obscuro, um autêntico *locus deperatus*, definido por

<sup>2362</sup> HENNECKE, Edgar; SCHNEEMELCHER, Wilhelm (eds.). *Neutestamentliche Apocryphen*. vols. II. Tübingen: 1959-1964, p.303.

<sup>2363</sup> O *ms.* não contém [[*me*]]. LIPSIUS insere.

Ficker<sup>2364</sup> que traduz acoplando *contrarium* junto a *in hunc persectorum*; e complementa com *me* (à frente de *consummari*) ligando-o a *suorum*. Turner<sup>2365</sup> propõe uma mudança que implica importantes interferências no *ms.* latino e conclui: “a verdadeira restauração de toda a passagem está ainda por ser encontrada”. A proposta de Turner isola os termos *contrarium longe ab eis qui in dominum Jesum Christum crediderunt* que precedem em tom de exclamação as palavras restantes de *fiet...*, que podem ser aplicadas a Simão, o perseguidor: “então não seria só uma pedra de moinho, mas o que é pior que virá a ser realizado por este perseguidor de seus servos”. Nas palavras isoladas, *contrarium* se ligaria com *commorari me* (edição dele): “E eu deveria ficar aqui longe destes crentes em seu perigo!”. Ainda pode-se pensar, como Groot em *contrarium*, um sujeito neutro, para *consummari* e inferirmos que Pedro designava-se a si próprio como um “perseguidor”, devido a sua negação a Jesus Mt 26,31-35; 26,69-75: “não só a moenda irá acontecer, mas também, o que é pior, o oposto daquilo que acontecerá com aqueles que creram no Senhor Jesus Cristo, e que irá acontecer a este perseguidor dos seus servos.” Esse “oposto” pode ser a punição eterna *versus* o que é temporal; é um *topos* dos Atos e Relatos de Martírio. Ainda nesta passagem temos muitas outras possibilidades, como em Erbeta, Elliot, Piñero *et alii*.

(iii) Em AV, XX,25-28: *Et pusillum respirans dixi intra me: «Forsitan dominus meus voluit me hic adducere, ut me orbaret.» Et dixi: «Si hæc tua voluntas est, non contradico, domine.» Et dans mihi manum elevavit me.* (= E respirando um pouco, disse em pensamento: “Porventura, meu Senhor quis trazer-me aqui, a fim de fazer-me sentir abduzido”. E disse: “se isto é a tua vontade, não vou relutar, Senhor”. E dando-me a mão, levantou-me). Segundo Lipsius, deveríamos ler *si* em vez de *et*; e sua razão pode ter sido *forsitan* na oração anterior, que sugere mais do que uma possibilidade. Se, no entanto, nós preferirmos tomar a frase como uma cláusula condicional, podemos presumir uma haplografia devido a uma possível parablepse não intencional: *dixi si* para *dixi*. Vouaux traduziu: “esta é a sua vontade, eu não resisto muito, Senhor”, apesar de ler *si*.

(iv) Em AV, X,6-8: *sicut didici a Paulo coapostolo tuo: ne in animo inducas delictorum meorum, sed ora pro me dominum, sanctum Dei filium.* (= como do mesmo modo eu aprendi com Paulo, teu

<sup>2364</sup> FICKER. *Die Petrusakten...* – in: *Handbuch...* 1903, *op.cit.*, p.422.

<sup>2365</sup> TURNER. *The Latin Acts of Peter...* 1930, *op.cit.*, p.122.

coapostolo<sup>2366</sup>. Não encraves na minha alma os meus delitos<sup>2367</sup>, mas ore em meu favor ao Senhor, santo Filho de Deus). Lipsius<sup>2368</sup> menciona o genitivo como um anômalo. Pode ser um caso de *graecismo*, caso semelhante na *LXX*, ocorre no Sl 78: μή μνησθῆς ὑμῶν ἀνομιῶν ἀρχαίων, e como a *Vulg.* nos oferece *ne memineris iniquitatum nostrarum antiquarum*<sup>2369</sup>. Há um bom número de precedentes paralelos com verbos nos sentido de “recordar”<sup>2370</sup>, e destaca-se também este exemplo: em Cicero, M. Tullius, *In Verres*, II.V.179-180<sup>2371</sup>, *uenit mihi in mentem M. Catolis*.

(v) Em *AV*, XX,13-18: *Debemus ergo, prius scire dei voluntatem seu bonitatem*, (causal) *quoniam perfusa olim inplanatione*<sup>2372</sup> *et hominum multa milia in perditione mergentium, motus dominus misericordia sua*<sup>2373</sup>, *in alia figura ostendere* [[*se*<sup>2374</sup>]] *et effigie hominis videri, quem neque Judæi neque nos digne*<sup>2375</sup> *inluminare*<sup>2376</sup> *possimus*. (= Devemos, pois, em primeiro lugar conhecer a vontade de Deus, *i.e.*, sua bondade, porque outrora se generalizou o erro e muitos milhares de homens estão imersos na perdição. Então o Senhor foi compelido pela sua misericórdia, a mostrar-se em outra forma e ser visto na effigie humana, e nem os judeus nem nós outros pudemos ser dignamente iluminados por ele). Leituras possíveis seriam: *motus <est> dominus misericordia sua* e *ostendere* como *ostendere se*. O *in alia figura* é explicado por *hominis effigie*, e refere-se à verdadeira humanidade de

---

<sup>2366</sup> Segundo FICKER. *Die Petrusakten... – in: Handbuch...* 1903, *op.cit.*, p.431, é uma interpolação e pode ser facilmente cortada.

<sup>2367</sup> Temos: *ne in animo inducas = ne animadvertas*; VOUAUX, 1922, *op.cit.*, p.292.

<sup>2368</sup> LIPSIUS. *Actus Petri cum Simone... – in: Bonnet; Lipsius (eds.). Acta apostolorum apocrypha... Acta Petri, op.cit., Prolegomena*, p.xlix.

<sup>2369</sup> Pela capitulação da *Vulg.* Sl 78,8; pode ser também 79,8 por outras edições.

<sup>2370</sup> Sobre genitivo – *in: LEUMANN. Lateinische Grammatik...* 1965, *op.cit.*, p.81.

<sup>2371</sup> CICERO, M. Tullius, *In Verres*, II.V.179-180. – *in: PETERSON, Wiliam. (ed.). M. Tulli Ciceronis Orationes: Pro milone, Cæsarianæ, Philippicæ. vol.III.* London: Oxonii; Typographeo Clarendoniano, 1917, II.V.179-180.

<sup>2372</sup> *ms. inplanationem.*

<sup>2373</sup> *ms. misericordiam suam.*

<sup>2374</sup> *ms. omite.* LIPSIUS acrescenta.

<sup>2375</sup> *ms. digni.* VOUAUX corrige.

<sup>2376</sup> *ms. inluminari.* VOUAUX corrige.

Jesus. Antes de julgarmos como uma tendência docetista (pela teologia atual), note-se a imprecisão dos termos nos sécs. II-III. A cláusula relativa que une os períodos tem dificuldades consideráveis e algumas propostas e escolhas são de insuficiente sustentação. Para *digni inluminari*, Vouaux defende *digne inluminare*, e alguns trocam subjuntivo *possimus* para indicativo *possumus*, na qual ninguém oferece qualquer comentário, embora o subjuntivo esteja pressionando a necessidade de uma explicação. Se assim optássemos, o que significaria: *quem neque Judæi neque nos digne inluminare possimus?* Segundo Lipsius<sup>2377</sup>, também Ficker, *inluminari* significa *conspicere*, mas este significado não está dicionarizado. Vouaux troca para *inluminare* como “aclarar”, ou como colocamos “conhecê-lo na sua luz”. Se seguirmos Lipsius e Ficker, a tarefa dos judeus seria “mostrar” Jesus “em sua luz”? Outra solução ainda, para explicar *quem* como um acusativo de relação – “concernente a...” mantendo o *inluminari* passivo no sentido de “para ser iluminado”, o que se adéqua ao contexto subsequente, até certo ponto: *Unusquisque enim nostrum sicut capiebat videre, prout poterat videbat*. Mas o uso o acusativo de relação com pronome relativo masculino mostra-se muito raro na *corpora* da literatura latina.

(vi) Em AV, VII,11-13: *volens omne scandalum et omnem ignorantiam et omnem inergemam diaboli, initia et vires infirmare quibus prævalebat olim* (= Ele aborrecendo todo escândalo, toda ignorância e toda sorte de poderes diabólicos; querendo debilitar suas tentativas e forças<sup>2378</sup> que em outro tempo dominavam,). Parece que o significado do infinitivo ‘debilitar’ é necessário. Lipsius apresenta as soluções: adicionando um verbo como *dissolvere* ou transformar *infirmes* por *infirmare*. Preferimos a alteração menor, que mais facilmente poderia ser explicada por um erro de perseverança, como os que ocorrem com os finais *-es* de *vires* trocados por *-are*. Esses erros ocorrem com frequência em manuscritos, como em V,41, que o escriba troca *si ui* por *si uis*. Porém Ficker adverte que a segunda solução seria melhor, adicionando *dissolvere*, ou como Ficker *rendere*, porque em *Vita Abercii*, XXIV<sup>2379</sup>, que segue textualmente o AV, temos: ἄσθενῆ ποιήσαι.

<sup>2377</sup> LIPSIUS. *Actus Petri cum Simone...* – in: Bonnet; Lipsius (eds.). *Acta apostolorum apocrypha... Acta Petri, op.cit.*, pp.xlix e 314.

<sup>2378</sup> Estas expressões, provavelmente, derivam do *gr.* ἀρχαί καὶ δυνάμεις; seguimos o texto grego. *uide* também *AtsJo*, XCVIII, de acordo com VOUAUX, 1922, *op.cit.*, p.272.

<sup>2379</sup> *Vita Abercii*, XXIV. – in: NISSEN. *Die Petrusakten uns... in der Aberkiosvita*, 1908, *loc.cit.*, XIX,15-16.



(vii) Em AV, IV,21-23: *Et postea apparuit in medio populo stans, quemque universi adorantes e cognoscentes quia ipse esset, qui pridie eis visus fuisset.* (= E caminhando por trás, [Simão] apareceu em pé, no meio do povo<sup>2380</sup>. Todos juntos adorando-o, reconheciam ser o mesmo haviam visto dia anterior). Lipsius já havia percebido que havia um acréscimo devido a um erro de copista de {-n-} em *adorantes* (correto *adorantes*). A questão maior fica entre *quemque* e os participios *adorantes e cognoscentes*. Estas questões, ambas podem ser elucidadas a partir do latim tardio. Então, *quemque* pode ser o acusativo *quique* (não de *quisque*). Os participios podem estar sendo usadas como formas conjugadas dos verbos – *adoraverunt e cognoverunt*, como ocorre, as vezes, em sentenças principais ou, como neste exemplo, em cláusulas relativas<sup>2381</sup>. Para o autor, Simão engana com sua arte mágica. Ele lançou, anteriormente, apenas uma nuvem, e em seguida, após a feita invisível, como seus cúmplices no episódio da Eubula, XVII, ele aparece. Assim entendemos, e por isso, “aparece vindo de trás”. E *universi*, claramente aplica-se a multidão, ou *populum*.

(viii) Em AV, VII,14-16: *Qui multis et variis infirmitatibus per ignorantiam in mortem ruebant, motus misericordia Deus omnipotens misit filium suum in saeculo, cui ego interfui.* (= Já que muitos e de várias enfermidades, por ignorância, se precipitam à morte. Movido de misericórdia, o onipotente Deus, enviou seu Filho a esta geração, com que eu mesmo convivi.). Não é necessária a correção para *quia*, como propõe Usener, depois Piñero. Pode ser interpretado como *eorum qui*, como fizemos em I,9-10 *qui in Spania sunt corpore tuo medicus esto*, onde *qui* significa *eis qui*, segundo observações de Lipsius.

(ix) Em *ms. A*, XXXI, XVIII: *ἐν τούτῳ τοῦτον πάντα εἶπεῖν αὐτοῖς*: (= Nessa situação, Ihes falou tudo assim. Conforme o *ms. A gr.* que adiciona aqui um *πάντα* (= tudo, todas as coisas, n. pl.) que não se pode entender muito bem, e cuja tradução torna-se complexa mesmo se entendido como masc. ac. sg.; Lipsius que propõe suprimi-lo, o que não significa grande avanço. Outros entendem *πάντα εἶπεῖν* como (para despedir-se): “Ihes falou assim despedindo-se”, devido a conjuntura

<sup>2380</sup> *universi* (linha 15) claramente aplica-se a multidão, ou *populum*.

<sup>2381</sup> *uide* verbete *Ablativus materiae – in*: LEUMANN. *Lateinische Grammatik...* 1965, *op.cit.*, p.389. Isto ocorre com várias vezes no AV, mesmo em orações subordinadas, como chama a atenção LIPSIVS. *Actus Petri cum Simone... – in*: Bonnet; Lipsius (eds.). *Acta apostolorum apocrypha... Acta Petri, op.cit.*, pp.54; 67; 74.

estabelecida no momento desta fala. O AV traduz: *nouissime*, que não é πάντα, e corresponde mais a τέλος (= fim, s.) ou τελευταίον (= final, adj.).

(x) Em AV, XIX,2-4: *Petre, ego tibi totam domum meam permundavi a vestigiis Simonis et scelesti pulveris ipsius per[stirpavi]*. (= Pedro: eu purifiquei para ti toda a minha casa dos vestígios de Simão e foi extirpada até a poeira profana de seus pés). O verbo *perstirpavi*, proposto por Lipsius é extremamente raro; na verdade, não se encontrou de uma segunda ocorrência na literatura antiga ou medieval (nem a forma infinitiva *perstirpare* ou outra forma conjugada). Outra possibilidade, é admitindo que tenha um sentido tardio de “purificar de”, a sentença fica sustentável, se pudermos colocar uma vírgula ou um *et* depois de *permundavi*. Gunderman e Usener propõem trocas um tanto complicadas: inserir *et eam* entre *mundavi* e *a vestigiis*; ou substituir *a vestigiis* por *ac vestigia*, ambas pouco convincentes. Mas existe um verbo *extirpare*, “acabar com”, que ocorre no VI,20-21: *extirpabitur*<sup>2382</sup> *omnis seductio a servis ejus*, ou seja: “para limpar varrendo para fora”.

(xi) Em *ms. A*, XXXI, XVIII: Πολλαὶ δὲ καὶ ἄλλαι γυναῖκες τοῦ λόγου τῆς ἀγνείας ἐρασθεῖσαι τῶν ἀνδρῶν ἐχώριζοντο, καὶ ἄνδρες τῶν ἰδίων γυναικῶν τὰς κοίτας ἐχώριζον διὰ τὸ σεμνῶς καὶ ἀγνῶς θέλειν αὐτοὺς θεοσεβεῖν. (= Outras muitas mulheres, incitadas pela pregação da pureza, apartavam-se dos seus esposos, uma vez que alguns maridos evitavam o leito de suas próprias mulheres pelo desejo de servir a Deus em pureza e santidade). (!) Trata-se de um tópico um tanto estranho, pois o natural era que as mulheres fossem as mais atraídas pela pregação sobre a continência. Ainda, cf VOUAUX, *op.cit.*, Introd., pp.81ss., a “prédica da incontinência é a aspiração ascética” e trata-se de uma realidade histórica. O AV adiciona: *honestæ* e *audientes* para “outras mulheres”.

(xii) Em AV, IX,28-30: *Audiens enim hæc Simon et respiciens incredibilem visum, excidit a verbis quibus seducebat circumstantes, omnium stupentium*. (= Simão, pois ouvindo estas coisas e vendo este inacreditável espetáculo, sumiu-lhe o discurso com o qual seduzia os circunstantes, e todos ficaram estupefatos.). Vouaux dá a *enim* um valor sequencial: “Além disso, Simão (...) esqueceu o discurso”<sup>2383</sup>, mas isso é altamente improvável, tendo em conta o contexto. Ficker retira *enim*,

<sup>2382</sup> *ms. extirpavitur*; VOUAUX corrige. = *extirpavitur*, de *stipo*, *stipare*, por nós.

<sup>2383</sup> VOUAUX. 1922, *op.cit.*, p.291.

apesar de sua existência no *ms.* Na verdade, *enim* em latim tardio, habitualmente, é um homeomorfo de *autem*<sup>2384</sup>.

(xiii) Em AV, II,1: *Obtulerunt autem sacrificium Paulo pane et aqua, ut oratione facta unicuique daret.* (= Eles, então, ofereceram a Paulo, conforme o sacrifício, pão e água, afim de que feita a oração, se distribuísse a cada um). Aqui Ficker<sup>2385</sup> observa: “A fim de excluir qualquer mal-entendido, eu traduzo, como se as palavras do texto: *sacrificium Paulo pane et aqua* fosse: *ad sacrificium Paulo panem et aquam*”. Assim teremos que: *sacrificium* refere-se, em um sentido concreto, ao “material para a eucaristia” e *pane et aquam* no ablativo mostrando que “consiste em pão e água”<sup>2386</sup>, cujo sentido também ocorre em Ciprianus, Isidorus e o no *Sacramentarium Gregarianum*.

(xiv) Em  $\mathfrak{P}^{\text{BEROLINENSIS}} 8502,4 - C^{129}, 18-19$   $\text{ξεκας } \Delta \epsilon \text{ } \epsilon \rho \epsilon \text{ } \tau \epsilon \kappa \psi \rho \chi \eta \text{ } \eta \alpha \rho \pi \iota \omicron \epsilon \text{ } \omega \bar{\eta} \text{ } \eta \epsilon \tau \omega \pi \iota \text{ } \omega \lambda \text{ } \epsilon \tau \eta \alpha \pi \iota \sigma \tau \epsilon \tau \epsilon \bar{\epsilon} \text{ } \bar{\eta} >$  (= E para em sua alma persuadi-lo e afim que os presentes se fortalecessem na fé). No texto copta temos a leitura do seu sinônimo *gr.* → *cop.*  $\pi \epsilon \acute{\iota} \theta \epsilon \iota \nu$ , que não conforma-se com o enunciado posterior da boca de Pedro. Mas o sinônimo *gr.* não deixa ambiguidade sobre este sentido. Contra essa posição é possível asseverar que se mantivermos uma linha tradutória que distinga os subsídios coordenativos do texto  $\Delta \epsilon$  (isto nem sempre é fácil de perceber em copta), esta acepção poderá ser mantida em relação ao que aparece posteriormente no texto sem prejuízo de sentido, conexão ou coerência.

(xv) Em AV, VII,3-5: *Concurrit itaque multitudo omnis ut viderent domini apostolum fundari in Christum.* (= E por consequência, toda a multidão achegou-se para ver como o apóstolo do Senhor estava firmado em Cristo). Esta é uma cena familiar que ocorre em outros pontos do *AtsAp* e relatos de martírio. Para Lipsius, o infinitivo passivo *fundari* seria

<sup>2384</sup> Conforme verbete *enim* – in: LEUMANN. *Lateinische Grammatik...* 1965, *op.cit.*, pp.505-6; 508-9.

<sup>2385</sup> “Um jedes Mißverständnis auszuschließen, übersetze ich, als ob für die Worte des Textes: *sacrificium Paulo pane et aqua* stünde: *ad sacrificium Paulo panem et aquam.*” FICKER. – in: Hennecke (ed.). *Handbuch zu den...* 1903, *op.cit.*, p.408.

<sup>2386</sup> Segundo LEUMANN, Manu; HOLFMAN, Johann B.; SZANTYR, Anton. *Lateinische Grammatik: Syntax und Stilistik.* vols. I-II. 2ª. ed. München: Lofstedt; Syntactica, 1965, pp.106-7.

uma lapso para *fundare*<sup>2387</sup>, o objeto aparece em seguida: ele mesmo ou a congregação. Mas mesmo assim parece estranho: confirmando a si mesmo ou uma congregação é quase um ato capaz de cativar uma multidão à procura de sensação, segundo o contexto. Outra leitura seria possível com o uso da *Vulg.* para *fundati* a exemplo de Cl 1,23: *in fide fundati*; Ef 3,17: *in caritate radicati et fundati* que resultaria em: a multidão se reuniu para ver o apóstolo que, ao contrário deles, foi edificada, ou seja, inseparável de Cristo. Alguns tradutores interpretaram: *fundari* (como fundava) *in Christum* (em Cristo novamente a comunidade). Essa *multitudo omnis* pode ser como cristãos que apostaram da fé; as primeiras palavras do próprio Pedro indicam isso: *qui speratis...*, *qui in brevi tentationem passi estis...* Entretanto, quanto ao significado de *fundari in Christum*, é bastante obscura, embora possamos vê-la como uma alusão 1Cor 3,11 ou Mt 7,25, onde *fundare* significa “alicerce” ou “fundação”.

(xvi) No texto completo copto-greco-latino, quando aparecem remissões a cânticos e invocações litúrgicas, em geral são textos muito antigos e compostos em hebraico ou grego em um recorte de língua bem mais arcaico e, portanto, muito difíceis de traduzir com seus usos específicos do texto religioso. Outras vezes, contendo palavras raras na *corpora* judaico-cristã, ou ainda, no uso de sintaxes de épocas diferentes de língua.

(xvii) Nas descrições de móveis, animais ou materiais de origem animal, partes de um ambiente (termos arquitetônicos) e nos jogos de palavras ou trocadilhos os desafios foram maiores para descrever o que significavam exatamente na época. Nestes casos, estão colocadas notas de comentários com as opções de tradução mais viáveis para aquele contexto e a escolha.

Em suma: estes atributos e características, quando vistos em contíguo, fazem de Pedro uma personagem singular e uma pessoa notavelmente marcante no legado da Antiguidade cristã, apócrifo-canônica. Os antigos compreenderam muito bem as lacunas e aspectos mitológicos do apóstolo, mesmo sem serem exatamente reais, e veicularam ponderadamente junto com sua mensagem. Nos dias atuais, estamos fadados a distinguir sempre entre a verdade histórica e a singela ficção literária, mas seria relevante redescobrir no antigo apóstolo o denodo paradigmático das marcas de exceção.

2387

LIPSIUS. *Actus Petri cum Simone...* – in: Bonnet; Lipsius (eds.). *Acta apostolorum apocrypha...* *Acta Petri, op.cit., Prolegomena*, p.xliv.



GLOSSÁRIO  
ESPECIALIZADO

*São Pedro na prisão*, autor Rembrandt van Rijn, tela a óleo 59 X 47,8 cm pintada 1631. No museu de Israel, Jerusalém, Israel.  
[http://de.wikipedia.org/w/index.php?title=Datei:Rembrandt\\_st.\\_peter\\_in\\_prison.jpg&filetimestamp=20060515095053](http://de.wikipedia.org/w/index.php?title=Datei:Rembrandt_st._peter_in_prison.jpg&filetimestamp=20060515095053)



GLOSSÁRIO ESPECIALIZADO

---

Este glossário apresenta, na sua maioria, uma seleção de conceitos, temas e expressões centrais, especialmente às pertinentes aos sécs. I a III, literatura cristã primitiva e movimentos religiosos. Não é absolutamente uma lista completa, mas sim um agrupamento escolhido de termos mais técnicos usados no decorrer deste texto. Pode ser lido como texto ou como consulta isolada.

*acréscimo* (*lat. accrescere* = “acrescentar”). Na crítica textual, significa material acrescido ao texto mais original quanto temos. Termo amplo que pode significar mudanças feitas por escribas e copistas – melhorias, glosas, correções e harmonizações.

*ad fontes* – às fontes. Expressão popular que resumia o plano entusiasta dos reformadores humanistas de voltar às fontes originais da antiguidade clássica, bíblica e patrística.

*aggadah* (*heb.* = “aquilo que é dito”). Componentes anedóticos e legendários da tradição rabínica, preservados pelo Talmude, abundantes, no Midrash.

*aktionsart*. Termo cunhado pelos gramáticos alemães para a característica da língua grega pela qual a qualidade da ação verbal é indicada (duração, repetição, ocorrência momentânea, eventos passados que resultam em efeitos no presente, κτλ), tanto morfologicamente pelas formas de tempo quanto léxica e sintaticamente. Alguns livros mais antigos usam como sinônimo de “aspecto”.

*alegoria*. (*gr. ἀλληγορέω* = “falar de outra maneira”). Uma representação simbólica que encerra um sentido oculto, mais profundo; *e.g.* no texto *Pastor* de HERMAS (*gr.*: Ποιμήν του Ερμά), a torre significa a igreja; as duas mulheres de Abraão, segundo Paulo, significam a sinagoga e a igreja.

*alusão*. Referência indireta, imprecisa ou passageira, cuja correspondência verbal do texto original é mais remota. Em contrapartida uma *citação* do texto original contém porções mais longas e textuais, a que também se chama de *eco*.

*Alta Crítica.* Movimento do séc. VIII de estudos bíblicos que levantava questões como: origens, evolução e caráter fundamental da Bíblia; usado em oposição a Baixa Crítica, que lidava com a análise de texto e filologia.

*antilegoumenas.* s. pl. (gr. ἀντιλεγόμενος = “de que se fala contra”). Livros do AT e do NT cuja inspiração ou canonicidade foram disputadas. Oposto a *homologoumenos* (ver). No NT são: Hb, 2 Pe, Tg, Jd, 2 e 3Jo e o Ap.

*antinomiano (-ismo)* (gr. ἀντί + νόμος – “contra a lei”) postura teológica que leva a perigosos extremos o princípio protestante de “justificação pela fé”. Entendem que a Lei mosaica foi totalmente ultrapassada; revivida na Europa, Inglaterra e América pós Reforma. A discussão central está em Rm 3; 1Cor 9,21.

*apocalíptica.* Adjetivo: relativo ao apocalipse (ἀποκάλυψις = “descoberta, revelação”). Substantivo: gênero literário referente ao apocalipse, revelações ou visões concernentes ao futuro, mediante uma simbologia que mistura cores e números.

*apolinarismo.* Proceda de Apolinário de Laodiceia (séc. IV), segundo o qual o Verbo de Deus substitui a alma humana de Cristo. Considerado heresia.

*apologia* (gr. ἀπό + λόγος + ια = “defesa do discurso”). No cristianismo dos primeiros sécs. foi o discurso que visava defender ou justificar uma doutrina ou pessoa diante de interlocutores mal-informados ou detratores. Usado como antônimo de arguição.

*apócrifos.* (gr. “coisas ocultas”). Escritos excluídos do cânone. (*uide*) pp.32ss; nt.32 e 33.

*aramaico.* Língua semítica, aparentada do *heb.* e falada no sudeste da Ásia entre os sécs. VII a.C. – VII d.C. Parte pequena do AT, a maior parte do Talmude e no NT – Mt, foram escritas em aramaico. Considera-se que Jesus a tenha falado como primeira língua.

*arianismo.* Chamada de heresia de Ário, que rejeita a plena divindade de Cristo.

*cena-tipo.* Na narrativa bíblica, a indicação de uma junção crucial na vida do protagonista (nascimento, prova iniciatória, noivado, leito de morte) seguindo uma sequência fixa de motivos familiares.



*classicismo*. Característica estilística dos sécs. I-III em que uma construção específica se assemelha mais ao grego clássico (ático) do que ao κοινή (gr. comum) (*uide*).

*codice*. (lat. *codex*). Antigo livro feito dobrando-se as folhas de papiro ou velo ou meio, depois costurando as partes dobradas para formar uma lombada. No final do séc. I surgiu o primeiro códice e acabou substituindo os rolos como forma de livro preferida. Provavelmente popularizado através dos cristãos primitivos.

*constitutio textus*. (lat.) Na crítica textual diz acerca do processo que junta partes, de bom atributo cladística, por comparação ou junção, vislumbrando a reconstituição de um arquétipo.

*construtio prægnans*. (lat.) Construção abundante num texto.

*crisologia*. Estudo da pessoa e natureza(s) de Cristo; por extensão, estudo de suposta presença no AT e, portanto, relacionado à *tipologia* (*uide*).

*Crítica Formal*. Análise do texto em seus constituintes literários estereotípicos, que correspondiam ao que os críticos literários descreviam como gênero, subgênero, cena-tipo (*uide*) ou topos (*uide*).

*diatribe* (gr. διασπυρμός). Processo que põe em cena um adversário fictício tirado da acrimônia ou responde questões propondo novas questões. Diálogos imaginários, *e.g.* com o Pecado, a Morte.

*difficilior lectio potior*. Em lat. “a leitura mais difícil é a preferida”.

*ecdótica*. Ciência que acolhe as modernas regras da hermenêutica e exegese, para por meio destas reconstituir o mais próximo possível do que seria a redação primeira de um texto, a fim de que se estabeleça um texto crítico de forma mais definitiva e fiel.

*economia*. Entre os teólogos, a partir de Εἰρηναῖος (= Irinæus, de Lyon; séc. II), significa desígnio da salvação, relativa aos homens, revelado pela vinda e obra de Cristo.

*Epístolas católicas* (gr. καθολικῆς). Refere-se às de Tg, 1 e 2Pe, 1, 2 3 Jo e Jd (sete ao todo) – assim chamadas porque tem caráter universal, diferindo, *e.g.* de Ef, 1 e 2 Cor, κτλ. que são congregações individuais. 1 e 2Jo, não deveriam estar classificadas assim, mas constam.

*Escatologia.* (gr. ἔσχατος = último). Estudo das últimas coisas. Frequentemente empregada para referir a convicção dos escritores primitivos que o fim estava próximo. A teologia posterior irá estudar em quatro campos: Morte, Julgamento, Céu e Inferno.

*Epístolas Pastorais.* Refere-se a 1 e 2Tm e Tt – assim chamadas porque instruem os pastores sobre deveres eclesiásticos.

*Estrutura envolvente* ou *de envelope.* Recurso de organização formal frequentemente usado pelos escritores canônicos ou não da Antiguidade cristã, no qual as fronteiras de uma unidade poética ou narrativa são assinaladas por repetição, no fim, de termos destacados, expressões ou frases que aparecem no começo.

*exegese* (gr. ἐξέγησις). Retirar o significado bíblico e narrar; interpretação.

*gnosticismo.* Entre os movimentos que a Igreja dos sécs. II e III teve que enfrentar, o mais poderoso e ameaçador – por causa do deslumbre da sua pregação – se autodenominava γνῶσις (gnose = conhecimento de modo profundo) e se apresentava em múltiplos sistemas (docetas, encratistas, setianos, barbeloítas, barbelognósticos, ofianos ou ofitas; há outros.), muito dessemelhantes entre si em seus detalhes. Sistemas heterodoxos, que professam um dualismo radical entre o mundo dos espíritos e o mundo dos corpos e afirmam a pretensa revelação de emanções a partir do Deus bom e de um princípio mal (este último mais ou menos identificado com a matéria).

*haplografia.* Contrário a ditografia; erro de escrita ou copista, que ocorre quando letras, palavras ou até sintagmas, que deveriam figurar duas vezes, uma delas aparece omitida; normalmente deve-se a uma parablepse não intencional, erro recorrente em *mss.* quando o copista pula uma letra (ou um bloco) para uma frase similar.

*harmonia dos evangelhos.* Harmonização do texto com fins de eliminar discrepâncias e amenizar dificuldades. A primeira harmonia é o τὸ διατεσσάρων εὐαγγέλιον (= *Através dos Tesouros do Evangelho; Diatessaron*) de Tatianus (Taciano, o Sírio, ou o Assírio), séc. II, do qual só restam poucos fragmentos. Tornou-se o arquétipo de escritura de muitas igrejas de fala síria até o séc. V.

*hermenêutica.* (gr. ἐρμηνεύω = “interpretar”) Teoria geral de interpretação que governa a exegese, e por extensão, todas as formas de interpretação literária, legal e filosófica.

*hipotaxe.* (gr. ὑποτάσσω = “colocar abaixo”). Estilo literário que estabelece a inclusão de orações subordinadas conectadas por conjunção subordinativas. Oposto de parataxe (*uide*).

*homologoumena.* Conjunto de escritos cuja autoria não foi questionada durante os sécs. I-III, por isso aceitos no cânon. Oposto de *antilegoumenas* (*uide*).

*interpolação.* Acréscimo posterior feito por um copista ou revisor de uma obra. *interpolatio, -onis* (= conserto para ser renovada, parecer nova).

*koiné literária.* É o *koiné* (*uide*) do período helenístico diferencia-se do *koiné* vernacular ou cotidiano porque mantém algumas sutilezas do grego clássico (ático) e é mais refinado. Usado por escritores como Josefo, Filo, Plutarco; no NT *e.g.* em At, Lc, Hb, 1Pe).

*koiné.* (gr. κοινή = “comum”). Compreende o período desde Alexandre, o Grande (séc. III a.C.) até séc. III d.C. Dialeto (hipótese bastante discutível) resultante amalgamação dos dialetos gregos mais antigos, de caráter mais vernacular e com predominância do ático. Usado na escrita da LXX e NT. Falado no mediterrâneo helenizado.

*maniqueísmo.* Erro de Manes, séc. III, que concorda dados heterodoxos do judaísmo e do cristianismo, asseverando um dualismo e entre os princípios, um bom e outro mal, que lutam entre si.

*marcionismo.* Erro de Μαρκίων Σινώπης (= Marcião, de Sínope), que opõe o Deus vingador do AT ao Deus bom do que se revelou em Cristo.

*Massorético.* (*heb. masoret* = tradição). Versão recebida do texto hebraico AT como o estabelecido pelos gramáticos de Tiberíades (sécs. VI–IX); incluindo vocalização do texto e tropos para cantar.

*midrash* (*heb.* “inquirição”, “interpretação”). Atividade de interpretação da Bíblia hebraica, associada a sermões (séc. III, ou antes), atingiu formulações literárias no fim do séc. IV, quando mistura com o aramaico até séc. XII. Caracterizada pelo entrelaçamento imaginativo de diferentes textos bíblico, por parábolas vivazes e materiais narrativos.

*monofisismo*. Erro professado por Êutique (séc. V), monge de Constantinopla, que admite uma só natureza (divina) em Cristo, sendo a natureza humana absorvida pela natureza divina.

*monotelismo*. Heresia que afirma uma só vontade (divina) em Cristo.

*montanismo*. Erro de Montano da Frigia (séc. II), que doutrina dizendo ter sido ele mesmo uma encarnação do Espírito Santo e que estava chegando a volta de Cristo, para aquela geração ainda.

*nestorianismo*. Erro imputado a Nestor; distingue as duas naturezas em Cristo a tal ponto que se vê Nele duas pessoas.

*Notação sumária*. Recurso que assinala formalmente a conclusão de uma unidade textual, recapitulando seu conteúdo por meio de uma série de expressões repetidas.

*obelus*. pl. *obeli*. Do *gr.* ὀβελός = vara afiada. Sinal diacrítico (÷, posteriormente importado para a álgebra) criado por Aristarco para marcar passagens suspeitas ou espúrias de Homero. Hoje ainda usado na língua polonesa. Bastante difundida nos copistas antigos, aparece com muita frequência nos *mss.* bíblicos sendo muito útil a Crítica Textual.

*paleógrafo*. Trata da história e tipologia de escritas antigas, com fins de decifração.

*pancristianismo*. Designa os esforços ecumênicos, particularmente dos cristãos reformados.

*parataxe*. (*gr.* παρατάσσω = “ordenar lado-a-lado”). Estilo literário usando frases ou orações ligadas sem conjunção subordinativa. Oposto de hipotaxe. Terminologia utilizada quando há um uso excessivo de *καί* (*gr.* = “e”), onde a subordinação de pensamento é minimizada. Ocorre normalmente em decorrência do contato do *gr.* com as línguas semíticas, como o *heb.*

*parousia*. s. (*gr.* παρουσία = “advento”) Usado em relação a promessa de retorno de Jesus (*cf* 1 Cor 15,23).

*perícope*. (*gr.* περικοπή = “seção”). Recorte literário de passagem autossuficiente para exegese.

*pseudoepígrafos*. (*gr.* ψευδεπίγραφος = “falsa epigrafe). No caso do AT, trata-se de aproximadamente 65 livros que não são parte do cânon, mas estão muito ligados por atribuição de autoria a personagens do

AT, geralmente composto no período séc. III a.C. a séc. II d.C. No caso do NT, representa uma vasta coleção de evangelhos, atos, epístolas e apocalipses pseudônimos que não foram reconhecidos. Há uma confusão entre pseudoepígrafos e apócrifos, muitas vezes usados como sinônimos.

*redator*. qualquer editor de um texto tradicional; para o AT, normalmente teriam pertencido aos círculos sacerdotais”; para o NT normalmente clérigos cristãos.

*recensão*. (*lat. recensio, -onis* = revisão de um rol pelo censor) estudo comparativo das *uaria lectio* no casos de obras com diversos *mss.*

*Sabedoria*. (*heb. hokhmah*) Gênero literário ou atividade intelectual do Oriente Próximo que concebe a sabedoria como um utensílio útil e é caracterizada não nacionalista ou cültico em suas ênfases; no AT são Pv, Ec e Jó.

*Septuaginta* (LXX ou Versão dos Setenta). Tradução *gr.* do AT preparada para Ptolomeu no séc. III a.C.; assim chamada por que teria sido feita por setenta sábios em setenta dias. Escrita no *gr. koiné* imitando estruturas semíticas *heb.* e *aram.*

*Sinóticos* (Evangelhos) (*gr. συνόψις* = vista de conjunto, sinopse). Refere-se a Mt, Mc e Lc porque dão visões diferentes, mas de um mesmo material que permite estudos comparativos. Cada um individualmente pode ser chamado de “sinótico”.

*Sitz im Leben* – *sitz* (= lugar, assento) *im leben* (= na vida) (*al.* “contexto de vida”). Expressão dos exegetas alemães para dizer sobre o “contexto vital” ou “lugar vivencial”, ocasião e os contornos de quando uma obra foi escrita, usada em outras línguas. Refere-se à origem dos textos do cristianismo primitivo: situações sociológicas ou necessidade que provocaram a característica de uma forma determinada ou unidade literária (= lugar vivencial do texto).

*Sola scriptura* – pelas Escrituras somente. O chamado princípio formal da Reforma. Os reformadores recorreram à autoridade única das Escrituras Sagradas, como Palavra infalível de Deus, em oposição à opinião humana e a tradição eclesiástica.

*Talmude*. A *Mishnah* mais comentários *theologumenos* (e.g. *Guemara*). A *Mishnah* mais a *Guemara palestina* é chamado de *Talmude Palestino* ou de *Jerusalém* – תלמוד ירושלמי. Ainda há outras denominações menos usuais, que são: *Talmud de-Eretz Israel*

(Talmud da Terra de Israel). Trata-se da compilação mais antiga existente de discussões, notas e apontamentos rabínicos acerca da tradição oral judaica, de acordo com o que detalha a *Mishnah* (séc. II d.C.). A *Mishnah* mais a *Guemara babilônica* é chamado de *Talmude babilônico* ou *Bavli. teologumeno*. Mera dedução a que chegaram os teólogos depois de racionar partindo de verdades religiosas aceitas; ou, mais amplamente, qualquer conteúdo religioso.

*testemunho* (lat. *testemonium*). (i) Passagem do AT ou citação da patrologia ou do período patrístico que tenha algum significado direto sobre a vida, morte e testemunho de Jesus. (ii) texto manuscrito que transmite a obra, total ou parcialmente, e dotado de características idiossincráticas, e.g. suportes, variantes, lições, κτλ.

*Toráh* (heb. “instrução”). Ensino mosaico em geral. Mais tardiamente, uma denominação para o Pentateuco.

*Tradição*. Representa aquilo que se conhece de uma obra ao longo de sua história transmissiva, e.g. testemunhos, *mss.*, preservados ou perdidos. É um conjunto de lições que caracterizam um *ms.* ou família de *mss.* Representa o conjunto de testemunhos de uma obra. Quando se tem um só testemunho, a tradição é de testemunho único = *traditio unica* ou *codex unicus*. Pode ainda ser *binária*, quando o obra advém de dois ramos. Pode ser *de dois caminhos*, e.g. *Didaquê*: divide-se em “caminho da vida” em contraste ao “caminho da morte”. Pode ser *tripla*, como é o caso do problema sinótico.

*variante*. (i) Em crítica textual, um fraseado diferente (ou leitura) de um texto cristão que é encontrado em um *ms.* Há aproximadamente meio milhão de variantes somente nos *mss.* do NT. (ii) Alguns reservam este termo a variantes textuais significantes (usado aqui neste texto).

*umlaut*. Sinal diacrítico que aparece nas margens de *mss.* (e.g., *Codex Vaticanus*); pode significar um variante reconhecida pelo copista.

*uncial*. Estilo de escrita manual de *mss.* mais antigos (sécs. II-VII), letras meio arredondas, maiúsculas. Nos aparatos críticos são identificados por letras também maiúsculas (e.g., A, Θ, γ)

*Vulgata.* A tradução da Bíblia para o latim (*editio vulgata*) por Hieronymus, completada no séc. IV, impressa a partir de 1546 (*Bíblia de Gutenberg*). Traduzida a partir da *LXX* (só 46 livros dos 53) e do *gr.* do NT (27 livros). Ela é a versão canônica Católica Romana.

*Weltanschauung der Zeit.* Calco linguístico alemão adotado pelas demais línguas e uso disseminado na epistemologia alemã, ética, filosofia e teologia para expressar a ideia de uma visão de mundo em uma dada época.



Mosaico de São Pedro. Igreja de São Salvador em Chora, (Museu de Chora ou Kariye Müzesi), Istanbul Turquia . Considerado um dos mais belos exemplos de uma igreja bizantina, 1315-1321 (restaurado 1948). (on-line) <  
[http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/e/eb/Peter\\_in\\_Chora.jpg](http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/e/eb/Peter_in_Chora.jpg) >.





Tela de Albrecht Dürer, *Os Quatro Apóstolos*. Data  
Alte Pinakothek (Antiga Pinacoteca), um  
<http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/7/7>



Óleo e tempera sobre madeira. Dimensões 204 × 74 cm (o  
mais importantes museus da Alemanha. Em Munique.  
8%BCrer-Petrus.jpg >





## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Asam Church (Munich), hall de entrada. Estátua do Apóstolo Pedro com duas chaves. Barroco alemão do sul, tardio. Por irmãos Asam. Igreja Asamkirche (nome oficial St.-Johann-Nepomuk-Kirche), Múnichens, Alemanha. Data 1733-1746. <  
[http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/1/12/Asamkirche\\_Vorraum.JPG](http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/1/12/Asamkirche_Vorraum.JPG)>.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

---

### 1. Edições, Textos, Manuais, Comentários, Tradução, Consulta Geral:

- ALAN, Kurt; ALAND Barbara. *The Text of the New Testament: An Introduction to the Critical Editions and to the Theory and Practice of Modern Textual Criticism*. [trad. Erroll F. Rhodes et alii.]. 2ª ed. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1995.
- ALBINSON, Ian (ed.). *A outra face do Cristianismo – Livros cristãos que ficaram fora da Bíblia trazem versões controversas sobre a vida de Jesus. – in: Galileu 137*. Rio de Janeiro: Globo, dez/2002, pp.16-24.
- ALEXANDRE Jr., Manuel. *Gramática de Grego*. Lisboa: Alcalá & Soc. Bíblica de Portugal, 2003.
- ALLBERRY, Charles. R. (ed.) *Manichaean Manuscripts in the Chester Beatty Collection: Vol II, part II: A Manichean Psalm Book*, Stuttgart: W. Kohlhammer, 1938.
- ALTANER, Berthold; STUIBER, Alfred. *Patrologia: Vida, Obras e Doutrina dos Padres da Igreja*. [trad. Monjas Beneditinas, 1988]. 3ª ed. São Paulo: Paulinas, 2004.
- AMANN, Émile (ed.). *Le Protévangile de Jacques et ses remaniements latins*. Paris: Letouzey, 1910.
- AMERICAN BIBLE SOCIETY. (on-line) <  
<http://www.americanbible.org/about/>>. Acessado em 25.10.2012.
- ANDERSEN, T. David. *Perceived authenticity: The fourth criterion of good translation. Notes on Translation 12 (3)*. Dallas: SIL, 1998, pp.1-13.
- ARCHAMBAULT, G. (ed.). *Justin: Dialogue avec Triphon, XLV*. 4ª ed. vol.I. Paris: 1909.

- ARGYLE, Aubrey W. *Greek Among the Jews of Palestine in New Testament Times*. – in: *New Testament Studies*, n<sup>o</sup>. 20. Oxford: Cambridge Press, 1973-1974, pp.87-9.
- ARIAS, Juan. *Jesus, Esse Grande Desconhecido*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.
- BAILLY, Anatole. *Dictionnaire Grec Français (Le grand Bailly)*. ed. rev. Librairie Hachette, 2000.
- BARBOSA, Heloisa Gonçalves. *Procedimentos Técnicos da Tradução – Uma nova proposta*. Campinas: Pontes, 1990.
- BAKER, Mona (ed.); Kirsten Malmkjær (assist. ed.). *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*. London & New York: Routledge, 2001.
- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch; VOLOCHINOV, Valentin Nikolaevič. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. [trad. Michel Lahud; Yara Frateschi Vieira *et alii*]. São Paulo: Hucitec, 2006.
- BARNS, John Wintour Baldwin; BROWNE, Gerald M.; SHELTON, John Christian (eds.). *Nag Hammadi Codices: Greek and Coptic Papyri from Cartonnage of the Covers*. Leiden: Brill, 1981.
- BARNWELL, Katharine. *Bible Translation: An Introductory Course in Translation Principles*. [1<sup>a</sup> ed. 1975] 3<sup>a</sup> ed. rev. Dallas: SIL, 1986.
- \_\_\_\_\_. *Teachers Manual to Accompany Bible Translation: An Introductory Course in Translation Principles*. 3<sup>a</sup> ed. Dallas: SIL, 1987.
- BASILE, Nicola. *Sintassi Storica del Greco Antico*. Paola Radici Colage (coord.). Bari: Levante Editori, 1998.
- BASSNETT, Susan. *Translation Studies*. London and New York: Routledge, 1980/1991.
- BASSNETT, Susan; LEFEVERE, André. (eds.) *Translation, History and Culture*. London: Cassell, 1990.
- \_\_\_\_\_. (eds.) *Constructing Cultures: Essays on Literary Translation. Topics in Translation 11*. Clevedon: Multilingual Matters, 1998.
- BASSNETT, Susan; TRIVEDI, Harish. (eds.) *Post-colonial Translation: Theory and Practice*. London: Routledge, 1999.

- BATIFFOL, Pierre Henri; WILTMART, a. *Tractatus Origenis de libris 55 Scripturarum*. Paris: 1900, p.204
- BAUER, W. *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature*. 4<sup>a</sup> ed. Chicago: University of Chicago Press, 1959.
- BEEKMAN, John; CALLOW, John. *Translating the Word of God*. Grand Rapids: Zondervan, 1974.
- BENJAMIN, Walter. *A Tarefa do Tradutor*. orig. *Die Aufgabe des Übersetzers Gesammelte Schriften*. Berlin: 1923, IV.1, pp.9-21. [trad. Maria Filomena Molder]. Lisboa, 1999. (on-line) < <http://www.c-e-m.org/wp-content/uploads/a-tarefa-do-tradutor.pdf> >. Acessado em 13/09/2012.
- \_\_\_\_\_. *La tâche du traducteur*. – in: Walter Benjamin, *Œuvres I* (1923). [trad. Maurice de Gandillac; Rainer Rochlitz]. Gallimard: Folio Essais, 2000.
- \_\_\_\_\_. *A tarefa-renúncia do tradutor*. – in: HEIDERMAN, Werner (org.). *Clássicos da teoria da tradução. Antologia Bilíngüe*. [trad. Susana Kampff Lages]. Florianópolis: NUT, 2001, vol.1, pp. 188-215.
- \_\_\_\_\_. *O Conceito de Crítico de Arte no Romantismo Alemão*. [Trad., introd. e notas de Marcio Seligmann-Silva]. São Paulo: Iluminuras/EDUSP, 1993.
- BERARDINO, Angelo Di (org.). *Dicionário Patrístico de Antigüidades Cristãs*. DPAC-pt. [trad. Cristina Andrade]. São Paulo; Petrópolis: Paulus; Vozes, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Dizionario Patristico e di Antichità Cristiane*. DPAC-it. Rome: Istituto Patristico Augustinianum, 1988.
- BERGER, Klaus. *As formas literárias do Novo Testamento*. [trad. Fredericus Antonius Stein]. São Paulo: Loyola, 1998.
- BERLEJUNG, Angelika; FREVEL Christian (orgs.). *Dicionário de termos teológicos fundamentais do Antigo e do Novo Testamento*. [trad. Monika Ottermann]. São Paulo: Paulus & Edições Loyola, 2011.

- BERMAN, Antoine. *A tradução e a letra ou o albergue longínquo*. [trad. Andréia Guerini; Marie-Hélène Catherine Torres; Mauri Furlan]. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2007.
- \_\_\_\_\_. *Pour une critique des traductions: John Donne*. Paris: Gallimard, 1995.
- \_\_\_\_\_. *A prova do estrangeiro: cultura e tradução na Alemanha romântica*. [trad. Maria Emília Pereira Chanut]. Bauru; São Paulo: EDUSC, 2002.
- BEYLARD-OZEROFF, Ann; KRÁLOVÁ, Jana; MOSER-MERCER, Barbara (eds.). *Translators' Strategies and Creativity*. Amsterdam: John Benjamins, 1998.
- BHABHA, Homi K. *The Location of Culture*. London: Routledge, 1994.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM. Nova ed. rev. [Notas, introdução e tradução da École Biblique de Jérusalem]. Tiago Giraudo (ed.). São Paulo: Paulinas, 1985.
- BLACK, Matthew; ALEXANDER, Patrick H.; CRAIG A. Evans M. *An Aramaic Approach to the Gospels and Acts*. 3ª. ed. Peabody MA: Hendrickson, 1998.
- BLUMENTHAL, Martin. *Formen und Motive in den Apocryphen Apostelgeschichten*. – in: TU 48,1. Leipzig: Hinrichs, 1933.
- BOCK, Darrell; BOCK, Heiko. *Quebrando o Código da Vinci*. [trad. Eduardo Rado]. Osasco: Novo Século, 2004<sup>A</sup>.
- \_\_\_\_\_. *Breaking The Da Vinci Code: Answers to the Questions Everybody's Asking*. Nashville: Nelson Books, 2004<sup>B</sup>.
- BONNET, Maximilianus. *Zeitschrift für die neutestatmentliche Wissenschaft und die Kunde des Urchristentums*. – in: *ZWth*. 1880, pp.239ss, reproduzido por Carl Reinhard Schmidt, *Petrusakten*, 65, N.2. Leipsig: Hinrichs, 1903.
- \_\_\_\_\_. (ed.). *Acta Apostolorum Apocrypha*. vols. I-II. Leipzig: Hinrichs, 1891, [reimp. Hildesheim, 1972].
- BORGES, Jorge Luis. *As versões homéricas*. – in: *Discussão*. [trad. Claudio Fornari]. São Paulo: Difel, 1985, pp.71-8.



- BOVON, F. *et alii*. Art. *La vie des Apôtres. Tradicions bibliques et narrations apocryphes*, pp.141-168. – in: BOVON F. *et alii*. *Semeia* 38. Córdoba, Society of Biblical Literature, 1986.
- BRANDÃO, Jacynto Lins. *Narrativa e Mimese no Romance Grego: o narrador, o narrado e a narração num gênero pós-antigo*. 1996. 233pp. Tese para Professor Titular de Língua e Literatura Grega da FL-UFMG. Belo Horizonte: 1996.
- BRATKE, Eduard von. *Das sogenannte Religionsgespräch am Hof der Sasaniden: Texte und Untersuchungen zur geschichte der altchristlichen literatur*. t.XIX. fasc.3 (N.F., IV,3). Leipzig: Hinrichs 1899.
- BRIGTH, John. *História de Israel*. 7ª. ed. [trad. Luiz Alexandre Solano Rossi; Eliane Cavaliere Solano Rossi]. São Paulo: Paulus, 2003.
- BRITTO, Paulo Henrique. *Ofício de tradutor*. – in: *Cadernos de tradução*, II, p.467-78. Entrevista. Florianópolis: NUT-USFC, 1996.
- BRODSKY, Joseph. *Quase uma elegia*. [trad., introd. e textos complem. de N. Ascher; B. Schnaiderman]. Rio de Janeiro: Sete Letras, 1996.
- BROWN, Dan. *O Código da Vinci*. [trad. Celina Cavalcante Falck-Cook]. São Paulo: Sextante, 2003.
- BUBER, M.; ROSENZWEIG. F. *Scripture and Translation*. Bloomington: Indiana University Press, 1994.
- BUDGE, Ernest Alfred Wallis. *The Contendings of the Apostle t.I. – in: The Ethiopic Text*, London: British Library, 1899.
- BULTMANN, Rudolf Karl. *Die Geschichte der synoptischen Tradition*. (1921).10a. ed. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1995.
- BURRUS, Virgínia. *Incontro di studiosi dell'antichità cristiana: Gli Apocrifi cristiani e cristianizzati*. *Revista Augustinianum*, XXIII, fasc.12. Roma: Col. Agustinianum Press, 1983, pp.37-43.
- \_\_\_\_\_. *Chastity as autonomy: Women in the stories of the Apocryphal Acts*. – in: *Semeia* 38. New York: 1986, pp.101-17.
- BURSTEIN, Dan. *Secrets of the Code – The unauthorized Guide to the Mysteries behind the Da Vinci Code*. New York: CDS Books & LLC, 2004.

- CALVINO, Italo. *Por que ler os clássicos*. 2ª. ed. [trad. Nilson Moulin]. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- CAMERON, Ronald D. *The Other Gospels: Non-canonical Gospel Texts*. Philadelphia: Fortress Press, 1982.
- CAMPELLO, Bernadete Santos; CEDÓN, Beatriz Valadares; KREMER, Jeannete Marguerite. *Fontes de Informação Para Pesquisadores e Profissionais*. Belo Horizonte: UFMG, 2007.
- CAMPOS, Geir. *Como fazer tradução*. Petrópolis: Vozes & IBASE, 1986<sup>A</sup>.
- \_\_\_\_\_. *O que é tradução*. São Paulo: Brasiliense, 1986<sup>B</sup>.
- CAMPOS, Jorge; RAUEN, Fábio José (orgs.). *Tópicos em Teoria da Relevância*. Porto Alegre: EdIPUCRS, 2008.
- CARSON, Donald Arthur. *The limits of dynamic equivalence in Bible translation*. – in: *Notes on Translation* 121. Dallas: 1985, pp.1-15.
- \_\_\_\_\_. *The Inclusive Language Debate: A Plea for Realism*. Grand Rapids: Baker, 1998.
- CATECISMO (Igreja Católica Romana), nº 890 e Direito Canônico, Título IV, Os Meios Sociais de Comunicação, parágrafos 822-832.
- CATFORD, John Cunnison. *A linguistic theory of tradition*. Oxford: Oxford University, 1965<sup>A</sup>.
- \_\_\_\_\_. *A linguistic theory of translation: an essay in applied linguistics*. London: Oxford University Press, 1965<sup>B</sup>.
- CCSA – *Corpus Christianorum, Serie Apocryphorum*. Paris: Brepols & Turnhout, 1989.
- CERRO Calderón, Gonçalo Del. *Cronología relativa dos HchAp*. – in: PIÑERO, Antonio; CERRO, G. (eds.), *Hechos Apócrifos de Los Apóstoles I*. Madrid: Biblioteca Autores Cristianos, 2004, pp.58-60.
- \_\_\_\_\_. *Cronología de los Hechos Apócrifos de los Apóstoles*. – in: *Analecta Malacitana XV*, 1-2. Madrid: 1992, pp.85-95.
- \_\_\_\_\_. *idem*. < versão digital: <http://www.anmal.uma.es/numero10/cerro.htm> >. Acessado em 22/05/2011).

- \_\_\_\_\_. *El uso de la Sagrada Escritura en los Hechos Apócrifos de los Apóstoles*. Tese de doutoramento (Filologia grega) – Universidad de Málaga, Málaga, 1991-1992. Principais resultados – in: *EstBib* 51, 1993, pp.207-232.
- CHAMPLIN, Russell Norman. *O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo – Volume I Artigos Introdutórios, Mateus, Marcos* [NTI, trad. João Marques Bentes; Vera Lúcia de Oliveira; Neusa Maria da Silva]. São Paulo: Candeia, 1998.
- CHANTRAINE, Pierre. *La formation des noms en grec ancien*. Paris: Librairie Ancienne Honoré Champion, 1933.
- \_\_\_\_\_. *Dictionnaire étymologique de la Langue Grecque*. 2 vols. Paris: Editions Klincksieck, 2000.
- CLOUD, D. *Dynamic Equivalency: Death Knell of Pure Scripture*. Port Huron: Way of Life Literature, 2001. (também on-line) < [www.wayoflife.org](http://www.wayoflife.org) >. Acessado em 13/03/2012.
- COMBY, Jean; LEMONON, Jean-Pierre. *Roma em face a Jerusalém – visão dos autores gregos latinos*. [trad. Benôni Lemos]. São Paulo: Paulinas, 1987.
- \_\_\_\_\_. *Vida e Religiões no Império Romano – No tempo das Primeiras Comunidades Cristãs*. [trad. Benôni Lemos]. São Paulo: Paulinas, 1988.
- COMMODIANUS, (Gazæus). *Carmem apologeticum*. – in: Ernst Ludwig (ed.). *Commodiani carmina*. Oxford: Oxford, 1878.
- CONYBEARE, Frederick Cornwallis; STOCK, St. George. *A Grammar of Septuagint Greek*. Boston: Ginn and Company, 1905.
- CORSSEN, Peter. *Monarchianische Prologe zu den vier Evangelien*. – in: *Text und Untersuchungen zur Geschichte der altchristlichen Literatur*, TU 15.1. Leipzig: Hinrichs, 1986.
- CRANMER, Thomas. *Prologue to the Great Bible*. 1549 (on-line) < [http://www.gospelcom.net / chi / pastwords / chl036.shtml](http://www.gospelcom.net/chi/pastwords/chl036.shtml) >. Acessado em 23/04/2012.
- CRETELA, José; ULHÕA CINTRA, Geraldo de. *Dicionário Latino-Português*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1953.

- CROSS, Frank Leslie. (ed.) *The Oxford Dictionary of the Christian Church*. 3<sup>th</sup> ed. New York: Oxford University Press, 2005, verbetes *Diatessaron e Peshitta*.
- CROSSAN, John Dominic. *O Jesus Histórico – A vida de um camponês judeu do Mediterrâneo*. [trad. André Cardoso]. Rio de Janeiro: Imago, 1994.
- \_\_\_\_\_. *Four other Gospels: Shadows on The Contours of Canon*. Minneapolis: Winston Press; Seabury Books, 1985.
- \_\_\_\_\_. *The Cross That Spoke: The Origins of the Passion Narrative*. San Francisco: Harper & Row, 1988.
- DANIELS, Jon B. *The Egerton Gospel: Its Place in Early Christianity*. Tese de doutoramento em Claremont Graduate School, orientador James McConkey Robinson. Ann Arbor: University Microfilms Internacional, 1989.
- DAREMBERG, Charles Victor; SAGLIO, Edmond. *Dictionnaire des antiquités grecques et romaines – D’après les textes et les monuments*. t. I-V. Paris: Hachete, 1877-1919.
- DAVIES, Stevan L. *The revolt of the Widows: The Social World in the Apocryphal Acts*. New York: Carbondale; Southern Illinois Univ. Press, 1980.
- \_\_\_\_\_. *Women, Tertullian and the Acts of Paul*. – in: *Semeia 38 – Apocryphal Acts of Apostles*, Dennis R. MacDonald (ed.). Chicago: Society of Biblical Literature, 1986, pp.139-43.
- DE MAN, Paul. *Conclusões: “A tarefa do tradutor” de Walter Benjamin*. – in: *A resistência à teoria*. [trad. Teresa Louro Pérez]. Lisboa/Rio de Janeiro: Edições 70. 1989, pp.101-35.
- DE ROSSI, Giovanni Battista; SILVANI, Angelo; FERRUA Antonio. *Inscriptiones christianæ urbis Roma Sptimo Sæculo Antiquiores*. vol II. Roma: ICUR, 1861-1888; Pontifício Instituto di Archeologia Cristiana, 1975.
- \_\_\_\_\_. *Bullettino di archeologia cristiana*. 4<sup>a</sup>. Serie. t.I. Rome: 1882.
- DENZINGER, Henricus; SCHÖNMETZER, Adolfus (eds.). *Enchiridion symbolorum definitionum et declarationum de rebus fidei et morum. Quod emmendauit, auxit, in linguam germanicam transluit et*

- adiuvant H. Hoving editit P. Hunermann. – in: DH, Editio XXXV, Romæ, 1973. HÜNERMANN, P. (ed.). 37<sup>a</sup> ed. Freiburg: 1991.*
- DELISLE, Jean; WOODSWORTH, Judith. *Os Tradutores na história*. [trad. Sérgio Bath]. São Paulo: Ed. Ática, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Translators Through History*. Amsterdam: John Benjamins, 1995.
- DERRIDA, Jacques. *Des Tours de Babel. – in: Joseph F. Graham (ed.). Difference in Translation*. Ithaca: Cornell University Press, 1985. [Também – in: G. Anidjar (ed.) *Acts of Religion* (pp. 104-34). London: Routledge, 2002].
- DERRIDA, Jacques; VATTIMO, Gianni. (orgs.) *La Religione*. Roma-Bari: Laterza, 1995.
- DI BERNARDINO, Angelo (ed.). *Dizionario Patristico e di Anchtità Cristiane (DPAC-it.)*. 3 v. Casale Monferraro: Casa da Editrice Marietti, 1983.
- \_\_\_\_\_. *Dicionário Patrístico e de Antiguidades Cristãs (DPAC-pt.)*. [trad. Cristina Andrade]. Petrópolis: Vozes / Paulus, 2002.
- DIBELIUS, Martin. *Die Formgeschichte des Euangeliums*. 6<sup>a</sup> ed. [Trad. do esp. *La historiade las formas evangélicas*. Valência: 1984]. Tübingen: J.C.B. Mohr, 1919/1971 pp.68, 101, 247.
- DIODATI, Dominic. *De Christo Græce Loquente Exercitatio: – in: O.T. Dobbin (ed.). Qua Ostenditur Græcam Sive Hellenisticam Linguam cum Judæis Omnibus, Tum ipsi Adeo Christi Domino, et Apostolis Nativam, ac Vernaculam Fuisse*. London: John Gladding, 1843.
- DIOTALLEVI, Luca (org.). *La ricerca dei dati JFK-Eurisko*. JFK-Eurisko & Ecclesia. Vaticano: Departamento de Sociologia – Università Roma TRE, 2008.
- DOBSCHÜTZ, Ernst von. *Der Roman in der altchrislichen Literatur. – in: von Julius Rodenberg (ed.). Deutsche Rundschau 3 / 111*. Berlin: Gebrüder Paetel Verlag, apr./1902, pp.87-106
- DODD, Charles Harold. *The Parables of the Kingdom*. London: James Nisbet, 1961.
- DODDS, Eric Robertson. *Pagan and Christian in a Age of Anxiety*. Cambridge: Cambridge Press, 1965.

- DOUTRELEAU, Louis. *Didyme l'Aveugle sur Zacharie*, 3 vols. SC, 83-85. Paris: Le Cerf, 1962.
- DROBNER, Hubertus R. *Manual de Patrologia*. [trad. Orlando dos Reis; Carlos Almeida Pereira]. Petrópolis: Vozes, 2003.
- DUCHESNE, Louis. *Early History of the Church*. vol.1. London: J. Murray, 1843-1922.
- \_\_\_\_\_. *Origines du culte chrétien: étude sur liturgie latine avant charlemagne* 4<sup>a</sup>. ed. Paris: Albert Fontemoing, 1908.
- DUFOURCQ, Albert. (Étude sur) *Les Gesta martyrum romains*. t.I-IV. Paris: A. Fontemoing, 1900.
- DUNELM, B. F. S. *Clement of Rome: A revised text I*, Parte 1. – in: Joseph Barber Lightfoot (ed.). *The Apostolic Fathers*. London; New York, 1890, VI, nt.1.
- DUTHIE, Alan S. *How to Choose Your Bible Translation Wisely*. Carlisle: Paternoster Press, 1995.
- EAGLETON, Terry. *Teoria da Literatura: Uma introdução*. [trad. Waltensir Dutra]. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- ECO, Umberto. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. [trad. Hildegard Feist]. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Os Limites da Interpretação*. [trad. José Colaço Barreiros]. Lisboa: Difel, 1992.
- \_\_\_\_\_. *Quase a mesma coisa: experiências de tradução*. [trad. de Eliana Aguiar]. São Paulo: Record, 2007. *apud* resenha Andréia Guerini, 2008. (on-line) <  
<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/viewFile/8238/7593> >. Acessado em 11/12/2012.
- \_\_\_\_\_. *Lector em fabula*. [trad. Attilio Cancian]. São Paulo: Perspectiva, 1986.
- EGGER, Wilhelm. *Metodologia no Novotestamento: introdução aos métodos linguísticos e histórico-críticos*. São Paulo: Loyola, 1994.
- EHRMAN, Barth. D. *Lost Christianities: The Battles for Scripture and the Faiths We Never Knew*. USA: Oxford University Press, 2003.
- \_\_\_\_\_. *God's Problem: How the Bible Fails to Answer Our Most Important Question-Why We Suffer*. New York: Harper One, 2008.

- \_\_\_\_\_. Site oficial. (on-line) < <http://www.bartdehrman.com/biography.htm> >. Acessado em 03/02/2010.
- \_\_\_\_\_. *A Verdade e a Ficção em o Código da Vinci*. São Paulo: Record, 2005.
- \_\_\_\_\_. *O que Jesus Disse? O que Jesus Não Disse? Quem mudou a Bíblia e por quê*. São Paulo: Editora Prestígio, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Peter, Paul, and Mary Magdalene: The Followers of Jesus in History and Legend*. Oxford: Oxford University Press, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Lost Christianities: The Battles for Scripture and the Faiths We Never Knew*. Oxford: Oxford University Press, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Jesus, Interrupted: Revealing the Hidden Contradictions in the Bible (And Why We Don't Know About Them)*. New York: HarperCollins, 2009.
- EHRMAN, Barth. D; METZGER, Bruce. *The Text of the New Testament: Its Transmission, Corruption, and Restoration*. [ed. rev]. Oxford: Oxford University Press, 2005.
- EISENMAN, Robert H.; WISE, Michael. *Manoscritti segreti di Qumran*. Edizione italiana a cura di Elio Jucci. Piemme, Asti: 1994.
- ELIAS, Norbert. *Über den Prozeß der Zivilisation*. Frankfurt: Suhrkamp, 1976.
- ELLIOT, Neil. *Libertando Paulo – A justiça de Deus e a política do Apóstolo*. [trad. João Resende Costa]. São Paulo: Paulus, 1994/1997.
- ERASMUS, Desiderius. *An Exhortations to the Diligent Study of Scripture*. Hanover, 1516. – in: Hanover College History Department. (on-line) < <http://history.hanover.edu/courses/excerpts/346erasmus.html> >. Acessado em 25.01.2012.
- ERBETTA, Mario. *Atti e legende*. – in: *Gli Apocrifi del Nuovo Testamento*, II. Torino: Editrice Marietti, 1966/1970.
- ERNOUT, Alfred; MEILLET, Antonie. *Dictionnaire Etymologique de la Langue Latine – Historie des Mots*. 3ª. ed. Paris: Librairie C. Klincksieck, 1951.
- EUSEBIUS Pamphili de Cesareia. *Ἐκκλησιαστικὴ Ἱστορία*, liv. III, cap. XXV – *As Divinas Escrituras que são aceitas e aquelas que não são*.

- American Society of Church History – in: *Boletim December/1888*. Impresso Vol. I. New York: Society's paper, 1889, pp.251ss.
- EUSEBIUS PHAMPHILI (de Cesareia). Citação cap. XXI. – in: *Nova Patrum bibliotheca*, 1884, t.II, p.519ss. – in: Jacques-Paul Migme (ed.). *Patrologie cursus completus. Series Graeca (P.G.)*. t.LXXXVI, vol.1. Paris: 1928, col.449.
- EVEN-ZOHAR, Itamar (*heb.*: איתמר אבן-זהר). *The position of translated literature within the polysystem*. [1978/1990/2000]. – in: Lawrence Venuti (ed.) *The Translation Studies Reader*. London; New York: Routledge, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Laws of cultural interference*. [rascunho do trabalho]. 2001. (on-line) < <http://www.tau.ac.il/~itamarez/papers/culture-interferencehtm> >. Acessado em 12/02/2012.
- EWERT, David. *From Ancient Tablets to Modern Translations: A General Introduction to the Bible*. Grand Rapids: Zondervan, 1983.
- FARIA, Ernesto. *Dicionário escolar latino-português*. [rev. Ruth J. de Faria]. 6ª. ed. Rio de Janeiro: FAE, 1994.
- FARIA, Jacir de Freitas. *Releitura do Shemá Israel nos evangelhos e Atos dos Apóstolos*. Petrópolis: Vozes, 2002<sup>A</sup>.
- \_\_\_\_\_. *Pedro não é pedra*. – in: *Jornal de Opinião*. Belo Horizonte, set. 2002<sup>B</sup>, p.7.
- FARRELL, Tim; HOYLE, Richard. *Translating implicit information in the light of Saussurean relevance and cognitive theories*. – in: *Notes on Translation* 9. vol.1. Dallas: SIL, 1995, pp.9-26.
- \_\_\_\_\_. *The application of Relevance Theory: A response*. – in: *Notes on Translation* 11 (1). Dallas: SIL, 1997, pp.19-26.
- FASCHER, Erich. *Die formgeschichtliche Methode*. –in: *eine Darstellung und Kritik*. –in: *zugleich ein Beitrag zur Geschichte des synoptischen Problems*. Giessen: Töpelmann, 1924.
- FAWCETT, Peter. *Ideology and translation*. – in: Mona Baker (ed.); Kirsten Malmkjær (assist. ed.). *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*. London: Routledge, 1998, pp.106-11.
- FLAMION, Joseph. *Les Actes Apocryphes de Pierre* [contin.]. – in: *Revue d'histoire ecclésiastique, RHE* XI. Paris, Bruxelles: Louvain Bureau du Recueil, 1910, pp.5-28; 223-56; 447-70; 675-92.



- \_\_\_\_\_. *Les Actes Apocryphes de Pierre*. – in: *Revue d'histoire ecclésiastique*, RHE IX. Paris, Bruxelles: Louvain Bureau du Recueil, 1908, pp.233-54.
- \_\_\_\_\_. *Les Actes Apocryphes de Pierre* [contin.]. – in: *Revue d'histoire ecclésiastique*, RHE X. Paris, Bruxelles: Louvain Bureau du Recueil, 1909, pp.5-29; 245-77.
- \_\_\_\_\_. *Les Actes Apocryphes de Pierre* [contin.]. – in: *Revue d'histoire ecclésiastique*, RHE X. Paris, Bruxelles: Louvain Bureau du Recueil, 1911, pp.209-30; 437-50.
- FLAVIUS JOSEPHUS, Titus. *Guerra dos Judeus - Livro I e Livro II*. [trad. A. C. Godoy]. Curitiba: Jurua, 2002.
- FITTON, Paul. *Reasons why evangelicals should not use the New International Version of the Bible*. 1998. (on-line) < <http://www.ianpaisley.org/article/asp?ArtKey=niv> >. Acessado em 20/06/2012.
- FÓCIO I (gr.: Φώτιος). *Bibliotheca*. cod. 114. – in: P.G. 103, col 389. Λευκίου Χαρίνου αἱ τῶν ἀποστόλων Περίοδοι.
- FOSTER, Michael. *Friedrich Daniel Ernst Schleiermacher*. –in: STANFORD ENCYCLOPEDIA OF PHILOSOPHY. 2002. (on-line), < [www. http://plato.stanford.edu/entries/schleiermacher/](http://plato.stanford.edu/entries/schleiermacher/) >. Acessado em 21/12/2012.
- FRANCE, Peter. (ed.) *The Oxford Guide to Literature in English Translation*. Oxford: Oxford University Press, 2000.
- FREIRE, Antonio. *Gramática Grega*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- FUNK, Franz Xaver von (ed.). *Didascalía et Constitutiones Apostolorum*. [Síria: c<sup>ca</sup>. 375] Paterborn: Schoeningh, 1905.
- FURLAN, Mauri. *A teoria de tradução de Lutero*. – in: Annete Endruschat & Axel Schönberger (orgs.). *Übersetzung und Übersetzen aus dem und ins Portugiesische*. Frankfurt am Main: Domus Editoria Europaea, 2004, pp.11-21.
- \_\_\_\_\_. *Linguagem e tradução em Walter Benjamin*. – in: Anais do XI Encontro Nacional da Anpoll. João Pessoa: 1996, pp.551-6.
- \_\_\_\_\_. 2012, (on-line) < [http://vernaculas.paginas.ufsc.br/files/2012/06/Da\\_Arte\\_de\\_Traduzi](http://vernaculas.paginas.ufsc.br/files/2012/06/Da_Arte_de_Traduzi)

r\_de\_Lawrence\_Humphrey\_Mauri\_Furlan.pdf >. Acessado em 23/12/2012.

- GABEL, John B.; WHEELER, Charles B. *A Bíblia Como Literatura*. [trad. Adail Ubirajara Sobral; Mana Stella Goncalves]. 2<sup>a</sup> ed. São Paulo: Loyola, 2003.
- GARRUCCI, Raffaele. *Storia dell'Arte cristiana nei primi otto secoli*. vol.I-VI. Prato: 1873-1881.
- GENTZLER, E. *The 'science' of translation*. In: *Contemporary translation theories*. London & New York: Routledge. 1993. p.43-73.
- GEYER, Paulus. (ed.). *Itinera Hierasolymitana saeculo III-VIII*. – in: *Corpus scriptorum ecclesiasticorum latinorum*. vol. XXXIX. Prague; Vienna: Jellinek, 1898.
- GIANOTTO, Claudio. *Risonanze scritturistiche nel Salterio Manicheo*. – in: *Bulletin de la Societé Archéologique Copte* 35. Cairo: 1996, pp.59-73.
- GILES, Howard; COUPLAND, Nikolas; COUPLAND, Justine. *Accommodation theory: Communication, context, and consequence*. – in: H. Giles; J. Coupland; N. Coupland; K. et alii (eds.). *Contexts of Accommodation*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.
- GILMAN, A. E. *Between religion and culture: Mendelssohn, Buber, Rosenzweig and the enterprise of biblical translation*. – in: F.W. Knobloch (ed.) *Biblical Translation in Context*. Bethesda: University of Maryland Press, 2002, pp.93-114.
- GIRARD, René. *O Bode Expiatório e Deus*. [trad. Márcio Meruje]. – in: José M. S. Rosa; Artur Morão (eds.). *Textos Clássicos de Filosofia*. Covilhã: Lusosofia Press, 2008.
- \_\_\_\_\_. *O bode expiatório, entre Édipo e Cristo*. [trad. Moisés Sbardelotto]. Artigo – in: *jornal La Repubblica*, 13-mai-2013.
- GOERLING, Fritz. *Relevance and transculturation*. – in: *Notes on Translation* 10. vol. 3. Dallas: SIL, 1996, pp.49-57.
- GÖTZ, K. Georg. – in: *Biographisches Jahrbuch für die Altertumswissenschaft* 42. London. 1909; New York, 1922, pp.1-10.
- GOODSPEED, Edgar Johnson. *The Acts of Paul and Thecla*. – in: *The Biblical World* 17.3. London: março/1901, pp.185-90.

- GOLDSMAN, Akiva. *O Código Da Vinci*. Prefácio de Dan Brown. [trad. Pedro Jorgensen Jr.]. Rio de Janeiro: Sextante, 2006.
- GOODWIN, Charles. *Audience diversity, participation and interpretation*. *Text* 6 (3). 1986, pp.283-316.
- GOODWING, William Watson. *Syntax of the moods and tenses of the Greek verbs*. Boston; NY; *et aliae*: Gym and Company, 1897/1970.
- GOODY, Jack. *The Interface Between the Oral and the Written*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- GORDON, Connell. *The Cotton Patch Gospel*. Macon: Smyth-Helwys, 2004.
- GREENSTEIN, Edward L. *Essays on Biblical Method and Translation*. Atlanta: Scholars Press, 1989<sup>A</sup>.
- \_\_\_\_\_. *What might make a Bible translation Jewish? – in: Translation and Scripture*. Proceedings of a Conferência no Annenberg Research Institute em 14-16/05/1989. Philadelphia: Annenberg Research Institute, 1989<sup>B</sup>, pp.77-101.
- GRENFELL, Bernard F.; HUNT, Arthur. S. *The Oxyrrhynchus Papyri*, (p<sup>Oxyrh.</sup> 849). vol. IV-VI. London: Luzec & Co., 1908.
- GRICE, Hebert Paul. *The causal theory of perception*. *Proceedings of the Aristotelian Society*, – in: *Supplementary 35*, Oxford: Blackwell, 1961, pp.121-52. Reimpresso partes – in: GRICE, Hebert Paul. *Studies in the Way of Words*. Cambridge: Harvard University Press, 1989, pp.224-47.
- GRIMAL, Pierre. *A concise dictionary of classical mythology*. Tit. orig. fr. *Dictionnaire de la Mythologie Grecque et Romaine*. Cambridge & Massachusetts: Basil Blackwell, 1990.
- GRIMES, Barbara F. (ed.). *Ethnologue: Languages of the World*. 14<sup>a</sup>. ed. Dallas: SIL, 2000. (on-line) < <http://www.ethnologue.com/web.asp> >. Acessado em 30.12.2013.
- GUERINI, Andreia. resenha de *Quase a mesma coisa: experiências de tradução*. [trad. de Eliana Aguiar]. São Paulo: Record, 2007. *apud* resenha Andréia Guerini, 2008. (on-line) < <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/viewFile/8238/7593> >. Acessado em 30.12.2013.
- GUIMARÃES, Ruth (trad.). *O Asno de Ouro*. São Paulo: Cultrix, 1968.

- GUNDERMANN, Gotthold. *Actus Petri cum Simone*. – in: Maximilianus Bonnet; Ricardus Lipsius (eds.). *Acta apostolorum apocrypha (A.a.)*. – in: *Acta Petri*. vol. I. Leipzig: Hinrichs, 1891 [reimp. 1972: Hildesheim].
- GLOTZ, Gustave (ed.). *Cahiers du Centre Gustave Glotz*. Anuário, versão detalhes e notas. Geneva; Paris: De Boccard, 1990-1991.
- GUENEL, Julie; LACOCHE, Brigitte; ROCHEFEUILLE, Marine *et alii*. *Dictionnaire de Sociolinguistique*. New York; Paris: Garland; P.U.F., 1981.
- GUTT, Ernest-August. *From translation to effective communication*. – in: *Notes on Translation 2*. vol 1. Dallas: SIL, 1988, pp.24-40.
- \_\_\_\_\_. Site oficial, SIL. (*on-line*) < [http://www.sil.org/sil/roster/gutt\\_ernst-august.htm](http://www.sil.org/sil/roster/gutt_ernst-august.htm) >. Acessado em 28.08.2012.
- \_\_\_\_\_. *Relevance Theory: A Guide to Successful Communication in Translation*. Dallas; New York: SIL; United Bible Societies, 1992.
- \_\_\_\_\_. *Translation and Relevance: Cognition and Context*. 2<sup>a</sup> ed. Manchester, UK; Northampton, MA: S<sup>t</sup> Jerome Publishing, 2000<sup>A</sup>.
- \_\_\_\_\_. *Urgent call for academic reorientation*. – in: *Notes on Sociolinguistics 5*. vol.2. Dallas: SIL, 2000<sup>B</sup>.
- GÜTTGEMANNS, E. *Offene Fragen zur Formgeschichte des Euangeiums*. München: Cristian Kaiser, 1970.
- HARDWICK, Lorna. *Translating Words, Translating Cultures*. London: Duckworth, 2000.
- HARNACK, Adolf von. *Die Entstehung des Neuen Testaments*. Leipzig: Hinrichs, 1914.
- \_\_\_\_\_. *Miscellen*. – in: *Texte und Untersuchunge*. Verlag; Leipzig: Hinrichs, 1853, t.XX, fasc.3.
- \_\_\_\_\_. *Die Mission und Ausbreitung des Christentums in den ersten drei Jahrhunderten*. t. I. 2<sup>a</sup> ed. Leipzig: Hinrichs, 1906.
- \_\_\_\_\_. *Die Apotelgeschichte*. Leipzig: Hinrichs, 1908.
- \_\_\_\_\_. *Lehrbuch der Dogmengeschichte*. 4<sup>a</sup>. ed. vol. I. Leipzig: Hinrichs, 1900.

- \_\_\_\_\_. *Die Chronologie der Altchristlichen Litteratur bis Eusebius*. vols. I-II. Leipzig: Hinrichs, 1897.
- \_\_\_\_\_. *De laude martyrii*. Leipzig: Hinrichs, 1895.
- HASKINS, Susan. *María Magdalena: mito y metáfora*. Barcelona: Herder, 1993.
- HATIM, Basil; MASON, Ian. *The Translator as Communicator*. London; New York: Routledge, 1997.
- HENRY, René. (ed.). *Photius. Bibliothèque*, vols. I-IV. Contendo Φώτιος (Fócio I). *Bibliotheca. Λευκίου Χαρίνου αἱ τῶν ἀποστόλων Περίοδοι*. Paris: 1960/1965.
- HESSELGRAVE, David J.; ROMMEN, Edward. *Contextualization: meanings, methods, and models*. 2<sup>a</sup>. ed. Grand Rapids: 2000.
- HICKEY, Leo (ed.). *The Pragmatics of Style*. London: Routledge, 1989.
- HILGENFELD, Adolf. *Die Ketzergeschichte des Urchristentums*. – in: *Zeitschrift für wissenschaftliche Theologie*, VIII: Leipzig: pp.578-98.
- HOLMES, James. *The name and nature of Translation Studies*. – in: *Translated! Papers on literary translation and Translation Studies*. Amsterdam: Rodapi, 1988, pp. 66-80.
- HOMERO. *Ilíada*. – in: Carlos Alberto Nunes (trad.). 6<sup>a</sup>. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.
- HOUSE, Juliane. *A model for translation quality assessment*. Tübingen: Gunter Narr. 1977.
- \_\_\_\_\_. *Translation quality assessment: linguistic description versus social evaluation*. – in: *Meta*, XLVI, 2. Oxford: Oxford University Press, 2001. pp.243-257. (on-line) < [www.erudit.org/revue/meta/2001/v46/n2/003141ar.pdf](http://www.erudit.org/revue/meta/2001/v46/n2/003141ar.pdf) >. Acessado em 25/12/2009.
- \_\_\_\_\_. *On the limits of translatability*. – in: *Babel* (19). 1973, pp.166-7.
- HOUSE, Juliane; EDMONDSON, Willis. *Let's Talk and Talk About It: A Pedagogic Interactional Grammar of English*. München: Urban; Schwarzenberg, 1981.

- HUGHES, P. E. *The Languages Spoken by Jesus: New Dimensions in New Testament Study*. R. N. Longenecker; M. C. Tenney (eds.). Grand Rapids: Zondervan, 1974 pp.127-43.
- HUMPHREY, Laurence; Philo (Alexandrinus). (*on-line*): *Interpretatio lingvarvm: sev de ratione conuertendi & explica[n]di autores tam sacros quam prophanos*. vols I-III. Basileæ: Frobenius et Episcopus, 1559. Também – in: books.google (*on-line*) < [http://books.google.com.br/books?id=4hY8AAAACAAJ&printsec=f](http://books.google.com.br/books?id=4hY8AAAACAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false) >. Acessado em 20/12/2012.
- INSTITUTO PRÓ-LIVRO; OBSERVATÓRIO DO LIVRO E DA LEITURA, IBOPE INTELIGÊNCIA *et alii*. *Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil*. Brasília: 29 de março de 2012. Metodologia, resultados (*on-line*) < [prolivro.org.br/ippl/publier4.0/dados/anexos/2834\\_10.pdf](http://prolivro.org.br/ippl/publier4.0/dados/anexos/2834_10.pdf) >. Acessado em 29.12.2012.
- JACOBSON, Roman. *On linguistic aspects of translation*. – in: R. Brower (ed.) *On Translation*. Cambridge: Harvard University Press, 1959.
- JAEGER, Werner. *Os Sofistas*. – in: *Paidéia: a formação do homem grego*. [trad. Arthur M. Parreira]. Lisboa: Aster, 1979, pp.311-54.
- JAMES, Montague Rhode. *The apocryphal New Testament*. Oxford: Clarendon Press, 1924<sup>A</sup>.
- JAUSS, Hans Robert. *Pour une esthétique de la réception*. Paris: Gallimard, 1978.
- JONES, Jeremiah. *Canon of New Testament*. vol.II. Ghent: 1896.
- JORDAN, Clarence. *Cotton Patch Version* (largas porções do NT). 4 vols. Chicago, Association Press, 1968, 1969, 1970 e 1973.
- JOSSA, Giorgio. *Gli Apocrifi del Nuovo Testamento. Tipologia, origine e primi sviluppi*. – in: *Augustinianum*. 23. Roma: Institutum Patristicum Augustinianum, 1983, pp.74-5.
- JOUBE, Vicent. *A leitura*. [trad. Brigitte Hervot]. São Paulo: UNESP, 2002.

- JUNOD, Éric. *Créations romanesques et traditions ecclésiastiques dans les Actes Apocryphes des Apôtres*. – in: *Augustinianum* 23. Roma: Institutum Patristicum Augustinianum, 1983, pp.271-85.
- JUNOD, Éric; KAESTLI, Jean-Daniel. *Actes de Jean à Rome*. – in: *Écrits apocryphes chrétiens II (Bibliothèque de la Pléiade 516)*. Pierre Geoltrain; Jean-Daniel Kaestli (eds.). Paris: Gallimard, 2005, pp. 697-708.
- JÜRGEN, Roloff. *Neues Testament*. Verlag: Neukirchener Verlag, 1999.
- KAESTLI, Jean-Daniel. *L'Histoire des actes apocryphes des apôtres*. – in: *Apocrypha* 19. Turnhout: Brepols, 2008.
- \_\_\_\_\_. *Les principales orientations de la recherche sur les Actes*. – in: BOVON, F. et alii. *Les Actes Apocryphes des Apôtres, Christianisme et monde païen*. Genève: 1981. pp.49-67.
- \_\_\_\_\_. *Le rôle des textes bibliques dans la genèse et le développement des légendes apocryphes : le cas du sort final de l'apôtre Jean*. – in: *Studia ephemeridis Augustinianum* 23. Rome : Col. Augustinianum Press, 1983, p. 319-36.
- \_\_\_\_\_. *L'utilisation des Actes apocryphes des apôtres dans le manichéisme*. – in: *Gnosis and Gnosticism*. Martin Krause (ed.). *Nag Hammadi Studies* 8. Leiden: Brill, 1977.
- KELLMAYER, Steve. *Fact and Fiction in the Da Vinci Code*. Peoria: Bridegroom Press, 2004.
- KERMODE, Franck. *The Genesis of Secrecy*. Cambridge: Harvard University Press, 1979.
- KITTEL, Harald; POLTERMANN, Andreas. *German tradition*. – in: Mona Baker (ed.); Kirsten Malmkjær (assist. ed.). *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*. London: Routledge, 1998, pp. 418-28.
- KLAUCK, Hans-Josef. *Evangelhos Apócrifos*. [trad. Irineu J. Rabuske]. São Paulo: Loyola, 2007.
- KLOPPENBORG, John S. *The Formation of Q: Trajectories Ancient Wisdom Collections. Studies in Antiquity and Christianity*. Philadelphia: Fortress Press, 1987.
- \_\_\_\_\_. *Q Parallels: Synopsis, Critical Notes, and Concordance*. Sonoma: Polebridge Press, 1988.

- KOESTER, Helmut. *Synoptische Überlieferung bei den Apostolischen Vätern.* – in: TU 65. Berlin: Akademie, 1957.
- \_\_\_\_\_. *Apocryphal and Canonical Gospels.* – in: HTR 73, 1980, pp.105-30.
- \_\_\_\_\_. *Introduction to the New Testament.* vols. I e II. *Foundations and Facets.* Philadelphia: Fortress Press, 1982.
- \_\_\_\_\_. *Tractate 2. The Gospel According to Thomas: Introduction.* – in: *Nag Hammadi Codex II, 2-7*, 2 vols., Bentley Layton (ed.), vol. 1, pp.38-49. – in: NHS 20-21, *The Copit Gnostic Library.* Leiden: Brill, 1989.
- \_\_\_\_\_. *Ancient Christian Gospels: The History and Development.* Londres: SCM Press; Philadelphia: Trinity Press International, 1990.
- KOETSCHAU, Paul. *Origenes... Contra Celsum*, III,16. München: 1926, t.I. – in: Jacques-Paul Migne (ed.). *Patrologie cursus completus. Series Graeca (P.G.)*. t.XI. Paris: 1928-1936.
- KRAUSE, Martin; LABIB, Pahor. *Gnostische und hermetische aus Codex II und Codex VI (von Nag Hammadi)*, – in: *Abh. d. dt. Archäol. Inst. Kairo, Kopt. Reihe B. 2 (série).* Glückstadt: 1971.
- KUNTZMANN, Raymond; DUBOIS, Jean-Daniel. *Nag Hammadi – O Evangelho de Tomé.* [trad. Álvaro Cunha]. 2ª. ed. São Paulo: Paulus, 2005.
- LAKE, Kirsopp. *Codex Sinaiticus Petropolitanus: The New Testament, the Epistle of Barnabas and the Shepherd of Hermas.* Oxford: Clarendon Press, 1911.
- LAMBERT. José. 'Communication societies': *Comments on Even-Zohar's 'Making of culture repertoire'.* – in: *Target 10 (2).* 1998, pp.353-6.
- LAMPE, Geoffrey Willian Hugo. (ed.). *The Patristical Greek Lexicon.* Oxford: Clarendon Press, 1961.
- LANZETTI, Rafael. Anais do VIII Congresso Nacional de Linguística e Filologia. Rio de Janeiro: 23-27/08/2004. (on-line) < <http://www.filologia.org.br/viiiicnlf/anais/caderno03-14.html> >. Acessado em 04/12/2012.
- LAYTON, Bentley. *As escrituras gnósticas.* [trad. Margarida Oliva]. São Paulo: Loyola, 2002.



- LARDNER, Nathaniel. *The Credibility of Gospel History – Part II – The Principal Facts of The New Testament*. vol.VIII. London: Theodore Sanders, 1750, p.305.
- LARSEN, Iver A. *The fourth criterion of a Good Translation*. – in: *Notes on Translation* 15 (1). Dallas: SIL, 2001, pp.40-53.
- LARSON, Mildred L. *Meaning-based Translation*. Lanham: University Press of America, 1984.
- LE BLANT, M. Edmond. *Inscriptions chrétiennes de la Gaule*. t.I-II. Paris: Annuaire de la Société archéologique de Constantine, 1859 [reimp. 1894, 1907].
- LEENHARDT, Jacques. *Towards a sociology of reading*. – in: S. Suleirnan; I. Crosman (eds.). *The Reader in the Text: Essays on Audience and Interpretation*. Princeton: Princeton University Press, 1980.
- LEFEVERE, Andre. *Translation, Rewriting and the Manipulation of Literary Fame*. London: Routledge, 1992<sup>A</sup>.
- \_\_\_\_\_. *Translation, History, Culture*. London: Routledge, 1992<sup>B</sup>.
- LEWIS, Agnes Smith. *The mythological Acts of the Apostles*. – in: *Horae Semiticae* 3/4. London: Nabu Press, 1904, p.175-92; 210-6.
- LIDELL Henry G. & SCOTT, Roberto. *A Greek-English Lexicon – with revised supplement*. Oxford: Clarendon & Oxford Press, 1996.
- LIPSIUS, Ricardus Adelbertus. (ed.) *Actus Petri cum Simone*. – in: Maximilianus Bonnet; Ricardus Lipsius (eds.). *Acta apostolorum apocrypha (A.a.)*. – in: *Acta Petri*. Leipzig: Hinrichs, 1891, pp.45-103. [Hildesheim: reimp. 1972].
- \_\_\_\_\_. I, LIII, c.30 *Actus Vercellensis (AV)*. LII, c.33 *Actus Vercellensis (AV)*. XXXIIIss. *Actus Vercellensis (AV)*. Leipzig: Hinrichs, 1898.
- \_\_\_\_\_. *Die Apokryphen Apostelgeschichten und Apostellegenden: Ein Beitrag zur alchristlichen Literaturgeschichte*. ts.I-II. Leipzig: Hinrichs, 1892. [Amsterdam: reimp. 1976].
- LOHFINK, Gehard. *Agora entendo a Bíblia*. São Paulo: Paulinas, 1978.
- LONG, Lynn. *Translating the Bible: From the Seventh to the Seventeenth Century*. Aldershot: Ashgate, 2001.

- LUCIANO de Samósata. *O Falso Profeta*. [trad. Bira Câmara] São Paulo: Bira Câmara, 2013.
- LUGANO, Placido. *Le memorie leggendarie di Simon mago e della sua volata, martire e l'apoteosi del Simone Mago in Roma – in: Nuovo Bulletino di archeologia cristiana*, t.VI. Rome: H. Waitz, 1900.
- LUNN, Martin. *Da Vinci Code Decoded: The Truth Behind the New York Times #1 Bestseller*. New York: Disinformation Company, 2004.
- LUTHER, Martin. *Ein sendbrief vom dolmetschen*. 1530. (on-line) < <http://www.german.sbc.edu/sendbrief.html> >. Acessado em 15/04/2012.
- \_\_\_\_\_. *D. Martin Luthers Werke: kritische Gesamtausgabe. – in: Weimarer Ausgabe*. Toronto: Hermann Böhlau Nachfolger, 1891.
- LUTZER, Erwin W. *The Da Vinci Deception*. Illinois: Tyndale House Publishers, 2004.
- MAAS, Paul. *Textual criticism*. Oxford: Oxford University Press, 1958.
- MACHEN, J. Gresham. *New Testament Greek for Beginners*. New York: Macmillan, 1923.
- MALAN, Solomon Cæsar. *The conflicts of the Holy Apostles*. London: D. Nutt, 1871.
- MALMKJÆR, Kirsten. *Review. Translation and relevance: cognition and context. By E-A Gutt – in: Mind and Language* 7. vol.3. Oxford: Blackwell, 1992, pp.298-309.
- MARLOWE, Christopher. *The tragical history of Doctor Faustus. – in: Christopher Marlowe: the complete plays*. STEANE, J. B. (ed.). England: Penguin Books, 1969.
- \_\_\_\_\_. *Against the theory of dynamic equivalence*. 2004. (on-line) < <http://www.bible-researcher.com/dynamic-equivalence.html> >. Acessado em 28.06.2012.
- MANES (Heresiarca). *Acta Disputationis Archelai Episcopi Mesopotamiæ et Manetis Haeresiarchæ*, III. – in: Martin Routh (ed.). *Reliquiæ sacræ, sive, Auctorum fere jam perditorum secundi tertiiq[ue] sæculi*. vol.V. 2ª. ed. London: Typis Academicis; Impensis J. Mawman, 1814.

- MARR, Nikolai Yakovlevich. *Le synaxaire géorgien VII, Le martyre de Terre à Rome.* – in: *Скан Patrologia Orientalis*. ts.XIX-XX. Paris: 1926, pp.715-25.
- MASON, Ian. *Communicative/funcional approaches.* – in: Mona Baker (ed.); Kirsten Malmkjær (assist. ed.). *Routledge Encyclopedia*. 2001, pp.30-1.
- MEIER, John Paul. *Um Judeu Marginal: repensando o Jesus Histórico.* vol.2. liv.1. [trad. Laura Rumchinsky]. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- \_\_\_\_\_. *Um Judeu Marginal: repensando o Jesus Histórico.* vol.2. liv.3. 1ª. ed. [trad. Laura Rumchinsky]. Rio de Janeiro: Imago, 1998.
- \_\_\_\_\_. *A Marginal Jew: Rethinking the Historical Jesus.* vols.I-II. *The Roots of the Problem and the Person.* 1ª. ed. New York: Doubleday, 1991.
- MEILLET, Antonie. *Aperçu d'une histoire de la langue grecque.* Paris: Librairie C. Klincksieck, 1965.
- MÉNARD, Jacques-É.; POIRIER, Paul-Hubert. *Bibliothèque Copte de Nag Hammadi.* Quebec: Lovaina: & Peeters Universidad de Laval, 1960.
- METZGER, Bruce Manning. *The Canon of the New Testament. Its Origin, Development and significance.* Oxford: Clarendon Press, 1987.
- \_\_\_\_\_. *Manuscripts of the Greek Bible: An Introduction to Greek Palaeography,* New York-Oxford: Oxford Press, 1991.
- \_\_\_\_\_. *The Text of the New Testament: Its Transmission, Corruption, and Restoration.* 3ª. ed. Oxford: Oxford Press, 1992.
- \_\_\_\_\_. *Theories of Translation Process.* art. 2/4 de *Translating the Bible: An Ongoing Task.* – in: *Bibliotheca Sacra* 150. Dallas, out/dez 1993, pp.140-50.
- MEYER-CLASON, Curt. *Convivências.* – in: *Madraga* 9. Rio de Janeiro: UERJ, out./1997, p.15-9.
- MICHEL, Charles; PEETERS, Paul. *Évangiles apocryphes.* Paris: Librairie Alphonse Picard e Fils, 1911.
- MIGME, Jacques-Paul (ed.). *Patrologie cursus completus. Series Latina (P.L.).* ts. I-CCXXI. Paris: Imprimerie Catholique, 1841-1864.

- \_\_\_\_\_. *Patrologie cursus completus. Series Græca (P.G.)*. ts. I-CLXI. Paris: Imprimerie Catholique, 1857-1866 [ Ind. 1928-1936].
- MIRANDA, Hermínio Correia. *O evangelho gnóstico de Tomé*. Niterói: Publicações Lachâtre, 2001.
- MISSET-VAN DE WEG, Magda. *A wealthy woman named Tryphaena: patroness of Thecla of Iconium*, – in: J. N. Bremmer (ed.), *The apocryphal Acts of de Paul und Thecla*. Kampen: Kok Pharos, 1986, p.16-35.
- MONASTÉRIO DE VERCELLI, Biblioteca Capitular, *Actus Vercellensis*, copiado ao final das *Recognitiones Pseudo-Clementinas*, em latim, ms. CLVIII (cap. VI/VII), pp.327-72 (P.L.).
- MONSERRAT TORRENTS, Josep. *Los gnósticos*, vols. I e II. Madrid: Trotta, 1983.
- MORALDI, Luigi. *Evangelhos Apócrifos*. [trad. Benôni Lemos; Patrizia Collina Bastianetto]. 6ª. ed. São Paulo: Paulus, 2008.
- MORESCHINI, Claudio; NORELLI, Enrico. *História da Literatura Cristã Antiga Grega e Latina I – De Paulo à Era Constantiniana*. [trad. Marcos Magno]. São Paulo: Ed. Loyola, 1996.
- MORGAN, Bayard Quincy. *A critical bibliography of works on translation*. – in: Reuben A. Brower (org.) *On translation*. New York: Oxford, 1966, pp. 271-93.
- MOUNIN, Georges. *Teoria e storia della traduzione*. Torino: 1965, Einaudi, p.63.
- MUNDAY, Jeremy. *Introducing Translation Studies: Theories and Applications*. London: Routledge, 2001.
- MUNGUÍA, Santiago Segura. *Diccionario por raíces del Latín e de las voces derivadas*. 2ª. ed. Bilbao: Universidade de Deusto, 2007.
- MUSSURILO, Hebert. *The Acts of The Christian Martyrs Volume II*. Oxford: Clarendon Press, 1972.
- \_\_\_\_\_. *The Acts of The Pagan Martyrs – Acta Alexandrinorum Vol. I*. Oxford: Clarendon Press, 1954.
- NAGEL, Peter. *Die apokryphen Apostelakten des 2. Und 3. Jahrhunderts in der manichäischen Literatur*. – in: *Gnosis und Neues Testament*, vol.25, pp.149-182, Karl-Wolfgang Tröeger (ed.). Berlin: 1973.

- \_\_\_\_\_. *Das Gleichnis vom zerbrochenen Krug. EvThom Logion 97.* – in: *ZeitNTWiss* 92, n° 3-4. Leuven: 2001, pp.229-56.
- \_\_\_\_\_. *Die Neuübersetzung des 'Thomasevangeliums' in cler 'Synopsis quattuor Evangeliorum' und in 'Nag Hammadi Deutsch' Bd. 1.* – in: *ZeitNTWiss* 95, n° 3-4. Leuven: 2004, pp.209-57.
- NAUTIN, Pierre. *Lettres et écrivains chrétiens des II<sup>e</sup> et III<sup>e</sup> siècles.* Paris: Cerfs, 1961.
- NEUBERT, Albrecht. *Text and translation.* Leipzig: Verlag Enzyklopädie, 1985.
- NEWMARCK, Peter. *Approaches to translation.* Oxford & New York: Pergamon, 1981.
- \_\_\_\_\_. *A textbook of translation.* London: Prentice Hall, 1988.
- \_\_\_\_\_. *About Translation.* Clevedon: Multilingual Matters, 1991.
- NIDA, Eugene Albert; TABER, Charles R. *The theory and practice of translation.* Leiden: Brill, 1982.
- NIDA, Eugene Albert. *Principles of translation as exemplified by Bible translating.* – in: Brower, Reuben (ed.). *On Translation.* Harvard: Harvard University Press, 1959, pp.11-31.
- \_\_\_\_\_. *Toward a science of translating: with special reference to principles and procedures involved in Bible translating.* Leiden: E. J. Brill, 1964.
- \_\_\_\_\_. *Bible Translating: An Analysis of Principles and Procedures.* New York: American Bible Society, 1947/1974.
- \_\_\_\_\_. *Language structure and translation.* Stanford: Stanford University Press, 1975.
- \_\_\_\_\_. *Language, culture and translating.* Shanghai: Foreign Language Education Press, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Translators' creativity versus sociolinguistic constraints.* – in: A. Beylard-Ozeroff; J. Kralova; B. Moser-Mercer (eds.). *Translators' Strategies and Creativity.* Amsterdam: John Benjamins, 1995, pp.127-36.
- \_\_\_\_\_. *Bible translation.* – in: Mona Baker (ed.); Kirsten Malmkjær (assist. ed.). *Routledge Encyclopedia of Translation Studies.* London: Routledge, 1998, pp.22-8.

- NORD, Christiane. *Text analysis in translation: theories, methodology, and didactic application of a model for translation-oriented text analysis*. Amsterdam & Atlanta: Rodopi, 1991.
- \_\_\_\_\_. *Translating as a purposeful activity: functionalist approaches explained*. Manchester, UK; Northampton, MA: St Jerome Publishing, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Entrevista com Christiane Nord. Cadernos de Tradução*, n. V. [Entrevista]. Florianópolis: 2000. pp.183-213.
- \_\_\_\_\_. *Loyalty revisited: Bible translation as a case in point*. – in: *The Translator 2*. vol.7. ed. especial. Manchester, UK; Northampton, MA: St Jerome Publishing, 2001, pp.185-202.
- NOSS, Philip A. *UBS Translation Program in 2000: Revisiting the UBS Translation Program: From 'the unfinished task' to 'the cutting edge of the Kingdom of God'*. 2001. (on-line) < <http://www.biblesociety.org/transrep2000.htm>. >. Acessado em 21/10/2011.
- OLSON, Carl E.; MIESEL, Sandra. *The Da Vinci Hoax*. San Francisco: Ignatius, 2004.
- ORLINSKY, Harry Meyer. *Essays in Biblical Culture and Bible Translation*. New York: KTAV, 1974.
- OTTO, Johann Karl Theodor von (ed.). *Corpus apologetarum Christianorum Sæculi secundi*. t.IX. 3ª. ed. Paris: G. Archambault, 1909.
- PAGANO, Adriana; et alii. *Competência em Tradução – Cognição e Discurso*. Belo Horizonte: UFMG, 2005.
- PAGELS, Elaine. *Além de Toda Crença: O Evangelho Desconhecido de Tomé*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.
- \_\_\_\_\_. *The Gnostic Gospels*. London: Penguin Books, 1979.
- PAO, David W. *The Genre of the Acts of Andrew*. – in: *Apocrypha 6*. Paris: Brepols 1995, pp.179-202.
- PARAIZO Jr., Elias S. *O Martírio de São Policarpo*. – in: *Anais XXIII Soc. Bras. Est. Clássicos* (impr.). Araraquara: UNESP / SBEC, 2008, pp.214-27. (on-line) < [http://www.fclar.unesp.br/ec/BANCO%20DE%20DADOS/XXIII%](http://www.fclar.unesp.br/ec/BANCO%20DE%20DADOS/XXIII%20)

20SEC/TEXTOS/ARTIGOS%20PDF/paraizo.pdf >. Acessado em 23/09/2011.

\_\_\_\_\_. *Análise Crítico-Literária e Tradução da 'Carta das Igrejas de Viena e Lião' – Entre as mais Antigas Atas de Mártires*. Apresentado no II Simpósio de Antigos e Modernos – UFPR, 07/11/2008, publicada nos anais. (on-line) <  
<http://www.letras.ufpr.br/eventos/alteridade/resumos.htm> >. Acessado em 21/12/2011.

PAPA BENTO XVI citando HIERONYMUS. *Epistula*. LVII, 5 – *Para Pammachius sobre o melhor método de traduzir*. Libreria Editrice Vaticana. (on-line) <  
[http://www.vatican.va/holy\\_father/benedict\\_xvi/audiences/2007/documents/hf\\_ben-xvi\\_aud\\_20071107\\_po.html](http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/audiences/2007/documents/hf_ben-xvi_aud_20071107_po.html) > . Acessado em 25/10/2012.

PERRET, Louis. *Catacombes de Rome: architecture, peintures murales, lampes, vases, pierres ...* vols.I-VI. Paris: Léon Renier, 1851-1855.

PESCE, Mauro. *As duas fases da pregação de Paulo*. [trad. Marcos Bagno]. São Paulo: Loyola, 1996.

PETERSON, Wiliam. (ed.). *M. Tulli Ciceronis Orationes: Pro milone, Caesarianae, Philippicae*. vol.III. London: Oxonii; Typographeo Clarendoniano, 1917.

PICARD, Jean-Claude. *L'apocryphe à l'étroit: notes historiographiques sur le corpus d'apocryphes bibliques*. – in: *Apocrypha* 1. Turnhout: 1990, Brepols, pp.69-117.

PFISTER, Friedrich. *Der Reliquienkult im Altertum*. Gießen: A. Töpelmann, 1912, II, pp.450-7. Também – in: HENNECKE. *Neutestamentliche Apokryphen*. Tübingen: 1924, pp.163-69.

PIÑERO, Antonio. *et alii. O outro Jesus segundo os Evangelhos Apócrifos*. São Paulo: Mercuryo, 2002.

PIÑERO, Antonio; MONSERRAT TORRENTS, José; GARCÍA BAZÁN, Francisco. *Textos gnósticos – Euangelios, hechos, cartas*. Biblioteca de Nag Hammadi, II. Madrid: Trota, 1999.

\_\_\_\_\_. *Introdução geral das gnosis e gnosticismo*, vol.I – in: *Textos gnósticos. Biblioteca de Nag Hammadi* I. Madrid: Trota, 2000.

- PINTO, Carlos Osvaldo Cardoso; METZGER, Bruce M. *Estudos do vocabulário do Novo Testamento*. 2ª. ed. São Paulo: Nova Vida, 1996.
- PIONTEK, Ferdinand. *Die katholische Kirche und die häretischen Apostelgeschichten bis zum Ausgange des 6. Jahrhunderts*. Breslau: 1908.
- PLÜMACHER, Eckhard. *Apokryphe Apostelakten*. – in: *The Realencyclopädie der Classischen Altertumswissenschaft / Pauly-Wissowa*. Supplementband XV. München: Acilius-Zoilos, J. B. Metzler, 1978.
- \_\_\_\_\_. *Apokryphe Apostelakten*. – in: *The Realencyclopädie der Classischen Altertumswissenschaft – RE / Pauly-Wissowa – PW*. vol.XIX, Halbband 37. München: Pech-Petronius, 1937.
- \_\_\_\_\_. *Paignion und Biberfabel. Zum literarischen und popularphilosophischen Hintergrund von Acta Johannis 60f. und 48-54*. – in: *Geschichte und Geschichten. Aufsätze zur Apostelgeschichte und zu den Johannesakten, (Wissenschaftliche Untersuchungen zum Neuen Testament*. vol 1, Série 170). – in: PLÜMACHER, Eckhard; SCHRÖTER, J.; BRUCKER, R. (eds.). Tübingen: Mohr Siebeck, 2004, p. 171-206.
- POMPA, Cristina. *Religião como Tradução: missionários, Tupi e Tapuia no Brasil colonial*. Tese de doutoramento. [Prêmio melhor tese CNPq-ANPOCS: Obras científicas & Teses Ciências Sociais]. Bauru; São Paulo: EDUSC-ANPOCS, 2002.
- PREUSCHEN, von Erwin. *Tatians Diatessaron*. Heidelberg: Winters, 1926, t.IV, pp.288-342.
- QUENTIN, Dom Henri. *Essais de critique textuelle (Ecdotique)*. Paris: Picard, 1926.
- QUINE, Willard Van Orman. *Word and Object*. Cambridge: Technology Press of the Massachusetts Institute of Technology, 1960.
- RADÓ, Györg. *Les noms du traducteur et les vicissitudes d'un néologisme*. – in: *Babel* XXIV, 3-4. 1978, pp.190-4.
- RAHMANI, Ignatius Ephraem (ed.). *Le Testament de Notre Seigneur Jésus-Christ*, I,7. – in: *Etudes* 81. Mayence: 1899.



- REALMS OF FAITH. *Comparing Bible Translations*. (on-line) < [wysiwyg://4/http://faith.propadeutic.com/questionshtml](http://wysiwyg://4/http://faith.propadeutic.com/questionshtml) and also at <http://www.cob-net.org/comparehtm> >. Acessado em 28.12.2011.
- REITZENSTEIN, Richard. *Hellenistische Wundererzählungen*. Leipzig: Hinrichs, 1906. [Reimp. Darmstadt, 1963].
- REIB, Katharina; VERMEER, Hans. *Introducing Translation Studies: Theories and applications*. [1984, pp.112-9]. 2<sup>a</sup>. ed. Madison Ave, New York: Routledge, 2001, pp.78-85.
- REYNOLDS, L. D.; Wilson, N. G. *Scribes and Scholars: A Guide to the Transmission of Greek and Latin Literature*. Oxford: Clarendon Press, 1984.
- RICŒUR, Paul. *Lê conflit dès interprétations*. Paris: Seuil, 1969.
- \_\_\_\_\_. *Figuring the Sacred*. Minneapolis: Fortress Press, 1995.
- ROBINSON, Douglas. *Western Translation Theory from Herodotus to Nietzsche*. Manchester, UK; Northampton, MA: S<sup>t</sup> Jerome Publishing, 1997-2002.
- \_\_\_\_\_. *Free translation*. – in: Mona Baker (ed.); Kirsten Malmkjær (assist. ed.). *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*. London: Routledge, 1998<sup>A</sup>, pp.87-90.
- \_\_\_\_\_. *Literal translation*. – in: Mona Baker (ed.); Kirsten Malmkjær (assist. ed.). *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*. London: Routledge, 1998<sup>B</sup>, pp.125-7.
- \_\_\_\_\_. *Hermeneutic motion*. – in: Mona Baker (ed.); Kirsten Malmkjær (assist. ed.). *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*. London & New York: Routledge, 2001, pp.97-9.
- ROBINSON, James McConkey. *Nag Hammadi Studies*. London: E. J. Brill, Leidein, 1988.
- \_\_\_\_\_. *A Biblioteca de Nag Hammadi*. [trad. Teodoro Lorent]. São Paulo: Madras, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Introdução geral das gnosis e gnosticismo*. vol. I. *Textos gnósticos*. *Biblioteca de Nag Hammadi I*. Madrid: Trotta, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Acta Xanthippæ et Pollyxenæ*. – in: *Texts and Studies*. Oxford: Clarendon Press, 1924, t.II, fasc.3, pp.58-85 e na Introd., pp.43ss.

- RÖNSCH, Hermann. *Itala und Vulgata*. 2<sup>a</sup>. ed. Marburg: 1875 [reimp. München, 15<sup>a</sup>. ed., 1965].
- ROPES, James Hardy. *Die Sprüche Iesu*. t.XIV. 1897, fasc.2, pp.19-22. – in: *Texte und Untersuchungen*. Adolf Harnack; Carl Schmidt (eds.). Leipzig: Hinrichs, 1883-1913.
- ROUTH, Martin Joseph (ed.). *Reliquiæ sacræ, sive, Auctorum fere jam perditorum secundi tertiiq̄ue sæculi*. vol. I-V. 2<sup>a</sup>. ed. London: Typis Academicis; Impensis J. Mawman, 1814.
- SÃO JOÃO, Monastério. *ms. P*, n.48. Patmos: séc. IX.
- SCHÄFERDIEK, Knut. *Herkunft und Interesse der alten Johannesakten*. – in: *ZNW* 74. Berlin: 1983, pp.255-63.
- SCHENKE, Hans Martin. *Das Evangelium nach Philippus. Ein Evangelium der Valentinianer aus dem Funde von Nag-Hamadi*. – in: *journal: Theologische Literaturzeitung* 84. Berlin: 1959.
- SCHICK, E. *Formgeschichte und Synoptikerexegese*. –in: *eine kritische Untersuchung über die Möglichkeit und die renzen der formgeschichtlichen Methode*. Münster: Aschendorffsche Verlagsbuchhandlung, 1940.
- SCHLEIERMACHER, Friedrich Daniel Ernst. *Über die verschiedenen Methoden des Übersetzen*. *Coletânea de obras de Friedrich Schleiermacher*, parte 3, *Sobre a Filosofia*. vol.II. Berlin, 1938, pp.207-45. – in: Werner Heidermann (org.). *Clássicos da Teoria da Tradução*. vol. I (Ed. bilingue alem.-pt.). *Sobre os Diferentes Métodos de Tradução*. [trad. Margarete von Mühlen Poll]. Florianópolis: 2001, USFC; Núcleo de Tradução, pp.26-87.
- \_\_\_\_\_. *On the different methods of translating*. 1813. – in: R. Schulte; J. Biguenet (eds.). *Theories of Translation: An Anthology of Essays from Dryden to Derrida*. Chicago: University of Chicago Press, 1992.
- \_\_\_\_\_. *Des différentes méthodes du traduire*. [trad. francesa Antoine Berman]. Seuil: Points, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Göttingische gelehrte Anzeigen*.– in: *TU* 10, pp361-370. Leipzig: Hinrichs, 1880-190, pp.301-403.

- SCHMIT, Morton. *The Secret Gospel: The Discovery and Interpretation of the Secret Gospel According to Mark*. New York: Harper & Row, 1973<sup>A</sup>.
- \_\_\_\_\_. *Clement of Alexandria and a Secret Gospel of Mark*. Cambridge: Harvard Univ. Press, 1973<sup>B</sup>.
- SCHOEDEL, Willian. *Ignatius of Antioch: A Commentary on the Letters of Ignatius of Antioch. – Hermeneia: A Critical and historical Commentary on the Bible*. Philadelphia: Fortress Press, 1985.
- SCHULTE, Rainer; BIGUENET, John. (eds.). *Theories of Translation: An Anthology of Essays from Dryden to Derrida*. Chicago: University of Chicago Press, 1992.
- SCHÜRER, Emil. *Geschichte des jüdischen Volkes im Zeitalter Jesu Christi*. t.I. Leipzig: J. C. Hinrichs'sche Buchhandlung, 1886.
- SEECK, Otto. *Notitia Urbis Constantinopli*. – in: *PW-RE*, 9. Berlin: 1876, pp.40-3.
- SIMMS, Karl. (ed.). *Translating Sensitive Texts: Linguistic Aspects*. Amsterdam: Rodopi, 1997.
- SLEUMANN, Manu; HOLFMANN, Johann B.; SZANTYR, Anton. *Lateinische Grammatik: Syntax und Stilistik*. vols.I-II. 2<sup>a</sup>. ed. München: Lofstedt; Syntactica, 1965.
- SNELL-HORNBY, Mary. *Translation Studies: An Integrated Approach*. Amsterdam: John Benjamins, 1988/1995.
- SÖDER, Rosa. *Die apokryphen Apostelgeschichten und die romanhafte Literatur der Antike*. Stuttgart: Kohlhammer, 1932.
- SOUTER, Alexander; *et alii*. *Oxford Latin Dictionary*. Oxford: Clarendon Press, 1968.
- SOUZA, Rômulo Candido de. *Palavra, Parábola – Uma aventura no mundo da linguagem*. Aparecida: Santuário, 1990.
- SOUZA E SILVA, Maria de Fátima; *Entrevista* [para Elias Paraizo Jr.]. Belo Horizonte: 01/04/2009, pp292-313. – in: SOUZA E SILVA, M. F.; BARBOSA, Tereza Virgínia (orgs.). *Tradução e Recriação*. Belo Horizonte: UFMG & Universidade de Coimbra, 2010.
- SPERBER, Dan; WILSON, Deirdre. *Relevance: Communication and Cognition*. 2<sup>a</sup>. ed. Oxford: Blackwell, 1995.

- STAMPS, Dennis L. *Interpreting the language of St Paul*. – in: D. Jasper (ed.). *Translating Religious Texts: Translation, Transgression and Interpretation*. New York: St Martin's Press, 1993, pp.21-43.
- STEER, Roger. *Pushing Inward*. –in: *Christian History*, vol. XV, n. 4. 52<sup>a</sup>. ed. Downers Grove: Fall, 1996, pp.10-5. Também (on-line) < <http://www.christianitytoday.com/ch/52h/52h10.a.html> > e < <http://www.christianitytoday.com/ch/52h/52h10.b.html> >.
- STEINER, George. *Depois de Babel – Questões de Linguagem e Tradução*. [trad. Carlos Alberto Faraco]. Curitiba: UFPR, 2005.
- \_\_\_\_\_. Prefácio para D. Jasper (ed.) *Translating Religious Texts*. London: Macmillan, 1993.
- SMITH, Kevin Gary. *Bible Translation and Relevance Theory: The Translation of Titus*. Tese de doutoramento submetida a University of Stellenbosch. Stellenbosch, 2000. 469pp.
- SMITH, Morton. *The Secret Gospel: The Discovery and Interpretation of the Secret Gospel According to Mark*. New York: Harper & Row, 1973<sup>A</sup>.
- \_\_\_\_\_. *Clement of Alexandria and Secret Mark: The Score at the End of the First Decade*. Cambridge: Harvard University Press, 1973<sup>B</sup>.
- SMYTH, Hebert Weir (ed.). *A Greek Grammar*. New York / Boston: Univ. de Harvard & American Books Co., 1920.
- STRONG, James. *Léxico Hebraico, Aramaico e Grego – Exaustiva Concordância*. Barueri: SBB, 2002.
- SWETE, Henry Barclay (ed.). *Theodore of Mopsuestia, in epistolas B. Pauli Commentarii*. vols. I/II. Cambridge: Cambridge Univ. Press, 1880-82.
- TAKLA, Hany N. *The History of the Coptic Language*. 1996. (on-line) < <http://www.stshenouda.com/copklang/copthisthtm> >. Acessado em 11/04/2011.
- TARDIEU, Michel. *Sources Gnostiques et Manichéennes, Codex de Berlin* vol.1. Paris: 5<sup>a</sup>. Seção da Escola Prática de Estudos Superiores & Cerf, 1984.
- TERTULLIANUS. *De Baptismo et de Pœnitentia. Adnotationes*, XVII, 5. (on-line) <

<http://www.thelatinlibrary.com/tertullian/tertullian.baptismo.shtml>  
>. Acessado em 15/05/2010.

TEUBNER, Benedictus Gotthelf (ed.). *Archiv für lateinische Lexicographie und Grammatik mit Einschluss Des Älteren Mittellateins: Als Ergänzung Zu Dem Thesaurus Linguae Latinae (ALLG)*. vol.II. Leipzig: Druck und Verlag, 1898.

THEISSEN, Gerd. *Sociologia da Cristandade Primitiva: Estudos*. [trad. Ivoni Richter Reimer e Haroldo Reimer]. São Leopoldo: Sinodal, 1987.

\_\_\_\_\_. *A Religião dos Primeiros Cristãos. Uma teoria do cristianismo primitivo*. [trad. Flávio F. Valério]. São Paulo: Ed. Paulinas, 2009.

THELWALL, Sydney (trad.). *Ante-Nicene Fathers*. Vol. III, *Ethical, On Baptism*. New York: 1926, pp.5-6.

THILO, Johann Karl. *Colliguntur et commentariis illustrantur fragmenta actuum S. Ioannis a Leucius Charinus conscriptorum I*. – in: *Universitatis Literariae Friaericiannae Halis consociatae programma paschale*, 14 f. Halle: 1847.

TILL, Walter C.; SCHENKE, Hans-Martin. *Die gnostische Schriften des koptischen Papyrus Berolinensis 8502*. rev. ed. (Texte und Untersuchungen 60). Berlin: 1955 por Till); 1972 (por Schenke), pp.296-321, 333

TISCHENDORF, Constantin Von. *Bibliorum Codex Sinaiticus petrolitanus*. Leipzig: Giesecke & Devrient, 1862.

TISSERANT, Eugène (ed. e trad. versão etíope). *Ascension d'Isaïe*. Paris: Letouzey et Ané, 1909,

TORRES, Esteban. *Teoría de La Traducción Literaria*. Madrid: Síntesis, 1994, pp.9-10.

TOURY, Gideon. *The nature and role of norms in literary translation*. – in: J.S Holmes; J. Lambert; R. van den Broeck (eds.). *Literature and Translation: New Perspectives in Literary Studies*. Leuven: Acco, 1978.

\_\_\_\_\_. *Culture planning and translation*. – in: A. Alvarez et alii (eds.). *Proceedings of the Vigo Conference 'Anovadores de nos*,

anosadores de vos'. 1997. (on-line) [http:// www.tau.ac.il/ -tourney/ works / gt-plan.htm](http://www.tau.ac.il/~tourney/works/gt-plan.htm). Accessed 10.07.2012.

TUCKETT, Christopher; GREGORY, Andrew. *The Gospel the Mary*. – in: *Oxford Early Christian Gospel Texts*. Oxford & New York: Oxford University Press Inc., 2007.

TURNER, Charlie H. *The Latin Acts of Peter* (conhecido como *Marca Usage*). art. póstumo de notas de aparato crítico. – in: *Journal of Theological Studies, JThSt* 32. 1930, pp.150-55.

UNITED BIBLE SOCIETIES. *Incredible Growth in Scripture translation*. 2002<sup>A</sup>. (on-line) < [http://www.biblesociety.org/ trans-gr.htm](http://www.biblesociety.org/trans-gr.htm) >. Acessado em 27/08/2012.

\_\_\_\_\_. *Latest News #185*. 2002<sup>B</sup>. (on-line) < <http://www.biblesociety.org/latestnews/latest185-slr2001.htm1> >. Acessado em 27/08/2012.

\_\_\_\_\_. *2001 Scripture Language Report*. New York: UnitedBible Societies, 2002<sup>C</sup>.

VACANT, Jean Michel Alfred; MANGENOR, Joseph-Eugène; AMANN, Emile. *Dictionnaire de théologie catholique*. Paris: Letouzey, 1923

VANDERKAM, James. C. *Manoscritti del Mar Morto. Il dibattito recente oltre le polemiche*. Città Nuova, Roma: 1997.

VATOPEDI 79, Monastério. *ms. A de Monte Atos, de XIss*.

VENTRIS, Michael; CHADWICK, John. *Documents in Mycenaean Greek*. 2<sup>nd</sup> ed. Cambridge: 1973, pp.42-8.

VENUTI, Lawrence. *Escândalos da Tradução: por uma ética da diferença*. [trad. Laureano Pelegrin, Lucinéia Marcelino Villela, Marileide Dias Esqueda, Valéria Biondo]. Bauru: EDUSC, 2002.

\_\_\_\_\_. *The Translators Invisibility: A History of Translation*. London: Routledge, 1995.

\_\_\_\_\_. *Strategies of translation*. – in: Mona Baker (ed.); Kirsten Malmkjær (assist. ed.). *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*. London: Routledge, 1998<sup>B</sup>, pp.240-4.

\_\_\_\_\_. (ed.). *The Translation Studies Reader*. London: Routledge, 2000.

- VERMEER, Hans J. *Skopos and commission in translational action*. – in: A. Chesterman (ed.). *Readings in Translation Theory*. Helsinki: Oy Finn Lectura Ob., 1989.
- \_\_\_\_\_. *A Skopos Theory of Translation*. Heidelberg: TEXTconTEXT – Verlag, 1996.
- VOUAUX, Léon. *Les Actes de Paul et ses lettres apocryphes. Introduction, textes, traduction et commentaires*. Paris: Librairie Letouzey et Ané, 1913.
- WAARD, Jan de; NIDA, Eugene Albert. *From One Language to Another: Functional Equivalence in Bible Translating*. Nashville: Thomas Nelson, 1986.
- WACE, Henry; PIERCY, William C. (eds.). *A DICTIONARY of EARLY CHRISTIAN BIOGRAPHY – And Literature to the End of the Sixth Century A.D., with an Account of the Principal Sects and Heresies*. vols.I-IV. Michigan: Grand Rapids; Hendrickson Publishers, 2000.
- WALLACE, Daniel B.; EDWARDS, Grant. *A Workbook for New Testament Syntax: Companion to Basics of New Testament Syntax and Greek Grammar Beyond the Basics*. Grand Rapids: Zondervan, 2007.
- WENDLAND, Ernst R. *On the relevance of ‘Relevance Theory’ for Bible translation*. – in: *The Bible Translator* 47. vol. 1. Dallas: SIL, 1996, pp.126-37.
- WEGNER, Uwe. *Exegese do Novo Testamento – Manual de Metodologia*. São Leopoldo; São Paulo: Simodal; Paulus, 1998.
- WIKIPEDIA DIE FREIE ENZYKLOPÄDIE. *Friedrich Schleiermacher*. atualiz. 2012. (on-line), <  
[http://de.wikipedia.org/wiki/Friedrich\\_Schleiermacher](http://de.wikipedia.org/wiki/Friedrich_Schleiermacher) >. Acessado em 21/12/2012.
- WILLIAMS, Jenny; CHESTERMAN, A. *The Map. A beginner’s guide to doing research in Translation Studies*. Manchester, UK; Northampton, MA: S<sup>t</sup> Jerome Publishing, 2002.
- WILSON, Robert McLachlan; PARROTT, Douglas. M. *Nag Hamadi Codices V, 2-5 and VI*. Leiden: Brill, 1989.

- WILSS, Wolfram. *Interdisciplinarity in translation studies*. – in: *Target* 11:1, pp.131-144. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins B.V., 1999.
- WILT, Timothy. *Review of Lawrence Venuti's 'The Translators Invisibility: A History of Translation'*. [1995]. – in: *The Bible Translator* 49 (1). 1998, pp.148-52.
- WINCKLER, W. K.; Van der MERWE C. H. J. *Trainig tomorrow's Bible translators: some theoretical pointers*. – in: *JNSL* 19. P. A. Kruger et alii (eds.). Stellenbosch: University of Stellenbosch, 1993, pp.41-58.
- WYCLIFFE BIBLE TRANSLATORS. *The worldwide status of Bible translation* (2012). (on-line). <  
<http://www.wycliffe.org/about/statistics.aspx> >. Orlando, 2012.  
 Acessado em 23/01/2013.
- YAMAUCHI, Edwin M. *Pre-Christian Gnosticism*. London: Tyndale Press, 1973.
- ZAHN, Theodor von. *Geschichte des Neutestamentlichen Kanons*, II. Erlangen: A. Deichert, 1880. [reimp. Hildesheim: 1975].
- \_\_\_\_\_. *Acta Iohannis*. Erlangen: A. Deichert, 1880, pp. LX-LXXXI.
- ZILLES, Urbano (trad.). *Evangelhos Apócrifos*. 3<sup>a</sup> ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.
- ZSCHARNACK, Leopold. *Der Dienst der Frau em den ersten Jahrhunderten der Christlichen Kirche*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1902.

## 2. Traduções totais ou parciais:

- ERBETTA, Mario. *Atti e legende*. – in: *Gli Apocrifi del Nuovo Testamento*, II. Torino: Editrice Marietti, 1966/1981, p.134-68.
- FICKER, Gehard. *Die Petrusakten. Beiträge zu ibrem Verständnis* – in: *Handbuch zu den neutestamentlichen Apokryphen*. Edgar Hennecke (ed.). Leipzig: 1903, pp.395-491.



- \_\_\_\_\_. *Neutestamentlichen Apokryphen*. – in: Edgar Hennecke (ed.). *Handbuch zu den neutestamentlichen Apokryphen*. Leipzig: 1904;1905-1924, t.I, pp.383-423; e t.II, pp.226-49.
- JAMES, Montague Rhode. *The Apocryphal New Testament*. Oxford: Claredon Press, 1924, reimpr. 1975.
- \_\_\_\_\_. (ed.). *Apocrypha Anecdota*. – in: *Texts & Studies*, t.I-V, fasc.3. Cambridge: CUP, 1893 [repr. 1967].
- MICHAELIS, Wilhelm. *Die Apokryphen Schriften zum Neuen Testament*. 3<sup>a</sup> ed. Bremen: 1962, pp.317-79.
- MORALDI, Luigi. *Apocrifi del Nuovo Testamento*. 2 vols. Torino: 1975, pp.963-1040.
- PIÑERO, Antonio; CERRO, Gonzalo Del. *Hechos apócrifos de los apóstoles – Hechos de Andrés, Juan y Pedro*. – in: BAC. Madrid: Trotta, 2004.
- VOUAUX, Léon. *Les Actes de Pierre. Introduction, textes, traduction et commentaires*. [Ed. póstuma por Émile Amann]. Paris: Librairie Letouzey et Ané, 1922.

### 3. Bibliografía seleta em *Atos de Pedro*:

- ARTÉS FERNÁNDEZ, J. A. *Estudios sobre la lengua de los Hechos apócrifos de Pedro y Pablo*. Murcia: Universidad de Murcia, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Acta Pauli et Petri Apocrypha y Patristica griega: paralelismos léxicos*. Roma: *Augustinianum* 44, n<sup>o</sup> 2, Col. Augustinianum Press, 2004, pp.321-336.
- \_\_\_\_\_. *Estudios sobre la lengua de los Hechos apócrifos de Pedro y Pablo*. Murcia: Universidad de Murcia, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Gnosis y acta apostolorum apocrypha: 'Hechos de Pablo y Tecla' y 'Martirio de Pedro.'* – in: *EstBib* 55, n<sup>o</sup> 3. Roma: 1997, pp.387-392.
- BARBIERI, Edoardo. *Lo 'Ps. Marcellus brevior' in una traduzione italiana del Trecento*. – in: *Apocrypha* 7. Roma: 1996, pp.205-24.

- BARNIKOL, E. *Die Urgestalt der Petrusaktem.* – in: *ThJabr* 2. Stuttgart: 1934<sup>A</sup>, pp.165-66.
- \_\_\_\_\_. *Petrus vor dem Caesar? Ist der Präfekt in den Petrusaktem ursprünglich der Caesar?* – in: *ThJabr* 2: Stuttgart: 1934<sup>B</sup>, pp.153-57.
- BEDJAN, Paul (ed.). *Acta Martyrum e sanctorum.* Paris – Leipzig: Otto Harrassowitz, 1980, vol.I, pp.19-33. [reimp. Hildesheim, 1968].
- BOLYKI, Janos. *Head Downwards': The Cross of Peter in the Lights of the Apocryphal Acts, of the New Testament and of the Society-Transforming Claim of Early Christianity.* pp.111-122. – in: *The Apocryphal Acts of Peter. Magic, Miracles and Gnosticism.* Studies on the Apocryphal Acts of the Apostles 3. BREMMER. J. N. (ed.). Louvain: Peeters, 1998.
- BOTTOMLEY, Gordon. *The Acts of St. Peter.* London: Exeter Cathedral, 1933.
- BOVON, François *et alii* (eds.). *Les actes apocryphes des Aportes. Christianisme et monde païen.* Genève: Faculté de Théologie de l'Université de Genève, 1981.
- \_\_\_\_\_. *La vie des Apôtres. Tradicions bibliques et narrations apocryphes.* Genève: Faculté de Théologie de l'Université de Genève, 1981.
- BREMMER, Jan N. *Aspects of the 'Acts of Peter': Women, Magic, Place and Date.* pp.1-20. – in: *The Apocryphal Acts of Peter. Magic, Miracles and Gnosticism.* Studies on the Apocryphal Acts of the Apostles 3. Jan N. Bremmer (ed.). Louvain: Peeters, 1998.
- \_\_\_\_\_. *La confrontation entre l'apôtre Pierre et Simon le Magicien.* pp.219-228. – in: vol. 1 – *La Magie.* Montpellier: Ed. A. Moreau and J.-C. Turpin, 2000.
- \_\_\_\_\_. *The Apocryphal Acts of Peter. Magic, Miracles and Gnosticism.* Studies – in: *Apocryphal Acts of the Apostles* 3. Jan N. Bremmer (ed.). Louvain: Peeters, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Aspects of the Acts of Peter: Women, Magic, Place and Date.* – in: *ID., Apocryphal Acts of the Apostles,* 1998. Louvain: Peeters, 1998, pp.1-20.
- \_\_\_\_\_. *The Apocryphal Acts of Peter.* Lovain: Peters, 1998.

- BROCK, Ann Graham. *Political Authority and Cultural Accommodation: Social Diversity in the 'Acts of Paul' and the 'Acts of Peter'*. – in: *The Apocryphal Acts of the Apostles. Harvard Divinity School Studies. Religions of the World*. BOVON, François; BROCK, A. G.; MATTHEWS, C. R. Cambridge: Harvard University Press, 1999, pp.145-69.
- BUDGE, Ernest Alfred Wallis. *The Contendings of the Apostle I*. London: British Museum, 1899.
- BURIANT, Urbain. *Fragments du livre d'Enoch et de quelques écrits attribués à s. Pierre*. Paris: 1892, pp.137-42.
- CHOCHEYRAS, Jacques. *Les actes des apôtres Pierre et Paul. Histoire, tradition et légende. Sciences humaines et Religion*. Paris: L'Harmattan, 2001.
- CZACHESZ, István. *Who is Deviant? Entering the Story-World of the Acts of Peter*. – in: *The Apocryphal Acts of Peter. Magic, Miracles and Gnosticism. Studies on the Apocryphal Acts of the Apostles 3*. Jan N. Bremmer (ed.). Louvain: Peters, 1998, pp.84-96.
- DE BRUYNE, Donatien. *Pseudo-Titus: Epistula Titi, discipuli Pauli, De dispositione sanctimonii*. – in: *Revue Bénédictine XXXVII*. Roma: 1925, pp.47-72.
- \_\_\_\_\_. *Nouveaux Fragments d'apocryphes du II<sup>e</sup> siècle*. – in: *Rev. Bénédictine XXV*. (Codex Cambrai 254) Roma: 1908, pp.149ss.
- DINKLER, Erich. *Die Petrus-Rom Frage*. – in: *Theologische Rundschau 25*. Leipzig: Hindrich, 1959, pp.189-230, *ibidem 27*, pp.289-335.
- EHRMAN, Bart. D. *Pedro, Paulo e Maria Madalena*. [trad. Celina Falck-Cook]. São Paulo: Record, 2008.
- \_\_\_\_\_. Site Oficial. (on-line). <  
<http://www.bartdehrman.com/biography.htm> >. Acessado  
 23/04/2010.
- ERBES, Carl. *Das Alter de Gräber und Kirchen d. Paulus und Petrus in Rom*. – in: *Zeitschrift für Kirchengeschichte, ZKG 7*. Breslau: Akademische Verlagsbuchhandlung, 1884, t.VII, p.31.
- PIÑERO, Antonio; MONSERRAT TORRENTS, José; GARCÍA BAZÁN, Francisco. *Introdução geral das gnosias e gnosticismo*, vol.I

– in: *Textos gnósticos. Biblioteca de Nag Hammadi I*. Madrid: Trotta, 2000.

GRANT, Robert M. *Gnosticism. A source book of heretical writings from the early Christian period*. New York: Harper and Brothers, 1961.

GUIDI, Ignazio. (sec.) *Atti – Frammenti copti: nota 4*. 16-ott.-1887. *Rendiconti della reale Accademia dei Lincei*. t.III,2,2. Roma: 1887, pp.23-34.

GUIDI, Ignazio. *Gli Atti apocrifi degli apostoli nei testi copti, arabi ed etiopici*. – in: *Giorn. della Soc. Asiatica Italiana*. t.II. Roma: 1888, pp.29-35

HAEHLING, Raban von. *Zwei Fremde in Rom: Das Wunderduell des Petrus mit Simon Magus in den acta Petri*. – in: *Rom Quart* 98, n° 1-2. Leipzig: Hinrichs, 2003, pp.47-71.

HÄGG, Tomas. *Eros und Tyche. Der Roman in der antiken Welt*. Leipzig: Mainz am Rhein & Philipp von Zaberr, 1987.

HEMMER, Hippolyte (ed.). *Les écrits des Pères apostoliques*. vols.I/II. Paris: Alphonse Picard & fils, 1907.

HENNECKE, Edgar; SCHNEEMELCHER, Wilhelm (eds.). *Neutestamentliche Apocryphen*. vols. I e II. Tübingen: 1959-1964.

\_\_\_\_\_. *Texte und Untersuchungen*. t.IV, fasc.3. Leipzig: Hinrichs, 1893.

HERCZEG, Pal. *Theios aner Traits in the Apocryphal Acts of Peter*. pp.29-38. – in: *The Apocryphal Acts of Peter. Magic, Miracles and Gnosticism*. Studies on the Apocryphal Acts of the Apostles, 3. Jan N. Bremmer (ed.). Louvain: Peeters, 1998.

HILHORST, Anton; van KOOTEN, G. H. *The Text of the Actus Vercellensis*. pp.148-160. – in: *The Apocryphal Acts of Peter. Magic, Miracles and Gnosticism*. Studies on the Apocryphal Acts of the Apostles 3. Jan N. Bremmer (ed.). Louvain: Peeters, 1998.

JAMES, M. R. *Apocalypse of Peter* (1924). – in: *The Apocryphal New Testament*. J. K. Elliot (rev.). Oxford: Clarendon Press, 1997.

JONAS, Hans. *The Gnostic religion: The Message of the Alien God and the Beginnings of Christianity*. 1<sup>a</sup> ed. Boston: Beacon Press, 1958.

- KRAUS, Thomas J. *Acherousia und Elysion: Anmerkungen im Hinblick auf deren Verwendung auch im christlichen Kontext. Mnemosyne.* – in: Leiden, 56, n<sup>o</sup>. 2. La Rioja: 2003, pp.145-63.
- KRAUSE, Martin. *Die Petrusakten in Codex VI von Nag Hammadi.* – in: *Essays in honour of Alesander Böhlig.* Martin Krause (ed.). Leiden: Brill, 1972.
- KRAUSE, Martin e LABIB, Pahor. *Gnostische und hermetische aus Codex II und Codex VI (von Nag Hammadi).* – in: *Abh. d. dt. Archäol. Inst. Kairo, Kopt. Reihe B. 2.* Glückstad: 1971.
- LALLEMAN, Pieter J. *The relation between the Acts of John and the Acts of Peter.* – in: J. N. Jan N. Bremmer (ed.), AAP, pp.161-77. Louvain: Peeters, 1998.
- LALLEMAN, Pieter J.; BREMMER, Jan N. *Bibliography of the 'Acts of Peter'.* pp.200-2. – in: *The Apocryphal Acts of Peter. Magic, Miracles and Gnosticism. Studies on the Apocryphal Acts of the Apostles 3.* Jan N. Bremmer (ed.). Louvain: Peeters, 1998.
- \_\_\_\_\_. *The Relation between the Acts of John and the Acts of Peter.* pp.161-177. – in: *The Apocryphal Acts of Peter. Magic, Miracles and Gnosticism. Studies on the Apocryphal Acts of the Apostles 3.* Jan N. Bremmer (ed.). Louvain: Peeters, 1998.
- LANSCHOOT, A. VAN. *Contribution aux Acts de S. Pierre et de S. Paul.* – in: *Le Mouséon* 68. 1995: pp.17-46, 219-33.
- LEMM, Oskar Eduardovich von. *Koptische apocryphen Apostelakten.* – in: *Mélanges Asiatiques tirés.* – in: *Bulletin de l'Académie Impériale des Sciences de Saint- Péterburg* t.II,35. St. Péterburg: 1894, = nouv. ser. 3, pp.240-85, (*uide também* pp.300-42) com o texto copta em coluna paralela e tradução literal alemã, latina e inglesa.
- LUTTIKHUIZEN, G. P. *Simon Magus as a Narrative Figure in the 'Acts of Peter'.* pp.39-51. – in: *The Apocryphal Acts of Peter. Magic, Miracles and Gnosticism. Studies on the Apocryphal Acts of the Apostles 3.* Jan N. Bremmer (ed.). Louvain: Peeters, 1998.
- MATTHEWS, Cristopher R. *Nicephorus Callistus Physical Description of Peter: An Original Component of the Acts of Peter?* – in: *Apocrypha* 7. Roma: 1996 pp.135-45.
- \_\_\_\_\_. *The Acts of Peter and Luke's Intertextual Heritage.* – in: *Semeia* 80, pp.207-22. Oxford: 1997.

MEEKS, Wayne A. *The First Urban Christians – The Social World of Apostle Paul*. New Haven, Londres: Yale Univ. Press, 1983.

\_\_\_\_\_. *A Origem da Moralidade Cristã – Os dois primeiros séculos*. [trad. Adaury Fiorotti]. São Paulo: Paulus, 1997.

MISSET-Van de Weg. M. *For the Lord always takes Care of his Own. The Purpose of the Wondrous Works and Deeds in the Acts of Peter*. pp.97-110. – in: Lalleman, P. J. *The Relation between the Acts of John and the Acts of Peter*. pp.161-77. – in: *The Apocryphal Acts of Peter. Magic, Miracles and Gnosticism. Studies on the Apocryphal Acts of the Apostles 3*. Jan N. Bremmer (ed.). Louvain: Peeters, 1998.

MOLINARI, Andrea Lorenzo. *I Never Knew the Man: The Coptic Act of Peter (Papyrus Berolinensis 8502.4), its Independence from the Apocryphal Acts of Peter, Genre and Legendary Origins*. – in: Bibliothèque Copte de Nag Hammadi, Section “Études” vol.5. Quebec-Paris: Les Presses de L’Univerté Laval Québec – Éditions Peeters Louvain, 2000.

\_\_\_\_\_. *The Acts of Peter and the Twelve Apostles*. – in: NHC 6.1, *Allegory, Ascent, and Ministry in the Wake of the Decian Persecution*. Society of Biblical Literature. Dissertação, Série 174. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2000.

\_\_\_\_\_. *Augustine, ‘Contra Adimantum, Pseudo-Titus’, BG 8502.4 and the ‘Acts of Peter’: Attacking Carl Schmidt’s Theory of an Original Unity between the ‘Act of Peter’ and the ‘Acts of Peter’*. – in: *SBL Seminar Papers 38*. Baltimore: Society of Biblical Literature, 1999, pp.426-47.

MONACI CASTAGNO, A. *Il diavolo e le Sue metamorfosi: spunti esegetici negli Atti di Pietro*. *Annali di storia dell’esegesi* Bologna: 11, n° 2, 1994, pp.419-32.

NAU, Clément François. *La version syriaque inedited des martyres de S. Pierre, S. Paul e S. Luc d’après un ms. du X<sup>e</sup> siècle*. (B.M, Atos 12, p.172) – in: *Revue de l’Orient Chrét.* 3. 1898: pp.39-57; 43-50; 151-6.

\_\_\_\_\_. *La Didascalie des douze apôtres: traduite du syriaque pour la première fois*. 2<sup>a</sup>. ed. Paris: P. Lethielleux, 1912.

- NISSEN, Theodor. *Die Petrusakten uns ein bardesanitischer Dialog in der Aberkiosvita.* – in: *Zeitchrift für die neutestamentliche Wissenschaft, ZNW* 9. Leipzig: Brockhaus, 1908, pp.190-203.
- NORELLI, Enrico. *Avant le canonique et l'apocryphe: aux origines des récits de la naissance de Jésus.* – in: *RevThéolPhil* 126, n<sup>o</sup>. 4. 1994, pp.305-24.
- \_\_\_\_\_. *Sur les Actes de Pierre. A propos d'un livre recent.* – in: *Apocrypha* 11, pp.227-58. Roma: Brepols: 2000.
- PATTERSON, Stephen. J. *Sources, Redaction and Tendenz in the Acts of Peter and the Twelve Apostles* (NH VI, 1). – in: *Vigiliae Christianae* 45, n<sup>o</sup>. 1, 1991, pp.1-17. Roma: 1991.
- PARROTT, M. Douglas ; BRASHLER, James. *Nag Hammadi Codices V, 2-5 and VI with Papyrus Berolinensis, 8502 – 1 and 4.* 1<sup>a</sup>. ed. Leiden: Brill Academic Pub, 1971 [reimp. 1979].
- PERKINS, Judith. *The Apocryphal Acts of Peter: A Roman á Thèse?* – in: *Arethusa* 25/6. 1992: pp.445-57.
- PESTHY, Monika. *Cross and Death in the Apocryphal Acts of the Apostles.* – in: *The Apocryphal Acts of Peter. Magic, Miracles and Gnosticism. Studies on the Apocryphal Acts of the Apostles* 3. Jan N. Bremmer (ed.), pp.123-33. Louvain: Peters, 1998.
- PICCALUGA, G. Pietro. *Paolo e i valori di Roma nei testi apocrifi.* pp.29-40. – in: *Pietro e Paolo. Il loro rapporto con Roma nelle testimonianze antiche. XXIX Incontro di studiosi dell' antichità cristiana. Roma, 4-6 maggio 2000. Studia Ephemeridis Augustinianum* 74. Roma: Institutum Patristicum Augustinianum, 2001.
- PIÑERO, Antonio. *Nota crítica al texto latino de los 'Acta Apostoli Apocrypha'.* *Estudios Clásicos* 89. Madrid: 1985, pp.219-22.
- POSSENTI, Sírio. *Por que (não) ensinar gramática na escola.* 7<sup>a</sup>. reimpr. Campinas: Mercado das Letras, 1997.
- POUPON, Gérard. H. *Origine africaine des Actus Vercellensis.* – in: *The Apocryphal Acts of Peter. Magic, Miracles and Gnosticism. Studies on the Apocryphal Acts of the Apostles* 3. Jan N. Bremmer (ed.). Louvain: Peeters, 1996, pp.191-9.

- \_\_\_\_\_. *Actes de Pierre*. pp.1039-114. – in: *Écrits apocryphes chrétiens*. Bibliothèque de la Pléiade 442. BOVON, F.; GEOLTRAIN, P. (eds.). Paris: Gallimard, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Les “Actes de Pierre” et leur remaniement*. – in: Hildegard Temporini (ed.). *Aufstieg und Niedergang der Römischen Welt - ANRW II 25,6*. Berlin; New York: Walter de Gruyter & Co., 1988, pp.4863-83.
- PRIEUR, J.-M. *Si vous ne faites pas ce qui est à droite comme ce qui est à gauche. Crucifixion et renversement des attitudes dans la littérature chrétienne ancienne*. – in: *RevHistPhilRel* 81, n° 4. Paris: Gallimard, 2001, pp.413-424.
- RIGSBY, K. J. *Missing Places*. – in: *ClassPhilol* 91, n° 3, 1996, pp.254-60.
- RODRÍGUEZ, M. *Tres apócrifos non gnósticos sobre Pedro (el Apocalipsis de Pedro, el Evangelio de Pedro y los Hechos de Pedro)*. – in: *Pedro en la Iglesia primitiva*. Institución San Jerónimo 23. R. Aguirre Monasterio (ed.). Estella: 1991, pp.141-84.
- RORDORF, Willy. *The Relation between the Acts of Peter and the Acts of Paul: A State of the Question*. – in: *The Apocryphal Acts of Peter. Studies on the Apocryphal Acts of the Apostles* 3. Jan N. Bremmer (ed.). Leuven: Peeters, 1997, pp.178-91.
- ROSTALSKI, Friedrich. *Sprachliches zu den apokryphen Apostel-Geschichten. I Teil: Wissenschaft, Belaige zum Jahresberichte des Gysmnasiums Myslowitz O-S*. Myslowitz: 1909-10, pp.10-18.
- SALONIUS, A. H. (ed.) *Martyrium b. Petri apostolo a Lino episcopo conscriptum*. Helsingfors: 1926.
- STAMBAUGH, John Evan; BALCH, David L. *O Novo testamento em Seu Ambiente Social*. [trad. João R. Costa]. São Paulo: Paulus, 1996.
- SANTOS OTERO, Aurelio de. *Der Apocrypha Titusbriefts*. – in: *ZKG* 74, pp.1-14. Göteborg, 1963.
- \_\_\_\_\_. *Los evangelios apócrifos, colección de textos griegos y latinos, versión crítica estudios introductorios y comentarios*. Madrid: BAC, 1988.
- SCHIMMELPFENG, George. – in: Edgar Hennecke (ed.) *Handbuch und den neutestamentliche Apokryphen*. Tübinga: 1924, pp.492-543.



- SCHMIDT, Carl Reinhard. *Die alten Petrusakten im Zusammenhang der apokryphen Apostelliteratur, nebst einem neuentdeckten Fragment untersucht.* – in: TU 9.1. Leipzig: Hinrichs, 1903<sup>A</sup>.
- \_\_\_\_\_. *Die alten Petrusakten im Zusammenhang der apokryphen Apostelliteratur, nebst einem neuentdeckten Fragment untersucht.* – in: TU 24.1. Leipzig: Hinrichs, 1923.
- \_\_\_\_\_. *Studien zu den alten Petrusakten, I e II.* – in: ZKG 43, 1924, pp.321-48; – in: ZKG 45, 1927, pp.481-513;
- \_\_\_\_\_. *Göttingen Gelehrte Anzeiger* 5. Berlin: 1903<sup>B</sup>, pp.334-66.
- SCHNEEMELCHER, Wilhelm. *Citações da Verkündigung von Peter* (editada). – in: *Neutestamentliche Apokryphen.* Tübingen: Mohr-Siebeck, 1987.
- SCHNEEMELCHER, Wilhelm; HENNECKE, Edgar (eds.) *Neutestamentliche Apokryphen in deutscher Übersetzung.* vol.I *Evangelien.* vol.II *Apostolisches, Apokalypsen und Verwondtes.* 5<sup>a</sup>/6<sup>a</sup>. ed. Tübingen: Mohr-Siebeck, 1987-1997.
- SCHOLTEN, Clemens. *Ein Unerkannter Quaestioneskommentar (Exc. Theod. 4F) und die Deutung der Verklärung Christi in frühchristlichen Texten.* – in: *VigChrist* 57, n<sup>o</sup> 4, pp.389-410. Roma: 2003.
- SMITH, M. J. *Understand Ye a Parable!: The Acts of Peter and the Twelve Apostles as Parable Narrative.* – in: *Apocrypha* 13. Roma: 2002, pp.29-52.
- SOKOLOFF, S. *Vndol'skiana*, n. 1296, folhas 239-49, Moscú: Bibl. Conde Rumjanzew, a.? – in: LIPSIUS I, *op.cit.*, p.LIV, 1891.
- STAROWIEYSKI, Marek. *Les apocryphes dans le 'Quo vadis?' de H. Sienkiewitz.* – in: *Livre du centenaire de la publication du roman.* Warszawa: 1996.
- STOOPS, Robert F. Jr. *Christ as Patron in the Acts of Peter.* – in: *Semeia* 56. Oxford: 1991, pp.143-57.
- \_\_\_\_\_. *The Acts of Peter in Intertextual Context.* – in: *Semeia* 80. Oxford: 1997, pp.57-86.
- \_\_\_\_\_. Jr. *Patronage in the Acts of Peter.* *Semeia* 38. Oxford: 1986, pp.91-100.

- TATUM, James. (ed.) *The Search for the Ancient Novel*. Baltimore, MD-London: Johns Hopkins University Press, 1994.
- TILL, Walter C.; SCHENCE, Hans-Martin. *Die gnostischen Schriften des koptischen Papyrus Berolinensis 8502*. – in: TU 60, 2a. ed rev., SCHENCE, Hans-Martin. Berlin: Akademie Verlag, 1955-1972.
- THILO, Johann Karl. *Codex Apocryphus Novi Testamenti*. Leipzig: Vogel, 1832.
- THOMAS, C. M. *Canon and Antitype: The Relationship Between the Acts of Peter and the New Testament*. – in: *Semeia* 80. Oxford: 1997, pp.185-205.
- \_\_\_\_\_. *Revivifying Resurrection Accounts: techniques of composition and rewriting in the Acts of Peter* cc. 25-28. pp.65-83. – in: *The Apocryphal Acts of Peter. Magic, Miracles and Gnosticism. Studies on the Apocryphal Acts of the Apostles* 3. BREMMER, Jan. N. (ed.). Louvain: Peeters, 1998.
- \_\_\_\_\_. *The Acts of Peter, Gospel Literature, and the Ancient Novel. Rewriting the Past*. Oxford-New York: Oxford University Press, 2003.
- \_\_\_\_\_. *The 'Prehistory' of the Acts of Peter*. pp.39-62. – in: *The Apocryphal Acts of the Apostles. Harvard Divinity School Studies. Religions of the World*. BOVON, F, BROCK, A. G.; MATTHEWS, C. R. (eds.) Cambridge: Harvard University Press, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Word and Deed: The Acts of Peter and Orality*. – in: *Apocrypha* 3. Turnhout: 1992, pp.125-64.
- TILL, Walter C. *Die gnostischen Schriften des koptischen Papyrus Berolinenses 8502*. – in: TU 60. Berlin: Akademie Verlag, 1955.
- TISCHENDORF, Constantin Von. *Acta Apostolorum Apocrypha. Euangelia Apokrypha*. 1<sup>a</sup>. ed. Leipzig: Hinrichs, 1851, pp.389-432.
- \_\_\_\_\_. *Acta Apostolorum Apocrypha. Euangelia Apokrypha*. 2<sup>a</sup>. ed. Leipzig: Hinrichs, 1876.
- TURNER, C. H. *The Latin Acts of Peter*. – in: *JThSt* 32. München: 1931, pp.119-33.
- USENER, Hermann Karl (ed.). *Epicurea* (1834-1905). Leipzig: Hinrichs, 1887.

- \_\_\_\_\_. *Religionsgeschichtliche Untersuchungen*. vol.I. Bonn: 1889.
- VETTER, Paul. *Die armenischen apokryphen Apostelakten*. – in: *Oriens Christianus* 1. Wiesbaden: 1901, pp.16-19; 220-239.
- \_\_\_\_\_. *Die armenischen apocryphen Apostelakten*, vol. I. – in: *Die Petrus und Paulus-Akten*, *TheolQuart* 88. Wiesbaden: 1906, pp.161-186.
- WESTRA, Liuwe. H. *Regulae fidei and Other Credal Formulations in the Acts of Peter*. – in: *The Apocryphal Acts of Peter. Magic, Miracles and Gnosticism. Studies on the Apocryphal Acts of the Apostles* 3. Jan N. Bremmer (ed.). Louvain: Peeters, 1998, pp.134-47.
- ZANDEE, Jan. *Der Apokryphe Brief des Jakobus (Nag Hammadi Códices 1,2) und die Akte des Petrus (Papyrus Berolinensis Gnosticus, Abkürzung BG, 4)*. – in: *Biblor* 47, n<sup>o</sup> 3-4. Stuttgart: 1990, pp.277-89.
- ZELZER, Michaela. *Domine quo venis ? ... venio iterum crucifigi (Ambr. ep. 75a,13). Gli Actus Apostolorum Petri et Pauli e Ambrogio*. pp.125-32. – in: *Pietro e Paolo. Il loro rapporto con Roma nelle testimonianze antiche*. XXIX Incontro di studiosi dell' antichità cristiana. Roma: 2000, pp.4-6. – in: *Studia Ephemeridis Augustinianum* 74. Roma: Institutum Patristicum Augustinianum, 2001.

#### **4. Internet, Imagens e Consultas por Meios Eletrônicos (DVSSs, CDs, Iconografia e Bancos de Dados Restritos):**

- ALVES, Fábio. *Tradução e conscientização: por uma abordagem psicolinguística com enfoque processual na formação de tradutores*. – in: *Intercâmbio*, seção IV. São Paulo: PUCSP, 1997. [não paginado] (on-line) <  
[http://www2.lael.pucsp.br/~tony/intercambio\\_antiores/06alves.ps.pdf](http://www2.lael.pucsp.br/~tony/intercambio_antiores/06alves.ps.pdf)>. Acessado em 25/08/2012.
- ASAM (irmãos Egid Quirid e Cosmas Damian). *Estátua do Apóstolo Pedro com duas chaves*. Hall de entrada Barroco alemão do sul, tardio. Igreja Asamkirche (nome oficial St.-Johann-Nepomuk-Kirche), Münchens, Alemanha. Data 1733-1746. (on-line) <

[http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/1/12/Asamkirche\\_Vorraum.JPG](http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/1/12/Asamkirche_Vorraum.JPG) >. Acessado em 25/03/2014.

AUTOR ANÔNIMO. Afresco com a inscrição *PETRENELLA MART* (um dos mais antigos da cristandade, autor anônimo, c<sup>ca</sup> 390-395, no abside da Basílica do Papa Sirício, na Via Adreatina ou Domitilla, Roma, Itália. Em domínio público. (*on-line*) < [http://en.wikipedia.org/wiki/Saint\\_Petronilla](http://en.wikipedia.org/wiki/Saint_Petronilla) >. Acessado em 25/07/2014.

\_\_\_\_\_. Imagem gravada em uma catacumba *São Pedro e São Paulo*, autor anônimo, Roma, Itália, séc.IV, digitalizada de revista. Em domínio público. (*on-line*) < [http://de.wikipedia.org/wiki/Datei:Petrus\\_et\\_Paulus\\_4th\\_century\\_etc\\_hing.JPG](http://de.wikipedia.org/wiki/Datei:Petrus_et_Paulus_4th_century_etc_hing.JPG) >. Acessado em 21/08/2014.

\_\_\_\_\_. Cena de um *iconostasis* no estilo Constantinopla. *A Transfiguração de Cristo*. Meados do século XII. Tamanho 41,5 x 159 centímetros. Mosteiro de Santa Catarina, Sinai, Egito. Autor desconhecido. Digitalizada. Em domínio público. (*on-line*) < [http://en.wikipedia.org/wiki/File:Transfiguration\\_of\\_Christ\\_Icon\\_Sinai\\_12th\\_century.jpg](http://en.wikipedia.org/wiki/File:Transfiguration_of_Christ_Icon_Sinai_12th_century.jpg) >.

\_\_\_\_\_. Mosaico de *São Pedro*. Igreja de São Salvador em Chora, (Museu de Chora ou Kariye Müzesi), Istanbul Turquia . Considerado um dos mais belos exemplos de uma igreja bizantina, 1315-1321 (restaurado 1948). (*on-line*) < [http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/e/eb/Peter\\_in\\_Chora.jpg](http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/e/eb/Peter_in_Chora.jpg) >. Acessado em 07/03/2013.

\_\_\_\_\_. Imagem em pergaminho, *Negação de Pedro*. Miniatura grega do Shchepkina, Chludov Saltério (Salmo 38). Autor anônimo, Roma, Itália, século IX, digitalizada do Щепкина 1977. [303] Щепкина М. В. Миниатюры Хлудовской псалтыри. Греческий иллюстрированный кодекс XI века. — М.: Искусство, 1977. Em domínio público.

\_\_\_\_\_. Moisaico paleocristão, do final do séc. IV, detalhe: *Jesus, no trono, ensina seus apóstolos. (Traditio Legis)*, Pedro à direita. Pertencia, originalmente, a um mausoléu imperial romano antigo, que, posteriormente, tornou-se a Cappella Sant'Aquilino da Basílica di San Lorenzo, Milão, Itália. Em domínio público.

- BARBIERI, Giovanni Francesco (Guercino). Quadro *Seppellimento e gloria di Santa Petronilla*, Museu Capitolini, 1621-1622, por Giovanni Francesco Barbieri (Guercino), em óleo sobre tela. Em domínio público. (on-line) < [http://en.wikipedia.org/wiki/Saint\\_Petronilla](http://en.wikipedia.org/wiki/Saint_Petronilla) >. Acessado em 25/07/2014.
- BENJAMIN, Walter. *A Tarefa do Tradutor*. Orig. *Die Aufgabe des Übersetzers Gesammelte Schriften*. Berlin: 1923, IV.1, pp.9-21. [trad. Maria Filomena Molder]. Lisboa, 1999. (on-line) < <http://www.c-e-m.org/wp-content/uploads/a-tarefa-do-tradutor.pdf> >. Acessado em 13/09/2012.
- CARAVAGGIO, Michelangelo Merisi da. *Kreuzigung des Apostel Petrus*, pintura a óleo sobre tela, Cerasi Chapel, Santa Maria del Popola, Roma, Italia, 1600-1601. Em domínio público. (on-line) < <http://www.ibiblio.org/wm/paint/auth/caravaggio/st-peter.j/> >. Acessado em 14/01/2011.
- CIMABUE. Afrescos na igreja superior de San Francesco (Assis) Cena: *Cenas da vida de Pedro e Paulo*, detalhe: *Crucificação de São Pedro*. Data c<sup>a</sup> 1280-1283. Técnica: materiais frescos. Em domínio público.
- CONGRESSO INTERNACIONAL DE TRADUÇÃO *Nas Trilhas da Tradução*. UFOP, 2009. Site oficial. (on-line) < <http://www.nastrilhasdatraducao.ufop.br/traducaodetextossensiveis.htm> >. Acessado em 27/02/2011.
- Διδαχὴ IV,8. – in: *Christian Classic Ethereal Library*. (on-line) < <http://www.ccel.org/ccel/lake/fathers2.v.html> >. Acessado em 17/02/2013.
- DICK, Philip K. Site oficial. (on-line) < <http://www.philipkdick.com/> >. Acessado em 19/10/2010.
- DÜRER, Albrecht. *Os Quatro Apóstolos*, tela em óleo e tempera sobre madeira. Dimensões 204 × 74 cm (x 2). Alte Pinakothek (Antiga Pinacoteca), um dos mais importantes museus da Alemanha. Data 1526. Em Munique. (on-line) < <http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/7/7b/D%C3%BCrer-Petrus.jpg> >.
- EGBERT (Arcebispo de Trier 977-993). Imagem do Codex Egberti, fólio 90r, *ms. iluminado*. *Pesca Milagrosa dos discípulos e a revelação de Cristo, no Mar da Galiléia*. Pintada por um monge anônimo, século

X, do *scriptorium* do Mosteiro de Reichenau (ilha de), Suíça .  
Digitalizada. Em domínio público.

ERHMAN, D. Barth. Site oficial. (*on-line*) <  
<http://www.bartdehrman.com/biography.htm> >. Acessado em  
03/02/2010.

GORDITO (artífice). Escultura *Pedro como um pescador*. Portal da igreja  
de San Pedro, Figueres, Espanha. Esculpido em 1869. Em domínio  
público. (*on-line*) <  
[http://de.wikipedia.org/wiki/Benutzer:Gordito1869/Spanien\\_2012#/  
media/File:Esgl%C3%A9sia\\_de\\_Sant\\_Pere\\_in\\_Figueres\\_Portal\\_2.J  
PG](http://de.wikipedia.org/wiki/Benutzer:Gordito1869/Spanien_2012#/media/File:Esgl%C3%A9sia_de_Sant_Pere_in_Figueres_Portal_2.JPG) >. Acessado em 13/03/2013.

HOUAISS, Antônio. Dicionário da Língua Portuguesa. CD Rom.  
Software de FL GAMA DESIGN Ltda. Chefe de equipe: João Carlos  
Passos Marinho. São Paulo: Objetiva, 2009.

KENYON, Frederick G. *CODEX A – ALEXANDRINUS – Fac-simile*.  
*British Museum*. London: *British Museum*. 1915. (*on-line*) <  
[http://ia600200.us.archive.org/17/items/codexalexandrin02unknuoft/  
codexalexandrin02unknuoft.pdf](http://ia600200.us.archive.org/17/items/codexalexandrin02unknuoft/codexalexandrin02unknuoft.pdf) >. Acessado em 20/03/2010.

KOHL, Wilhelm: *Petronilla*. – in: *Biographisch-Bibliographisches  
Kirchenlexikon (BBKL)*. vol.7. Bautz: Herzberg 1994, pp. 303-4.  
Mosaico de Santa Petronila. Com véu , cruz e bênção gesto mostrado.  
c<sup>a</sup>. séc. XII. Palermo, Italia. Autor desconhecido. Em domínio público.

LATIN LIBRARY. (*on-line*) < <http://www.thelatinlibrary.com/> >.  
Acessado em 25/03/2010.

LEWIS, Paul M. (ed.). *Ethnologue – Languages of the World*. 16a. ed.  
Dallas: SIL International, 2009. (*on-line*) <  
<http://www.ethnologue.com/> >. Acessado em 17/04/2010.

LIPPI, Filippinoi. *Crucificação de São Pedro*. Capella Brancacci, Santa  
Maria del Carmine, Firenze, Italia. 1481-1482. Em domínio público.  
(*on-line*) < [www.http://www.wga.hu/frames-  
e.html?/html/l/lippi/flippino/brancacc/cruc\\_pet.html](http://www.wga.hu/frames-e.html?/html/l/lippi/flippino/brancacc/cruc_pet.html) >. Acessado em  
14/02/2011.

\_\_\_\_\_. Afresco *Disputa com Simão, o Mago e Crucificação de São  
Pedro*. (visão central, parede à direita). Na Capella Brancacci,  
Basilica di Santa Maria del Carmine, 1481-1482, Firenze, Italia). Em  
domínio público. (*on-line*) <

[http://en.wikipedia.org/wiki/Brancacci\\_Chapel#/media/File:Filippino\\_lippi,\\_crocifissione\\_di\\_san\\_pietro,\\_cappella\\_brancacci,\\_1482-85.jpg](http://en.wikipedia.org/wiki/Brancacci_Chapel#/media/File:Filippino_lippi,_crocifissione_di_san_pietro,_cappella_brancacci,_1482-85.jpg) >.

MASACCIO. Afresco, pintura, detalhe restaurado *São Pedro Cura os Doentes com a sua Sombra*. Por Masaccio, na Capella Brancacci, Basilica di Santa Maria del Carmine, Firenze, Italia, 1425-1427). Em domínio público. (on-line) <  
<http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/4/41/Masacc14.jpg>  
 >.

\_\_\_\_\_. Afresco *Masaccio, sinopia (ou sinoper) del pentimento di San Pietro*. Por Tommaso di Ser Giovanni di Simone ou Masaccio, c<sup>a</sup>. 1425. Em *La Cappella Brancacci a Santa Maria del Carmine, – in: AA.VV. (autori vari), Cappelle del Rinascimento a Firenze*. Firenze: Editrice Giusti, 1998. Em domínio público.

\_\_\_\_\_. Afresco *Pesac di Pietro, dettaglio (restaurato)*. Por Tommaso di Ser Giovanni di Simone ou Masaccio, c<sup>a</sup>. 1425. Em *La Cappella Brancacci a Santa Maria del Carmine, – in: AA.VV. (autori vari), Cappelle del Rinascimento a Firenze*. Firenze: Editrice Giusti, 1998. Em domínio público.

MICHELANGELO di Lodovico Buonarroti Simoni. *Crucificação de São Pedro*. Data entre 1546-1550. Técnica: materiais frescos. Em domínio público.

OLD ARAMAIC. (on-line) <  
[http://cal1.cn.huc.edu/searching/basic\\_concordance.html](http://cal1.cn.huc.edu/searching/basic_concordance.html)  
 >. Acessado em 11/03/2012.

PERO VAZ DE CAMINHA. *Carta El Rei de Portugal D. Manuel*. Lisboa: Arquivo Nac. da Torre do Tombo – Biblioteca Nacional de Portugal, 1500. (on-line) <  
<http://purl.pt/index/geral/PT/index.html>  
 > e <  
<http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/1/11/Carta-caminha.png>  
 >. Acessado em 05/02/2011.

\_\_\_\_\_. Carta a El Rei D. Manuel, Dominus. NUPILL - Núcleo de Pesquisas em Informática, Literatura e Linguística. LCC Publicações Eletrônicas. (on-line) <  
[www.culturabrasil.org/zip/carta.pdf](http://www.culturabrasil.org/zip/carta.pdf)  
 >. Acessado em 03/04/2011.

REMBRANDT van Rijn. *São Pedro na prisão*, tela a óleo 59 X 47,8 cm pintada 1631. No museu de Israel, Jerusalém, Israel. Em domínio público. (on-line) <

[http://de.wikipedia.org/w/index.php?title=Datei:Rembrandt\\_st.\\_peter\\_in\\_prision.jpg&filetimestamp=20060515095053](http://de.wikipedia.org/w/index.php?title=Datei:Rembrandt_st._peter_in_prision.jpg&filetimestamp=20060515095053) >. Acessado em 03/02/2011.

RIBEIRO, Luiz Fernando. Entrevista em 22/06/2008 ao G1/Globo.com (*on-line*) <  
<http://www.gazetadopovo.com.br/mundo/conteudo.phtml?id=779091/>>. Acessado em 07/01/2011.

RICCI, Sebastiano. *São Pedro na prisão*, 1734, Itália. The Yorck Project: *10.000 Meisterwerke der Malerei*. DVD-ROM, 2002. ISBN 3936122202 Distribuído por DIRECTMEDIA Publishing GmbH. Em domínio público. (*on-line*) <  
[http://de.wikipedia.org/w/index.php?title=Datei:Sebastiano\\_Ricci\\_010.jpg&filetimestamp=20050521042813](http://de.wikipedia.org/w/index.php?title=Datei:Sebastiano_Ricci_010.jpg&filetimestamp=20050521042813)>. Acessado em 13/03/2011.

RUBENS, Peter Paul. Pintura *Saint Peter as Pope*, em óleo sobre madeira, 1610-1612. Mostra o santo como um papa usando o pallium e com as chaves do paraíso. Museu Nacional del Prado, Madrid, Espanha. Imagem em domínio público. (*on-line*) <  
[https://www.museodelprado.es/en/the-collection/online-gallery/online-gallery/obra/saint-peter/?no\\_cache=1](https://www.museodelprado.es/en/the-collection/online-gallery/online-gallery/obra/saint-peter/?no_cache=1) >. Acessado em 10/03/2010.

SANTA CATARINA, Monastério de. Ícone do Ιερά Μονή Θεοβαδίστου Ὀρους Σινά que mostra São Pedro, por anônimo, pintura encáustica, no Monte Sinai – sul, Egito, *c*<sup>a</sup>.séc. VI. Em domínio público. (*on-line*) <  
[http://es.wikipedia.org/wiki/Monasterio\\_de\\_Santa\\_Catalina\\_del\\_Monte\\_Sina%C3%AD](http://es.wikipedia.org/wiki/Monasterio_de_Santa_Catalina_del_Monte_Sina%C3%AD)>. Acessado 04/05/2012.

SPIKE, John T. Spike, *Masaccio, Rizzoli libri illustrati*. Milano: 2002. Afresco, pintura, detalhe restaurado *São Pedro Cura os Doentes com a sua Sombra*. Por Tommaso di Ser Giovanni di Simone ou Masaccio, na Capella Brancacci, Basilica di Santa Maria del Carmine, Firenze, Italia, 1425-1427. Em domínio público.

VOIGT, Emilio. Entrevista em 22/06/2008 ao G1/Globo.com. (*on-line*) <  
<http://www.gazetadopovo.com.br/mundo/conteudo.phtml?id=779091/>>. Acessado 04/01/2011.

WERK, Eigenes (fotógrafo). *Estátua de São Pedro*, na Placo Sancta Petro, Roma, Italia. Em domínio público. (*on-line*) <



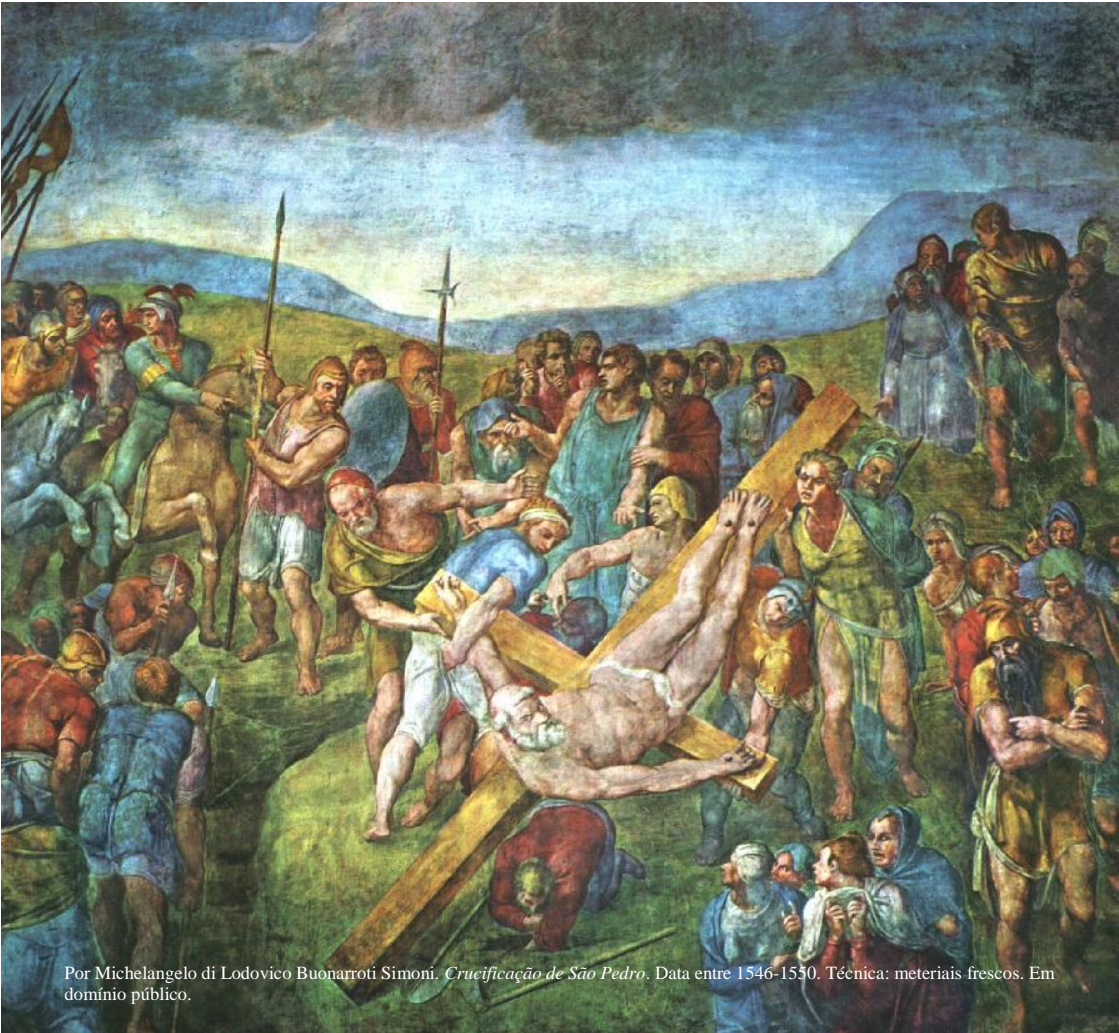
[http://de.wikipedia.org/w/index.php?title=Datei:Petrus\\_on\\_Piazza\\_San\\_Pietro.jpg&filetimestamp=20080620213430](http://de.wikipedia.org/w/index.php?title=Datei:Petrus_on_Piazza_San_Pietro.jpg&filetimestamp=20080620213430) >. Acessado em 27/12/2010.

WILDE, Oscar. *The disciple*. Manuscrito original do poema, Chelsea, England, 1890 – correções do original em “Read this page” – Morgan Library & Museum. – in: 2009. Em domínio público. (on-line) < <http://www.themorgan.org/collections/works/wilde/page.asp?id=1517> >. Acessado em 12/12/2011.

WILLIAMS, Brek (ed.). *CODEX A – ALEXANDRINUS – Fac-simile*. London: *British Museum*. 1915. rev. 2007. (on-line) < <http://www.csntm.org/Manuscripts/ManuscriptViewPage.aspx?id=203> >. Acessado em 23/04/2011.



Mosaico paleocristão, autor desconhecido, do final do séc. IV, detalhe: *Jesus na trono, ensina seus apóstolos (Traditio Legis)*, Pedro à direita. Pertencía, originalmente, a um mausoléu imperial romano antigo, que posteriormente, tornou-se a Cappella Sant'Aquilino da Basilica di San Lorenzo, Milão, Itália. Em domínio público.



Por Michelangelo di Lodovico Buonarroti Simoni. *Crucificação de São Pedro*. Data entre 1546-1550. Técnica: materiais frescos. Em domínio público.



Por Cimabue. Afrescos na igreja superior de San Francesco (Assis) Cena: *Cenas da vida de Pedro e Paulo*, detalhe: *Crucificação de São Pedro*. Data c<sup>ca</sup> 1280-1283. Técnica: materiais frescos. Em domínio público.